A VIAGEM DE ORIXALÁ:
estrada de Sagitário, caminhos de Orunmilá



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
Rui Costa - Governador

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
Osvaldo Barreto Filho - Secretário

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Adélia Maria Carvalho de Melo Pinheiro - Reitora
Evandro Sena Freire - Vice-Reitor

DIRETORA DA EDITUS
Rita Virginia Alves Santos Argollo

Conselho Editorial:
Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente
André Luiz Rosa Ribeiro
Andrea de Azevedo Morégula
Adriana dos Santos Reis Lemos
Dorival de Freitas
Evandro Sena Freire
Francisco Mendes Costa
Guilhardes de Jesus Junior
José Montival de Alencar Júnior
Lúcia Fernanda Pinheiro Barros
Lurdes Bertol Rocha
Nelson Dinamarco Ludovico
Rita Jaqueline Nogueira Chiapetti
Samuel Leandro Oliveira de Mattos
Sílvia Maria Santos Carvalho



Ruy do Carmo Póvoas

A VIAGEM DE ORIXALÁ:

estrada de Sagitário, caminhos de Orunmilá

Ilhéus - Bahia

Editora da UESC

2015

Copyright ©2015 by Ruy do Carmo Póvoas

Direitos desta edição reservados à
EDITUS – EDITORA DA UESC

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional,
conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

PROJETO GRÁFICO E CAPA
Álvaro Coelho

REVISÃO
Maria Luiza Nora
Silvia Maria Campos Teixeira

ILUSTRAÇÕES DO LIVRO
Colagem sobre fotografias

ILUSTRAÇÃO CAPA
Estátua representando Oxalá feita por Osmundo Teixeira em homenagem a
Ruy Póvoas compõe a colagem sobre fotografias.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P879 Póvoas, Ruy do Carmo.
A viagem de Orixalá: estrada de Sagitário, caminhos de Orunmilá / Ruy do Carmo Póvoas. – Ilhéus, BA: Editus,
2015.
416 p : il.

Inclui glossário.
ISBN 978-85-7455-385-6

1. Ficção brasileira. 2. Literatura brasileira. 3. Orixás. I.Título.

CDD 869.93

EDITUS – EDITORA DA UESC
Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-900 - Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5028
www.uesc.br/editora
editus@uesc.br

EDITORA FILIADA À

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

KÀWÉ

O Núcleo de Estudos Afro-Baianos Regionais – KÀWÉ é um espaço criado em 1996, com o objetivo de construir conhecimentos sobre questões atinentes à herança de culturas africanas na área no território de abrangência da UESC e aproximar a Universidade das comunidades afrodescendentes, para contribuir com o rompimento das dicotomias avassaladoras entre segmentos socioculturais.

Para isso, o Núcleo desenvolve suas atividades através de várias ações que se materializam em pesquisas, eventos, cursos, oficinas, seminários, aulas abertas, sessões de estudo, palestras, encontros e exposições que permitam abordar as questões almejadas.

As atividades do KÀWÉ têm gerado conhecimentos que possibilitam produtos diversos e diversificados, a exemplo de acervo fotográfico, cedês, artigos, vídeos, material de consulta, registro e cadastramento de comunidades afro-brasileiras, além da publicação de livros e da *Revista Kàwé*.

Equipe Kàwé

Membros efetivos

José Luiz de França Filho (Coordenador) – dedo.franca@terra.com.br
Ruy do Carmo Póvoas – ajalah@uol.com.br
Jeanes Larchert – jelarchert@yahoo.com.br
Elis Cristina Fiamengue – eliscf@gmail.com
Valéria Amim – valermim@gmail.com
Marialda Jovita Silveira – marialdasilveira@yahoo.es

Membro colaborador

Maria Consuelo Oliveira Santos
(Espanha) consu_oliveira@yahoo.com

Projeto de Pesquisa
Culturas africanas, tradição oral e memória no Sul da Bahia

Linha de Pesquisa
Religião, saúde e práticas sociais
Linguagem, tradição oral e representações

Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC
Núcleo de Estudos Afro-Baianos Regionais – KÀWÉ
3.º andar da Torre Administrativa
Rodovia Ilhéus-Itabuna, km 16
Salobrinho, Ilhéus, Bahia – 45.662-900
Fone: (73) 3680-5157 | *E-mail*: kawe@uesc.br
www.uesc.br/nucleos/kawe/index.php

DEDICATÓRIA

A todos os que, ainda guardados no porvir,
haverão de viver no ano de 2.490,
na Região Sul da Bahia.

Para
Celso Ferreira da Cunha,
que não sendo historiador,
fez história,
ensinando Língua Portuguesa.

Cloniza Amadeu,
que também não foi historiadora,
mas fez história
na terapia com seus clientes.

Euclides Neto,
que fez história,
escrevendo literatura.
In memoriam.

Também, para os de agora,
parentes de sangue,
meu irmão Zamayongo
e minha irmã Korobi.



Tudo isso aconteceu
no terreno da imaginação
imaginante, por isso mesmo,
tudo isso é verdade.
Mas qualquer fato semelhante
acontecido, será a vida
imitando a arte.

Vivemos

em comunidade. Cada homem é uma solidão, mas está condicionado, influenciado, plasmado pelos que o cercam, pelos que vivem a mesma aventura de cada dia e tentam a difícil aproximação de pessoa com pessoa. Essa comunicação exige um respeito pela pessoa humana, por tudo o que constitui a grandeza do homem dotado de um pensamento e de uma vontade. Nada mais emocionante do que a luta pela felicidade de um ser qualquer, vivendo numa época e num lugar, lidando, a cada momento, com gente estranha e, ao mesmo tempo, próxima, recolhendo experiências e acumulando vida.

A sociedade precisa de uma política. Quando muitas vontades se tocam, na difícil aproximação de cada dia, é necessário um princípio orientador, algo que norteie as atividades de todos. O plano da família, com os problemas de convivência, as relações com os vizinhos, com os desconhecidos, os valores do trabalho, o senso de hierarquia, tudo isso são contingências da vida em comum, pequenos trechos de uma consciência da posição do homem no mundo.

Antônio Olinto

UMA QUESTÃO DE AUTORIA

A quem escreve literatura é dado o poder de criar. Então, eu criei Leonam. É comum, no entanto, as criaturas se rebelarem contra o seu criador. Daí Leonam entender que não é o escritor quem cria personagens. Para ele, as criaturas ficcionadas existem por si mesmas, numa dimensão que ele designa de *terceiro mundo*. Caberia ao escritor apenas oferecer condições para revestir os personagens com roupagens especiais que lhes dão vida, vigor e vitalidade, a ponto de se tornarem *pessoas* concretas. Além disso, não conformado com sua configuração de personagem-narrador, ele se arvorou a escritor também. Que seja assim, então. Que seja como ele quer: este livro é dele. E eu fico com o papel daquele que providenciou condições para ele atuar.

Fico à espera de ele se dar conta de uma coisa: os quinze outros personagens que vieram junto com ele não são produtos da sua imaginação, da sua intuição, da sua criatividade. Se a tese que ele sustenta de que as criaturas de ficção existem por si só estiver correta, cabendo ao escritor apenas a oferta de condições para sua concretização, ele não fez isso com nenhuma das criaturas que habitam o livro que ele garante ser dele.

Não custa, porém, aventar a possibilidade de que, mesmo não produzindo condições para os outros personagens existirem, Leonam os tenha trazido consigo, sem necessitar da ajuda de ninguém. Ele, que se tem em conta de pessoa simples, muitas vezes confunde simplicidade com arrogância, assumindo-se como se fosse o próprio Sagitário, quando afirma: "sou sagitariano e Sagitário tem a generosidade do sábio. Isso me serve de alento. Ele é em mim, por projeção. Eu sou nele, por atavismo".

Justamente por causa de sua arrogância, Leonam padece para escrever seu livro. Escrever, então, torna-se para ele verdadeira via-sacra. Ao focalizar o tema de *A viagem de Orixalá*, na verdade, é ele quem viaja em busca de si mesmo, enquanto luta para superar seu estilo de escrever e de viver, que deixa a maioria de seus possíveis leitores, em algumas passagens, um tanto entediados, ou à deriva.

Seu livro, no entanto, é uma demonstração de que ele supera seus próprios obstáculos e limites. Isso, porém, só acontece quando ele consegue abrir-se ao encontro com o outro, através da escuta do que as pessoas têm a lhe dizer. Na luta por tal superação, ele gasta as duas primeiras partes do livro. Isso retarda a participação dos demais integrantes de seu grupo na escritura da terceira parte. E é essa terceira parte que se constitui o cerne da obra por ele organizada. Do resto, a própria narrativa de Leonam dará conta, embora interrompida em várias passagens por fragmentações. Tais fraturas, no entanto, poderão levar o leitor muito mais longe.

Ruy Póvoas

AGRADECIMENTO

A Dinalva Melo do Nascimento, Genebaldo Pinto Ribeiro, José Luiz de França, Margarida Cordeiro Fahel, Maria de Lourdes Netto Simões (Tica) e Marialda Silveira, pelas críticas e sugestões.

A Maria Luiza Nora (Baiza), pelas horas infindáveis de discussão dos assuntos e temáticas, e pela exaustiva revisão dos originais.

A Nílton Carlos Borges Lavigne e a Helena dos Anjos que se sentaram para me ouvir e dialogaram comigo.

A Maria de Lourdes Anunciação de Jesus (Ibajimu), pela ajuda com o manuscrito.

A Marcos Salviano Bispo Queiroz (Jumiodê), que acompanhou com paciência a gestação dos originais.

A Edivaldo Souza Fadori e a Mukaylasinbi, que enfrentaram o cotidiano, para que ele não atrapalhasse a fantasia e o sonho,

A Paulo Galdino e a Sérgio Gantois, pela escuta sensível.

A Raimunda Silva d'Alencar, pelas apreciações.

A Equipe Kàwé, que acolheu a proposta.

A José Montival de Alencar Júnior, pelas providências para editoração.

A Álvaro Coelho Barbosa de Alencar pelo primoroso projeto gráfico.

A Editus, na pessoa de sua diretora, Professora Rita Virgínia, pelo interesse demonstrado desde que expus a ela a ideia de um novo livro.

Ruy Póvoas

SUMÁRIO

23 FICÇÃO E ORALIDADE: viagem, estrada, caminhos

33 **PARTE I**: A VIAGEM
39 *A festa dos setenta*
45 *A visão do Sagitário*
53 *A luz de Orunmilá*

77 **PARTE II**: A ESTRADA
95 *O encontro no terreiro*
119 *O pacto entre amigos*
127 *O holograma encalacrado*

137 **PARTE III**: A CAMINHADA

139 PRIMEIRO CAMINHO: *Ọkànràn* (Ocanran)
O rito e o terreiro na Pós-modernidade
Arnaldo Santiago (Professor de Filosofia)

151 SEGUNDO CAMINHO: *Ọyẹ́kú* (Oiecu)
O ritual, o terreiro e a sustentação das energias
Celeste Madureira (Antropóloga)

161 TERCEIRO CAMINHO: *Ògúndá* (Ogundá)
O terreiro: um outro padrão de fazer e viver
Creusa Navarro (Assistente social)

169 QUARTO CAMINHO: *Ìrọ̀sùn* (Irossun)
O Pilão de Orixalá: um outro sentido para *festa*
Jean Claude Narbonne (Piloto de avião)

175 QUINTO CAMINHO: *Òṣé* (Oxê)
A resposta do terreiro a questionamentos na Pós-modernidade
Nivaldo Madureira (Funcionário público)

187 SEXTO CAMINHO: *Ọbàrà* (Obará)
A construção do sujeito no candomblé
Dina Navarro (Psicanalista)

199 SÉTIMO CAMINHO: *Òdí* (Odi)
A viagem de Orixalá: o enfrentamento de si mesmo
Dara Mujina (Ialorixá)

203 OITAVO CAMINHO: *Èjìọgbè* (Ejiobê)
O caminho para o autoconhecimento
Neusa Silveira (Terapeuta)

215 NONO CAMINHO: *Ọsá* (Ossá)
A herança africana: do engenho ao terreiro
Heitor Guarany (Jornalista)

225 DÉCIMO CAMINHO: *Ọfun* (Ofun)
O divino no meio dos mortais
Padre Germano Batista (Sacerdote católico)

235 DÉCIMO PRIMEIRO CAMINHO: *Ọwọnrín* (Ouorin)
O viver ecológico no terreiro
Maura Oliveira (Ambientalista)

247 DÉCIMO SEGUNDO CAMINHO: *Ìwòrí* (Iuori)
A ritualização da resistência
Geralda Santiago (Socióloga)

257 DÉCIMO TERCEIRO CAMINHO: *Ọtúrúpọn* (Oturupon)
O tratamento e a cura no terreiro
Entrevista com Renato da Costa (Auxiliar de enfermagem)

273 DÉCIMO QUARTO CAMINHO: *Ìká* (Icá)
A literatura oral preservada no terreiro
Leonam Navarro (Advogado, escritor e organizador)

287 DÉCIMO QUINTO CAMINHO: *Òtúrá* (Oturá)
A organização do terreiro: além do capitalismo selvagem
Ariadne Mota (Militante política)

303 DÉCIMO SEXTO CAMINHO: *Ìrẹtẹ* (Ireté)
A corte de Orixalá e o luxo do candomblé
Paolo di Lucca (Colunista social)

323 UM CAMINHO DIFERENTE: *Opìrà* (Opira)
Conversa com Mãe Justina
Leonam Navarro

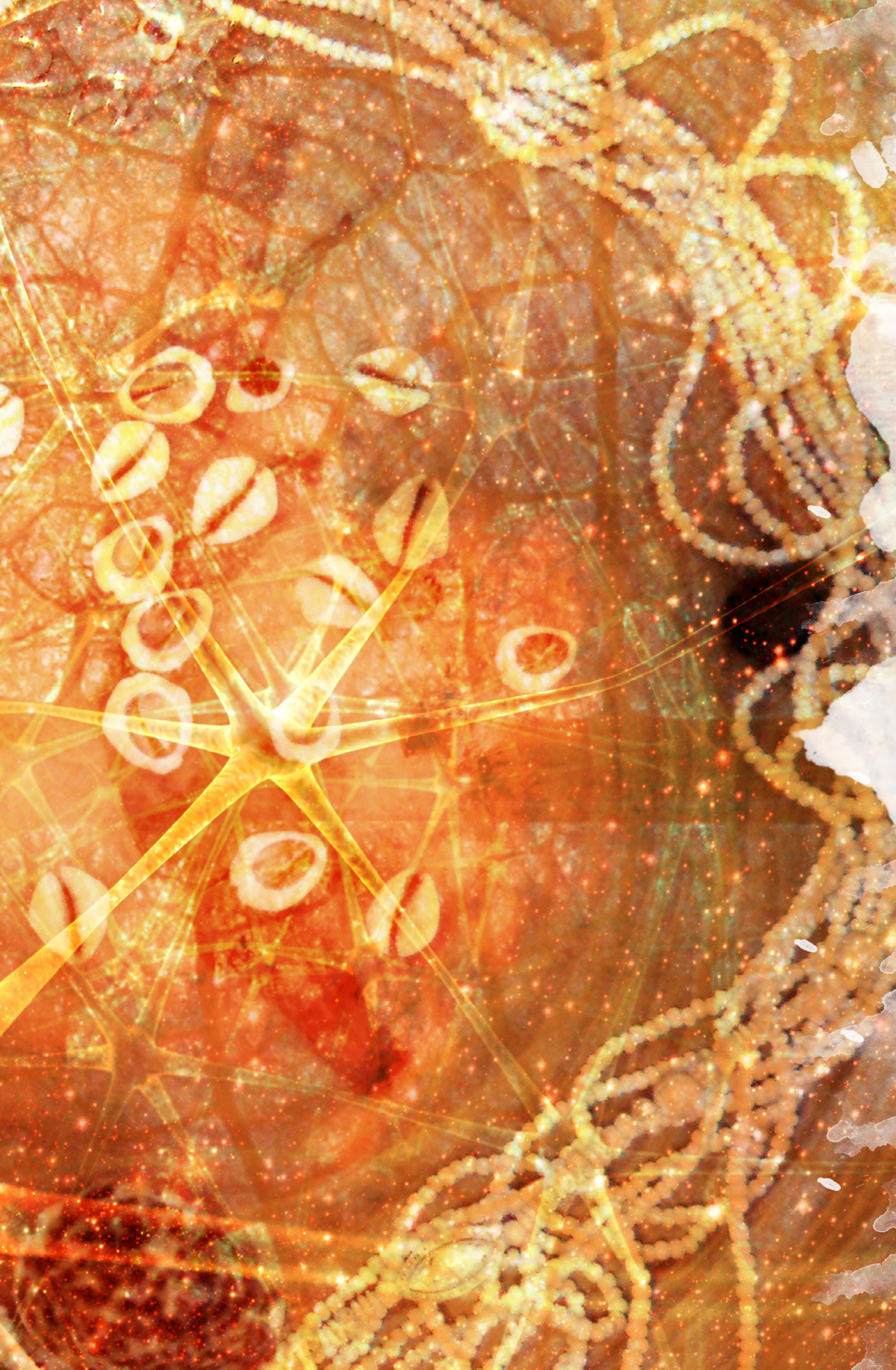
343 **PARTE IV**: A CHEGADA

351 CERRAÇÃO

355 GLOSSÁRIO







FICÇÃO E ORALIDADE:
viagem, estrada, caminhos

Então? Vamos viajar?

Depois que me convidaram para viajar à materialidade da existência, eu, um ser de ficção, resolvi organizar um livro. As coisas, no entanto, não aconteceram, assim, de supetão. Não bastasse a minha insustentabilidade material, tive que lidar compulsoriamente com parentes e aderentes. Sem eles, já não sei estar entre os humanos. Por isso mesmo, quando queriam que eu viesse, eu disse que só viria com o meu grupo. Quem sabe das coisas tem direito de exigir. Ou vinham todos, dezesseis personagens, inclusive eu, ou eu não viria. E se eu não viesse, não haveria livro algum. Coisas de sagitariano. Por falar nisso, além de lidar com parentes e aderentes, impus outras condições após minha vinda: lidar também com o conhecimento da Astrologia, dos *Odu de Ifá*, dos saberes de terreiro de candomblé. Tudo isso se sustentando em setenta anos de uma existência ficcional, cinquenta anos de agnosticismo, quarenta e cinco anos de mergulho na Literatura, em teoria e prática, trinta e cinco anos de prática forense. É uma boa mistura, não resta dúvida.

Quatro acontecimentos foram decisivos para a criação deste livro: a comemoração de meu aniversário de setenta anos; um sonho que eu tive, passeando na constelação de Sagitário; a visita que fiz a um terreiro de candomblé, no dia da festa do *Pilão de Orixalá* e a narrativa de um mito africano por uma ialorixá. Por isso, esta obra tem quatro partes: a viagem, a estrada, a caminhada e a chegada. Além desta seção um tanto introdutória, escrevi a primeira parte, onde dou

conta da comemoração do aniversário; de um sonho que eu tive com o Sagitário e de uma abordagem sobre os *Odu-meji de Ifá*. Na segunda parte, narro a ida do meu grupo a um terreiro para assistir a um ritual religioso; o pacto entre os componentes de meu grupo de parentes e aderentes para construir este livro e as dificuldades para dar cabo da empreitada. A terceira parte, talvez a mais importante, apresenta dezesseis seções, cada uma produzida por um de nós, a partir das experiências oriundas da participação no ritual aludido. Para corrigir uma injustiça, tivemos que acrescentar uma seção no final desta parte. Finalmente, a quarta parte, também escrita por mim, espécie de estuário da nossa vivência nesta aventura ficcional.

Cumpre lembrar a complexidade na qual estou mergulhado: ao tempo em que me autorreferencio na condição de personagem-narrador, também me constituo um escritor. Sou, portanto, um personagem-narrador-escritor. Nisso, poderão ocorrer alguns comprometimentos. Um deles é certa promiscuidade. Explico-me: não estou imune de assimilar particularidades de quem reuniu as condições necessárias para que eu pudesse me constituir personagem, narrador e escritor. O oposto também é verdadeiro: aquele outro pode se descuidar e, em certos momentos, em vez de oferecer condições para que eu escreva, ele mesmo escreva por mim. Descuidos do imaginar, ossos do ofício.

Interessante é que vou me dando conta, agora, de que fictícia não é a nossa existência de personagens, e sim a realidade existencial vivida pelos humanos, da qual tentamos aqui colher algumas representações, para que os possíveis leitores tenham o que interpretar. Não se trata, portanto, de a realidade criando ficção. É a ficção criando realidade. No caso desta obra, os personagens que aqui se configuram como autores e autoras abordam representações das crenças de muitas pessoas que ainda conservam valores vindos da África, um dia. Esses valores se mesclam também a outros que foram trazidos da Ibéria, e mais outros oriundos dos indígenas. Representações do fictício? Não passa disso toda e qualquer tentativa de concretizar o abstrato, ou de traduzir em abstrações qualquer materialidade dos seres. Não é justamente isso que fazem os artistas? Assim eles fazem porque nisso acreditam.

Por falar em acreditar, crença não é uma exclusividade do imaginário dos herdeiros dos escravos e cativos africanos, dos brasileiros que, de uma forma ou de outra, são descendentes de africanos escravizados,

pois a maioria das pessoas carrega consigo uma crença. Elas creem em dois mundos: o material, onde vivem circunscritas em três dimensões, e aquele outro, a que se chega após a morte. Quem faz Literatura, porém, crê na existência de um *terceiro mundo*: o da ficção. Autores e autoras que estão na existência trazem daquele terceiro mundo seus personagens, que são de carne e osso ficcionais. Apesar de serem ficcionais, eles não são fictícios. Também, por isso mesmo, muitos deles têm mais vida que certas pessoas reais, que não passam de esboço mal feito, incompleto e rasurado do que deveriam ser de fato, na existência.

Como não crer na materialidade de um Romeu e de uma Julieta trazidos por Shakespeare? E Santiago, que Hemingway encontrou pescando? De uma Madame Bovary, com que Flaubert presenteou a este mundo real? E de uma Capitu que, de tanta existência real, até hoje sabe driblar o leitor machadiano e, por isso mesmo, não se pode dizer categoricamente se ela é ou não uma dissimulada? Não são as palavras que Machado escreveu ou deixou de escrever que fazem a personalidade de Capitu. Quem faz isso é a sua própria carnadura. Cabe a Machado, no entanto, a glória de ter oferecido as condições para que a detentora de "os olhos de cigana, oblíqua e dissimulada", viesse do espaço etéreo da ficção por inteira. Tais personagens aqui referidos são pessoas verídicas naquele terceiro mundo. E aquele terceiro mundo continua abastecido de seres complexos, simples, completos, defeituosos, ardentes de paixão, traidores, vingativos, santos, endemoniados, enfim, tem de tudo. Nem ferro-velho é tão abastecido assim. Nem mesmo os gigantescos supermercados dos mais modernos *shoppings* das grandes metrópoles. Tais seres, entre os quais eu me incluo, não descemos, assim, gratuitamente, daquele empíreo volátil. Nós nos recusamos a materialização gratuita. Somos substantivos abstratos e, por isso mesmo, a nossa existência real depende da existência de outros seres, considerados concretos. Justamente aí entram o escritor e a escritora, para fazer o papel de Ajalá, o *Oleiro do Orun*, conforme os mitos e a crença conservados nos terreiros de candomblé originados do povo nagô.

Mourejadores das letras, o escritor e a escritora, no entanto, não dão vida concreta a esses seres, assim, num simples ato de juntar palavras, organizar frases, construir parágrafos, estabelecendo coerência e coesão na escrita que vai se fazendo texto. O oferecimento de condições para que nós, os personagens,

possamos nos materializar é o verdadeiro papel do escritor e da escritora. Tais condições passam necessariamente por viagem, estrada e caminhos.

A viagem, normalmente, não começa por um projeto, mas por arrebatamento. De repente, quem escreve está assim, tão distraído, na fila do banco, na antessala do médico, no ônibus, debruçado na janela, caminhando pelo comércio, e sua alma começa a detectar pedaços de formas. Imediatamente, a memória abre seus porões e remete a pessoas que vivem ou que já viveram nos limites de sua existência. Às vezes, acontece no ato de tomar banho, pentear-se, ou mirar-se num espelho. A voz de A, o olhar de B, os traços de C. Isso só não basta. Haveria corpo, mas não haveria alma. É preciso, então, o acesso às matrizes da criação. Outro limite se impõe diante da completa abstração corpórea e falta de limites para eles. É necessário, por isso, tecer imagens para que eles se tornem visíveis e convincentes. São espécies de coberturas, roupagens, para que seja possível ver, ouvir, sentir e entender a matriz geradora de suas personalidades. Nisso, entram o domínio sobre a língua escrita e os limites humanos do escritor e da escritora. Exige-se um mínimo de gramática, acesso a uma central internalizada de abastecimento lexical – o verdadeiro dicionário – e, principalmente, ter o que dizer. O escritor e a escritora estão circunscritos em um território, em um tempo, em um grupo. Superar tais limites exige viagem. Viajar sempre: para dentro e para fora de si. Não há roteiro prévio, nenhum meio de transporte é suficiente. A única bagagem possível é a aguda observação.

Observar é isso. Tal ação não se restringe apenas ao exercício de olhar. Todo o corpo de quem escreve deve se constituir gigantesca antena para capturar os cheiros do mundo; os barulhos, as músicas, os sons de tudo que se move e vibra; a gradação da luz, das cores, das sombras; todos os tons e subtons do doce, do amargo, do azedo, do salgado e do umami; as ondas invisíveis dos odores, até mesmo daqueles que, até aquele momento, ele ou ela ainda não tinham experimentado e nem sequer sabiam que eram possíveis.

Nestes tempos de agora, viajar quase que se limita à dependência exclusiva de certos tipos de máquinas. Seja por terra, seja por água, seja pelo ar, a máquina é imprescindível. Fazer, porém, uma viagem para o mundo da ficção só é possível por uma estrada cuja movimentação não se faz por máquina. Para quem escreve, é preciso tornar-se tão leve, tão volátil, até não mais poder se susten-

tar em si mesmo. Não há sinais de trânsito nessa estrada, que é marginal aos abismos da alma humana. Tal estrada é a intuição, que se anima na oralidade. Por isso mesmo, ela flui da boca dos contemporâneos, dos conterrâneos, na embolada da voz humana. Ela tem várias dimensões e passa também pela memória, desde aquela que é arcaica, até aquela outra que é virtual.

De repente, a estrada se ramifica em múltiplos caminhos, igual a nervuras no limbo das folhas, ou a vasos sanguíneos no corpo humano, ou a vários canais nos deltas dos rios. São os caminhos, isto é, as linguagens. De tanto criar, a humanidade, para não se perder, para se entender e para perpetuar seu saber, foi engendrando símbolos, signos, sinais, para codificar o que foi criado. Entre eles, uns são universais, porque os humanos têm necessidades comuns, independentemente de tempo e de espaço em que as pessoas vivam. Outros, nem tanto assim, porque os humanos criaram espaços e tempos particulares a grupos específicos.

Então, o exercício de ouvir e a experiência de escutar o que se diz, o que se conta, o que se narra são fundamentais. Nenhum criador ou criadora de ficção começou pela escrita. Alguns ou algumas só alcançaram o fazer ficcional depois de idosos. A viagem é compulsiva, mas os caminhos se constituem escolhas, pois é perfeitamente possível a quem escreve superar os limites de tempo, espaço e território. Aliás, isso chega a ser uma exigência. Existe até quem acredite que a estrada seja um dom. Tal compreensão, no entanto, reserva o perigo de se imaginar que, para fazer a viagem, quem escreve não precisa se esforçar. A bem da verdade, o ato de oferecer condições para que os personagens se façam de carne e osso entre os humanos cobra esforços redobrados e extenuantes. Do ponto de vista do esforço físico, nesses tempos de agora, os teclados se tornaram verdadeiros promotores de lesão por esforço repetitivo, a famosa LER. Não é raro, então, encontrar quem escreve nas clínicas de fisioterapia. Muitos poderão questionar: "Se ele não passa de um ser da ficção, como ousa descrever o processo criador?" Ora, que não se esqueçam: eu também escrevo. Por isso mesmo, conheço os caminhos de quem escreve.

Percorridos os caminhos, resta dizer: pronto! As condições estão oferecidas. Silêncio: o *provedor* já está disponível, o *download* está começando. Então, estou chegando e trago comigo mais quinze parceiros. Depois, vocês vão descobrir que tem mais um.

Fui gestado num mês de fevereiro, para chegar à existência ficcional em 24 de novembro de 1942, às 14 horas e 17 minutos, na cidade situada no universo paralelo, imbricado ao local onde atendemos ao chamado de quem nos ofereceu condições para a nossa materialidade. Sou sagitariano e, por isso, meu objetivo neste mundo ficcional onde *existo* é a procura de um sentido. Sei que me adapto às mudanças. Busco compreender as diferenças existentes nos vários grupos humanos. Sou um agnóstico, mas respeito todas as crenças e práticas religiosas. Sou amicíssimo de uma mãe de santo, de um sacerdote católico e de um pastor evangélico. Tenho interesse em descobrir o que é comum e verdadeiro para muitos agrupamentos e não apenas a alguns. Considero-me uma flecha de fogo atirada ao universo e busco superar a visão tacanha da vida. Gosto de fazer ações que propiciem as pessoas reunirem-se e expandirem sua vida.

Prefiro a mudança e a variedade. Isso, às vezes, pode se constituir um complicador. Agora mesmo, há de se perguntar: como é que um personagem-narrador-escritor, que se diz agnóstico, aborda questões de Astrologia, *Odu de Ifá* e, sobretudo, distribui um olhar excessivo sobre Candomblé? No mínimo, evidencia uma incoerência. Contra-argumentando, eu diria: Desde quando o agnosticismo é sinônimo de falta de informação, de desconhecimento ou de preconceito? Então, escritores agnósticos só devem escrever sobre temas materialistas? Se há agnósticos que não sabem quem é *Ajalá*, o *Oleiro do Orun*, isso constitui desconhecimento da mitologia ioruba. É justamente por isso que se torna necessário conhecer os espaços de África reconstruídos e preservados no Brasil. Entre eles, os terreiros. Segundo os dicionários, o Agnosticismo é uma doutrina que reputa inacessível ou incognoscível ao entendimento humano a compreensão dos problemas propostos pela Metafísica ou pela Religião (a existência de Deus, o sentido da vida e do universo etc.), na medida em que ultrapassam o método empírico de comprovação científica. Ora, um agnóstico que demonstre conhecimento da mitologia greco-romana jamais será acusado de incoerente. Por que, então, não poderá ele também conhecer a mitologia que os nagôs trouxeram para nossa terra? Aqui, uma obrigação: lembrar-me de Jorge Amado, um dos mais humanos entre os nossos criadores de ficção. Ele dizia: "Meu agnosticismo não me limita." Mesmo assim, há quem diga impropérios contra sua obra. Democracia, no entanto, também é isso: conviver com certos humanos que relincham, quando dizem impropérios.

Voltemos, porém, à digressão interrompida mais acima, sobre minhas autorreferências. Sou marido de uma psicanalista e pai de uma terapeuta junguiana. Convier com tal situação dentro de casa é participar de uma eterna queda de braço. Levei tudo isso, entretanto, na base da diversão, embora considere tudo isso muito sério. Sonho em superar minhas limitações. A prática do exercício profissional de advogado deu-me o que a devoção propicia aos espiritualistas: buscar a moderação. Através dela, procuro controlar os arroubos do Fogo, próprios dos sagitarianos. Nisso, o exercício de escrever tem me ajudado muito, uma vez que fazer ficção exige reescrever o texto tantas vezes quantas forem necessárias. Não chega a ser tão inusitado assim um ser de ficção fazer ficção também. *Memórias póstumas de Brás Cubas*[1] é um bom exemplo. Dificilmente, no entanto, se fará coisa parecida. As genialidades não devem ser imitadas, sob pena de se cair no ridículo. Também não adianta fingir que é outro ou outros e escrever como se fosse outra pessoa. Isso é para os deuses. Nesses tempos de agora, porém, os divinos estão todos ocupados com outras coisas. Até hoje, nesse tempo todo de visitas à Terra, só um deles passou por aqui: Fernando Pessoa. Mesmo, há coisas que até os divinos ignoram.

Sei muito bem praticar o exercício do perdão, inclusive perdoando a mim mesmo. Por isso, a culpa em mim não faz morada. Não sei viver no meio de injustos. Respeitar as regras do jogo, para mim, é fundamental. Daí, meu prazer pelas competições esportivas, onde não se toleram a corrupção dos competidores, a falsidade do lance, a falta de preparo, nem o desrespeito aos códigos de comportamento e às hierarquias. Competir é fundamental. E que vença o melhor. Sempre. Meritocrático? Eu? Não tenho méritos suficientes para isso.

A mesquinharia me deprime e, quando a vejo triunfante, me recolho em meu retiro. Por mais contraditório que pareça, sou agnóstico, mas tenho fé para dar, vender e emprestar, e acredito que existe luz no fim do túnel. Tais atributos eu devo a Sagitário, a matriz que me gestou no Universo. Oxóssi é o Orixá que me alenta, e dele me vem esta paixão pela busca, pela pesquisa, o amor à verdade posta em mim e no outro. "Não creio nas bruxas, mas que elas existem, existem, sim." Outra parte me foi dada por *Iká*, o décimo

1 ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Ática, s. d. Série *Bom Livro.*

quarto *Odu de Ifá*. Ele confere às criaturas, reais ou ficcionais, desenvolvimento do poder da palavra e a sua habilidade de transformar a realidade física. Constitui-se verdadeira força para iluminar a *Sombra* de quem exercita a autoilusão, a fofoca e a depreciação do próximo. Devo estar eternamente vigilante quanto a isso, pois a matriz sempre se projeta naquilo que ela cria. Uma comprovação: depois de vinte e cinco anos de um excelente casamento, acabo de descobrir que nunca deveria ter me casado. Não por causa de minha mulher, mas por mim mesmo.

Da mihi factum, dabo tibi jus[2] é a frase latina que sempre me impulsionou em minhas atividades de advogado. Isso significa entender que o julgamento correto do fato está diretamente ligado ao conhecimento da Lei. Positivista? Eu? Não sou adepto do uso de etiquetas que muitos pregam na testa dos outros. E por entender que somos os piores juízes de nós mesmos, jamais legislei em minha própria causa. Também sempre fui contra o entendimento de que a Justiça é cega. Se ela não enxergar muito bem, até mesmo na mais completa escuridão, certamente serão feitas muitas injustiças. Já está passando da hora de retirarmos a venda de seus olhos; de sua mão, aquele trambolho sob forma de balança e oferecermos a ela uma digital. E ainda mais: o que dizer daquela espada, tão inútil para os dias atuais? Melhor seria apetrechá-la de um aparelho de raio lazer. Até mesmo um *spray* de pimenta já seria bem melhor.

Esta tempestade cerebral me remete a Sagitário. Arisco e inquieto, ele atira flechas de fogo para todos os lados. Isso me faz, de vez em quando, atirar flechas contra mim mesmo. Sei que é contraditório, mas isso acontece comigo. Para ele, o uso do arco é emblemático e até supera a vontade de acertar o alvo. Ele é jupteriano, justiceiro e amante da liberdade. Quando fica indignado ou irado, a sua metade cavalo predomina. Embora seja temperamental, Sagitário tem a generosidade do sábio, e isso me serve de alento. Ele é em mim, por projeção. Eu sou nele, por atavismo.

E logo que já estamos começando o trabalho – o meu, de capturar representações, discutir, analisar e escrever; o seu, possível consumidor do meu produto, o de ler, aceitando ou rejeitando as interpretações e até fazendo também as suas – cumpre avisar que há uma espinha dorsal nesta escritura toda. Trata-se de um mito nagô, melhor dizendo, de

2 Dá-me o fato e eu te darei o direito.

um *itan*, *A viagem de Orixalá*, que foi tão bem narrado por Mãe Dara Mujina, num terreiro de candomblé, o *Ilê Axé Turi Efon Olorokê*, num ritual denominado *Festa do Pilão*. Foi justamente esse *itan* que disparou em mim e no meu grupo a ideia de organizar este livro.

Somos 16 participantes: Arnaldo Santiago, professor de Filosofia; Celeste Madureira, antropóloga; Creusa Navarro, assistente social; Jean Claude Narbonne, piloto de avião; Nivaldo Madureira, funcionário público; Dina Navarro, psicanalista; Dara Mujina, ialorixá; Neusa Silveira, terapeuta; Heitor Guarany, jornalista; Germano Batista, sacerdote católico; Maura Oliveira, ambientalista; Geralda Santiago, socióloga; Renato da Costa, enfermeiro; Leonam Navarro (eu), escritor, advogado e organizador do livro; Ariadne Mota, militante política, e Paolo di Lucca, cronista social. Mas vai haver uma surpresa no final, sim. Eis a razão para que o consumidor deste produto não sinta estranheza quanto à diversidade dos textos produzidos, a exemplo do que poderia acontecer a partir da reportagem de Heitor; a crônica social de Paolo; o manuscrito de Dara Mujina; a entrevista com Renato, cuja formação é apenas do curso básico; o espancamento da morfossintaxe portuguesa por Jean, um estrangeiro. Se há algum texto que beira às raias do canônico, outros se configuram como uma conversa entre seres que se estimam. A tese aqui sustentada é: escreve bem quem realmente tem o que dizer. Mesmo, entendemos que corrigir os originais é corrigir quem os escreveu. O escritor e a escritora são o que escrevem. Longe de nós a petulância de corrigir os outros, mesmo quando, na condição de seres ficcionados, assumimos o papel de escritor. Não somos rascunhos que precisam ser passados a limpo. E logo que eu e meu grupo vamos fazer as vezes de humanos, adotaremos os mesmos critérios como se humanos fôssemos, embora não abramos mão de nossas identidades ficcionais. Por isso mesmo, não há porque estranhar que eu também faça e comemore aniversário; que eu também goste de apreciar rituais praticados por brasileiros que ainda adotam crenças e costumes originários de certos povos da África e que também pesquise sobre temas referentes à cultura religiosa do Candomblé. Se eu sou um personagem, nem por isso sou obrigado a ser preconceituoso ou ignorante. Sei que me atacarão porque eu rejeito essa designação de *afro-brasileiro*. Rejeito, porque chamar simplesmente de afro o que veio da África é uma generalização desmedida. Basta que comparemos a cultura egípcia com a de qualquer outro povo africano. Se for, porém, somente uma

questão de cor da pele, há lugares da África habitados por brancos. Então, o adjetivo *afro* não recobriria apenas pessoas de pele negra. Tocar neste assunto, no entanto, é meter o pescoço na guilhotina. A turma do paredão, do politicamente correto, se levantará em armas e não deixará pedra sobre pedra.

Todos os participantes deste livro presenciaram o ritual da *Festa do Pilão* e ouviram a narrativa de Dara Mujina. Neusa Silveira, a terapeuta junguiana, fez o mapa astral de cada um de nós. Luiz Carlos, astrólogo renomado, interpretou as mandalas de nossos mapas astrais. Isso demandou muito tempo. Também foi considerável a nossa busca por informações a respeito de Orixalá. Precisávamos de múltiplas linguagens que nos possibilitassem leituras mais amplas de nós mesmos. Isso, sem contar as caixinhas virginianas em que Dina, a psicanalista, costuma nos enquadrar, com as categorias freudianas. A ialorixá jogou os búzios e nos informou o *Odu* e o *Orixá* de cada um. Isso, além de acrescentar outras leituras de nós mesmos, gerou uma ordem de 16 *caminhos*, cada um com seu *Odu* regente.

Resolvemos dividir o *itan* em 16 fragmentos. Atribuímos, por ordenação dos O*du-meji*, um fragmento do *itan* para cada um de nós e, a partir dele, deixamos que a função *Sentimento* fluísse na leveza de quem vive neste nosso terceiro mundo, cujo acesso só é permitido a quem escreve ficção. E quem assim o faz, embora labute com a língua escrita, está sempre hipnotizado pela oralidade, mãe, matriz e geradora de qualquer língua que já tenha alcançado o estágio cultural de ser também escrita. Justamente por isso, pode-se falar em literatura oral e em oralitura. Então, vamos a elas.

Devo agradecer aos meus amigos e amigas, parentes e aderentes que fizeram com que o meu projeto se concretizasse. Especialmente à Mãe Dara Mujina e àquele que ofereceu condições para que eu me fizesse personagem de ficção. Agradecimentos sem fim a Orixalá, que ao fazer a viagem para Oyó, me ensinou a viajar em busca de mim mesmo também.

Após a escritura e organização deste livro, não sei se ainda terei outra oportunidade de aparecer por aqui, na realidade factual. Então, o que se constitui uma saudação inicial, que também seja uma despedida. Por isso mesmo, este livro é dedicado à memória de Ieda Lisboa dos Santos, num último aceno de adeus.

Leonam Navarro (Organizador)



PARTE I

A VIAGEM

Pensar é um ato que está inserido **em um sistema**, mas o desafia e **vai além** dele, com chances de modificá-lo.

Mércio Pereira Gomes



Desde os anjos e suas variações, aos demônios e seus assemelhados, todos morrem de inveja dos humanos por causa da sua humanidade. É justamente tal atributo que possibilita os humanos fazer a trajetória que vai do primeiro vagido ao último suspiro. Tal percurso se configura numa viagem sem igual. O grande anseio dos imponderáveis é ter existência material. Eles se constituem a mais alta, elevada e sublime criação dos humanos. Nada igual à matéria, nem que seja desfrutá-la por um período breve. Aventura das aventuras: viajar na existência. Por isso mesmo, os seres imponderáveis vivem sempre consumindo os humanos com aparições, incorporações anímicas, vigilâncias, punições, proteções, promessas, curas, milagres e alianças. A variedade da ação depende do imaginário de cada povo.

Saber, todos sabem: a viagem pode ser interrompida a qualquer instante. Isso, em vez de atemorizar, confere uma expectativa sem igual que deixa a viagem mais intensa, mais saborosa, mais desejada. Tal entendimento explica por que Orixalá enfrentou a proibição de viajar. Foi justamente isso que fez meu grupo e eu nos apaixonarmos por esse mito. Ah, o enfrentamento ao proibido, pelo fato de se crer que uma dada proibição não faz sentido. Que não se generalize tal compreensão, uma vez que a existência cobra regras que não podem e não devem ser quebradas, sob pena de se estabelecer o caos.

Por que tal viagem é portadora de tamanha importância? Que se pergunte isso a quem teve a oportunidade de sentar-se num trono real e, do alto de sua realeza, governar uma nação. A um artista premiado, no auge da fama, aclamado pela multidão. Ao Sumo Pontífice, no momento da bênção *Urbi et Orbi*, ou quando se senta no trono de Pedro. Àquela coroada como rainha da beleza universal. Àquele que recebeu a coroa de louro e a medalha de ouro no pódio das olimpíadas. Por sua vez, somente a quem estiver na existência é dado o poder de beber, na concha da mão, água cristalina brotada do chão. Ou mirar o espelho quebrado das águas, refletindo raios de um sol que acabou de sair de dentro das nuvens, numa manhã promissora de um dia de verão. Ainda: sentir o afago no rosto produzido pela mão do outro ser pelo qual o afagado se derrama de paixão. Ora, direis, viajar... Pois eu digo. Gosto de pensar, de me sentir e de me ver na existência. A mim, ofereceram condições para isso. Eis porque me dou ao luxo de criar ficção. Se assim não queriam, para que me trouxeram? Está dito: quem convida dá banquete.

Então, é justo, lícito e coerente que eu também faça aniversário. Pois eu fiz. Aliás, fizeram a festa para mim. Na minha casa, não fizeram a menor cerimônia: todos discutiam, opinavam e até mesmo faziam exigências de como o acontecimento deveria ser organizado. Nem sequer se deram ao cuidado de me fazer surpresa. Por isso concluo: a festa seria para eles. Eu era apenas uma justificativa. As comidas, as bebidas, os participantes, o horário, nada foi combinado comigo. Seria uma festa de aniversário compulsória. Por isso mesmo, talvez tenha sido esta a mais estranha e inusitada viagem que fiz. E por tais predicados, ela merece e deve ser contada, uma vez que ela resultou neste livro.

Por falar em livro, tem gente jurando pela felicidade dos filhos, pela salvação da própria alma (e como tem gente que ainda acredita em alma) que este meu livro é uma catarse. Há também quem creia ter ele uma função psicanalítica. O poeta já disse: "Eta vida besta, meu Deus." Tomo esse verso para mim, mudando *vida* por *gente*. Não resta dúvida: acabo de dar um exemplo de elegância no dizer. Não precisa me lembrar: "Vaidade das vaidades." Sou um personagem de ficção, não se esqueçam disso, porque eu também não me esqueço: "Assim é, se lhe parece." Não sei por que existe quem precisa ter explicação para tudo. Quem nem sabe o que fazer com a explicação, nem para que ela serve, mas tem de ter uma explicação. Nem que seja inventada, ou mesmo copiada e repetida sem alcance de sua significação. Eis aqui uma sequela da viagem na existência: necessidade de explicação. Disso, os seres imponderáveis estão isentos. Mas quem foi que disse que eles existem? Ora, existir implica princípio, meio e fim. Daí, os imponderáveis *são*.

Sei muito bem, no entanto, que escrever pode ser uma catarse. Também pode ser uma viagem ao inconsciente. *Alice no país das maravilhas*, por exemplo. Quando ela cai no poço, ainda é uma criança insegura. Quando ela volta de lá, é uma mulher adulta e que sabe das coisas. Será *Alice* a mulher que estava guardada no inconsciente de Lewis Carroll? Há também as incursões pelo social, a exemplo de *As viagens de Gulliver*, em que as entranhas dos poderes e dos poderosos são destrinchadas de forma metafórica, a mais valer. Eis como denunciar poderosos, de forma que a burrice deles nem sequer desconfie da denúncia. Mas não apressemos a narrativa. Temos que passar, necessariamente, pela festa de aniversário de meus 70 anos. Sem ela, você não estaria lendo este livro.





A FESTA DOS SETENTA

Em que fazer 70 anos é diferente de fazer 69 ou 71? Será que tem a ver com a *Vulgata*, a tradução dos setenta? Ou será porque é dez vezes sete, o número que sempre foi considerado portador de segredos e forças imponderáveis? Será o limiar entre uma vida útil e a inutilidade dos provectos que divide a sociedade de consumo? Não será uma despedida fantasiada de chegada? O certo é que meu grupo se assanhou. O entra e sai em minha casa, por vários dias, foi simplesmente enervante.

– Doutor Leo, o dia está chegando!

Ouvi isso até enjoar. O grupo deixava transparecer que havia um troféu que cairia em minhas mãos, inevitavelmente. Passei a me sentir como um ser que em breve seria atingido por um meteoro. Terminei me convencendo de que algo inusitado estava por me acontecer. Fui me preparando: no dia seguinte, nada mais seria como dantes. Estar entre os humanos é também estar sujeito a ilusões, algumas das quais perduram por toda a existência. E de tanto cultuar a ilusão, há quem não suporte mais a realidade e passe a viver o faz de conta pelo resto da vida. Não sei por que inventaram isso de que os doidos ficarão melhores, se viverem no meio dos familiares. Creio que seja verdade, desde que, na família, todos sejam doidos também.

Se algum dia, você, consumidor deste meu produto, tiver a (des)ventura de fazer 70 anos, certamente, tal qual eu fui, vai ser esmagado pelo período preparatório para a comemoração, por parte dos organizadores, que tiveram uma certeza, lá dentro: ainda bem que foi ele quem envelheceu; não fui eu. Me vem à mente um poema, *Descoberta*, cujo autor não lembro o nome agora:

À revelia de mim
(nem sequer me perguntou),
o Tempo, sem piedade,
o meu rosto pregueou.
Desfolhou minha cabeça,
aumentou minha barriga,
diminuiu o meu fôlego,
aumentou minhas saudades,
mistura de mel e sal,
num travo de amargor.
Depois, devagarinho
(para que eu não percebesse),
me jogou num labirinto
e minha existência definhou.

E quando dei conta de mim
(descobri boquiaberto),
Senhor Tempo, espertamente,
fez de mim corpo cansado,
e de um tecido amarrotado
me vestiu a fantasia
neste corpo de senhor.

Dizendo assim, ofereço a possibilidade de que se entenda que há uma ponta de desgosto em mim. Isso não é verdade. Explico-me: chegar aos 70 anos foi para mim a viagem das viagens. Primeiro, porque pude testemunhar a comprovação da tese científica da existência da *partícula de Deus*. E daria tudo para viver mais 70, a fim de presenciar a comprovação de outra tese, que nem foi aventada ainda: Deus é uma partícula. Melhor dizendo: *É a partícula*. Fico contente, também, pela segunda oportunidade, a de concordar plenamente com Isabela Boscov[3], quando afirma: "Como é extraordinário que a vida que tem inteligência para querer viajar até as estrelas tenha partido, um dia, de um grão de poeira perdido entre elas." Mulher sabida, aquela Isabela.

Minha viagem, no entanto, também reserva momentos de navio velho ancorado no cais. Por exemplo: ser homem é esperar ser abatido pela *Compulsória* ao completar 70 anos. Depois disso, com muita sorte (se é que a sorte existe), uma ocupaçãozinha aqui, outra

3 BOSCOV, Isabela. Ao infinito e além: entrevista com o cineasta Alfonso Cuarón. **REVISTA VEJA**. Seção Artes & espetáculos. São Paulo: Abril, edição 2.342, 9 out., 2013, p. 125.

acolá, em cargos de confiança. Depois de quatro anos, no entanto, se o partido político contrário ganhar, adeus. Melhor, então, driblar a *Compulsória*. Quando ela lhe armar o golpe fatal, passe uma rasteira nela e apareça lá adiante com uma ocupação autônoma em pleno desenvolvimento. No mínimo, os amigos vão lhe elogiar, invejosos. Isso faz muito bem ao ego.

Por falar em ego, minha mulher – aquela que gosta de colar etiquetas freudianas nas pessoas – não se cansa de me classificar como neurótico-compulsivo. Ora, ora, ora: o povo nagô ensina que a feiura e a boniteza estão nos olhos de quem vê. Creio que ela me vê assim, porque me casei com ela, mas eu bem podia estar livre de ser etiquetado. Até que me dou muito bem em estar assim etiquetado. Pelo menos, passo batido em muitas de minhas atitudes. É muito bom ser desculpado previamente. Ainda mais: evita que certas pessoas mexam comigo, ou me ocupem com bobagem, pois sabem o que vão topar pela frente. Assim, me sobra bastante tempo para mim. Longe de ser uma atitude egoísta, trata-se de admitir a prática de um preceito inventado pelos cristãos: se eu não me amar, não poderei amar ninguém. Esse povo, no entanto, acredita que amar o próximo é dar esmolas.

Retomando a festa, terminaram os preparativos. Finalmente o *Dia D* chegou e invadiram a Normandia. Para um jantar marcado para as vinte horas, houve quem chegasse às quinze. E fazer sala por cinco horas consecutivas me levou a concluir: ainda bem que só se faz 70 anos uma vez. Claro que os mais jovens cuidaram da trilha sonora. E porque eles julgam que todo mundo tem o mesmo gosto musical, escolheram justamente as músicas que eles gostam. E tive de exercer meu papel de pessoa educada, ouvindo aquele tipo de barulho enjoado, que muita gente chama de música. Procurei me animar com a esperança de que aqueles momentos não seriam eternos. De vez em quando, eu dizia para mim mesmo: Dure quanto tempo durar, vai passar.

E os presentes? Uma viagem à parte. Tenho cem de cintura, mas me deram uma camiseta P. Houve presentes sobre os quais eu não sabia o que eram, nem para que serviam. Nos dias seguintes, tive de entrar em contato com os presenteadores. Uma explicação ficou em minha lembrança para sempre:

– Olhe, o senhor abre o frasco. É rosca. Depois, o senhor pega aquelas quatro varetas de cor bege, que terminam em anéis. Mergulha as varetas no frasco e deixa, assim, expostas em qualquer lugar da casa. Em cima de um móvel... Numa mesinha...

– E para que serve?

– Ah, para perfumar. O perfume vai, assim, exalando e perfumando o ambiente... Olhe, quando quiser, pode tirar as varetas, tampar o frasco e guardar. Depois, torna a usar...

O inusitado mesmo foi um gel para banho. No dia seguinte, caí na besteira de experimentar. Fiquei escorregadio igual a uma moreia. Tive me enxaguar repetidas vezes, com chuveiradas bem fortes. Mesmo assim, ainda restou um pouco de limo por toda a pele. Não ousei repetir. Foi muito sofrimento.

Lá pela meia-noite, a maioria das pessoas já tinha ido embora. As amigas e os amigos mais chegados permaneceram mais um tempo, juntamente com minha família. Conversa vai, conversa vem, mais uma taça de vinho, mais uma cerveja, mais um uísque. Vejam como um simples fragmento de conversa, uma frase ouvida ao acaso, uma informação simplória podem disparar um movimento, uma onda de acontecimentos, com consequências imprevisíveis. Refiro-me a uma informação dada por Mãe Dara Mujina, ao despedir-se de nós:

– Olhem, não se esqueçam da *Festa do Pilão*. Vai ser no dia 20 de janeiro. Ainda estamos em novembro, mas estou convidando com bastante tempo antes, para não haver desculpas. Quero ver vocês todos lá, no terreiro. Tem gente aqui que está me devendo uma visita faz tempos.

Com a saída da ialorixá, começamos a discutir a possibilidade de todos que ali estavam fazer uma surpresa a ela: nossa visita ao terreiro, no dia da festa para a qual ela nos convidou. Afinal, ela sempre demonstrou uma amizade exemplar, uma consideração ímpar para com todos nós, eu e as pessoas mais achegadas a mim. Terminamos por combinar que todos nós iríamos juntos. Até Padre Germano concordou. Mais uma vez, teríamos de segurar as pontas, para que os irmãos, Lucca e Heitor, não entrassem em atrito, conforme acontecia sempre que ambos saíam juntos. Mal sabia eu o que essa visita programada haveria de disparar.

Com o avançar das horas, o som foi finalmente desligado. Os amigos e amigas se retiraram. A arrumação da casa ficou para o dia seguinte e Dina se recolheu para dormir. O escritório estava atulhado de presentes, mas eu não tive mais disposição para desembrulhá-los. Preferi pegar uma garrafa de *Chateau Les Cruzelles*, um prato com algumas fatias de queijo *DOC Comté*. Queria estar um momento comigo mesmo, sentado na varanda para apreciar o céu e fazer agora a minha festa particular. Mal sabia eu o que estava à minha espera.





A VISÃO DO SAGITÁRIO

A varanda de meu apartamento se projeta para fora do corpo do edifício. Lugar ideal para se apreciar o céu noturno. O debuxo na abóboda celeste funciona para mim como um convite à meditação. Sou um apaixonado pela Astronomia. Gosto de passar horas percorrendo o céu com o olhar. Sei, no entanto, que aquilo desenhado no céu é mera ilusão. Os pontos luminosos, que parecem estar no mesmo plano, na verdade, pertencem a planos diferentes, e astronomicamente distantes uns dos outros. Muitas das estrelas ainda piscando no céu de agora já explodiram há milhões de anos. O céu visto no momento há muito tempo não existe mais.

De imediato divisei as *Três Marias*. Elas se constituem um asterismo de três estrelas que têm o nome de *Mintaka*, *Alnilan* e *Alnitaka*. Fazem parte da *Constelação de Orion*. Demorei algum tempo fitando-as e me lembrando de minha infância. Um desfile de mortos começou a se ensaiar em minhas recordações. Sacudi a cabeça e redirecionei o olhar até que distingui os *Guardanapos de Santa Apolônia*. Lembrei-me de Mãe Amada, a parteira que me aparou. Para ela, aquelas três manchas eram os *Guardanapos de Santa Pelonha*. E ela conservava consigo uma certeza: quando os guardanapos não fossem mais vistos no céu, seria porque o fim do mundo estaria chegando. Atualmente, apenas um dos *Guardanapos* pode ser visto no céu. Mãe Amada era uma pessoa limpa de coração. Pertencia ao grupo dos bem aventurados que "verão a Deus". Talvez por isso, a indústria do capitalismo tenha inventado a água sanitária. Mesmo na casa dos injustos, o cloro limpa tudo. E haja água sanitária para limpar a sujeira de tanto coração malvado.

De repente, meu olhar se esbarrou nele. Majestoso e triunfante, Sagitário lá estava, todo imponente no vigor da luminosidade da estrela *Kaus Australis*. Situada no que seria o sul do arco, ela está entre

as trinta mais brilhantes do céu. A beleza do Arqueiro do Céu... A flecha do Sagitário aponta para o "núcleo" da Via Láctea.

Acontece que a interpretação do que se supõe desenhos no céu varia conforme o imaginário dos povos. Não vamos cometer a ingenuidade de pensar que todos os povos da Terra veem o céu de um mesmo ângulo, ou visualizam, em ocasiões propícias, os mesmos debuxos. Os índios, por exemplo. Eles veem bichos e fenômenos de seu nicho ecológico. Assim, o grande *Tapi rapé*, isto é, o *Caminho da Anta*; a *Landutim*, isto é a *Avestruz Branca*, estão desenhados no céu, enquanto a cultura hegemônica só permite enxergar o que a tradição de origem europeia permite ver. As constelações que o índio vê também têm uma mitologia que explica cada uma delas, bem como encerram uma simbologia propícia à interpretação do universo e da vida. O sectarismo religioso da classe dominante e o cientificismo de uma outra classe dita científica, no entanto, jogaram tudo na vala comum da demonização, ou das superstições. A ignorância dos supostos sábios e sabidos fez o resto. Todos sabem: a ignorância é atrevida.

No caso das pessoas de origem nagô que foram escravizadas, e também para os seus descendentes, não há registros de uma interpretação dos supostos desenhos vistos no céu. Lá, não há as figuras de Ogum, Iemanjá, Oxum. Há de se perguntar por que. Acontece que eles não precisavam buscar isso no céu, nem precisam até hoje, pois o Céu vinha até eles, e até hoje continua vindo. Os *Orixás* se antropomorfizam e comem, bebem e dançam com os mortais. Então, para que buscá-los no céu, se eles trazem o céu até a terra?

O Iluminismo, no século XVIII, seccionou o conhecimento dos ocidentais: de um lado, o saber científico; do outro, todo o resto, que passou a ser considerado superstição, ignorância, primitivismo. Antes, conhecer Astronomia era também saber Astrologia. Depois disso, a ciência que estuda os corpos celestes perdeu a sua parte mais humana. Mesmo que Bachelard tenha publicado, muito mais tarde, *O novo espírito científico*, para a maioria, fazer ciência ainda é debruçar-se sobre o espetáculo oferecido pelo universo aos olhos de um observador totalmente isento e neutro.

O sono foi me dominando, efeito do *Chateau Les Cruzelles*. Meus 70 anos começaram a cobrar repouso. No decorrer deste tempo, a Terra passou 70 vezes pelo mesmo lugar, em sua rota ao redor do Sol. E por 26.740 vezes, ela fez um giro completo em torno de si mesma. De repente, um túnel laranja fluiu dentro de mim. Um turbilhão

emergiu de dentro de minha cabeça e começou a me arrebatar. Perdi a consciência momentaneamente. E quando consegui abrir os olhos novamente, eu estava num lugar totalmente desconhecido. Era uma estrada muito larga, de chão batido, reluzente, margeada por uma vegetação luminosa. Lá, ao longe, bem longe, uma montanha com o cimo em fogaréu. As chamas iluminavam todo o céu. Uma chuva de flechas incendiárias atravessou a estrada um pouco mais adiante, formando um arco de fogo bem acima, desaparecendo no meio da vegetação luminosa, no lado oposto ao que tinha surgido.

Uma tempestade de ideias passava por minha cabeça. Eu estava morrendo? Caminhando pela Transamazônica? Pela Estrada de Damasco? Sendo vitimado por um derrame cerebral ou ataque cardíaco? Mergulhando na grande matriz que me gerou? Me dissolvendo no universo, enquanto minha mente se desfazia com a morte? Ou mesmo um desvario de minha mente de escritor? Sem resposta alguma para tais indagações, continuei andando, sempre próximo da margem direita, para melhor apreciar a vegetação luminosa, de um alaranjado, cor de fogo. Bonito, aquele lugar. Valia a pena estar ali.

Nisso, a vegetação se agitou e, no meio dela, surgiu um índio cor de cobre. Mas eu só podia vê-lo da cintura para cima. Bonito, atlético, possante, cheio de vida, vigor e vitalidade. O rosto era amistoso e esboçava um sorriso comedido, conforme cabe aos civilizados. Odeio esse negócio de gargalhadas de hiena. Uma coisa, no entanto, chamava a atenção: a cabeleira. Seus cabelos compridos e cobreados também surgiam ao longo de toda coluna vertebral. À primeira vista, imitava crinas de um cavalo, mas de bom comprimento.

De repente, a vegetação se abriu para dar passagem àquele... monumento. Não; não era um índio. Era um centauro. Senti o coração disparar de medo e admiração; a estrada tremer sob meus pés e o entendimento do mundo desfalecer em mim. A única coisa que fluía em mim e para mim fazia sentido era o temor de ser devorado. Ele foi se aproximando com elegância. Não andava; trotava com majestosidade. Quem o visse apenas da cintura para cima haveria de imaginar que estivesse diante da encarnação da beleza do Masculino. Quem o visse apenas da cintura para baixo, imaginaria os milhões que haveria de valer aquele corcel puro sangue, de pelo brilhante e comprida cauda esvoaçante. Os dois seres num só ser, no entanto, hipnotizavam, arrebatavam e deixavam qualquer um inerte, na perplexidade.

Parou defronte a mim. Estirou o braço em minha direção e tocou na minha testa com o indicador direito. Dentro de minha cabeça um estalido se deu. Tudo ficou diferente. Agora, era como se eu estivesse me vendo num espelho enorme. Eu via o centauro, mas o centauro era eu. Fora e dentro de mim, o centauro. Ao mesmo tempo, eu era o centauro; o centauro era eu e nós dois, um só, ao mesmo. Essa mistura de sensações e entendimentos foi se amainando, até que eu pude compreender: estava diante de um símbolo vivo. Era o Sagitário. Eu não era mais Leonam: era a imagem refletida daquele que eu mirava, extasiado, no espelho de mim mesmo.

Está certo, sei o que vocês vão dizer: "Vá ser narcisista assim, na casa do chapéu." Um prato cheio para Dina. Neusa, minha filha, a terapeuta junguiana, também não fica atrás. Depois, quando eu narrei isso para ela, a criatura teve um êxtase de arrebatamento e chegou ao sétimo céu. Lembrei-me de um certo deboche a que me dou, quando ouço alguém narrar situações inusitadas. Isso, no entanto, é um velho costume meu. Os mal-humorados ficam zangados comigo. Também quem manda eles não saberem se divertir. O bom humor é o sal da vida. Por isso, vamos fazer limonada com os limões que nos derem gratuitamente. Preciso, no entanto, rever tal postura urgentemente. Dina deve ter sofrido horrores comigo, nesses tantos anos de casamento.

O centauro, aliás, Sagitário, não precisava falar: ele se comunicava por telepatia. Quando me dei conta, agora eu era um telepata também. Olhe que eu tenho um metro e noventa, mas junto dele eu era um gabiru. E lá fomos nós estrada a fora, passeando como dois amigos íntimos, *telepatiando*. É verdade: eu estava no paraíso da matriz que me gerou, matriz e imagem projetada, juntas, vivendo um momento único de conciliação e intimidade. O resto do mundo não tinha mais importância.

Um pouco mais adiante, Sagitário parou. Dobrou o braço esquerdo para trás e alcançou dois objetos que ele trazia atravessados nas costas, por baixo da cabeleira. Era um arco e uma aljava com flechas, da qual retirou doze flechas. *Telepatiou* uma ordem: que eu prestasse atenção. Colocou uma flecha no arco, concentrou-se e mirou um alvo que somente ele via. Gastou um tempo enorme se ajeitando, movendo vagarosamente o arco, retesando a corda. De repente, virou uma estátua de bronze, para logo em seguida voltar ao normal. Naquele momento, a seta se incendiou e ele disparou o arco. A seta de fogo desenhou um arco no céu. Ouvi o estrondo da

seta atingindo um obstáculo, ou alvo, não sei, pois minha visão não podia alcançar. Uma coluna de fogo subiu do chão para o céu, no local do alvo que a flecha atingiu.

Sagitário repetiu tal ação por mais onze vezes, atirando flechas em diferentes direções. A cada vez que ele fazia isso, em mim aumentava uma ânsia de querer saber quais alvos ele tinha atingido. Ele não deixava que eu soubesse isso, nem mesmo por telepatia. Hoje, no distanciamento do tempo, entendo: não era ele quem não deixava; era eu que ainda não podia alcançar o entendimento.

Depois dos doze disparos, ele tornou a virar o braço esquerdo para trás e retirou da aljava mais quatro flechas. De repente, abandonou a telepatia e falou normalmente:

– Está na hora de retornar. Tome estas quatro flechas. No momento exato, vai descobrir por que e como fazer uso delas. Escreva, escreva, escreva, escreva. E não se esqueça dos *Odu de Ifá*. Vá!

Dizendo isso, tocou minha testa com o indicador direito. E aquele fenômeno que senti antes se repetiu. Agora, o sentido era inverso. Dentro do túnel, ecoavam as frases: Escreva, escreva, escreva, escreva. E não se esqueça dos *Odu de Ifá*...

– Leonam! Leonam! Leonam! Leonam! Acorda! Vem dormir na cama! Você vai se gripar, se expondo a esta frieza da madrugada... Vem, homem. Calça o chinelo. Eta criatura turuna...

Olhe, vale a pena ser casado. Pelo menos haverá uma pessoa para nos retirar do cochilo na varanda. Já deitado, eu quis saber:

– Dina, você sabe alguma coisa sobre os *Odu de Ifá*?

Deus me livre de contar o sonho a ela, não naquele momento. Freud sairia da tumba imediatamente, para se deitar entre ela e eu.

– Mas criatura, isso são horas para se falar sobre isso?

– E desde quando o conhecimento combina hora para acontecer?

– Pelo amor de Deus, Leonam. Filosofia agora, não... Só para você me deixar dormir, o que eu sei resulta de nossas conversas com Mãe Dara Mujina. São os caminhos de Orunmilá. Mas a gente conversa sobre isso depois. Agora, me deixe dormir. O aniversário me deixou quebrada...

Virou-se para o outro lado e pegou no sono. Ainda bem que a convivência de muito tempo de casamento nos deixa acostumados com o ato de o outro virar-se para o lado oposto. Isso garante, pelo menos, continuar juntos.

Dina dormiu. Eu não. O sono se foi, e comecei a sentir aquela

agonia que os idosos sentem, quando o sono se vai: um bicho morde aqui, outro ali; uma coceira variando de lugares no corpo. Dina não ronca, porém nada mais incomodativo do que assistir o outro dormindo, quando o sono da gente não vem. Levantei-me devagarinho, sorrateiro e paciente. Aliás, nem sei onde achei essa paciência. Aquelas duas ordens dadas por Sagitário estavam consumindo meu juízo. Fui para o computador.

Entrei no escritório, tranquei a porta. Agora, eu estaria com um amigo íntimo: o *Google*. Alguns *clics*, e lá estávamos nós dois, sem necessitar a interferência de ninguém. De vez em quando, eu suspendia a vista e mirava as coleções de minhas enciclopédias. Sempre prometia a mim mesmo me livrar delas. Os campos do meu guardar, no entanto, ainda estão encalacrados. E outra vez, uma lembrança fugidia daquele autor, cujo nome não consigo me lembrar, num de seus poemas, intitulado *Assentamento*:

> Memória e sentimento,
> vagueando por aí,
> procurando onde morar,
> de repente descobriram
> eu andando por aqui,
> nos campos do imaginar.
> Invadiram meus espaços,
> lotearam meus pedaços
> com técnicas de assentar
> e se confundiram comigo,
> travestidos de mim mesmo,
> com arcas, baú e surrão,
> empilhados no porão
> dos campos do meu guardar.

Minhas enciclopédias... Lindas! Encadernação luxuosa, volumes pesados. Tudo o que está ali e também o que não está pode ser acessado agora, na rapidez de um *clic*. Ah, quanto recurso investi na aquisição de minhas enciclopédias... Não posso esquecer que a Terra é produto do Fogo. E para esse arquétipo, o que é causa de vida e morte hoje, amanhã poderá estar destituído de qualquer significação. Por isso mesmo, nunca estranhe o comportamento de pessoas, grupos, sociedades e até mesmo nações que são imagens projetadas de Áries, Leão ou Sagitário, naquilo que elas tomam como prioridade. Apenas aguarde o fogo acabar.

Mas venha comigo. Vamos *googlar*?





A LUZ DE ORUNMILÁ

Claro: a essas alturas, os deuses do "sou do contra" já fecharam este livro, achando a coisa mais chata do mundo. Melhor assim: ficarei apenas com aqueles que queiram ir mais longe comigo. Faz-me lembrar de Agnelo Rodrigues de Melo (Judas Isgorogota)[4] no seu livro *A árvore sempre verde*, o poema *Os pássaros e o pão*, dedicado a Mercedes La Valle:

> Toma depressa o teu quinhão de trigo,
> e voa logo! E vai feliz! Aqui comigo,
> basta o que aspire o verdadeiro pão!

Sobre poetas de tal quilate, nem mais se ouve falar. A escola fracassou, o povo emburreceu. Voltando ao *Google*, no primeiro *clic*, o meu espanto pela resposta: 76.100 resultados! Já no primeiro resultado conseguido[5], a possibilidade de *download* de um volume de 633 páginas. No segundo[6], a definição convencional:

> Odus (signos de Ifá) são presságios, destinos, predestinação. Os odus são inteligências que participaram da criação do universo. Cada pessoa traz um odu de origem e cada Orixá é governado por um ou mais odus. Cada odu possui um nome e características próprias e dividem-se em "caminhos" denominados "ese" que está atado a um sem-número de mitos conhecidos como itan Ifá.

4 ISGOROGOTA, Judas (Agnelo Rodrigues de Melo). **A árvore sempre verde**. São Paulo: Saraiva, 1959, p. 30.

5 Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/46578542/Tratado-dos-256-Odus-de-Ifa-Brasil>. Acesso em 25 novembro 2012.

6 Disponível em: <http://www.orixas.com.br/index.php/odu>. Acesso em: 25 novembro 2012.

A partir do terceiro *link*[7], a abordagem foi ficando refinada:

> **Odu** é um conceito do Culto de Ifá, mas também usado no candomblé, interpretado no merindilogun, na caida de búzios. A palavra odu vem da língua yoruba e significa destino. Cada Homem (Ser) possui o seu destino, hora com passagens que se assemelham a de outros, mas sempre com alguma particularidade. Isso é melhor compreendido com o estudo do Odu, pois odu é o destino de cada um.

O emaranhado e a abundância de informações me deixaram ver o quanto ingrata seria esta tarefa. Não é um assunto para leigos ou curiosos. Tal atividade está ainda restrita apenas a pessoas do sexo masculino e que tenham sido iniciadas no culto de Orunmilá Babá Ifá, tornando-se babalaô, isto é, aquele que sabe consultar o Oráculo. O jogo do Ifá não deve ser confundido com o jogo de búzios, o *merindilogun*. Então, resolvi me situar apenas no terreno da Etnografia, assim mesmo voltado para a prática de consulta nos terreiros, mais especificamente no *Ilê Axé Turi Efan Olorokê*. Tomei, então, duas decisões: a leitura de uma boa bibliografia de autores consagrados e uma conversa com Mãe Dara Mujina. Minha esperança era que a leitura me propiciasse até mesmo o que eu deveria abordar numa pretensa conversa que eu teria com a ialorixá, a quem sempre tive na condição de pessoa séria e extremamente dedicada ao conhecimento do candomblé.

O tilintar de talheres me anunciaram que era hora do café da manhã. Desliguei-me do *Google*, até mesmo porque já estava de posse de um conjunto de conceitos e categorias dos *Odu de Ifá*. Tudo era, porém, insipiente ainda. Precisava me aprofundar. Isso só seria possível através de uma boa bibliografia especializada.

No dia seguinte à consulta aos *sites*, fui à *Biblioteca Pública* e trouxe de lá dez livros que Celeste, minha amiga antropóloga, me recomendou, numa conversa rápida que tive com ela. Apenas pedi uma sugestão de leitura sobre os *Odu de Ifá*. De início, li *Ifa divination*: communication between gods and men in West Africa, de William Bascom[8], um calhamaço de 575 páginas. No início

7 Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Odu> Acesso em: 25 novembro 2012.

8 Preface. In: BASCOM, William. **Ifa divination**: communication between gods and men in West Africa. Bloomington; Indinapolis: Indiana University Press, 1991. p. ix.

do *Preface*, Bascom já chama a atenção do leitor: "Ifa is the most respected, in many ways the most interesting system of divination of five to ten million Yoruba in Nigeria and millions more of their African neighbors and their descendants in the New World.[9]"

Foi um tempo enorme de labuta, com inúmeras anotações. Não sei se vocês sabem: personagem de ficção fala e lê qualquer idioma. Eu estava levando a sério a ordem de Sagitário: "Escreva, escreva, escreva, escreva. E não se esqueça dos *Odu de Ifá*..." Sou sagitariano, portanto dado a discussões e um tanto exagerado no que faço. Ao término da leitura de *Ifa divination*, eu não estava mais, assim, digamos, tão ignorante no assunto. Depois, tomei um outro livro mais leve: *Caminhos de odu*, de Agenor Miranda Rocha[10], numa organização de Reginaldo Prandi, que deveria ter sido o primeiro na lista dos livros que li.

Essas duas leituras iniciais já me deixaram em condições para conversar com Mãe Dara Mujina. Mesmo assim, li todos os livros recomendados por Celeste. A cada leitura, porém, eu menos entendia a relação que por ventura existiria entre o Sagitário e os *Odu de Ifá*. Não sou cientista social, então o que tais assuntos teriam a ver comigo? Ainda mais: aquele "Escreva, escreva, escreva, escreva..." Não digo *ai, meu Deus!*, porque não suporto queixas vãs. E a cada livro que eu lia, mais uma perplexidade se agravava: os *Odu de Ifá* se constituem um assunto profundo e sério, a ponto de estudiosos e pesquisadores de alto e elevado conceito no meio científico se dedicarem a ele. Devo dizer que somente após narrar a conversa que eu pretendo ter com Mãe Dara Mujina é que direi a vocês minhas reflexões sobre tal assunto. Paciência, portanto.

Saibam todos quantos este texto lerem que personagem de ficção tem uma memória que supera de longe a capacidade desses modernosos supercomputadores. Por isso mesmo, não precisei de gravador para a conversa agendada com Mãe Dara Mujina. Lembram-se do meu sonho com o Sagitário? Ainda tenho na memória até mesmo o ruído que seus movimentos faziam entre as folhas esfogueadas, naquela estrada que somente um sonho pode produzir.

9 Ifá é o mais respeitado entre os vários sistemas de divinação para cinco a dez milhões de *yoruba* na Nigéria, e para mais outros milhões de seus parentes e descendentes no Novo Mundo.

10 ROCHA, Agenor Miranda. **Caminhos de odu**. Organização de Reginaldo Prandi. Rio de Janeiro: Pallas, 1999.

O Natal estava chegando e o mundo se estrebuchava nas providências familiares. O comércio era uma casa de marimbondos assanhados. Donos de lojas tinham os olhos vidrados nos lucros almejados. Um monte de gente besta vestida de Papai Noel açulava o desejo da criançada para ganhar brinquedos. Isso, no entanto, se constitui capítulo a parte. Minha filha Creusa é quem entende disso.

O terreiro de Mãe Dara Mujina, no entanto, estava isento da paranoia natalina, promovida pelo capitalismo selvagem. Trata-se de um desses legítimos espaços de África reconstruídos e preservados no Brasil. A bem da verdade, essa é uma categoria criada por Silvany Euclênio. Pessoa sabida, aquela, orgulho de sua gente. Deixemos isso, no entanto, por conta de Heitor Guarany, o jornalista, e de Paolo di Lucca, o cronista social. Que o sapateiro não vá além de suas sandálias.

Quando adentrei o terreiro, Mãe Dara Mujina me esperava com mesa posta, digna de um rei. Variedade e fartura dominavam o repasto. Comida à moda nagô não é só para ser comida. É também para ser vista e ser cheirada. Quem sabe muito bem sobre tal assunto é a socióloga Geralda Santiago. Para ela, tudo isso faz parte da ritualização da resistência. O cuscuz molhado com leite de coco ralado na hora estava arrebatador. O café – nem lhe conto – torrado em casa. Acaçá, aberém, ambrozô, batetê, lelê, mungunzá, uado... E por todo canto, um cheiro de mato verde e flores silvestres espalhado no ar. Depois, Mãe Dara Mujina tirou fartas baforadas de seu cachimbo de barro. Por último, ela mesma me chamou às falas.

– Mas o senhor, Doutor Leo, por aqui, a estas horas, alguma coisa deve estar pegando...

– Não... Não é bem assim. A senhora sabe que lhe tenho em alta estima.

– Muito agradecida. Eu também. A sua presença me alegra.

– Pois é, Mãe Dara, eu vim lhe contar um sonho, para a senhora, com seu saber, me ajudar no entendimento. Há dias que venho tentando achar uma explicação, mas não tenho conseguido nada.

– Então, acho por bem a gente conversar no quarto de consulta. Se precisar, a gente consulta o jogo de búzios. Oxóssi, seu pai, não vai lhe negar esclarecimentos.

– Ah, ele é meu pai, é, Mãe Dara?

– Todo mundo sabe que o senhor é descrente dessas coisas, mas isso não tem a menor importância. O senhor não crê em Oxóssi, mas ele crê no senhor, e isso é o que importa. Ele não depende de

sua crença pra ser o que ele é. Quer o senhor creia, quer não creia, Oxóssi foi, é e será.

– Não, Mãe Dara, não bem assim, não creioooooooooo...

– É, sim, Doutor Leo. Não tem meio termo pra crença; ou é oito, ou é oitenta. Mas isso não é da minha conta. O que importa mesmo é que o senhor é um filho de Oxóssi. E isso, aqui, nesta casa, é chave que abre todas as portas.

– Oh, Mãe Dara, isso me deixa muito honrado. É por isso que eu lhe tenho em alta e elevada estima. A senhora mora no meu coração.

E aos risos fartos, nos dirigimos para o quarto de consulta. Agora, uma séria e sisuda Mãe Dara Mujina manejava os objetos do jogo divinatório, recitando suas rezas em nagô. Ela mandou que eu lhe contasse o sonho e assim o fiz. Falei também de minhas leituras sobre os *Odu de Ifá*. Depois, mansa e pausadamente, as explicações foram sendo dadas por ela. Em frente a ela, eu era apenas ouvidos, compenetrado na escuta, mergulhado na mais densa atenção.

– Ah, Doutor Leo, viva Deus. Tire as preocupações de sua cabeça. Aqui, aparecem Oxóssi e Orixalá nos seus caminhos. O primeiro, seu pai, dono de sua cabeça. *Okê arolê Odé*! Cabeça de gente inteligente e sabida. Pessoa decidida, do sim, sim; não, não. Oxóssi é o dono do *eran*, isto é, da carne. O grande provedor. Ele nos abastece. De tudo: coragem, decisão. É o senhor da procura, da busca. Só se contenta, quando acha explicação pra aquilo que quer saber. Quem quiser saber das coisas, descobrir um enredo, compreender alguma coisa complicada, é com Oxóssi mesmo. Teimoso como ele só. Conhece a história de como ele comeu a cobra, explodiu e depois virou Oxóssi?

– Não, senhora. Não sei nada dessas coisas, mas gostaria de saber.

– Pois eu lhe conto. Foi assim. Contam os mais velhos que Odé estava caçando na Mata Real do Segredo. Ele é o grande caçador, mas acontece que aquele era um dia proibido pra caçar. De repente, Odé topou com a Cobra Encantada. Mais que depressa, ele armou o arco pra flechar o bicho. Aí, o bicho cantou: "Não me mate, que eu sou a Cobra Encantada." Odé nem levou isso em consideração e disparou uma flecha certeira, matando a cobra na hora. Ele é o caçador de uma flecha só. Não precisa de duas, porque não perde uma. Aí, ele levou a cobra pra casa, pra preparar uma comida.

Quando foi esfolar, o bicho tornou a cantar: "Não me esfole, que eu sou a Cobra Encantada." E ele, nem aí, esfolou. Depois, foi cortar o bicho em postas, mas o bicho tornou a cantar: "Não me corte em postas, que eu sou a Cobra Encantada." Ele cortou, salgou e se preparou pra assar. E o bicho: "Não me asse, que eu sou a Cobra Encantada." Ele assou. Se preparou pra comer, mas o bicho cantou: "Não me coma, que eu sou a Cobra Encantada." Ele comeu. Sentiu sono e adormeceu. A barriga dele foi crescendo, crescendo, crescendo, até que explodiu e a Cobra Encantada saiu de dentro dele perfeitamente viva. Aí, os outros *Encantados* não viram Odé aparecer e ficaram preocupados com ele. Alguma coisa devia ter acontecido. Até porque a Mata Real do Segredo era lugar misterioso. Quando Oxum soube disso, se mandou pra casa de Orunmilá, pra ele jogar o *opelé* e dizer o que tinha acontecido com Odé. Aí, Orunmilá jogou e contou tudo pra Oxum. Orunmilá é aquele que conhece todos os destinos e caminhos. É a Testemunha do Destino. Ele dá forma às pessoas no escuro do ventre da mãe. A força de Olodumare, isto é, o axé, é enviado pra os humanos, através de Orunmilá, que fala através de dezesseis sinais, que são chamados de *Odu*. Mas, por minha vez, eu também não abro mão de considerar os *Odu* como caminhos de Orunmilá. Eles se desdobram e se combinam, dando dezesseis vezes dezesseis. E lá se vão duzentos e cinquenta e seis caminhos. Esses caminhos tornam a se multiplicar por dezesseis, e o total vai para mais de quatro mil. Cada um deles tem um nome, uma explicação da *Luz* e outra explicação da *Sombra* de quem estiver se consultando. Aí, a pergunta e a situação de quem estiver se consultando são explicadas por meio de histórias e versos que fazem parte daquele *Odu* que aparece na jogada. Também faz uma recomendação de providências a serem tomadas. E ainda dá um aconselhamento. Mas os balorixás e ialorixás labutam apenas com os dezesseis primeiros *Odu*, chamados *Odu-meji*. Os babalaôs labutam com todos e sabem de cor todos os *itan* e versos que fazem parte de cada *Odu*. É por isso que Orunmilá sabe tudo. Preste muito atenção: **a Luz de Orunmilá explica tudo dos humanos**. Ele sabe de todos os destinos. E quem consulta Orunmilá pode até saber como mudar o seu destino...

– Estou perplexo, Mãe Dara... Meu sonho começa a fazer sentido. Isso vai contribuir para eu me sossegar um pouco. Os livros que li explicam, mas não explicam assim, tal qual a senhora fez agora.

– Ora, Doutor Leo, isso são coisas que só se aprende de boca a ouvido. A palavra pronunciada é que faz a magia, pois ela tem axé. Página de livro é outra coisa. O candomblé tem seus segredos, mas o que eu lhe contei aqui, até agora, não é segredo. Se fosse, não podia ser contado. É conhecimento... Sim; mas vamos terminar a história de Odé. Aí, Oxum saiu da casa de Orunmilá já sabendo de tudo que sucedeu, em que lugar, como, por que. Ela juntou um bocado de gente. Sabe como é Oxum: não faz nada sozinha. E lá se foi ela com aquele bando de gente pra dentro do coração da Mata Real do Segredo. No candomblé, as pessoas que pertencem a esta qualidade de Oxum, a que foi pra dentro da Mata Real do Segredo, atrás de Odé, são pessoas ariscas, de olhos vidrados, um gênio agreste, só vivem às estocadas, por qualquer coisinha, dizem coisas que deixam as pessoas arrasadas, cobram tudo de todo mundo, ninguém presta. São briguentas e, a cada briga, ficam jururu. Cada *Orixá* tem muitas variações. Se assim não fosse, não haveria explicação pra os humanos. Aí, chegaram ao local onde Odé explodiu a barriga. Oxum fez, então, aquilo que ela sabe fazer de melhor: chorou, chorou e chorou sobre o corpo de Odé. E o choro foi tamanho que Olodumare, o Controlador de Todos os Destinos, lá no Orun, ouviu. Ele é *Alabaxé*, isto é, aquele que põe e dispõe de tudo. E naquele momento, Ele decidiu. Odé ia voltar, mas com outro nome: ele seria Oxóssi. Aí, Oxóssi acordou nos braços de Oxum... Pois é: **A teimosia compromete a vida da gente**. Mas o que é isso, Doutor Leo? O senhor está chorando?

– Desculpe, Mãe Dara. É muita emoção mesmo, contida numa só história. Como eu me vejo nesta história! Eu e minha teimosia...

– Oh, não peça desculpas por uma coisa tão natural em nós, os humanos. O choro e o riso são da natureza humana. Viu só? Quando acabar, não creia... Esta história, Doutor Leo, é um *itan*. *Itan* é uma história que serve pra a gente aprender e ensinar. A gente se vê no *itan*. É uma explicação do que a gente é, ou deveria ser.

– Mas a senhora falou também sobre Orixalá...

– Vamos terminar primeiro esta parte de Oxóssi. O senhor deve cumprir a ordem que recebeu no sonho. Ver no sonho o que o senhor viu, aquela figura meio gente, meio cavalo. A parte sob forma de gente é o pai de sua cabeça. A parte sob forma de cavalo é o senhor. As duas partes formam uma coisa só. O pai de sua cabeça deu uma ordem; a sua pessoa tem de ficar à disposição, pra o

cumprimento da ordem. Mesmo, Doutor Leo, já que estamos neste quarto de segredo, podemos falar sem arrodeios. Todo mundo sabe que o senhor, meu amigo, tem uma parte cavalo, que o outro saia de baixo, quando essa parte aparece. Gente de Oxóssi é assim. Quer ver uma coisa: labutar com gente lerda, abestalhada... O senhor deixa a pessoa em tiras, no chão. Não é verdade? É o que eu estou vendo aqui, no jogo. Meu amigo, é preciso continuar na labuta pra domar sua parte cavalo. Se lembra da figura do sonho? Havia uma combinação perfeita entre a parte humana e a parte bicho...

– Mas como é que eu vou conseguir isso, Mãe Dara?

– Ora, ele mesmo já lhe mostrou o caminho: escrevendo, escrevendo, escrevendo, escrevendo. Quatro vezes a palavra escrevendo; uma escrita em quatro vezes. Quatro flechas ele lhe deu; escreva quatro coisas. Na escrita, o senhor vai se ver melhor, enxergar a si próprio, e atinar na saída. O resto é com o senhor, que entende lá desse negócio de escritor...

– E sobre Orixalá?

– Deixe de agonia. Tudo a seu tempo. Ele está aqui, respondendo no jogo. Está nos seus caminhos. No tempo certo, ele vai lhe mostrar. O senhor precisa aprender a praticar a paciência. Não é de tolerância que eu estou falando. Quem é tolerante se julga superior. Tolera o outro porque não tem jeito, não pode dar sumiço nas pessoas que lhe incomodam. É preciso ter paciência e aguardar o momento certo. Não adianta querer saber antes da hora. Orixalá tem seu próprio ritmo: anda devagar, com muita calma. Mas quando dá uma passada é pra sempre. Outra coisa: no candomblé nagô, Oxóssi é a aliança de Orixalá. A ele é proibido comer mel, mas quem é cabeça de Oxóssi deve providenciar mel pra Orixalá. Eles são um oposto ao outro, mas se combinam pra formar uma aliança. Um é apressado; o outro é vagaroso. Um é o que caça, o que busca; o outro já tem tudo em si mesmo. E o senhor sabe: os contrários se completam. Se não fizerem isso, os dois vão se destruir, e aí, nem um, nem outro. Mas isso já é outra história. Repare: a gente já está em dezembro, se aproximando o Natal. Breve é janeiro e daqui a um mês, vem aí a *Festa do Pilão*. Até já convidei o senhor e o seu pessoal pra vir assistir. Pois venha. Venha e traga o seu pessoal, pois o que vejo aqui é um bocado de gente escrevendo junto com o senhor. Tenho certeza que Orixalá vai lhe dar a resposta naquela ocasião. Ele está dizendo que o senhor aguarde o momento certo. Tá certo assim?

– É... Pode ser...

– Pois então, pra resumir a consulta: siga a orientação recebida no sonho, pra escrever; labute pra domar sua parte cavalo, nunca é tarde; espere que Orixalá vai lhe trazer o caminho da escrita ordenada no sonho; continue estudando os *Odu de Ifá*, pra o que o senhor precisa, o que está nos livros serve. Esse conhecimento, que consta dos livros, é público. Muita gente já escreveu sobre isso. Mas entenda: *Odu* não é uma divindade, não é *Orixá*. É força, é energia, é axé. É bênção de Olodumare, que é a fonte de onde tudo brota. Então, através de Orunmilá, esse axé vem pra os humanos. Ah, sim: por que o senhor não faz assim, um escrito, botando o nome de cada *Odu-meji* e o que ele representa? Vai facilitar o seu entendimento. Por último, é esperar que Orixalá suspenda o véu do mistério. Olhe, Orixalá é o mais velho dos *Orixás*, senhor da paz, pai de nós todos. Ele cobre a todos nós com a misericórdia. Espere por ele...

– É... Se o jeito é esperar, vamos esperar, então. A senhora sabe: sou meio agoniado. Dina diz que sou obsessivo-compulsivo. Quando quero fazer uma coisa, aquilo fica martelando no meu juízo...

– Quando o juízo estiver martelando, beba água e respire fundo várias vezes, que melhora...

Rimos juntos e antes de encerrar a consulta, Mãe Dara Mujina recomendou que eu fizesse algumas coisas. Saímos do quarto. Ainda trocamos mais uns dedos de prosa e me despedi. Ao percorrer o caminho de saída do terreiro, parecia que um peso tinha ficado para trás. Cumpri com as recomendações que Mãe Dara Mujina fez, mas passei um mês respirando fundo e bebendo muita água.

Resolvi radicalizar o exercício de ouvir e a experiência de escutar. Além de ouvir Mãe Dara Mujina, era preciso ouvir Dina, minha mulher, e Neusa, minha filha. Afinal, nem todo mundo tem em sua própria casa, debaixo do mesmo teto, uma psicanalista e uma terapeuta junguiana. Mas tudo a seu tempo, Mãe Dara Mujina com a razão. A essas alturas, vocês estarão me perguntando por que em vez de ouvir tais profissionais, eu preferi consultar uma mãe de santo. Claro que vou responder. Primeiro, porque não há entre mim e aquela ialorixá os vícios afetivos e as barreiras sentimentais da convivência familiar. Isso é quase sempre um impeditivo para a verdade aflorar. Depois, Mãe Dara Mujina é um exemplo de simplicidade, sem o vício do simplismo, nem o do academicismo. Todos sabem: a simplicidade é o último degrau da sabedoria. Aquela

maneira que ela tem de explicar por parábolas é uma adoção dos mesmos métodos de Cristo. Mete o dedo na ferida, nos deixa cara a cara conosco mesmos, de um jeito que os acadêmicos não usam.

Ainda, na nova atitude que resolvi adotar, continuei com meus passeios pelo *Google* e lendo tudo que caísse em minhas mãos sobre os *Odu de Ifá* e sobre os signos do zodíaco, buscando uma compreensão maior sobre a ordem dada por Sagitário. Bem verdade que já estou entendendo melhor as coisas, mas tenho que continuar aguardando a *Festa do Pilão*. Enquanto aguardava aquele dia, passei a ler também uma seleta bibliografia sobre Astrologia. Dentre os muitos volumes lidos, dois deles me calaram fundo: *Arquétipos do Zodíaco*, de Kathleen Burt, e *Astrologia da personalidade*, de Dane Rudhyar. Além disso, investi muitas madrugadas em visitas a *sites* especializados. Alguns deles são de tirar o fôlego, no trato sério da questão. Outros não passam de um amontoado de bobagens.

Numa dessas manhãs, eu estava sem vontade de fazer a primeira refeição do dia. Resolvi ir à cozinha para tomar apenas uma xícara de café puro. Encontrei Justina, nossa empregada, examinando umas pules do jogo do bicho. Vale a pena narrar o acontecido, pois a estrada do Sagitário e os caminhos de Orunmilá reservam muita surpresa. Mesmo, os símbolos não são interpretados da mesma maneira por todas as pessoas. Lembram-se do *Caminho da Anta* que os índios veem no céu? E o *Aguadeiro*? Quem hoje em dia sabe mais o que é um aguadeiro? Pois é: mas *Aquarius* ainda continua sendo visto no céu. Também, é bom que se diga que não se deve confundir signo do zodíaco com constelação, isto é, área da esfera celeste ocupada por asterismos, que são padrões formados por estrelas importantes, aparentemente próximas umas das outras no céu noturno terrestre[11].

– Bom dia, Justina... O que é isso? Jogo do bicho?

– É sim, Doutor Leo. Gosto sempre de fazer uma fezinha. Ah, e como gosto... Sempre ganho uma coisinha aqui, outra acolá.

– E como é isso, Justina? O que você faz para acertar os números?

– Olhe, é número, mas é bicho. São vinte e cinco bichos. Cada um tem um número. Por exemplo: cavalo é onze; porco é dezoito,

11 Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Constela%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em 26 novembro 2012.

vaca é vinte e cinco, e por aí vai. Eu sonho, gravo o sonho na memória, vejo o bicho que bate com aquele sonho e faço o jogo. Outro dia, acertei no cavalo. Eu tinha sonhado com o senhor, e sonhar com o senhor é cavalo na certa.

– Mas Justina, logo cavalo... O que é que eu tenho a ver com cavalo?

– Não; é porque cada pessoa é um bicho. Assim: gente mansa é carneiro; gente gorda é urso; gente saltitante é veado. E o senhor, assim, todo rompante, só pode ser cavalo.

O chão me fugiu dos pés, mas resolvi levar aquela conversa a sério. Fazia parte de minha recente disposição de ouvir e escutar.

– E você entende desse negócio de sonho, Justina?

– Eta, que Doutor Leo, hoje, está é perguntador. Viu passarinho verde? Entendo, sim, senhor. Mas só entendo pra mim mesma, cá com meus botões.

– Se eu lhe contar um sonho que eu tive, você saberá dizer o bicho?

– Sei lá, só vendo...

Então, contei a Justina o sonho que eu tive com o Sagitário. É claro que simplifiquei a narrativa e usei um vocabulário adequado à minha ouvinte e ao ambiente de cozinha. As palavras, às vezes, atrapalham. Foi mesmo que fazer cócegas em Justina. Ela riu para se acabar, mas fez até algumas perguntas.

– Vem cá, Doutor Leo, esse negócio de Sagitário é a mesma coisa que diz no horóscopo? E esse bicho existe mesmo? Eu até que também sou dele. Faço aniversário no mesmo mês do seu.

– É, sim, Justina. Mas não é um bicho, Justina. É um ser criado pela imaginação humana. É a mesma coisa que lobisomem, caipora, saci pererê...

– Não, senhor. O senhor me desculpe, mas não é a mesma coisa, não. Caipora existe, sim, senhor. A Caipora é Ossáin. Minha prima Cremilda foi carregada pela Caipora, para dentro de uma mata fechada...

– Ah, Justina que sabe de coisas... Sim, mas quanto ao meu sonho, o que é que você diz?

– Tá na cara. Como o bicho que o senhor sonhou só é cavalo pela metade, o senhor joga a metade de 11, que é o grupo do cavalo. O senhor não estava junto com o bicho? Pois é: um cavalo inteiro, número 11. Pronto: 5511. Vou apostar também.

– Mas de onde você tirou esse 55, criatura?

– Ora, a metade de 11. Quer ver? Divida 11 ao meio?

– Quer dizer que eu sou um cavalo inteiro?

– Inteiríssimo... Quando se zanga, então... Tira o pé fora e tome-lhe patada... Nós dois não somos do mesmo bicho do horóscopo? Pois é: eu também sou assim. Quando o senhor está aí, às turras com Dona Dina, eu fico de cá: "Bem feito!" Dona Dina tem hora que tem umas conversas enjoadas, repetindo sempre a mesma coisa. Isso, pra mim, é uma morte. Me acabo de rir, sozinha, aqui, nesta cozinha.

Dei cinco reais a Justina para ela apostar no jogo do bicho para nós dois, com uma condição: Dina não deveria saber disso, nem em sonho. No dia seguinte, Justina me entregou duzentos e cinquenta reais, informando:

– Ganhamos 500: metade do senhor, metade meu. Quando tiver outro sonho, me conte. Vamos ficar ricos...

É claro que recebi o dinheiro. Afinal de contas, se ela deu o palpite do número, eu dei o palpite do sonho. Mesmo, sou cumpridor do grande preceito inventado pelos cristãos: amai ao próximo como a ti mesmo. Quem rejeita dinheiro não ama a si próprio. Daí, não deve estar em condição de amar ninguém. A Leonam o que é de Leonam. O importante, no entanto, foi o diagnóstico de Justina: as pessoas me veem como um cavalo. Em outras palavras, é a mesma coisa que Mãe Dara Mujina me disse. Agora, porém, uma área dentro de mim começa a sentir os coices do mundo.

Enquanto aguardava chegar o ânimo para conversar com Dina e Neusa, gastei algum tempo colhendo mais informações sobre os *Odu* e sobre Astrologia. Sagitário agora era minha nova paixão. Resolvi, então, trabalhar apenas com os dezesseis *Odu* básicos, denominados *Odu-meji*, deixando de lado os derivados deles.

Nisso, me esbarrei no meio de um verdadeiro campo de batalha. Primeiro, porque, na própria África, a consulta ao Oráculo através dos babalaôs nunca foi uma unanimidade. Afinal, trata-se de um continente pelo qual em algumas partes daquele território tal cultura estava espalhada. E não se pode olvidar como qualquer cultura varia na ultrapassagem de fronteiras geográficas. Segundo, porque essa mesma cultura, a ser transplantada para aqui, padeceu e sofreu sob o poder de uma sociedade escravagista. Enquanto na África, o babalaô era tido e considerado sacerdote de Orunmilá, aquele que podia e

sabia interpretar a fala do Divino, no Novo Mundo foi reduzido à humilhante e sufocante condição de escravo. Terceiro, porque na nova sociedade na qual ele foi introduzido, não havia lugar para ele. Se na África, toda a sociedade o consultava, agora, na condição de escravo, ele era simplesmente ignorado. Quarto, porque a senzala funcionou, por muito tempo, como um grande caldeirão, no qual tudo se fundiu, tudo se misturou. Quinto, porque a memória e o conhecimento do babalaô, ao atravessar o Atlântico, ficaram fragmentados. Sexto, porque o que foi trazido se inscrevia num quadro da cultura africana da época da escravidão. Sétimo, porque os que conseguiram sobreviver preservaram o conhecimento com retalhos da memória. Nesse ínterim, surgem os terreiros de candomblé, que se tornaram verdadeiros museus vivos, na preservação do que pôde ser salvo.

Diante do quadro exposto, não há porque se esperar verdadeira identificação entre o que se fazia na África e o que ainda se faz até hoje, por aqui. Quando foi acontecendo o intercâmbio entre os dois lados do Atlântico, deu-se a perplexidade. Os daqui, numa ansiedade de ir à África para aprimorar seus conhecimentos. Os de lá descobrindo aqui como um verdadeiro campo para novas oportunidades, ou para ganhar dinheiro com a feitura de novos iniciados, ou para mostrar o "verdadeiro" conhecimento. Estava aberto o flanco para o ressurgimento também de babalaôs, muitos dos quais se extremam diante dos participantes dos terreiros. Ora atacando o uso do jogo de búzios para a consulta ao Oráculo, ora desconsiderando o conhecimento sobre os *Odu* que o candomblé conseguiu preservar.

Terminei por concluir que não compete a mim tomar partido em tal celeuma. Afinal, quero apenas cumprir uma ordem que Sagitário me deu: "Não esqueça os *Odu de Ifá*." Assim, fiz e refiz vários sumários, para finalmente chegar à matriz seguinte, considerando a quantidade de búzios abertos em cada jogada:

OS 16 *ODU*

(Continua)

Búzio	Caminho
1	**Odu**: Ọ̀kànràn **Identidade**: Primeiro passo resultante de um novo nível de autoentendimento; mudança na percepção do eu e do mundo. **Criação**: Novas direções e novas possibilidades. **Negativo**: Mudança constante com base em respostas emocionais que não são fundamentadas em reflexão consciente.
2	**Odu**: Ọ̀yẹ̀kú **Identidade**: Fim de um ciclo: benção de paz; escuridão; completa contração da matéria. **Criação**: Cria e termina um ciclo. **Negativa**: Fim prematuro de um ciclo que pode não resultar em total maturidade ou benefício.
3	**Odu**: Ògúndá **Identidade**: Remoção dos obstáculos internos e/ou externos; criação de um caminho ou abertura de uma estrada. **Criação**: Remoção de obstáculos. **Negativo**: Destruição sem propósito.
4	**Odu**:Ìrọ̀sùn **Identidade**: Lembranças ou ligação com ancestrais; hereditariedade ancestral física (DNA) e espiritual (sabedoria cultural); uso efetivo de herança genética e orientação familiar (realização de potencial). **Criação**: Realização de potencial. **Negativo**: Resistência ao apoio ancestral ou de auto-rejeição (resistência ao desenvolvimento potencial).
5	**Odu**: Ọ̀ṣé **Identidade**: Bênção de vida longa, abundância e filhos. **Criação**: Abundância através da oração. **Negativo**: Resistência ao cultivo de bom caráter; egoísmo; cobiça.
6	**Odu**: Ọ̀bàrà **Identidade**: Transformação. **Criação**: Transformação interna, ego temperado pela humildade, transcendência de padrões ineficazes antigos. **Negativo**: Desejo de forçar a vontade pessoal nas outras pessoas.
7	**Odu**: Òdí **Identidade**: Renascimento, mudança total de mente, corpo e espírito que ocorre em pontos significantes ao longo do caminho de disciplina espiritual. **Criação**: Renascimento. **Negativo**: Tentativa desesperada de se agarrar ao passado.

(Continuação)

Búzio	Caminho
8	**Odu**: Èjìọgbè **Identidade**: Caminho aberto; perfeito alinhamento com o destino pessoal; pensamentos, emoções, segurança de si; vida longa, abundância e família. **Criação**: Um caminho aberto. **Negativo**: Arrogância.
9	**Odu**: Ọ̀sá **Identidade**: Mudança. Associado a forças destrutivas da Natureza. Tem efeito purificador. **Criação**: Mudança extrema inesperada proveniente de fonte externa. **Negativo**: Fuga das responsabilidades; enfermidade mental.
10	**Odu**: Ọ̀fun **Identidade**: Luz branca como a fonte de toda a manifestação material. **Criação**: Resposta para as orações manifestando-as como um milagre. **Negativo**: Desarmonia e desequilíbrio espiritual; fascínio pelo erótico.
11	**Odu**: Ọ̀wọ́nrín **Identidade**: Força caótica do universo: libera ou restringe a autopercepção. Habilidade em lidar com mudanças e ver as coisas por uma perspectiva nova. **Criação**: Mudança inesperada. **Negativo**: Rompimento inesperado que destrói uma fundação fraca.
12	**Odu**: Ìwòrí **Identidade**: Transformação resultante das paixões; requer coragem em quebrar velhos padrões. Processo de transformação espiritual simbolizado pelo fogo. Fogo da paixão. **Criação**: Transformação. **Negativa**: Derrotas e conflitos ocasionados por paixões.
13	**Odu**: Ọ̀túrúpọ̀n **Identidade**: Doença infecciosa; sintoma de uma relação insalubre com a natureza e o ambiente imediato. **Criação**: Manutenção da saúde. **Negativo**: Espalha doenças.
14	**Odu**: Ìká **Identidade**: Poder da palavra e a sua habilidade de transformar a realidade física. Fonte de poder pessoal usada para proteção, cura, transformação e criação de abundância. **Criação**: Desenvolvimento do poder da palavra. **Negativo**: Autoilusão, fofoca e depreciação do próximo.

(Conclusão)

Búzio	Caminho
15	**Odu**: Òtúrá **Identidade**: Fonte de visão mística. Senso de destino individual e propósito no mundo. Experiência da conexão com a raiz; desejo pessoal, que não é o mesmo que desejo divino. **Criação**: Visão mística. **Negativo**: Sensação inflada de autoimportância. Cobiça, nacionalismo, racismo, sentimento de superioridade moral.
16	**Odu**: Ìrẹtẹ̀ **Identidade**: Determinação teimosa em criar abundância e se mover em direção à autotransformação. **Criação**: Determinação. **Negativo**: Teimosia dirigida para metas impróprias. Resistência em mudar.

Ainda não sei o que fazer com essa matriz, mas resolvi seguir os conselhos de Mãe Dara Mujina: organizar o esquema e aguardar. Qualquer dia desses, irei ao terreiro, para mostrar meus avanços. Deixa a escuridão se dissipar mais um pouco, mas Mãe Dara Mujina afirma que "a Luz de Orunmilá explica tudo dos humanos." Então, só me resta ir à busca dessa *Luz*.

Na semana do Natal, Dina resolveu ficar em casa o dia inteiro. Era a agonia dos preparativos para a famosa ceia. Em um dado momento, aproveitei que ela estava no nosso escritório e também entrei lá. Há dias, eu vinha me preparando para o *Armagedon*. Uma conversinha aqui, outra acolá, até que encontrei como começar.

– Sabe, Dina, eu até estou precisando ter uma conversa com você...

– Pois então, vamos conversar.

– Eu estou aí, com umas ideias de escrever um novo livro...

– Que notícia boa, Leonam. Já era tempo de você fazer algo novo.

– Acontece que a ideia de escrever esse livro surgiu de um sonho que tive...

– Sonhos; acredite neles. Já assistiu *Sonhos*? É um filme baseado inteiramente nos sonhos do próprio diretor, Akira Kurosawa. Lindo, lindo, lindo.

– Eu ainda nem sequer lhe falei do livro e do sonho e já vem você me recomendando filme. Assim, não dá...

– Desculpa, vai... Vamos conversar, bem. Não precisa ficar zangado.

– É o seguinte: tive um sonho com Sagitário...

– A constelação?

– O próprio ser mitológico...

– Olha, o Inconsciente fala uma linguagem completamente diferente da linguagem do Consciente. O Ego faz questão de não entendê-lo. Por isso, é comum as pessoas se referirem a um sonho seu, dizendo: esta noite, eu tive um sonho maluco. Mas o sonho é mensagem cifrada do Inconsciente. Aliás, ele elabora três tipos de mensagem: sonhos, atos falhos e sintomas.

Eu tinha certeza: breve o "finado" entraria naquele escritório. Tornei-me cauteloso e continuei querendo estender a conversa.

– No sonho, eu estava numa estrada bem larga, ladeada por uma vegetação cor de fogo. De repente Sagitário saiu de dentro do mato e começou a conversar comigo por telepatia. O sonho terminou ele me dando uma ordem: "Escreva, escreva, escreva, escreva. E não se esqueça dos *Odu de Ifá*." Lembra daquela madrugada de meu aniversário, quando lhe perguntei sobre os *Odu de Ifá*? Foi por causa do sonho... Aí, eu tenho pensado muito nisso. Já li um bocado de coisa sobre o assunto e até fiz uma consulta com Mãe Dara Mujina...

– Fez o quê? Consulta? Com Mãe Dara Mujina?! Gente, me belisca... Você, agnóstico, consultando mãe de santo?! Se outra pessoa me dissesse, eu não acreditava.

– Contei a ela o sonho. Ela destrinchou o sonho, que só vendo. E até me disse que se eu for para a *Festa do Pilão*, levando meu pessoal, que eu vou ficar sabendo o que é que eu devo escrever. Ela me viu no jogo, escrevendo com um bocado de gente... Veja, ela até me aconselhou fazer um resumo dos *Odu-meji de Ifá*, e eu já fiz. Veja!

Abri minha gaveta e mostrei o papel a ela. Muito atenciosa, ela leu e releu. Depois ajuizou:

– Olhe, o que eu entendo é de Psicanálise. E isso aqui nada tem a ver com o que eu sei. Mais parece um sumário de esteriótipos. Talvez, dos tipos humanos, com suas limitações, virtualidades. Em Psicanálise, segundo Freud...

Pronto: o "finado" estava no meio de nós... Aí, ela discorreu sobre a estrutura dinâmica da personalidade; o modelo topológico da mente e o modelo estrutural da personalidade. Depois, abordou rapidamente a teoria psicanalista dos transtornos mentais. Falava, falava, falava e dizia: "Segundo Freud..." Eu escutei tudo, fazendo das tripas coração. Ai de mim, se eu dissesse qualquer coisinha.

– Qual é a sua opinião?

– Creio que você conhece aquele livro de Sônia Coutinho, *O jogo de Ifá*. Valeria a pena ler, ou reler. Talvez você possa fazer algo naquela linha. Mas tem uma coisa: de nada adianta essa matriz, sem uma explicação dos fundamentos, categorias e conceitos pertinentes ao corpo de conhecimento de onde isso foi extraído. Nas explicações de Mãe Dara Mujina, no terreiro, já ouvi ela falando sobre os *Odu de Ifá*. É um conceito que não pode ser traduzido. Não há correspondente em outra língua.

– Me disse Mãe Dara Mujina que o *jogo do Ifá* pertence a Orunmilá. Que ele é Testemunha do Destino, esculpe no escuro. Uma coisa me chamou a atenção: foi ela afirmar que "a Luz de Orunmilá explica tudo dos humanos." Me parece que aí está o mote para o livro que tenciono escrever.

– Então? Talvez tomar esses caminhos, isto é, os dezesseis *Odu*, como indicativos de personalidades, no sentido popular do termo, ou de vivências de personagens, quem sabe. Mas não no sentido freudiano, porque segundo Freud... Você não gosta, mas tenho que explicar: personalidade é o conjunto de características psicológicas que determinam os padrões de pensar, sentir e agir, ou seja, a individualidade pessoal e social de alguém. Mas tal definição foi mais tarde alargada. Por exemplo, Charles Carver e Michael Scheier dão a seguinte definição: "Personalidade é uma organização interna e dinâmica dos sistemas psicofísicos que criam os padrões de comportar-se, de pensar e de sentir característicos de uma pessoa". Jens Asendorpf complementa essa definição. Para ele, personalidade são as particularidades pessoais duradouras, não patológicas e relevantes para o comportamento de um indivíduo em uma determinada população. Então, por aí se vê que não é nesta linha que você vai escrever o livro. Ou será justamente por essa linha? Não sei... Só pensando melhor... Vamos ver um exemplo aqui, na sua tabela. O número treze, Ọ̀túrúpọ̀n. Tem como identidade – note: identidade; e não, personalidade – doença infecciosa; sintoma de uma relação insalubre com a natureza e o ambiente imediato. O que ele cria? A manutenção da saúde. Mas por sua vez, no seu aspecto negativo, ele espalha doenças. Me parece que os *Odu* podem muito bem configurar "destinos" de personagens. Quanto ao ser mitológico que você viu no sonho, você precisa tirar as suas conclusões. Em Psicanálise, os símbolos vistos em sonho têm interpretação válida somente para

quem teve o sonho. Se eu sonho com cavalo, isso tem um sentido. Mas se é você quem sonha, tem outro. Mesmo, meu caro, no fundo, um sonho é drible que o Inconsciente dá no Superego. Você não vê? Em todo regime de exceção, a classe artística aprende a driblar a censura...

Nisso, o telefone tocou e Dina foi atender. O "finado" se dissipou e a conversa chegou ao final. Valeu a pena, sim: não discutimos, não brigamos. E ainda: considerei muito importantes as observações dela. Restava agora esperar para ter conversa semelhante com Neusa. Mas aí, seria uma coisa muito tranquila, favas contadas.

No dia seguinte, eu estava no escritório, com a porta entreaberta, mas Dina não percebeu esse detalhe. Nisso, Neusa chegou de repente. Na boca, a eterna matraca, falando sem parar.

– Mãe, tudo bem? Cadê papai? E os preparativos para a Ceia? Olhe, não sei o que vou fazer neste Natal, por causa da má querença de papai com Gilberto. Diz ele que vai passar este Natal em casa. Estou rogando que resolva passar com os parentes. Se não, como é que vou deixar ele sozinho e vir passar com vocês. Olhe, mãe, não aguento mais segurar esta barra. Maldita a hora que papai foi emprestar aquele dinheiro a Gilberto. Gilberto não devolveu e aí gerou este inferno de família em desarmonia. Mas eu quero mesmo é saber de vocês, a senhora, papai... E Justina, cadê? Não veio hoje? Creusa está onde?

A essas alturas, Dina não seria capaz de responder àquele turbilhão de perguntas. Apenas comentou:

– O teu bendito pai está aí, trancado no escritório. Você sabia que ele agora está virando filho de santo?

Pela greta da porta entreaberta, eu fiquei ouvindo tudo. Apurei os ouvidos.

– Papai? Filho de santo? Como assim? Se for verdade, vou adorar. Mas como eu sei de seus *venenos*, só pode ser uma brincadeira.

– Pois é. Anda aí, encafifado com um tal de sonho que teve com Sagitário, mandando ele escrever um livro sobre os *Odu de Ifá*. Ficou *baratinado* com o sonho e foi fazer uma consulta com Mãe Dara Mujina. Se deu até ao trabalho de conversar comigo sobre o projeto do livro...

– Então, a coisa é muito mais séria do que imagino.

– Ah, tem mais: deu agora pra jogar no bicho. Outro dia, escutei uma conversa dele com Justina, na cozinha, ele contando um sonho

a ela, e ela dando palpite de números. Deu até dinheiro a ela para fazer um jogo para eles dois. Pense: seu pai na cozinha, trocando ideia com Justina, contando sonho a ela e eles dois jogando no bicho...

– Gente, quanta novidade. Mas vindo de papai, essas coisas não me abismam. É por isso que adoro ele. Para ele, o que é causa de vida ou morte hoje, amanhã, nem se fala mais no assunto. Gente do Fogo é assim. Vou lá, ao escritório. Preciso conversar com ele.

Dina não deu resposta alguma para as outras perguntas que Neusa tinha feito. Também a filha nem se deu conta disso. Gastamos os primeiros momentos do encontro com as saudações de praxe. Me preparei: estava na hora de ouvir muito e ter pouca oportunidade para falar. Não sei como Neusa ouve os pacientes dela, pois em conversa com a gente, ela mais parece um pregoeiro da Bolsa de Valores. Mas eu estava precisando justamente disso: ouvir muito. Mesmo, Neusa é uma terapeuta muito bem preparada: tem chão teórico sólido, metodologia clara e coerente, instrumentos pertinentes na construção do conhecimento. Filha de ouro, aquela. E não anda por aí, pregando etiqueta em ninguém.

– Mamãe já me contou tudo. Está escrevendo um novo livro, consultou Mãe Dara Mujina, está jogando no bicho, em parceria com Justina... Eta lalá, quanta novidade...

– Sua mãe tem uma língua de trapo. Pois é... Estava mesmo precisando conversar com você, ouvir algumas sugestões. Sabe que eu confio no seu saber.

Ela me abraçou e me beijou com abraços e beijos de filha.

– Pois então, em que posso ajudar?

Contei-lhe tudo: o sonho com Sagitário, nos mínimos detalhes; meus estudos sobre os *Odu de Ifá* e sobre Astrologia; a consulta com Mãe Dara Mujina; a conversa com Dina, e terminei lhe mostrando a matriz dos dezesseis *Odu-meji*. Para Neusa, aquilo tudo se constituía maravilha das maravilhas. Depois de me ouvir calada – talvez por causa do Natal, os milagres estivessem acontecendo –, leu a matriz. De vez em quando suspirava fundo. Por fim, a pitonisa falou:

– Papai, o senhor é um iluminado. É por isso que tenho orgulho em ter o senhor como meu pai. O que o senhor acaba de me contar e o que acaba de me mostrar são excelências do conhecimento. É a junção de dois grandes blocos do conhecimento mítico: o ocidental e o da nossa herança africana. Ambos os saberes são *iniciáticos*. Entre outras possibilidades, creio que o senhor teve um

contato íntimo com um Arquétipo, através do acesso ao Inconsciente Coletivo. Sagitário está lá e por isso o senhor pôde acessá-lo. Sagitário tem como qualidade ser quente e seco. Ele é Fogo e é mutável, por isso tem alta energia e capacidade para separar e delimitar. Tem como natureza ser ativo, masculino, diurno, ímpar. É movido pela inspiração e pela intuição. Acredito que sua mente de escritor quer produzir um livro em que esses outros níveis de conhecimento sejam a base estruturante. E isso, para quem sabe fazer Literatura, é mão na roda. Talvez o que seja um pouco mais complicado – complicado, não; trabalhoso – seria cruzar isso com os *Odu de Ifá*. Na verdade, trata-se de dois saberes originários de duas matrizes diferentes. Diferentes, mas não opostas. Mesmo, como diz o poeta, "o diferente faz a gente se lembrar que o mundo não é da gente." Tanto os Arquétipos do Zodíaco, quanto os *Odu de Ifá* são vias de acesso ao Inconsciente, são propícios ao estudo do autoconhecimento. O senhor é sagitariano, papai. Então, falar de Sagitário é falar de si mesmo. Sei que o senhor não vai escrever um livro narcisista, não é verdade? Então... Mãe Dara viu o senhor escrevendo com um bocado de gente... Talvez seja uma coletânea, uma organização de textos, quem sabe. Também acho interessante o senhor trocar umas ideias com Nivaldo. Ele curte muito as coisas de Literatura e o senhor gaba tanto ele.

– Bem lembrado. Como é que não pensei em Nivaldo? Vou providenciar um bate-papo com ele. E essa ideia de se fazer uma organização de textos. Vou pensar bastante nesses dois pontos...

– Quanto ao livro, vamos esperar até o dia da *Festa do Pilão*, conforme Mãe Dara prometeu... Mas eu também preciso de um favor seu. Oh, paizinho, acaba com essa má querença com Gilberto. Isso me consome tanto. Eu fico entre dois fogos. E o senhor bem sabe: sou canceriana, não sei labutar com fogo...

– Lhe prometo pensar no assunto. Mas não me fale nisso, pelo menos por agora. Essa coisa do livro não me deixa pensar em mais nada. Mas tão logo eu resolva esta parada, vou pensar no seu pedido, com carinho. Seu pedido, para mim, é uma ordem. Neusa caiu no choro.

Dois dias depois, Nivaldo veio nos visitar. Frequentador assíduo de minha casa, ele sempre dá o ar da graça, vindo almoçar ou jantar conosco. Gente boa, aquele Nivaldo. Através de Celeste, sua irmã, professora e antropóloga, ele se aproximou de minha família.

De imediato, demonstrou-se pessoa muito simpática. O seu gosto pela Literatura é exemplar e ele tem uma cultura geral bastante ampla. Muito atencioso e prestativo, também goza de estima por parte do pessoal do terreiro de Mãe Dara Mujina. O resultado de nossa conversa foi muito mais do que produtivo. Falei-lhe do sonho e da consulta. Também lhe mostrei a matriz dos *Odu-meji*. Disse-lhe de minhas dúvidas e pedi opinião. Isso o deixou de ego amaciado. Pelo menos, seus olhos demonstravam isso. Quando foi sua vez de falar, não deixou por menos.

– O senhor bem sabe, Doutor Leo, a criação literária é um campo minado. E o senhor, que é um bom escritor, conhece isso de ofício. Também é do seu conhecimento que o produto de quem faz Literatura, de um modo geral, fica exposto a toda sorte de crítica. Tudo leva a crer que o tema que está se desenhando para seu próximo livro é o da ficção fantástica. Basta pensar no seu sonho *telepatiando*, conforme o senhor diz, com um centauro. A bem da verdade, tal tipo de ficção surgiu para fazer face ao romance dito psicológico. Segundo os críticos e teóricos, a linha psicológica abusava, negligenciando a trama e o rigor construtivo da ficção dita tradicional. A respeito da ficção fantástica, quem melhor abordou isso foi Tzevan Todorov[12]. São clássicos os dizeres dele: "A fé absoluta, como a incredulidade total, nos leva para fora do *fantástico*; é a hesitação que lhe dá vida." É isso: hesitar entre esses dois polos. Foi também Todorov quem fez a distinção entre o fantástico e outros dois gêneros muito parecidos com ele: o *maravilhoso* e o *estranho*. O maravilhoso surge quando a hesitação se resolve na aceitação de uma ordem *sobrenatural* ou *mágica*. Já o estranho se presentifica quando a hesitação é resolvida com uma explicação lógica. Considerando tal cânone, o senhor teria três saídas, a escolher. Fora dessa opção, restariam a linha psicológica, que não me parece a mais recomendável; ou a da tradição, com a escolha de uma trama bem urdida, tão ao gosto do suspense, e o rigor construtivo, que muitos pensam ainda ser a pedra de toque de um bom livro de Literatura. Sinceramente, acredito que, neste caso especial, a saída seria pelo maravilhoso. Evidentemente, entendendo que não se trata de crendices, superstições e assemelhados. O mundo nunca precisou tanto

12 Cf. TODOROV, Tzevan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 1970. Coleção Debates, 98.

do *maravilhoso* quanto agora. A onda avassaladora da preferência pelo ter; da solução para os conflitos humanos através de um deus milagreiro; da explosão atômica de tanta violência; da banalidade com que a vida e a natureza são encaradas, tudo isso, Doutor Leo, está exigindo uma reação pelas vias do maravilhoso. Já chega de tanto materialismo barato e inconsequente, ou mesmo de uma falsa religiosidade em que as preces, orações e ofertas de muitos que se julgam espiritualizados não ultrapassam sequer o telhado dos templos, igrejas, catedrais, mesquitas, centros, tendas e terreiros...

– Falou, menino! Beber água, só em fonte limpa. Pronto: já achei a quarta capa do futuro livro. Será um breve texto com esta fala que você acaba de fazer.

– Que nada, Doutor Leo. Bondade sua. Sei muito bem que não falei coisa alguma sobre a qual o senhor já não tivesse lido ou escrito. Bondade sua...

– Olhe a modéstia... Sua abordagem foi simplesmente fantástica, no sentido literal do termo.

– Ah, sim, outra coisa: conforme o senhor mesmo disse, vai seguir a orientação de Mãe Dara Mujina. Aí, vamos lá, para ver no que vai dar. E eu lhe pergunto: existe lugar mais fantástico, maravilhoso e estranho do que o *Ilê Axé Turi Efan Olorokê*, o terreiro de Mãe Dara Mujina? E aí, estou empregando tais termos em seu sentido literário mesmo. Ah, sim, mais uma coisa: evidentemente, a escolha pelo maravilhoso – caso seja essa – vai expor a sua obra à critica. Em termos de crítica, há os que preferem o caminho de terra arrasada, não deixando pedra sobre pedra. Não raro, derivando para ofensas pessoais. Veja, por exemplo, o último livro de Vargas Llosa, *O herói discreto*. Houve quem fizesse uma crítica muito ácida até mesmo ao uso do aposto que o escritor faz, segundo a crítica, desnecessariamente, e que isso atravanca a narrativa. E olhe que se trata de um escritor premiado com o Nobel. É claro que por ele ter alcançado tal glória, isso não o deixa isento de qualquer crítica. Não; não é isso, de maneira alguma. Outro dia mesmo, vi na *Internet* um professor universitário, metido a crítico, dizendo sobre um autor, cuja pessoa ele odeia, que, "no futuro, um crítico literário-arqueólogo isento vai desencavar a ficção que se escreveu na nossa região, e esse autor – a pessoa que ele odeia – vai despontar como o pior escritor de todos os tempos, se é que alguém vai guardar uma nulidade dessa como relíquia." Certamente, esse professor confunde crítica literária com ofensas pessoais.

E porque a *Internet* é terra sem lei nem rei, cada um publica o que bem quiser e entender. Chamam a isso liberdade de expressão. Então se prepare: se o senhor for pela via do convencional, haverá quem não goste. Se preferir a vertente psicológica, haverá quem deteste. Se for pelo maravilhoso, haverá quem odeie. Lembra-se da história do velho, do menino e do burrinho?

– Sei disso, amigo. Obrigado pelo seu cuidado. Para além do seu alto nível de informação sobre o assunto, você é dotado de um generoso coração. Fico lhe devendo essa. Até agora, minha inclinação não é pelo romance, nem pela novela, nem pelo conto. Seria algo diferente... Ainda não sei... Continuo imaginando a força que tem a *fantasia*. Nenhum conhecimento profundo seria encontrado, se o seu descobridor, antes, não tivesse mergulhado na *fantasia*. E minha fantasia, agora, é oferecer condições para meu possível leitor exclamar: "Gente, é tão fantástico, tão fantástico, que chega a ser real." Ou, ainda, numa imagem mais forte: "É tão real, tão real, que chega a ser fantástico." Você sabe: os extremos se tocam. E o *maravilhoso*? Como isso me atrai... Aos setenta anos, sei que não estou começando minha caminhada; é justamente o contrário. Quero chegar a bom termo da forma mais digna possível. Longe de mim a preocupação de plantar uma nova *árvore da vida* no meio do Éden. Nem muito menos ser enquadrado nesta ou naquela corrente. Seja como for, não abro mão do respeito a quem, por ventura, leia meu livro. Agradar? Isso também está fora de qualquer cogitação. A estética literária não objetiva o agrado e sim, o encantamento.

– De minha parte, sei muito bem que o senhor não vai publicar com o mero interesse de agradar a quem quer que seja.

Depois, conversamos sobre abobrinhas, degustamos um café com bolo e ele se foi. Agora, eu tinha as falas de Mãe Dara Mujina, Justina, Dina, Neusa e Nivaldo para digerir, além das leituras, pesquisas e estudos sobre Astrologia, sobre Sagitário e sobre os *Odu de Ifá*. Já era tempo de sistematizar tudo isso. Foi justamente o que comecei a fazer, enquanto aguardava o dia da *Festa do Pilão*.



PARTE II

A ESTRADA

As **Ciências Sociais** não têm o monopólio **do conhecimento** sobre o que se passa na sociedade.

Houward S. Becker



Não é fácil construir uma estrada. Normalmente, ela começa por uma picada, marcada pelos pés dos que por ela costumam passar. Depois vai se alargando, até que se torna necessária ao fluxo de interesse da maioria. Tempo, recursos e decisões se constituem em volumes enormes a serem investidos. E quando se trata de estradas de acesso ao interior de nós mesmos, a situação se agrava. Existem abismos intransponíveis, montanhas gigantescas, vazios incomensuráveis. No meu caso, aquela ordem do Sagitário para eu escrever tornou-se uma ideia fixa. Um prato cheio para Dina. Naturalmente, ela dirá: "Isso é TOC." É claro que se trata aqui de mera arrelia. Entendo, porém, que faz parte de minha caminhada para o encontro comigo mesmo. Apenas preferi não me sentar no divã. Não quero ser etiquetado. Escrever, então, para mim, seria caminhar em busca de mim mesmo. E é justamente por isso que as seções iniciais deste livro são um tanto massudas. Este prólogo mesmo parece que nunca mais vai terminar. Quem não teve disposição já desistiu da leitura deste livro desde as páginas iniciais. Todo trabalho de qualquer estrutura subterrânea, além de ser extenuante, é desprezado por parte de quem quer saber apenas dos aspectos exteriores da obra. Não é comum escritores fazerem *making-of* e, além do mais, fazê-lo integrante da obra escrita. Sou sagitariano, gosto de atirar flechas ao desconhecido. Sei muito bem que trabalho de infraestrutura não rende votos. Os políticos também sabem muito sobre disso.

Eu vi, no meu sonho, a estrada do Sagitário, e ela continuava martelando na minha cabeça. Eu não estava parado, eu percorria a estrada. A princípio, sozinho. Depois, Sagitário apareceu e nós dois juntos percorremos um bom trecho dela. Aquela estrada está dentro de mim, eu sei. Se nada fizer, não conseguirei nunca vislumbrá-la cá fora. Estrada é uma conexão. Pena que a humana gente transformou estrada em rodovia. Antes, via de acesso; agora, lugar que provoca medo e sentimento de desamparo. Percorrer estrada já foi algo prazeroso. Atualmente, qualquer um se sente amedrontado no deserto da estrada, onde apenas bólidos ameaçadores passam fazendo voos rasantes.

Do ponto de vista daquilo que é íntimo a cada um, também acontece a mesma coisa: a estrada interior está bloqueada por um eterno trânsito das solicitações externas ou aspectos de nós mesmos que rejeitamos. Essa outra estrada também se tornou um deserto.

Nela, também viajam bólidos ameaçadores: a sensação de desamparo que tem o cidadão face ao desleixo dos poderes constituídos; o medo perene provocado pela insegurança ocasionada pela violência. Mesmo, a cada dia, fica mais difícil abrir-se em confiança a transeuntes, numa parceria de amizade sincera. O outro... Bem, o outro é sempre visto como uma ameaça. "O inferno são os outros." Pensando bem, talvez, em vez de afirmar, questionar fosse melhor...

É isso. Preciso tirar de mim esta eterna sensação de ameaça que me faz agir como um cavalo. Talvez, corcel seja a palavra mais recomendável. Ambos, no entanto, precisam de estrada para cumprir o seu destino. Aquela estrada que vi no sonho precisa ser construída lá dentro e também aqui fora, no meu cotidiano. Escrever, para mim, faz parte da construção dessa estrada. Sagitário ordenando: "Escreva, escreva, escreva, escreva. E não esqueça os *Odu de Ifá*". Preocupa-me o fato de avizinhar-se o dia da *Festa do Pilão* e que a construção da estrada ainda esteja, a meu ver, nos primórdios. Mesmo, escrever ficção exige, no mínimo, certo assenhoramento do tema a ser desenvolvido por parte do escritor. Daí, minha tenacidade em entender o máximo possível sobre assuntos da Astrologia e dos *Odu de Ifá*. Evidentemente, não será com alguns dados resumidos que vou compreender tão vastos universos do conhecimento.

Vejamos: das cinco pessoas com as quais conversei sobre esses assuntos, posso dizer que recolhi cinco sinalizações para transitar nessa estrada. Vejamos. Façamos um esquema:

(Continua)

Dialogante	Sinalização
Dara Mujina	Obedeça a ordem recebida no sonho, para escrever; labute pra domar sua parte cavalo, nunca é tarde; espere que Orixalá vai lhe trazer o caminho da escrita ordenada no sonho; continue estudando os *Odu de Ifá*,
Justina	E o senhor, assim, todo rompante, só pode ser cavalo. Inteiríssimo... Quando se zanga, então... Tira o pé fora e tome-lhe patada...
Dina	Tomar esses caminhos, isto é, os dezesseis *Odu*, como indicativos de personalidades, no sentido popular do termo, ou de vivências de personagens, quem sabe. Mas não no sentido freudiano. Esses caminhos podem muito bem configurar "destinos" de personagens. Um sonho é drible que o Inconsciente dá no Superego.

(Conclusão)

Dialogante	Sinalização
Neusa	Tanto os signos do zodíaco, quanto os *Odu de Ifá* são vias de acesso ao Inconsciente, são propícios ao estudo do autoconhecimento. Mãe Dara viu o senhor escrevendo com um bocado de gente... Talvez seja uma coletânea, uma organização de textos, quem sabe.
Nivaldo	Tudo leva a crer que o tema que está se desenhando para seu próximo livro é o da ficção fantástica. Neste caso especial, a saída seria pelo *maravilhoso*.

Sistematizando, portanto:

1. Escrever o livro de ficção literária.
2. Esperar que o *Maravilhoso* se me revele por inteiro.
3. Investir a energia psíquica do *cavalo* que sou em benefício de mim mesmo e dos outros. O livro será o primeiro resultado desse novo investimento.
4. Tomar os Signos do Zodíaco e os dezesseis *Odu-meji* como possibilidades de acesso ao Inconsciente.
5. Organizar o livro que será um conjunto de textos construídos pelos caminhos do *maravilhoso*.

A conclusão de Dina foi, para mim, a mais definidora: não seria pelas vias da Psicanálise. Ela não abarca o *maravilhoso*, nem contempla o mito, no que pese ela ser um construto invejável de coerência entre pressupostos teóricos e métodos. Linguagem humana alguma, entre todas desenvolvidas até hoje, é suficiente para explicar toda e qualquer pessoa. Muitos profissionais da área, no entanto, julgam que a Psicanálise seja conclusiva. Aliás, os psicanalistas imaginam que já foram desvendados os segredos da alma humana. Pelo menos é assim na sua linha mais radical. Daí, minha ojeriza a esse pregar de etiquetas nas pessoas, que certos profissionais dessa área fazem, a exemplo de Dina, minha mulher. É pena que muitos não tenham lido Luiz Carlos Teixeira de Freitas, *O simbolismo astrológico e a psique humana*[13] e, dele também, *Astrologia, autoconhecimento*

13 FREITAS, Luiz Carlos Teixeira de. **O simbolismo astrológico e a psique humana**. São Paulo: Pensamento, 1995.

e espiritualidade, nem Liz Greene[14], *A astrologia do destino*.

Metodologicamente, falta-me cruzar os dois sistemas, o do Zodíaco e o dos *Odu-meji de Ifá*, e chegar à construção de uma matriz mais abrangedora. Para tanto, preciso atinar no chão teórico e metodológico que me possibilitará tal empreendimento. Agora, é atirar flechas na direção desse alvo. E lembrando o que eu disse anteriormente, a estrada para o mundo da ficção literária é a intuição, que se anima na oralidade. Vou buscar esse material num grupo de pessoas. E porque será um grupo, deverá constituir-se de dezesseis pessoas, porque são dezesseis os principais *Odu de Ifá*, conhecidos como *Odu-meji*, que aparecem do primeiro ao décimo sexto lugar, na ordenação de *Orunmilá*. Ainda não sei, porém, como conjuminar os *Odu-meji* com aquelas doze flechas disparadas por Sagitário e as quatro flechas sobressalentes que ele me deu, naquele sonho. Ao que tudo leva a crer, isso se constitui um material de primeiríssima qualidade para a abordagem do *maravilhoso*. Como foi producente aquela conversa que tive com Nivaldo! Pouco importa os comentários sobre ele e o porteiro do edifício onde moro.

Enquanto essas ideias iam se assentando em mim, o Natal passou. E porque isso em nada influenciou no projeto do livro, vou poupar você dos detalhes. Mas a bem da verdade, eu tive a oportunidade de checar quem deveria participar da organização. Era necessário responder a um grande desafio imposto: como fazer pessoas que não são escritoras escreverem? Isso, no entanto, não seria mais uma faceta do *maravilhoso*? Em respeito ao espírito de confraternização natalina, reinante na nossa casa e no nosso grupo, resolvi não tocar no assunto do livro.

Tão logo passou o Natal, o *maravilhoso* resolveu movimentar-se por si próprio. E assim como ele pode ser criado pela mente intuitiva, também pode realizar concretudes no exterior. Conforme Hermes Trismegisto, "É verdade, correto e sem falsidade que o que está em baixo é como o que está em cima, para realizar os milagres de uma coisa só."[15] E *o que está em cima* concorreu para que eu distinguisse *o que está em baixo*. Talvez tenha sido o contrário: a compreensão do segundo levou-me a entender o primeiro.

Faltavam poucos dias para os festejos de Ano Novo, na manhã em que eu fui surpreendido por duas gratas visitas. Neusa veio me ver, trazendo Mãe Dara Mujina consigo. Ouvi a campanhia tocar

14 GREENE, Liz. **A astrologia do destino**. São Pulo: Cultrix; Pensamento, 1995.

15 Disponível em: <http://www.acasadoaprendiz.com.br/tabuaesmeralda.html>. Acesso em: 5 dezembro 2012.

e vi Justina abrir a porta e se dirigir à Mãe Dara. Justina fez vários salamaleques gestuais para Mãe Dara, pondo-se agachada diante da ialorixá. Nunca desconfiei que Justina fosse gente de terreiro, nem nunca ouvi dizer que ela fazia parte do terreiro de Mãe Dara. É isso: não sei se sou um péssimo observador; se eu subestimo as pessoas, não atentando para elas; ou se é natural, mesmo, que as pessoas mais próximas de nós são justamente aquelas que mais desconhecemos.

Saí do escritório e caminhei para a sala. Abraços e beijos na filha. Saudação respeitosa e cerimonial à Mãe Dara. Não economizei expressões de meu contentamento. Dina já tinha saído para suas ocupações de praxe e isso me deu muito alívio, pois eu me predispunha a conversar sobre o livro com minhas visitantes. Senão eu ficaria à deriva na conversa entre as três mulheres. E se Justina se juntasse a elas, então, que eu saísse de baixo. Fiquei à espera que o próprio desenrolar da conversa me ocasionasse tocar em assuntos do meu interesse. Lá para as tantas, Mãe Dara quis saber:

– Então, Doutor Leo? E o livro? Já começou?

Ah, senti um alívio balsâmico.

– Estou tomando providências, mas tem alguns pontos que ainda não consegui clarear.

– Ah, eu trouxe até uma coisa. Creio que vai lhe ajudar. Desde aquele dia que o senhor foi lá, no Axé, eu tenho pensado muito sobre as coisas que conversamos: seu sonho; a ordem de Oxóssi, pra o senhor escrever; os *Odu de Ifá*; aquela coisa que eu vi: o senhor escrevendo, rodeado de pessoas escrevendo também, juntas com o senhor... Como eu conheço todo mundo de seu grupo e todos já se consultaram comigo – aqui pra nós: até o padre –, sei do *Odu* de cada uma dessas pessoas. Até eu me incluo. Não que eu vá escrever coisa nenhuma. Mas é porque eu tenho a todos como meus verdadeiros amigos e amigas. Eu sempre me interesso pelas pessoas. E sabendo do *Odu* de cada uma delas, isso ajuda a pedir ao Grande Pai Olorokê, dono daquele Axé que eu dirijo, por todos e todas e, até mesmo, pra prevenir as pessoas de certas coisas. Principalmente pra saber labutar com cada um de vocês e explicar a vocês como cada um labutar consigo próprio. Se me pedirem isso, é claro...

– Oh, Mãe Dara! Obrigado por tanta gentileza. A senhora tem um verdadeiro coração de mãe. Ah, não lhe conto: Dina anda espalhando que eu agora sou filho de santo, só porque eu me consultei com a senhora.

– Ah, Dona Dina... Brincadeira dela, Doutor Leo. Adoro aquela criatura. Me trata tão bem.

– Mas a senhora disse que todo mundo do meu grupo já fez consulta com a senhora. Dina também?

Neusa interrompeu:

– Papai, tira mamãe desse meio, tudo o senhor quer saber...

– Não; eu preciso saber, porque ela anda me criticando.

– Não, Doutor Leo. Não é critica não; é ela brincando com o senhor, lhe arreliando. O senhor não faz arrelia com todo mundo? Viu como é bom? Pimenta nos olhos dos outros... Mas é melhor o senhor perguntar a ela mesma. O que ela lhe disser é porque é verdade. O importante é o que eu lhe trouxe. Quem fez os quadrinhos e escreveu, foi minha neta, Mariana. Ela é muito sabida, não é a toa que é cabeça de Oyá. Eu me sentei com ela, fui dizendo e ela desenhando e escrevendo.

Ela me passou uma folha de papel ofício manuscrita, com a matriz seguinte:

	Pessoa	Odu	Orixá da Pessoa
1	Arnaldo	Ocanã	Xangô
2	Celeste	Oxicu	Iemanjá
3	Creusa	Ogundá	Exu
4	Jean	Irosun	Oxaguiã
5	Nilvaldo	Oscê	Logum-edé
6	Dina	Obará	Iroco
7	Mãe Dara	Odi	Oscalufã
8	Neusa	Ejiobê	Ossanhe
9	Heitor	Osá	Osaum-marê
10	Germano	Ofun	Ogum
11	Maura	Oturin	Nanã
12	Geralda	Iuori	Omolu
13	Renato	Oturupon	Oiá
14	Doutor Leo	Icá	Oscossi
15	Adriadne	Otura	Obá
16	Paolo di Luca	Ireté	Osaum

Chamou bastante minha atenção, esclarecendo:

– Essa parte aqui, que diz qual é o *Orixá* da pessoa, não é, assim, que uma coisa esteja ligada na outra. Por exemplo: o *Odu* do senhor é *Ìká* e o *Orixá* é Oxóssi. Mas não quer dizer que todo mundo que é de Oxóssi tenha *Ìká* como *Odu*. A mesma coisa: não quer dizer que quem tem o *Odu Ìká* seja de Oxóssi. Compreendeu? Ah, tem outra coisa: as pessoas que estão nesta lista não quer dizer que todas elas vão escrever também. Se fosse assim, eu nem ia aparecer na lista, nem Renato, nem Padre Germano. Nem muito menos Jean, que se atropela, quando fala brasileiro. Eu botei todo mundo, porque todo mundo estava aqui, no dia do seu sonho. Nunca se sabe... Essas coisas o povo diz que é coincidência. Mas pra mim, é outra coisa.

– Mãe Dara, e como se descobre o *Odu* de uma pessoa? É pelo nascimento?

– Não; não é bem assim. Mas tem gente de terreiro confundindo numerologia com as coisas do Candomblé. Pegam a data do nascimento da pessoa, fazem umas contas e acham um número, dizendo que aquele resultado é o número do *Odu*. Meus mais velhos me ensinaram que consultar Orunmilá pelo opelé ou pelos *ikin* é da competência do babalaô. Ele foi preparado e é quem sabe os segredos do jogo do Ifá. Olhe, o senhor não repare, mas às vezes eu me repito. Isso acontece porque eu sou descendente dos *nagô*. Herdei a mania de repetir pra que o que seja ouvido fique na memória. Mas conforme eu ia dizendo, acontece, Doutor Leo, que o conhecimento não tem dono. A Luz de Orunmilá recai sobre todos nós. O senhor deve saber que, aqui, os africanos se misturaram e, por isso mesmo, os saberes se misturaram também. Justamente por isso, no candomblé também se usa o conhecimento sobre os *Odu*. Apenas, isso passou a ser entendido também por meio do jogo de búzios. Na África e aqui, também, nos tempos dos meus antepassados, consultar Orunmilá era coisa dos homens. Mas com o tempo, se espalhou o conhecimento do jogo de búzios, pois no Candomblé não tem isso de discriminar a mulher, como fazem os babalaôs, a Igreja Católica e os muçulmanos.

A consulta ao Oráculo, feita pelo babalorixá ou pela ialorixá, é por meio dos búzios, os *kawri*, constituído também por dezesseis sinais. Mas a consulta é feita aos *Orixás* e não apenas a Orunmilá, que também é um *Orixá*. Babalaô não usa *merindilogun*. E tem muitos babalaôs que acusam o *merindilogun*, dizendo que é um meio muito limitado, muito pobre. De minha parte, eu entendo que nenhum meio

é pobre ou rico pra o Divino falar através dele. Todo mundo sabe que Moisés, o grande chefe do povo de Israel, era gago. Mas foi a um gago que o Deus de Israel escolheu pra enfrentar o faraó do Egito. Então, eu não consigo imaginar um *Orixá* dizendo: "Não posso falar porque o seu instrumento de consulta é pobre de recursos." Ah, me poupe, minha gente! Pobres de recursos pra alcançar o Divino somos nós, os humanos. E costumamos passar pra os objetos que usamos a pobreza de nossa estupidez, de nossa ignorância.

Mas tem uma coisa: nem todo mundo que sabe jogar búzios tem condição pra ler o *Odu*. É um saber muito importante. Por meio do *Odu*, se sabe com que axé deve se labutar pra se entender o destino e os caminhos da pessoa. Sabendo disso, a pessoa sabe o que evitar na vida; com que tipo de gente faz ou não faz parceria; a profissão; o que lhe faz mal; sabe evitar as ciladas; conservar a saúde; evitar doenças; conseguir o equilíbrio; saber de sua *Luz* e de sua *Sombra*, essas coisas assim... Hoje em dia é que eu estou vendo essa moda de gente sair daqui, passar um mês na Nigéria e voltar de lá crente que engoliu toda a sabedoria dos antigos, que foi construída ao longo de séculos e séculos. Há pouco tempo, fui visitada por um senhor, tido como muito sabido por ele mesmo. Ele me levou um álbum cheio de fotos da iniciação dele de babalaô. Só o senhor vendo: ele não teve o desplante de mostrar retratos das *obrigações* dele, onde apareciam vários móveis, arquivo de aço, mesa de escritório. O mundo está cheio dessa gente que confunde as coisas...

Veja, por exemplo: o meu *Odu* é *Odi*. Já vi uma ialorixá dizendo que *Odi* é um *Odu* ruim e quando esse *Odu* aparece precisa ser despachado, mandado embora... Orixalá, misericórdia! Veja se pode ser uma coisa dessa... Onde se viu uma energia que vem do Divino ser ruim? É por essas e outras que certos babalaôs metem a bomba no Candomblé. E ainda tem mais, Doutor Leo: sabe como é a moda agora de se achar o *Odu*? Veja só: fazem uma cruz num papel e vão colocando os números da data do nascimento da pessoa. Vamos imaginar alguém que nasceu no dia 26 de julho de 1956. Aí, a gente tem 2+6=8; julho é mês 7; 1+9+5+6=21, que é igual a 2+1=3. Então, 8 é a cabeça; 7 é as mãos e 3 é os pés. Quem nasceu naquela data, então, tem três *Odu*, assim:

8

†7

3

E aí, essas pessoas ainda dizem que é preciso despachar *Odi* todos os anos. Se não despachar, as mãos da pessoa vão ficar amarradas pra toda vida. Quanta confusão, quanta mistura... Já pensou? Despachar *Odi*, o axé do renascimento, da mudança total de mente, de corpo e de espírito?! Gente, *Odu* não é número.

Outra coisa que agora é moda: alguns babalaôs vêm da África e passam algum tempo por aqui, iniciando novos babalaôs. Esses, então, passam a se julgar senhores da sabedoria e lá vão atacando o Candomblé, os babalorixás e as ialorixás daqui. Com isso, meu senhor, a desunião deixa todo mundo enfraquecido, e aí é um prato feito pra os preconceituosos. Sabe qual é o resultado dessa guerra besta entre os que praticam as crenças africanas? É só observar o que a maioria dos evangélicos diz de nós.

Mãe Dara se calou, e eu olhei e reolhei aquela folha de papel. Lá estavam os dezesseis *Odu-meji* com os seus respectivos nomes em nagô. Dezesseis. E ainda as dezesseis pessoas com o *Orixá* de cada uma delas. Aquele nó apareceu de novo: como aliar isso aos dados do Zodíaco? Aliás, eu nem possuía aqueles outros dados ainda. Continuei olhando aquela folha de papel e as minhas visitantes permaneceram em silêncio, como se estivessem esperando uma saraivada de perguntas minhas. Como eu permaneci calado, Neusa, de repente, atinou:

– Ah, papai, me lembrei agora que eu também tenho uma lista com os signos de cada um de nós. Foi até o resultado de um trabalho que fizemos aqui, no dia em que mamãe voltou da última viagem à França, e nós nos reunimos para recebê-la. Eu estava com um programa bom de computador, que permite fazer o mapa astral de uma pessoa numa rapidez incrível. É só digitar os dados necessários e o programa fornece a mandala imediatamente. Não sei se o senhor se lembra. Aliás, o senhor nunca dá bolas para esses assuntos. Tudo para o senhor é coisa de gente primitiva. Agora que estou vendo o senhor com interesse em tal tipo de conversa. Bendito, aquele sonho seu...

– Já vem você me acusando. Daqui a pouco está igualzinha à sua mãe, pregando etiqueta em todo mundo: "Quem? Fulano? Aquilo é um paranoico! Beltrano? Não passa de um esquizofrênico! Sicrano? Um verdadeiro psicótico!" Odeio isso...

– Mas dizer que alguém é de Oxóssi não é a mesma coisa? Que tal pessoa é toda sentimento porque é canceriana, isso também não seria pregar etiquetas, conforme o senhor diz?

– Não senhora. Não confunda as coisas. Essas coisas de que

você falou não estigmatizam as pessoas. Ninguém evita outro pelo fato de o outro ser canceriano.

– Isso é o que o senhor julga. Não é bem assim que as coisas são. Preconceito, papai, atinge todas as classes sociais e econômicas, as mais diversas faixas etárias. Parece até que seja natural um certo ódio ou rejeição ao diferente, um certo atavismo ao desejo de que a humanidade se constitua uma massa, na qual não haja espaço para a diversidade ou diferença. Eu digo até: há um *complexo de bananeira*.

– E o que é isso, que nunca ouvi falar?

– Um termo que inventei. Clonagem, papai. Numa touceira de bananeira, os seres são todos iguais. É uma planta que se reproduz por clonagem, coisa que *Mamãe Natureza* já faz há milhões de anos. Tudo isso deve ser ainda ancoragem atávica aos valores dos tempos em que a humanidade se constituía de pequenas tribos nômades, coletoras e caçadoras. Para cada pequeno grupo sobreviver enquanto tal, era necessário combater os demais grupos, na disputa pelas áreas onde se bebia água, ou se coletava alimentos. Então, quem pertencia a grupo diferente teria de ser eliminado. Muito tempo depois, isso passou até para a área das religiões. Aí, as pessoas têm que ser iguais: limpas, puras, isentas de culpas e pecados, isto é, todo mundo igual. Daí, então, ai de quem for diferente, tenha outras preferências, sendo desigual dos demais.

Foi a vez de Mãe Dara Mujina permanecer em silêncio. Ela jamais se dá ao luxo de envolver-se em polêmicas, mas costuma dizer que cada um está certo dentro de seu ponto de vista, para si mesmo, ainda que isso não pareça certo para os outros. Em outras palavras: ela é defensora da liberdade de expressão.

Neusa começou a remexer a imensa bolsa que sempre carrega, procurando a referida lista. Aliás, alguém ainda precisa fazer um estudo sobre as bolsas das mulheres. A de Neusa, por exemplo, tem até dinossauros... Sacrário de segredos, repositório de objetos para emergências, papéis, perfumes, agenda volumosa, agulha, linha, botões, alfinete, estojo de unha e de maquiagem, comprimidos para dor, bilhetes, pente, espelho, escova, creme dental, creme hidratante, documentos, contas a pagar, carnês, panos, caneta, absorvente, lenços úmidos, cartões de crédito, talão de cheques, caneta, telefone celular – que nunca é encontrado, quando toca, tudo o que as mulheres gostam de carregar na bolsa. Outro dia mesmo, alguém aqui em casa se queixou de unha encravada, e Neusa sacou imediatamente um remédio de dentro da bolsa. De outra vez, faltou palito de dentes aqui em casa, a mãe pre-

cisou de um, e ela despejou a bolsa no sofá até encontrar uma meia dúzia deles, presos numa dobra do fundo da bolsa.

De repente, o espanto, como se uma coisa do outro mundo estivesse acontecendo:

– Achei! Está aqui! Eu sabia que isso estava guardado. Tome. Veja.

Tomei e vi. Sou um bom cumpridor de ordens. Era um papel dobrado várias vezes, meio encardido, amassado, amarrotado, embora digitado. Mas era a segunda pista:

Nome	Signo	Nascimento	Hora
Ariadne	Áries	31/03/1986	11: 15
Lucca	Touro	18/05/1979	19: 15
Jean	Gêmeos	01/06/1971	06: 13
Neusa	Câncer	26/06/1970	18: 02
Arnaldo	Leão	20/08/1969	12: 30
Nivaldo	Virgem	08/09/1979	16: 11
Celeste	Libra	24/09/1980	09: 17
Heitor	Escorpião	10/11/1978	13: 13
Papai	Sagitário	24/11/1942	14: 17
Maura	Sagitário	28/11/1977	15: 10
Pe. Germano	Sagitário	30/11/1977	19: 20
Renato	Sagitário	04/12/1984	11: 30
Geralda	Sagitário	10/12/1972	22: 45
Mamãe	Capricórnio	07/01/1944	18: 30
Creusa	Aquário	02/02/1972	19: 10
Mãe Dara	Peixes	15/03/1952	04: 04

Olhei, reolhei e comecei a me sentir um premiado: já possuía elementos para fazer uma matriz resultante do cruzamento dos dados das outras duas tabelas. Agora, era esperar ficar sozinho no escritório outra vez. Neusa acrescentou:

– É claro que as duas tabelas estão muito longe de se constituir um estudo. Não passam de meros indicativos. Mãe Dara já lhe recomendou continuar com suas leituras, estudos e conversas sobre os *Odu*. Vou lhe enviar as mandalas astrológicas referentes a cada um de nós. Elas poderão servir para uma leitura aprofundada se o dono da mandala quiser e consentir.

Mãe Dara rompeu o silêncio:

– Igualzinho ao jogo de búzios: não se deve bisbilhotar a vida alheia. Essa coisa que rola por aí de pai de santo e mãe de santo na

televisão, lendo a vida de artistas, de políticos influentes à revelia da pessoa é coisa de gente despreparada.

Ficou decidido que Neusa faria contatos com Luiz Carlos, psicólogo e astrólogo de renome, para leitura e interpretação de nossos mapas astrais, isto é, de quem quisesse. Eu concorreria com as despesas. Depois, eu soube que todos aceitaram e as interpretações deram pano para mangas. O que teve de gente arrancando os cabelos... Não esqueço os protestos de Padre Germano: "Não sei pra que eu fui meter minha mão nesse pote de maribondos!"

Conversamos coisas esparsas. Rimos bastante e ainda degustamos um legítimo doce de laranja da terra, produto dos dotes culinários de minha santa esposa, regado a suco de mangaba, que Justina preparou com mãos divinas. Depois daqueles momentos de legítimo nirvana, Neusa e Mãe Dara se despediram. Justina saiu da cozinha, veio até a sala, se curvou ao meio e disse, em voz cheia e garbosa:

– *Okolofé*, minha mãe.

Mãe Dara respondeu com uma frase que não pude memorizar, e as duas se abraçaram numa despedida nagô. Mal as visitas saíram, marchei para a cozinha. Justina precisava de um corretivo por me esconder aquelas coisas.

– Justina! Você?!

– O que foi, homem de Deus?! O que foi agora?

– Você aí, cheia de segredinhos para comigo, me escondendo que é do terreiro de Mãe Dara...

– Lhe dizer pra quê? Pra o senhor, que goza de tudo e de todo mundo, ficar aí, fazendo arrelia dos outros? Deus e o mundo sabe que eu sou do santo. Se o senhor não sabia é porque não costuma dar importância aos outros. Esse tempo todo que eu estou aqui e o senhor nunca notou nada. Isso é que é ignorar as pessoas...

– Justina, você está sendo cruel...

– Cruel, uma ova. Sabe quantas vezes o senhor se lembrou de meu aniversário? Falta uma pra primeira. Quando eu tive aquela erisipela, o senhor nunca me perguntou o que era que eu tinha na perna.

– Quando foi isso? Eu nunca soube disso.

– Tá vendo só? Nunca sabe de coisa alguma de ninguém. Eu tô. *Hun! Ôman! Ketê fun keleké. Bokê boki, mussuru daké...*

– Danou-se. Agora está até falando línguas estranhas.

– Não, senhor, que eu não sou evangélica. E me deixe cozinhar minhas coisas. Quando der meio dia que não tiver comida pronta, o senhor chama até a polícia...

Dei meia volta e fui para o escritório. O que Justina me disse sobre mim mesmo ficou martelando no meu juízo. Mesmo assim, coloquei as duas matrizes lado a lado e comecei a rabiscar um rascunho, buscando juntar os dados nelas contidos:

N.	Personagem	Profissão	*Odu*	*Orixá*	Nascimento	Hora	Signo
01	Arnaldo	Professor	Ọ̀kànràn	Xangô	20/08/1969	12:30	Leão
02	Celeste	Antropóloga	Ọ̀ỵ̀ẹ́kú	Iemanjá	24/09/1980	09:17	Libra
03	Creusa	Ass. social	Ògúndá	Ewá	02/02/1972	19:10	Aquário
04	Jean	Piloto de avião	Ìrọ̀sùn	Oxaguiã	01/06/1971	06:13	Gêmeos
05	Nivaldo	Func. público	Òṣé	Logum-edé	08/09/1979	16:11	Virgem
06	Dina	Psicanalista	Ọ̀bàrà	Iroko	07/01/1944	18:30	Capricórnio
07	Dara	Ialorixá	Òdí	Oxalufã	15/03/1952	04:04	Peixes
08	Neusa	Terapeuta	Èjìọ̀gbè	Ossáin	26/06/1970	18:02	Câncer
09	Heitor	Jornalista	Ọ̀sá	Oxumarê	10/11/1978	13:13	Escorpião
10	Germano	Padre	Ọ̀fun	Ogum	30/11/1977	19:20	Sagitário
11	Maura	Ambientalista	Ọ̀wọ́nrín	Nanã	28/11/1977	15:10	Sagitário
12	Geralda	Socióloga	Ìwòrí	Omolu	10/12/1972	22:45	Sagitário
13	Renato	Enfermeiro	Ọ̀túrúpọ̀n	Oyá	04/12/1984	11:30	Sagitário
14	Leonam	Escritor	Ìká	Oxóssi	24/11/1942	14:17	Sagitário
15	Ariadne	Mil. política	Òtúrá	Obá	31/03/1986	11:15	Áries
16	Paolo	Cron. social	Ìrẹ̀tẹ̀	Oxum	18/05/1979	19:15	Touro

Conforme já esclareci, não vou me imiscuir na celeuma travada por certos babalaôs contra o candomblé, por causa do uso dos *Odu de Ifá*. Desse modo, para efeito do meu objetivo literário, prefiro ficar com a prática desenvolvida por um terreiro que é exemplo da tradição africana.

Daí priorizei os *Odu*, pela ordem em que eles aparecem no jogo de búzios[16]. Nas minhas leituras, observei que essa ordem varia entre alguns terreiros. Isso está ligado à região da África da qual o terreiro se originou. Assim, a ordem dos *Odu* num terreiro Ketu não é a mesma que a de um terreiro Jeje. Pode acontecer inclusive que um ou outro *Odu* tenham nomes diferentes. Não quis me meter em tal polêmica. Meu interesse é outro. Por isso, dei preferência à ordem utilizada por Mãe Dara Mujina, de *nação* Efan, que se diz ligada a Olorokê, Senhor da Montanha, o pai de Oxum. Sobre isso, também não vou me debruçar em explicações. Os bons livros e as pessoas que entendem disso estão aí, para quem quiser saber. Anotei também o *Orixá* de cada um de nós, tendo em vista que *Orixá* e *Odu* não se confundem. Registrei cada *Odu-meji* em grafia ioruba simultaneamente com a grafia vernácula. Por fim, o signo solar de cada. E aí, a surpresa: entre as dezesseis criaturas, cinco são de Sagitário. Isso não é à toa. Está definido: essas dezesseis pessoas vão escrever comigo e o livro terá um *tom* sagitariano. As quatro flechas que Sagitário me deu vão se transformar em quatro partes do livro. Depois, esmiuçarei isso. Agora, era necessário fazer acontecer o milagre: convencer as pessoas a escrever, principalmente Dina, Renato, Padre Germano, Jean e Mãe Dara Mujina. Milagres, no entanto, podem acontecer. Sagitário não é milagreiro, nem milagrento, mas é milagroso. Ou ainda: Oxóssi só precisa de uma única flecha, porque não perde um disparo. Vou chegar lá: minha parte gente vai aprender a domar minha parte cavalo. Ou melhor: essas duas partes vão se harmonizar em mim. Mas não posso esquecer de que o Sagitário não é um humano montado em um cavalo; é um humano, cuja metade inferior do corpo é um cavalo. Ou será um cavalo, cuja metade superior do corpo é um humano? Espero alcançar a compreensão disso, em mim e nos outros. Para tanto, estou fazendo um esforço hercúleo.

E Justina? Ela sabe meter a mão na chaga, sem rodeios, com sua sinceridade ferina. Vamos deixá-la como uma espécie de coringa. Nunca se sabe. Daqui em diante, entrei em estado de vigilância total, pois as coisas começavam a se definir e todos que navegam no Direito sabem: *Dormientibus non siccurrit jus*[17]. Mas vamos ao encontro do grupo na *Festa do Pilão*.

16 No jogo dos *ikin* ou de *opelé* realizados pelos babalaôs, a ordem dos *odu* é diferente. Exemplo disso é o *odu-meji Ofun*. Enquanto no merindilogum, ele é o décimo, para os babalaôs ele é o décimo sexto.

17 A lei não socorre os que dormem.





O ENCONTRO NO TERREIRO

E o dia da *Festa do Pilão* chegou. Antes disso, apesar de minha amizade com Mãe Dara Mujina, e de ter ido ao terreiro várias vezes, nunca me predispus a assistir um ritual sequer. Na noite anterior, pouco dormi. Deitava e levantava a todo instante. Dina tem sono de pedra e nem percebeu nada disso. Quando o dia amanheceu, eu já estava no escritório, repassando meus apontamentos e anotações. A cabeça martelava: "Que será que vou encontrar nessa festa?" Segui a recomendação de Mãe Dara: bebi água e respirei fundo ao longo dia. Dina sumiu a tarde toda, metida em salão de beleza. Judite já estava no terreiro há três dias. Renato também deveria estar por lá, tendo em vista que ele é ligado ao terreiro. Então, fora Justina, do meu grupo, éramos catorze. Combinamos nos juntar em meu apartamento, de onde sairíamos em quatro carros. Combinamos tudo: quem iria com quem, o horário da partida, como iríamos nos portar, essas coisas assim.

Às dezenove horas, a maioria já tinha chegado. Mas quando padre Germano chegou, foi um deus nos acuda: todo de preto. A turma caiu em cima e ele voltou para trocar de roupa. Só se participa de homenagem a Orixalá com vestes brancas. Na saída de padre Germano, Geralda chegou aos prantos, com os sapatos na mão, um brinco só na orelha. Atrás dela, um Arnaldo enfezado. Nós todos queríamos saber o que estava acontecendo. Dina veio lá de dentro para socorrer:

– Criatura, o que foi isso?

O choro impedia Geralda de falar. Foi Arnaldo quem explicou:

– Desde cedo que esta consumição começou. Primeiro foi o vestido, ela dizendo que o vestido estava feio. Experimentou outros e terminou voltando para o que ela dizia que estava feio. Depois, foi a agonia dos brincos. Só achou um. Nenhum outro brinco servia, dizendo que não combinava com o vestido. Aí, começou dizendo

que não ia mais. Eu fui perdendo a paciência e disse que, com ela ou sem ela, eu iria. E que ela se preparasse para o resultado da desfeita que ela ia fazer a Doutor Leo, se ela não viesse...

– Arnaldo, também eu não sou esse bicho papão, assim...

– O quê?! O senhor é quem diz... Aí, quando eu disse assim, ela saiu correndo e entrou no carro, aos prantos, dizendo que vinha assim mesmo e que Dona Dina ia socorrer ela.

Dina e Creusa carregaram Geralda para dentro do quarto e fecharam a porta. Nisso, padre Germano retornou, todo de branco, parecendo um pombo, e recebeu elogios de todos nós. Conversa vai, conversa vem, a porta do quarto se abriu e as três saíram lá de dentro. Eram outros sapatos, outro vestido, outros brincos, outro penteado, outra maquiagem. Olhe... as mulheres... Quando elas investem fundo, operam milagres. Todo o grupo aplaudiu. Geralda, de posse de si mesma, nem mais parecia aquela descabelada de quando chegou. Para dizer a verdade, estava agora a mais bonita de todas. Sabe como é a beleza: basta um toquezinho de leve e ela se levanta das profundezas com todo vigor. Ai, ai, os cristãos: "Ao que tem, lhe será dado e terá em abundância. Ao que não tem, mesmo o que tem lhe será tirado."

Descemos para a garage e nos agrupamos nos carros, conforme o combinado. Parecia uma carreata de políticos da capital. Lá fomos nós. Na entrada do terreiro, dois grandes tocheiros, um de cada lado do portão enorme. Dois seguranças nos assistiram e nos mostraram onde estacionar os carros, numa área em frente ao terreiro. Uma comissão de seis pessoas nos recebeu na entrada. Três homens à direita e três mulheres à esquerda do portão, vestidos a caráter. No trajeto entre a entrada e a chegada ao barracão, havia uma espécie de pálio que se elevava bem acima de nossas cabeças. Eu quis saber o que significava e perguntei a Dina, que estava de braço dado comigo:

– Dina, o que significa este enorme e longo pano estirado ao longo do caminho?

– É o Alá de Orixalá. Representa as nuvens brancas do céu. Também é o símbolo da paz, do acolhimento e da proteção.

Na porta do barracão, Renato nos recepcionou. Vestido numa longa túnica toda bordada, vários colares e braceletes brancos, Renato parecia um príncipe.

Dina entregou a Renato um bonito ramalhete de flores brancas para ser entregue a Mãe Dara Mujina. Ele nos informou que

ficássemos à vontade, que poderíamos circular pelo terreiro, pois o ritual estava prestes a começar. Em momento oportuno, Mãe Dara viria nos receber. Ela estava tomando as últimas providências. Eu quis saber de Justina e fui informado que ela estava reunida com os demais componentes do terreiro, nos últimos preparativos para o ritual, recolhendo os presentes que os visitantes estavam trazendo. Aí, eu me dei conta de que não estava sendo gentil nem civilizado. Sequer me lembrei de trazer um presente para Mãe Dara ou para o terreiro. Mais uma que eu precisava corrigir.

Fomos caminhando pela varanda do barracão, onde vários grupos de conhecidos estavam conversando. A troca de cumprimentos alegres, expressões de surpresa, contentamento por ver e ser visto, tudo isso animava os encontros. No ar, um cheiro espalhado de flores. Eu quis saber que perfume era aquele. Dina não deixou por menos:

– É o perfume das flores do *nativo*. Só cheira à noite. É uma planta que pertence a Ogum.

O que era aquilo? Já era a segunda vez que Dina me surpreendia com informações sobre assuntos restritos ao terreiro... De repente, algumas pessoas do terreiro vieram nos convidar para tomarmos nossos lugares no salão das solenidades, pois o ritual ia começar. Eu mal me segurava, na expectativa do momento em que iria ter uma informação sobre o livro. Escritor sofre, viu?

Entramos. Muita gente, mas muita gente mesmo. Casa lotada. Uma das laterais do enorme salão era ocupada pela orquestra e pelas cadeiras dos dignatários à direita e à esquerda de um tablado, onde estavam três atabaques enfeitados com laçarotes engomados. Havia uma espécie de trono com dossel. Perguntei a Dina o por quê daquele destaque. Dina, quem diria? Um poço de surpresas:

– Aquele é o trono do Olorokê, *Orixá* patrono do terreiro. É nele que Mãe Dara se senta, em nome do Dono do Terreiro, para presidir os rituais. Ela é uma espécie de rainha-mãe do terreiro. Mas o trono hoje será ocupado por Orixalá, o dono da festa. Ele é o maior de todos, pai dos humanos e dos outros *Orixás*.

– Dina!... Não sabia deste seu enfronhamento nas coisas daqui...

– Sou psicanalista; não sou burra. E gosto muito de saber dessas coisas, desse povo. Saber como, para eles, se constrói o sujeito...

Nisso, um dos dignatários da casa elevou a voz:

– Boa noite, senhoras e senhores, jovens, autoridades, convidados, visitantes. O *Ilê Axé Turi Efan Olorokê* abre suas portas para

receber a todos e a todas com prazer e alegria. Vamos festejar a vida, numa homenagem a Orixalá, o *Orixá* da paz. Solicitamos a gentileza de observar a proibição de não fumar neste recinto e desligar os aparelhos celulares. Esta casa é um templo religioso e o ritual se constitui numa religação entre nós, as criaturas, e nossos Criadores. Começaremos pela entrada dos participantes do terreiro neste recinto, logo após os primeiros acordes da orquestra sagrada. Em seguida, iremos receber a nossa mãe, a ialorixá Dara Mujina, que presidirá o ritual. Tenhamos nós todos uma noite de paz e sejam bem-vindos em nome de Orixalá. Solicitamos a gentileza de que todos fiquem de pé.

Não me aguentei e tive de comentar:

– Dina, eu estou mesmo assistindo um ritual religioso num terreiro? Nossa! Quanta finura, quanta coisa chique...

– Pois é. Hoje, eu não direi "Segundo Freud..." Você ainda não viu nada. Coisa é na festa de Oxum, a mãe do ouro, da riqueza... Paolo está louco, de olhos vidrados. Acostumado a fotografar *dondocas* e badalações da elite branca, jamais imaginou de encontrar aqui o que ele está vendo hoje. Aguarde só o intervalo e puxe conversa com ele...

– E vai ter intervalo?

– Claro. Aguarde.

– Não imaginava que soubesse tanta coisa sobre este terreiro. Como é que você sabe?

– Só porque eu ando dizendo "segundo Freud", conforme você alardeia, não significa que sou preconceituosa. Apenas leio o mundo pela minha cartilha, mas sempre respeitando a cartilha dos outros. E fique calado, senhor. Me deixe apreciar o ritual.

Os atabaques ressoavam um ritmo forte, vigoroso. Uma fila indiana deu entrada no salão. Era uma dança que mais parecia uma marcha, enquanto quem fazia parte da fila reverenciava os presentes com um leve menear de cabeça. O interessante é que a fila caminhava, as pessoas dançando uma ao lado da outra e não uma atrás da outra. Quando a primeira fila completou a roda pelo salão, uma outra fila se formou no interior da primeira. O ambiente se transformou num mar de branco. Mulheres e homens, jovens, crianças e idosos, todos vestidos rigorosamente de branco, portando colares e braceletes também brancos. A *Festa do Pilão* finalmente estava começando.

A um gesto do mesmo dignatário que fez a abertura, a orquestra parou. Então ele anunciou a entrada de Mãe Dara Mujina. Uma senhora com voz imponente puxou um cântico que eu supus ser a saudação à ialorixá. A orquestra fez uma espécie de estribilho sonoro, enquanto Dara Mujina entrava no salão. Ladeada por *ogãs* e *ekédis*, ela fez saudações ritualísticas, dirigiu-se para seu trono e sentou-se. Os componentes do terreiro, em grupo de três, quatro e até mais pessoas, chegavam perto do trono e tomavam a bênção à rainha-mãe, enquanto a orquestra tocava e os participantes respondiam em coro a um cântico puxado pela senhora da voz imponente. Eu quis saber:

– Dina, quem é aquela senhora da voz imponente que puxa os cânticos?

– Ah, você não conhece não. Ela se chama Justina, cabeça de Oyá, e trabalha na casa de um advogado chamado Leonam Navarro. Mas você não deve conhecer...

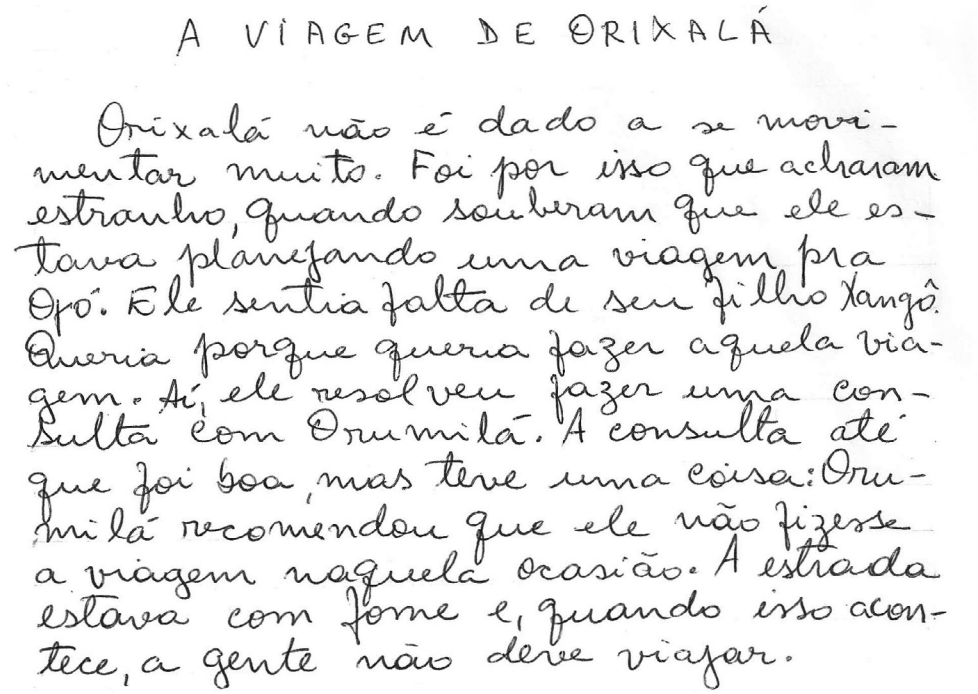
O chão me fugiu dos pés. Comecei a temer pela minha saúde cardíaca. Não bastava a expectativa sobre o livro, agora eu descobria que Justina pertencia à realeza e Dina não era quem eu pensava que fosse. A estrada de Sagitário e os caminhos de Orunmilá me engolfavam em repuxos de vaivém. Tantos anos de atividade forense, o tanto de textos que já escrevi, para de repente descobrir que não sabia nada sobre as pessoas com quem eu vivia há tanto tempo. Quem sou eu? Ao me perguntar isso, mal sabia o que ainda me aguardava.

A orquestra parou, os cânticos cessaram. Mãe Dara Mujina ia falar. A um sinal seu, todos se sentaram e o silêncio dominou o ambiente.

– Que todos e todas estejam na paz de Orixalá. Vamos fazer uma pergunta. Por que, nos dias de hoje, ainda existe gente que se junta pra fazer candomblé? Pra responder, é preciso lembrar os mais velhos. Nossa raiz é Efan. Nossos antepassados foram trazidos da terra de Olorokê pra ser escravo aqui. Olorokê é o *Orixá* da Montanha, o primeiro chão que se elevou, quando na Terra só havia água. Esta casa é herdeira dessa tradição. Aqui, nossos mais velhos fundaram esta casa ainda no século passado. Eu sou a quarta ialorixá que governa esta casa e, na noite de hoje, estamos aqui, para fazer a *Festa do Pilão*. É a terceira festa do calendário em homenagem a Orixalá, que nós fazemos todos os anos. Enquanto o mundo está aí fora matando, roubando, assaltando, enganando, traindo, nós estamos aqui, em nome da paz, da união, do respeito à Mãe Natureza e a tudo que

pertence a ela: os mares, os rios, cachoeiras, fontes, matas, lagoas, pedras, bichos, plantas e gente. Sem o equilíbrio disso tudo, o planeta vai à bancarrota. Olorum, o Deus que a tudo sustenta, nos deu tudo isso de presente. O resto tem que ser com a gente mesmo. E acima de tudo, nos deu a vida, o dom maior. Então, é preciso celebrar por ter recebido tanta coisa. E aqui estamos, pra celebrar a festa da vida. Na celebração de hoje, a homenagem é dedicada a Orixalá, conforme ele é conhecido na África, até hoje. O nome mais conhecido aqui é Oxalá. A palavra é diferente, mas o *Orixá* é o mesmo. Orixalá que dizer *Orixá Nlá*, isto é, *Orixá* Maior. Ele é o *Orixá* da Paz, senhor das nuvens, dono do Alá, o imenso pano branco que nos recebe e nos protege contra as mazelas do mundo e da escuridão. Orixalá é o pai do silêncio, da calma, da tranquilidade. E eu vou contar para vocês uma das muitas histórias sobre esse *Orixá*. É a história é o seguinte: *A viagem de Orixalá*. Uma viagem que ele fez a Oyó, pra visitar seu filho Xangô, o rei daquele lugar. Contam os mais velhos...

E com voz pausada e firme, Mãe Dara Mujina era a própria ancestralidade narrando. Não se ouvia outro som, a não ser o da memória, agora se fazendo concreta pela voz da ialorixá[18].



A VIAGEM DE ORIXALÁ

Orixalá não é dado a se movimentar muito. Foi por isso que acharam estranho, quando souberam que ele estava planejando uma viagem pra Oyó. Ele sentia falta de seu filho Xangô. Queria porque queria fazer aquela viagem. Aí, ele resolveu fazer uma consulta com Orumilá. A consulta até que foi boa, mas teve uma coisa: Orumilá recomendou que ele não fizesse a viagem naquela ocasião. A estrada estava com fome e, quando isso acontece, a gente não deve viajar.

18 O Manuscrito a seguir é da própria larera da Mãe Dara Mujina, enviado a nós posteriormente.

Orixalá não ficou satisfeito e insistiu com Orumilá para ele jogar o opelé de novo. Ele queria saber se tinha alguma maneira dele fazer a viagem. Então, Orumilá jogou, viu e recomendou:

– Se o senhor fizer esta viagem, não atenda a pedido de pessoa nenhuma que o senhor encontrar no caminho. Também, leve três pedaços de sabão e três mudas de roupas limpa. Mesmo assim, é melhor adiar a viagem...

Orixalá agradeceu e se retirou. Estava decidido fazer a viagem. Preparava visitar Xangô. Já estava cansado de matar a saudade no peito.

As coisas de Orixalá só começam antes do sol raiar. Ele se pôs na estrada de manhãzinha, bem cedo, e lá se foi, sem pressa, apoiado no seu opaxorô. De repente, alguém apareceu no sentido contrário. E quando o desconhecido se aproximou, saudou Orixalá:

– Salve, Senhor da Paciência! Que faz por aqui?

A cortesia pegou Orixalá de supresa. Aí, ele respondeu assim:

– Vou para Opô, Ioiô, fazer uma visita a Xangô.

O homem, então, pediu a Orixalá que ele lhe ajudasse a descer um saco que trazia nas costas. Orixalá não se fez de rogado. Tinha se esquecido da recomendação de Orumilá e ajudou o

desconhecido. Então, dando uma gargalhada zombeteira, o homem despejou o que tinha no saco por cima de Orixalá. Era carvão. O desconhecido era Exu. Ele gosta de pregar peças e se divertir com o vexame dos outros. Foi aí que Orixalá se lembrou do aviso de Orumilá, mas já era tarde.

Calado e reservado como ele só, Orixalá procurou um riacho ali por perto. Lavou a roupa suja, tomou banho e trocou roupa limpa. Não se queixou, nem se maldisse. Resolveu pernoitar por ali mesmo e cochilou até a madrugada.

Quando amanheceu o segundo dia, ele já estava no caminho. Lá, por volta do meio dia, Orixalá avistou alguém que vinha em sentido contrário. Era outro homem. O estranho se aproximou e saudou Orixalá:

– Salve, Senhor do Silêncio! Que faz por aqui?

Sabe como é: a cortesia serve para esconder a falsidade e tem gente que cai direitinho na cilada. Orixalá respondeu:

– Nobre senhor, faz muito tempo não vejo meu filho. Então, estou indo pra Opô fazer uma surpresa a ele.

Aí, o homem pediu que Orixalá lhe ajudasse a descer um barril que trazia nas costas. E outra vez se esquecendo do conselho de Orumilá, lá se foi Orixalá prestar ajuda ao desconhecido. Aí, então, o homem abriu o barril e

derramou dendê por cima de Orixalá: desabando na gargalhada. Claro: o homem era Exu, aquele que gosta da zombaria. Orixalá, então, atinou na recomendação de Orumilá, mas já era tarde. Tornou a guardar silêncio e recolhimento e foi lavar a sua roupa. Tornou a tomar banho e vestiu roupa limpa. E como sempre, não reclamou da sorte.

No terceiro dia Orixalá acordou antes dos passarinhos. Quando o sol surgiu, ele já tinha caminhado bastante. A estrada começou a ficar movimentada. Era sinal de que Opô estava perto. De repente, apareceu um homem carregando um fardo enorme nos ombros. Parou junto a Orixalá, fez rapapé de saudação e disse assim:

– Salve, Senhor das Nuvens que Cobrem o Mundo! O que faz por estas bandas?

Orixalá até desconfiou e pensou consigo mesmo: "Interessante, este homem sabe quem sou eu, mas eu não sei quem ele é..." Mas afastou o pensamento e respondeu:

– Vou para Opô, moço honrado, fazer uma visita a Xangô meu filho. O senhor sabe quem é ele?

– Mas é claro que sei. O grande rei, que senta no trono do pilão e que solta fogo pela boca, quando fala. Nesse ponto, até que somos parecidos. Mas temos lá nossas diferenças... Mas eu queria mesmo é que o senhor me ajudasse a descer esse fardo dos meus ombros, porque já estou muito cansado.

Orixalá não se fez de rogado. De novo, ele se esqueceu da recomendação de Orumilá. E lá se foi ajudar o homem. Mas que depressa, o homem rasgou o saco e despejou todo o sal que carregava no fardo por cima de Orixalá. Todo mundo já sabe: o homem era Exu outra vez. E ele se diverte com quem se engana. E soltando gargalhadas. Exu sumiu no caminho.

Lá se foi Orixalá cuidar de si, como sempre, sem se lamentar. Lavou as roupas e tomou banho. Quando já estava se vestindo, Orixalá viu um cavalo branco muito bonito pastando, arrastando a rédea pelo chão. Aí, Orixalá reconheceu que era o cavalo de Xangô. Esse cavalo tinha sido um presente que ele mesmo deu ao filho, já fazia tempo. E disse para si mesmo: "Que beleza! Vou fazer duas surpresas: uma, a minha visita; a outra entregar o cavalo que deve ter fugido do palácio". Se aproximou do cavalo com muito cuidado, até que segurou a rédea. E lá se foi Orixalá conduzindo o cavalo, para surpreender Xangô.

Nisso, a polícia apareceu e foi logo confundindo Orixalá com um ladrão de cavalos. Nem sequer perguntou qualquer coisa a ele. A polícia deu uma surra de pau em Orixalá, deixando ele todo quebrado. Depois, amarraram e levaram ele para a prisão.

O tempo foi passando e durante sete anos Orixalá continuou um prisioneiro esquecido. Seu corpo agora estava meio deformado por causa dos ossos quebrados. Foram sete anos de silêncio.

Vai daí que o reino de Opó começou a passar por coisas horríveis. A seca destruiu toda a plantação. As mulheres não pariam mais. O povo morria de sede. O clamor do povo era tanto que parecia até o trovão. Aí Xangô resolveu consultar Orumilá. Na consulta, Orumilá disse que uma maldição estava acabando com o reino. Tudo estava acontecendo porque um prisioneiro padecia inocente na prisão. E olhe que a prisão de Opó era feita em buracos no chão, tampados com um gradeado de madeira forte. Quem lá entrava dificilmente voltava com vida.

Xangô ficou horrorizado e mandou seus ordenanças vasculharem todas as prisões de Opó. Era preciso saber de cada preso. Foi aí que descobriram que um dos presos era Orixalá, que padecia inocente. Quando ficou sabendo disso, Xangô mandou que todo mundo no reino lavasse suas casas e o palácio. E todos deviam se trajar de branco. Além disso, todos

deviam ir em procissão buscar Orixalá. Era preciso trazer ele num andor e levar ele para o palácio. Ia ser servido um banquete de desagravo, em sua homenagem.

E na festa foi oferecido o Pelão. Foi um banquete preparado com muito inhame e várias espécies de alimentos brancos. Tudo sem sal e sem dendê, porque Orixalá não suporta essas coisas. Pombo, então, nem se fala, teve com fartura. Todos comeram juntos, rezaram, cantaram e dançaram, celebrando a vida. Era a garantia de que tudo ia voltar ao normal no reino de Ofó. Dito e feito.

E no meio da festa perguntaram a Orixalá o que ele achava de tudo aquilo. E ele respondeu, na maior tranquilidade do mundo:

Pois é: A glória cabe apenas a quem se dispõe enfrentar a si mesmo.

A cada segmento narrado, eu era arrebatado mais ainda por aquela história. A decisão de Orixalá em fazer a viagem, apesar de o oráculo predizer proibições para a realização do intento. Os obstáculos encontrados pelo caminho. A frustração total da viagem. A prisão de Orixalá, que foi confundido com um ladrão de cavalos. Os sete anos de prisão, abandono e esquecimento. Até o resgate final, quando o equívoco foi desfeito e a sua realeza recuperada, tudo terminando numa grande festa em sua homenagem, oferecida por Xangô. E o mais importante da narrativa: a lição de ética e de moral que se aprende a partir da narrativa. Sei que não estou repetindo a narrativa com o mesmo brilho e intensidade que Mãe Dara Mujina imprimiu no seu contar. A palavra escrita tem seus limites.

E à proporção que ela contava, a história ia penetrando em mim, me pondo em contato comigo mesmo, com as agonias de minha alma de escritor. Fui interrompido nas minhas elucubrações por uma prolongada salva de palmas da assistência a Mãe Dara Mujina, quando ela pronunciou a última sentença da narrativa:

– Pois é: A glória cabe apenas a quem se dispõe enfrentar a si mesmo.

Naquele mito narrado, estavam muitos indicativos para as respostas que eu buscava. Para mim, para minha trajetória, para o final de minha passagem por aqui (que não está tão distante assim), para a ordem que recebi de Sagitário, para a elaboração do livro, que há tempos não me deixava sequer dormir em paz.

A um gesto de Mãe Dara, a orquestra desenvolveu um toque de ritmo apressado e uma grande roda se formou em torno de um mastro central. A dança executada era rápida, ligeira e hipnotizante. De repente, várias pessoas começavam a cambalear, rodopiar vigorosamente, os corpos trepidando em tremores sucessivos. É claro que apelei para Dina. Ela agora era minha consultora para assuntos de Candomblé. Não se fez de rogada.

– É a dança do *adarrun*. É uma espécie da invocação aos *Orixás*, para eles virem participar da festa. Sem a presença deles, nada feito.

Várias pessoas caíam em transe. Os demais participantes, os que não entravam nesse estado alterado de consciência, passaram a dar um apoio logístico. Para todos os que participavam daquele terreiro, tratava-se da manifestação dos *Orixás*. Os manifestados eram assistidos, no mínimo, por duas pessoas. Todos gritavam saudações, que deveriam ser em nagô, suponho, mas eu não consegui sacar as palavras. Contei: eram dezesseis pessoas em transe. Outra vez, aquele número... De repente, formou-se uma fila que foi saindo pela porta do fundo do salão em direção a quartos interiores. A fila se retirava de costas. Outra vez, Dina com a palavra:

– *Orixá* não volta as costas para os humanos. Isso seria rompimento da relação sagrada. Como a palavra de *Orixá* não volta atrás, se ele der as costas, não haverá retorno.

– Dina, você está notando? São exatamente dezesseis pessoas em transe...

– Para nós, pode ser uma coisa aleatória. Mas para essa comunidade, nada é aleatório, nada acontece por acaso, pois o universo, para eles, funciona em rede. Profissionalmente, sempre interpretei

o mundo por um diagrama arbóreo, muito embora não abra mão dessa outra possibilidade também, sempre que se faz necessário.

– Como é que você sabe tanta coisa sobre terreiro, Dina? Nunca lhe vi lendo ou discutindo tais assuntos.

– Agora foi que deu... Pois se você nunca presta atenção nas pessoas... Se você sempre se julga o umbigo do mundo... Minha avó Idália foi mãe de santo. Minha mãe não quis seguir esse caminho, mas eu fui criada, até os doze anos dentro do terreiro de minha avó. Eu sou cabeça de Iroko, meu caro, eu sou a árvore sagrada que faz a ligação entre o céu e a terra. Fui iniciada aos sete anos de idade...

Não. A terra não me tremeu nos pés. Eu é que tremi em cima da terra. Nunca me senti aluno tão primário. Nesses últimos tempos eu vinha me sentindo como se o mundo estivesse me tratando aos coices. Agora, eu era criança indefesa, dando de frente com o desafio de aprender o ABC. Deve ser essa a humildade que Orixalá assumiu, quando foi recolhido à prisão de Oyó. Agora, eu me dava conta: na matriz que Mãe Dara Mujina me entregou, naquele dia de sua visita a nosso apartamento, lá estava o nome de Dina relacionado ao *Orixá* Iroko. Eu não dei importância a esse detalhe. Nem sequer procurei informações sobre Iroko. No meio daquele oceano de descobertas, o que me impediu, talvez, até de uma síncope, foi algo que aconteceu de imediato. As saudações ficaram mais intensas, e quando eu vi, Mãe Dara Mujina estava caindo em transe, sendo amparada por várias pessoas da roda. Dina me beliscou e me segredou ao ouvido:

– Pronto, criatura. Orixalá acaba de se manifestar. Se prepare para as emoções mais fortes. Seu livro agora sai...

Aquilo não era possível. Em que parte da psicanalista freudiana aquela Dina estava escondida para mim, há mais de 25 anos? Será que estava escondida mesmo? Ou fui eu um incompetente para vislumbrá-la no nosso cotidiano? Logo eu, que comecei esta narrativa afirmando: "depois de vinte e cinco anos de um excelente casamento, acabo de descobrir que nunca deveria ter me casado." Como fico eu agora, perante mim mesmo? Quem sou eu? O que é que eu estou fazendo aqui? Lá de dentro, emanou uma centelha: Não sou um ser fictício. Sou sagitariano, personagem ficcionado, narrador-escritor, buscando a matéria-prima para escrever um livro, querendo obedecer a uma ordem dada por Sagitário, advogado, marido, pai, filho de Oxóssi, tendo o *Odu Iká* como patrono, querendo domar um cavalo selvagem que sou eu mesmo...

Mãe Dara agora era Orixalá, dobrado ao meio, sob uma enorme

toalha branca suspensa sobre ele, pelos filhos ao seu redor. Aquela toalha... o Alá da Paz, símbolo do acolhimento. Na mente, a lembrança de um hino católico que eu ouvi durante uma missa em louvor ao padroeiro de minha terra, ainda nos tempos de minha adolescência:

Eu adorarei
ao Deus da minha vida
que me recebeu
sem nenhuma explicação

Espírito, espírito
que desce como fogo
retorna em Pentecostes
e toma-me de novo

Orixalá foi conduzido para o interior, saindo na mesma direção dos outros *Orixás* que o antecederam. Aquele dignatário do início avisou que haveria um intervalo, enquanto os *Orixás* recebiam seus paramentos e insígnias. Que todos e todas ficassem à vontade para circular pelo terreiro. Saímos vagarosamente, conforme cabe aos civilizados. Lá fora, todo o ambiente resplandecia com as luminárias acesas. Árvores, arbustos e plantas ornamentais embelezavam o terreiro. O cheiro da flor dos *nativos* deixava a atmosfera muito gostosa. Ali, respirar tornava-se um ato consciente e prazeroso. Uma enorme aroeira no meio da praça principal, carregada de sementes vermelhas, parecia a árvore de Javé no meio do Paraíso. Ali, porém, o fruto não era proibido.

As pessoas circulavam, se encontravam, se confraternizavam, se abraçavam. Os visitantes e convidados misturavam-se aos participantes do terreiro. Paolo estava em êxtase. Sua máquina fotográfica estava em frenesi. A cada foto, um comentário acerca do seu deslumbramento. Do outro lado da praça, Heitor conversava animadamente com participantes do terreiro, gravando falas e depoimentos. Dina se afastou e eu fiquei de conversa com padre Germano. Inevitavelmente, a conversa girou em torno do catolicismo frente às demais religiões, mormente aquela praticada no terreiro onde estávamos. Na verdade, ele padece sob o desafio de obedecer a Roma sem abrir mão de suas discordâncias. É ele quem consegue traduzir para o nosso grupo como é compreendida a questão da salvação no candomblé. Até mesmo eu, que sou agnóstico, me surpreendo com as ideias dele. Dizem que só vive tomando puxões

de orelha do bispo. O importante é que ele se sentia perfeitamente à vontade naquele ambiente. Então eu quis saber:

– Padre Germano, me admira muito este seu estar à vontade no terreiro, tendo em vista a sua formação católica e toda uma série de restrições que os católicos fazem às religiões vindas de certos lugares da África, com as pessoas que foram escravizadas.

– Acontece, Doutor Leo, que o senhor sabe muito pouco de mim. Na verdade, eu sou primo em segundo grau de Mãe Dara Mujina. Meus pais já são falecidos e eu sou filho único. Minha mãe era tia da mãe de Dara Mujina. Essa coisa de pertencer a terreiro faz parte da maioria de meus parentes maternos.

– É, padre Germano. Se eu não tomar cuidado, vou terminar enfartando hoje. É muita surpresa para um coração de setenta anos...

– Mas Doutor Leo, isso não se constitui novidade alguma. O caso é que o senhor não é muito ligado em saber das pessoas. Quem não pergunta não quer saber...

Nisso, a conversa foi interrompida pelo aviso:

– Atenção todos e todas! Vamos retornar ao salão? Os *Orixás* já estão prontos!

Uma sineta fazia soar um som agudo lá paras os interiores do salão. Retomamos nossos lugares na plateia. A orquestra vez retumbar uma música alegre. Tudo levava a crer que era uma espécie de louvação aos *Orixás* que adentravam o salão. Deixemos para Paolo apresentar e comentar a indumentária dos *Orixás*. Era simplesmente um espetáculo de leveza, bom gosto e brilho. Os *Orixás* deram uma volta completa pelo salão e todos pararam diante da orquestra. Eu não conseguia ver Justina no meio dos participantes do terreiro. Aliás, não era mais ela quem estava puxando os cânticos; era uma outra senhora.

Um outro cântico foi entoado e todos os *Orixás* dançaram juntos, dominando todo o salão agora. Eles se dirigiam aos presentes com gestos de uma saudação de acolhimento. Me incomodava não estar vendo Justina. Por isso, perguntei por ela a Dina, que respondeu laconicamente:

– Aguarde. Daqui a pouco, você vai vê-la. Aguarde...

Vários *Orixás* passaram por nós com gestos cordiais de saudação. Uma senhora, no entanto, estacou diante de mim. Estava ricamente adornada, portando na cabeça uma espécie de diadema brilhante, Uma espécie de véu a tapar-lhe o rosto, feito de contas bem miúdas e uma adaga curta na mão, com a qual ela esgrimia. Abriu

os braços para mim, num gesto amplo de quem pedia um abraço a um velho conhecido seu. Timidamente, eu também abri os braços e ela me envolveu com força e ternura. Há quanto tempo eu não experimentava aquela emoção: era o abraço de uma rainha, que agia igual a minha mãe. Sim, era um abraço de mãe. Inevitavelmente, minha emoção se derramou pelos olhos. Num último gesto, ela pousou delicadamente a adaga em minha testa. Depois, se afastou, sempre dançando, rodopiando. Todo aquele corpo manifestado era música, era dança, era movimento ritmado. Claro que eu quis saber de Dina:

– Quem é, Dina?

– É Oyá, também conhecida por Iansã, a Senhora das Tempestades, dona do fogo, da ventania, guerreira, dona do trovão, do raio, do corisco. Ela é a dona dos nove espaços do *Orun*.

Eu não sabia o que eram esses nove espaços, mas deixei para perguntar a Dina em outro momento. Mas eu quis saber de outra coisa:

– E a senhora que está manifestada? É quem?

– Olhe, não creio que você a conheça. Chama-se Justina e trabalha na casa de um advogado chamado Leonam...

Desabei no choro. Dina sabia como matar as pessoas. Fiquei até envergonhado, porque as pessoas mais próximas começaram a notar minha choradeira. Decididamente, senti que talvez a noite não terminasse sem que eu partisse para sempre. Era demais. Eu corria o risco de não suportar...

Fui arrancado de minha comoção por uma outra parte do ritual que estava começando: era o *xirê* propriamente dito, um conjunto de cânticos e danças, começando por Ogum e culminando com Orixalá. Agora, cada *Orixá* fazia sua dança individual. E aos poucos, a lógica do desenvolvimento do ritual ia fazendo sentido para mim. Aquilo era o teatro do sagrado, no qual história e memória eram narradas sob a forma de danças e cânticos acompanhados por uma orquestra muito peculiar. Comecei a perceber que a minha falta de entendimento do que estava sendo narrado vinha de eu querer compreender as palavras cantadas num linguajar que eu desconhecia. Abandonei essa ideia e comecei a prestar atenção redobrada na gestualidade e na melodia dos cânticos. De repente fui entendendo: a movimentação das águas correntes, o vaivém das ondas do mar, a agitação da tempestade, raios caindo do céu, o aguaceiro limpando as mazelas do mundo, a malhação do ferro em brasa no fabrico de ferramentas, acalento de recém- nascidos, a senioridade...

Quando chegou o momento da dança de Oyá, trouxeram uma espécie de gamela de barro repleta de pavios acesos, dos quais saíam chamas que se juntavam em labaredas. Uma das iniciadas retirou o diadema da cabeça de Justina e lhe entregou a fornalha improvisada. Justina agora era Oyá dançando os segredos do fogo, com a gamela na cabeça, num equilíbrio invejável. Com os braços agitando à sua frente, a gamela acesa e solta, na cabeça, Oyá rodopiava pelo salão. A dança era apenas acompanhada pelo som da orquestra, sem nenhum cântico. Os participantes do ritual gritavam uma espécie de saudação animadora: *Eparrei Oyá*! Justina agora era a deusa do fogo, da tempestade, da ventania. Todos dançavam em seus lugares, no círculo de pessoas que se formou. Deveria ser àquele fogo que Neusa sempre se referia, quando abordava o conhecimento da Astrologia. O fogo como força criadora da Natureza, que deu origem às galáxias, estrelas e planetas, e que ainda permanece no núcleo da Terra, dando-lhe sustentação. Transmutado, esse mesmo fogo continua a animar os corpos dos seres vivos. E quando ele se extingue, a vida se exaure também.

Os atos, se é que posso dizer assim, foram se sucedendo, até que chegou o momento dedicado a Orixalá, que foi o último a ser reverenciado. Uma *ekédi* estava portando um feixe de varetas listradas, atadas com uma faixa bordada, com um laçarote que chamava a atenção. Num brevíssimo intervalo da orquestra, a *ekédi* distribuiu as varetas entre vários componentes do terreiro. Nesse momento, as pessoas que receberam as varetas formaram duas filas, uma em frente à outra, cuja distância entre elas era de mais ou menos um braço. Foi entoado um cântico guerreiro e as pessoas começaram a bater suas varetas, acrescentando mais um tipo sonoro à orquestra que tocava animada. De repente a atitude das pessoas das duas filas mudou e elas começaram a golpear as varetas de seu antagonista. Ao tempo em que faziam isso, cantavam, dançava e rodopiavam para escapar dos golpes de seu suposto adversário. Depois, formaram um túnel, no qual os últimos entravam, e saíam na frente do túnel. Seguidamente, desmancharam o túnel e passaram a um suposto ato de se golpearem entre si e também aquelas pessoas que não portavam varetas, indo até o trono de Orixalá, onde ele também erguia uma vareta. Então eu perguntei a Dina:

– O que significa esta dança, Dina? É uma espécie de maculelê?

– Claro que não, criatura. Maculelê é uma espécie de terno, dança de praça pública, que tem origem no povo de Angola. Esta dança é a *guerra dos aquidavi*. É a guerra de Orixalá contra os invasores de seu reino.

Os que faziam a guerra, de repente, jogaram as suas varetas para longe. Ao som de um novo cântico, desenvolveu-se um momento profundo de confraternização, com abraços, bênçãos trocadas e sorrisos de alegria. Dina me segredou:

– Pronto. A briga acabou. Orixalá venceu a guerra.

Enquanto algumas pessoas recolhiam as varetas espalhadas, uma pequena fila adentrou pelo salão. As pessoas traziam bacias de ágata, ricamente adornadas com rosas brancas. À frente, um jovem possante carregava um pilão, enfeitado com uma faixa de tecido bordado em prata, cujas pontas formavam um laçarote engomado. Um rica toalha bordada foi estendida no chão, bem em frente ao trono onde Orixalá estava sentado, quase curvado sobre si mesmo. Acima dele, um pálio era sustentado por hastes prateadas em cada uma das pontas, seguras por quatro pessoas. Os objetos foram dispostos em cima da toalha. Orixalá segurava um longo bastão prateado, cheio de penduricalhos tiritantes. Uma das senhoras sentou-se num banquinho ao lado do pilão, sacudindo uma espécie de campânula. Todos os participantes do terreiro prostraram-se no chão, de bruços, com a testa apoiada sobre as mãos fechadas, que formavam uma espécie de apoio para a cabeça. Um cantochão solene foi entoado, acompanhado pela orquestra que agora executava, baixo, uma melodia suave, propícia ao recolhimento.

Uma cachoeira se derramava dentro de minha cabeça e no meu coração. A narrativa de Mãe Dara se transformava em um filme na minha mente. Era isso: *A viagem de Orixalá*, narrativa calcada no maravilhoso. Um maravilhoso tão bem arquitetado que se confunde com uma história que tenha realmente acontecido. Passou por minha cabeça um lampejo de entendimento sobre por que os católicos celebram a via-sacra. Eles têm apenas 12 estações, porque não construíram as outras quatro: a chegada de Jesus ao Céu; o seu encontro com o Pai; o momento em que ele reassumiu seu trono e a grande festa que deve ter sido para comemorar sua volta. Aquela narrativa da viagem de Orixalá deveria ter 16 pontos nevrálgicos e eu iria descobrir isso. Alguns já eram muito evidentes à primeira atenção: o desejo de Orixalá; a consulta a Orunmilá; o aviso de

que algo ruim poderia acontecer; a decisão de Orixalá; o percurso da viagem em seus momentos traumáticos; a sua prisão injusta; os sete anos de reclusão e tudo terminando com a *Festa do Pilão*. Oito pontos. Faltavam mais oito.

Palmas ritmadas me trouxeram de volta. As pessoas já tinham se levantado do chão. Um novo cântico e as pessoas se dirigiam ao trono de Orixalá, ajoelhavam-se, curvavam-se até tocar a testa no chão. Em seguida, a senhora que puxava os cânticos lhes entregava uma espécie de alimento retirado de dentro do pilão e disposto numa folha larga, de formato meio estrelado. As pessoas recebiam a folha e se retiravam de costas. Os visitantes também tiveram a sua vez de participar daquela espécie de comunhão. Quando chegou a minha vez, eu quis saber se poderia me aproximar mais um pouco de Orixalá. Um dos ogãs foi escalado para me acompanhar naquela façanha. Dina ficou admirada por causa de minha disposição. Subi os três degraus e fiquei de joelhos, frente a frente com Orixalá. Ali estava o Rei da Paz e, diante dele, um simples mortal que queria encontrar-se consigo mesmo. Minha voz, à revelia de mim, clamou:

– Senhor da Paz! Venho pedir-vos a bênção. Fazei com que eu possa domar o que precisa ser domado em mim. Lançai vossa Luz para que eu possa atinar em como realizar o que me determinei a fazer.

Para minha surpresa, Orixalá abriu os braços trêmulos e me envolveu no seu manto branco. Emitia uma espécie de som que não eram palavras, nem cântico. Era um murmúrio que me fazia estremecer. Aquela força, manifestada em Mãe Dara Mujina, transmitia segurança, consolo e proteção. Beijei-lhe as mãos e ele tocou minha testa com sua mão trêmula. A paz tomou conta de mim.

Desci do tablado, de costas, enquanto as pessoas ajeitavam Orixalá no seu trono. Recebi minha folha e voltei para meu lugar. Dina estava chorando. Não dissemos nada um ao outro. Apenas nos abraçamos como nunca fizemos antes. Aquela espécie de comunhão foi feita em silêncio. Quando alguém precisava comunicar algo necessário, fazia isso quase murmurando ao ouvido do outro. Quando todos acabaram de comer, as *ekédis* ajudaram Orixalá a descer do trono e o trouxeram para a frente da orquestra. Os demais *Orixás* fizeram um círculo em torno dele, deixando espaço suficiente para ele se movimentar. Por fora do círculo formado pelos *Orixás*, os participantes formaram outros dois círculos. Aquilo

era uma mandala desenhada por divinos e humanos que formavam um conjunto único. Vozes potentes entoaram cânticos dedicados a Orixalá, louvando sua senioridade, seu silêncio, sua força e sua luz. Prestei bem atenção: foram dezesseis cânticos. No último cântico, todos se abraçavam, tanto as pessoas quanto os *Orixás*. Era um indicativo de que o ritual estava chegando ao fim e os *Orixás* começaram a se despedir. Bênçãos e mais abraços foram distribuídos até todos se fartarem.

Entoaram um cântico final que transcendia saudade. Os *Orixás* foram saindo de costas, em direção ao interior da casa. Orixalá foi o último que se retirou sob aplausos e vivas e mais saudações em nagô. Todos os participantes do terreiro formaram outra vez a grande roda, tal qual aconteceu no início. Esse momento foi breve e a orquestra silenciou. As pessoas permaneceram em seus lugares, até que foi dado um aviso pelo mesmo dignatário que abriu as solenidades:

– Recebam todas e todos os nossos sinceros agradecimentos. Vocês que deixaram suas casas, seus afazeres, para passar esses momentos conosco, recebam o penhor de nossa gratidão. Obrigado, mesmo.

Orixalá receba de nós todos
o eterno reconhecimento
e o penhor de nossa gratidão
por tudo que já recebemos até hoje.

Orixalá nos abençoe e nos guarde
com vida, saúde, paz, sossego e prosperidade.

Que não nos falte a roupa no corpo,
o calçado nos pés,
o alimento em cima da mesa,
o dinheiro no bolso,
e o amor no coação.

Orixalá livre a nós todos
do fogo ardente,
da água corrente
e da língua de má gente.
Orixalá nos livre dos olhos grossos,
dos olhares de inveja e de ciúme.
Orixalá nos livre

dos falsos amigos,
das doenças contagiosas e das pessoas violentas.
Orixalá nos livre da tentação das horas abertas.

Orixalá abençoe nossos lares,
nossas casas e residências.
Abençoe nossas famílias, parentes e aderentes.
Orixalá abençoe nossos inimigos,
para que eles se esqueçam de nós.

Orixalá seja misericordioso
com os que precisam de luz.
Que tenha misericórdia
dos abandonados de si mesmos,
dos que estão na sarjeta,
dos que padecem fome e sede de justiça.
Orixalá tenha misericórdia
dos hospitalizados
e dos encarcerados.

Orixalá derrame luz
sobre os que estão partindo deste planeta.
Orixalá abençoe os que estão chegando à existência.
Orixalá abençoe este bairro, esta cidade, esta região.
Orixalá abençoe nosso Estado e nossa Nação.
Orixalá dê a paz ao mundo,
no coração dos homens, das mulheres e das crianças.
Orixalá nos abençoe e nos guarde.

A cada frase pronunciada pelo dignatário, o coro dos presentes afirmava em voz alta: "Axé!" Após o último verso, seguiu-se uma saraivada de palmas e fogos espocaram no ar. *A Festa do Pilão* estava encerrada, e saímos do barracão.





O PACTO ENTRE AMIGOS

Quando chegamos ao refeitório, Renato nos conduziu até uma mesa muito ampla, que deveria ser resultante da junção de algumas mesas, a fim de que todos nós nos acomodássemos, e ainda sobravam uns três lugares. Estávamos todos visivelmente impressionados. Minhas condições eram de total emoção. Nós todos queríamos falar, expressar o quanto o coração tinha a dizer. Não era para falar de religião, africanidade, espiritualidade. Inevitavelmente, puxei o fio da conversa. Ainda com o pensamento toldado por aquilo que acabara de vivenciar, talvez uma ou outra coisa nem podem ser repetidas agora, uma vez que aquela atmosfera já passou. Muita coisa, porém, ainda continua na minha memória tal qual pedra de rumo. Começamos a comentar a festa, externando nossas opiniões, que iam se alternando.

– Vejam o tanto que a vida poderia ser bela, a existência prodigiosa, as relações humanas gratificantes e construtivas. De saída, uma coisa fica muita clara: os humanos necessitam vivenciar a dimensão espiritual, naquele sentido mais amplo e universal que tal termo possa conter, para bem longe de templos, igrejas e assemelhados. É justamente disso que precisamos: do transcendente, daquilo que ultrapassa as gerações, os séculos, as civilizações. O resto é picuinha da pequenez humana, que faz parte da gente em maior porção. Mas nos raros instantes em que conseguimos nos libertar da tacanhez, alcançamos vislumbres da universalidade, da grandeza da nossa origem e destinação, seja ela qual for.

– É desse êxtase que gozam os santos de Deus.

– Gente, e esse luxo embutido em simplicidade? Preciso escrever sobre isso. Olhe, o que já fiz de fotos. Vou construir uma narrativa imagética...

– Aqui, a construção do sujeito também passa pela dimensão da espiritualidade. Não se discutem teorias; vive-se o intrincado da alma humana pelos modelos míticos.

– Acabamos de assistir a uma narrativa calcada no maravilhoso. Apenas, em vez de ser escrita, foi teatralizada, incorporando o sagrado. Por isso, tudo foi tão majestoso.

– Pois é: em certas ocasiões, resta apenas expressar o óbvio, pois a forma necessária à expressão do novo ainda não foi inventada. Resta dizer: há mais coisas entre o céu e a terra... Do resto, vocês já sabem.

– Quando a humanidade abandonou a ritualização cotidiana da existência e deixou isso apenas restrito aos momentos religiosos nos templos, a beleza se contraiu. Em seu lugar, foram desenvolvidas relações de poder temporal. O que acabamos de presenciar recupera o ritual como reinvenção da vida. Daí ter nos tocado tanto.

– Essa é a importância da descoberta das Américas e as culturas desenvolvidas com o seu descobrimento. A Idade Média tinha esgotado a Europa com as práticas religiosas que separavam o homem de Deus. É por isso que os europeus ficam enlouquecidos pelo que acontece aqui. O sagrado faz parte até do profano. Dizem que o que caracteriza este país é a mistura. Não é verdade. Não é a mistura. É porque aqui, a maioria das coisas se junta, cada coisa preservando sua própria identidade. Aquela festa de Iemanjá, por exemplo, no Rio Vermelho. Mas para perceber isso, é preciso saber sentir.

– É verdade. Porém é preciso muito cuidado, pois uma análise resultante apenas da observação pelo ângulo da razão, na certa não revelará de modo eficaz a consistência dos argumentos. Há coisas que somente o *Sentimento* poderá dar conta.

– Gente... E toda essa ambientação... A riqueza de tanta planta, árvores, flores. A gente sente uma outra aura espalhada no ar. O contraste do branco das edificações com o verde da paisagem... Tudo, tudo muito acolhedor.

– E pensar que tudo isso vem de um povo espoliado, perseguido, sofrido, destituído do pátrio poder, rejeitado e arrancado à força do meio dos seus, para se tornar escravo a ferro e fogo...

Fomos interrompidos pelo alegre "boa noite" de Mãe Dara Mujina. Ela mesma arrastou uma cadeira e chegou-se a nós. Não pude deixar de comentar:

– Mãe Dara! O que é isso, criatura? Estamos todos em êxtase. São

tantas as coisas que queríamos saber... Sei que não adianta perguntar, pois certas coisas só fazem sentido se forem vivenciadas. As descrições e as narrações são apenas um borrão do que a vivência pode proporcionar. Nunca imaginei que terreiro de candomblé fosse isso que acabamos de presenciar, do que estamos vendo e vivendo aqui.

– Pois é, Doutor Leo e todos que estão me ouvindo. Sabem por que Cristo foi crucificado? Desculpe, viu, Padre Germano. Não foi pelo que ele disse ou fez. Foi pelo que disseram que ele fez e disse, sem nunca ele ter feito ou dito. Neste mundo, tem testemunha pra tudo. Principalmente para o que nunca foi dito, nem feito. Aliás, até mesmo para aquilo que nunca foi pensado. Gente que nunca pisou num terreiro, que nunca conversou com um de nós, diz coisas horríveis sobre nós. Aproveitam algumas práticas de certas pessoas embusteiras, e tome-lhe calúnia espalhada por cima de todos.

Nisso, Mãe Dara chamou alguém que ia passando e mandou que chamasse Renato e Justina. Aproveitei o intervalo de fala e puxei um outro assunto.

– Sabe, Mãe Dara, aquela história de Orixalá, que a senhora nos contou ainda há pouco, é uma das mais belas narrativas que já ouvi. Não só o desenrolar dos acontecimentos, mas também o seu jeito de contar. Enquanto a senhora contava, uma coisa ia se clareando na minha cabeça. Aquela história vai ser a espinha dorsal do livro. É aquilo, Mãe Dara: o enfrentamento de si mesmo. Depois, as coisas vão ficar mais claras. Outra coisa: tenho certeza que presenciar aquele ritual, tudo o que foi vivenciado naquele salão provocou, em cada um de nós, vivência diferente. Em mim mesmo, não sei se por força da idade, me despertou a necessidade de uma viagem pelos caminhos da fé. Há muita gente que generaliza essa questão, imaginando que só possa existir fé no sentido religioso. Para mim, a fé é independente das peias da religião. Os que têm fé, diante de um desafio, dizem a si mesmos: "Vai dar certo, tem que dar certo!" Isso é fé. Agora, isso não impede que a fé também incorpore a dimensão do espiritual, do religioso, mas isso aí já é outra coisa. Lembra-se da minha consulta, quando em conversa a senhora me disse que eu não acreditava em nada? E o que eu lhe respondi? "Não, Mãe Dara, não é bem assim, não creioooo!" Agora, não creio num Deus milagreiro, nem muito menos num Demônio com chifres, asas de morcego etc. Nem muito menos no receituário de um livro que fornece fórmulas para a salvação. Isso

é reduzir a glória do divino ao ridículo da imaginação redutora de certos humanos.

Minha dissertação – eu e minhas manias, mas Dina estava divina hoje – foi interrompida pela chegada de Renato e Justina. Enquanto as saudações de praxe e manifestações de alegria eram expressas, Mãe Dara Mujina pediu licença para ir ao encontro de outros visitantes. Inevitavelmente, Justina se tornou o foco das atenções. Não pude deixar de exclamar:

– Justina! Justina de Deus!

– Oxente! E eu sou de Deus? Até agora eu sabia que eu sou de Oyá. De Deus, estou sabendo agora...

– Me deixe beijar as suas mãos, Justina de Oyá!

– Pronto! Lá vem ele adivinhando passarinho verde. O que foi agora, homem? Não me faça dizer aquelas coisas.

Todo mundo se acabava de rir com o meu diálogo com Justina. Continuei com minha enxurrada de observações:

– Olhe, Justina, estou pasmo.

– Vixe, danou-se. Então, *nêgo* saia de baixo...

– Não é nada disso, você sabe... Justina, a sua manifestação, a dança de seu *Orixá* são coisas antológicas.

– Oyá, minha mãe, o que é isso?

– Ah, Justina, coisas que nenhum escritor pode imaginar. Uma das coisas mais lindas que já vi. *A Dança do Fogo*, então, Justina. O que é aquilo, minha gente?! Você é uma verdadeira bailarina, uma verdadeira deusa que, nas horas de folga, se assume Justina, a mulher simples do povo. Agora eu entendo porque você transformou meu sonho em palpite para o jogo de bicho, porque não queria me falar a verdade.

– Oh, mas é isso. Se eu dissesse a verdade, ia ofender o senhor. Deus me livre. Não foi melhor assim, o senhor descobrir por si próprio? Não foi bom o palpite? Ganhamos um dinheirinho. E ganhar é sempre muito bom. Menos porrada...

Nisso, alguém do grupo perguntou alguma coisa a Justina e ela se deslocou para o outro extremo da mesa. Aproveitei e me dirigi a Renato:

– E você, Renatinho? Aí, todo formoso, vestido de príncipe...

– Príncipe? Eu? A feiura e a boniteza estão nos olhos de quem vê, Doutor Leo.

– Então, Renato, como é que você começou a fazer parte deste grupo?

– Ah, Doutor Leo, é uma história tão comprida... Eu cheguei aqui desenganado pelos médicos. Graças a Deus, a Olorokê, a Orixalá e a minha Mãe Dara Mujina, estou eu aqui, vivo e são.

– Taí, Renato, acaba de me ocorrer uma ideia: uma entrevista. Eu entrevisto você, gravo sua fala, alguém transforma em escrita, e aí já teremos uma seção do livro. Que acha disso?

– O senhor, que entende dessas coisas, é quem sabe. Mas pode contar comigo.

– Pronto, já temos uma seção do livro. Falta agora bolar o roteiro da entrevista e os assuntos a serem abordados.

Heitor quis saber:

– E como faremos com Mãe Dara Mujina?

– Heitor, você acaba de me cobrir de elogios?

– Como assim? Não estou entendendo...

– Você não notou? Você disse: "Como faremos?" Isso significa que consegui assumir uma postura democrática a ponto de o livro já ser considerado *nosso*. Bola na caçapa.

– Ai, que bom. Eu também tenho parte nisso. Quando conversei com você, papai, se lembra? Sugeri que o livro talvez se fizesse numa organização de textos.

– É verdade, Neusa. Você foi brilhante com essa sugestão. Mas um tantinho também se deve a mim. Eu poderia não ter aceitado a sugestão. Mas sobre a participação de Mãe Dara, foi a primeira situação a ser resolvida. A parte dela será aquela narrativa que ela contou no salão.

Nivaldo acrescentou:

– Talvez fosse bom também que ela acrescentasse uma opinião sobre aquela lição de moral que encerra a história: **A glória cabe apenas a quem se dispõe enfrentar a si mesmo**.

– Taí, Nivaldo, brilhante! Resolvido. Mas creio que nós deveríamos nos reunir depois, para clarear as ideias. Estou pensando numa coletânea de textos, ou coisa que o valha. Sendo que cada um de nós escreveria o resultado de sua própria experiência na participação desta *Festa do Pilão*. Que acham?

Fez-se um silêncio digno de Orixalá. Arnaldo rompeu o gelo:

– Como assim? Textos acadêmicos?

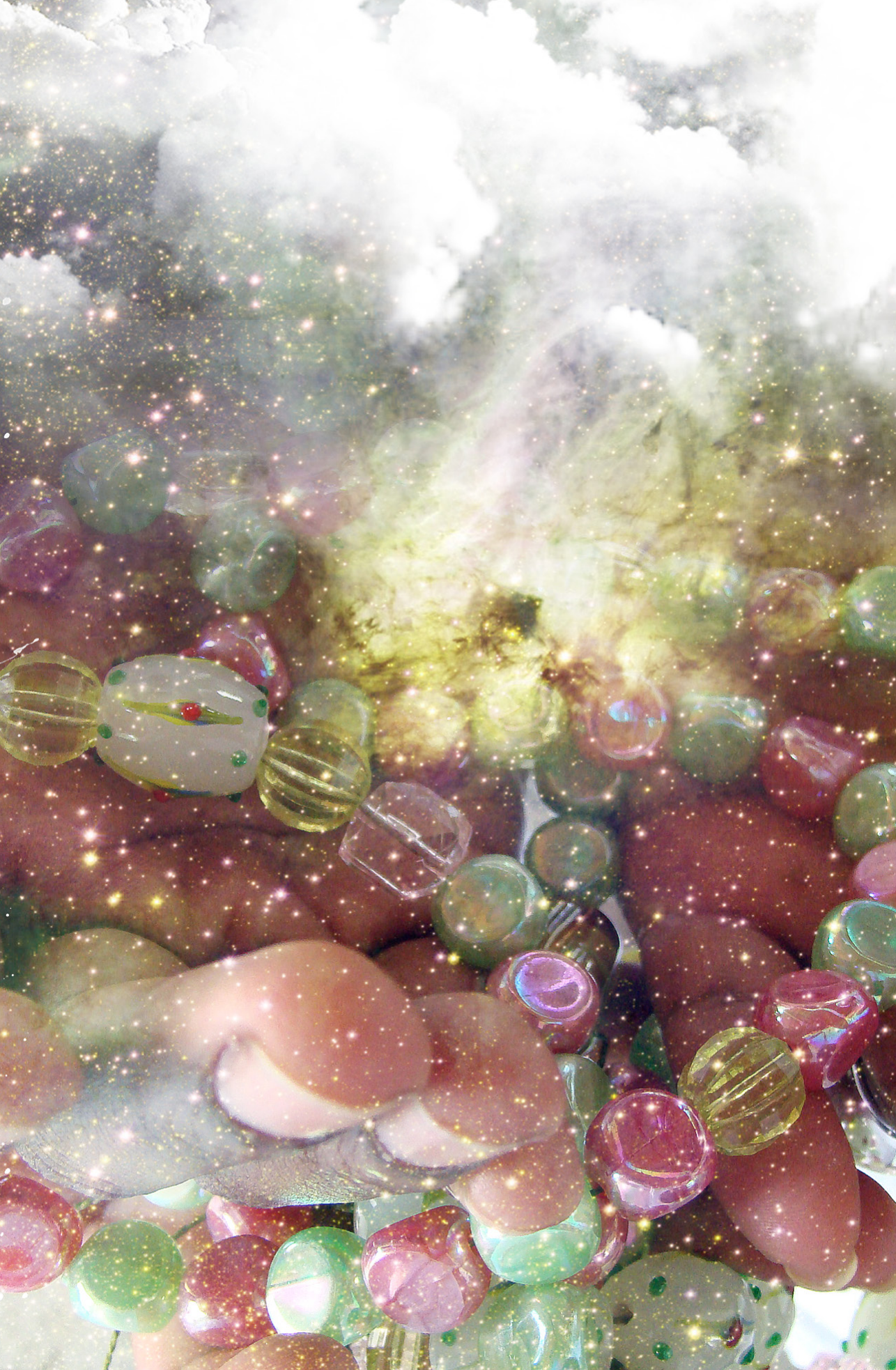
– A princípio, não. Este é o desafio a que precisamos responder: atinar no modelo que queremos. Que tal um almoço lá em casa para discutirmos a questão? Topam? Pode ser, Dina?

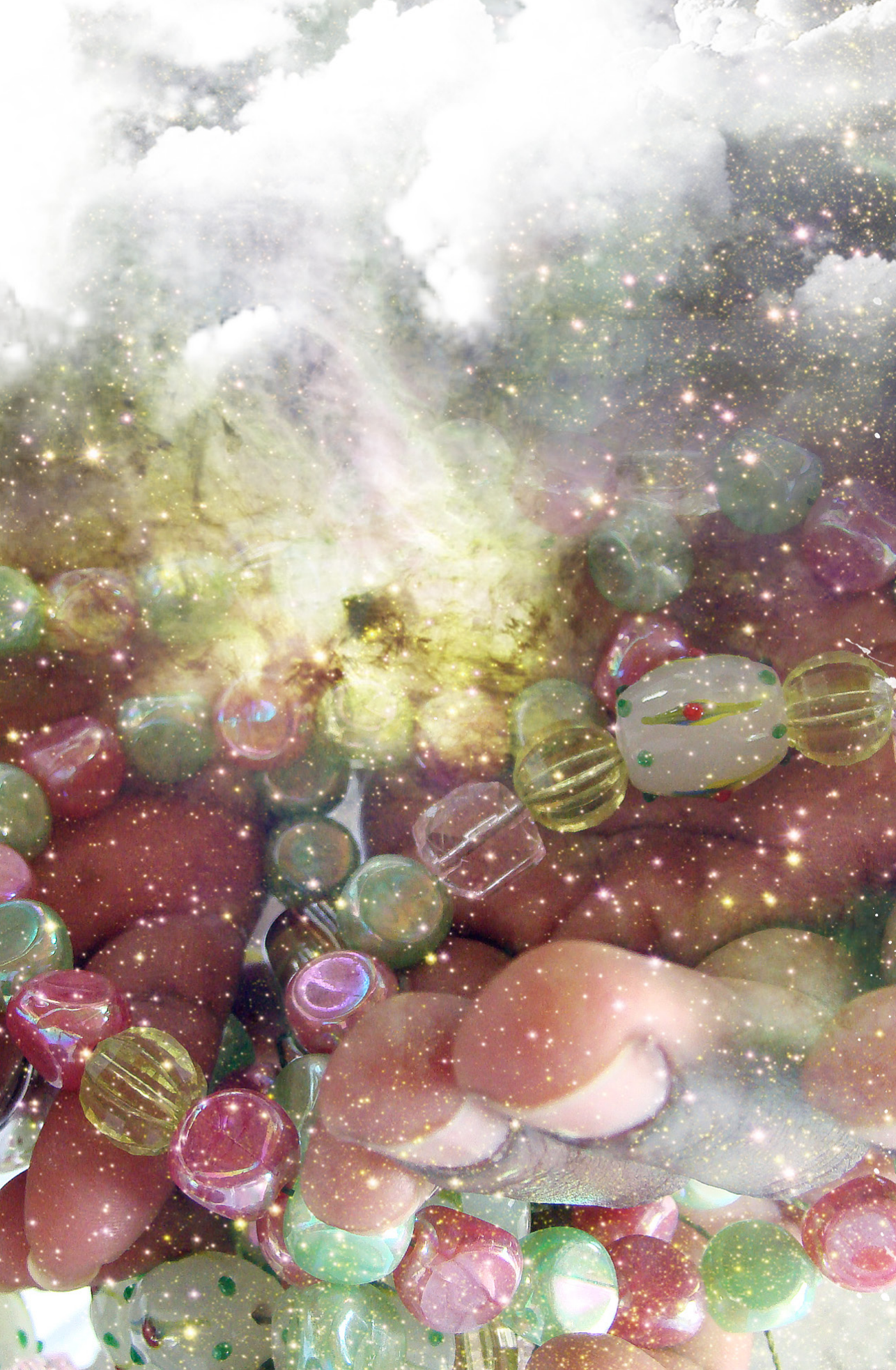
– Claro. Mas preciso de uma semana para organizar tudo. Que tal domingo que vem, a partir do meio-dia?

– Por que não às dez, com almoço às catorze?

– Pode ser.

Todos concordaram. Nisso, Mãe Dara voltou a se integrar a nosso grupo e se informou sobre as novas decisões. Ela nos sugeriu que nos dirigíssemos às mesas de alimentação. Paramos a conversa para comer. Daí em diante, a conversa derivou para eventualidades até o momento das despedidas. Saímos renovados do terreiro, cada um a seu modo. Renato e Justina permaneceram por lá. Haveria uma semana de longa espera.





O HOLOGRAMA ENCALACRADO

No dia seguinte, apesar de ser uma segunda-feira, acordei no meio da tarde. A avalanche de emoção da noite anterior me deixou amarrotado por dentro e por fora. Fiquei sem vontade de falar e de conversar. Passei o resto da tarde guardando o silêncio de Orixalá. É um excelente agente de apaziguamento interior. Repõe as emoções nos seus devidos lugares e dimensões. Fui ao escritório e retirei da estante, aleatoriamente, um volume: *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves[19]. Um belo livro, sem dúvida. Muito bem urdido no lusco-fusco, entre a fantasia e a realidade. Retomei a última página, justamente nos três últimos períodos:

> Será que você acredita em tudo que acabei de contar? Espero que sim, já me sinto feliz por ter conseguido chegar até onde queria. E talvez, num último gesto de misericórdia, qualquer desses deuses dos homens me permita subir ao convés para respirar os ares do Brasil e te abençoar pela última vez.

Ah, o verbo *acreditar*... É isso que se busca pela vida a fora: acreditar. Acreditar nos outros que dizem acreditar em nós. E quando essa relação se rompe, estabelece-se a raiva, a mágoa, o ódio, o sentimento de vingança ou, até mesmo, o desejo de matar. Quem já ouviu um "não acredito mais em você" sabe daquilo a que estou me referindo. Por sua vez, chegar até onde se queria chegar é vivenciar ondas de endorfina. Quanto aos deuses dos homens e à possibilidade de um último gesto de misericórdia de um deles isso não se constitui uma confissão de fé. É expressão sutil de um agnosticismo refinado, maduro,

19 GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record. 2008.

de apurado gosto estético. "Subir ao convés para respirar os ares" é o sonho inquieto de toda alma sufocada. Coloquei o livro sobre a mesa, enquanto o pensamento jogava malabares. Relembrei a trajetória de Kehinde, a protagonista da história narrada por Ana Maria. Aliás, pela própria Kehinde. Enquanto ela escreveu uma longa carta, eu escrevo um tumultuado livro. Outra diferença enorme: Kehinde não se meteu a escritora. E isso tem se constituído no meu *Monte da Caveira*.

Passei o resto da semana lendo, relendo, anotando e, principalmente, organizando a pauta da reunião marcada para o próximo domingo, até que aquele dia chegou.

Mãe Dara Mujina foi a primeira a falar:

– Conforme todos aqui sabem, tenho minhas crenças. E conforme aquilo que eu creio, não se deve fazer nada sem que se peça licença. Então, vou fazer o que sei. Vou cantar uma louvação ao axé, pedindo licença. Nisso, ela foi acompanhada por Renato e Dina. Sempre Dina me surpreendendo. Ou será que, finalmente, eu estou aprendendo a prestar atenção nas pessoas? Padre Germano invejou e quis fazer também uma bendição. Desconfio que meus amigos querem me *salvar*.

Padre Germano leu o *Salmo 23*:

> O SENHOR é o meu pastor, nada me faltará.
> Deitar-me faz em verdes pastos, guia-me mansamente a águas tranqüilas.
> Refrigera a minha alma; guia-me pelas veredas da justiça, por amor do seu nome.
> Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me consolam.
> Preparas uma mesa perante mim na presença dos meus inimigos, unges a minha cabeça com óleo, o meu cálice transborda.
> Certamente que a bondade e a misericórdia me seguirão todos os dias da minha vida; e habitarei na casa do Senhor por longos dias.

Nisso, fomos interrompidos com a chegada de Justina, aliás, Mãe Justina. Era a própria trovoada adentrando o apartamento. Quando ela percebeu a presença de Mãe Dara, tomou um susto:

– Vixeee! Nem vi que Mãe já tinha chegado. Perdão! Okolofé, minha mãe! Cheguei atrasada, gente?

Acocorou-se diante de Mãe Dara e trocou com ela gestos da educação religiosa do candomblé. Quando acabou, eu me dirigi a ela, dizendo:

– Sua bênção, Mãe Justina.

– Oxente, gente! O mundo mudou de uma semana pra cá? Já virei até mãe...

– Não; não é uma brincadeira. É serio, mesmo. Depois do que eu presenciei no terreiro, nada será como dantes.

– Pronto! Agora é que eu estou perdida mesmo.

O grupo todo desandou a rir. Não sei se era motivado pelo estabanamento de Justina, ou se era pela minha nova atitude em relação a ela. Mãe Dara comentou:

– Eu gostei muito que vocês chamaram Justina também. Sabem por quê? Aqui está um grupo de dezesseis pessoas, o número dos *Odu-meji de Ifá*. Mas para meus mais velhos, o universo fechado não vai pra frente. Ele tem que ser aberto. Por isso, a gente diz que sempre tem mais um. A presença de Justina abre o que estava fechado em si mesmo. Em casa fechada, o vento não circula. E em água destilada, nem peixe sobrevive. Mesmo, Justina tem com ela algumas coisas muito especiais. Mas sobre isso, só ela mesma para falar, isto é, se ela achar conveniente. São coisas muito pessoais a respeito do *Odu* que ela traz. Isso, além dela ser cabeça de Oyá.

– E também é do signo de Sagitário...

Findas tais passagens, me pronunciei:

– Vamos começar? Comecemos, pois. Não, pelo livro. Ele será um produto. Vamos começar, então, por nós. Em primeiro lugar, temos aqui participantes de todos os signos do Zodíaco. Mas a maior quantidade é de sagitarianos. Um, dois, três, quatro, cinco, seis com Mãe Justina que, nos dizeres de Mãe Dara, impede de esse nosso universo cair em entropia. Então, é Sagitário que dá o tom. Também, por uma dessas coisas que não se explicam, temos aqui um participante para cada um dos dezesseis *Odu-meji de Ifá*. Por outro lado, ainda temos o apoio de Dina, com o conhecimento que ela tem da Psicanálise, e de Neusa, com a Psicologia Analítica e a Astrologia. Nivaldo e eu também, sem falsa modéstia, damos conta das coisas da Literatura, da criação literária. Além disso, Mãe Dara Mujina nos confere algo de muito especial, o axé, essa força que dinamiza tudo, e a bênção dos Antepassados e dos *Orixás*. Não resta dúvida: um bom leque de ganchos dos quais podemos lançar mão. Aqui estão presentes portadores de conhecimentos dos mais

diversos ramos: Filosofia, Antropologia, Sociologia etc, passando por Catolicismo, Candomblé, e por aí vai. Não se trata de fazermos um livro de autoajuda. Nada contra tal gênero, mas se pudermos, com essas linguagens, oferecer alternativas para a construção do autoconhecimento, ou autointerpretação, não resta dúvida, estaremos prestando um bom serviço. Tem tanta gente precisando disso. Para tanto, porém, será necessário que cada um leia a si próprio. Não se trata de expor intimidades, bastidores, nada disso. Não seria uma caminhada pelo Verbo, nos dizeres do evangelista. Em vez disso, caminhar pelo Substantivo, como expressão de nossa humanidade:

> No princípio, era o Substantivo,
> e o Substantivo estava em mim,
> e o Substantivo sou eu.
> Eu sou Leonam.

Arnaldo e Padre Germano se acabaram em gargalhadas. Outros ficaram sobrando, sem entender a minha paródia, nem muito menos o motivo das gargalhadas dos dois. Quando as risadas cessaram, Nivaldo tirou um livro da mochila e comentou:

– Recebi, esta semana, um livro de presente, da professora Edeildes Sena Nunes, intitulado *Pelas trilhas da ficção*[20]*. Ela faz uma apreciação interpretativa, de excelente qualidade, do livro de João Ubaldo Ribeiro, Viva o povo brasileiro*. Não sei se vocês conhecem o livro de João Ubaldo. Mas não vem ao caso falar agora sobre isso. Devorei o livro de Edeildes. Muito bem escrito. Eu a conheci nos tempos em que nós ainda éramos estagiários na Universidade. Olha, o que essa mulher cresceu... Selecionei, aqui, uma passagem do livro, página 102. Ouçam o que ela escreveu. Segundo ela, a narrativa de João Ubaldo é uma ficção que (abre aspas) revela, através dos jogos da paródia, da ironia e do dialogismo "[...] o teatro das aparências que mascara o verdadeiro jogo da história, que se desenrola nos bastidores e nas estruturas ocultas" (fecha aspas). A citação que ela faz é de Jaques Le Goff[21]. Me parece que tais dizeres se encaixam perfeitamente naquilo que

20 NUNES, Edeildes Sena. **Pelas trilhas da ficção**: a memória invencível e a noção do nacional no romance Viva o povo brasileiro. Feira de Santana: UEFS, 2012.

21 LE GOFF, Jacques. **A nova história** (dir.). Trad. Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins, 1993.

buscamos aqui, se todos adotarem os esclarecimentos de Doutor Leo: **autoconhecimento sem as peias do teatro das aparências**. Creio que queremos desvelar, e não, mascarar. Salvo melhor juízo, como dizem os advogados. Não é Doutor Leo?

– É nesse sentido que fiz a paródia do Verbo e do Substantivo.

Padre Germano completou:

– Quer dizer, Doutor Leo, que para o senhor, enquanto o Verbo é da competência do Divino, o Substantivo é inerente à natureza humana. É isso? Mas o que seria o Substantivo?

Como não podia deixar de ser, Arnaldo fez valer seus tempos de professor de Filosofia:

– Panos para mangas. Assunto para seminários e congressos. Na verdade, Substantivo vem do latim *substantivus, a, um.* Significa o que designa a substância. É referente à substância. A substância tem qualidades substantivas. Aquilo que lhe é substancial, isto é, essencial. Daí ser necessário entender o que é Substância. E a discussão passa por Sócrates, Aristóteles etc, até os filósofos da Modernidade. Sumariamente, Substância é o princípio do ser, que é permanente, em oposição aos acidentes, que mudam. É a natureza de uma coisa, sua essência, que não coincide com a aparência. É o que é apto a existir em si e não em outro, e que se mantém permanente nas mudanças, servindo de suporte. Nesse sentido, se opõe ao acidente. Sua designação se constitui um substantivo.

Creusa rompeu o silêncio que a fala de Arnaldo impôs:

– Gente, se para entrar no livro for preciso entender tudo isso, vocês cometeram um engano, quando me convidaram.

Atalhei para remendar o estrago.

– Não; não é isso de maneira alguma. Essa conversa é apenas um derivativo. Agora, cada um vai puxar a brasa para sua sardinha, escrevendo sobre aquilo que domina. Se possível, acrescentar alguma interpretação de sua própria pessoa. Jean, que quase não fala, entrou na conversa:

– A gente podia desenhar um holograma do livro...

Mãe Justina trovejou:

– Vixe que coisa encalacrada. Não estou entendendo nada...

Aí, Paolo observou, do alto de sua sofisticação:

– Chique: juntar Jean com Justina. Europa e África. Exótico, culto, coisa de gente fina: *O holograma encalacrado...*

As risadas correram pela sala. Aproveitei de imediato a tirada de Paolo:

– Então, em homenagem a Jean, Mãe Justina e Paolo, vamos ao holograma encalacrado. Vamos desencalacrar o bicho. O livro será uma coletânea. E numa coletânea, os textos são independentes, embora tratem de um tema comum. Cada um de nós abordará o que quiser, dentro do tema geral. Por falar nisso, deixem-me fazer algumas considerações. Até anotei, para não esquecer, e tirei cópias para vocês. A cada item, o que vocês tiverem de comentar, acrescentar, mudar, ou até mesmo rejeitar, basta que se pronunciem. Vamos lá.

1. O trabalho buscará cumprir a ordem do Sagitário: "Escreva, escreva, escreva, escreva. E não se esqueça dos *Odu de Ifá*."

2. O tom sagitariano perpassará por todo o livro, mas *A viagem de Orixalá* será a espinha dorsal.

3. A obra terá quatro partes: são as quatro flechas que Sagitário deu ao organizador, no sonho. O organizador escreverá as duas partes iniciais, onde dará conta da busca do entendimento para escrever o livro; os participantes do grupo produzirão textos para a terceira parte; o organizador escreverá a quarta parte.

4. A parte de Renato: uma entrevista que será feita com ele.

5. A parte de Mãe Dara será o *itan*[22] que foi narrado no dia da *Festa do Pilão*, acompanhada por uma opinião dela sobre o enfrentamento de si mesmo.

6. O *itan* será dividido em dezesseis fragmentos, cada um deles atinente a um dos participantes. Precisamos, então, encontrar as dobraduras da narrativa.

7. Os participantes serão ordenados pelo número do *Odu* ao qual cada um esteja ligado. Nessa mesma ordem, também serão distribuídos os fragmentos do *itan*.

8. Faremos um levantamento prévio do tema a ser focado por parte de cada um.

9. Em cada texto, além do tema específico, haverá algumas abordagens comuns a todos:

a) um aspecto de Orixalá;

b) aspectos da consciência de si mesmo (signo, *Odu*, *Orixá*);

c) aspectos da relação do autor ou da autora com o grupo;

d) seu contato pessoal com o mito e em que isso resulta, originado da participação no ritual da *Festa do Pilão*. No caso de Renato, o organizador fará questões direcionadoras para que ele aborde

22 Cf. Neste volume: PARTE II – A ESTRADA, seção *O encontro no terreiro*. p. 100-105.

isso. É claro que será conforme o entendimento de Renato sobre tais aspectos. Quanto à parte de Mãe Dara, é suficiente um breve texto com sua opinião, sobre o enfrentamento de si mesmo, uma vez que registrei o *itan* que ela narrou, em uma das partes que escrevi.

10. Não iremos pelas vias de artigo ou ensaio acadêmico, daí todos terão ampla liberdade na abordagem, no método, na linguagem, no que pese o risco que correremos.

11. A quem dedicar o livro?

12. Dentro de um mês, faremos outra reunião, para saber do andamento das coisas, esclarecimentos de dúvidas, debate de outras questões que surjam com o desenvolvimento do trabalho. Com mais trinta dias, outra reunião com o mesmo objetivo. Mais trinta dias, o prazo final para entrega dos textos. Vinte e sete de abril, portanto.

13. Uma equipe de três participantes fará a leitura de todos os textos para os ajustes necessários, num prazo de sessenta dias, contando a partir de vinte e sete de abril. Portanto, vinte e sete de junho. Enquanto isso, cada um de vocês, entregará ao coordenador uma cópia de seu texto, para que o mesmo possa ir escrevendo a quarta parte.

14. Somos um grupo de dezesseis. A proposta é cada um de nós conversar sobre seu escrito com as outras quinze. Então, teremos dezesseis vezes dezesseis conversas, que ficarão a cargo de cada um. Além de ser muito enriquecedor para o processo, se faz semelhante aos *Odu de Ifá*.

15. Haverá uma epígrafe para recobrir o livro todo. E cada parte será contemplada com uma epígrafe também.

16. A quem confiar a editoração?

As questões foram sendo levantadas:

– Como é esse tom sagitariano e como é que esse tom vai perpassar por toda a obra?

– O que será abordado na primeira, segunda e quarta partes?

– Qual é o critério para encontrar o que está sendo dito como "dobraduras da narrativa"?

– Quais serão os temas? Cada um escolhe o seu? Não seria bom que cada um dissesse o seu?

– Há o risco de um mesmo aspecto de Orixalá ser abordado por vários participantes. Não seria bom fazer um levantamento desses aspectos e que cada um escolhesse o seu?

– Quem fará parte da equipe de ajustes?

– É obrigado seguir à risca o item 9?

– Quais serão as epígrafes e quem vai escolher?

Mãe Dara pediu um momento de atenção:

– É sobre aquele ponto, a quem dedicar o livro. Eu queria dar uma ideia. É sobre Ieda Lisboa dos Santos. Quem foi essa criatura? Alguns aqui até conheceram ela. Ela era ligada ao terreiro. Teve uma infância sofrida. Foi criada por um pai embrutecido, no carrancismo, que não deixou as filhas aprender a ler, pra não escrever bilhete pra namorado. Passou a infância e a juventude no capinzal que o pai plantava pra negociar. Pra se livrar daquele cativeiro, se casou com o primeiro homem que lhe apareceu. Se mudou pra cidade e aí, veio o choque: o marido era um viciado em droga. Engravidou e se tornou perseguida pela irmã mais velha, por inveja, porque não podia ter filhos. A irmã odiava ela, com inveja disso. Quando ela teve a criança, sofreu eclâmpsias e teve de ficar internada em hospital por seis meses, de tão mal que ficou. Que fez a irmã? Carregou o filho de Ieda e quando Ieda pôde sair do hospital, a irmã se recusou a lhe devolver o menino. Ieda, ainda muita fraca pra poder ficar perto do filho, se sujeitou a ir morar na casa da irmã. Aí é que foi padecer. A irmã desejava que ela morresse pra poder ficar com a criança. Quando Ieda se recuperou, alugou uma casa e foi embora, levando o filho. Mas precisava de recursos pra sustentar a criança. Que fez a irmã? Manteve contatos secretos com o marido de Ieda; eles estavam separados desde antes da criança nascer, pra que aquele sujeito viciado voltasse pra companhia de Ieda, dizendo que era pra criar o filho. Ieda, com toda carência de recurso, aceitou. Algum tempo depois, ela arranjou emprego de doméstica. Deixava o filho com a dita irmã, pela manhã, e vinha buscar o menino, quando saía do emprego. Um dia, quando Ieda voltou pra casa, a casa não existia mais. O marido, cheio de droga, tinha tocado fogo em tudo. Ieda ficou apenas com a roupa do corpo. Lá se foi ela pra casa da irmã de novo, até que pôde alugar um cômodo. Nisso, ela começou a padecer de vários males. Foi nessa época que ela foi pra lá, pra o terreiro. Descobrimos que ela tinha um tumor no cérebro e que o tratamento só podia ser feito na capital. Ajeitamos as coisas e lá se foi ela, com o filho. Ela levou algum recurso proveniente de ajudas que conseguimos arranjar pra ela. Quando a irmã soube, foi também pra capital e foi morar na mesma rua que Ieda

estava morando, dizendo que se Ieda morresse na operação ela ia cuidar do menino, que agora já era um rapazinho. Na cirurgia, Ieda quase morre. O tumor era na hipófise. Os médicos disseram que não puderam tirar o tumor todo, pois o dito cujo estava num local muito melindroso. O período depois da operação foi muito difícil, mas ela se recuperou em parte. Ficou cega de um olho, sofrendo de uma diabete horrível. Assim mesmo, ela se dedicou a catar papelão nas ruas, pra obter alguma renda. O Governo se negou aposentar ela por invalidez. Ela terminou conseguindo uma colocação pra o filho, numa farmácia, e passou a viver de seguidas internações nos hospitais, por causa de crises. E que fez a irmã? Às escondidas, fez contato com o dito ex-marido de Ieda, mandou dinheiro pra ele ir pra capital, com a desculpa que era pra tomar conta de Ieda. Assim mesmo o sujeito fez. E com quinze dias que estava lá, numa crise de droga, ele assassinou Ieda a facadas. Trancou a porta, saiu levando a chave e desapareceu no mundo. A irmã dela levou o sobrinho definitivamente, como sempre desejou fazer. Ieda foi uma anônima. E é justamente pra que o nome dela sobreviva a tanta injustiça, dou a ideia de dedicar o livro a ela. Mulher, negra, analfabeta, desamada. Batalhadora, corajosa, resistente. Me desculpem a fala demorada.

A sala caiu num silêncio profundo. E eu entendi que aquele silêncio, ao jeito de Orixalá, era o consentimento de todos. Aproveitei o ensejo e acrescentei:

– Concordamos, Mãe Dara. É uma justa homenagem a quem tanto padeceu e resistiu. Mas quero sugerir que o livro também seja dedicado àquele que me deu condições para que eu estivesse aqui, com vocês. Tudo bem?

Nisso, Mãe Justina falou:

– *Agô*, viu, gente? Eu não estou nesse negócio de livro. Mas não se pode esquecer Orixalá. Foi a história dele que fez vocês ter o tino do livro. Foi na festa dele que todos se combinaram. Então, ele é merecedor de receber uma dedicação. Outra coisa: eu não faço parte disso, mas queria que uns dizeres aparecessem em qualquer lugar do livro.

Justina abriu sua bolsa e retirou de lá um papel dobrado e me entregou. Li o que estava escrito em voz alta, para todos: "Quando você se permite julgar os outros, está autorizando que o universo lhe julgue também. E o universo, como sem falta, um dia vai fazer isso, porque *Orixá* não esquece e porque tudo fica escrito na memória de Orixalá."

– Hummmmm!

– Gente, quem diria...

– Me belisca, Mãe Dara...

– Este povo do fogo não se cansa de fazer surpresas.

– Tão pensando o quê? Como dizia nossa tataravó, "Preto ser gente também."

Debatemos uma a uma todas as questões até que chegou a hora do almoço. Depois, fizemos um breve descanso e voltamos à carga. Ao entardecer, todos estavam muito cansados, mas tudo estava decidido. Desencalacramos o holograma. Daí em diante, cumprimos rigorosamente o cronograma de atividades, conforme tínhamos combinado.



PARTE III

A CAMINHADA

No
rio da vida,
as águas do tempo
curam tudo,
pois diluem **no eterno**
as coisas passageiras.

Wagner D'Eloi Borges



PRIMEIRO CAMINHO: *Ọ̀kànràn* (Ocaran)

Orixalá não é dado a se movimentar muito. Foi por isso que acharam estranho, quando souberam que ele estava planejando uma viagem pra Oyó. Ele sentia falta de seu filho Xangô. Queria porque queria fazer aquela viagem. Aí, ele resolveu fazer uma consulta com Orunmilá. A consulta até que foi boa, mas teve uma coisa: Orunmilá recomendou que ele não fizesse a viagem naquela ocasião. A estrada estava com fome e, quando isso acontece, a gente não deve viajar.
Orixalá não ficou satisfeito e insistiu com Orunmilá, para ele jogar o opelé de novo. Ele queria saber se tinha alguma maneira dele fazer a viagem.

O rito e o terreiro na Pós-modernidade

Arnaldo Santiago

– Ei, negro, você tem nome? Como é que sua gente chamava você?
A voz do preto, quando ele falou, parecia um tambor, suave, mas interminavelmente profunda.
– Hwesu... Eu ser Hwesu, Capitão.
– Mas que diabo! Esse nome é muito pagão! – disse Monroe. – Você tem que mudar ele, Matt.
– Hwesu... Hummmm... Wes! É isso mesmo. Escute aqui, negro, se alguém perguntar a você, seu nome é Wesley Parks. Está entendendo?
– Sim, senhor, Capitão.

De Frank Yerby, é o livro *São negros os deuses da África*[23]. Dele, transcrevi o diálogo acima. Entre dois personagens, Matthew e

23 YERBY, Frank. **São negros os deuses da África**. Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Record, 1977. p. 7.

Monroe Parks, dois irmãos, essas falas acontecem. Numa carroça, eles estão conduzindo um negro recém-adquirido. Mudados podem ser lugares e nomes. Durante o período da escravidão, em qualquer lugar do Novo Mundo, a mesma seria a situação dos negros. Eram dos dominantes os ritos e, aos negros escravizados, eles não se aplicavam. Para garantir o capital, os ritos mudaram para outro ramo da atividade humana, da religião para a economia. Estranheza, muita estranheza mesmo, causa o nome do negro. Mais que estranho: evoca paganismo. Mudar o nome do negro, a primeira providência dos proprietários sobre aquela não-pessoa. Parks: marca comercial do poder de compra e venda.

Dessacralização de tudo: a tônica da modernidade. É preciso jogo aberto para garantir a antevisão do lucro. Diante disso, ficam esvaziados os mitos, os ritos e os rituais. Em qualquer lugar, o nome de uma não-pessoa poderia ser mudado. Na falta do conteúdo, fica inútil o invólucro. Então, nos córregos, regatos e rios também vão parar sacolas, garrafas e outros invólucros descartáveis. É a crise de conteúdos pelo excesso ou subestima de invólucros. Para os senhores de escravo, o negro era um invólucro vazio. Também na chamada Pós-modernidade[24], a maioria é de não-pessoas. Descartáveis, por isso mesmo, independentemente da cor da pele.

Na multidão de não-pessoas de agora, nomes estrangeiros, inventados, copiados. As não-pessoas não sabem o significado de seus nomes. Arnaldo: minha gente me chama assim. Tem origem teutônica. Potente como a águia, ele significa. É uma metáfora também: *portador de ideias elevadas*. E quando eu imaginava que apenas uns poucos fragmentos de ritos ainda funcionavam nesta dita Pós-modernidade, sou posto a prova no contato com *A viagem de Orixalá*. A bem da verdade a modernidade e sua pós até que mereciam umas considerações. Conversa comprida, ficaria esse arrazoado que tento fazer. Vale uma indicação de leitura? Mircea Eliade, *Nascimento e renascimento*: o significado da iniciação na cultura humana. Também vale uma elucidação rápida.

Com Descartes, aconteceu a ruptura com o pensamento medieval. Dominado pela Escolástica, tal pensamento vigorou por séculos. Aconteceu o estabelecimento da autonomia da razão, com essa ruptura, e enormes repercussões sobre a Filosofia, a cultura e as sociedades

24 Nota adicional, no final deste texto, acrescenta informações e comentários sobre a Pós-modernidade.

ocidentais isso provocou. Uma nova visão de mundo tais repercursões engendraram: a Modernidade. Afirmam certos pensadores que há, atualmente, uma exarcebação de certas características das sociedades modernas, tais como o individualismo, o consumismo, a ética hedonista, a fragmentação do tempo e do espaço. A essa tal exarcebação, há quem a denomine Pós-modernidade. Outros rejeitam com veemência tal designação. Seja como for, continuam em andamento as rupturas, os esvaziamentos, a banalização.

Foi *A viagem de Orixalá* que provoucou em mim refletir de novo sobre a Pós-modernidade. Até discutir conceitos de tal fase seria pertinente. Evito tal discussão, porém. Isso seria atravancar o texto . E para o rito, minhas atenções estão voltadas. Sobre o que discorrer, quando a questão *mito* abordo? Outra vez, lembrar Mircea Eliade. Dizer o quê? Por exemplo, o *Juramento*, para uma formatura, é um tipo de rito. Vários sentidos esse termo tem. Totalmente diferente de ritual é o RITO. Pessoas acham que essas duas palavras vêm do mesmo significado, mas rito e rituais têm significados diferentes. Rito é um conjunto de atos, gestos e palavras. Isso ele é em sua essência. Tal conjunto, repetido, compõe uma cerimônia. Não se constitui um ritual qualquer cerimônia. Sempre, contudo, qualquer ritual é cerimonioso. O rito não é mecanizado, apesar de seguir um padrão. Nele, por ele, é possível atualizar um mito e ensinamentos, sejam eles ancestrais ou sagrados.

Através do rito, as pessoas expressam conjuntos de atividades organizadas. Compreende gestos, símbolos, linguagem e comportamento, transmitindo um sentido coerente ao ritual. Tem muita importância o caráter comunicativo do rito. E não é qualquer atividade padronizada que constitui um rito. Aquilo que é efeito todo dia é um rito. Quando, ao realizar um ato, não se pergunta "por que estou fazendo isto?", o que está sendo feito se constitui um rito. Fazendo sempre aquilo, o fazer dispensa reflexão das pessoas.

Todos os povos têm seus ritos. Por exemplo: a tradição chinesa é muito influenciada pelo confucionismo. Naquela cultura, todo homem de bem deve cumprir os costumes ditos civilizados, as regras morais e os considerados bons costumes. Entende-se que isso é necessário para que a sociedade se possa manter civilizada, próspera e harmoniosa. No impeditivo de continuarem sendo comunais nos tempos de agora, os chineses se fizeram comunistas. A prática sistemática e frequente dos ritos torna os seus praticantes pessoas civilizadas e

morais. Isso é herança da filosofia de Confúcio. Entendia ele que os ritos, apesar de terem uma natureza meramente formal, são operantes e eficazes na transformação dos seus praticantes. Assim, vão sendo retidos, aos poucos, os valores morais que dão sentido aos ritos. Em si, então, os ritos têm somente um carácter cultural e civil.

A agonia, a velocidade, a fragmentação do tempo e do espaço, o individualismo, tudo isso vem ocasionando um entendimento de que o rito não passa de superstição. No campo das atividades políticas e, por excelência, das govenamentais, o rito se transformou em burocracia. Daí as dificuldades em extingui-la, pois ela passou a se constituir uma espécie de bezerro de ouro. Mesmo as pessoas que a condenam fazem exigências semelhantes, quando se envolvem com outras, no trato de compra e venda. Todos condemam as filas e a burocracia nos cartórios, mas não abrem mão de que, na fila, os últimos sejam os últimos mesmo, ou da firma reconhecida, quando recebem uma escritura. De um modo ou de outro, o bezerro continua sendo adorado, porque se imagina que ele seja de ouro. Não são as estâncias governamentais que são burocráticas. Burocratas são as pessoas que elegem os governantes. Pelo menos, é assim nos grupos que se dizem democratas.

Por abordar tal filigrana, é bom que se diga: tiraram o ouro do bezerro pós-moderno e ele foi revestido por uma multiplicidade de imagens arquetípicas. Imagens mais veementes: futebol, carnaval e fila, por exemplo. No campo das atividades econômicas: cartão de crédito, empréstimo financeiro, crediário, impostos, talão de cheques, taxas e impostos govenamentais. Aliás, para o bolso do contribuinte, não se sabe a diferença entre imposto e taxa.

Paralelo a esses sistemas, corre um outro. Esse não veio da Ibéria; veio de certos lugares da África. Foi trazido a força, na cultura de povos negros, escravizados. O *itan A viagem de Orixalá* é bastante rico em indicativos de ritos originários de algumas partes da África. O mais veemente deles, talvez, a consulta. Ainda hoje, nada se faz em terreiro sem a consulta. Na dúvida simples, ao mais velho. Na dúvida mais complexa, ao *Orixá*. Há sempre a virtualidade para não se seguir o conselho, a ordem, a recomendação, ou a resposta. De um modo geral, sabe-se: não ouvir conselho, vai ouvir "coitado". Não obedecer a ordem, vai se arrepender. Não ouvir a resposta, vai ter prejuízo. Não seguir a recomendação, vai perder a vez da vitória.

Com Orixalá, todas as expectativas são quebradas através da

insistência. Segundo algumas crenças, também é assim, até hoje: Deus continuaria a investir insistentemente, na sua criatura, mesmo que essa criatura, num passado longíquo, tivesse rejeitado viver em beatitude e santidade, num reino encatado chamado Paraíso. Por sua vez, certos e determinados grupos da criatura, mesmo que nunca mais tenham tido oportunidade de rever seu Criador, ainda continuam investindo nele, insistentemente. E na impossibilidade de um encontro na existência, transferiram tal oportunidade para uma espécie de outro mundo. Complica a situação quando, para isso, é preciso ultrapassar os portões da morte. O impasse necessitava de uma solução. E ela foi concretizada: a fé. Em tal terreno, a discussão não tem lugar. Simples, assim. A fé determinou? Questão encerrada.

O que parece esquecimento, descaso ou displiscência ao decorrer de *A viagem*, na verdade, é a insistência que se faz método. Ela tem origem em "não ficar satisfeito". O rito marca o início de tudo: a consulta. Na Pós-modernidade, também se faz consulta: ao gerente do banco, ao especialista em negócios, ao corretor, ao médico apressado, ao advogado iniciado no emaranhado de leis e ritos forenses. Deslocamento, portanto, do rito para outras estâncias. No terreiro, ela, a consulta, continua sendo pedra basilar. O terreno da magia é movediço, não há contas matemáticas a fazer. Não há certezas prévias. Não há receitas adredemente estipuladas. Tudo pode acontecer no decorrer de qualquer *obrigação*, *ebó* ou ritual de iniciação. Então, o rito se faz consulta.

Ouvindo a narrativa de Mãe Dara Mujina, me dei conta de algo que nunca tinha percebido: nunca consultei pessoa alguma para realizar meu primeiro casamento. E quando me vi num cipoal de desagregação familiar, atinei: pensei que sabia das coisas. Decisões diferentes tomei, para meu segundo casamento: antes de decidir, almocei com meu pai Osvaldo e minha mãe Marisa. Quantas ponderações fizeram eles, que me puseram com os pés no chão. Fizeram-me rever certas expectativas, descartar outras, arregimentar outras mais. Por fim, a consulta com Mãe Dara Mijina. Evidentemente, essa poderia ser substituida por uma conversa com um sacerdote católico, um pastor evangélico bem conceituado, ou ainda um professor que merecesse minha confiança. Mãe Dara, todavia, sempre se me afigurou pessoa competente, coerente, experiente, de conhecimento para além do razoável. Ela me falou do *Orixá* e do *Odu* de Geralda, minha atual esposa. Isso tem facilitado bastante a convivência.

No ritual da *Festa do Pilão*, uma coisa me fez padecer. Orixalá foi movido pelo desejo de rever Xangô, rei de Oyó, seu filho. A mola que o move é a insistência. No meu processo de separação, perdi a guarda do meu filho. Errei: não insisti, nem sequer dei valor a outros argumentos a meu favor. Um exemplo: as condições financeiras favoráveis a mim. Apenas fiquei pensando na dificuldade que seria criar um filho sem uma mulher a meu lado. Meu radicalismo ainda era persistente e eu imaginava que homem não sabe criar menino. Ainda que eu venha custeando as despesas do menino, e que, constantemente, ele venha ficar comigo, nada preenche o que seria conviver e testumunhar, acompanhando seu crescimento cotidiano. Tais ritos não foram concretizados. Um rombo ficou no lugar. Sou um leonino, e Leão tem pavor ao cotidiano. Chega a ser um carma: leonino precisa aprender lidar com o cotidiano, com o comezinho. Lidar com pagamentos de final de mês, rotina doméstica, entrar em filas, aguardar na antessala, tudo isso é um horror para Leão. O que é miúdo me provoca urticárias.

Fui seminarista, mas dexei o seminário porque descobri, lá dentro, algumas coisas com as quais eu não concordava: má formação intelectual, falta de fé, pessoas sem vocação, vaidades, atividade sexual alternativa e convencional. Construí para mim um perfil de pessoa responsável. Talvez, por isso, eu goste de ensinar. Acredito na Educação e na Filosofia e tenho tendências de centro-esquerda. Não sinto mais necessidade de ter uma religião declarada, embora não abra mão dos princípios fundamentais do Cristianismo. Neusa costuma dizer que eu trago comigo um traço sagitariano, porque eu acredito que a Educação é a salvação da sociedade. Nada surpreendente: Sagitário é meu Ascendente. Leão com Sagitário. Além disso, sou cabeça de Xangô: Fogo três vezes. Talvez isso explique meu dramatismo e meu idealismo.

Não realizo, nem atualizo o rito do Candomblé. Mas ele me deixa muito à vontade. Me sinto bem. Faz sentido para mim. Tanto quanto fazer parte do grupo de Doutor Leo. São exercícios de plena liberdade. E logo que me sinto livre, nada impede que eu também faça outras leituras de mim. Sou portador de *Okaran*, o primeiro *Odu de Ifá*. Novas direções e novas possibilidades são a tônica de *Okaran*, no seu lado positivo. Sinto-me recompensado. Segundo Mãe Dara, eu estou susceptível a mudança constante com base em respostas emocionais que não são fundamentadas em reflexão consciente. As palavras são minhas, mas os dizeres pertencem a dela. Esse seria meu lado negativo,

que *Okaran* me ajuda a superar. Talvez por isso, eu venha fazendo, ultimamente, o exercício de ficar calado e até preferir uma certa reserva.

Reserva: isso fez com que Doutor Leo desenvolvesse considerável apreciação por mim. Dele e de seu grupo, me aproximei porque Neusa, sua filha, é cunhada de Geralda, minha mulher. Geralda e eu costumamos conversar abertamente, e nunca provoca terremotos entre nós dois a apreciação crítica que um faz do outro. De vez em quando, ela afirma que eu não vejo a minha própria sombra: Leão é sol a pino. Para ela, com tudo eu me inflamo e tenho respostas duras. Diz ela: "Porque você não sabe lidar com o cotidiano, deixa tudo para eu resolver." Do jeito que eu ajo, diz ela, deixo claro: a humanidade, para mim, é um conceito que vai apenas até a casa do vizinho. Interessante: não é com intenção de me corrigir que ela me diz tais coisas. Também é interessante, em *A viagem*, que Orunmilá não corrige Orixalá, nem este muito menos processa o Estado pelo equívoco cometido na sua prisão. E vejam que Orunmilá adverte: "A estrada estava com fome e, quando isso acontece, a gente não deve viajar." Nada mais instituidor de rito. Nesta nossa época considerada de pós-moderna, estão famélicas as nossas estradas, diariamente. Sem mais nem menos, vidas humanas são devoradas a todo instante. Pós-moderna é a banalização da vida. Estejam como estiverem as estradas, as pessoas viajam sem precaução alguma. O rito deixou de ter valor.

Observando uma outra recomendação, Orixalá enfrenta a estrada. Estando com fome a estrada, outras providências precisavam ser tomadas. Em *A viagem*, as coisas não são banais: por tudo se paga preços exorbitantes. Se Orixalá paga caro por não ter ouvido a recomendação de Orunmilá, o reino de Oyó paga também. E fica muito mais grave tal fato, quando se sabe que Xangô, rei de Oyó, é o *Orixá* da Justiça. Foi necessário que todo o reino padecesse pra que o rei procurasse saber as causas da calamidade pública. Xangô é o meu *Orixá*. Punição em *A viagem*; impunidade na Pós-modernidade. Se no primeiro contexto, o rito se impõe, a ponto de ser necessária a punição, quando ele é rompido, no segundo contexto, a ausência da punição garante o descarte do rito. Não observar os ritos garante, a cada um, fazer o que bem quiser. Daí, nestes tempos de agora, pessoas põem seus aparelhos sonoros a todo volume em qualquer lugar, em qualquer horário. Ruas são atravancadas, porque o dono de uma construção qualquer vai construir a laje de sua

casa. Na política, então, nos tempos de agora, a ausência do rito civilizado deixa em seu lugar a ganância por roubar a Nação.

Através de três ações demarcatórias, o rito da reparação se impõe em *A viagem*: *lavar* tudo e todos com água; *buscar* Orixalá numa procissão; e *desagravar* o injustiçado com um banquete. Tão fortes foram tais ações, que atravessaram o Atlântico no bojo dos navios negreiros e até hoje continuam sendo celebradas nos terreiros. Todo terreiro de tradição nagô realiza anualmente as três festas em homenagem a Orixalá: a Festa das Águas; a Procissão do Alá e a Festa do Pilão. Quando a Festa das Águas de Orixalá extrapolou os terreiros, criou-se a festa profana da lavagem de escadarias de igrejas. Delas, a mais famosa é a Lavagem do Bonfim, internacionalmente conhecida. O rito se adaptou ao novo contexto sociocultural, aos novos tempos. E foi muito além: estruturou a resistência dos terreiros, no que pesem difamações, perseguições, ojerizas e preconceitos contra os terreiros.

Força e grandeza da resistência o rito confere a Orixalá. A prisão não faz dele uma não-pessoa, apesar da injustiça. O período de prisão nem chega a ser uma pena, pois ele não passou pelo rito do julgamento. É por isso que todo o reino de Oyó se movimenta para realizar o desagravo. E os terreiros ainda investem fundamente no rito do desagravo. De boca no chão, seus participantes ainda costumam entoar um cantochão designado *malembe*, para desagravo aos *Orixás*. Um deles:

> Riacho de pedregulho,
> onde a garça faz verão,
> se eu agravei a Orixalá,
> de joelho, peço perdão.

Em Orixalá, sentir falta do filho gera o desejo de revê-lo. Esse desejo põe em movimento o rito, que culmina com a consulta. A recomendação surgida na consulta gera a insistência. Essa, por sua vez, conduz Orixalá a dissabores, até que um novo rito reponha os acontecimentos em seus devidos lugares. Por isso, tais fundamentos ainda hoje estruturam os terreiros, onde a dessacralização acionada pela Pós-modernidade encontra a resitência do rito.

Tal resistência faz frente à rejeição ao rito e à ritualidade nesses tempos ditos pós-modernos, tendo em vista que isso escapa ao domínio da razão. Quem assim o faz apenas leva em conta a desordenada mudança que nunca cessa, o modismo passageiro, as alianças provisórias, tão afeitas à atualidade. Nos dizeres dos apegados

à provisoriedade, o rito foi abandonado porque serve a uma lógica continuísta. Enquanto isso, o terreiro ritualiza o viver, na crença de que é na tradição que as trocas simbólicas se fundamentam.

NOTA ADICIONAL. O conceito de Pós-modernidade envolve um nível de complexidade muito alto e sua abordagem exige a apreciação sob vários níveis do conhecimento. Marcio Balbino Cavalcante, no entanto, trata do assunto com precisão cirúrgica. Ele é professor na área de Educação e de Meio Ambiente, graduado em Geografia, e pós-graduado em Ciências Ambientais e coordenador de Projetos Educacionais da Secretaria Municipal de Educação de Passa e Fica/RN. Embora a dissertação a seguir esteja por merecer alguns reparos, aqui, optou-se pela exposição, na íntegra, de seu texto modelar sobre *O conceito de Pós-modernidade na sociedade atual* (2011), conforme circula na *internet*, disponível em:

<http://meuartigo.brasilescola.com/geografia/o-conceito-posmodernidade-na-sociedade-atual.htm>.

O conceito de Pós-modernidade tornou-se, nos últimos anos, um dos mais discutidos nas questões relativas à Arte, à Literatura ou à teoria social, mas a noção de Pós-modernidade reúne uma rede de conceitos e modelos de pensamento em "pós", dentre os quais podemos elencar alguns: sociedade pós-industrial, pós-estruturalismo, pós-fordismo, pós-comunismo, pós-marxismo, pós-hierárquico, pós-liberalismo, pós-imperialismo, pós-urbano, pós-capitalismo. A Pós-modernidade coloca-se também em relação com o feminismo, a ecologia, o ambiente, a religião, a planificação, o espaço, o *marketing*, a administração. O geógrafo Georges Benko afirma que o "pós" é incontornável; o fim do século XX se conjuga em "pós". Mal estar ou renovação das Ciências, das Artes, da Filosofia estão em uso.

As características da Pós-modernidade podem ser resumidas em alguns pontos: propensão a se deixar dominar pela imaginação das mídias eletrônicas; colonização do seu universo pelos mercados (econômico, político, cultural e social); celebração do consumo como expressão pessoal; pluralidade cultural; polarização social devido aos distanciamentos acrescidos pelos rendimentos; falência das metanarrativas emancipadoras, como aquelas propostas pela Revolução Francesa: liberdade, igualdade e fraternidade.

A Pós-modernidade recobre todos esses fenômenos, conduzindo, em um único e mesmo movimento, a uma lógica cultural que valoriza o relativismo e a (in) diferença, a um conjunto de processos intelectuais flutuantes e indeterminados, a uma configuração de traços sociais que significaria a erupção de um movimento de descontinuidade da condição moderna: mudanças dos sistemas produtivos e crise do trabalho, eclipse da historicidade, crise do individualismo e onipresença da cultura narcisista de massa.

Em outras palavras, a Pós-modernidade tem predomínio do instantâneo, da perda de fronteiras, gerando a ideia de que o mundo está cada vez menor através do avanço da tecnologia. Estamos diante de um mundo virtual, imagem, som e texto em uma velocidade instantânea.

No campo urbano, a cidade é vendida aos pedaços porque nela há caos, (des)ordem, padrões de diferentes graus de complexidade: o efêmero, o fragmentário, o descontínuo, o caótico predominam.

Mudam-se valores: é o novo, o fugidio, o efêmero, o fugaz, o individualismo, que valem.

A aceleração transforma o consumo numa rapidez nunca vivenciada: tudo é descartável (desde copos a maridos e/ou esposas). A publicidade manipula desejos, promove a sedução, cria novas imagens e signos, eventos como espetáculos, valorizando o que a mídia dá ao transitório da vida. As telecomunicações possibilitam imagens vistas em todas as partes do planeta, facilitando a mercadificação de coisas e gostos. A informatização, o computador, o caixa-rápido 24 horas, a telemática são compulsivamente disseminadas. As lutas mudam: agora não é contra o patrão, mas contra a falta deles. Os pobres só dizem presente nos acontecimentos de massa, lugar de deslocamento das energias de revolta.

Testemunhas da Pós-modernidade são o DVD, o CD, o MP3, a clonagem, o implante de órgão, próteses e órgãos artificiais engendram uma geração de seres em estados artificiais, que colocam em xeque a originalidade ou naturalidade do humano (Silva, 2000, p. 14).

As invenções tecnológicas decodificadas como o computador, o relógio digital, o telefone celular, as secretarias eletrônicas, o vídeo, os satélites, as Nets redes (sistema htt// e www), os códigos de barras, "os cartões magnéticos multicoloridos que alimentam sonhos da era digital" (Mariano Neto, 2003, p. 35).

Modelos geram replicantes. As pichações viram grafites. O corpo enxuto é exaltado pela TV e por revistas. Juízos de autoridade ou defesa, na ausência de visão pessoal, são expressos em conceitos opacos como: vanguarda atual, avançado, progressista, elitista, popular, conservador, moderno, pós-moderno. Como o corpo enxuto, a garganta, os pulmões, a glote, os dentes, a língua, as cavidades bucal e nasal devem produzir um único significado num único sentido: ser STAR.

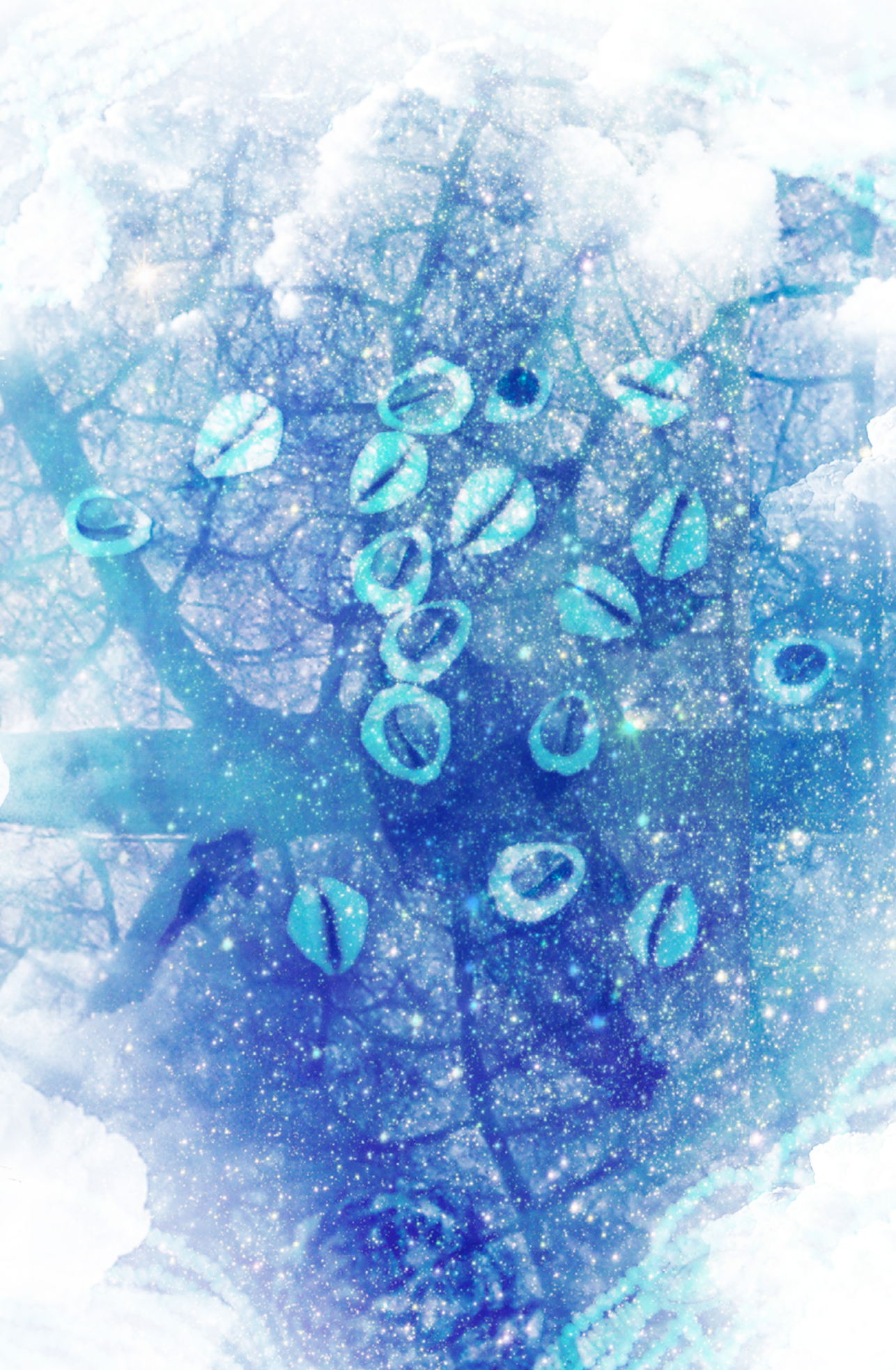
Os *shoppings*, os condomínios e novos prédios são cápsulas autônomas de vivência. Tudo é *performance*: os motoristas transformam-se em pilotos; a voz dos locutores das rádios FM é igual em todas as estações. Vale o extraforte, o superdoce, o minúsculo, o gigantesco. Vale o novo; um novo produto mais eficaz, um novo alimento mais saudável; uma nova TV, mais interativa. Vale o extra, o super, o superextra, o macro.

Fantasmas e desvios nos rodeiam: no corpo – a doença (AIDS); na mente – a loucura; na natureza – a catástrofe; na economia – a queda das bolsas; na paixão – a morte; no orgasmo – o desprazer; no computador – o vírus.

As informações e a preocupação com a saúde da natureza são colocadas em xeque ou em cheque; no Brasil já existe uma nova indústria parecida com a da seca. É a "Indústria do meio ambiente": recursos destinados à proteção das florestas, dos rios e dos animais são desviados pelo poder público, pelas ONGs e pelos organismos privados.

As senhas, para entendimento da Pós-modernidade, são: a saturação, a sedução, o simulacro, o *soft*, o *light*, a globalização, a automação, a fragmentação, o *chip*. Os modelos são Michael Jackson e Madonna, que qualquer dia destes farão um grande *show* para ajudar crianças famintas da África; que gravarão um disco, com numerosos colegas, para ajudar os "americanos a salvarem" refugiados de algum país latino-americano. Como assinala Otávio Lanni: "Ao lado da montagem, colagem, bricolagem, simulação e virtualidade", muitas vezes combinando tudo isso, a mídia parece priorizar o espetáculo videoclipe. Tanto é assim que guerras (como a do Iraque) e genocídios parecem festivais *pop*, departamentos do *shopping center* global, cenas da Disneylândia mundial. Os mais graves e dramáticos acontecimentos da vida de indivíduos e coletividades aparecem, em geral, como um videoclipe eletrônico informático, desterritorializado entretenimento em todo o mundo.

Estamos vivendo um momento de fenômenos insólitos. Tudo se passa como se o futuro tivesse se tornado um lugar vazio. O procedimento pós-moderno é antes uma paixão do "tecer das alteridades", enquanto estamos diante da TV, bebendo um refrigerante Coca-cola, mastigando um McDonald´s feliz ou experimentando um biscoito Nestlé, sem (des) entendimentos da Nova Ordem Mundial, nova sociedade ou sociedade de consumo.





SEGUNDO CAMINHO: *Ọ̀yẹ̀kú* (Oiecu)

Então, Orunmilá jogou, viu e recomendou:
– Se o senhor fizer esta viagem, não atenda a pedido de pessoa nenhuma que o senhor encontrar no caminho. Também, leve três pedaços de sabão e três mudas de roupa limpa. Mesmo assim, é melhor adiar a viagem...
Orixalá agradeceu e se retirou. Estava decidido fazer a viagem. Precisava visitar Xangô. Já estava cansado de matar a saudade no peito.

O ritual, o terreiro e a sustentação das energias

Celeste Madureira

O valor simbólico contido num conjunto de palavras, gestos e formalidades configuram um ritual. O referido conjunto é prescrito e nunca é alterado, sob pena de seu oficializante sofrer duras críticas e o ato não ser aceito como um ritual. A codificação de um ritual é elaborada por uma religião ou pelas tradições da comunidade. Justamente por isso, Mãe Dara Mujina chama de embusteiros aqueles que *inventam trabalhos* e *ebós*, como se fossem tidos como legítimos pelas comunidades de terreiro.

Há quem considere que ritual está ligado apenas a práticas religiosas, mas se sabe que ele acontece numa relação direta dos sujeitos, do tempo e do espaço. Ritual tem técnica, tem objetivos. Ritual tem procedimentos, tem instrumentos. Há até rituais que só podem ser realizados com objetos muito específicos. Se uma missa não pode ser celebrada sem pão e vinho, também nos terreiros o *ebô* de Orixalá não pode ser realizado sem milho branco cozido.

O conceito de ritual é ampliado quando a gente considera que a comida, a bebida, a roupa, a dança, a música, as festas fazem

parte de práticas sociais, quando incorporadas à realização de um ritual. Assim como o cântico gregoriano é entoado em rituais católicos, o *aderosan*, a *adura* e o *oriki* são entoados pelas comunidades de terreiros em vários de seus rituais específicos.

Por isso, a gente precisa prestar atenção naquilo que dá sentido às práticas sociais, conforme aconselha o antropólogo Melville Jean Herskovits. Se uma prática social dá sentido a um ritual, fora dele ainda que o sentido seja outro, o sentido continua. Assim, numa partida de futebol, som do apito do juiz, faixas riscadas no chão, acenos dos bandeirinhas configuram uma linguagem que é entendida e compreendida pelos participantes da contenda e pelos que assistem ao jogo. O conjunto simbólico é tão poderoso que alcança também quem assiste ao jogo pela televisão.

Entre as comunidades de terreiro, o mesmo samba de roda, que é um ritual para homenagear os *Caboclos*, é o mesmo que se realiza em festas públicas e em grupos folclóricos. Os cânticos, os passes da dança, nada diferencia uma prática da outra. Então nada impede a gente de concluir que o ritual também acontece fora das expressões religiosas.

De um modo geral, as comunidades de terreiro desenvolvem um calendário litúrgico e todos sabem quando os rituais serão celebrados, pois em qualquer religião um ritual pode ser executado em intervalos regulares ou em situações específicas. No Catolicismo, a missa é celebrada todos os dias, mas a missa de todos os santos só em ocasiões especiais. Também nas comunidades de terreiro, se o *ebô de Orixalá* é servido as sextas-feiras, a *Festa do Pilão* só acontece uma vez por ano.

E por tocar nesse assunto, a *Festa do Pilão*, foi na celebração desse ritual que surgiu a ideia deste texto. Não sou uma escritora. Nunca publiquei um escrito sequer. E aqui estou me esforçando para dar conta do que ficou combinado pelo meu grupo. Até um roteiro entrou no acordo. E aí, como já abordei a questão do significado para ritual, vou passar aos itens seguintes.

Corre entre os participantes das comunidades de terreiro um dizer dos antigos: A vontade mora no peito de quem não pode, pois quem pode mata a vontade. E Orixalá "já estava consado de matar a vontade no peito." O cansaço de tanto matar a vontade no peito leva Orixalá a uma decisão: viajar. Parece até contraditório que o mais velho entre os mais velhos dos *Orixás* seja aquele que rompe

a inércia. De um modo geral, em qualquer cultura, o rompimento sempe cabe aos mais novos. Aqui, acontece justamente o contrário. É por essas e outras que as culturas que vieram da África sempre se chocaram de frente com os costumes e crenças dos escravagistas e também da sociedade mais ampla.

Então, diante de um decidido Orixalá, o oráculo prescreve atitudes ritualísticas que não passam de práticas sociais comuns: não atender a pedido de ninguem e levar três mudas de roupa com três pedaços de sabão. No terreiro de Mãe Dara Mujina, existe um *peji* em formato de olaria que é conhecido como *Ilê ibi omokokó*. É a chamada *Olaria de Ajalá*, o Orixalá fazedor de cabeças. Lá se encontram sempre alguns objetos rituais alusivos a essa passagem do mito: três mudas simbólicas de roupa branca e três pedaços de sabão, um saco de viagem e uma cabaça com água.

Apesar dos aconselhamentos sobre providências a serem tomadas por Orixalá em caso de ele resolver viajar, o oráculo recomenda: "Mesmo assim, é melhor adiar a viagem..." Mas todos já sabem bem: mesmo assim, Orixalá viajou para matar a vontade de ver seu filho, Xangô, rei de Oyó. Ele pode. O aspecto de Orixalá que ficou mais evidente para mim, na narrativa de Mãe Dara Mujina, foi este: ele pode. E quem pode mata a vontade. E aí, eu fiquei me perguntando: E eu? O que não pude fazer por mim mesma? O que não pude fazer para que, até hoje, eu não tivesse sorte no amor? Será que para encontrar o amor, seria também necessário fazer a *viagem* em busca da realização de mim mesma? E no meu caso, o que seriam aquelas três mudas de roupas? E aqueles três pedaços de sabão? Quanto à recomendação de "não falar com ninguém", até que segui isso. Nunca falei sobre esse assunto meu.

Certa ocasião, fiz uma consulta com Mãe Dara, e ela me disse que eu sou de Iemanjá. Mas a Iemanjá que rompeu com Olofin, seu marido, e voltou sozinha para o fundo do oceano. Que eu precisava entender isso de mim mesma. Não era uma questão de aceitar a sozinhez ou a solidão. Era, antes de tudo, compreender eu mesma. Dizendo que era para eu entender melhor o que ela estava tentando me explicar, ela fez duas abordagens, que julguei interessantíssimas. Uma, sobre Iemanjá; a outra, um *itan* a respeito de uma situação vivenciada por aquele Orixá.

Sobre Iemanjá, ela disse assim:

– Sabe, Iaiá? Iemanjá, que é sua mãe, é a mãe dos mares. Mas orixá é assim: cada um tem sua força, que é força da Natureza. Cada um deles tem um padrão. Mas esse padrão varia sem deixar de ser o mesmo. Oxum, por exemplo, tem dezesseis variações. No caso de Iemanjá, tem aquela que governa o encontro das águas doces com as águas salgadas. Uma outra, as ondas que embolam na praia. Mais outra, a maré cheia. Outra mais, a maré vazante. Tem até aquela que vive trancada em seu palácio, no fundo do oceano mais fundo. A porta do palácio é lacrada, e se ela sair de lá, o mar cresce e arrasa tudo. Acontece que a Terra veio do fogo e, por isso, usa um chapéu de gelo. Aí, se esse chapéu derreter, vai ter um grande abalo no fundo mar. O abalo vai destravar o portão que eu já lhe falei, e a dona do palácio vem cá fora pra ver o que esteja acontecendo. E ela faz crescer o volume de todos os mares. É a Iemanjá Ialokun, a Mãe de Todos os Oceanos. Aí, iaiá, ela vai vir com suas águas, pra cobrir grande parte da terra que hoje é seca.

Seja de que qualidade de Iemanjá for, a pessoa que tem ela na cabeça é sempre uma espécie de *mãezona*, com os ouvidos sempre dispostos a ouvir queixas e problemas dos outros. Também são pessoas que gostam de flores, espelhos e perfumes. Outra coisa: Iemanjá não suporta a tirania. Por falar nisso, me deixa contar uma história. É um *itan* sobre Iemanjá; aliás, sobre a Iemanjá de quem você, Iaiá, é filha.

O que mãe Dara narrou calou fundo dentro de mim. Jamais vou esquecer a lição que aprendi naquele momento. É como se eu ainda estivesse ouvindo a voz de Mãe Dara Mujina.

– Olokun, o Pai do Oceano, tinha uma filha muito bonita, que foi criada pra ser rainha: era Iemanjá. Olokun tinha prometido a Olofin que Iemanjá ia se casar com ele, e assim aconteceu. No dia do casamento, Olokun presenteou sua filha com um pote. Disse a ela que, se algum dia, ela caísse em extrema necessidade, quebrasse aquele pote e o socorro ia surgir imediatamente. Mas não deixou de avisar: o pote só devia ser quebrado em caso de extrema necessidade, como último recurso. Depois que se casou, Iemanjá foi em companhia do marido pra as terras que ficam bem distantes do mar.

Com o tempo, Olofin foi-se demonstrando ciumento,

possessivo e dominador. A vida de Iemanjá ficou limitada apenas ao palácio real. Ninguém podia lhe dirigir a palavra sem autorização expressa do marido. E quando ele saía pras guerras de conquista, ela ficava trancada, isolada, até que ele voltasse. Foi então que Iemanjá sentiu necessidade de se libertar daquele cativeiro. A lembrança de seu tempo de liberdade, vivido no reino de Olokun, aumentava ainda mais a sua dor. Afinal, como é sabido, não há dor maior do que, no tempo do cativeiro, se recordar da liberdade.

Aí, Iemanjá começou a pensar em fugir. Tentou algumas vezes em vão, pois parecia que Olofin adivinhava seus pensamentos e descobria tudo que ela planejava. Um dia, Olofin voltou coberto de glória, porque tinha vencido uma batalha, e ofereceu um grande banquete a centenas de convidados. Ele bebeu vinho de palma até se fartar e dormiu embriagado. Se aproveitando disso, Iemanjá fugiu do palácio. Mas como não conhecia os caminhos do deserto, terminou se perdendo. E quando o dia amanheceu, ela nem sabia onde estava. Nesse meio tempo, Olofin acordou e tomou conhecimento de que Iemanjá tinha fugido. Ele foi procurar por ela, com muitos soldados. Desta vez, ela ia voltar como uma prisioneira.

Quando Iemanjá avistou o exército do marido se aproximando, se deu conta da tragédia que ia lhe acontecer. Foi então que ela se lembrou do presente que recebeu de seu pai, Olokun, no dia do casamento. Abriu a bagagem e retirou pote. E quando Olofin mandou os soldados amarrarem a esposa fugitiva, ela palmeou o pote e arremessou no chão. O pote se quebrou, e aí se deu o encanto: de repente, o Oceano se avolumou, invadiu a Terra e o deserto virou mar. Olofin e seu exército morreram afogados. Iemanjá passou a reinar absoluta sobre todas as águas de todos os oceanos e passou a ser considerada a *Mãe dos filhos peixes*. Daí o nome dela, *Yemonjá*, que deu Iemanjá.

Está vendo, Iaiá? Os tiranos terminam sempre se afogando nas águas escuras de sua tirania. E não esqueça: você também carrega consigo esse pote. Se algum dia, você viver uma situação sem jeito, quebre seu pote...

Já precisei *quebrar o pote* uma vez, numa situação extrema que vivenciei, e deu certo. Mas conforme o compromisso que todos do nosso grupo assumiram, eu também devo abordar uma leitura de

mim mesma pelo viés da Astrologia. Conforme diz minha amiga Neusa, sou libriana, mas meu signo solar estava interceptado, quando eu nasci. Seria tal interceptação a mesma coisa que o *portão lacrado*, conforme o *itan* que Mãe Dara Mujina narrou? É uma boa pergunta, não resta dúvida. Na condição de filha que se identifica com a mãe, tal qual Iemanjá, vivo sempre perfumada e enfeitada. Só saio de casa bem arrumada. Gasto horas me maquiando, o que chega a aborrecer minhas amigas, que ficam esperando eu me arrumar.

Ainda segundo Neusa, eu receberia muito mais impulso de meu Ascendente, Sagitário, do que do meu Sol. É ele quem me possibilita *quebrar o pote*. Mas na condição de boa libriana, a frase que me marca é "eu equilibro". E pensando nisso, me lembro de que foi através de um sacerdote católico, Padre Germano, que comecei a ter contato com uma comunidade de terreiro. É isso: eu harmonizo. Também foi Padre Germano quem me aproximou de Neusa, filha de Doutor Leo. Foi assim que passei a frequentar a casa dele. Então, um homem solteiro, impedido de casar por causa de sua condição religiosa, foi quem me pôs em contato com dois grupos que me abriram as portas e me fizeram enxergar o mundo com outros olhos: o terreiro de Mãe Dara e o grupo de Doutor Leo. Não sei se, em vez de ter encontrado esse grande amigo, Padre Germano, eu tivesse encontrado um marido, eu teria encontrado Mãe Dara e Doutor Leo, que me possibilitaram eu me harmonizar comigo mesma. Então, tudo me leva a crer: a meu modo, eu também fiz minha viagem.

Foi num momento do trajeto de tal viagem que Mãe Dara Mujina, numa outra consulta, leu meu *Odu* no jogo de búzio. Nunca vou esquecer a leitura que ela fez:

> Seu *Odu* é *Oieku*. Muito temido por aqueles que não conhecem seu fundamento. Ele sempre indica o fim de um ciclo: bênção de paz. Mas ele é também a escuridão completa, aquilo que era antes de Olorun mandar criar o mundo. Ele é a contração da matéria. É por isso que muitos temem esse *Odu*, por confundirem ele com *Iku*, a Morte. Quem traz este *Odu* tem de ficar de prontidão, alerta, pois ele pode trazer o fim prematuro de um ciclo que pode não resultar em total maturidade ou benefício. Mas ele cria e termina um ciclo. Daí, a importância dele: o eterno retorno. É como a respiração da gente: se o ar entra nos pulmões, depois tem que ser jogado pra fora. Preste bem atenção nisso em você:

> quando começar uma coisa, vá até o final. E depois, espere o recomeço. Pois é assim que as coisas vão ser em sua vida.

Aí, eu me dou conta de como se sustentam as energias nas comunidades de terreiro e o que isso tem a ver com ritual. Sempre me perguntei: Para que e por que tanto ritual? Ritual para quase tudo... Em primeiro lugar, as comunidades de terreiro acreditam que as relações se mantêm através do sistema de trocas simbólicas. Eles dizem: "De onde se tira e que não bota, faz falta." Mas essa troca não é um *toma lá*, *dá cá*. É, antes de tudo, a busca pela sustentação das energias. Como a estrada: uma mão vai; outra vem. Como a respiração: os seres vivos inspiram oxigênio e expiram gás carbônico. As plantas: absorvem gás carbônico e eliminam oxigênio. A energia elétrica que circula pela fiação: um fio, positivo; o outro, negativo. Enquanto esse equilíbrio se mantém, o sistema permanece. Basta cessar um, para que o outro seja interrompido imediatamente.

Nas três vezes que Orixalá teve sua viagem interrompida pelo contato com substâncias que lhe eram contrárias, ele realiza um ritual de limpeza: banha-se em água limpa e lava as vestes maculadas com água e sabão. Para cada vez, um novo pedaço de sabão, uma veste limpa. A substância que entra no ritual anterior não é reutilizada no ritual seguinte. No sistema de trocas simbólicas das comunidades de terreiro, o que se oferece ao *Orixá* é tudo preparado com exclusividade para aquele momento. E o que sobra ou é consumido, ou descartado em lugar conveniente.

É nessa exclusividade da natureza do que é ofertado que se acredita fazer circular a energia que sustenta a vida, as relações, as vitórias. Por isso, há oferendas perenes e outras que são feitas em ciclos semanais, mensais, anuais, ou até num intervalo de três, sete, catorze ou vinte e um anos. Porque se acredita que as energias se mantêm em ciclos daqueles períodos. Findos tais tempos, as energias precisam ser repostas. E isso é realizado através de rituais. Um exemplo prático pode vir através do conceito de *comer*. Os bichos comem, as plantas comem, as pessoas comem. Então, os *Orixás* também comem. Até a cabeça da gente come. Por isso, anualmente, os participantes das comunidades de terreiro dão comida à cabeça. Isso acontece através de um ritual conhecido por *bori*. Quando a cabeça recebe o que lhe é devido, a pessoa tem outra resistência.

Desde os micróbios, até as perseguições, as doenças, as ciladas de inimigos, as traições, os desastres, os olhares de inveja. Até mesmo os assaltantes e os ladrões, já que estamos nos chamados tempos pós-modernos.

São celebrados rituais para atar ou para desatar; para atrair ou para despachar; para unir ou para separar; para acalmar ou excitar; para repousar ou para sair da depressão; para celebrar a vida ou para desligamento dos mortos. Também para batizar, casar, tornar alguém um iniciado. Nas práticas sociais, então, há para quase tudo: comprar, vender, conseguir emprego, sair de situações de aperto financeiro, afastar inimigos, e por aí vai. Tudo isso decorre de uma interpretação do fazer e do viver: a vida se mantém através do sistema de trocas simbólicas.

Nas comunidades de terreiro, como em qualquer outro tipo de comunidade, um ritual pode ser executado por um único indivíduo, um grupo, ou por uma comunidade inteira. Também pode ocorrer diante de pessoas ou privativamente. Quanto ao espaço onde o ritual pode ocorer, para os participantes de comunidades de terreiro, é preciso compreender que o templo do *Orixá* é a Natureza. Assim, os rituais para Iemanjá são celebrados no mar. Para Oxum, nos rios, cachoeiras e fontes. Para Oxóssi, nas matas. Isso tem trazido consequências e complicações para os praticantes do culto. As praias e os rios estão poluídos. As matas foram devastadas. E *Orixá* não responde em ambientes sob tais condições, pois ele é força da Natureza. Quando a Natureza é devassada, a sua energia não se sustenta.

Isso tem sido um constante atrativo para a humanidade, pois os espaços ritualísticos se reinventam e são reinventados constantemente. Daí a busca pela preservação de sítios arqueológicos, a exemplo de Stonehenge, de Machu Piuchu, das pirâmides do Egito, dos Astecas e dos Maias e do Muro das Lamentações. Também passam por aí desde o Sambódromo da Marquês de Sapucaí, às praças de touro de Madri.

Está compreendido que a espécie humana se destacou das demais porque dominou a linguagem articulada. Essa linguagem foi desenvolvida com valores culturais, religiosos, científicos e artísticos. E isso também tornou os rituais mais complexos. Por isso mesmo passaram a simbolizar ideologias e ensinamentos.

Fico devendo aqui, e transferindo para outra ocasião, uma abordagem sobre isso nos rituais das comunidades de terreiro. Uma

coisa é considerar os rituais do candomblé por parte de quem não o pratica. Outra coisa é perceber isso no complexo de *nações* em que os terreiros estão mergulhados. Já tive oportunidade de presenciar um ritual que é comum à maioria dos terreiros: *o caruru de Ibeji*. A diferença no ritual celebrado pelas casas de diferentes *nações* é muito visível. Não sei se o mesmo acontece na celebração do mesmo tipo de ritual, entre terreiros de mesma *nação*. Aqui ficam chamados para estudiosos.

De minha parte, não vou me meter em camisa de onze varas. Sou formada em Ciências Sociais, com especialidade em Antropologia. Ensino em faculdade particular e não desenvolvi o perfil de pesquisadora. Às vezes, nem sei se, de fato, quero mesmo ensinar Antropologia. Evito, a qualquer custo, desentendimento com aluno. Não sou muito dada a escrever textos, limitando-me ao necessário para minhas aulas. Costumo faltar aulas, quando tenho crises renais.

Como já disse, não sou uma escritora e se participo desta obra foi por convocação de Doutor Leo, a quem agradeço de coração, pela oportunidade única.



TERCEIRO CAMINHO: *Ògúndá* (Ogundá)

As coisas de Orixalá só começam antes do sol raiar. Ele se pôs na estrada de manhãzinha, bem cedo, e lá se foi, sem pressa, apoiado no seu opaxorô. De repente, alguém apareceu no sentido contrário. E quando o desconhecido se aproximou, saudou Orixalá:
– Salve, Senhor da Paciência! Que faz por aqui?

O terreiro: um outro padrão de fazer e viver

Creusa Navarro

Meu pai. Sempre meu pai, o Doutor Leo, tal qual a maioria o conhece. Ele e suas invencionices. Agora entendeu que todos nós, que costumamos viver ao seu redor, somos escritores. Ainda bem que ele não é bom observador dos que estão em torno dele. Ele só é antenado nas coisas mais amplas. Por isso mesmo, nunca notou a qualidade de meus desenhos. Saber que eu desenho, até que ele sabe. Também nunca deixei que ele visse minha produção. Enquanto eu vivi com meus pais, só desenhava às escondidas e deixava tudo meu muito bem trancado. Quando me mudei para meu próprio apartamento, me senti muito mais livre. Mas aí, apareceu Jean Claude. Ele vê minha produção, sim. Mas isso só aconteceu, depois de ele me jurar que não tocaria em tal assunto com ninguém. Jean é uma boa alma e cumpriu seu juramento sem perguntas impertinentes. Creio que ele não padece da síndrome da curiosidade tão evidente em meus patrícios. Mas confesso que, mais das vezes, isso me incomodava e ficava me perguntando por que eu não queria que vissem meus desenhos. Ás vezes, eu imaginava que seria uma espécie de vingança porque meu pai nunca prestou atenção no que eu fazia. Minha mãe também nunca se ligou no que eu fazia ou deixava de

fazer. Aliás, por tocar nesse assunto, uma cachoeira de explicações me brotou na alma, naquele dia em que assisti ao ritual da *Festa do Pilão*. Creio que era justamente isso que meu pai queria: que nós disséssemos a nós mesmos nossas coisas que ele nunca pôde enxergar, para que assim ele pudesse nos ver. Homem sabido e cheio de estratégias, esse meu pai. Mas vamos por parte. O poeta[25] já disse: "A sua pressa não apressa a história." Mesmo, eu tenho que seguir aquele roteiro que nós todos combinamos. Vamos lá.

Orixalá antecede o nascer do Sol. De manhãzinha, bem cedo, é a hora dedicada a ele. Nesse momento, em certos lugares, a neblina costuma cobrir os vales. Minha cidade é circundada por montanhas. No centro do grande círculo, os bairros se espalham até encontrar as montanhas. Lugar perfeito para a neblina se formar. E eu sou cabeça de Ewá, o *Orixá* da neblina, aquela que não teme a morte. Orixalá é o Ar. O ar frio condensa o vapor dágua. O vapor dágua se espalha pelo vale, em forma de neblina. Eis a grande relação de Orixalá com Ewá. Sem o ar, a água e o frio, não há neblina. Sem neblina, Ewá não aparece. A neblina esconde a paisagem. Eu escondo meus desenhos. A neblina toma conta de mim. Ewá está em mim. Eu estou em Ewá. Ela e Orixalá formam verdadeira aliança. Por isso, ela sabe confrontar-se com a morte. Ela sabe esperar pela vida, porque aprendeu o exercício da paciência com Orixalá.

Sendo eu filha de Ewá, a mim foi dada a oportunidade de aprender com Orixalá. Em tal sentido, foi providencial, para mim, participar da *Festa do Pilão* e ouvir a narrativa do *itan* por Mãe Dara Mujina. Na viagem para Oyó, o primeiro encontro de Orixalá é com um desconhecido que o trata como Senhor da Paciência. A vida é assim: exige de nós exercícios infindos de paciência. Há muito que aprender com Orixalá, pois ele nos ensina a esperar, com paciência.

Sempre tenho algo a aprender, quando me encontro com pessoas de Orixalá. Até encontrar Mãe Dara Mujina, que também é filha de Orixalá, era um mistério para mim a ojeriza que sempre tive à galinha. Na primeira consulta que fiz com ela, veio a explicação: "Você é cabeça de Ewá, aquela que é a neblina e tem horror à galinha." Fiquei sabendo naquele dia que Ewá é a esposa de Obaluaiyê, o temível guerreiro. E que sabe enfrentar a morte. Aliás, tal enfrentamento se dá porque ela sabe enganar a morte. Ela

25 Cf. PELLEGRINI JR., Domingos. **Mudança**. (Poema avulso).

é atenta, desconfiada e tem uma presença de espírito muito forte. Justamente o contrário de Orixalá, que sempre crê na palavra e nas boas intenções do outro. Por isso ele caiu na cilada do primeiro que encontrou na viagem, e vinha justamente em sentido contrário ao seu. É preciso muito cuidado com quem surge em sentido contrário, na nossa viagem ou travessia. Essa é a razão de minha parceria com Jean. Ele me surgiu no percurso de minha viagem pela vida, mas na mesma direção. No mito que Mãe Dara narrou, eu entendi isso, tanto como tirei outras lições e outras explicações. Mas vamos devagar porque Oyó fica longe.

Sei que sou imprevisível, temperamental, rebelde, e muitas vezes me aborreço com detalhes. Quem viver mais próximo de mim logo perceberá evidência de traços de radicalismo. Mas também sou independente, tolerante, humana, altruísta e progressista. Afinal, sou aquariana. No entanto, no meu Fundo do Céu, que é a *Casa da família*, minha visão precisa de foco. Lá, eu sou sagitariana, na eterna tentativa de focar o alvo. E foi justamente esse foco que eu consegui ajustar, quando ouvi a narrativa de Mãe Dara. Ah, minha família... Em outro tempo, eu jamais abordaria essa questão. Sempre odiei, quando minha mãe ficava recontando que queria ter o segundo filho um homem. Até o nome fora escolhido previamente, Clésio. E aí, eu fui gerada no lugar do irmão desejado. Por isso meu nome é Creusa, do qual eu nunca gostei. Minha mãe nunca se preocupou em pelo menos disfarçar a frustração dela. Creio que, no fundo, bem no fundo, minha mãe nunca me aceitou bem. Então, por que ela veria meus desenhos?

Mãe Dara muito ajudou a me explicar a mim mesma. Ela me fez entender de onde me vem, desde novinha, uma vontade de destruição sem propósito. Era assim: se eu estivesse com uma pilha de pratos na mão e um caísse, a vontade que me dava era destruir todos os pratos que me restassem na mão. Se eu perdesse um objeto meu, ao achá-lo, a vontade era de fazê-lo em pedaços. Se alguém dissesse que eu fiz ou disse algo que não fosse verdade, tinha ímpetos de quebrar tudo. Mãe Dara me explicou que meu *Odu* é *Ogundá* e esse é um traço negativo meu, que ele me ajuda a dissolver. Que eu entendesse de onde isso vem, de que parte de mim isso brota. Isso é um elemento componente de mim mesma. Me disse Mãe Dara que isso ninguém pode tirar de mim, mas se eu entendesse de onde vem, eu passaria a lidar com isso sem consequências, com

naturalidade, até mesmo domando o impulso. Daí, eu aprendi, e hoje, sou incapaz de quebrar algo num momento de raiva, embora saiba que meu desejo seria fazer aquilo. É a mesma saída para pessoas que sejam cabeça de Ajalá, pois elas nunca vão deixar de sentir vontade de tomar um trago de bebida alcoólica. E tomando o primeiro, os seguintes são inevitáveis. *Ogundá* me confere energia para a remoção dos obstáculos internos e/ou externos; criação de um caminho ou abertura de uma estrada. Principalmente, ela me disse que eu aproveitasse a grande qualidade de *Ogundá*: remoção de obstáculos. Tomando esse rumo apontado, mudei meu padrão de fazer e de viver.

Essa é uma das razões por que o terreiro me atrai. Não pertenço a terreiro nenhum, mas não perco a oportunidade de manter contatos mais diretos com esse tipo de comunidade. Lá se pratica outro fazer e outro viver. Por isso mesmo, facilita a compreensão de nossos desencontros por outro ângulo, por um outro jeito de encarar as coisas. É como se a gente estivesse acostumado a enxergar uma paisagem através de uma mesma janela e, de repente, a gente saísse da janela, ultrapasse a porta, atravessasse a rua e se integrasse àquela paisagem antes só vista como um retalho, observada pela janela.

A gente de terreiro se movimenta numa estrada de mão dupla. Vai do humano par o *Orixá* e deste para aquele. Por isso mesmo, construiu outro modo de fazer e viver. E as pessoas vão até perguntar que modo é esse. Eu posso dizer que é um modo, nem melhor, nem pior do que aquele próprio da maioria. Mas é diferente. E é essa diferença que pode acelerar o encontro das pessoas consigo mesmas, com o outro, com Deus.

Antes de tudo, é um modo, vamos dizer assim, que não é ocidental, que não é compatível com as heranças romanas. Começa pelo sentimento de pertencimento. Todo mundo tem o seu *Orixá* e o seu *Odu*. Ninguém se sente desgarrado. E tem mais: todo mundo está ligado a uma grande corrente de energia universal, que é o axé. Assim, os vivos, os mortos, os bichos, as plantas, os minerais, tudo faz parte de um todo. Aportar a um terreiro é ter a certeza de que vai receber, no mínimo, água preparada com folhas para um banho, um prato de comida e um cantinho para dormir.

Faz até lembrar o caminho para Santiago de Compostela, no qual os peregrinos têm a certeza de encontrar pousada para passar a noite. Se um dia, a humanidade conseguir entender esse modo de

viver e colocá-lo em prática, a existência na face da terra terá outro padrão. Apesar de haver tantos lares pelo mundo afora, ao ultrapassar o batente da porta de sua casa, as pessoas sentem que estão indo para uma selva, onde a qualquer momento, poderão ser devoradas por um leão faminto.

E como isso é diferente no terreiro. A comunidade se sente privilegiada ao receber a visita. Tudo será feito para que o estranho não se sinta como tal. Saber que a visita comeu, gostou e ficou satisfeita alegra o *Orixá*. Portanto, alegra a casa, alegra as pessoas. O terreiro não pertence aos humanos; pertence ao *Orixá*. E *Orixá* é a misericórdia em ação. Para compreender isso, tive muitas e muitas horas de conversa com Mãe Dara Mujina. Suas explicações são detalhadas e sempre entrecortadas de casos, tanto vividos por ela, quanto por pessoas que ela conheceu, ou por mais velhos que pontilharam seus caminhos, desde que ela se entende por gente.

Sou aquariana, lembram? Por isso mesmo, sempre me dei conta de que preciso aprender muito com o relacionamento humano, inclusive a respeitar as emoções alheias sem tratá-las como algo primitivo ou atrasado. Sei que sou racional e ajo sempre pensando na coletividade, mais do que em meus contatos pessoais. As pessoas mais próximas de mim dizem, até, que sou impessoal e preservo minha liberdade a todo custo. Isso não me livra de cumprir compromissos assumidos. Mas é verdade que fujo de compromissos estreitos demais ou que invadem minha privacidade.

Esse conjunto de atributos me levou a me tornar uma agente social. Conforme sempre acreditei, tornar-me uma assistente social me daria chão para propor transformação da realidade de certas comunidades. Meu sonho era me tornar uma protagonista de mudanças e socializar saberes em comunidades carentes. Quando li Paulo Freire, ele me deu o verdadeiro objetivo de um agente social: incentivar as ações comunitárias através da mobilização, organização e educação popular. Este seria o meu caminho: trabalho coletivo, planejamento e gestão participativa, pois, na verdade, o serviço social é um interventivo e busca diminuir as disparidades sociais. Além do mais, um assistente social atua através de pesquisas e análises da realidade social, na formulação, execução e avaliação de serviços, programas e políticas sociais que buscam a preservação, defesa e ampliação dos direitos humanos, e a justiça social. Um prato feito para mim.

Claro que meu pai fez restrições. Me lembro tanto do juízo que ele fez a respeito dessas minhas preferências:

> Creusa, minha filha, meu nome é Aleixo; torto no mundo eu acho, torto no mundo eu deixo. Melhor cuidar de sua vida e não queira dar jeito no que está torto desde o princípio do mundo. Se lembre do mito bíblico. Até hoje, tem um Querubim no *Portão do Paraíso*, com uma espada de fogo na mão, impedindo o retorno de quem um dia foi expulso de lá. Minha filha, somente no Paraíso poderá se estabelecer a igualdade, mas o Paraíso está perdido para sempre.

Levei isso a sério, muito a sério mesmo. Mas como uma verdade dele; não a minha. E independente como sou, continuei pelas trilhas que eu mesma escolhi.

Quanto à minha mãe, a psicanalista Dina, não me dei ao trabalho de procurar saber o que ela pensava sobre isso. Também ela nunca comentou sobre o assunto. Que importa, se a assistente social seria eu e não meu pai, nem minha mãe?

Foi na condição de assistente social que fui em busca das comunidades de terreiro. E o choque foi anafilático. Nada do que me disseram, do que me informaram, do que eu pensava correspondia à realidade do que encontrei nos terreiros por onde andei. Lembram-se do que afirmei um pouco mais acima? Assistente social atua através de pesquisas e análises da realidade social. Equívoco desses governantes que imaginam a assistência social como uma atividade de distribuição de cestas básicas, cobertores no inverno e *sopão* para moradores de rua. Claro que essas medidas suavizam o sofrimento. Mas a cesta básica termina em um mês; o cobertor envelhece e se esfarrapa, e o efeito do sopão não dura sequer um dia. Seria muito melhor que as pessoas tivessem trabalho fixo, com carteira assinada, para poderem adquirir sua cesta básica, seu cobertor e a sua sopa.

Conforme eu ia dizendo, foi no terreiro onde tomei o grande choque. O primeiro deles que visitei foi o *Ilê Axé Turi Efan Olorokê*, dirigido por Mãe Dara Mujina. Lá eu fiz a minha base, antes de incursionar por outras comunidades. Nesse sentido, devo muito a Celeste, com suas lições de Antropologia, e a Geralda, que me amparou nos conceitos da Sociologia. Creio que seja por isso que Mãe

Dara não se cansa de afirmar: "O povo de Doutor Leo é uma casa de maribondos. Buliu com um, buliu com todos." É verdade. Por trás de todas as nossas diferenças individuais, há um forte sentimento de pertencimento grupal que nos une.

Sobre o fazer e o viver, nas comunidades de terreiro, as pessoas têm uma compreensão de que o plano anímico e o físico são imbricados. Elas adotam uma visão mais transcendental da vida e de si mesmas. Isso faz com que estejam em constantes *obrigações*, isto é, oferendas aos *Orixás* que, segundo a crença estabelecida e as práticas que a concretizam, fortalecem as religações entre a criatura e seu Criador. Essa busca pela transcendência é notória e denuncia uma ânsia para que o Divino venha para o meio dos mortais. Por isso mesmo quase não se nota nessas comunidades a ânsia em garantir um lugar no Paraíso, após a morte.

No complexo do fazer e do viver, é preciso garantir a ligação entre a pessoa e um protetor influente. Assim, por exemplo, Iemanjá tem o mar sob seu domínio; Oxum, os rios, cachoeiras e fontes; Oxóssi, as matas; Ossáin, as folhas que curam. Estar sob a proteção de um *Orixá* é garantir a influência sobre si do reino no qual o *Orixá* é potente. Assim, quando a pessoa se indaga sobre o significado da vida, ou ainda pergunta a si mesmo "O que estou fazendo aqui?", o *Orixá* protetor serve de baliza para encontrar suas respostas.

Outro dia, li um livro interessante: *Em busca do sentido*[26], de Viktor Frankl. Aliás, esse autor é um exemplo de quem encontrou um sentido para sua vida. Perseguido pelo nazismo, perdeu a família e, ele mesmo, foi prisioneiro de um campo de concentração. Foi libertado pelas forças aliadas que derrotaram o nazismo, retomou seus estudos, pesquisas e afazeres acadêmicos, e ainda escreveu vários livros. Os participantes das comunidades de terreiro me remetem ao livro de Viktor Frankl. Elas terminam por construir um sentido para suas vidas, independentemente das agruras da existência, de uma maneira muito concreta.

26 Disponível em: <http://mkmouse.com.br/livros/EmBuscaDeSentido-ViktorFrankl.pdf>. Acesso em 24 abril 2013.



QUARTO CAMINHO: *Ìrọ̀sùn* (Irossun)

A cortesia pegou Orixalá de surpresa. Aí, ele respondeu assim:
– Vou para Oyó, Ioiô, fazer uma visita a Xangô.
O homem, então, pediu a Orixalá que ele lhe ajudasse a descer um saco que trazia nas costas. Orixalá não se fez de rogado. Tinha se esquecido da recomendação de Orunmilá e ajudou o desconhecido. Então, dando uma gargalhada zombeteira, o homem despejou o que tinha no saco por cima de Orixalá.

O Pilão de Orixalá: um outro sentido para *festa*

Jean Claude Narbonne

O que você está lendo deve ter passado por aquela equipe de três revistadores. Eles são pessoas de grande adestramento na escritura do português. Mesmo que ficou combinado não desmanchar o modo de dizer de cada um de nós, sempre uma coisa fica alterada, quando alguém muda o que a gente escreveu. Ainda mais pra mim, que nunca dominei completamente a língua daqui. Os revistadores disseram que não iam tirar a alma francesa do meu escrito. Mas eles nem desconfiam de que eu já tenho mais uma alma. Ou será que sabem disso?

Acho muito bonito o português. Mas fico atrapalhado muitas vezes. Coisas que aprendi na escola de França, aqui são muito diferentes. O uso do adjetivo é exemplo. No francês, se o adjetivo tem o mesmo número de sílabas do substantivo, ele pode ser posto antes ou depois. Se mais sílabas, sempre depois. Se menos, sempre antes. No português não tem nada disso. A qualidade vem, de costume, depois. Mas se houver outra intenção de sentido, pode ser antes. E isso não tem nada a ver com o tanto de sílabas.

Os amigos me recomendam dizer desse modo e não daquele. Mas eu esqueço recomendações com facilitação. Isso foi o que acon-

teceu com Orixalá na viagem pra Oyó. Muita gente já me recomendou a diferença entre os acentos (^) e (´), que em francês funcionam ao contrário do português, mas eu me esqueço da recomendação. Foi o que aconteceu com Orixalá também. Tem gente que sente nada, quando lhe pedem alguma coisa. Com Orixalá é diferente. Ele atende a tudo que é um pedido. Na vida, muita gente responde com zombaria à ajuda que recebeu. Ajudar sem olhar a quem pode trazer resultado sem prazer ou com sofrimento. Portanto, é preciso cuidado. Em tempos de hoje, ajudar sem olhar a quem pode levar a pessoa a ajudar um assaltante, a um ladrão, a um desonesto.

Vão me perguntar por que um francês vai escrevendo tais coisas. Tenho muitas respostas. Mas antes de dar respostas aos outros, eu precisei dar respostas a mim. *A viagem pra Oyó* me ajudou muito ver essas respostas. Elas estavam dentro de mim, mas eu não podia ver. Isso aconteceu olhando a força de decisão que Orixalá tem. Ele é o dono do Ar. Foi nos ares onde me encontrei. Meu pai me carregou pelos ares, porque ele era piloto de avião. Andei pelo mundo todo com ele, voando pra lá e pra cá.

A Mãe Mujina disse que eu sou Oxaguiã, o Orixalá novo. Se eu sou um Orixalá, o Ar é minha casa. Casa que me salvou do naufrágio de minha família. Meus pais se separaram eu era muito novo. Minha mãe sempre esteve ocupada com as pinturas dela. Eu quis ficar com meu pai, voando. Quando estive no Brasil, pela primeira vez, foi em Rio de Janeiro. Um irmão de meu pai tinha vindo. Ele já fazia muito tempo de Brasil. Gostei tanto daqui que pedi a meu pai pra ficar com meu tio. Ele trabalhava numa escola do samba. Eu passei algum tempo aprendendo carnaval e tive encanto pelas coisas da cultura de negro.

Fui pra terra da Bahia pra ver a festa do dia dois de fevereiro. É a festa da patronesse do mar, Iemanjá. Festa que junta tudo que faz alegria: samba, trio elétrico, cerveja, terreiro, capoeira, turistas. O chamado de tambores, de berimbau e de agogô carrega a gente pra festa. As pessoas não podem ficar paradas, se embalançam o tempo todo. Eu já tinha ouvido falar dessas coisas desde França. Mas viver as coisas é diferente. Muito diferente mesmo.

Foi numa festa de dois de fevereiro que conheci duas pessoas que tenho sentimento por elas: Creusa, minha namorada, e Mãe Mujina. Tenho por elas sentimento forte como estar voando. Depois que conheci essas duas pessoas, até voar ficou mais pequeno. Foi por isso que resolvi me mudar pra cidade onde estou vivendo. Aqui, além de

viver amando e sendo amado, também fui aprendendo coisas sobre mim e sobre os outros. Sobre a vida e o mundo também.

Desde muito tempo, eu já sabia ser de Gêmeos. Mas era uma coisa, assim, por cima. Um voo rasante, sem possibilidade de acrobacias. Mas apareceu a cunhada Neusa, que sabe das coisas. Ela me ensinou o que é ser de Gêmeos. Ela diz que a frase que me define é "eu penso". Porque é um signo racional regido pelo planeta Mercúrio. Ela diz que isso me traduz em curioso, inventivo. Mas do lado *Sombra*, sou meio estouvado, inquieto, sem concentração, sem persistência, só vivo mudando de projeto de vida. Também sou Sagitário da Casa Sete, onde está a maneira de relacionamentos. Aí, nesta Casa, a minha visão da distância deve ser corrigida com lentes, pois eu preciso de foco e de precisão. Mercúrio é o dono de Gêmeos e vai ser ele a fonte pra meu Sagitário de Casa Sete. Agora vejo quanto Neusa, a cunhada, me ensinou. Devo isso também a Creusa. Hora feliz entrei pra o grupo de Doutor Leo. A vida tem dessas coisas, a gente dá poder a certas amizades pra que elas nos ajudem mudar a vida da gente. Quem não faz isso se perde na vida, pois tem coisas da gente que só podem ser mudadas com a ajuda de quem nos quer bem. Mãe Mujina diz: "Quem tem ferida nas costas não se cura. É preciso outra pessoa que passe o remédio."

Por isso, *A viagem pra Oyó* foi muito importante pra mim. Por causa da persistência de Orixalá. Ele traça um rumo, não muda, mesmo com acontecimentos inesperados. Aí, eu não quero levar a vida de meu pai, hoje aqui, amanhã ali. Sei muito bem que os ares, que voar, que estar de lugar em lugar são coisas de muita atração. Mas Mãe Mujina diz: "Pedra mudada não cria limo." Acho isso muito sabido. Meu pai foi pedra mudada, nunca se prendeu a ninguém. Resultado: morreu do coração no aeroporto de Barcelona, no meio de desconhecidos. Entendi que ele deveria ser sepultado lá. Não foi fácil conseguir isso, mas fiz o que ele sempre gostou: ficar com estranhos. Então, aqui, aprendi a gostar de ficar entre amigos, conhecidos, os quase parentes. Sou muito querido no grupo de Doutor Leo. Sou bem-vindo no terreiro de Mãe Mujina.

Conselho de Pitágoras: não falemos além do nosso conhecimento. Mas não vou deixar de abordar neste escrito uma coisa que muito tem me ajudado. Foi um ensinamento de Mãe Mujina. Ela me explicou que meu *Odu* é *Irossun*. Ele traz lembranças ou ligação com ancestrais. Ele traz também hereditariedade ancestral física pelo DNA e espiritual, pela sabedoria cultural. Essas palavras são minha tradução do que ela me disse e me ensinou. O outro lado de mim, a

minha *Sombra*, traz resistência ao apoio ancestral. Pelas palavras de Mãe Mujina, esse meu outro lado de *Irossun* é muito forte em mim. Tão forte que me arrancou de França. E por causa disso, eu terminei vindo pra este país e me dou tão bem com a cultura de negro, samba, capoeira, terreiro. Mãe Mujina diz que eu sou um branco negro.

Eu tinha tudo pra ser revoltado. A separação de meus pais, minha mãe que não fez questão de que eu ficasse com ela, a saída de França. Mas meu *Odu* também me dá a realização de potencial. Isso me deixou avisado pra prestar atenção na *Festa de Pilão*. Meu *Odu* tem o impulso de realização de potencial. Ele está lá, presente na viagem pra Oyó. Orixalá realiza esse impulso. Por isso, a *Festa de Pilão* e a história da viagem me tomaram todo.

Neste acontecimento de terreiro, chamado *Festa de Pilão*, o que se diz *festa* tem outro sentido. Em primeiro lugar é um acontecimento de cerimônia religiosa. As pessoas fazem da festa um motivo pra se ligarem ao Céu, com os criadores. Tudo é reza, mas reza que conta histórias da vida, da terra, das forças da natureza, dos seres humanos. Vira motivo de agradecimento. Agradecer pelo dom da vida. Por isso mesmo, a expressão do agradecimento é feita com muita alegria, cantando e dançando o tempo todo.

As pessoas estão acostumadas entendendo festa como ocasião de tudo isso também. Pois numa festa as pessoas cantam, dançam, comem, riem e se divertem o tempo todo. Na *Festa de Pilão*, música e dança não constituem pra uma diversão. A alegria por fazer parte da vida dá outro sentido à festa. As pessoas têm uma vontade de agradecer o dom da existência. E quando a pessoa consegue ir além do comum do sentido que as pessoas dão às palavras, quem consegue ultrapassar a barreira desse sentido vai se sentir igual a um piloto de avião, quando ultrapassa a barreira do som. Eu já vivi essas duas experiências. Tanto em coisas tristes e em coisas alegres.

A *Festa de Pilão* traz alegria porque as pessoas sentem que se ligaram a um plano maior, o mundo dos divinos. E esses divinos ficam manifestados nos humanos. E pra os humanos. Quem passa por isso tem motivo de sobra pra ficar contente. Também traz alegria porque as pessoas celebram a vitória e celebram a vida. O que era potente se movimentou, agiu, virou palavra, expressou sentido, e esses são os quatro estágios da evolução. A vista diz que não se trata de festa em seu sentido banal. A banalidade não evolui. Consome a si mesma e se esgota na repetição. Quando as pessoas não suportam mais repetir, substituem

uma banalidade por outra. E a *Festa de Pilão* se sustenta como motivo de alegria desde os tempos antes dos tempos da travessia do Atlântico. A escravidão retirou tudo dos negros. Até mesmo sua condição de pessoa. A ponto de dizerem: os escravos que vieram de África. Não. Não vieram escravos de lá. Vieram pessoas que foram escravizadas aqui. Mas a escravidão não teve forças de tirar dessas pessoas a beleza de seus cânticos, de sua música. Sobretudo, pra tirar o sentido especial pra *festa*, quando gente de terreiro celebra a *Festa de Pilão*. E isso vem desde que os ancestrais criaram esse ritual consagrado a Orixalá.

Por tocar nesse sentido, de ancestrais, me lembro de duas passagens. Uma, do meu próprio *Odu*, que traz força pra eu vencer a resistência ao apoio ancestral. A outra, a decisão de Orixalá: "*Vou pra Oyó, Ioiô, fazer uma visita a Xangô.*" Já andei por grande parte do mundo, de avião, pra lá e pra cá. Estive em vários países de África. Mas foi preciso que eu viesse pra essa terra daqui, pra descobrir uma África que a própria África, lá, não me deixou ver. E quando aqui, ela se mostrou a mim, me ensinou a descobrir quem sou eu. Justamente por isso vou retornar a meu país, passar uma boa temporada por lá, tão logo Doutor Leo termine o livro. Creio que Creusa vai querer me acompanhar. Vou quebrar minha resistência, vou iluminar minha *Sombra*. Vou pra França, saber de meus ancestrais. Sabendo deles, vou saber de minhas origens, minhas raízes, de onde venho, pra ficar sabendo pra onde vou.

São duas coisas que não tive na vida: carinho de mãe e ligação com meus ancestrais. Quem recebeu de graça alguma coisa, que já encontrou pronta, nunca vai saber o tamanho da dor de não ter aquilo que sobra no outro. Por isso fica muito fácil criticar os outros. As pessoas têm um costume de criticar outras em cima disso. Se eu tenho isso, me incomoda quem não tem. Mas quase sempre não se tem, porque a vida negou ou as pessoas não ofereceram.

Aquela *Festa de Pilão* vai ficar em mim pra sempre. Ela abriu meu coração e minha alma pra alegria da verdadeira festa que o amor faz dentro de nós, quando descobrimos o sentido da nossa própria vida. Também me ensinou a cultivar o sentimento de gratidão. Grato à Creusa, amor da minha vida. Grato ao grupo de Doutor Leo, que me recebeu de coração aberto. Grato à Mãe Mujina, que fez de mim filho dela e despertou em mim o amor de filho pela mãe, coisa que eu nem sabia que morava dentro de mim. Descobrir essas coisas me fez até passar a usar meu brevê apenas como uma carteira que me autoriza voar como um *hobby*.



QUINTO CAMINHO: *Òṣé* (Oxê)

Era carvão. O desconhecido era Exu. Ele gosta de pregar peças e se divertir com o vexame dos outros. Foi aí que Orixalá se lembrou do aviso de Orunmilá, mas já era tarde.
Calado e reservado como ele só, Orixalá procurou um riacho ali por perto. Lavou a roupa suja, tomou banho e trocou roupa limpa. Não se queixou, nem se maldisse. Resolveu pernoitar por ali mesmo e cochilou até a madrugada.

A resposta do terreiro a questionamentos na Pós-modernidade

Nivaldo Madureira

Apesar de ter feito o Curso de Letras e ter cursado disciplinas pedagógicas, nunca passou por minha cabeça exercer o Magistério. Não há como uma pessoa se transformar em professor. Ser professor é nascer para ser professor. Nunca me imaginei labutando com diário de classe, montanhas de redação para corrigir, amontoados de trabalhos copiados da *internet* pelos alunos. Nunca foi meu ideal labutar com textos escritos, dirigidos a quem nunca gostou de ler. Mesmo, meu emprego de funcionário público me garantiu os recursos honestos para minha sobrevivência. No trabalho que executo, não é necessário fazer de conta que ensino a quem faz de conta que aprende. No entanto, tive de construir pontes, pois no meu trabalho ninguém quer saber de ler, muito menos Literatura. Então, me dediquei a um projeto particular de estudo. Nunca mais parei de ler. Saber das coisas do mundo da Literatura é minha diversão. Isso me rendeu excelentes dividendos. Primeiro, porque me mantive alimentado do que há de bom, do ponto de vista intelectual. Depois, isso fez também com que eu interagisse com pessoas esclarecidas, a exemplo do grupo do Doutor Leo. E é justamente por isso que aqui estou, tentando corresponder às expectativas daquele grupo.

Porque há um roteiro convencionado pelo grupo, vou me ater a ele. Comecemos por Orixalá. Aliás, foi no terreiro de Mãe Dara Mujina que eu ouvi falar dessas coisas pela primeira vez. Foi na *Festa do Pilão* que o contato se fez mais direto, principalmente com a narrativa da ialorixá, que reproduz as formas cotidianas da oralidade. Evidentemente, quem pensar em oralitura e queira transportar aquela narrativa para o seu texto literário não há de reproduzir o texto oral, e sim atravessá-lo pelo ritmo da oralidade: repetições, justaposições etc. Nisso, Doutor Leo é doutor. O fato de ele preservar, neste livro, o texto original da lavra de Mãe Dara Mujina, na verdade, é uma tentativa de mostrar ao leitor tais diferenças. Verdadeira aula de quem sabe ensinar por fora da escola, fazendo ouvir outros discursos.

Mas por que a narrativa de um mito fundante, por Mãe Dara Mujina, apesar de aparecer aqui em feição escrita, é feita numa língua oral, que não confere *status* a quem a domine? No nosso caso, o Estado legislou para que as línguas indígenas não fossem aprendidas. No que pese o esforço de alguns jesuítas, o Estrado sobrepujou a Igreja em tal sentido. Por outra sorte, o poder hegemônico impediu, através do desprestígio, que pelo menos uma das línguas trazidas pelos africanos se tornasse a primeira língua entre os falantes da sociedade que surgia. E quando chegou o tempo da implantação de escolas, a língua falada era uma variante do português popular, descuidada, desprestigiada, que a escola nascente também repudiou. Deu-se destaque apenas à variante culta que, até hoje, poucos dominam, apesar dos muitos anos de escola que os supostos letrados completam de estudos.

Então, a beleza dos mitos fundantes, herdados dos africanos feitos escravos aqui, os vestígios do passado, a contracultura que representou e ainda representa a forma estética de resistência só são transmitidos em português popular descuidado, uma vez que nos falta uma outra língua primeira, na qual as particularidades da cultura do povo podem ser veiculadas. Nesse sentido, reside o real papel do escritor nacional: abeberar-se nessas fontes e produzir textos literários com base na oralitura. Justamente por isso, a expressão literária que mais se faz presente até hoje é o conto.

E foi contando que Mãe Dara Mujina nos apresentou um Orixalá resistente, tal qual os africanos escravizados e seus descendentes. Para quem se veste totalmente de branco, receber uma avalanche de pó de carvão significa ser alvo de zombaria de seus valores fundantes. Isso remete a quem se julga possuidor da verdade, que

nega o outro ao negar sua diferença. Diz a narrativa que Orixalá "não se queixou, não se maldisse". Aos desavisados, isso sugere, então, uma marca do conformismo. Olhando por outro ângulo, Orixalá não se queixa do leite derramado, no caso, do carvão, e parte para a próxima. Esse, sim, verdadeiro indício da resistência: retomar a caminhada, pois seu objetivo maior, visitar o filho em Oyó, não deveria ser comprometido no confronto com um antagonista prepotente e arrogante.

Para mim, tal passagem aprendida com o mito foi e continua sendo de máxima importância. Vejo-me, agora, alguém que desistiu de continuar viajando para Oyó, no primeiro saco de carvão que me jogaram. Orixalá atingiu a glória do banquete. Eu não terei meu nome inscrito no coração de ex-alunos. E não é só isso, mas vamos devagar. Pelo menos, o mito de *A viagem* é um bom ensinamento a tal respeito.

Retirando o holofote que direcionei sobre *A viagem* e redirecionando sobre mim, vejo-me como uma pessoa que pratica o enquadramento de tudo em caixinhas. Creio que já sabem: sou virginiano. Meu senso crítico aguçado sempre me fez brigar com Exu, nas muitas vezes que ele tentou me jogar carvão, dendê ou sal. Não fui suficientemente inteligente e misericordioso comigo mesmo, para apenas me lavar, lavar as minhas vestes e retomar minha caminhada. Ah, como gastei tempo com vinganças, para "ensinar" a opositores o que eu achava ser a "regra do bom viver".

Afirma Neusa que a frase que me define é *eu analiso*. Foi ela a responsável por aquilo que hoje sei de mim: diligente, estudioso, científico, metódico, discriminativo, apurador de fatos, exigente, asseado. No jogo dos contrários, também sei que sou crítico, mesquinho, melancólico, egocêntrico, pedante, cético, difícil de agradar, que tenho medo da doença e da pobreza. Não posso, nem devo esquecer do que aprendi com Doutor Leo: somos os piores juízes de nós mesmos. Mesmo assim, vou conceder créditos à Neusa: eu analiso; tenho mente mercuriana.

Dizem que os virginianos são mutáveis e passivos. Nesse último sentido, que coincide com o sexual, sou, sim. E por causa disso tenho sido atingido por muito saco de carvão, barril de dendê e latas de sal. Interessante: em tal aspecto, não sei por que, tenho praticado lavar as vestes, me banhar e seguir adiante. Talvez porque descobri que somente a quebra do hegemônico permitiria a percepção das diferenças e o relacionamento com o outro como forma de

conviver com o diverso. A sociedade mais ampla, entretanto, está muito longe ainda de adotar tal princípio. Nisso, a sabedoria de Orixalá: banhar-se, lavar as vestes e seguir adiante. Conforme diz Huberto Rohden[27], "não fales, meu amigo, em mares a quem mares não viu! Deixa viver no poço quem no poço nasceu!"

Tenho Sagitário na Casa XI. Aí, preciso praticar a concentração e centrar-me antes de disparar minhas setas, ou de fazer minhas promessas. Se eu me irrito rapidamente, também rapidamente perdoo ou me esqueço. As lições de ética e de moral me hipnotizam. Por isso minha atração pela fábula. E por isso, também, minha paixão pelos *itan*. É inegável a beleza incrustada no término da narrativa *A viagem de Orixalá*: **A glória cabe apenas a quem se dispõe enfrentar a si mesmo**. Claro que isso tem muito a ver com a consciência de si mesmo, o reconhecimento de sua própria identidade. Tal empreitada exige romper com o *mesmo* em busca do *diverso*. Foi lendo a obra de Édouard Glissant que me dei conta disso. Para ele, o conceito do Mesmo relaciona-se com o de identidade, quando a identidade é fechada sobre si mesma, a partir de um discurso homogêneo que se torna hegemônico, por se considerar o único possuidor da verdade, negando, assim, o outro, ao negar toda diferença. Ainda, para Glissant, o *Diverso* se opõe ao conceito de *Mesmo*, uma vez que o *Diverso* é a aceitação das diferenças e a possibilidade de relacionamento com o outro, sem pretender impor verdade alguma.

Devo também a Glisant a alta conta em que o grupo de Doutor Leo me tem. Através de Celeste, minha irmã, fui introduzido na casa de Doutor Leo, onde fui distinguido pela simpatia da família, tendo em vista o meu gosto pela Literatura. No primeiro almoço do qual participei, num momento em que se falava sobre identidade, expus sinteticamente o pensamento de Glissant. Por sorte minha, em outro momento do mesmo dia, o tema passou a girar sobre literatura oral. Não deixei por menos: estabeleci confrontos entre literatura oral e oralitura, conforme Patrick Chamoiseau e Raphaël Confiant. Foi o suficiente para cair nas boas graças de Doutor Leo. Tornei-me amigo de Creusa, que me tem na conta de pessoa mansa, muito atencioso, prestativo. Também foi Creusa a responsável por minha aproximação com o terreiro.

27 ROHDEN, Huberto. **De alma para alma**: filosofia da vida para os que pensam e sofrem. 7. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1961. p. 120.

E foi justamente no terreiro, num jogo de búzios feito por Mãe Dara Mujina, que eu me apresentei a mim mesmo. Aquele dia está incrustado em minha memória. Eu acompanhava Creusa que queria dirimir algumas dúvidas através do jogo de búzios. Quando ela terminou, pediu à Mãe Dara Mujina que jogasse para mim. Aliás, nem tínhamos combinado isso. Só muito tempo depois, atinei nas motivações de Creusa. E aí, a consulta aconteceu. Eu estava entrando em contato com aquela ialorixá pela primeira vez. Entrei no quarto de consulta todo desconfiado, um tanto desinstalado, sem ter até mesmo o que dizer, nem o que perguntar. Afinal, não era meu objetivo fazer aquela consulta, nem me sentia necessitado disso.

Primeiro, Mãe Dara pediu meus dados identificadores. Depois, começou a conversar sozinha. Hoje eu entendo que ela estava fazendo as preliminares para consultar o *merindilogun*, isto é, o jogo de búzios. Ela alternava o foco de seu olhar entre mim, sentado frente a ela, e a disposição dos búzios, nas configurações que surgiam a cada jogada dos objetos sobre uma espécie de bandeja de madeira. De vez em quando, ela suspirava fundo. Outras vezes, arregalava os olhos, ou esboçava sorrisos educadíssimos. Outras vezes, franzia o cenho, demonstrando preocupação. Por fim, sentenciou:

– Pode dizer, ioiô. O que é que o senhor deseja ou quer saber?

Pego na surpresa do anunciado, fiquei alguns instantes mudo, pensando, até meio desconectado. Por fim, disse a ela que, na verdade, eu não tinha programado aquela consulta. Apenas estava ali, acompanhando Creusa. Que eu não estava precisando de nada. Não tinha, assim, coisa alguma que eu quisesse saber...

– Então, o senhor deve ter a inteligência de um anjo, a sabedoria de Deus. Ou então, já vive no Paraíso, onde tudo seu já está resolvido. Ioiô, para que tanta prepotência e arrogância consigo mesmo. Seja misericordioso com sua própria pessoa. Assuma de vez o que veio para ser. Não fique aí, como está agora, negando a si mesmo, resistindo a enfrentar parte de si mesmo como se tivesse a obrigação de ser o que os outros querem que o senhor seja.

Desabei no choro. Um alçapão se abriu dentro de mim e uma trouxa enorme de coisas não resolvidas e empurradas para os porões de mim mesmo veio à tona. Mãe Dara me estendeu lenços de papel e ficou esperando em silêncio que eu superasse a emoção e pudesse falar. Eu não sabia o que dizer, estava atropelado por mim mesmo. Como demorasse a me recuperar, ela se levantou, foi a uma mesinha

próxima, encheu uma caneca de esmalte com água tirada de uma moringa e me deu, num gesto de extrema gentileza. Não; não foi apenas água; foi um fluido vitalizante. Respirei fundo e retomei meu equilíbrio emocional. E quando pude falar, passei uns vinte minutos numa profunda recordação de lances de minha vida. Parece até que a agenda da consulta tinha sido cuidadosamente preparada. Falei de não querer ser professor, dos meus relacionamentos frustrados, de minha vida de sozinhez, de meu senso crítico aguçadíssimo, de minhas manias de arrumação que consomem muito meu tempo, da presente paixão por um alguém.

Daqui em diante, evito o detalhamento. O texto ficaria enorme e enfadonho. E se retomo tais assuntos é porque entendo que eles estão intrinsecamente imbricados com o tema que me foi dado a desenvolver: *A resposta do terreiro a questionamentos na Pós-modernidade*. Não vou retomar a discussão sobre o conceito de Pós-modernidade, pois Arnaldo Santiago já o fez um pouco mais atrás. Portanto, é o binômio *resposta/questionamentos* que serve de pedra basilar a esta exposição, sem perder de vista a discutidíssima Pós-modernidade que, para muitos, nem sequer existe.

Saí de lá com a certeza da necessidade de alguns enfrentamentos de mim comigo mesmo. Eu tinha vivido até ali na prática de empurrar para um suposto porão tudo o que eu mesmo repudiava em mim. Passei muito tempo condenando os preconceituosos e agora me via como um deles, talvez muito ferrenho. Foi inevitável começar a sentir. Novas balizas marcavam meus caminhos. Aquilo mudava tudo. Era isso: no meio de tantos questionamentos, por parte das pessoas, que marcam essa talvez suposta Pós-modernidade, o terreiro acena com mudança. Provavelmente, aquela: dirigir o holofote em direção de si próprio. Não, numa atitude egoística do time do eu sozinho. Muito pelo contrário: o que eu estou fazendo de mim mesmo no contato com o outro?

Tudo leva a crer que o terreiro, em certo sentido, vivencia a Pós-modernidade desde séculos, antes que o Ocidente pensasse nela. Mas toda a mudança que tal paradigma propõe é vivenciada pelo terreiro de maneira ordenada. A interpretação do universo e da vida pelos seus participantes tem base numa outra pedagogia da pergunta. Por isso mesmo, até a maneira de perguntar é outra. Livres de assumir a culpa original, a partir da qual os ocidentais estruturam seu plano de recuperação espiritual, o participante do

terreiro nunca se sentiu perdido. Ele não comeu do fruto proibido, por isso não se sente expulso do Paraíso. Daí, sua resposta pós-moderna: não há porque esperar a morte para eu ir conviver com o divino. Ele está no nosso meio, come, bebe, dança e fala conosco. Habita nossos corpos, brotando das profundezas de nossas mentes. Sobre os mistérios do divino, não adianta indagar. Será preciso que eu me torne divino também para que eu possa entender a divindade do divino. Por enquanto, eu ainda sou um simples mortal.

Mas nessa mortalidade que me caracteriza, é possível saber dos traços do divino que me habitam. É aí que entram Mãe Dara Mujina e as respostas do terreiro a questionamentos da Pós-modernidade. Vejam, por exemplo, o que aconteceu comigo. Eu nunca gostei de falar de mim mesmo, embora sempre me visse como uma pessoa inveteradamente organizada, arrumada e tudo meu sempre foi catalogado. Nunca suportei desarrumação. Nunca deixei que as pessoas soubessem de minhas coisas. Gosto de segredos e padeço de má digestão e intestino preso. E hoje, digo tais coisas de mim, com a maior naturalidade.

Na consulta, Mãe Dara me perguntou se eu sabia dirigir carro. Diante de minha resposta afirmativa, ela abriu o livro de minha alma e mandou que eu mesmo lesse. Jamais vou esquecer aquela fala:

– Pois saiba o senhor, ioiô, que o carro que o senhor dirige pode lhe servir pro bem e pro mal. E isso não está no carro; está no uso que o senhor fizer dele. Ele pode servir pro senhor chegar mais rápido de um lugar pra outro, onde vai chegar descansado. Mas também, com ele, o senhor pode se matar e matar outras pessoas. Saiba o senhor que nós, os humanos, somos assim também: o que a gente fizer com a gente mesmo, pode nos botar a perder ou fazer com que a gente seja bem sucedido. E saiba o senhor que o senhor não tem sido misericordioso consigo mesmo, nem com suas pessoas. O senhor, ioiô, nega a si mesmo viver o que tem de mais bonito consigo e nega às pessoas a oportunidade de elas saberem realmente quem o senhor é. Aliás, não pense que na humanidade todo mundo é burro, e que não se sabe de sua pessoa. Sabe, sim, senhor. As pessoas se calam por conveniência. Tire essa máscara, ioiô, ponha os pés no chão. Olhe, o senhor não é de Virgem? Pois... Virgem é terra, mas não é terra fixa; gosta de mudar. Mude. Só vai lhe fazer bem. E a quem lhe rodeia também. Vamos ver o seu *Orixá* e o seu *Odu*. Vamos ouvir o que Ifá tem a dizer. Ele explica tudo dos humanos...

Mãe Dara é um excelente ouvido. Ouve tudo com redobrada atenção. Mas na hora de sua fala, ela é enfática no detalhamento:

– Já ouviu falar de *Odu* e *Orixá*?

– De Orixá, sempre ouvi falar, mas sem nenhum aprofundamento. Sobre *Odu*, é a primeira vez.

– Vamos lá, então. *Orixá*... Sua cabeça é de Logum-edé. *Orixá metá*... Vamos ver como devo lhe explicar isso... O senhor sabe: a mesma língua que faz a gente se entender também cria complicações. *Orixá metá*... Pois bem... A gente sabe o que é o masculino e o feminino. Mas em nagô, tem outro: o *metá*. Ele é os dois ao mesmo tempo, sem deixar de ser ele próprio. Logum-edé: um lado, masculino; outro lado, feminino. Oxumarê: seis meses, masculino; seis meses, feminino. Iemanjá Ogunté, uma qualidade de Iemanjá: do meio pra cima, pai, masculino; do meio pra baixo, mãe, feminina. Mas pra entender isso, é preciso enxergar o mundo por outro caminho. Isso tem sido impossível para uma boa maioria. Já foi até muito pior. Presentemente, até que já existem muitas pessoas com outro modo de pensar. Também não vamos adotar essa confusão que existe por aí, muita gente dizendo que é *gay*, porque seu *Orixá* é *metá*. Isso não tem nada a ver. É confusão de quem ouviu o galo cantar e não sabe onde. Mas não há como negar: o *Orixá metá* traz consigo uma outra maneira de sentir. São coisas do *Sentimento*; não são coisas do sexo, muito embora esse lado possa ser influenciado. Mas uma coisa não obriga a outra. Logum-edé é *Orixá* adolescente. Ah, meu senhor: os adolescentes e suas inseguranças... Mas todos sabem: Logum-edé é santo menino que santo velho respeita. O senhor vai ser sempre uma pessoa muito respeitada. Ele tem os mimos e os dengues da mãe, Oxum Ipondá, com uma certa agressividade do pai, Oxóssi Ibulama, o grande caçador. Um lado é todo ouro; o outro lado é todo azul. Acomodado, gosta que os outros façam as mudanças por ele. Não se abala com nada; tudo pra ele está bom. Sabe lidar com as Águas, mas também sabe lidar com as Matas. Não gosta de discussão, nem de falar sobre as suas coisas, esperando que as pessoas adivinhem tudo sobre ele. Quando dá um nó, não há quem desate. Não se aborrece; apenas se some. Quando está com o pai, sente saudades do império da mãe; quando está com a mãe, sente saudades do reinado do pai. Pois bem: o senhor é Logum...

Não tive o que dizer. Um nó na garganta me impedia de falar.

Era como se a minha garganta estivesse se partindo, para deixar passar o que me sufocava desde que eu me entendo por gente. Mas Mãe Dara continuou e jogou os búzios outra vez, enquanto dizia:

– Vamos ver, agora, o seu *Odu*... Estamos diante de *Oxê*. Ele ocupa a quinta posição entre os *Odu de Ifá*. *Oxê*... Profunda ligação com as Águas Doces. Oxum, a mãe dos sentimentos, da emoção. Das coisas bonitas, tudo o que for de muito bom gosto. Ai, ai, seu moço: os dengues de Oxum. O senhor, ioiô, ainda não viveu até agora este *Odu*. Quer ver uma coisa? Onde está o seu jantar à luz de velas, mesa íntima pra dois? Por isso mesmo, o senhor se dá tão bem com o povo de Doutor Leo. Eta povo que luxa! O senhor tem fascinação pelo luxo, embora não ponha isso em prática. E aí está a desavença do senhor com o senhor mesmo. Tá certo: não precisa exagerar. Mas bem que o senhor podia levar uma vida muito mais ligada a essas coisas dos *trique-triques*, flor aqui, caqueiro ali, espelhos, perfumes, música boa, boa comida, sala arrumada, ambiente cheiroso. Tudo pra ser visto, ser admirado. Lembre-se que metade de Logum-edé é Oxum, a Grande Mãe... Mas *Oxê* precisa ser compreendido melhor. Ele é bênção de vida longa e abundância e filhos. Mas é preciso entender que a vida longa está ligada a uma vida boa. E vida boa é aquela em que a gente põe em prática o lado positivo de nosso *Orixá*. Abundância de filhos... É preciso ir mais longe na compreensão disso. Filhos também quer dizer as ideias, o que a gente cria. Indica o lugar ao sol que a gente deve conquistar. São também as obras que a gente cria, o que a gente ensina aos outros. Também é o exemplo que a gente dá, os desafios que a gente encara durante a vida. É a conquista amorosa, o namoro, a diversão, o sexo, as festas. Viu só quanta coisa pode ser entendida como *filho*? Até mesmo o que a gente inventa pode ser entendido como filho. Já ouviu falar que "Fulano é o pai da mentira"? Pois é: a mentira também é uma criação. E tem gente que é doutor em transformar a mentira em verdade. Por isso também, é preciso muito cuidado com a sua *Sombra*, pois ela tem resistências. Quem traz esse *Odu* precisa aprender a lançar mão de sua *Luz*, pra nunca ser atacado pelo egoísmo, pela cobiça e por gente de mau caráter. Se a pessoa que traz *Oxê* consigo não souber o que está fazendo, não vai saber se utilizar dessa força pra rebater as fantasias que prejudicam. Aí, meu senhor, vamos viver fantasias, até um dia, quando a casa cair...

E aí, eu fico agora me relembrando do enfrentamento de Orixalá com a realidade. Ele sabia muito bem que as agressões sofridas partiam de uma fantasia do outro, levada às últimas consequências. Ele sabia do preço a pagar por tal enfrentamento. Mas nos dizeres do próprio Exu, ele é "senhor da paciência, do silêncio, das nuvens que cobrem o mundo". Eis as ferramentas metafóricas para se ultrapassar a fantasia do existir. Mas cumpre observar que ultrapassar não é eliminar, nem muito menos rejeitar; é compreender. *Oxê* não é o único *Odu*. E até mesmo existem outros para os quais a fantasia é *Fantasia*, isto é, o Fogo que cria e a tudo anima.

Hoje, relembrando a consulta com Mãe Dara, alargo as fronteiras de minha vivência com o ritual da *Festa do Pilão*, com o *itan* de *A viagem*. Me afundo na compreensão de que preciso redimensionar minha ligação com Demétrio que, doravante, para mim, não será mais *o porteiro*. Ele é, doravante, *a porta*, por onde passarei para viver eu mesmo.

E sobre questionamento e respostas, do ponto de vista do terreiro em relação à Pós-modernidade, afirmo: na vida, para ser feliz, vale morar onde gosta, fazer o que gosta e viver com quem gosta. O que passar disso é fantasia no seu sentido mais rasteiro.





SEXTO CAMINHO: *Ọ̀bàrà* (Obará)

Quando amanheceu o segundo dia, ele já estava no caminho. Lá, por volta do meio dia, Orixalá avistou alguém que vinha em sentido contrário. Era outro homem. O estranho se aproximou e saudou Orixalá:
– Salve, Senhor do Silêncio! Que faz por aqui?
Sabe como é: a cortesia também serve para esconder a falsidade e tem gente que cai direitinho na cilada.

A construção do sujeito no candomblé

Dina Navarro

Este texto não pretende ser um artigo fundamentado na Psicanálise. Psicanalista que sou, porém, esse conhecimento perpassa tudo que faço e vivencio. Também tenho um compromisso firmado com o meu grupo, sob a coordenação de Leonam, que devo focalizar o tema *A construção do sujeito no candomblé*, com a abordagem de quatro assuntos específicos: um aspecto de Orixalá, de minha livre escolha; aspectos da consciência de mim mesma, focalizando signo, *Odu* e *Orixá*; aspectos de minha relação com o grupo, meu contato pessoal com o mito narrado por Mãe Dara Mujina; o resultado disso e, ainda, um fragmento do *itan* narrado por aquela ialorixá, na *Festa do Pilão*. Mas para não fugir à harmonia comigo mesma, pretendo fazer um diálogo entre esses dois ramos do conhecimento.

O segundo assunto, aspectos da consciência de mim mesma, levou-me a discutir com os integrantes de minha família as intenções de abordagem neste texto. Além dos compromissos que tenho enquanto uma pscanalista, abordar a consciência de mim mesma trará à tona os relacionamentos com meus familiares. Isso implica também revelar aspectos da vida particular e, até certo ponto, íntima, das

pessoas. Então, entendi de sentar-me previamente, com meus familiares e conversar sobre assunto tão melindroso. Para minha surpresa, houve total consentimento por parte de todos, e até mesmo apoio, para que eu ficasse à vontade, a fim de fazer a abordagem que eu julgasse necessária. A família foi unânime em afirmar que nenhum dos acontecimentos por ventura ocorridos conosco, na nossa trajetória, enquanto pessoas que se gostam, é motivo para qualquer jogo de esconde-esconde.

Aqui posso usar com tranquilidade o meu bordão "segundo Freud", sem o temor de provocar terremoto algum, pois me sinto livre da censura de Leonam. Mas olhando bem, até que a *Festa do Pilão* provocou nele um abalo muito sério. Por isso mesmo, vale a pena abrir a "caixa de Pandora". Se eu começasse por dizer que sou uma capricorniana, cautelosa, responsável, escrupulosa, convencional, profissional, perfeccionista, tradicional, prática, trabalhadora, econômica e séria, certamente estaria colando em mim etiquetas (conforme diz Leonam) que aderem com facilidade à maioria dos que vieram à existência sob tal Signo. Também aderentes a muitas e muitos que não são capricornianos. Daí, esses estereótipos não resistem a uma análise mais rigorosa para a construção do sujeito. De igual forma, aventar em mim aquilo que é considerado a *Sombra* de Capricórnio, egoísmo, dominação, rancor, teimosia, sorumbatismo, inibição, busca de *status* e governo do coração pela cabeça, é admitir uma generalização, que não seduz. Também não vale aqui expor as minhas 320 sessões de análise, ao decorrer do Curso de Psicanálise, nem muito menos minhas experiências em atendimento a uma boa clientela, ao longo de muitos anos de prática no consultório. Já vi muita coisa, cuidando de clientes. Gente manifestada com Exu, Pomba Gira, espírito da mãe, do pai, do avô. Gente se dizendo enfeitiçada. Não esqueço o caso de um adolescente que ia à escola, levando, todos os dias, na pasta, uma corda para enforcar a mãe, quando voltasse para casa. Já lidei com vários esquizofrênicos e psicóticos. Com neuróticos compulsivos, nem se fala. Aliás, todos nós somos. Na verdade, meu consultório fica situado numa clínica razoavelmente bem montada, com dois psiquiatras, dois psicólogos, um neurologista, um acupunturista, uma psicanalista (eu), um fonoaudiólogo, um clínico geral, uma ialorixá e um tarólogo. Não se abisme: mesmo dando o que falar, essas coisas existem. Estamos na Pós-modernidade.

Li os demais textos que compõem esta organização. Redobrei minha atenção sobre todos. Os demais também leram este texto produzido por mim, mas tive a precaução de ser a última a entregar. E aquela leitura me fez concluir que era necessário, sim, abrir a "caixa de Pandora". Isso implica expor alguns aspectos que os outros membros da família evitaram abordar. Há um tabu: eles (parece que) apagaram certos acontecimentos. Claro que se entende que é fuga ao enfrentamento de si mesmo, e para isso, nada melhor que o mecanismo da *transferência*. É a velha solução: "Sabe, o culpado é fulano e não se fala mais nisso." E aí, julga-se que tudo está resolvido. Sinto este livro não mostrar os resultados que este meu texto produziu. Houve choro, pedidos de desculpa, arrependimentos. Alguns até disseram: "Ah, se eu fosse fazer meu texto agora, seria outro texto..."

Nenhum dos produtores de textos que fazem parte desta organização tocou no assunto da motivação da ojeriza que Leonam tem (ou tinha) à Psicanálise. Abordar isso seria revelar que ele evitou conhecer a história de vida da mulher com quem ele se casou, pois isso bateria de frente com as escolhas dele e revelaria algumas de suas incoerências, no que pese se considerar as rupturas nele ocorridas de padrões internos de frequência, ritmo, previsibilidade e ordenamento, que ele carrega. Aliás, o Édipo, nele, é muito gordo. Mas não seria eu, em hipótese alguma a sua psicanalista. Mesmo que a ética permitisse isso, coisa da qual a Psicanálise não abre mão, nossas relações de afeto poriam tudo a perder. Ainda: ele não é o foco deste texto. E, além do mais, ele resolveu buscar a compreensão de si mesmo por outros caminhos. É preciso lembrar que, segundo os orientais, o mestre aparece sempre que o discípulo estiver preparado. Também, que não há uma linguagem única e, por isso, superior às demais, que dê conta do intrincado e da complexidade do fenômeno humano. Muitas vezes, o que não é possível de ser alcançado, ou compreendido por si mesmo através de uma dada linguagem, por uma outra, ficará muito fácil de apreender. Daí, não posso e não devo tomar a Psicanálise como uma panaceia.

No segmento que me coube, de *A viagem de Orixalá*, evidenciam-se a cortesia e a cilada. Foi pensando justamente nisso que imaginei a possibilidade deste pretenso diálogo. Nisso, me dou conta de que a cilada armada por Exu a Orixalá traz lembranças do que o Inconsciente faz em relação ao Ego, quando ele lança mão de sonhos, sintomas e atos falhos. Desde que surge em Orixalá o

desejo de viajar a Oyó, fica desenhada uma possibilidade de correspondência, na tríade Orunmilá-Orixalá-Exu e Id-Ego-Superego, embora não haja relação necessária na ordem dos elementos. Obviamente, substituídos ou levados em conta certos termos. Isso possibilitou aos diversos autores dos textos desta organização identificar-se nas diversas passagens do *itan* e, através dele, poderem se ler, numa autointerpretação.

A Psicanálise não me impede de somar conhecimentos, nem me aproveito disso para fazer salada com fragmentos de referenciais diversos. Ainda que se tome por base a *imaginação imaginante* defendida por Bachelard[28], e por isso mesmo, a salada, além de não convencer, seria perturbadora. No entanto, posso me ler através de diferentes paradigmas. Isso também tem muito a ver com minha trajetória de vida. Foi justamente essa trajetória que me possibilitou o acesso e o contato com diferentes paradigmas e bases teóricas.

Nessa trajetória, tal qual Orixalá, me vi enredada várias vezes em ciladas. Algumas, até, de mim mesma. Até hoje, quando rezo para *Iroko*, peço a ele: livrai-me das ciladas de mim mesma. Mas o que é isso? Psicanalista rezando para *Iroko*? Epa, desarmemo-nos!

Conforme acenei anteriormente, há muitos acontecimentos com os quais, até hoje, minha família não soube lidar. Um deles é que Leonam é o meu segundo marido e ele não é o pai biológico de minhas duas filhas, embora as criasse como se filhas suas fossem. Leonam não pode ter filhos. Mas trinta e seis anos antes de eu o encontrar, houve minha infância. Aquelas fases apontadas por Freud, a oral, a anal, a fálica, o período de latência e a fase genital, eu as vivi em meio a altos e baixos familiares, inclusive com meus pais. Ondina, minha mãe, era cardíaca. Faleceu quando eu tinha três anos de idade, após de um gesto brusco de meu pai, Seu Osmário. Um dia, depois de uma semana de ausência, ele entrou na nossa casa, foi ao quarto, pegou tudo que era dele, fez trouxas e sacos e simplesmente disse para minha mãe que estava saindo de casa para viver com outra mulher. Nos dias seguintes, o estado de saúde de minha mãe se agravou e três meses depois, ela veio a falecer. Isso em nada abalou Seu Osmário, que ignorou o meu destino. Tal fato marcou o início de uma série de abandonos que me dominou por muito tempo, todos eles profundamente marcantes, de

28 Cf. BACHELARD, Gaston. **O novo espírito científico**; **A poética do espaço**. Trad. R. F. Kunhnen. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

rupturas, acumuladas àquelas outras oriundas do parto e do desmame. O sentimento de abandono faz com que nos sintamos náufragos. Ou nos salvamos, nadando até à praia, ou nos afogamos em ondas revoltas de nós mesmos. É justamente aí que entra Vó Vitalina, ialorixá, mãe de minha mãe. Ela tomou conta de mim e me levou para o terreiro, onde ela residia. Vó fez de mim um ovo de indez. Fazia todas as minhas vontades. À medida que fui crescendo, comecei a interpretar que minhas vontades eram feitas porque eu era uma coitadinha, órfã de mãe. Tal interpretação só veio se dissolver muito mais tarde, numa sessão de análise. Enquanto esse sentimento se sedimentava, Vó me envolvia nos rituais do terreiro. Logo fiquei sabendo que sou cabeça de *Iroko*, *Orixá* da gameleira. Aliás, ele é a própria árvore, que é considerada sagrada. Ela é o *opá* do mundo, isto é, o mastro que liga o *Orun* ao *Aiyê*, o céu e a terra. O seu culto é cercado de cuidados, mistérios e muitas histórias. *Iroko* está ligado à longevidade, à durabilidade das coisas e ao passar do tempo, pois é árvore que pode viver por mais de duzentos anos. Nisso, vejo predicados de Saturno, regente de Capricórnio. Saturno, tal qual Orixalá, rege a paciência. Tudo a seu tempo é a norma dos dois. Isso faz voltar minha atenção para a Casa VI, na mandala de meu mapa astral. Ela está em Sigitário. Naquele setor, preciso desenvolver a paciência e a presença de espírito, cuidando da tendência a generalizar em demasia.

Aos cinco anos de idade, Vó me iniciou nos ritos do candomblé e fui consagrada a *Iroko*. Todas as minhas obrigações foram feitas embaixo da enorme gameleira branca que havia no terreiro. Todos os mais velhos participaram, numa demonstração de profunda alegria, pois eu era a primeira pessoa a ser consagrada a *Iroko* em tantos anos de existência daquele terreiro. Fiquei toda me achando. Isso despertou uma ciumeira no terreiro, inclusive o temor de que, na sucessão, Vó deixasse o terreiro para mim. Mas a vida tinha outros planos. Quando completei meus sete anos de idade, no dia sete de janeiro de 1951, Vó me chamou e me levou para debaixo da gameleira. Lá, ela mandou que eu me sentasse no chão e se sentou num toco de árvore que servia de cadeira. Me fez lembrar que não se conversa com *Iroko*, apenas dá-se um abraço na árvore. Ele não conhece a linguagem humana, mas sabe ler o *Sentimento* de quem o abraça. Assim fizemos. Primeiro ela, depois eu, com a sua ajuda. Então, ela me disse assim: "Vamos dar uma volta pelo terreiro. Preciso conversar com você."

E saímos andando aleatoriamente, ela me conduzindo pela mão. E outra vez, relembro Saturno, o *Senhor da Memória*, que no meu mapa está na Casa XI, em conjunção com a Lua. Minha memória é repleta de sentimento e emoção. Naquele passeio, percebi que eu via minha avó como uma supermulher. Era Electra arrumando um cantinho onde se aninhar. E até hoje ainda ouço a voz de Vó, que me chamava de *Irolemi*, meu nome de iniciada.

– Sabe, filha, você, *Irolemi*, tem sido a alegria da minha idade avançada. Já estou à frente deste terreiro desde os meus cinquenta anos. A velhice já me apanhou, filha. E tenho que pensar em você, no seu futuro. Você vive aqui, comigo, neste terreiro, que é um lugar muito distante da cidade. Por aqui não tem escola, eu não tenho como me mudar pra cidade. E você ainda não está na idade de viver sozinha pra estudar. Pra você vencer na vida, é preciso ter estudos. Olhe, sua mãe não estudou. No tempo dela, de menina, as coisas eram outras. Resultado: ficou na dependência de seu pai e deu no que deu... Então, filha, você vai precisar ir pra cidade, pra estudar, se preparar pra vida.

Eu comecei a chorar, mas ela me abraçou, tal qual tinha feito há pouco instante com a gameleira, e me consolou, me prometendo que não ia nunca deixar de me proteger. E ela continuou nos detalhes do que já tinha planejado para mim:

– Sua madrinha de santo, *Omi Derewá*, aquela filha abençoada de Oxum, lhe quer muito bem e está disposta a ajudar. Além disso, ela teve filhos, mas todos morreram, e ela tem boa situação na vida. Ela quer tomar conta de você nos seus estudos. Mas o que eu estou lhe dizendo aqui, não é lhe obrigando você a ir para a companhia dela. Se você não quiser, você não vai. Mas saiba: se você não for, vai perder uma grande oportunidade na vida. Mesmo, minha filha, sua avó não tem a vida nas mãos. Já estou bastante idosa, e o que tenho pra deixar pra você é o axé que já lhe passei na sua obrigação e a oportunidade de estudar pra ser gente mais tarde. Quem sabe, uma doutora, a primeira da família...

Então, eu quis saber se não iria vê-la nunca mais. Ela me explicou que eu não estaria indo embora. Apenas ia passar uns tempos na cidade, estudando. Mas nas festas do terreiro, eu estaria lá, até mesmo porque minha madrinha era frequentadora assídua do terreiro. A conversa terminou com a minha concordância. Afinal, Vó sabia o que seria melhor para mim. Mais uma vez, a ruptura tornava a acontecer. E mais uma vez fui desmamada.

No mês de março, fui morar com minha madrinha. Com ela permaneci, pois Vó faleceu um ano depois que eu fui estudar. Madrinha me protegeu contra a ciumeira de certas pessoas que visavam à direção do terreiro. Terminou de me criar como se eu fosse sua filha, me dando tudo do bom e do melhor. Júpiter, na minha *Casa das Posses*, me tem sido excelente provedor. Meus estudos me levaram para a área da Psicologia e me tornei psicóloga clínica. Madrinha faleceu após minha formatura e me deixou seus bens por herança, em testamento. Aos vinte e quatro anos, já estabelecida como psicóloga, conheci Clésio, com quem me casei um ano depois. Mais um ano e tive Neusa, minha primeira filha. Mais dois anos e tive Creusa, minha segunda filha.

A vida com Clésio foi muito boa e eu procurava dar do bom e do melhor para minhas filhas. Com Neusa, eu sempre imaginei que o nosso relacionamento fosse muito leve. Mas com Creusa, nunca foi muito bom. Primeiro, porque ela sempre entendeu que eu não gosto dela, pelo fato de eu ter desejado gerar um filho homem e foi ela quem foi gerada. Ela entende que dei a ela o nome de Creusa em substituição ao nome de Clésio, o pai, que seria o nome do filho desejado. Não houve quem tirasse isso da cabeça dela. Apenas pus nela um nome parecido com o da irmã. Mesmo, aquele desejo de ter um filho homem, desapareceu imediatamente após o nascimento dela, até porque fui informada pelo médico que eu não poderia mais ter filhos. Nisso, Leonam e eu estamos empatados. O que nos une é a vontade de permanecer juntos, no que pese toda a diferença de nossos temperamentos.

Uma das normas que admitimos na formação de nosso grupo é que todos leiam o texto de todos. Ao ler o texto de Neusa, concluo que, de fato, as pessoas que menos conhecemos são justamente aquelas que nos rodeiam. Presenciar a *Festa do Pilão* e ouvir a narrativa de *A viagem* foram motivos para ela ir mais fundo na compreensão do relacionamento consigo mesma e comigo, embora a grande surpresa para mim fosse a descoberta que ela fez em relação ao pai. Sendo ela também uma psicóloga, tudo isso favoreceu a evolução da terapia que ela desenvolveu com Clara. Mesmo porque ambas atuando na linha da Psicologia Analítica, os avanços foram efetivamente surpreendentes e acelerados. Deixemos, no entanto, que ela mesma narre o que aconteceu com ela.

Quando Creusa estava com dois anos de idade, a vida me surpreendeu com uma viuvez repentina. Clésio faleceu num desastre de

avião. Fiquei viúva aos 31 anos, com duas filhas menores para criar. A ruptura, outra vez, se pronunciava com rigor. Sou capricorniana e, tal qual no mito do Capricórnio, desci à base da montanha, pus meu bloco de pedra nos ombros e retomei a escalada. Isso foi também o que fez Orixalá no *itan* sobre *A viagem*. Por três vezes, ele se lavou, lavou as vestes e retomou a caminha para Oyó. Assim também o Inconsciente recorre a sonhos, sintomas e atos falhos, na tentativa de fazer valer os seus princípios. Mesmo desconhecendo juízo, lógica, valores, ética ou moral, sendo exigente, impulsivo, cego irracional, antissocial e dirigido ao prazer, o Inconsciente é a fonte da libido, isto é, da energia píquica.

Por cinco longos anos, vivenciei a viuvez. Foi nessa época que precisei de analista. Terminei me apaixonando por essa atividade, e eis-me aqui, psicanalista, depois de muitos estudos e sessões de análise. Nesse ínterim, conheci Leonam, que é primo do finado Clésio, um Navarro também, portanto. Foi paixão à primeia vista, principalmente porque ele, desde sempre, se derramou de amor paterno por minhs filhas e elas o assumiram como pai. Resolvemos nos juntar para fazer uma experiência. No sétimo ano da experiência, resolvemos sacramentar a união, e nos casamos. E casados já estamos há vinte e cinco anos.

Minhas filhas estão encaminhadas na vida. Bem verdade que Neusa tem um marido meio barro, meio tijolo, mas foi o homem a quem ela escolheu para seu parceiro na vida. Quanto à Creusa, namora com Jean, que é o genro que toda sogra desajaria ter. Ele compreende muito bem a relação de amor e ódio que Creusa desenvolve comigo. O que eu sempre fiz foi deixá-la livre nas suas ecolhas, sem exercer pressão alguma. Talvez ela precisasse de alguma pressão, tendo em vista os mecanismos de defesa que desenvolveu. E ela interpretou a falta de pressão e vigilância redobrada de minha parte como manifestação de desamor. Aquilo que, para mim, era manifestação de minha confiança no caráter dela, ela tomou como indiferença minha para com ela. Revendo isso agora, percebo tratar-se da mesma indiferença que meu pai teve para comigo. Por sua vez, Creusa também nunca fez concessão alguma a mim, mesmo sabendo que os capricornianos são sisudos, inibidos e que sua cabeça governa seu coração. Isso agravado pelos meus traços de pertencimento a *Iroko*, que não entende a linguagem humana. E eu fui em busca da Psicanálise para aprender essa linguagm, na escuta do outro. Afinal, Vó me ensinou que Orunmilá esculpe no escuro e sabe tudo dos humanos. Sabe até como transformar os destinos. Ele é *Testemunha do Destino*. E como tal, estava presente no *Orun*, na

Olaria de Ajalá, quando nos ajoelhamos e escolhemos a cabeça com a qual queríamos nascer no *Aiê*. Essas coisas fazem parte de mim, desde minha infância. E e, se mais tarde, eu pude construir um conhecimnto sobre Psicanálie, na verdade, essa construção está sobre aquelas bases. Isso me tem ocasionado interditar muitos de meus clientes, na tentativa de que eles cheguem à interpretação do discurso dos sonhos, atos falhos e sintomas. Na escuta sensível e necesária, as indagações que faço a eles e a maneira como faço isso têm feito a diferença.

Um outro dado precisa ser explicitado: é o da cortesia, conforme me comprometi mais acima. Por três vezes, no percurso da viagem, Orixalá encontrou-se com um estranho, que se caracterizava pela cortesia em suas saudações: Senhor da Paciência, Senhor do Silêncio e Senhor das Nuvens que Cobrem o Mundo. Por três vezes, a cortesia disfarçava a traição. Lembro-me da cortesia com que certas pessoas me tratavam no terreiro, no tempo em que Vó era viva, e como elas passaram a me tratar depois do falecimento de minha protetora. Elas foram responsáveis pela minha decisão de me afastar do terreiro. Também, de nada valeu a falsidade que me fizeram. Hoje, já estão todas mortas. Isso me remete à primeira consulta que fiz com Mãe Dara Mujina. Quando Vó faleceu, eu ainda era uma menina. Ainda não era tempo de eu ter acesso a certos conhecimentos. Então, eu quis saber sobre meu *Odu*. Inventei para o povo daqui de casa que estaria indo para um seminário e passei três dias no terreiro, fazendo obrigação para *Iroko*. Foi nessa ocasião que Mãe Dara Mujina me revelou: meu *Odu* é *Obará*, a sexta *porta* de Ifá. Dizendo com minhas palavras, *Obará* preside a transformação interna. Indica ego temperado pela humildade e transcendência de padrões ineficazes antigos. Segundo Freud, o *Ego* busca uma harmonização, inicialmente, entre os desejos do *Id* e a realidade e, posteriormente, entre esses e as exigências do superego. O *Ego* objetiva permitir que seus impulsos sejam eficientes. Ao assim agir, ele leva em conta o chamado princípio da realidade. Então, a satisfação das pulsões é retardada até o momento em que a realidade permita satisfazê-las com um máximo de prazer e um mínimo de consequências negativas. O *Id* é constituído pelos instintos, enquanto o *Superego* é a parte moral da mente humana e representa os valores da sociedade, a exemplo das normas.

Se *Obará* indica um ego temperado pela humildade, fica muito mais fácil a harmonização do sujeito consigo mesmo nas estâncias estruturantes e estruradoras da sua personalidade. Um ego temperado pela arrogância e pela prepotência se constitui desafio gigantesco

ao analista, na sua tarefa de acompanhar um cliente portador de tal comportamento. Se é que a pesoa portadora de tal ego queira ou aceite, algum dia, submeter-se a qualquer forma de terapia. Quase sempre, elas se julgam sem problema algum de personalidade e, na maioria das vezes, tomam o trabalho do psicóloigo ou do psicanalista como uma grande bobagem. Se *Obará* traz consigo a facilitação para a transformação interna, por outra, ele projeta luz sobre minha *Sombra*, que se concretiza em mim, como desejo de forçar a vontade pessoal nas outras pessoas. Nisso, quem assume tal impulso pode se tornar uma companhia indesejável. Tal cortesia, o desejo de forçar a vontade dos outros, torna a pessoa intolerável.

É claro que é possível encontrar algumas equivalências estruturais entre esses dois modos de compreender o arcabouço da personalidade. No entanto, certamente, cairá em equívocos quem busca isso entre todos os elementos que figuram em ambos. Primeiro, porque o Candomblé não concebe o mundo pela ótica estruturalista, tal qual Freud entendeu, na concepção da personalidade. O mundo era estruturalista na época de Freud. Segundo, o candomblé desenvolveu um modelo mitológico a partir do qual o fenômeno humano pode ser interpretado. No entanto, pode-se muito bem, a partir da concepção dos dois modelos, buscar entendimentos mais largos, mais amplos. Um bom ponto de partida é que ambos estão interessados em compreender os humanos na existência e acreditam que, ouvindo o outro, aquele que entende do modelo poderá ouvir o cliente, na tentativa de que ele, interpretando seu próprio discurso, possa se compreender melhor. E toda e qualquer ação, atividade ou conhecimento que vise ao bem estar, à integração, socialização, harmonização e paz interior das pessoas certamente desenvolve ferramentas necessárias a análises dignas de apreço e utilização.

Segundo Freud[29], e aqui me refiro a uma das últimas versões de sua concepção (1923), o modelo estrutural da personalidade, em que o aparelho psíquico se organiza, constitui-se em três estruturas: Id, Ego e Superego. O Ego é dotado de mecanismos de defesas, na tentativa de harmonizar a ação do Id, do mundo exterior e do superego. Quando essa tensão, normalmente sob a forma de medo, se torna grande demais, ameaça a estabilidade do Ego, ele aciona os mecanismos de defesa. De acordo com a segunda teoria freudiana

29 STRACHEY, James (ed.). **Edição standard brasileira das obras de Sigmund Freud**, 24 v. Rio de Janeiro: Imago, 1966.

do aparelho psíquico, o Superego é o conjunto das forças morais inibidoras que se desenvolvem sob a influência da educação durante o processo de socialização. As pessoas estão sujeitas a sofrer distúrbios mentais de de três tipos: neuroses, psicoses e psicopatias.

No Candomblé, o sujeito se constrói numa concepção de *ori*, *Orixá*, *Odu*, *ara*, *bara* e *emi*. Há quem cite outros componentes. No entanto, esses são os mais conhecidos. Tais componentes se inscrevem na esfera mitológica e, portanto, são explicados pelos mitos. Por tratar-se de um conhecimento para além dos ditames da Ciência, aqui não cabe discussão.

A literatura específica está repleta de casos e exemplos do funcionamento e da funcionalidade de tal modelo. Há até mesmo quem, dentro das trincheiras da Psicanálise, defenda uma aproximação desses dois universos. Em mim, eles sempre estiveram harmonizados. Se eu me autointerpreto como alguém que teve, um dia, de enfrentar seus próprios conflitos, também posso muito bem dizer que sou cabeça de *Iroko* e que, nesse sentido, sou um *Orixá-árvore*. Também posso dizer que, do alto de minha *Casa Nove*, Lua e Saturno regem minhas esperanças, enquanto meu ego é capricorniano, pois nasci com o Sol em Capricórnio, o signo das repetições. E o que é a análise psicanalítica, se não ouvir o que o outro repete de si mesmo, porque não se entende, mas quer se entender, até que chegue à aceitação de si mesmo?

Por último, pelo fato de eu ser psicanalista, isso não tira de mim a minha humanidade, nem minha ignorância de quase tudo que compõe o infinito edifício do conhecimento. E carregar o peso da ignorância que portamos, na maioria das vezes, é muito cansativo. Principalmente, porque tal fardo nos impede da divina graça de entender a si próprio. E pelo cansaço produzido, entre outras ações, vale a pena orar. Nisso, me lembro de Tagore, no Poema XXV, do *Gitanjali*[30]:

> És tu que estendes o véu da noite
> sobre os cansados olhos do dia,
> a fim de que o seu olhar
> se renove com fresca alegria ao despertar.
>
> Dina Irolemi Navarro

30 TAGORE, Rabindranath. **Gintajali**: oferenda lírica. Trad. e introd. Gasparino Damata. Brasília: Coordenada, 1969. p. 32, poema 25.

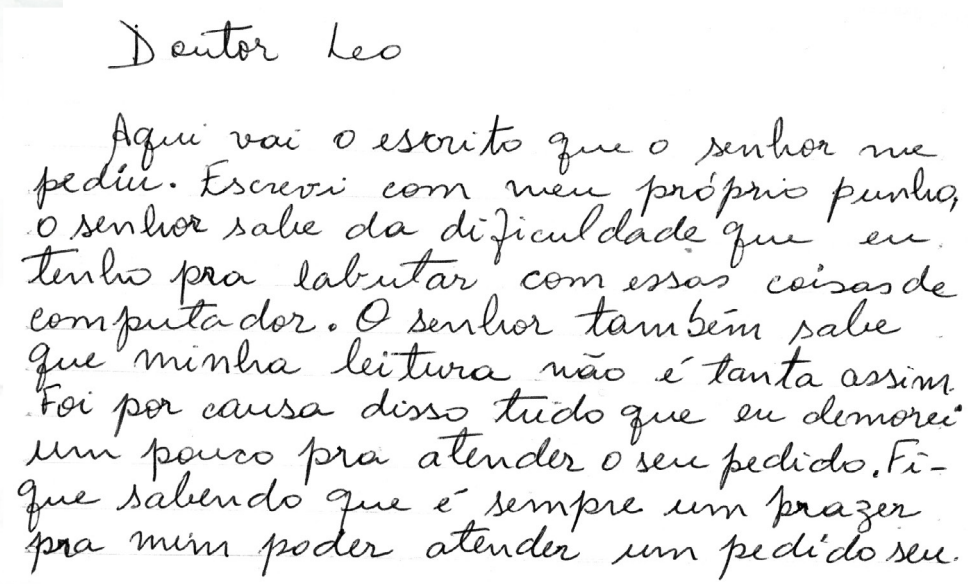


SÉTIMO CAMINHO: *Òdí* (Odi)

Orixalá respondeu:
– Nobre senhor, faz muito tempo não vejo meu filho. Então, estou indo pra Oyó, fazer uma surpresa a ele.
Aí, o homem pediu que Orixalá lhe ajudasse a descer um barril que trazia nas costas. E outra vez se esquecendo do conselho de Orunmilá, lá se foi Orixalá prestar ajuda ao desconhecido. Ai, então, o homem abriu o barril e derramou dendê por cima de Orixalá, desabando na gargalhada. Claro: o homem era Exu, aquele que gosta da zombaria. Orixalá, então, atinou na recomendação de Orunmilá, mas já era tarde.

A viagem de Orixalá: o enfrentamento de si mesmo
(O texto vai ser manuscrito, mas a caligrafia é outra)

Dara Mujina


Doutor Leo

Aqui vai o escrito que o senhor me pedir. Escrevi com meu próprio punho, o senhor sabe da dificuldade que eu tenho pra labutar com essas coisas de computador. O senhor também sabe que minha leitura não é tanta assim. Foi por causa disso tudo que eu demorei um pouco pra atender o seu pedido. Fique sabendo que é sempre um prazer pra mim poder atender um pedido seu.

Seu pedido é uma ordem. Levei semanas escrevendo, a cada dia um pedacinho. Contei a viagem de Oxalá conforme aprendi com os meus mais velhos e que eu contei pra vocês naquele dia da festa do pilão. Pedi até ajuda de minha neta Mariana pra escrever certas palavras. Ô língua difícil. Viva o meu nagô que eu aprendi desde novinha. Mas vamos ao que interessa.

O senhor me pediu pra eu acrescentar uns dizeres sobre essa coisa da gente precisar saber de si mesma. Não é fácil pra uma pessoa como eu, com a pouca leitura que tenho, falar dessas coisas. Só sei que é no jogo de búzios, que a gente pode saber das coisas, das coisas da gente e dos dificuldades que a gente passa. Isso tudo a gente sabe no quarto de consulta. É lá onde as cobras dormem. Já vi muito valente, fortão, que pega touro a unha, desabar no choro, quando fala dele mesmo. Já vi muita gente mofina virar gigante, dobrando suas próprias esquinas.

Aí, o que eu tenho a dizer não é muita coisa, mas creio que o senhor vai gostar.

A gente tem o costume de não se importar com os próprios defeitos, mas isso impede a gente de melhorar. Por isso, a gente precisa se conhecer. Mas isso é uma grande batalha, até a cabeça da gente ir se clareando. E isso ninguém consegue fazer sozinho. Um só, por si, não se ergue. Quem

tem ferida nas costas não se cura. É preciso ser ajudado. Já é meio caminho andado, se a pessoa compreende isso. E se a pessoa puder compreender isso, vai chegar à conclusão do ensinamento da história da viagem de Orixalá. Vai saber que a glória da paz interior só cabe por inteiro em quem tem a coragem de se enfrentar. A história da viagem de Orixalá ensina isso. É esse ensinamento que os mais velhos querem que os mais novos aprendam. E quanto mais a gente aprende isso, mais o mundo fica melhor, pois as pessoas ficam melhor consigo mesmas, com o outro, com o mundo e com Deus que, afinal, é tudo isso.

Todos combinaram, naquele dia do encontro para acertar as coisas do livro, que a gente que ia fazer parte devia dizer algumas coisas sobre seu orixá, o odu e o signo.
Dediquei toda minha vida ao candomblé. O que é desse ramo, eu chego junto mas nos outros saberes, eu mal engatinho. A respeito de Orixalá, qualquer pessoa que preste atenção no itan que já contei vai tirar suas conclusões sobre ele. Nas saudações que Exu faz a ele, estão suas qualidades. Sobre meu odu, Odi, já falei sobre ele, naquela reunião.

É só voltar ao que o senhor escreveu antes, e está tudo lá do que pode ser dito. Mas devo acrescentar o seguinte: Odi é renascimento, mudança que exige disciplina espiritual. Mas também pode significar fazer de um tudo para se agarrar ao passado.

Sou cabeça de Orixalá. Oxalá, conforme ele é mais conhecido por aqui. Mas sou do velho, não é o novo. Oxalufã ou Oluzon são o mesmo. Aconteceram muitas parcerias entre os negros e ~~x~~-escravos e aí, para uma mesma coisa, existem vários nomes. Mas falando do Velho, as pessoas dele têm a insistência, se acabam, pagam preço alto, mas não desistem, quando querem uma coisa. Pouco importa o que tenham de enfrentar. O importante é alcançar. Podem até perdoar, mas não esquecem do que lhe fizeram um dia, seja de bom, seja de ruim. Boa memória, lembram de tudo. Gente conselheira, que sabe se por no lugar do outro. Mas também é uma gente que é muito dada a ficar sozinha. A agonia do mundo incomoda muito. Por causa disso, corre o risco de perder grandes oportunidades.

Também sei que sou do signo de Peixes, e tenho a dizer o seguinte: meu pai, Marcolino dos Santos, era muito ligado a essa coisa de Astrologia. Lia muito sobre isso e fazia de questão de me ensinar algumas coisas. Peixes é

eu creio, ponto de chegada de quem está na existência. É o signo da compreensão. De quem se sacrifica pelo outro e, por isso mesmo, muitas vezes, é incompreendido. Gente de Peixes é dos Águas, mas águas de Netuno, o pai da fantasia. É justamente por isso que, para tratar de drogados é preciso mergulhar nas águas de Netuno, para se saber porque a pessoa troca a realidade da vida pela fantasia daquilo que não pode alcançar. Mas isso é uma outra conversa. Depois, a gente se fala sobre isso.

Mas também sei que tenho Sagitário no Meio do Céu. Aí, Doutor Leo, é por isso que antes que eu maneje a espada da justiça, vou precisar conhecer direitinho todos os fatos sobre o acontecimento. E para mim, que sou de Peixes, isso é as vezes um sonho que não se realiza. Peixes sonha muito e, se não tomar cuidado, vai passar a vida em brancas nuvens.

Vocês que me conhecem é quem pode dizer se isso é o meu retrato. Se quem tem ferida nas costas não se cura, também é difícil as pessoas enxergarem a si própria. Não é a toa que os olhos da gente estão na frente da cara e dirigidos para fora. Enxergar por dentro exige uma outra compreensão.

Obrigado pela sua confiança. O senhor é um homem sabido, Doutor Leo, fazendo isso que o senhor está fazendo, juntando gente tão diferente pra fazer uma tarefa sem igual. É uma maneira de combater as ideias daqueles que se julgam donos do mundo e da verdade. Espero que o senhor goste do que eu pude fazer. Ah, meu Deus, eu fico imaginando: logo eu? Fazer parte do livro de Doutor Leo? Deus é mais forte.
Oxalá que lhe reduce com o Divino Alá da Paz.
Disponha desta sua criada
Dara Mujina, ialorixá.



OITAVO CAMINHO: *Èjìọgbè* (Ejiobê)

Tornou a guardar silêncio e recolhimento e foi lavar a sua roupa. Tornou a tomar banho e vestiu roupa limpa. E como sempre, não reclamou da sorte.
No terceiro dia, Orixalá acordou antes dos passarinhos. Quando o sol surgiu, ele já tinha caminhado bastante. A estrada começou a ficar movimentada. Era sinal de que Oyó estava perto. De repente, apareceu um homem carregando um fardo enorme nos ombros.

O caminho para o autoconhecimento

Neusa Silveira

A humanidade nunca teve tantas possibilidades de escolha para a construção do autoconhecimento como tem nesta nossa época. A ciência, a religião e as artes possibilitam, nestes inícios do século XXI, as opções mais variadas. São tantos os caminhos à disposição, que os menos avisados podem até se perder. Ter clareza de que um dado caminho, para esse objetivo, seja digno de confiança já seria de bom alvitre. O termo, *Caminhos*, aqui, envolve principalmente questões de linguagem. Aquilo que é dito a alguém numa linguagem em que o destinatário da mensagem não percebe o sentido, certamente será deixado de lado. E nesse caso, não é mera questão de língua estrangeira. Há linguagens, mesmo expressas em língua materna, que o destinatário não consegue entender. E se entender, não conseguirá pôr em prática. Isso faz com que nenhum caminho seja melhor que outro. É melhor para um, mas não será melhor para outro. A questão está centrada no sujeito e não na teoria que embasa a explicação do sujeito.

Então, esta minha abordagem não pretende ser a ideal, nem

muito menos uma panaceia. Longe de mim imaginar que a Psicologia Analítica tem resposta para toda e qualquer situação que envolva o intricado da personalidade humana. Tenho um viver pontilhado por exemplos de casos, ora resolvidos com a ajuda de minha mãe, a psicanalista Dina, ora pelo socorro dado pela ialorixá Dara Mujina, para quem precisei apelar no acompanhamento de clientes meus, com complicações de personalidade, no mínimo exóticas. E em todas as situações, ficou evidente, para mim, que a linguagem de uma das opções atendia perfeitamente o tipo de apreensão do cliente. Em tal sentido, minha mãe muito contribuiu para que eu firmasse tais posições. Por sinal, assistir à *Festa do Pilão* me levou de volta ao complexo de rejeição que sempre alimentei em relação à minha mãe. Mas vamos por partes.

Desde cedo, me peguei com algo atravessado na minha garganta. Demorei em atinar, mas terminei por compreender: havia em mim um sentimento de rejeição. Para mim, minha mãe sempre deu e continuava dando atenção maior à Creusa, minha irmã. Segundo as narrativas da família, o nascimento dela foi cercado por muitas expectativas. Nas vezes em que pude conversar com Dona Dina, a mãe passou à frente da psicanalista e não deixou que ela percebesse o quanto aquilo era pesado para eu carregar. Sempre ela se saía com algo do tipo: "Ora, minha filha, deixa de ser boba. Sua mãe quer um bem igual a vocês duas." Um dia, papai presenciou isso e se saiu muito bem com uma de suas pérolas: "Está feito menina amarela? Está vendo chifre em cabeça de cavalo?" Creio que ele não se lembrou do unicórnio. Resolvi me silenciar. E esse silêncio durou por muito tempo.

Participei de muitas conversas entre mamãe e outras pessoas e fui me familiarizando com as conversas sobre Freud. Mas pus uma caraminhola na minha cabeça: se mamãe era psicanalista, apaixonada por Freud, como é que ela não via o peso que eu carregava pelo fato de me sentir preterida em relação a minha irmã? Comecei a entender que aquilo que mamãe fazia em seu consultório não deveria ser tão eficiente assim, pois ela não via nem o que se passava com a própria filha. Isso não impediu que eu nutrisse por ela um grande amor filial e eu sempre a considerei um modelo a ser seguido. Tanto foi assim, que resolvi seguir meus estudos na mesma carreira que ela seguiu, a Psicologia. E aí, eu encontrei Jung que me apontou outros direcionamentos.

Com o passar do tempo, fui esquecendo daquele sentimento que eu tinha de rejeição. Cheguei a pensar tê-lo superado. E para a maior de minhas surpresas, durante a narrativa de Mãe Dara Mujina, naquela noite da *Festa do Pilão*, sem que nem pra quê, isso aflorou de novo no meu consciente. Na verdade, eu não via indício algum de rejeição entre Xangô e Orixalá. Não se tratava de uma narrativa sobre mãe e filha, mas foi o que me veio à mente. Então, concluí que tudo aquilo, de fato, não tinha desaparecido. Na verdade, estava recolhido nos meus porões. Daí, resolvi colocar as coisas em pratos limpos. Isso foi corroborado pela proposta do livro organizado por papai. A leitura dos textos dos demais participantes me levou a procurar ajuda. Todos do nosso grupo repetem o que foi aprendido com Mãe Dara: "Quem tem ferida nas costas não se cura." E lá me fui em busca de Clara Pinheiro. Ótima terapeuta, de formação junguiana, a simplicidade em pessoa, mas de um saber notório. O trabalho também foi facilitado por causa de minha formação, na mesma linha teórica em que ela se especializou. Visto de outra forma, isso também poderia se constituir um perigo. O Ego sabe como driblar, para não incorporar aquilo que o Inconsciente quer que venha à tona. Narrar a trajetória dessa terapia, que à nossa revelia foi acelerada, daria páginas e páginas, e aqui isso não vem ao caso. E enquanto eu lia os textos dos demais participantes, a terapia com Clara avançava.

Na décima primeira sessão, durante o momento de minha elocução, Clara me perguntou:

– A que você atribui o fato de, ao ouvir uma narrativa no terreiro, em que os personagens são figuras masculinas, isso ter mexido tanto com você, a ponto de voltar à tona o conflito com sua mãe?

Foi como se eu tivesse tomado um pontapé no estômago. Cheguei a sentir dificuldade de respirar. Clara me ofereceu um copo com água e eu me senti mais reconfortada. Foi aí que me lembrei de um sonho que tive na noite anterior e que estava completamente esquecido. Narrei o sonho.

> Eu estava num táxi vermelho. Seu Roberto era o motorista que sempre chamo, quando preciso. Descíamos a rua em que, no sonho, eu morava. Era uma rua sem calçamento, cujo leito era sulcado na transversal por valas sucessivas. Na vida real, Seu Roberto conversa muito comigo e, no sonho, ele fazia o mesmo. O lado

esquerdo da rua estava atravancado por veículos estacionados e Seu Roberto buscava uma vaga. De repente ele disse:
– Dona Neusa, eu tenho uma filha que mora perto da senhora, naquela casa. Ela é secretária de Doutora Dina...
Apontou para a casa, mas eu não me interessei. Na verdade eu sabia a quem ele estava se referindo. Na vida real, Seu Roberto e a filha são inimigos e ela não é secretária de minha mãe. Ela é professora, minha conhecida, mas ambos não sabem que eu sei que eles são inimigos. E sempre que Seu Roberto se refere à filha, eu nunca deixo transparecer que sou sabedora dos conflitos entre eles.
De repente, Seu Roberto descobriu uma vaga, fez manobra e o carro derrapou. A rua estava escorregadia. Percebi que um pneu tinha se esvaziado, mas eu não me preocupei, não tive medo, nem receio. Após alguns vaivens, Seu Roberto estacionou e saltamos do carro. Ele foi olhar o pneu. De repente ele se jogou no chão, como se estivesse sofrendo um ataque. Espantada, eu quis saber o que era. E ele, deitado no chão, todo encolhido, em posição fetal, disse que estava se escondendo do povo de Manezinho, arqui-inimigo dele. Então, eu olhei ao longo da rua e vi um carro preto estacionando, com alguns vultos dentro, com metralhadoras na mão. Os arqui-inimigos de Seu Roberto eram pessoas violentas. Não me abalei com aquilo e fiquei observando o desenrolar dos fatos. De repente, os mafiosos resolveram desatravancar a rua, retirando os carros para que eles pudessem fazer manobra e entrar com o carro deles na garagem. Eram homens tão fortes que removiam os carros com as mãos. E eu continuava como espectadora impassível. Quando retiraram o carro de Seu Roberto, eis que ele surge à luz do dia, deitado no leito de barro da rua, em posição fetal. Então os mafiosos exclamaram com alegria:
– Ah! Olhem quem está aqui! Eta maravilha!...
Aí, pegaram Seu Roberto como se fosse um cadáver, alçado à altura dos ombros de quem o conduzia e começaram um cortejo rua acima. Eu sabia que iam levá-lo para o cemitério, onde ele seria enterrado vivo, pois os mafiosos já o consideravam um inimigo morto, embora ele ainda estivesse vivo. Seu Roberto não esboçava a menor reação e os mafiosos faziam daquilo

> uma festa. De repente, a filha de Seu Roberto saiu à porta da casa dela, vestida de branco, cabelos soltos ao vento, aos gritos, aos brados, clamando: "Meu pai! Meu pai! O que fizeram com ele?!" E eu assistia a tudo aquilo, impassível, sem me abismar, sem me condoer. Acordei.

Clara, que tinha ouvido tudo em silêncio, perguntou:

– Como você compreende este sonho? Os símbolos que nele aparecem significam o quê para você?

Pensei um pouco, mergulhei no sonho, até onde pude alcançar. Um pai, uma filha; claro: eu e papai. Papai "enterrado vivo" por inimigos. Ah, meu ego poderoso... A filha chorando pelo pai, meu *Animus*, minha *Anima*... Eu indiferente: minha *Máscara*. O pranto e o lamento da filha: com certeza, um sinal de que estou equivocada em relação a meu pai. Ou melhor: preciso sepultar, isto é, dissolver esse equívoco. Apesar de a narrativa do dia da *Festa do Pilão* ser centrada no *Masculino*, é preciso trazer à tona a figura da *Mãe*. O Pai está sendo injustiçado e perseguido pelo "povo de Manezinho". Clara sorriu com comedimento. Eu continuei. Na mandala de meu mapa astral, está lá: minha Casa IV em Áries, Quíron morando nela. É isso: na família é onde serei curada. Por isso tenho que entender meus conflitos nessa área. Casa IV: a família, as raízes, a mãe... É isso: minha mãe sabe como me curar... Gente!... Aí, Clara, minha Lua em Câncer, você sabe muito bem como são essas coisas... A mãe é uma deusa sentada no trono.

Seguiram-se mais quatro seções girando em torno desses aspectos, na interpretação de várias imagens e símbolos atinentes aos bloqueios meus que eu desejava romper. Na noite que antecedeu a décima sexta sessão, tive outro sonho emblemático:

> Eu estava lendo o texto manuscrito sobre *A viagem de Orixalá*, quando me lembrei de Érica Falcão. Conheço Érica há muitos anos, mas nunca fiz parte da equipe de bajuladores que sempre entoaram loas a ela. Para mim, ela sempre foi transparente, personificação da arrogância e da prepotência. Algumas vezes, soube por outras pessoas que ela me fazia críticas ácidas pelo fato de eu ser terapeuta junguiana.
> Eu estava lendo o texto num apartamento, cujo dono

> eu não sabia quem era e que estava ausente. Érica chegou e eu a recebi com efusividade. Perguntei o que ela desejava beber e ela preferiu um *scotch*. Enquanto eu abria vários armários e peças em busca de bebidas, notei a presença de uma moça que saía de um dos quartos. Então eu perguntei quem era ela e o que fazia ali. Para surpresa minha, ela me informou que era moradora daquele apartamento e que ali vivia com o dono que tinha saído. Fiquei escabreada, mas continuei procurando a bebida para Érica. Achei muitas garrafas de bebida de diversos tipos, mas não correspondiam àquela que eu buscava. De repente, achei uma garrafa exótica, com um rótulo desenhado artisticamente. O líquido era de um verde bem claro e não gravei o nome da bebida. Servi dois *drinks*: um para mim e outro para Érica. E com os copos na mão, nos aproximamos de uma mesa que estava repleta de salgados. Acordei.

A sessão começou pela minha narrativa do sonho. Como sempre, Clara perguntou como eu compreendia as imagens e os símbolos que aparecem no sonho. Lembro-me muito bem de ter dito que o sonho me dizia da necessidade de reconciliação comigo mesma, pois enquanto isso não acontecia, eu estava num "apartamento", cujos donos eu nem sabia quem eram. É evidente que o "apartamento" era eu mesma, a estrutura de minha psique. Érica? Eu mesma. Era necessária a reconciliação comigo mesma. E aí, foi a vez de eu perguntar: se para me reconciliar comigo mesma é necessário conhecer a mim mesma, quem sou eu?

Clara me animou:

– Isso mesmo. Vá em frente. Se apresente a você mesma.

Quando me olho e me vejo agora, me lembro de Orixalá. Ele é um modelo mítico, um Arquétipo... Quando algo lhe acontece, ele atina na regra que foi infligida. Para ele, o mundo é organizado em princípios éticos e morais. Ao romper qualquer princípio, aceita a consequência disso sem reclamação. Sempre envolve a qualquer um com tratamento de respeito e consideração. No final de sua viagem a Oyó, mesmo com o resultado da sua transgressão inscrito em seu corpo, assimila tudo isso e ainda é capaz de entender o que passou como resultado de um enfrentamento. Ele mesmo afirma: "A glória cabe apenas a quem se dispõe enfrentar a si mesmo." É isso realmente o que estou fazendo aqui. Esta é a déci-

ma sexta sessão de meu enfrentamento comigo mesma. Enfrentar o quê? A canceriana que tem Ascendente em Capricórnio. E lá vem Dona Dina de novo, em mim. Ela é o protótipo do Capricórnio. Ah, criatura repetidora das experiências. Creio que há esse lado em mim também. Vivo repetindo essa bronca da rejeição. Quando penso que se extinguiu, repito tudo de novo. Mas nossas Luas são completamente diferentes. Ela, Gêmeos; eu, Aquário. Enquanto ela pode sentir em duplicidade, eu quero sentir o que ainda está por acontecer. Outra diferença marcante: minha Casa XII está em Sagitário. Lá, preciso lavar um assunto nove vezes. Trata-se de uma necessidade de limpeza final, de polimento. É o que se costuma chamar de *nônupla purificação*. Isso se deve ao fato de, em pessoas como eu, o inconsciente estar sempre dominando a mente consciente. Então, para me livrar das projeções que me aprisionam, para poder viver consciente e espontaneamente, tenho que me esforçar na transformação alquímica. Você sabe muito bem, Clara, a que eu estou me referindo. Trabalhar pela purificação através da meditação, da introspecção ou da interpretação dos sonhos. É evidente que isso não será feito eternamente, em sessões terapêuticas assistidas por você. Trata-se de mudança de hábitos, atitudes e escolhas, para o resto da vida. Quase sempre, Quíron está envolvido em tais processos. Conforme já disse anteriormente, tenho Quíron em Áries, na Casa IV. Portanto, família, raízes, parentes, memória, tudo isso tem muita importância para o meu processo alquímico, para conseguir a individuação. Conforme você sabe, esse processo quase sempre começa com uma lesão na parte sagitariana do corpo – a ferida de Quíron. E onde creio que estou ferida? Claro: na minha relação com mamãe. E agora me dou conta da visão enviesada de tudo nesse aspecto: realmente nunca houve essa tal rejeição que, em mim, sempre se constituiu uma pedra irremovível.

Percebendo que eu estava de boca seca, Clara me ofereceu um copo dágua. Criatura cuidadosa, atenciosa, gentil. Prosseguimos. Clara, calada, ouvindo. Também me apresento a mim na condição de cabeça de Ossáin. É isso: tenho parte com as folhas. Tal qual meu *Orixá*, eu só me mostro em uma banda. Por isso, Ossáin se assimilou à *Caapora* dos índios: mora na mata, dono das folhas e só mostra uma banda de si mesmo. A outra banda se confunde com a folhagem. Ossáin é curador, conhece o segredo das folhas.

As folhas curam, aleijam, matam, escondem, revelam. É provável que eu me ligasse à Psicologia Analítica por causa de meus traços de Ossáin. Calado, reservado, se esconde para agir. Detesta alarido e multidão. Mas Ossáin esconde o seu saber, muitas vezes se passando por alienado. E seus filhos correm o risco da alienação, mas é preciso não confundir alienação com ignorância. Eles espiam o mundo através da trama da folhagem. Veem sem serem vistos. Não suportam dar satisfação sobre sua vida. São cercados de segredos, gostam de agir na surdina. Isso pode confundir e as pessoas imaginarem que eles são sonsos, falsos ou fingidos. Esses traços todos não me afligem, pois não os considero defeitos nem qualidades. São atributos. Uns devem ser exponenciados; outros, os que estão inscritos no lado *Sombra*, devem ser reconhecidos como legítimos para se saber lidar com eles, inclusive, em certas circunstâncias da vida, utilizados em benefício de mim mesma, ou dos outros. Devo considerar que trazemos conosco, à existência, uma espécie de tacho onde todos os nossos pacotes estão depositados para serem desembrulhados na existência. Clara comentou:

– Ah, conheço esta tese de Liz Greene. Costumo chamá-la também de a *teoria do tacho*. Tenho até o livro dela aqui, comigo. Sei qual é página, pois esta semana mesmo, estive relendo. Vamos ver nós duas, juntas?

Clara pegou o livro que estava na gaveta de sua mesa de trabalho, folheou rapidamente e achou a página.

– Está aqui: *Astrologia do destino*[31]*, edição de 1990, página 59:*

> Mas uma vez que se tenha raspado o fundo do tacho e que os ultrajes, rancores, dores, venenos, separações e mágoas pessoais de infância tenham sido contatados, expressos e inclusive perdoados, existe ainda o próprio tacho, como forma já inscrita da servidão individual.

Lembro-me de meus adendos. A gente trouxe o tacho e o leva de volta na última viagem. Esse tacho somos nós mesmos, o continente. Tratar do conteúdo é coisa que cabe a cada um. Mas a maioria nem desconfia disso. Mas continuando... As coisas do meu

31 GREENE, Liz. **Astrologia do destino**. Trad. C. Youssef. São Paulo: Cultrix; Pensamento, 1990.

tacho... Estou me apresentando a mim mesma, conforme diz você. Sobre família... Você sabe: sou casada com Gilberto. Aquela confusão entre ele e papai tem sido, para mim, uma grande consumição. Mas também quem mandou ele passar a perna em papai? Agora ele está padecendo as consequências. Papai é ranzinza, mas tem um coração de ouro. Aí, Gilberto quis ser o sabido e levar a melhor. Olhe, Clara, o tanto que papai ajudou a Gilberto já perdi a conta. Qualquer aperto, e Gilberto recorria a ele. Fosse em que sentido fosse. E aí, o sujeito achou por bem enganar papai. Tento, a todo custo, amenizar a visão que papai tem dos traços de personalidade de Gilberto, relatando as coisas boas que ele faz. Não digo isso diretamente a papai, mas falo alto com meus parentes, para que ele ouça. Meus relatos, por enquanto, ainda não fizeram efeito. Aguardemos. Logo no início, Gilberto era, para papai, o genro que ele pediu a Deus. Não tinha defeitos, tudo era qualidade. Depois, amiga, só vendo: nenhuma qualidade; só defeitos. Mas isso se resolve com o tempo. Assim espero. Mesmo, papai é cabeça de Oxóssi: com o tempo, esquece e perdoa. Ao contrário de Orixalá: perdoa, mas não esquece. Falando nisso, me lembro de outro traço meu. Mãe Dara Mujina me disse que meu *Odu* é *Ejiobê*, o oitavo *Odu de Ifá*. Tenho *caminho* aberto; perfeito alinhamento com o meu destino pessoal; segurança de mim mesma. Diz Mãe Dara, e eu assimilei a informação, que meu *Odu* me proporciona vida longa, abundância e família. Por sua vez o meu lado *Sombra* é a arrogância, mas *Ejiobê* é a energia que me dará forças para superar isso. Desde que eu soube disso, tenho tomado cuidado com esse lado meu. Não esqueço de uma coisa: ao longo de meus estudos, colegas se referiam a mim como metida a sabida, metida a besta. Diziam: você sempre considera o que é seu bem melhor do que o dos outros. Agora eu sei: é a arrogância de meu lado *Sombra* de *Ejiobê*. Resta o quê? Sei de mim, ainda, que como boa canceriana, sou tenaz, intuitiva, maternal, doméstica, sensível, retentiva. Gosto de ajudar os outros. Tenho boa memória e sou tradicional. Gosto da vida doméstica, de ficar em casa cuidando do ambiente do apartamento. Gosto de minhas eternas discussões teóricas com mamãe, sobre Freud e Jung.

O que mais?... Ah, sim: sofro de ciática, choro com facilidade. Tenho muito apego à minha mãe. E essa bendita compulsão de ajudar os outros. Por isso, só vivo me metendo em empreitadas difíceis. Preciso cuidar disso; e cuidar mesmo, cuidar muito...

Quando essa décima sexta sessão terminou, também ficou em mim a perfeita sensação de que era, por hora, o suficiente. Agora, era pôr tudo isso em ordem e viver. Isso: viver é a coisa mais importante. Nenhuma dissertação sobre o viver se equipara a um minuto da existência vivido com intensidade, em harmonia consigo mesmo, com os outros, com o mundo.

Acontece que é necessário encontrar um caminho para se autoconhecer. O *itan* sobre *A viagem*, que Mãe Dara Mujina narrou, fascina por isso: Orixalá conhece o *caminho*. E ele conhece a *estrada* para Oyó tão bem, isto é, para dentro de si mesmo, que faz o percurso a pé. Também é preciso entender que, qualquer que seja o caminho, cumpre prestar atenção no dizer das coisas. Na verdade, o dizer das coisas não está nelas mesmas, mas naquilo que elas simbolizam. Por isso, na maioria das vezes, há muito mais eficiência na prática do que na dissertação sobre o quadro teórico. Porque penso assim, este texto não mostra uma preocupação no elenco de conceitos e categorias junguianas. Sei que não posso, nem devo me erigir como um modelo a ser seguido, muito menos como um paradigma. Mas foi justamente mostrando, entre tantos caminhos disponíveis, aquele por mim escolhido para a construção do autoconhecimento, que entendo a prática da terapia. Os símbolos e os signos nele contidos configuram uma linguagem que possibilita o acesso aos segredos do inconsciente. Essa linguagem contempla a conjuminação de conhecimentos disponíveis, todos eles voltados para a melhoria das pessoas que estejam dispostas à grande aventura de conhecer a si próprias. Vale, porém, advertir: não pode encontrar um caminho para o autoconhecimento senão quem esteja disposto a mudanças. Por tocar em tal assunto, a linguagem da poesia até hoje é insuperável, quando um poeta de qualidade mergulha fundo na complexidade dos humanos. Exemplo disso, um belo poema de Domingos Pellegrini Jr.[32]:

32 Cf. PELLEGRINI JR., Domingos. **Mudança**. (Poema avulso).

MUDANÇAS

O tempo pôs a mão na sua cabeça
e ensinou três coisas.
Primeiro:
você pode crer em mudanças,
quando duvida de tudo,
quando procura a luz
dentro das pilhas,
o caroço nas pedras,
a causa das coisas,
seu sangue bruto.
Segundo:
você não pode mudar o mundo
conforme o coração.
Sua pressa não apressa a História.
Melhor que seu heroísmo,
sua disciplina na multidão.
Terceiro:
é preciso trabalhar
todo dia, toda madrugada,
para mudar um pedaço de horta,
uma paisagem, um homem.
Mas mudam, essa é a verdade



NONO CAMINHO: *Ọ̀sá* (Ossá)

Parou junto a Orixalá, fez rapapé de saudação e disse assim:
– Salve, Senhor das Nuvens que Cobrem o Mundo! O que faz por estas bandas?
Orixalá até desconfiou e pensou consigo mesmo: "Interessante, este homem sabe quem sou eu, mas eu não sei quem ele é..." Mas afastou o pensamento e respondeu:
– Vou para Oyó, moço honrado, fazer uma visita de surpresa a Xangô, meu filho. O senhor sabe quem é ele?

A herança africana: do engenho ao terreiro

Heitor Guarany

Antes de lavrar esta peça, preparei-me para ser apedrejado. Não sairei correndo, para escapar dos apedrejadores em busca da salvação. Busca salvar-se quem adredemente se julga condenado. Longe de mim tal cogitação. Justamente por isso, sou adepto do grupo dos que entendem que a dúvida é o primeiro passo para se chegar ao conhecimento. Nada original, sei muito bem disso. Aliás, não há nada de novo debaixo do céu. Também, repetindo isso, não estou sendo original. Nisso tudo, o importante é provar a mim mesmo que eu penso. E se penso, logo existo. É preciso pensar, pensar muito, pensar sempre. Até aí, boa ajuda será o cogito de Érico Veríssimo: "Só os idiotas estão absolutamente certos de tudo.[33]"

Já viajei muito. Isso contribuiu para que eu me certificasse de que sociedades diferentes têm crenças diferentes, e até mesmo contraditórias. Aquilo que, numa região, é tido por verdadeiro, pode ser considerado ridículo, disparatado e falso em outros lugares. Os costumes, a história de um povo e sua tradição cultural influenciam

33 VERÍSSIMO, Érico. **Ana Terra**. Porto Alegre: Globo, 1974. p. vii.

a forma como as pessoas veem e pensam naquilo em que acreditam. Considerar a diferença, então, é fundamental.

Costumo duvidar de cada ideia que não me seja clara e distinta. Vou no caminho contrário dos gregos antigos e dos escolásticos, que acreditavam que as coisas existem simplesmente porque precisam existir, ou porque assim deve ser. Descartes instituiu a dúvida cientificamente: só se pode dizer que existe aquilo que puder ser provado, sendo o ato de duvidar indubitável: *Ego cogito ergo sum*[34]. Isso, porém, não foi feito à base de impressões. Ele também organizou o método com quatro regras básicas: verificar, analisar, sintetizar, enumerar. Até hoje, o método ainda se constitui a pilastra fundamental de quem julga estar fazendo a construção do conhecimento. Nem mesmo os que repudiam ou atacam o cartesianismo abrem mão desse método. Será que o *Pensamento*, em vez de ser mais uma função, é uma plataforma a partir da qual rodam as outras funções? Devo cogitar.

Isso tem um preço. Agora mesmo, estou às voltas com o pagamento de um deles. Nada mais, nada menos do que o enfrentamento do que seja o *diferente*. E tal experiência se faz real dentro do próprio grupo de Doutor Leo, isto é, dos que participam da organização deste livro, do qual faço parte. Todos confundem democracia como sendo ditadura da maioria. O que a maioria decide é posto em prática e a minoria que se vire. Fui o único que não aceitou certas ideias e práticas para a elaboração do nosso livro. Começa com essa ideia de um tema sorteado para cada um, que seria de "sua livre escolha". Onde já se viu livre escolha num sorteio? Isso, sim, é determinismo. Tudo porque houve casos em que um mesmo tema foi escolhido por mais de uma pessoa. Sugeri: "As pessoas que escolherem um mesmo tema façam um grupo". Fui rechaçado, pois não se completaria o total de dezesseis textos. E conforme todos sabem, Doutor Leo, quando entende que o mundo é quadrado, nem Deus poderá convencê-lo do contrário. Para mim, tudo iso escapa do cogito.

Então, foi sorteado para mim o tema "A herança africana: do engenho ao terreiro". A princípio julguei-me bafejado pela sorte, pois sou jornalista de formação e prática. Atualmente, venho me empenhando em reportagens que denunciam atitudes de grupos fundamentalistas contra as religiões de matriz africana. Por isso

34 Penso, logo existo.

mesmo, tenho conversado, dialogado e entrevistado diversos amigos, profissionais e pessoas envolvidas nessa questão. Em vista dessa atividade e das frequentes visitas ao terreiro, terminei fazendo amizade com todo o grupo que frequenta também a casa de Doutor Leo. Sou fissurado em fazer reportagens sobre comunidades alternativas, excluídos e segmentos sociais menosprezados pela elite dominante. Enfim, os diferentes me atraem. Sei que sou um deles.

No encontro para discutirmos como o livro seria organizado, Doutor Leo fez circular o que ele chamou de anotações: "Até anotei para não me esquecer, e tirei cópias para vocês". Aí, o que deveria ser uma simples anotação terminou se transformando num roteiro definitivo, com algumas cláusulas draconianas, a exemplo da sexta e da nona. Foi justamente isso que me levou ficar contra a maioria que concordou com aquele desatino. E a ditadura da maioria prevaleceu. A princípio, pensei em sair do grupo. Depois, pensei: eu tinha que permanecer, justamente para marcar o lugar do diferente.

Foi daí que em mim começou a agonia resultante desse cogitar. Como fazer uma reportagem (era isso que eu queria realmente fazer) sobre *A herança africana: do engenho ao terreiro*, misturando um fato tão objetivo com aquela carga imensa e exclusivamente subjetiva da nona orientação? 1. Um aspecto de Orixalá; 2. Aspectos da consciência de si mesmo (signo, *Odu*, *Orixá*); 3. Aspectos de sua relação com o grupo; 4. Seu contato pessoal com o mito e em que isso resulta. O que esse conjunto heterogêneo de abordagens tem a ver com herança africana? Apenas o primeiro item possibilita uma certa abordagem. Mesmo, já dizia Celso Cunha: "Não há temas esgotados; há pesquisadores esgotados."

Terminei concluindo que o meu texto seria de protesto. Isso mesmo: protesto contra a ditadura da maioria, contra essa mixórdia, essa panaceia, que todos estavam tomando como algo criativo. Nem quis saber o que os outros pensavam dessa minha atitude. Todos os participantes não me consideram como um integrante do grupo de Doutor Leo? Então, que me aceitem na minha diferença. E em hipótese alguma, está em cena a palavra *tolerância*. Odeio essa palavra. Os tolerantes se julgam superiores aos diferentes deles. Toleram porque não podem exterminar.

Apesar dos pesares, usemos de boa vontade. E em função do fragmento do mito que a mim foi destinado, Orixalá se erige como herança fundamental no terreno das crenças de origem africana. Exu

o trata por um de seus títulos, *Senhor das Nuvens que Cobrem o Mundo*. Daí, ainda hoje ele é considerado o *Senhor do Alá*, isto é, a grande toalha branca, símbolo do abrigo, da proteção e do acolhimento.

Outros povos negros também trouxeram outros cultos a entidades que gozam das mesmas prerrogativas de Orixalá, a exemplo de *Lissa*, para os jejes; *Lembá* e *Lembarenganga*, para os *bantu*. Apesar de todo o caldeamento e da mistura ocorridos nas senzalas, por força da condição de escravo que a todos unia, o que se disseminou entre nós foi o culto a Orixalá. Em Salvador da Bahia, os negros, de origem nagô, encontraram o culto católico ao Senhor do Bonfim, cuja igreja se situa no alto de uma colina. Acontece que Orixalá também tem o título de *Babá Okê*, isto é, o *Pai da Colina*. Estava aberta a estrada para a *contaminação*. A lavagem do Bonfim, que ocorre todos os anos, no mês de janeiro, também se prende diretamente ao culto nagô a Orixalá. No *itan* narrado por Mãe Dara Mujina, Xangô ordena que seus súditos lavem o palácio real para receber Orixalá, reabilitado de sua condição de prisioneiro. E o culto a Orixalá se firmou de tamanha forma que mesmo os terreiros de origens outras incorporaram o culto a Orixalá. Ele é reverenciado por causa de seus inúmeros atributos. É pai da misericórdia, senhor de grande saber, força e paciência.

No fragmento do *itan* a mim atribuído, aparece um dos fundamentos de Orixalá que os afro-brasileiros herdaram, e se refere ao fato de ele não fazer a Exu a clássica indagação: "Você sabe com quem você está falando?" Ao contrário, ele pergunta: "O senhor sabe quem é ele?" Nesse caso, o importante é o outro. Para o povo do Candomblé, o importante é o *Orixá*. Daí, é comum ouvir-se: "Você sabe quem é Orixalá? Pois eu sou filho dele."

Quando Exu saúda a Orixalá, cheio de rapapés, Orixalá cogita: "Interessante, este homem sabe quem sou eu, mas eu não sei quem ele é..." Orixalá não reconhece quem se disfarça, quem finge, quem mente. Ele cogita, isto é, pensa. Afinal, ele é o Ar, isto é, o *Pensamento*, uma das funções da mente, conforme quer Jung.

Quanto ao item dois, "Aspectos da consciência de mim mesmo (signo, *Odu*, *Orixá*)", devo questionar: que importância isso tem para o possível leitor? Tal divagação possivelmente interessaria à minha mulher, pois ela é fissurada em qualquer coisa que lhe propicie o alargamento de informações sobre minha pessoa, e a mais ninguém. Se eu não gozo da prerrogativa de ser cientista, artista, nem muito

menos personalidade da alta sociedade, dizer sobre mim não vai interessar a ninguém. Anunciar, com que finalidade, que eu tenho Sol em Escorpião, na Casa IX; Lua em Peixes, na Casa I, e Sagitário na Casa X, com Netuno no Meio do Céu? A quem interessaria informar que, se eu tenho Sagitário na Casa X, para mim, liberar a flecha na direção do alvo é um processo? Muito menos importante será me anunciar, diante do acima exposto, como realizador, cheio de expedientes, determinado, científico, investigativo, explorador, passional, consciente. Mais grave ainda seria comentar o meu lado *Sombra*, de Escorpião: vingativo, temperamental, reticente, arrogante, violento, sarcástico, desconfiado, ciumento e intolerante. Vá você, leitor, acrescentar algo de importante em sua vida, porque descobriu ser eu um escorpiniano e, por isso mesmo, sou profundamente marcado pelos eixos norteadores desse Signo: morte, ressurreição e sexualidade.

Quando Mãe Dara Mujina fez um jogo de búzios para mim, isso se prendeu a um momento muito particular, de minha intimidade. Tanto é assim, que fui motivado a isso, tendo em vista a seriedade com que aquela ialorixá exerce sua crença. Ela só joga búzios no seu terreiro, em local e momento reservados. O seu saber é notório e estribado em princípios éticos, dignos de nota. Então, para que alardear a conversa íntima que ela teve comigo? Para que anunciar que eu sou cabeça de Oxumarê e que meu *Odu* é *Ossá*? Salvo melhor juízo, isso seria admiração ao próprio umbigo na pressuposição de que traços da personalidade de uma dada pessoa comum se constituem motivo de interesse público. Certamente, há coisas muito mais interessantes para se ler.

É claro que abordar essas duas categorias, Oxumarê e *Ossá*, da religião trazida pelos negros nagôs que aqui foram escravizados, dizem muito da herança africana que sobreviveu à senzala e foi preservada nos terreiros. Oxumarê pertence ao quadro dos *Orixás metá*, isto é, o terceiro gênero. Segundo o povo do candomblé, ele é masculino durante um período, para se apresentar como feminino, no período subsequente. Enquanto feminino, ele é a *Cobra Encantada* e está na terra. Quando masculino, brilha no céu, sob a forma do arco-íris. Não resta dúvida que isso se constitui de uma beleza incomparável, e que bate de frente com a concepção ocidental de gênero, que polariza essa categoria. Ora, toda polarização exclui aquilo que não se encaixar em um dos dois polos e isso, normalmente, gera elevadas ondas de preconceito.

Dada a sua natureza *metá*, Oxumarê exige outras atenções de quem estiver disposto a lidar com ele. Seu símbolo é uma serpente engolindo a própria cauda. Ele é considerado o *Pai do Bom Tempo*, e é responsável pelo equilíbrio da Terra. Seus *itan* relatam que ele nasceu na pobreza, mas se fez rico pelo conhecimento. Suas escamas são de ouro, mas seu veneno é também digno de nota. Dizem que seu lado *Sombra* pende para a falsidade e para a intriga. Quem é cabeça de Oxumarê se tem na conta de pertencer à beleza do arco-íris; do brilho do ouro e da riqueza de uma personalidade que tanto sabe se arrastar pelo chão, quanto brilhar no arco celeste que une o Céu e a Terra.

Quanto a *Ossá*, o nono *Odu* de Ifá, ele traz consigo mudança extrema e inesperada, proveniente de fonte externa. É associado a forças destrutivas da Natureza e, por isso mesmo, tem efeito purificador. Minha contraface diz da fuga das responsabilidades e da enfermidade mental. O que realmente configura *Ossá* é a mudança radical nas circunstâncias. Nisso, *Ossá* é uma mão na roda, para vencer tal lado escuro meu.

Se os marcadores de Oxumarê estão inscritos em mim, e *Ossá* é a *Luz* que me impulsiona, isso só a mim diz respeito e àqueles que convivem comigo o cotidiano. Corre no meio do candomblé a afirmação: "Quem tem o seu bom não diz a ninguém; quem quiser saber que adivinhe." Tanto eu quanto os demais de meu grupo assistimos à *Festa do Pilão*. De lá, saí encantado com a beleza do ritual, com o bom acolhimento, a comida tão bem preparada. Assisti ao ritual com o devido respeito que qualquer ritual merece. Mas não me aconteceu essa coisa tão propalada pelas outras pessoas, de virem à tona conflitos oriundos da infância, ou tomada de consciência de traços de minha personalidade, conflitantes e rejeitados. Isso não me isenta de ter sentido um certo arrebatamento pela beleza do ambiente, pela harmonia do grupo, pelo tratamento que recebemos, pela estética da ornamentação, os cânticos, as danças. Mas daí a sair de lá em êxtase, ou mergulhado na dor de ter tomado consciência de si próprio, me parece exagero dos exageros. Nem tanto ao mar, nem tanto à terra. É preciso muito cuidado, mas muito cuidado mesmo, para não se cair na banalidade da autoajuda.

No terreno das heranças africanas, há muito a reconhecer sobre a qualidade do que foi preservado, em tal campo. É para se investigar como um povo que foi escravizado, destituído de sua própria condição humana, expropriado de sua terra, gente e cultura,

ainda pôde, com retalhos de memórias caldeadas na senzala, resguardar tantos valores. Esta herança, sim, merece destaque, porque revela o tanto de força que o conhecimento religioso pode preservar. E nesse campo, não há preponderância de uma religião sobre outra. Entender isso propicia a quebra de preconceitos.

É claro que o preconceito religioso contra o negro inscreve-se num quadro muito mais amplo. Nos dizeres de Emanoel Araujo,[35] "A negação do passado científico e tecnológico dos povos africanos e a exarcebação do seu caráter lúdico são algumas das principais façanhas [d]o eurocentrismo, abalando fortemente, ainda hoje, a autoestima da população africana e da diáspora." E da mesma forma que se nega ao negro um conhecimento científico e tecnológico, também se faz no campo religioso.

Quanto aos aspectos de minha relação com o grupo, não consigo alcançar na especialidade de tais informações ou comentários. Se eu cogito, termino por descobrir a nulidade do assunto. É verdade que tenho subido apreço pelo grupo e um respeito acentuado por Doutor Leo. Mas daí a transformar isso em assunto de publicação chega a ser menosprezo ao leitor. A quem importa saber que sou irmão do colunista social Paolo di Lucca, cujo nome verdadeiro é Heraldo Guarany, que renunciou ao seu nome de batismo na doce ilusão de que isso faria dele uma pessoa importante? Para mim, isso não passa de futilidade. Esse é o motivo de nossas desavenças. Fazer colunismo social não necessita de ademanes da moda da sociedade consumista. Vivo às turras com o meu irmão, a quem chamo de "ovelha negra da família". Nada ideológico; é muito mais para irritá-lo, pois só assim é possível ele me ouvir. Isso também não resolve, pois o grupo cai de pau em cima de mim, por causa da expressão "ovelha negra", considerada politicamente incorreta. Coitadas das ovelhas! Retiraram-lhes a possibilidade de ser negras também. Gente pode ser negra; ovelha, não. Voltando a Paolo, eu não perco a oportunidade de, em público, chamá-lo pelo seu verdadeiro nome, Heraldo, e isso o leva a uma profunda irritação. Desde que me entendo, eu sou irmão de Heraldo. Esse Paolo me é um estranho. Coisas de escorpiniano com Netuno no *Meio do Céu*. Gente de Escorpião guarda suas coisas num pote preto, coberto por um pano preto e encardido.

35 ARAUJO, Emanoel (curador). **Arte, adorno, design e tecnologia no tempo da escravidão**. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2013. p. 33.

Para que serve eu dizer que sou amicíssimo de Jean Claude, que é namorado de Creusa, filha de Doutor Leo? Se eu visito Mãe Dara Mujina constantemente, isso nada tem de especial, até porque minhas visitas não se ligam apenas à amizade que nutro por ela e pelo pessoal do seu terreiro. É também porque, para mim, o *Ilê Axé Turi Efan Olorokê* é uma referência e fiz dele *locus* de minhas pesquisas e estudos para uma série de reportagens sobre a herança africana, focalizando aspectos da senzala ao terreiro. O que me liga fundamentalmente a Doutor Leo é que, quando ele quer saber das coisas, vai fundo na questão. Por ele ser um estudioso contumaz, é sempre um prazer vê-lo atuando. Mesmo, a herança africana nos une. Não é só porque pertencemos a um povo cuja maioria da população tem sangue negro como herança. Também, e principalmente, porque todos nós, que fazemos parte do grupo dele, abrimos fileiras contra toda e qualquer espécie de fundamentalismo, de preconceito, de exclusão, de elitismo, de discriminação sobre os negros, com sua herança africana, preservada entre nós, e que hoje já deveria ser considerada legitimamente brasileira. Os altos índices de rejeição, entretanto, dizem o contrário. Quem rejeita o que é seu, por motivo de preconceito, não merece o chão em que pisa nem o ar que respira. Por isso mesmo, somos uma sociedade em franco desequilíbrio.

Quanto ao meu contato pessoal com o mito e em que isso resulta, não resta dúvida: para mim, o mito de *A viagem* é alta expressão da herança africana. Ele patenteia o modo como o povo nagô interpreta o universo e a vida. E porque vai na contramão do modelo de origem judaico-cristã, ainda hoje, continua sendo alvo de ataques por parte daqueles que se julgam eleitos pelo Divino, e entendem que os demais seres humanos são a escória, que precisa ser eliminada.

O mito de *A viagem* é de profunda generosidade no que diz respeito ao ensinamento de princípios éticos e morais. Ensina sem sofisticação, e o seu conteúdo é de fácil acesso e compreensão. Isso se estriba em qualidades inolvidáveis: vocabulário accessível, economia vocabular, sintaxe sem arrastões ou malabarismos, semântica clara e objetiva. Tudo isso, no entanto, está no reboque de metáforas que propiciam ao ouvinte voos mais amplos no universo da significação. *A viagem* foi construído para ser ouvido, por isso mesmo, ele é eivado das marcas da oralidade. E não podia ser diferente, pois o Estado brasileiro, no passado, legislou para que os negros não tivessem acesso à escola. Isso não impediu que o espírito humano se

utilizasse de outros caminhos para preservação da herança de um povo que, ainda hoje, em terras da América, professa as crenças de seus ancestrais.

E se não fosse pelo cabedal de conhecimento trazido pelos negros, nas diversas áreas, a herança religiosa aqui deixada já seria motivo de orgulho nacional. Entre esse possível orgulho e a trincheira do preconceito europocêntrico aqui vigente, porém, há o impedimento de sermos um povo realmente feliz.



DÉCIMO CAMINHO: *Ọ̀fun* (Ofun)

Mas é claro que sei. O grande rei, que senta no trono do pilão e que solta fogo pela boca, quando fala. Nesse ponto, até que somos parecidos. Mas temos lá nossas diferenças... Mas eu queria mesmo é que o senhor me ajudasse a descer esse fardo dos meus ombros, porque já estou muito cansado.
Orixalá não se fez de rogado. De novo, ele se esqueceu da recomendação de Orunmilá. E lá se foi ajudar o homem. Mais que depressa, o homem rasgou o saco e despejou todo o sal que carregava no fardo por cima de Orixalá.

O divino no meio dos mortais

Padre Germano Batista

Sou um sacerdote católico e considero sólidas as bases em que erigi as minhas crenças. Vem dos meus tempos de seminarista as três pedras angulares, nas quais me estribo para a minha vida sacerdotal. Elas dizem da misericórdia do Altíssimo, da compreensão que as pessoas devem ter de si mesmas e da divina promessa da esperança. São elas: "Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão" (*Êxodo* 20: 2); "A todo aquele que tem, mais será dado, e terá em abundancia. Mas daquele que não tem, até o que tem lhe será tirado" (*Mateus* 25: 29) e "Sê fiel até à morte, e eu te darei a coroa da vida" (*Apocalipse* 2:10).

Creio ser necessário considerar tais passagens. Segundo *Êxodo*, no versículo citado, houve uma ação divina de libertação. Ser tirado da "terra do Egito" é ser arrancado da condenação. Então, sobre nós, os humanos, não pesa condenação alguma. Somos livres para caminhar em direção ao Altíssimo e ser guiados por Ele. Não há mais fronteiras que cerceiem nossos movimentos. Fomos tirados da "casa da servidão". Nem de nós mesmos somos mais escravos.

Torna-se necessário, porém, dirigir o olhar para o nosso próprio interior, a fim de descobrir o que temos. E sobre o que temos, mais nos será dado, e mais teremos em abundância. Se isso vale para as bênçãos, também vale para as maldições. Se lá dentro, somos repletos do senso de justiça e misericórdia, será justamente isso que nos alcançará em doses multiplicadas. De igual forma, se a mesquinhez mora no interior de uma pessoa, ela alcançará mais e mais mesquinharias.

É justamente a fidelidade a tal compreensão que nos trará a coroa da vida, naquele sentido mais amplo, que nos impulsiona a alcançar a dimensão mais alta de nosso *status* de humanos. E quero, também, aqui e agora, continuar em tal prática, pois me creio liberto e portador de uma estatura conferida pelo Pai da Criação. Isso não me faz melhor do que as demais pessoas, mas me obriga, de um modo particular, a articular com elas – e até mesmo me empenhar nas mais diferentes e necessárias frentes de batalha –, para que se cumpra em mim e no outro a misericórdia, e se plenifique em nós o alcance das divinas promessas da esperança.

Assim me situo também, quando me predisponho a participar deste livro, concordando com as decisões do grupo que entendeu ser eu um participante de tal atividade. Se o outro me reconhece de tal modo é porque expus a ele, mesmo que inconscientemente, traços, gestualidade e discurso identificadores. É provável que o fato de, algumas vezes, eu ser chamado às falas pelo Senhor Bispo Diocesano também corroborou para o grupo me ver do jeito que me enxerga.

Não sou adepto da polarização, mas também não me instalo em zonas de conforto, me acomodando em cima de muro algum. Não posso ignorar, no entanto, que algumas estradas levam à esquerda, outras à direita e mais outras ao centro. Devo lembrar também que, na história dos povos, caminhos que prometiam chegar à esquerda deram volta completa e terminaram por conduzir à direita. O problema não está nos caminhos, nas estradas, nas rotas. É uma questão de quem escolhe o caminho e com que espécie de parceiro se faz acompanhar.

Creio que estou bem acompanhado na empreitada do mencionado livro. Isso não quer dizer que comungo de todas as posições dos componentes do grupo. Valho-me, no entanto, do entendimento de que nem Jesus Cristo construiu, para si, um grupo homogêneo. Não serei eu, portanto, que me quero seu seguidor, a construir

a homogeneidade de pessoas. Não há exercício mais homogeneizante do que a burrice. Para além dela, o preconceito e os regimes de exceção. Ambos são exercidos por aqueles que se julgam sem direito à liberdade de poder respeitar a diferença, na convivência com o diferente. Para essas pessoas, é necessário fazer limpeza étnica, política, social, cultural e econômica, para o reinado dos iguais se estabelecer na face da terra, mesmo que isso implique alterar os planos do Divino. Substitui-se, assim, sem mais nem menos, a vontade do Criador pela vontade de certas criaturas, nas quais o ódio gratuito é muito mais forte do que a raiva ideológica.

Consideremos, ainda, a questão do chamado *ponto de vista*. Eu me mostro, as pessoas me veem. As pessoas se mostram, eu as vejo. O que se mostra, no entanto, não é visto na mesma proporção. O que é visto, na verdade, não se mostra na mesma dimensão. Além de vermos apenas o que queremos ver, não vemos o que pensamos ver. É por isso que eu me mostro ao grupo do Doutor Leo como um sacerdote católico, mas as pessoas, possivelmente, me veem como aberto a qualquer doutrina. Não; não é bem assim.

Valho-me da *Homilia*[36] da missa preparatória para o conclave, pronunciada pelo Cardeal Joseph Ratzinger, mais tarde Papa Bento XVI, em dezoito de abril de 2005:

> Quantos ventos de doutrina viemos a conhecer nestes últimos decênios, quantas correntes ideológicas, quantas modalidades de pensar!… O pequeno barco do pensamento de não poucos cristãos foi frequentemente agitado por essas ondas, lançado de um extremo para o outro: do marxismo ao liberalismo ou mesmo libertinismo, do coletivismo ao individualismo radical, do ateísmo a um vago misticismo religioso, do agnosticismo ao sincretismo... Todos os dias nascem novas seitas e se realiza o que diz São Paulo sobre a falsidade dos homens, sobre a astúcia que tende a atrair para o erro (*Ef* 4:14). O ter uma fé clara, segundo o Credo da Igreja, é muitas vezes rotulado como fundamentalismo. Entrementes o relativismo ou o deixar-se levar para cá e para lá por qualquer vento de doutrina aparece como orientação única à altura dos tempos atuais. Constitui-se assim uma ditadura do relativismo, que nada reconhece de definitivo e deixa como último critério o próprio eu e suas veleidades.

36 Disponível em < http://formacao.cancaonova.com/diversos/o-relativismo-no-ambiente-da-fe/>. Acesso em 24 abril 2013.

Também não posso me esquecer de Giordano Bruno[37], em seu escrito *A ceia de cinzas*, onde afirma: "Não é fora de nós que devemos procurar a divindade, pois que ela está do nosso lado, ou melhor, em nosso foro interior, mais intimamente em nós do que estamos em nós mesmos." Mesmo crendo que o Absoluto, em sua divindade, esteja intimamente em mim, devo continuar perquerindo: Quem sou eu? E me respondo: Eu sou eu, mas um eu que foi construído também pelo que disseram que eu sou. Me disseram que sou humano, que sou homem e que vou morrer um dia. Também me disseram que a Terra é redonda e se mantém solta no espaço pela lei da gravitação universal. Disseram a mim também que, no plano biológico, existem muitos seres invisíveis que pejudicam e outros que beneficiam a saúde dos humanos e até dos animais. E que há seres invisíveis, no plano espiritual, uns que auxiliam, protegem e amparam, e outros que perseguem. Também me disseram sobre princípios éticos e morais. Houve, no entanto, coisas que me disseram que seriam verdadeiras e que descobri por mim mesmo que não passavam de ledo engano. Houve coisas que tive de aprender a pulso, a ferro e fogo, para depois vê-las descartadas até mesmo por quem me obrigou a aprendê-las. Isso, porém, não foi suficiente pra me fazer adepto do Relativismo, e continuo crendo que o plenamente Absoluto reside no Senhor que fez o Céu e a Terra. Nas palavras de *João* 1:1-14, minha aceitação disso:

1. No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.
2. Ele estava no princípio com Deus.
3. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez.
4. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens.
5. E a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam.
6. Houve um homem enviado de Deus, cujo nome era João.
7. Este veio para testemunho, para que testificasse da luz, para que todos cressem por ele.
8. Não era ele a luz, mas para que testificasse da luz.
9. Ali estava a luz verdadeira, que ilumina a todo o homem que vem ao mundo.
10. Estava no mundo, e o mundo foi feito por ele, e o mundo não o conheceu.

37 BRUNO, Giordano. *A ceia de cinzas*. Caxias do Sul: EDUCS, 2012.

11. Veio para o que era seu, e os seus não o receberam.
12. Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que creem no seu nome;
13. Os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus.
14. E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade.

Isso posto, voltemos ao modo como o grupo de Doutor Leo me vê. De início, eles me veem na condição de patrício seus, portanto seria muito natural eu poder, saber e querer focalizar um aspecto de Orixalá. Fica valendo, então, o dito secular: "Em Roma, com os romanos." Ou conforme se diz nos terreiros: "Em terra de sapo, de cócoras com ele." Mesmo, vale retomar o conteúdo de minha conversa com Doutor Leo, na noite da *Festa do Pilão*: "Eu sou primo em segundo grau de Mãe Dara Mujina. Meus pais já são falecidos e eu sou filho único. Minha mãe era tia de Mãe Dara Mujina, e essa coisa de pertencer a terreiro faz parte da maioria de meus parentes maternos." Daí, abordar conteúdos da religiosidade de matriz africana me é muito natural. No meu entender, em nada fere, nem melindra a fé católica. Pode, sim, porém, causar *frisson* naqueles que se julgam mais senhores absolutos do poder, do saber e do conhecimento do que o próprio Absoluto.

Do compromisso assumido com o grupo de participantes deste livro, devo dizer que os comentários aqui alinhavados passam, necessariamente, pelo meu olhar de católico, pelo meu lugar de sacerdote, pela pessoa que sou não participante das comunidades de terreiro, nem preocupado com as interpretações astrológicas. Assim, comecemos por um aspecto de Orixalá, conforme se configura no fragmento do mito narrado por Mãe Dara Mujina e sorteado para mim: "Orixalá não se fez de rogado. [...] E lá se foi ajudar o homem." O que se evidencia aqui é a oferta gratuita de si mesmo. Fácil oferecer dádivas concretas; difícil oferecer a si mesmo. Daí, o apreço e o apego a Orixalá dos devotos do Candomblé. Por causa disso, ele chega até a ser uma unanimidade no emaranhado de origens, *nações* e tradições, entre os terreiros: ele se oferece.

É necessário lembrar que a oferta de si mesmo normalmente atrai os efeitos das forças contrárias à oferenda. Na história da

humanidade, profetas foram apedrejados, salvadores sacrificados, avatares imolados. Esse tem sido o preço de quem faz oferenda de si mesmo. O preço de se meter o braço numa engrenagem em pleno funcionamento é ter o braço decepado por ela.

A falsidade de Exu no diálogo com Orixalá é a fala do mundo que atrai o homem com a falsa justificativa da busca do alívio, do socorro, ou da misericórdia, ou o próprio despertar do sentimento de misericórdia: "Mas eu queria mesmo é que o senhor me ajudasse a descer esse fardo dos meus ombros, porque já estou muito cansado." É o pedido de alívio para o peso que se carrega nos ombros. Maior peso sobre os ombros dos humanos não conheço do que sua própria humanidade. E o enviado de Deus para retirar-lhes tal fardo recebeu sobre si as consequências acumuladas desde as origens. Mas o Divino, pela sua própria divindade, pode banhar-se, lavar suas próprias vestes manchadas e ressurgir. No caso de Orixalá, ele assim o faz por três vezes consecutivas. Isso diz que os humanos atribuem a suprema capacidade da paciência infinita a quem vem da parte do Divino para guiá-los. Então, a comunidade do candomblé não está tão distante assim do que pensam os cristãos a respeito de Cristo. Por isso se diz, no candomblé, que Senhor do Bonfim é Orixalá, o *Orixá* da paz e do amor. Conforme Paulo (1 *Cor* 13: 7), O amor "Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta." O avatar é a encarnação do Amor e, por isso mesmo, traz em si e consigo o destino de *salvar*, seja ele intitulado Jesus ou Orixalá, porque é considerado Cristo de Deus. Dizer, porém, que esta encarnação do Amor é verdadeira e que aquela outra é falsa não passa de confusão dos humanos no embate dos contrários, em suas picuinhas ideológicas, visando ao poder e à posse da Única Verdade.

Nas narrativas africanas da criação do mundo e dos humanos, a criatura não agiu às escondidas do Criador para comer do fruto proibido. Aliás, a tal árvore nem sequer é citada. Daí, os humanos nunca se sentiram perdidos, nem muito menos apartados do Criador. Mas os participantes do Candomblé se sentirão perdidos a qualquer tempo, se romperem suas ligações com o Divino. Ora, se a perdição vem do entendimento de que aconteceu uma ruptura, por sua vez o ritual restabelece a ligação. Então, na prática, quem crê no binômio ruptura-salvação, mesmo entre religiões diferentes, o entendimento de *salvação* é o mesmo, embora a metodologia seja diferente, e nisso reside a diversidade do entendimento. Tomando-se um fruto carnoso

como metáfora, a unidade é o caroço, a polpa é a diversidade. O mal do Relativismo é tomar uma coisa pela outra. O mal do Fundamentalismo é crer que a Criação é perdulária e criou a polpa para ser desperdiçada. Para o povo do Candomblé, o Divino é o caroço de um fruto cuja polpa é constituída por todos os humanos. E quando, em seus próprios corpos, das profundezas de seu ser, o Divino emerge, diz-se que a pessoa incorporou, isto é, o *Orixá* se manifestou.

Corre, no meio da população mais interiorana de certos lugares de nossa terra, uma reza para retirar mau-olhado, que diz:

> Fulano,
> Deus te fez,
> Deus te gerou,
> a semelhança de Cristo
> em ti se encarnou.

Há de se perguntar o que é essa semelhança de Cristo. Possivelmente, muitos se lembrarão da estrutura do corpo humano: cabeça, tronco e membros. Ao nos referirmos a Cristo, no entanto, estamos no terreno do Divino. Certamente, para muito além da referência a partes do corpo carnal. Cristão algum se julga *filho* de Deus pela carne, e sim pelo espírito. Pois é pelo espírito que o povo do candomblé também crê em tal semelhança. Então, as relações se estabelecem no reconhecimento de tal semelhança em si e no outro. Ela se concretiza em traços que são lidos de maneira diferente pelas mais diferentes culturas, através dos tempos. O mesmo Cristo que se transfigurou diante de três testemunhas (*Mateus* 17:1-9), também suou sangue numa crise de angústia (*Lucas* 22:24). O Cristo que reafirma seu poder (*João* 2:19-21) é o mesmo que clama ao Pai, sentindo-se completamente desamparado (*Mateus* 27:46). Como se vê, até no Unigênito do Altíssimo, a diversidade se fez presente.

Não me causa assombro, nem me ofende, de forma alguma, quando o povo do terreiro de Mãe Dara Mujina me vê como cabeça de Ogum. Para eles, eu sou um guerreiro, que vive de espada em riste, num eterno campo de batalha. É verdade: eu me considero assim. Minha paróquia é a minha Irê, a cidade de Ogum. Certa vez, fiz uma viagem e voltei antes do dia aprazado. E tal qual Ogum no seu retorno a Irê, não entendi uma solenidade que estava sendo planejada para o dia seguinte. Quase provoco um cisma, por causa da explosão que fiz. Os portadores da espada correm o risco

de primeiro decepar as cabeças, para depois procurar saber o que aconteceu. Esse é Ogum; esse sou eu. Esse mesmo ímpeto, porém, o faz a*siwaju*, isto é, aquele que abre os caminhos. Algumas vezes, eu também tenho me feito um a*siwaju*. No meu grupo, eu abri os caminhos para se enxergar os pontos de conexão entre as crenças do candomblé e a tradição cristã.

Segundo Mãe Dara Mujina, a leitura de uma pessoa apenas pelo *Orixá* ainda deixa alguns pontos às escuras. É preciso, também, saber do *Odu*. Ela afirma que eu sou portador do *Ofun*, o décimo *Odu de Ifá*. Ele é a Luz branca como a fonte de toda a manifestação material. E por causa disso, tal manifestação é percebida por mim, como um milagre, ou como a resposta às orações. E que eu continue rezando, pois *Ofu* me garante resposta para orações. Desde o dia em que ela me disse isso, redobrei o tempo em que passo em oração. Um dos avisos de Mãe Dara me levou a atentar para o "vigiai e orai" com uma compreensão mais alargada. Trata-se da desarmonia, do desequilíbrio espiritual e do fascínio pelo erótico, que cairão sobre mim, caso eu negligencie a *Luz de Ofu*, mergulhando em minha *Sombra*, em minha própria escuridão.

Quem considera o céu do nosso nascimento como uma mandala também sabe ler outros traços da semelhança divina encarnada em nós. E porque eu nasci em 30 de novembro de 1977, às 19h 20min, sou considerado sagitariano. Nisso, segundo Doutor Leo, contribuo também para que o seu (aliás, nosso) livro tenha um tom sagitariano, sob a égide do Fogo, portanto. Então, segundo Neusa Navarro – que é metida a saber fazer leituras de nossas imagens a partir da análise de nossas mandalas astrológicas –, eu sou do Fogo, mutável e ativo. Também sou honesto, filosófico, amante da liberdade, tolerante, generoso, otimista, justo, estudioso, entusiástico. E ainda: que sou inclinado a discussões, exagerado, tagarela, procrastinador, autoindulgente, brusco, impaciente, jogador, intrometido, irascível, pois isso tudo está inscrito na *Sombra* de Sagitário. Amizade sincera é isso: poder dizer livremente ao outro o que sabe, o que pensa e o que sente, mesmo que esse outro seja um sacerdote, aquele que detém o poder de ouvir as pessoas em confissão, impor-lhe uma penitência e garantir o perdão dos pecados...

Diz Neusa que eu tenho Sol na Casa VI, em Sagitário. Por isso mesmo – diz ela –, meu modo de trabalhar é direto como uma flecha. E que, a despeito das circunstâncias, minha palavra é uma

só. Toda pessoa que se mete nessas lides de ler o que em nós está encarnado, também se mete a dar conselhos. E ela sempre me diz: "*Padrinho* – creio que é para não dizer *padreco* –, em você, a justiça deve ser temperada pela prudência." Certa vez, conversando com ela sobre Justiça, ela me disse: "*Padrinho*, você tem Júpiter no Ascendente. E na Casa em que o nosso Júpiter se encontra, se conseguirmos superar traços negativos como orgulho, extremismos, comportamentos incontrolados ou arrogância e os substituirmos pelas virtudes pitagóricas da temperança, prudência, humildade e justiça, estaremos no caminho da nossa meta. Já temos as bênçãos de Deus para ajudar-nos através da presença de Júpiter naquela Casa. Minha resposta foi apenas: *Idólatra*! Confesso que rimos bastante...



DÉCIMO PRIMEIRO CAMINHO: (*Ọ̀wọ̀nrín*) Ouorin

Todo mundo já sabe: o homem era Exu outra vez. Ele se diverte com quem se engana. E soltando gargalhadas, Exu sumiu no caminho.
Lá se foi Orixalá cuidar de si, como sempre, sem se lamentar. Lavou as roupas e tomou banho. Quando já estava se vestindo, Orixalá viu um cavalo branco muito bonito pastando, arrastando a rédea pelo chão. Aí, Orixalá reconheceu que era o cavalo de Xangô. Esse cavalo tinha sido um presente que ele mesmo deu ao filho, já fazia tempos.

O viver ecológico no terreiro

Maura Oliveira

A coisa que eu mais quis na vida foi saber quem é meu pai. A luta para eu alcançar isso me fez também aprender a dizer o que quero, explicar direitinho sem fazer rodeios. As pessoas ficam admiradas como é que eu, nascida e criada na roça, aprendi a ler, escrever e, sobretudo, me apaixonar pela Ecologia. Quando eu tento explicar isso a mim mesma, três momentos me vêm à memória, todos eles profundamente marcados pela presença da mãe. Aliás, eu tive duas mães; tive, não: tenho. Juliana, que me gerou e me criou até os nove anos, e Feliciana, que me deu amor de mãe.

Vocês devem estar perguntando o que essa lenga-lenga tem a ver com Ecologia e Terreiro. Tem, sim; tem tudo a ver. É na história de vida das pessoas que o saber das coisas acontece. Uns mergulham nos livros; outros aprendem a fazer com as mãos; mais outros fazem experiências e ainda tem os que fazem do saber a sua própria vida.

Vamos com calma. Nasci no meio rural, filha de um pai que se foi embora para São Paulo, quando a vassoura de bruxa atacou os

primeiros cacaueiros. Mãe me contou essa história repetidas vezes. Ela estava grávida de mim, no terceiro mês. Ele nunca mais voltou, nem deu notícias. Aí, mãe ficou por ali mesmo, um dava uma coisa, outro dava outra, ela sempre trabalhando na roça dos outros. Roça, não; fazenda de cacau. Se recusou, para sempre, a pronunciar o nome do meu pai, como uma forma de vingança. Eu fui crescendo e, de vez quando, perguntava: "Mãe, quem é meu pai?" E ela me respondia: "Aquele infeliz não é digno de ser chamado pai." Quando eu estava com nove anos, a fazenda de Seu Luís, onde ela estava, foi à falência, a vassoura de bruxa comeu tudo. Então que fez ela? Me deu para uma prima criar. Essa é minha outra mãe, Feliciana, a quem eu chamo de mamãe, casada com Seu Tomaz. Esse casal que me criou ainda vive na roça até hoje, porque eles nunca labutaram com cacau. Sempre viveram de mandioca, melancia, abóbora, essas coisas assim. Sempre criaram muitos bichos. E a partir de quando eu fui viver com eles, nunca mais eu soube o que era passar fome. O oposto do tempo vivido nas fazendas de cacau, onde a fartura era apenas para os donos. O povo do cacau nunca soube o verdadeiro sentido da palavra *ecologia*. E o ser mais maltratado por eles eram os próprios humanos. Faziam de conta que a pobreza era natural de quem não nascesse com herança do cacau. Quando o *castigo* chegou, muitos pobres foram embora para São Paulo. Outros ficaram por aí zanzando. Interessante é que eu cheguei a ver filho de fazendeiro vendendo picolé na praça. Vi fazendeiro, depois que perdeu tudo, vivendo de pensão do INSS.

Mamãe Feliciana e Seu Tomaz nunca acreditaram na riqueza do cacau. Sempre me ensinaram: "Pra que tanta grandeza, se quando a gente morre fica tudo aí?" Outra coisa que aprendi com eles é que Deus sempre proverá. Além disso, temos a Mãe Terra. Se ela for bem cuidada, bem zelada, respeitada, nunca vai faltar o pão para os seus filhos. Até hoje, eles ainda vivem na roça, onde eu costumo passar dias. Eles também costumam vir à cidade, onde ficam na minha casa. A gente se quer muito bem, mas eu nunca chamei meu pai adotivo de pai. Para mim, ele sempre foi e continua sendo Seu Tomaz. Creio que seja porque é assim que Mamãe Feliciana o trata. Isso nunca se constituiu um problema para Seu Tomaz. Ele sempre achou tal fato engraçado. Eles têm mais um casal de filhos, também agricultores, que vivem na roça. E todos nós nos consideramos irmãos.

Mas cabeça de gente é um caso sério e coração de gente é terra

onde ninguém passeia. Vai daí que não saber o nome do meu pai biológico virou uma pedra de rumo dentro de mim. E como foi difícil carregar esse peso pela vida a fora. É aí onde entram duas pessoas importantíssimas na minha vida: a professora Lurdes e Mãe Dara Mujina. Primeiro, eu fui dar uns tempos de serviço na casa da professora: zelar do escritório, limpar e arrumar os livros, deixar tudo em ordem. Gente fina, de um coração maravilhoso. Um dia, ela me mandou arrumar uns papéis. Num deles, estava escrito: *História de vida*. Aí, eu quis saber o que era aquilo e perguntei a ela. Resultado: ela me deu seguidas e verdadeiras aulas sobre o assunto. Aprendi que história de vida é relato da vida de uma pessoa que retrata não só aquela pessoa, mas toda uma situação que se vivia no tempo dela. Ela me explicou que o que eu contava a ela dos meus tempos passados na roça era um verdadeiro curso de história da região. Dizia que eu dava exemplos concretos da concentração de renda, do individualismo que marcavam a nossa sociedade, desde que essa terra nossa abrigou gente. Que eu explicava, através dos casos que eu contava, como a mata foi destruída, os bichos dizimados. Eu contava, ela interpretava e me devolvia em forma de conhecimento. Aí é que eu fui entender porque Seu Tomaz e Mamãe Feliciana nunca foram atingidos pela pobreza, nem pelo desamparo. A riqueza deles sempre esteve em viver em harmonia com a Natureza. Tirando da terra o seu sustento, mas respeitando a terra como a uma verdadeira mãe. No fundo da nossa casa, os bichos vinham comer pertinho da gente. Não se matava cobra, porque elas mantinham os ratos distantes. Não se matava os sapos, porque eles comiam os insetos perseguidores. E os minadouros de água? Ah, eram considerados bênçãos divinas. Enquanto eu vivi com Mãe Juliana, não se tinha tempo para nada. Era sair de manhãzinha para a roça de cacau, só voltar ao escurecer. E os donos da fazenda, no bem bom, desfrutando a riqueza na cidade. Ah, gente tirana, meu Deus. Depois, deu no que deu... Com Mamãe Feliciana e seu Tomaz, eu aprendi que gente faz parte da criação divina e, por isso mesmo, gente, planta, bicho, rio, mar, montanha, pedras, tudo isso faz parte de uma coisa só. Acabando com um, os outros ficam desequilibrados.

Os caminhos que me levaram até Mãe Dara Mujina deram muitas voltas. Primeiro, me tornei amiga de Creusa a partir do momento que necessitei recorrer à assistência social para conhecidos do meio rural. Depois, fiz amizade com Ariadne, por causa de

tensões sociais no campo, por questões fundiárias, limites da propriedade da roça de Seu Tomaz. Através delas duas, cheguei até o grupo de Doutor Leo. Quando ele me conheceu, ficou abismado como é que eu, que tinha apenas o Curso Técnico de Agricultura, gostava tanto de artesanato. Eu negocio com artesanato em argila de minha própria lavra. Tenho uma espécie de atelier no fundo de minha casa, onde trabalho sempre, e costumo presentear as pessoas com peças de minha produção.

O escritório de Doutor Leo é decorado com uma coleção de estatuetas da Justiça que eu lhe dei de presente, de uma a uma. A Justiça é branca, negra, indígena. Aparece nas mais diversas situações cotidianas: lavrando o chão, deitada, dormindo, cozinhando, até lavando roupa. Mas as que Doutor Leo mais gosta são: uma em que a Justiça está levantando a venda de cima do olho direito com a ponta da espada, e espiando o mundo com um olho só; e uma outra em que ela está com a espada defendendo uma criança contra o ataque de um monstro. Mas a que todo mundo mais gosta é uma em que a balança da Justiça está desequilibrada: o prato da esquerda tem um coração e está tocando o chão; o outro está repleto de moedas e está lá em cima, no ponto oposto.

Um dia, eu estava no apartamento de Doutor Leo, quando Mãe Dara Mujina chegou. Fiquei impressionada com a alegria que todos da casa demonstraram com a chegada da ialorixá. O próprio Doutor Leo me apresentou e me cobriu de elogios, mostrando à Mãe Dara a coleção de estatuetas de minha lavra. Além de me apresentar como uma artista (acho que ele confundiu artesanato com arte), ainda falou de mim como ecologista. Surpresa maior: Mãe Dara disse que precisava de mim e me convidou para ir ao terreiro.

Aqui, eu preciso dar um salto, senão a história vai ficar comprida demais. Quando cheguei ao terreiro pela primeira vez, tive a impressão de estar em outro país. Tanta árvore frondosa, tanta erva de remédio, tanta planta colorida, tanta flor dos mais diversos tipos. A toda hora, os bichos corriam pra lá e pra cá, os passarinhos pulavam de galho em galho. Mãe Dara Mujina, vendo minha experiência, passou a recorrer a mim para trocar ideias sobre plantio, no terreiro. Por sua vez, isso me fez compreender a visão daquela comunidade sobre meio ambiente. Antes, muito tempo antes de se falar em ecologia, já os terreiros sabiam das coisas.

Cada vez eu ficava mais impressionada com o conhecimento de Mãe Dara Mujina sobre ervas e o seu uso; sobre equilíbrio ecológico; sobre o papel dos humanos na natureza. Eu percebia que ela aumentava sua confiança em mim. E aí ela passou também a me falar das coisas de *Orixá*, principalmente Ossáin, o *Orixá* das folhas, da cura, da medicina. Aí, dois momentos vividos com ela ficaram gravados em mim, para sempre. O primeiro aconteceu numa tarde muito agradável, céu limpo, sem uma nuvem, mas era outono, e por isso a temperatura era acolhedora. Nós duas estávamos ajeitando um plantio de roseiras no oitão da casa de Oxum. Aí, paramos um pouqinho para tomar um fôlego. Mãe Dara e eu sentamos num pequeno barranco em forma de cais meio baixo, defronte a um obizeiro. De repente, vimos uma fileira de animais, vindo em nossa direção. À frente, vinha Ajani, a cadela de estimação. Atrás dela, vinha Dora, a gata dengosa. Em seguida, Dodô, um velho galo, que tinha quase dez anos de idade, acompanhado por duas galinhas. Os bichos de Mãe Dara tinham nomes e atendiam, quando eram chamados. Ajani deitou-se aos pés da ialorixá, Dora pulou para o seu colo e Dodô ficou bem perto, acompanhado de suas esposas. Mãe Dara tirou o cachimbo do bolso da saia, ajeitou o fumo picado, e acendeu com fósforo. Só se ouvia o farfalhar das folhas movidas por um vento brando. De repente, um bando de pássaros pousou no obizeiro e começou a cantar. Mãe Dara, eu, Ajani, Dora, Dodô e suas esposas, todos nós, dirigimos nossos olhares para a copa do obizeiro. Os passarinhos continuavam trinando, e nós continuamos arrebatados. Não sei dizer quanto tempo isso durou. Só sei dizer que isso ficou em mim para sempre, fazendo daquele momento uma eternidade. De repente, os passarinhos levantaram voo. Aí, Ajani se levantou e retomou o caminho de volta por onde ela tinha vindo. Dora pulou do colo de Mãe Dara e foi atrás de Ajani. Dodô seguiu atrás, acompanhado de suas esposas. Todos sumiram atrás da casa. Mãe Dara olhou fundo nos meus olhos e disse:

> Tá vendo, Maura? É isso que é ecologia. Disso, os livros não falam. É privilégio de poucos. Contando, ninguém acredita. Esse povo anda por aí, nessa *luvusão* de meio ambiente, mas nunca vai ver uma coisa dessa. Sabe por quê? Porque, para se ver isso, é preciso viver muita coisa antes. Compreender e aceitar a criação divina. Minha iaiá, se a humanidade compreendesse que tudo faz parte do mundo de Deus, gente, bicho, plan-

> ta, mineral, água, nuvem, mar, rio, cachoeira, lagoa, pedreira, praia, e que tudo isso é presente de Deus, o mundo seria outro. Sabe, iaiá, essa coisa que dizem que Nosso Senhor, no início fez um jardim, esse jardim é o planeta Terra. Mas a humanidade, iaiá, nunca reconheceu esse jardim como um bem dado por Deus. E aí, vamos matar os bichos, acabar com as matas, sujar rios, lagoas, praias e até o próprio mar. Esse mundaréu de lixo jogado de qualquer jeito em todos os lugares; essa ganância por ganhar cada vez mais, transformando tudo em concreto armado e asfalto; essa agonia pelo lucro que faz todo mundo andar correndo pra lá e pra cá, tudo isso, minha filha, é a escuridão dos humanos, que não podem, nem querem compreender a *Luz*.

Nesse momento, minha memória trouxe de volta Mãe Juliana me ensinando: "Não se deve urinar dentro do riacho, minha filha." Mamãe Feliciana dizendo: "O mal que a gente fizer à Natureza será devolvido em transtorno pelo que está lá em cima e pelo que está cá embaixo." Aí eu entendi porque as pessoas me consideram uma ambientalista. Justamente por esse saber do qual jamais ouvi falar no meu Curso Técnico em Agricultura.

A outra ocasião que também me marcou, conforme eu disse acima, foi uma consulta. Eu já estava habituada a muitas das coisas que o pessoal do terreiro sente, pensa, diz, fala, faz e vive. Já conhecia o território do terreiro, seus lugares de criatório de animais, de plantação, de cercados de ervas medicinais, de suas árvores, muitas delas imensas, do tipo mangueira, jaqueira, jequitibá, jacarandá, gameleira, mulungu, cajazeira e até mesmo um imenso baobá, onde estavam plantados os axés de Olorokê, o patrono do terreiro. É uma fartura de pitangueira, jabuticaba, acerola, bananeira, abacateiro, laranjeira, e por aí vai. O terreiro é imenso e tem até árvores vindas da África, como, por exemplo, baobá, obi, orobô e *akokô*.

Aí, um dia, Mãe Dara me perguntou se eu sabia qual era o *Orixá* de minha cabeça. Eu expliquei que não, pois eu não tinha, até aquela data, convivência com essas coisas. Mãe Dara, então, disse que eu procurasse saber, para ficar melhor conhecendo a mim mesma. Foi aí que eu pedi a ela para jogar os búzios para mim e ela me atendeu.

A conversa foi comprida e demorada, mas eu vou contar tudo, timtim por timtim. Isso vai ser importante para explicar o fundamento do viver ecológico no terreiro. Foi assim: entramos num

quarto que só é usado para essa finalidade. Mãe Dara trancou a porta e mandou que eu me sentasse numa cadeira que fica em frente a uma mesa, atrás da qual tinha outra cadeira, onde ela se sentou. A mesa estava forrada com uma toalha branca, engomada, muito alva. Em cima da mesa, uma espécie de bandeja de madeira, com cerca de cinquenta centímetros de diâmetro. Tinha uma borda de mais ou menos uns três dedos de largura, na qual estavam esculpidos alguns símbolos que eu desconhecia. Dentro da bandeja, umas conchas espalhadas. Depois, fiquei sabendo que se trata de uma espécie de búzio importado de África, que se chama *kawri*. O lado abaulado do búzio é serrado, de forma que ele fica apresentando uma face aberta e a outra fechada. É justamente a combinação das faces de um *kawri* em relação aos outros que forma a mensagem que é lida pela ialorixá. Não é um jogo de adivinhação; é uma leitura. Mas todo mundo sabe que em tudo que é lugar existem mentira e fingimento. E tem gente por aí, que se julga adivinhão. E tome-lhe mentira em cima dos ingênuos. Se esses embusteiros soubessem de alguma coisa, adivinhariam os números da loteria. Na casa de Mãe Dara Mujina, tudo é levado muito a sério. E é graças a pessoas iguais a ela, que a religião do Candomblé continua resistindo até hoje. Mas vamos à consulta. Eu sou assim mesmo: gosto de tudo muito bem explicado, para não julgarem que é invenção minha. Professora Lurdes me ensinou que história de vida é um testemunho. E como diz Zezé Calvo,[38] "tudo é detalhe nas nossas vidas".

Mãe Dara se concentrou e ficou balbuciando algumas coisas que eu não entendia. Depois pegou os búzios entre as mãos e os jogou sobre a bandeja. Repetiu isso algumas vezes. Respirou fundo e começou:

> Olhe, você, iaiá, é cabeça de Nanã Borokô. Ela é a mãe das mães: mãe duas vezes, iaiá. *Iá* quer dizer mãe; *iaiá* quer dizer mãe em dobro. Senhora da lama, mas não é a lama como povo chama a podridão. É o barro, aquele barro com que o Divino fez os humanos. Viu por que você vive do barro? Ela é também a dona da chuva, e varre as mazelas do mundo com o *ibiri*, que é o cajado ritual dela, em forma de útero. Se ela é mãe duas vezes,

38 Opinião dada a Ana Maria Braga, na TV Globo, no programa *Mais você*, em 14 de maio de 2014. Disponível em: http://gshow.globo.com/programas/mais-voce/O-programa/noticia/2014/05/brasileiro-que-e-sucesso-como-florista-em-ny-da-dicas-para-seu-buque-durar-mais.html.

é avó, a mais velha das mães. Gosta de guardar coisas. Por isso, gente de Nanã sempre tem guardada alguma coisa que se precise. Foi ela quem deu a Obatalá e a Oduduya o barro tirado do fundo de sua lagoa, para ele formar o primeiro casal de humanos, a mandado de Olorun, o Senhor do Céu, do mundo e de todas as coisas. A gente é barro, iaiá. Viemos dele e para ele vamos voltar. Quem se mete a besta, nesta vida, iaiá, é porque ignora tal verdade. Nanã nos deu o barro, nos gera, nos cria, e depois nos leva de volta para o seu seio. Então, Iaiá, veja. Que fizeram os humanos nas cidades? Acimentaram tudo, e agora, quando a chuva de Nanã desce do céu não é mais bebida pela terra. Aí, tome-lhe enchente, tome-lhe catástrofe. As pessoas, ignorando a natureza do barro, fazem suas casas nas encostas dos morros. Gente que não tem onde cair morta arma o barraco na encosta do morro, cobre de eternite, bota uma antena de televisão no telhado e tome-lhe a fazer menino dentro daquele *muquiço*. Quando o temporal vem, o barraco ameaça cair e a primeira coisa que se preocupam em salvar é a televisão. Presentemente, certos ricos passaram a imitar os pobres e passaram a construir suas mansões em áreas de risco, pelo poder de desfrutar uma vista bonita. Aí, quando o barro vira cachoeira de lama, ele não distingue o barraco da mansão. Então, iaiá, o barro que Nanã arrumou equilibrado, no princípio do mundo, em qualquer lugar da terra que os humanos desarrumem isso, o resultado sempre será desastroso. E ainda tem gente esperando que Jesus Cristo, o Príncipe da Luz, desça do céu, pra dar jeito nisso. Quando Deus entregou o mundo aos humanos, entregou todo organizadinho. Agora, quem desequilibrou que equilibre de novo. Mas você, filha de Nanã, iaiá, também precisa entender que gente desse *Orixá* é encafifada. Sabe o que é isso? Quando põe uma coisa na cabeça, não há quem tire. Essa coisa de você viver atormentada em querer saber sobre seu pai biológico é um exemplo. Ora, iaiá, o Universo providenciou outro pai para você. Como você mesma já me disse, poucas pessoas têm um pai amoroso quanto Seu Tomaz. Então, iaiá, aceite isso. Ele é o seu pai. Aquele que lhe gerou foi mais um acidente. O que lhe escolheu é porque está em harmonia com o seu destino. Não seja ingrata com Deus, com Nanã Borokô. Aceite no fundo de seu coração Seu Tomaz como seu pai verdadeiro e toque a vida pra frente, iaiá. Se você, filha de Nanã, traz consigo tendência de guardar

coisas – tanto materiais, como do sentimento – aprenda a descartar o que é apenas pacote que serve de tropeço e, por isso mesmo, deve ser descartado. Guardar apenas o que é bom, as lições da vida... Tem mais uma coisa: seu *Odu* é *Ouorin*, a força desorganizada do universo. Ele tanto deixa livre, como prende a maneira da pessoa perceber a si própria. Por causa disso, ele dá habilidade para a pessoa labutar com mudanças e ver as coisas de um modo novo. Veja: quanta mudança ocorreu em sua vida, até agora? E a cada mudança, que fez você? Juntou o saber de uma fase que estava se acabando e trouxe para outra que estava começando. Isso, iaiá, é *Ouorin*. Quando você saiu da companhia de sua mãe biológica, levou consigo a compreensão de como labutar numa fazenda. Quando você saiu da companhia da mãe que lhe criou, levou consigo a compreensão de que não adianta cultivar a mãe terra com um único produto, porque não é assim que a mãe Natureza se comporta. Essa coisa que estão fazendo, de transformar léguas e léguas de terra em plantio de soja... Quem viver verá o resultado. É apenas uma questão de tempo. Tem mais uma coisa: é preciso saber labutar com o seu lado *Sombra*: rompimento inesperado, que destrói uma fundação fraca. Por isso, iaiá, tudo que você fizer, faça primeiro uma fundação forte. Nada de pressa, nada de agonia, para fazer a fundação. Então, para fechar nossa conversa: Nanã é a sua cabeça. *Ouorin* é o axé que vem de Orunmilá sobre você. Veja: seu tempo de criança e de adolescente foi vivido na roça, no mato. Mas isso lhe deu a atração pela Natureza e a compreensão de zelar pelo meio ambiente. Você conseguiu vencer o atraso na educação, nessas coisas de colégio, de escola. Sua capacidade e dedicação fazem com que as pessoas acreditem em você. Quem dera que muita gente formada nessas faculdades, por aí, tivesse o seu saber. Você venceu pelo esforço e pela compreensão. Mesmo, você é uma pessoa que gosta de conversar com gente sabida, esclarecida. Gosta de estar bem informada, bem relacionada. Não é a toa que o povo de Doutor Leo tem tanta admiração por você. O resto, iaiá, é viver. Aproveitar o dom da vida, que é o maior dom da Criação. Como fazer isso? Você já aprendeu: viver em harmonia consigo mesma, com os outros, com bichos, plantas, pedras e com Deus que, afinal, é tudo isso. E isso, iaiá, é verdadeiramente ecológico. Viu por que todos lhe têm na conta de ambientalista?

Naquele dia, voltei empanturrada de pensamentos. À noite, fiquei revisando o que Mãe Dara Mujina destrinchou, com as coisas que minha amiga Neusa já dissera de mim. Ela ama essas coisas de astrologia. Um dia desses, quando se estava falando de organizar o livro, ela me disse que eu, padre Germano, Dona Geralda, Renato e o próprio Doutor Leo formamos o sexteto das flechas de fogo, dentro do grupo, pois somos todos do signo de Sagitário. A esse respeito, se é que eu conheço Doutor Leo, ele deve estar preparando uma surpresa em relação a Justina, que também é sagitariana. Não sei se, de fato, ele fará alguma coisa e, se fizer, como será, uma vez que o grupo se fechou em dezesseis componentes, o número dos *Odu de Ifá*.

Como se não me bastasse o fogaréu de Sagitário, meu Ascendente é Áries: fogo, outra vez. Mas tem uma coisa: tenho Lua em Câncer, no *Fundo do Céu*, e aí, a coisa toda muda. Gente de Lua em Câncer não tem mãe; tem é uma deusa sentada no trono. E em mim, esse trono está no *Fundo do Céu*, a casa da família, das raízes, da memória ancestral. Em compensação, o fogo de Sagitário me dá uma necessidade de ser uma fazedora e por isso mesmo, não suporto ser apenas uma observadora. Sei que sou um tanto impaciente e, de vez em quando, tenho um ataque de ira. Por isso, tem gente que me acha encrenqueira.

É isso: todas as vezes que me deparo com alguém metido a sabido, que busca tirar vantagem ou se diverte com o engano dos outros, ou gente que causa prejuízo a outra pessoa e depois vai saindo, como se nada tivesse acontecido, isso me desperta uma ira de vulcão. Então, julgo uma felicidade enorme o acaso (se é que existe acaso nisso) de ser atribuído a mim o fragmento do *itan* que aborda justamente isso. E a coisa vai mais longe: tinha sido essa passagem que mais me chamou a atenção, quando Mãe Dara Mujina contou a história. As duas coisas se entrelaçaram. E aqui estou eu, às voltas com isso.

De frente, a gente se esbarra com, talvez, a mais séria diferença entre Orixalá e Exu, pois este "se diverte com quem se engana", enquanto aquele se caracteriza por oportunizar às pessoas desfazerem seus enganos. Orixalá cuida de si, independentemente das artimanhas do outro. Realiza atividades cotidianas: lava roupa, toma banho. Isso significa que não é necessária aquela postura estereotipada de pescoço torto e mãos postas, típica das imagens de santos católicos, para que se esteja em estado de equilíbrio. E foi justamente a demonstração de equilíbrio dada por Orixalá o que

mais me chamou a atenção no *itan*. Creio que isso se prende ao fato, conforme já disse anteriormente, de eu explodir, quando fico irada. Neusa diz que essa facilidade de me irar vem de eu ter duas Casas em Áries, a I e a XII.

De um modo muito particular, o *itan* me chamou a atenção para uma atitude ecológica para comigo mesma: em vez de me irar, trazer sempre comigo um pedaço de *sabão*. Com ele, me lavar e larvar as minhas *vestes* sempre que algo agressivo tente me desequilibrar. Não responder ao agressor com a mesma agressividade dele.

No *itan*, a parte indomável aparece sob a forma de cavalo. E o mais perigoso: está arrastando a rédea pelo chão. Orixalá o reconhece de pronto: ele pertence a Xangô, seu filho, presente que o próprio Orixalá tinha feito a ele. E quem conhece o resto da história sabe as terríveis consequências que o cavalo trouxe para Orixalá. É preciso muito cuidado com os *cavalos* que andam por aí, arrastando a rédea pelo chão. Ainda que o reconheçamos, poderemos nos tornar prisioneiros, se nos apossarmos deles.



DÉCIMO SEGUNDO CAMINHO: *Ìwòrí* (Iuori)

E disse para si mesmo: "Que beleza! Vou fazer duas surpresas: uma, a minha visita; a outra, entregar o cavalo que deve ter fugido do palácio." Se aproximou do cavalo com muito cuidado, até que segurou a rédea. E lá se foi Orixalá conduzindo o cavalo, para surpreender Xangô.
Nisso, a polícia apareceu e foi logo confundindo Orixalá com um ladrão de cavalos. Nem sequer perguntou qualquer coisa a ele. A polícia deu uma surra de pau em Orixalá, deixando ele todo quebrado. Depois, amarraram e levaram ele para a prisão.

A ritualização da resistência

Geralda Santiago.

Pretendo fazer um ligeiro apanhado sobre a ritualização da existência no terreiro, sob o olhar de uma socióloga. Dadas as circunstâncias de sua produção – o roteiro convencionado pelo grupo – não seria possível elaborar um texto de Sociologia, nem muito menos apresentar resultados de uma pesquisa sociológica. Doutor Leonam vive a repetir: "Mais vale uma acomodação não tão razoável assim, do que uma boa demanda." Seguindo seus passos, em tal ensinamento, tomemos a ritualização como a prática de ritualismo, que é o conjunto de ritos de uma religião, ou também, a prática seguida em um dado rito. Por sua vez, entendamos resistência como embaraço, dificuldade, oposição, recusa feita aos desígnios e vontades de outrem. É necessária tal colocação, tendo em vista o emaranhado de significações a que certas palavras se prestam, para que não se confunda categorias de um estudo com significações corriqueiras.

É preciso relembrar, ainda, que os humanos vivem em associações, grupos e instituições. Tais agrupamentos, por menores que sejam, não fogem à complexidade natural dos indivíduos que os

formam. E o comportamento dos indivíduos modifica o meio e institui processos que os interligam. Vale lembrar que o meio também modifica os indivíduos, e os processos também podem muito bem separá-los, em vez de os unir. Enquanto Marx desenvolve toda a sua teoria afirmando, em ultima instância, que o homem faz a sociedade, Durkheim vai dizer que a sociedade faz o homem.

A Sociologia, que faz parte das ciências humanas, é o estudo das relações estabelecidas em sociedade**.** Por isso, ainda que este texto se pretenda, conforme foi dito acima, um ligeiro apanhado, ele se prende ao fazer sociológico. E o que eu pretendo mesmo é tentar dar alguma explicação para a realidade social do terreiro, sob um de seus vieses. Para tanto, não pretendo descer a explicações teórico-metodológicas, uma vez que este escrito não objetiva a publicação em revista especializada alguma. Apenas tecer algumas considerações sobre o assunto. Não se pode, no entanto, de maneira alguma, ignorar as contribuições de Comte, Durkheim, Simmel, Marx e Weber, para ficar apenas com alguns.

Partindo da própria organização deste livro, os dois primeiros textos da PARTE III – A CAMINHADA remetem a questões relativas ao rito e ao ritual. E é necessário lembrar que rito e ritual estão intimamente ligados ao comportamento de pessoas em seus grupos sociais, sejam eles culturais, políticos, artísticos ou religiosos. Assim, professor Arnaldo Santiago, em seu texto *O rito e o terreiro na Pós-modernidade*, afirma: "Rito é um conjunto de atos, gestos e palavras. Isso ele é em sua essência. Tal conjunto, repetido, compõe uma cerimônia. Não se constitui um ritual qualquer cerimônia." E mais adiante: "As pessoas expressam conjuntos de atividades organizadas através do rito. Compreende gestos, símbolos, linguagem e comportamento, transmitindo um sentido coerente ao ritual. Tem muita importância o caráter comunicativo do rito." Seguindo tal compreensão, cumpre alcançar de que modo a risistência dos participantes do terreiro se fez rito.

Por sua vez, a antropóloga Celeste Madureira informa, no segundo texto daquela mesma parte, *O ritual, o terreiro e a sustentação das energias*: "O valor simbólico contido num conjunto de palavras, gestos e formalidades configuram um ritual." E sequencialmente: "O referido conjunto é prescrito e nunca é alterado, sob pena de seu oficializante sofrer duras críticas e o ato não ser aceito como um ritual." De saída, imaginamos que essa perpetuação do aludido conjunto conferiu, e ainda continua conferindo, um caráter de resistência por parte dos praticantes do candomblé. Também, é necessário ressaltar que, embo-

ra a diferença entre Sociologia e Antropologia tenha mais a ver com os problemas teóricos colocados e os métodos de pesquisa do que com os objetos de estudo, o enfoque, aqui, é pelo viés da Sociologia.

Entre muitas outras formas de resistir, no terreiro, destacam-se: a) o ensino-aprendizagem de princípios éticos e morais sob a ótica afrodescendente, através da narrativa dos mitos; b) a consulta ao jogo de búzios. No primeiro caso, a narração costuma acontecer em momentos específicos, a exemplo da necessidade de se entender um ritual; de se explicar as vicissitudes da vida; de transmitir ensinamentos aos jovens, às crianças e aos adultos também; de se compreender o universo e a vida, bem como a origem, a destinação dos humanos na terra, a necessidade de se autoconhecer. No segundo caso, a consulta aos búzios faz parte do cotidiano do terreiro. Lá, o agir, o fazer e o decidir estão sempre sob a chancela do *Orixá*. Todos esperam que o *Orixá* decida, falando no jogo de búzios. E até mesmo os seus silêncios são entendidos como falas. O jogo se presta também à leitura da personalidade. Nesse caso, o *Orixá* é tomado como arquétipo, explicando a trama de *Sombra* e *Luz*, através da qual o humano é construído e se constrói.

Essas duas práticas, não raro, se juntam, se somam e se imbricam, para se constituírem fundamentos, através dos quais o mundo, a vida, o humano, a natureza e a personalidade são explicados, bem como a identidade é assumida e a existência é ritualizada, constituindo-se em resistência.

A partir do roteiro prefixado, conforme seja do conhecimento de quem acompanha este livro desde o início, tomo aqui o caminho acima referido, na tentativa de mostrar como e por que assim acontece, e os resultados operantes para a ritualização da existência. A partir da epígrafe, constituída pelo fragmento do *itan* que me coube, vemos a configuração de um dos perenes ensinamentos do terreiro, que reza: "De onde não se espera, daí é que sai." Isso diz de uma comunidade que aprendeu estar em permanente alerta, desde os inícios de sua formação. Não levar isso a sério implicava ser denunciado, ser preso, ser sentenciado. Isso propiciou um estado permanente de beligerância: a pele branca no ataque, a pele negra ora na defesa, ora no contra-ataque; ora no *conflito*, ora na *negociação*.

No *itan*, Orixalá vacilou, conforme ainda se diz no candomblé. E é justamente isso que propicia a ação da polícia. Suas intenções de presentear o filho com duas surpresas rendem-lhe punição por algo que ele não praticou. O comportamento da polícia repete como os negros

eram (e muitas vezes ainda são) tratados. Principalmente em função de suas práticas religiosas, tidas e consideradas como primitivas e satânicas. Interessante é que a surra de pau e o aprisionamento arbitrário não foram considerados nem primitivos, muito menos satânicos. As ações policialescas se baseiam no que parece ter acontecido.

No mito de *A viagem*, a ação policialesca deixa marcas para sempre: Orixalá ficou todo quebrado. E até hoje, ao manifestar-se no terreiro, Orixalá expressa tais marcas. Elas se somam àquelas outras originárias da velhice. Há que se entender, no entanto, que tal expressão recebe as maiores atenções, cuidados e reverências, pois elas são tidas e compreendidas como expressões da resistência.

Por sua vez, mais presentemente, há um notório movimento de apropriação, por parte da sociedade mais ampla, de vários saberes das comunidades de terreiros. A grande afluência de consulentes aos pais e mães de santo; o lançar mão das histórias de origem nagô, os *itan*, para explicação das origens de certos acontecimentos; a compreensão de si mesmo através desses dois expedientes, tudo isso são vetores de uma espécie de democratização de saberes do terreiro. Evidentemente, também concorrem para isso as redes sociais na *internet*. Assim, não é de causar estranheza pessoas que nunca passaram pelos rituais de iniciação do candomblé, nem mesmo são filiadas a um terreiro, aplicarem às suas vidas explicações oriundas de uma consulta ao jogo de búzios ou das lições aprendidas em um *itan*.

Entendo aqui, de um modo muito particular, um dos objetivos de Doutor Leo, quando traçou aquele roteiro para elaboração dos textos deste livro: criar uma possibilidade de percepção do quanto certos saberes específicos dos terreiros já se espraiaram e como isso tem sido aceito, ao lado de outros conhecimentos, a exemplo da Astrologia. Embora não se possa levar a sério a avalanche de informações diárias que circulam em certas redes sociais, em jornais de seriedade discutível e em revistas inidôneas a respeito de previsões astrológicas, não há como ignorar que é um saber que caiu no gosto popular. Também muita gente séria se ocupa de tal saber.

Tudo leva a entender que, do ponto e vista do conhecimento do Candomblé, também pode se fazer previsões a curto, médio e longo prazos, embora se perceba que a grande preocupação seja voltada para mudanças interiores a longo prazo. E isso exige esforço, atenção e dedicação, muitas vezes, por períodos demorados de tempo.

Tendo em vista que o próprio roteiro para os textos propõe

certo desnudar-se, exercito aqui saberes, que se circunscrevem na ritualização da resistência, próprios dos terreiros, aplicados à minha própria pessoa. Muito mais a título de colaboração com o grupo, do que uma necessidade confessional. Exercitemos, então.

A terapeuta Neusa Santiago, filha de Doutor Leo e também participante do grupo, há algum tempo vem se esforçando para desenvolver um estudo comparativo entre Astrologia e o Jogo de Búzios. Nesse exercício, ela tem confrontado os resultados da carta natal com as leituras do jogo de búzios realizadas por Mãe Dara Mujina. Luiz Carlos tem sido um de seus orientadores em tal direção. É justamente por isso, creio eu, que Doutor Leo acrescentou tais itens ao nosso roteiro. Assim, fiquei sabendo que sou mais uma no conjunto dos sagitarianos que compõem o nosso grupo. Desse modo, eu também incorporaria tudo o que já se disse dos sagitarianos até aqui. Suponho que eu também deva contribuir para acentuar o Fogo que anima este livro. Tanto no candomblé quanto na astrologia, o Fogo é considerado assertivo, criador, intuitivo e tira qualquer um da depressão. E considerando os grandes Arquétipos criadores, dos quais o Fogo faz parte, vamos encontrar verdadeira coincidência com o saber do terreiro. Enquanto na Astrologia, Áries, Leão e Sagitário se constituem expressões do Fogo, no terreiro, Xangô, Oyá e Exu, entre outros, também assim se constituem.

De um modo muito particular, em mim, o Fogo do meu Sagitário está na Casa IV, isto é, no *Fundo do Céu*. Neusa repete sempre, para mim:

> Sagitário traz consigo a disseminação da informação e da sabedoria. Ele está na sua Casa IV. Lembre-se: o tiro não depende do arco, mas da presença de espírito, da vitalidade e da atenção com que você dispara. Nunca se esqueça de passar da perícia para a criatividade. Tenha sempre em mente que a verdade é a direção em que Sagitário arremessa sua flecha.

Aqui, os dois saberes a que faço alusão vão se imbricar. Numa dada ocasião, eu estava passando por certas dificuldades no meu casamento. As agonias de Arnaldo, meu marido, com a bendita ex-mulher dele e com o filho que ele tem com ela. Aquela lenga-lenga de todo dia estava me deixando cansada e cheguei a pensar na separação como uma solução final. Em dado momento, já me sentindo exausta no meio daquela agonia, conversei com Dina. Ela me surpreendeu com

a sugestão de consultar Mãe Dara Mujina. Considerando Dina uma pessoa séria, tal qual eu considero, terminei por agendar a consulta.

No dia aprazado, fui ao terreiro. Se a consulta tivesse sido inútil – se tivesse –, a visita ao terreiro já teria sido suficiente para espraiar minhas tensões. Enquanto eu aguardava a ialorixá terminar de atender outra pessoa, uma das *ekédi* me levou para dar um passeio por alguns recantos da propriedade. Apesar de não compreender muita coisa do que me foi mostrado, havia a expressão de uma harmonia que calou fundo dentro de mim. As árvores, as plantas cheirosas, canteiros emoldurados por pedras, muitos pássaros cantando nas árvores, os caminhos de terra entre as alamedas. De repente, vieram nos chamar e, quando saí dali, já estava me sentindo um tanto revigorada.

Entrei no quarto de consulta, onde Mãe Dara Mujina me esperava sentada. Saudei-a, tomando-lhe a bênção. Ela quis saber como eu estava e eu resumi rapidamente os motivos de minhas angústias. Sim, era isso: eu estava muito angustiada. Ela me pediu um tempo para manusear os búzios. Recitou textos em outra linguagem e jogou os búzios sobre uma espécie de bandeja de madeira. Olhou e reolhou a disposição dos búzios, alternando o olhar em direção a mim. Respirou fundo várias vezes. Até que cheguei a entender que ela estava fazendo exercício de respiração. Como sou acostumada a exercícios de ioga respiratória, concluí que ela estava exercitando o diafragma ao respirar. Também concluí que eu deveria estar *carregada*, pois não há *carrego* maior do que a angústia.

E quando ela falou, sua voz soou nos meus ouvidos como se fosse uma brisa abrindo as cortinas que me escondiam de mim mesma: "Ah, minha iaiá, são muitas coisas a compreender. Já ouviu falar em Omolu?" Respondi que sim, mas uma informação muito generalizada, pois quem vive nesta nossa terra, de um modo ou de outro, ouve falar nos *Orixás*. Seja em conversas entre amigos, em notícias de jornais e revistas, reportagens na televisão, nas redes sociais, mas nada muito específico. E ela continuou miúda e demoradamente:

> Pois saiba a senhora, iaiá, que Omolu é o senhor do seu *ori*. *Ori* é a cabeça da gente. Mas é preciso entender com base em outra compreensão. Diz o povo da ciência que a cabeça é a sede da inteligência. Também é compreendida como parte superior do corpo. Pra nós, gente de candomblé, a cabeça é muito mais do que isso. Ela é a parte que fica aqui, no *Iluaiyê*, a terra da vida. A outra parte, que é a

sua origem, pertence ao *Orun*, o mundo dos *Irumalé*, isto é, dos seres espirituais, dos seres invisíveis. A parte que fica aqui está profundamente ligada à que fica lá. A daqui representa, na matéria, a existência do ser encarnado. Assim, a senhora é cabeça de Omolu, uma das manifestações do Fogo e da Terra. Não se esqueça: no interior da Terra, mora o Fogo. Tanto assim que ele é também conhecido por *Baba Igboná*, isto é, o Pai da Quentura. Ele é um dos *Orixás* mais respeitados no candomblé. É a parte idosa de um *Orixá* que, quando mostra sua parte nova, é chamado de Obaluaiyê, considerado o dono da terra. Pra se falar em qualquer um de seus nomes, a gente toca no chão com a ponta dos dedos das mãos e, em seguida, leva os dedos até a testa, em sinal de profundo respeito.

Tem algumas particularidades desse *Orixá* que precisam ser apontadas. É considerado pai da pobreza, médico dos pobres, o médico ferido. Tem a pele chagada pela varíola, mas tem o poder de curar os feridos. Não gosta de luxo, nem de riquezas. Além dele ter duas manifestações, é também considerado *Orixá do contrário*. Isto é: ele entende a mensagem ao contrário do que é dito pelos humanos. Por isso mesmo, sua mãe Nanã é sua intérprete. Fala-se pra Omolu ao contrário e, logo em seguida, dirige-se a Nanã, começando assim: Nanã, minha mãe, peça (ou diga) a Omolu, seu filho que... E aí, se diz o pedido da forma correta. Por isso mesmo, não se lida com Omolu sem a participação de Nanã.

Se a senhora, iaiá, é cabeça de Omolu, que entende tudo ao contrário, eu vou fazer, aqui e agora, o papel de Nanã, sua mãe. Vou interpretar as coisas pra a senhora. Vamos ver os seus motivos pra esse mar de angústia que está lhe afogando. Seu casamento por um fio, sua revolta com o marido, por causa do filho dele e da ex-mulher. Pois bem. Primeiro entenda que existe ex-mulher, mas não existe ex-pai. O fato de seu marido se preocupar tanto com o filho não significa que a senhora perdeu o seu lugar de esposa no coração dele. Há lugar pra os dois, sim. Cada um no seu cantinho. Se ele é o pai do menino e quer dar o melhor de si pra o filho, não há porque estranhar isso, nem muito menos servir de impedimento. É faltar com a misericórdia.

Outra coisa: a ex-mulher dele não é ex-mãe do filho. Claro que ela vai lutar com unhas e dentes pra defender a cria e dar o que for de melhor. Mesmo, seu marido ganha bem e isso significa que o menino também tem seus direitos em cima desse ganhar bem. Seu marido também

está sofrendo muito. Ou a senhora ainda não desconfiou disso? De um lado, os ataques da ex, querendo do bom e do melhor pra o filho. E a senhora sabe: quem dá papa a menino lambe os dedos. De outro lado, o seus ataques de ciúme disfarçado. Olhe, tudo em Omolu é disfarçado debaixo daquelas palhas da costa com que ele se veste. Ninguém sabe o que acontece ali embaixo, a não ser Oyá, a única que teve a coragem de mergulhar naquele segredo. Eparrei! É isso: assuma que é ciúme. Não só do marido com a ex, mas também do bem querer dele pelo filho. E principalmente, iaiá, porque a senhora, desta vez, não veio à existência pra ser mãe. E compreenda que, se seu marido quisesse continuar com aquela outra família, não tinha se separado deles e se casado com a senhora, mesmo sabendo que a senhora não ia poder lhe dar outro filho.

Logo a senhora, um pessoa tão sabida, cair numa cilada dessa? Se deixar ser enrolada pelo ciúme? A senhora não pôde gerar um filho, mas pôde dar a ele tudo que a outra família não teve pra dar. Acorde, use a inteligência. Seja companheira de seu marido, ajude ele no enfrentamento dessa dificuldade dele. Ele está sozinho nessa luta, entre dois fogos. Quer ver uma coisa? Como tudo vai mudar de água pra vinho? Passe a tratar bem o menino e a conversar com seu marido sobre as melhores saídas contra os ataques da ex. Seu casamento vai ficar fortalecido, a convivência vai ficar leve, o menino vai se sentir amparado, quando passar dias na sua casa, seu marido vai deixar de andar emburrado e sua angústia vai desaparecer. Iaiá, pensar em separação por tão pouco? *Atotô*, meu pai!

Pronunciando essa saudação a Omolu, Mãe Dara Mujina se virou para o lado, levou os dedos das mãos ao chão e passou um suposto pó do chão na testa. Não resisti: imitei-a. E ela continuou:

Seu marido é cabeça de Xangô, gente do Fogo. A senhora, cabeça de Omolu, o Pai da Quentura. É muito fogo, iaiá. É preciso botar água nesse meio. Depois, eu vou lhe ensinar como.

Tem mais uma coisa: o seu *Odu*. *Odu* é a energia divina que vem de Orunmilá. O caminho está aí, pra a senhora trilhar nesta existência. São muitos os caminhos, mas apenas em um deles as nossas coisas estão. Conhecer nosso caminho é uma obrigação, sob pena da gente viver batendo a cabeça nos postes, procurando o que não guardou e desconhecen-

> do, quando achar. Seu *Odu* é *Iuori*. Ele indica transformação que resulta das paixões. Paixão aqui tem o sentido daquilo que domina nosso coração. *Iuori* exige coragem em quebrar o que virou pedra. Ele é o modo de se transformar espiritualmente, e esse modo é simbolizado pelo fogo. É isso, iaiá: o Fogo da paixão. Mas por outro lado, minha moça, ele também significa derrotas e conflitos produzidos por paixões. Por isso, é preciso que a senhora tenha cuidado com suas paixões. Sempre. Olhe, tem gente que se apaixona até por uma marca de perfume, por um tipo de comida, por uma rua, por um filme, por um artista, por um romance, por uma música e por aí vai. Mas o que *Iuori* traz mesmo é o impulso da transformação.
>
> Essa, iaiá, é a principal causa de suas angústias: não usar a força do seu *Odu* pra provocar a transformação. Na verdade, a senhora pode transformar tudo isso numa simples virada. Basta usar a força que vem do seu *Odu*: transformação. Mas está aí, empacada, querendo a todo custo que seu marido lhe dê uma profunda prova de amor e dedicação exclusiva, ignorando o filho e mandando a ex-mulher presa pra o exílio no estrangeiro...

Não houve jeito: passei do choro à gargalhada. Mãe Dara também me acompanhou e rimos bastante. Terminei por me desdobrar em agradecimentos por ela se fazer, ainda que por um breve momento, minha mãe Nanã e me ajudar a ler o real sentido daquilo que a vida estava me dizendo. De resto, as palavras de Mãe Dara Mujina, acima registradas, falam por si. Elas se constituem uma real demonstração de como a ritualização da existência se faz resistência.

Tempos depois, quando a minha situação já estava totalmente normalizada, tive oportunidade de retornar ao terreiro para a *Festa do Pilão*, junto com todos os componentes do grupo de Doutor Leo. Naquela noite, tive oportunidade de concluir duas coisas. Uma, de me certificar da felicidade de participar de tal grupo, que tem na figura de Doutor Leo uma espécie de cimento que nos une a todos. Sem ele, jamais tal grupo se formaria, no que pese o grau de amizade que mantemos uns para com os outros. A realização deste livro é uma prova cabal do quanto uma pessoa agregadora pode realizar. A outra coisa é em relação ao ritual do *Pilão*. O mito narrado por Mãe Dara Mujina me fez pensar em mim e no coletivo. Terminei por concluir que ainda preciso trabalhar muito a agonia do Fogo, que me domina em momentos que exigem decisão imediata. No mito, a paciência de Orixalá é simplesmente digna de nota. E tão digna que varou os tempos, atravessou o Atlântico e se fez lição de resistência para o povo de santo nas Américas, através da ritualização do viver e do fazer nos terreiros.



DÉCIMO TERCEIRO CAMINHO:
Ọ̀túrúpọ̀n (Oturopon)

O tempo foi passando e durante sete anos Orixalá continuou um prisioneiro esquecido. Seu corpo agora estava meio deformado por causa dos ossos quebrados. Foram sete anos de silêncio.
Vai daí que o reino de Oyó começou a passar por coisas horríveis. A seca destruiu toda a plantação. As mulheres não pariam mais. O povo morria de sede.

O tratamento e a cura e no terreiro

Entrevista com Renato da Costa

Renato Montalvão da Costa, 28 anos, auxiliar de enfermagem e massoterapeuta, é membro integrante do *Ilê Axé Turi Efan Olorokê* do qual participa ativamente. Também tem fortes ligações com o grupo que participa do livro *A viagem de Orixalá*. Conforme ficou combinado após o encerramento da *Festa do Pilão*, Renato também participaria de tal empreendimento. A decisão foi tomada pelo fato de ele ter sido curado de um mal duradouro, no terreiro de Mãe Dara Mujina. Acontece que a competência de Renato no seu serviço de auxiliar de enfermagem e de massoterapeuta tem sido também verdadeira alavanca na construção do respeito à sua crença na religião do candomblé por parte de pessoas fora de tal circuito. A princípio, movido pela modéstia, Renato rejeitou a ideia de participar desta organização. E para vencer sua resistência, lançou-se mão do expediente da entrevista, cuja elaboração visa a obedecer ao roteiro previamente estabelecido para os demais participantes. Embora o fio condutor da entrevista tenha sido amplamente discutido pelo grupo, a sua aplicação esteve a cargo do organizador.

Na transcrição da entrevista, não se levou em consideração os lapsos de silêncio, os ruídos do ambiente, as interrupções bruscas e desvios gramaticais mais contundentes, próprios de situações de fala distensa. Buscou-se, no entanto, preservar as marcas da oralidade o máximo possível. Uma vez que Renato também tem livre trânsito em grupos de língua culta, sua linguagem denuncia, aqui e ali, o uso de tal modalidade. Para o registro de tais aspectos, muito contribuiu a experiência de Nivaldo Madureira.

Coube a você apreciar o décimo terceiro fragmento do *itan* narrado por Mãe Dara Mujina, *A viagem de Orixalá*. O que você mais destaca em Orixalá, com base naquela passagem?

Vamos começar pelo *prisioneiro esquecido*. É um sinal da injustiça em dobro. Além de ser preso injustamente, Orixalá foi esquecido. Até hoje as coisas ainda não são muito diferentes. O preso que não tiver recursos para contratar um bom advogado, mesmo que esteja na cadeia injustamente, corre o risco de se acabar por lá. E o mais interessante é que as pessoas não se dão conta disso para fazer valer a justiça. Parece até que ser injusto é uma coisa própria dos seres humanos. No *itan* que está sendo apreciado, é Orixalá que vem ensinar a resistência pelo silêncio e a paciência com as fraquezas humanas, até que o Universo dê uma resposta.

Não se trata apenas de uma situação fora da realidade da vida. Se a gente prestar bem atenção, vamos ver que a gravidade do acontecimento é muito maior, pois até o corpo físico foi atingido. Depois do dom da vida, o corpo é o maior bem das pessoas. Com ele, a gente nasce, cresce e morre. Justamente esse bem maior também foi atingido. E isso significa que o atingido vai ter de carregar as mazelas para o resto da vida, no seu próprio corpo.

E o que faz Orixalá? Responde com o silêncio. A gente está acostumada a ver o silêncio, ora como covardia, ora como ignorância e até mesmo como incapacidade. Em Orixalá é outra coisa. É a certeza de que tudo vai ser esclarecido um dia. O povo do terreiro diz, constantemente: "O tempo só é ruim pra que não sabe esperar." É preciso muita fortaleza para agir assim. E até hoje, no terreiro, tudo que se faz para Orixalá é devagar e em silêncio. Nas suas obrigações, no seu *ossé*, ou na sua presença, tudo é feito em silêncio, para que se possa escutar a voz da Natureza. Isso quer dizer que,

para a gente ouvir o outro, é preciso dar tempo em silêncio, para que o outro tenha oportunidade de falar. Se a gente, os seres humanos, não parar também para ouvir a *fala* da Natureza, do Universo, do Divino, a gente perde as qualidades de gente. Vira uns monstros. É por isso que, no mundo de hoje, se vê tanta coisa tenebrosa da parte dos humanos. É todo mundo correndo pra lá e pra cá; tudo é para ontem, como se o mundo fosse acabar daqui a pouco. Aí, não se tem mais tempo para ouvir o outro que está sendo injustiçado; a Natureza que está sendo desrespeitada; o Universo, como se a gente não tivesse nada a ver com ele.

Orixalá ensina justamente o contrário de tudo isso. E como é que ele ensina? Pelo silêncio. Esse silêncio não quer dizer incapacidade de falar, de dizer, de cobrar. É não falar para quem é acostumado a fazer ouvidos moucos. Esses só vão ouvir quando o Universo falar. E quando o Universo fala, ele sacode as pilastras da terra, para ajustar as coisas no seu devido lugar.

E no *itan*, o Universo dá resposta, sim. A mãe Natureza faz ajustes, sim. A mãe Terra cobra justiça, sim. Veja bem que não é apenas a polícia que recebe a resposta. A resposta vem para todo mundo daquele povo que tem uma polícia daquele tipo. E aí, todo o reino começa a passar, como diz o *itan*, por "coisas horríveis". Essas coisas tidas como horríveis são assim entendidas pelo povo nagô: *A seca destruiu toda a plantação. As mulheres não pariam mais. O povo morria de sede.* A plantação destruída significa acabar com os recursos para alimentação. O resultado? Fome. A falta de crianças nascendo. O resultado? O povo caminhando para o fim. A falta de água. O resultado? Ter que abandonar a cidade.

É por isso que Orixalá nos ensina a conhecer e entender os outros, sendo que primeiro é preciso conhecer e entender a si próprio. Só assim a gente pode conhecer e entender o que é justiça.

De um modo geral, as pessoas têm dificuldade em chegar ao autoconhecimento, isto é, à consciência de si mesmas. O que você tem a dizer de si mesmo e como você alcançou tal conhecimento?

E quem disse ao senhor que eu já alcancei isso? Chegar à consciência de si mesmo não é coisa fácil. Eu mesmo tive muitas dificuldades, e ainda tenho. Primeiro, porque eu nem sequer sabia dessas coisas de conhecer a si próprio. Para mim, estava tudo muito claro:

eu era Renato Montalvão da Costa, filho de Seu Romualdo da Costa e de Dona Mariá Montalvão. Pessoa do sexo masculino, nascido em dois de dezembro de 1984, às onze horas e trinta minutos, nessa nossa cidade interiorana e que, desde criança, era portador de uma doença no joelho direito que me martirizava e ia aumentando com o tempo. Já me entendi com aquele problema, e passei a maior parte de minha vida pulando de médico em médico, cada um dizendo uma coisa diferente. Nos consultórios por ande andei, a frequência foi tanta que me tornei conhecido dos médicos e dos atendentes. E sempre os médicos fazendo apenas suposições. Um dizia é isto, outro dizia que era aquilo. Passei minha infância e juventude sem poder fazer nenhum esporte. E nisso, fui caindo num espécie de tristeza, de desgosto e terminei ficando sem nenhuma alegria de viver. Nem sei o que era mais grave: se a doença do joelho ou a tristeza que me abatia. Só de cirurgias, eu fiz cinco no decorrer do tempo. A cada uma, era preciso um tempo enorme de repouso, vários meses. Isso terminou provocando um certo *ingarrimento* do meu corpo. Não vê como eu sou meio nanico?

Quando eu me vi naquele completo desânimo, perdi a esperança na saúde. Minha mãe, que sempre acompanhou todo o meu sofrimento, não tinha mais para o que apelar. Vendo ela sofrer, o meu sofrimento piorava ainda mais. Mas a vida dá muitas voltas e numa delas, a bênção de Oyá se derramou sobre mim.

Um dia, minha mãe foi à prefeitura para acertar uma cobrança indevida. O setor estava apinhado de gente, mas ela foi muito bem tratada por um funcionário muito conhecido: Seu Nivaldo. Conversa vai, conversa vem, ali mesmo, ao pé do balcão, minha mãe falou sobre mim, minha situação, explicando a ele porque ela precisava voltar logo para casa, tendo em vista que o meu estado de saúde se agravava. Eu sentia dores fortes noite e dia. Então, ele disse a ela que ia conversar sobre minha situação, com uma irmã dele, professora, que tinha conhecimento com uma casa religiosa que fazia muitas curas. Minha mãe me contou isso, mas eu não dei importância, principalmente porque se tratava de religião, coisa em que, há muito tempo, eu tinha perdido a fé, desiludido com tanta esperança vã, por parte de muita gente picareta.

Para surpresa nossa, Seu Nivaldo veio me ver de perto, juntamente com a irmã, a professora Celeste. Eles conversaram comigo bastante. Fizeram a proposta de me levar ao terreiro de Mãe Dara

Mujina. Eu fiquei com vergonha de dizer àquelas pessoas, que demonstravam interesse em minha saúde, que não me interessava por esse tipo de coisa, e que eu não estava a fim disso. Dei o meu sim de riso amarelo. Marcaram o dia para me pegarem de carro e me levarem ao dito terreiro. Olhe, para encurtar a história, fui atendido e fui curado. Minha vida mudou totalmente. Quando eu penetrei por aquele portão do terreiro, Olorokê, Orixalá e Oyá me acolheram e me socorreram na minha agonia e me ajudaram vencer minha ignorância.

Lá, eu aprendi a me conhecer no meu lado *Luz* e no meu lado *Sombra*. Aprendi a me compreender como cabeça de Oyá, a mãe dos nove espaços, guerreira, senhora da tempestade, expressão feminina do Fogo. E que meu *Odu é Oturupon*, o décimo terceiro *Odu de Ifá*, que é o axé que garante a manutenção da saúde. Se em mim houve um tempo em que a doença se espalhou pelo meu corpo, o axé de *Oturupon*, devidamente equilibrado em mim, acabou com isso. Ainda teve mais: de lá, do terreiro, meu círculo de amizades aumentou sem igual e eu terminei fazendo parte de um excelente grupo de pessoas e isso me levou a participar desse livro.

Com minhas vivências no terreiro, eu fui mudando meu modo de pensar e de enxergar a mim mesmo, a vida, o mundo. E no outro grupo, terminei me encontrando com Dona Neusa. Como ela foi paciente comigo. Aliás: ainda continua sendo. Sentou-se comigo inúmeras vezes para me ensinar como eu também me conhecer com base na interpretação do meu mapa astral. E aqui estou, fazendo parte daqueles que, no grupo, são de Sagitário, gente do Fogo. Tem gente até com ciúme, dizendo que não é justo o livro ter uma cara sagitariana. Mas isso, com o tempo, se resolve.

Entre muitas coisas que aprendi com Dona Neusa, o senso de justiça que marca Sagitário é coisa para se levar a sério. E a gente não quer injustiçar os outros, que fazem parte do mesmo grupo. Mas não se pode esconder que, por causa de Sagitário, o livro está sendo feito, da mesma maneira que, sem o *itan* de *A viagem de Orixalá*, o livro talvez fosse uma coisa bem diferente, ou mesmo nem chegasse a ser escrito.

O certo é que o terreiro, além de me curar, me ensinou a me conhecer. Ou me ensinou que eu precisava me conhecer para poder me curar. Principalmente, também me ensinou a curvar minha cabeça diante das forças criadoras do Universo. A minha doença vinha da ignorância. Aí, quando Dona Neusa passou a me ensinar

a leitura de mim mesmo em outra linguagem, tudo já estava facilitado pelo que eu estava aprendendo no terreiro. Hoje, eu entendo que são linguagens e maneiras diferentes para a pessoa alcançar a compreensão de si mesma. Quando elas se juntam, a pessoa pode ir muito mais longe. Por isso, além de ser muito agradecido ao pessoal do terreiro, também sou de igual modo aos participantes do grupo que frequento, principalmente a Dona Neusa. É isso, aquele dizer do terreiro: "Ninguém vai muito longe sozinho."

Então... Hoje, eu me compreendo sendo cabeça de Oyá, que carrego o axé de *Oturupon*, e também como sagitariano, que tem Sol no Meio do Céu, a Casa da Meta de Vida. Aprendi a permitir e aceitar que meu *Sol* me iluminasse. Compreendi que, para ser bom comigo mesmo, precisava acabar com o apego e fazer o exercício da compaixão. Sagitariano precisa ter fé total. Precisa aprender a estar sempre alerta para as tomadas de decisões. Precisa aceitar que, muitas vezes, coisas boas acontecem, se a pessoa fizer muito esforço. Precisa compreender que o vendedor de ilusões é um falsário. Essas são regras de ouro de Sagitário.

Também aprendi que, quando eu nasci, Saturno estava em Escorpião. E agora, ele já se aproxima daquele mesmo ponto outra vez. Então, se trata do *retorno de Saturno*. Estou com vinte e oito anos. É mais ou menos o tempo que ele demora em voltar a passar pelo mesmo ponto em que estava, quando a pessoa nasceu. E qual é a importância disso? Se trata da indicação da chegada de um tempo para a gente avaliar tudo que foi feito, alcançado, perdido, deixado de lado e, até mesmo, para o que está sendo projetado. No próximo ano, Saturno vai chegar a Escorpião, no ponto do meu nascimento. Desde agora, já comecei a pesar, medir, contar tudo acontecido durante esse período em minha vida. Quando isso terminar, eu vou ter uma ideia concreta do que deve continuar em minha vida; o que deve ser jogado fora, abandonado, deixado pra lá. Pois é: devo essa compreensão de mim mesmo também aos dois grupos dos quais faço parte.

Como se deu a sua aproximação do grupo que terminou lhe proporcionando fazer parte de um livro, tendo em vista que você não é um escritor?

Uma coisa interessante: o terreiro de Mãe Dara Mujina e o

pessoal do nosso grupo são duas coisas totalmente diferentes que têm muitas igualdades entre si. Primeiro: os dois têm pessoas competentes, sabidas, que sabem coordenar. No terreiro, Mãe Dara; no grupo, Doutor Leo. Depois, além de Mãe Dara ter trânsito livre na casa de Doutor Leo, todas as pessoas do grupo confiam em Mãe Dara e fazem questão de visitar o terreiro. Mas somente eu e Mãe Justina fazemos parte do terreiro na condição de filhos. Dona Dina também, de vez em quando, faz as coisas dela no terreiro, mas ela gosta de tudo muito reservado. E agora, falando assim, me dou conta de uma coisa: tanto Mãe Justina quanto eu somos cabeça de Oyá, sagitarianos, gente do Fogo. Acaso? Coincidência? Fica aqui a pergunta. Outra pergunta: Por que Mãe Justina não foi chamada para fazer parte do livro? Se for porque ela não escreve, bem que poderiam bolar uma saída, conforme fizeram comigo.

Lá no terreiro, fui me acostumando às visitas do pessoal do Doutor Leo. Eu já tinha desenvolvido séria aproximação com Seu Nivaldo e com a professora Celeste, até mesmo pelo sentimento de gratidão. E um dia, quando eu já estava curado, numa tarde de *xirê*, eles me fizeram uma série de perguntas sobre como eu cheguei a me compreender através das vivências no terreiro. Então, eles se lembraram das atividades desenvolvidas por Dona Neusa, no conhecimento da Astrologia. Daí, apenas foi um pulo para eu entrar em contato com todos. Outra vez, essas mesmas duas pessoas me apontando caminhos. Dizem os mais velhos que o mestre sempre aparece, quando o discípulo está preparado.

Outra coisa que também serviu para me abrir caminhos mais largos foi quando eu passei a ser auxiliar de enfermagem na Santa Casa. Eu me tornei uma espécie de facilitador do acesso a serviços médicos, não só por parte do pessoal do terreiro, como também para as próprias pessoas do grupo que, por sua vez, também passaram a encaminhar outras pessoas, para que eu cuidasse delas. Assim, meu círculo de amizades cresceu muito. Teve mais: eu fiz também o curso de técnico de massoterapeuta. Quando descobriram isso, passei a ser o massagista de todos. Doutor Leo, então, nem se fala. Ninguém toca nele a não ser eu. Ele, exagerado como sempre (coisas de Sagitário), diz a todo mundo que eu faço milagres, tiro qualquer dor.

Quanto a fazer parte do livro, creio que se deve, em grande parte, à história de minha vida, de pessoa desenganada pela medicina oficial e que se curou num terreiro de candomblé. Todo

mundo sabe do forte preconceito que a sociedade tem com as coisas de terreiro. Então, admitir que o terreiro possa curar certos males e doenças que a ciência não sabe como lidar é uma bordoada na cabeça de quem tem preconceito. E quando esse tipo de gente não tem mais o que dizer, passa a acusar o terreiro de parceiro do Demônio. Então, para essa gente, até a cura no terreiro seria uma farsa do tinhoso.

Você faz parte de um terreiro de candomblé. Pode-se concluir, então, que você tenha conhecimento dos mais variados *itan* que ali são narrados. Em que resultou, de um modo particular, o seu contato com o *itan* sobre *A viagem de Orixalá*, naquela noite da *Festa do Pilão*?

Conheço vários *itan* que falam de Orixalá. Isso se deve a minha convivência no terreiro e até mesmo pelo grau de iniciação que alcancei até agora. Inclusive esse *itan* da viagem, as pessoas estão sempre se referindo a ele. Mas *itan* é assim: também depende de quem narra. Mãe Dara, narrando, faz a diferença. Na sua experiência, agora, olhando de longe, sei que ela estava, naquela noite, com uma intenção muito precisa. Digo isso, pelo modo que ela narrou e até mesmo o tipo de linguagem que ela usou. Aqueles gestos, aquelas pausas, aquele ritmo de altear e baixar a voz, tudo, tudo, tudo mesmo fez o *itan* ficar diferente e arrebatar todo mundo que estava escutando. Para cada pessoa que ouvia, parecia que ela estava narrando justamente para aquela pessoa. São coisas próprias de Mãe Dara Mujina...

No meu caso específico, o que mais tocou em mim foi a questão do corpo sofrer as consequências de certas atitudes nossas. E certas consequências deixam marcas para sempre. Como não me lembrar daquele problema meu que, por uma coisa inconsciente, paguei um preço tão caro? É justamente por isso que os *itan* e o jogo de búzios são tão importantes para o povo de santo. Eles vão buscar longe, lá nas profundezas, as causas escondidas das mazelas que a gente padece.

Você afirmaria que sua experiência pessoal de cura e tratamento no terreiro está ligada à descoberta de causas profundas?

Eu faço uma diferença entre essas duas situações, com base em tudo que eu passei. Entendo que cura é a recuperação da saúde e tratamento é a maneira, ou também o recurso para se tratar males e doenças. No meu caso, eu fui curado e fui tratado. A cura aconteceu, como sempre, de repente; o tratamento foi demorado. Naquele dia em que eu fui levado ao terreiro por Seu Nivaldo e professora Celeste, aconteceu a minha cura. Minha mãe também foi comigo. Fui tirado do carro e levado para o quarto de consulta por uns homens que estavam no terreiro. Fiquei só com Mãe Dara Mujina, naquele quarto. Eu estava muito incomodado pelas dores e me sentindo muito vexado naquela situação. Ela me olhou demoradamente, como se estivesse tirando uma radiografia de mim. Eu nunca tinha visto tanta bondade nos olhos de uma pessoa. Ela me dirigiu a palavra como se sempre me conhecesse. Disse assim:

> Ô meu filho, já chega de tanto sofrimento. Abra seu coração, sua mente e seu espírito e deixe a *Luz* entrar. Tenha fé, meu filho, tenha fé. O resto é com Deus. Com Ele e com quem age em nome dele. Mesmo, quando você ultrapassou a porteira deste terreiro, Orixalá lhe cobriu com a bandeira da paz e Olorokê acolheu você. E em nome deles, eu lhe garanto: o que aconteceu, aconteceu; o que não aconteceu, não acontece mais.

Senti como se uma força entrasse em mim, pela minha cabeça, andou pelo meu corpo todo e saiu pelos meus pés. Fiquei tão admirado daquilo, que esqueci as dores. Então Mãe Dara jogou os búzios algumas vezes. Olhava para mim e olhava para os búzios. Depois, me perguntou se havia algum parente me acompanhando. Eu disse a ela que minha mãe se encontrava no terreiro. Então, ela tocou uma sineta e uma senhora apareceu para saber. Ela mandou chamar os mesmos homens que me puseram dentro do quarto e ordenou que me tirassem de lá e chamassem minha mãe. Me tiraram do quarto e minha mãe entrou. Passou-se um tempo e a sineta tornou a tocar. Fui levado para o quarto de novo. Dessa vez, fiquei com minha mãe, lá dentro. Depois de tudo ajeitado, Mãe Dara virou-se para minha mãe e disse assim: "Agora, iaiá, conte a seu filho o que a senhora me disse." De início, minha mãe começou a contar de cabeça baixa, a voz um tanto insegura, ela procurando as palavras. Depois, ela foi relaxando, e a voz ficou mais solta, até que ela conseguiu me encarar

para continuar contando. Ela ia contando e a minha respiração ia ficando alterada, o joelho dando cada agulhada fina, minhas pernas se dobrando. Comecei a sentir como se estivesse dentro de um saco cheio de água. Então, minha mãe me contou o que ela já tinha dito a Mãe Dara Mujina.

> – Quando estava grávida de você tudo estava em ordem na minha vida, na convivência com o seu pai, com a minha saúde. Mas havia um senão: seu pai estava passando por sérias dificuldades: falta de dinheiro, falta de trabalho... Seu irmão mais velho ainda não tinha dois anos de nascido. Então, comecei a entender que o melhor era eu não ter engravidado. Aí, fui começando a pensar num aborto. Era a maneira que eu entendia de não entrar em dificuldades mais sérias ainda. E a ideia foi crescendo, crescendo, até que um dia, resolvi interromper a gravidez. Preparei uma beberagem com certas ervas e bebi. A criança passou dias se estremecendo na minha barriga. Depois, quietou, e eu fiquei esperando o aborto que não aconteceu. Então, quando eu me certifiquei que não ia abortar, preparei uma segunda beberagem. Desta vez, muito mais forte. Mas quando eu ia levando a caneca à boca, você tornou a se estremecer na minha barriga. E aí, eu fui tomada por um grande pavor. Desisti de vez daquela intenção, mesmo sabendo que criar mais um filho, naquelas condições que eu estava vivendo, ia ser sofrimento redobrado. O resto da gravidez foi normal e o parto também. Depois que você nasceu, fui notando umas coisas estranhas em você, principalmente no seu joelho direito. Quando alguém pegava ou alguma coisa batia no joelho, você desabava no choro.

Nisso, minha mãe começou a chorar, levantou-se de onde estava, e me abraçou aos prantos, me pedindo perdão, por ter tentado me matar duas vezes. Eu chorava também, feito um bezerro desmamado. Mãe Dara Mujina assistia àquele drama, imóvel, sem pronunciar uma palavra. Finalmente, ela falou: "Pronto, iaiá, a senhora pode sair agora. Me deixe sozinha com o nosso filho. Depois, se ele quiser, pode até lhe contar o que eu e ele vamos conversar." Minha mãe saiu e eu fiquei. Então, Mãe Dara Mujina jogou os búzios outras vezes. Meu choro serenou. Ela terminou falando coisas que eu nunca mais esqueci.

Você poderia narrar o que ela lhe disse e comentar em que os dizeres dela contribuíram para você entender as causas profundas de sua doença?

Isso já faz algum tempo. E nada igual ao tempo para fazer com que a gente até troque palavras, esqueça uma coisinha aqui, outra ali, ou até mesmo dizer as coisas de um jeito que o outro não disse. É sempre muito arriscado falar pelos outros. Depois, ainda tem a carga de sentimento. Com o tempo, qualquer sentimento se sereniza e isso faz a gente ver as coisas de outro modo. Então, dando esses descontos, Mãe Dara Mujina me disse:

> Vamos compreender melhor as suas coisas? Toda moeda tem dois lados. O que sua mãe acabou de lhe contar é um lado. Vamos virar o outro lado para ver como é que é? Pois... Conheço outras mães que também passaram por situação parecida, e as crianças nada sofreram. Por que será? Uma coisa é a natureza da mãe; outra coisa é a natureza da criança que está sendo gerada. Meu filho, a gente é carne, mas também é mente e é espírito. Sobre cada uma dessas coisas, há muito que se conversar. Sobre o espírito, não é? A gente é entidade espiritual encarnada. E a nossa essência não é dada pela mãe, nem pelo pai, nem por ninguém. A gente é o que a gente é. A gente não é uma cópia de quem nos gerou. Quando a gente vem a este mundo, vem trazendo um bocado de pacote para desenrolar. E sempre tem um lado meio torto para ser aperfeiçoado. E para aquele lado que se está meio torto é justamente o lado para onde a gente vai cair, quando toma os esbarrões da vida. Só se cai para o lado que se está torto.
> Então... Você é melindroso com esse negócio de rejeição. Aí, quando sua mãe quis abortar você, isso foi uma bomba para a entidade que você é e que estava se encarnando na existência. Se você, meu filho, não tivesse esse sentimento de rejeição tão volumoso, fazendo parte de você mesmo, de sua caminhada no Universo até agora, isso poderia até lhe atingir. Mas seria de raspão e logo, logo, tudo estaria resolvido. Mas por causa de sua própria natureza, isso se entranhou em você de tal forma, que até hoje explode. Olhe, é assim: quando o espírito não resolve, joga pra mente. Aí, se ela não resolver, joga para o corpo. Aí, o corpo se desequilibra, adoece, dando um sinal para

o dono daquele corpo procurar resolver. Foi isso que aconteceu e ainda continua acontecendo com você. No seu caso, o ponto fraco de seu corpo é seu joelho direito. Sinal de que você não se dobra diante da vontade do Divino. Seu joelho é a porta por onde a mazela que está lá dentro, escondida, se mostra a todo mundo, aqui fora. Rejeição, meu filho, rejeição...

Olhe, meu filho, você é cabeça de Oyá, a dona dos astros, *Orixá* feminino. Ela comanda os ventos, as tempestades, raios e trovões. Ela é veloz e detesta vagareza. Dona do Fogo, a mãe dos nove espaços do *Orun*. Há muitas histórias sobre esse *Orixá*, mas eu vou resumir uma só para você. É justamente a história que explica o que você está vivendo até hoje.

Ogum tinha descoberto o segredo da força de Oyá e resolveu se aproveitar disso. Era uma pele de búfalo com que Oyá se vestia, quando queria se disfarçar para ninguém saber que era ela. Disfarçada, ela terminava vendo e ouvindo coisas do arco da velha. Aí, Ogum cavou um buraco bem fundo, enterrou a pele e pôs uma pedra enorme em cima. E você sabe como é difícil resolver uma coisa nossa, quando alguém põe uma pedra pesada em cima daquilo. Pois bem. Oyá passou um tempo enorme sem poder utilizar suas próprias forças. Um dia, Ogum deu uma festa para comemorar a vitória de uma batalha. Tomou vinho de palma até se fartar. E quando estava completamente bêbado, a língua ficou solta e ele começou a falar. Foi falando, foi falando, até que terminou contando onde ele escondeu a pele de búfalo. Aí, Oyá, que estava ouvindo tudo, correu mais que depressa, pediu ajuda para tirar a dita pedra e achou a pele. Quando ela vestiu a pele, foi aquela grande explosão e ela se viu livre daquela condenação.

Então? É igual a sua mãe Oyá: chegou o tempo de você desenterrar sua pele de búfalo e tomar posse, de uma vez por todas, de suas próprias forças. Vai compreender que não é mais uma criança na barriga de sua mãe; já é um adulto e tudo aquilo que aconteceu é coisa do passado. Aí, então, qualquer tratamento vai dar jeito na sua situação. Se quiser saber se eu estou certa ou não, experimente. Não custa tentar. Não vai pagar por isso, a não ser o preço de sua fé. Você é do Fogo. Eta gente que custa a crer, mas quando passa a crer, vira pelo avesso.

Outra coisa, meu filho: ainda tem o seu *Odu*. *Odu* é

> energia, força, axé. É dado por Olodumare, através de Orunmilá, o senhor de todos os destinos. Existem dezesseis *Odu*. E o seu é *Oturupon*, o décimo terceiro. Este *Odu*, se não for bem compreendido, a pessoa vai topar com a doença. Isso porque a pessoa adoecida está tendo um desajuste, um desacordo com a Natureza, principalmente com sua própria natureza. Aí, a pessoa nem se dá conta que pertence a um mundo muito maior, que abarca gente, bichos, plantas, e por aí vai. O lado *Luz* de *Oturupon* produz equilíbrio e saúde do corpo, porque a mente fica equilibrada e o espírito cumprindo seu caminho. O seu lado *Sombra* manifesta essa doençada toda, mas *Oturupon* acaba com isso de uma vez. Acontece, quando a pessoa fica desligada da Natureza. Se a doença está em você, meu filho, a saúde também está. É só saber buscar.

Olhe, acredite como há um Deus verdadeiro, criador de tudo: quando Mãe Dara Mujina se calou, eu já estava de pé diante dela. Não sei, não vi, não me dei conta de como isso aconteceu. Já saí do quarto, andando. Ainda precisava de apoio, me segurando pelas paredes, mas não foi preciso que as pessoas me carregassem mais. Quando as pessoas que estavam do lado de fora me viram andando, foi aquele alarido. Mãe, então, nem se fala: chorava feito uma desvalida. Dias mais tarde, quando eu voltei ao médico, ele quis saber o que eu tinha feito, a ponto de apresentar aquele grau de melhora. Eu apenas disse a ele: Não fiz nada, doutor. Apenas me encontrei comigo mesmo, segurei nas mãos de uma pessoa que sabe o que veio fazer aqui, na terra, e essa pessoa é Mãe Dara.

Como a cura e o tratamento acontecem no terreiro?

Cada caso é um caso. Não há uma receita para resolver todo e qualquer caso. Mas sei que o conhecimento do *Orixá* da pessoa, o seu caminho, o seu *Odu*, a aceitação de si mesmo, tudo isso são coisas que facilitam a nossa *Luz* tomar conta da gente. Agora, em se tratando de terreiro, entram em cena os trabalhos e as obrigações. Mas isso só funciona se a pessoa passar a se compreender, não só a si mesma, mas o outro, a vida. E no centro disso tudo, o Grande Pai, criador de tudo que existe.

Durante o que foi feito no terreiro, para lhe curar, você fez algum acompanhamento com médicos?

Na época em que estive sob os cuidados dos *Orixás* para me tratar, suspendi todos os outros remédios. Apenas segui as orientações do terreiro, que era uma nova maneira de tratar. Remédios houve, sim; mas remédios das folhas, raízes, flores, sementes, cavacos de árvores e óleos vegetais.

Você entende que houve uma boa dose de autossugestão para a sua cura ter acontecido?

Se houve autossugestão, bendita seja ela.

Exigiram de você alguma preparação especial, antes, durante ou depois do processo de cura e tratamento? Por exemplo: regime alimentar, repouso, recolhimento?

Eu fui para o terreiro, onde passei quarenta dias, vivendo do jeito que todo mundo vive por lá. Houve até um tempo, nesse período, que deixei de ter contato com o mundo cá de fora. Não via televisão, não lia jornais. Não era permitido que me dessem notícias dolorosas. Havia uma disciplina: hora certa de comer, dormir, acordar, rezar e usar os remédios. O outro período foi de trabalhar com a Natureza.

Como foram feitos os procedimentos para lhe curar? Você pode contar?

Não devo contar cada um dos procedimentos. Isso faz parte do segredo. A Lei do candomblé tem apenas três artigos, cada um deles dito apenas em uma palavra: Preceito, Respeito, Segredo. Mas os procedimentos se resumem em *ebós* e obrigações, sacudimentos com folhas e outras coisas mais, banhos com folhas maceradas, defumações, chás, beberagens, ouvir explicações dos mais velhos e atendimento pelos *Orixás*. Por isso, é necessário um período de retiro.

Como foi que seu corpo se reequilibrou? O que ocorreu?

Na própria consulta que já contei, os resultados começaram a olhos vistos. O joelho foi a parte mais cuidada. Esfregações com folhas pisadas e certos óleos tirados de certas plantas. Todos os dias, as folhas aplicadas ao joelho eram substituídas. Passei a observar certos preceitos de boca, por exemplo: nunca mais comer abóbora, jaca mole, nem carneiro. Gente de Oyá não deve nem sequer pronunciar essas palavras, se quiser ter saúde e equilíbrio. Na verdade, ocorreu, principalmente, uma total mudança na minha maneira de entender a mim mesmo, a vida e de me aceitar como sou. Sem essa mudança, as barreiras não podem ser vencidas.

Lembra de Jesus Cristo, quando ele curava as pessoas? O que ele dizia? "Vai em paz, tua fé te salvou. Vai e não peques mais." Pois então? Quem alcança a cura precisa abandonar o caminho que antes lhe deixou doente.



DÉCIMO QUARTO CAMINHO: *Ìká* (Icá)

O clamor do povo era tanto que parecia até o trovão. Aí, Xangô resolveu consultar Orunmilá. Na consulta, Orunmilá disse que uma maldição estava acabando com o reino. Tudo estava acontecendo porque um prisioneiro padecia inocente na prisão. E olhe que a prisão de Oyó era feita em buracos no chão, tampados com um gradeado de madeira forte. Quem lá entrava dificilmente voltava com vida.

A literatura oral preservada no terreiro

Leonam Navarro

Quando tive acesso aos originais de Ariadne Mota, *A organização do terreiro*: além do capitalismo selvagem, cujo texto é subsequente ao meu, me dei conta de algo inusitado. Ariadne revela um conhecimento a respeito de certas particularidades dos terreiros, que chama atenção. No mínimo, poderão surgir perguntas do tipo: como é que ela, há tão pouco tempo em contato com o terreiro, de repente sabe tanta coisa? Em primeiro lugar, dei-me ao trabalho de conversar com Ariadne, e ela me devolveu a mesma pergunta, em relação aos meus originais. Então, em segundo lugar, demo-nos ao trabalho de rever nossos passos.

Acontece que não nos cansamos de conversar. E conversamos muito com Mãe Dara Mujina, com a própria Dina, com Renato, com várias pessoas iniciadas do *Ilê Axé Turi Efan Olorokê*. Além do mais, esse tempo nosso de estudos e busca de informações coincidiu com uma atividade no terreiro onde um grupo de professores, com seus estagiários, estava pesquisando, em função de um projeto da Universidade, denominado *Mapeamento de terreiros*. Isso se constituiu excelente e provedora oportunidade, uma vez que o grupo

de estudiosos retornou ao terreiro várias vezes, e a cada ocasião os pesquisadores e estagiários não poupavam perguntas. A maioria dos componentes de nosso grupo não perdeu nenhum dos encontros. Para além disso, a seriedade com que encaramos nossas atividades nos levou a fazer nossos próprios questionários, e insistentes leituras cujas dúvidas eram levadas para as conversas com o pessoal do terreiro. Isso posto, vamos ao que interessa.

Desde que comecei a visitar o terreiro de Mãe Dara Mujina, uma série de fatos foi se tornando evidente, à medida que eu ia me acostumando ao modo de viver e fazer daquela comunidade. Sempre apreciei ficar nas imediações do *ilê-idana*, a cozinha ritual do terreiro. Comandado pela *iabassé*, a senhora responsável por aquele setor, fervilha um conjunto de mulheres e de raríssimos homens, providenciando as oferendas para os *Orixás* e os alimentos que vão ser servidos durante os rituais. Ali, há um constante conversar por parte das mulheres mergulhadas nos seus afazeres. Nisso, evidenciam-se particularidades daquela espécie de comunidade. Em primeiro lugar, o uso exclusivo da língua oral. Fui constatando que não se tratava do mero exercício da fala. A atividade oral do grupo ia me revelando facetas antes não notadas. Embora elas falem baixo, contam casos, pronunciam provérbios, ditados, piadas leves, entoam cânticos. E mais do que tudo isso, algo me chamou muito a atenção: pequenos relatos de histórias de vida. As conversas surgiam, assim, ao acaso, resultantes da interação comunicacional. De um modo geral, tais relatos começavam com a expressão "porque, viu, Fulana, eu sou uma pessoa assim..." E enquanto a pessoa expunha aspectos de sua personalidade (qualidades e, não raro, também defeitos), os fatos iam sendo relatados. Apesar de o foco da narrativa ser a própria enunciante, iam surgindo informações sobre o espaço geográfico, a época em que os fatos tinham acontecido, e também sobre outros personagens envolvidos nos eventos. Uma expressão usual anunciava época em que o fato se deu: "porque, naquele tempo, era assim..."

O quarto de consulta foi outro espaço que me atraiu. A prática ali adotada pela ialorixá me chamou muito a atenção, sobretudo porque ela se utiliza da narração de histórias denominadas *itan*, para exemplificar certas situações vivenciadas pelas pessoas que procuram o terreiro e querem saber quais as possibilidades de solução para seus problemas.

Também o salão onde são celebrados os rituais constitui-se excelente espaço para a captação do que se fala e de como se fala no terreiro. Ali, cânticos, rezas, louvações, petições aos *Orixás* são expressos, de um modo geral, em dialeto africano.

As situações de fala e o que nelas era veiculado foram me fazendo cogitar de que algo muito maior estava por trás daquilo tudo. E em conversa miúda e demorada com Nivaldo e Celeste Madureira, e também com Geralda Santiago, atinamos na questão da oralidade e do que poderíamos chamar de literatura oral preservada no terreiro. Por uma coincidência, que prefiro tomar como sincronicidade, foi justamente esse tema que me coube, para elaboração desta seção do livro.

E pensando a respeito do tema sorteado, dou-me conta de que a memória coletiva no terreiro está essencialmente construída na oralidade e é através dela que, principalmente, são elaboradas as representações de suas tradições. Nessa construção, o terreiro não deixou a cultura negra à parte. Isso também se deveu, e ainda se deve, ao fato de que no terreiro, o ideal não é ser branco, nem de origem ibérica. Regra de ouro é os participantes nunca esquecerem sua origem tribal de *axé*. Essa origem gerou o que se costuma, por aqui, chamar de *nações de candomblé*.

Na preservação de sua memória, entre os principais desafios enfrentados pelos terreiros, sempre esteve a ação da escola, onde as crianças ainda aprendem a ignorar não só a língua oral, como também a memória e as tradições do povo de santo. O ensino escolar, na área da linguagem, contemplou apenas o ensino da língua culta escrita e uma única literatura, também escrita, e para muito longe da cultura dos terreiros. Em vista disso, a cultura dos praticantes de religiões de matriz africana ficou marginalizada, tanto quanto o veículo que a transmite, isto é, a língua oral.

Entre os praticantes do Candomblé, é muito forte o sentimento de representação da memória coletiva através da literatura oral. É justamente através do que é narrado, cantado ou recitado que o imaginário coletivo da comunidade se constrói, se fortalece e se perpetua. A cultura em apreço é quase exclusivamente baseada na oralidade e a negação dessa produção impede que esse patrimônio seja integrado à cultura nacional.

Enquanto isso, a sociedade hegemônica impôs a sua cultura e a reproduziu. Em consequência, não coube espaço oficial às

outras formas de manifestação cultural. Em tal âmbito, se circunscrevem as culturas indígena e africana. No caso dos terreiros, seus praticantes assumiram a dimensão africana relativa ao culto aos *Orixás*, *inkices*, *voduns*, caboclos, encantados e pretos velhos, conforme a tradição, ou a *nação* a que pertencem casas, centros, *ilês*, tendas e terreiros.

Todo esse contingente é resultante do caldeirão das misturas de povos vindos da África, e agora seus descendentes reivindicam o reconhecimento de sua identidade pela sociedade mais ampla. Isso significa a necessidade de manutenção e de registro das suas tradições culturais. E nos terreiros, já se percebe que, além da oralidade, a produção começa a receber feição escrita. Tal modalidade também passa a ser entendida como uma via de conservação da tradição oral.

Ao contrário do que aconteceu com a escrita, a imagem tem sido largamente empregada para registro dos fatos e eventos religiosos, culturais e sociais da maioria dos terreiros. Na base desse outro procedimento tecnológico, encontra-se a ideia de que, desde os primeiros fundadores de terreiros e casas tradicionais, foi ensinado que escrever seria trair o sistema. E ainda atualmente, não são poucos os que acreditam que a escritura pode ameaçar a prática da oralidade. A bem da verdade, a ausência da escrita deveu-se, principalmente, ao fato de os primeiros terreiros surgidos, de um modo geral, serem comunidades ágrafas. É preciso lembrar que a maioria dos povos vindos da África não usava a escrita. Além disso, o Estado, por muito tempo, proibiu os escravos e seus descendentes de frequentarem a escola.

O registro da imagem, no entanto, não sofreu o rigor de tal censura, e a adoção dessa tecnologia não foi traumática, ficando quase sempre na dependência do poder aquisitivo. Mais recentemente, os participantes de terreiros estão lançando mão da *internet* como um excelente veículo para as trocas simbólicas. Isso tem provocado forte censura das casas ditas tradicionais. Rituais considerados secretos estão agora disponibilizados nas redes sociais por parte de casas que não são tão consideradas como pertencentes ao círculo da chamada tradição do candomblé. Vale ressaltar que muitos terreiros da chamada *Tradição* consideram isso vilipêndio, traição, sacrilégio mesmo.

Há também outro aspecto muito sério a ser examinado. As

casas ditas tradicionais nunca permitiram a presença, nem muito menos a participação de pessoas não iniciadas nos rituais considerados secretos. Essa interdição também englobou a escrita e o registro de imagens. Assim, sempre se pensou na salvaguarda de segredos, de identidades, de não atirar as pérolas aos porcos, de não entregar o ouro ao bandido. Pelo menos, essas são as justificativas sempre ouvidas por parte das autoridades que chamaram a si a responsabilidade de preservar o *Segredo* do candomblé. Em parte, isso também explica porque os terreiros sempre negaram a existência dos famosos *cadernos*, nos quais os iniciados letrados faziam (e ainda fazem) suas anotações.

A memória do povo de santo já se faz milenar. O seu acervo atravessou o Atlântico no bojo do navio negreiro e aqui se firmou em consciência e resistência. Consciência porque os participantes de terreiros se identificam como diferentes e diversos, apesar de toda perseguição, difamação, rejeição e preconceitos de que têm sido alvo nesses mais de quinhentos anos. Resistência, porque tais pessoas demonstram saber qual é o seu lugar no mundo, mesmo que sejam rejeitados. Também não aceitam a ideia de ocupar o lugar que a opressão lhes destinou. Traçam até seu próprio destino, porque aprenderam, aos trancos e barrancos, o valor do que seja a Liberdade, mesmo que nem sempre possam vivenciá-la.

E dentre os valores cultuados no terreiro que forjam e estruturam esta consciência e esta resistência, avulta-se a literatura oral. O código de comunicação básico no terreiro é a língua oral, e também é oral a literatura ali preservada e transmitida. Deve-se entender, no entanto, o que se denomina, aqui, oralidade. Trata-se, na verdade, de um conjunto de princípios, valores e performances, um valor ético e estético. Não se trata, portanto, de mera tecnologia. E tanto é assim que, o que for produzido pela oralidade, ainda recebendo feição escrita, continua com a qualidade do oral. Quanto à literatura, entende-se, aqui, não apenas uma fisionomia, uma tipologia, ou uma tecnologia. Antes, pelo contrário, trata-se de um atributo do oral ou do escrito, que se caracteriza pela criatividade e pela intuição.

No terreiro, o rol do que foi negado ou invisibilizado pela sociedade hegemônica avolumou-se a ponto de se constituir patrimônio literário oral, que engloba vários gêneros, a exemplo de canções, casos, contos, ditados, epopeias, histórias de vida, *itan*, mitos, piadas, provérbios e *sotaques*. A esse cabedal ainda se somam

conteúdos recitados em dialetos africanos, a exemplo de *aderozan*, *adura*, *malembe*, *oriki* e *orin*. O corpo dessa literatura, invariavelmente, expressa sempre consciência e resistência, e essa é a marca que distingue a sua expressividade.

Abordar a variedade de toda essa produção extrapola os limites deste escrito. Se algum dia, ainda me for dado o direito de voltar daquele *terceiro mundo*, ao qual já me referi anteriormente, e para onde retornarei tão logo este livro esteja concluído, tenciono coordenar uma coleção, na qual cada volume contemple um item dessa tipologia. E se o leitor possui o senso de observação aguçado, certamente constatou um rol de dezesseis itens. Novamente, esse mesmo número... Alguns desses tipos, no entanto, devem ser, pelo menos, citados agora, necessariamente. Exemplo disso são os casos, dizeres, histórias de vida e *itan*, tendo em vista o roteiro prefixado para a produção dos textos que compõem a organização deste livro.

Os *casos* são narrados a qualquer instante, em qualquer canto do terreiro e são motivados por *conversa puxa conversa*. A sua contação não é planejada, e ela acontece quando se faz necessária. Falam dos feitos dos antepassados, dos ancestrais, das conquistas, da relação de parentesco de axé desde os tempos da escravidão.

Os *dizeres* expressam sabedoria popular de origem africana, mas o terreiro também preserva dizeres de outras origens, de outras tradições religiosas, pois eles se originaram da mistura de várias etnias. São expressos como lições, ensinamentos ou testemunhos resultantes de situações de vida em que o mais velho enfatiza para o mais novo um conhecimento que ele precisa aprender. O objetivo visa à conscientização, a fim de que aquele que ouve aprenda a ser melhor consigo mesmo e com os outros. Alguns exemplos:

> *A aparência, mesmo bonita, não substitui a essência.*
> *A feiura e a boniteza estão nos olhos de quem vê.*
> *A gente não paga apenas o mal que pratica. Também paga, muito caro, as besteiras que comete.*
> *A lonjura e a demora têm o tamanho da preocupação.*
> *A verdadeira mudança tem que acontecer primeiro no coração.*
> *Ao descuidado come o rendido.*
> *De nada vale o saber para quem não tem a sabedoria.*
> *Conversa que surte efeito é com boca e com ouvido.*
> *Enfrentar os monstros é para quem aprendeu a ouvir.*
> *Não se deve julgar o bom por bom, nem o mau por mau.*

Não se vence batalha apenas com espada na mão. Também se vence com as armas do coração.
Na terra de sapo, de cócoras com ele.
Nem tudo é aquilo que parece ser.
O espinho que tem de espetar, de pequeno traz a ponta.
O mal do invejoso é que, além de ele não ter, não quer que o outro tenha.
Os grandes são escravos de sua grandeza.
Os tiranos terminam sempre se afogando na sua própria tirania.
Quem só vive às carreiras vai ter que voltar várias vezes para vencer a agonia.

No que toca às histórias de vida, normalmente, elas são narradas em fragmentos. Muitas vezes, a história de vida de um narrador é contada, conforme se diz no terreiro, em *pedaços*. Isso acontece porque a narração engloba toda a vida de quem narra: seus mais velhos, familiares, sua infância, como se deu sua aproximação com o terreiro, os feitos de seu *Orixá*, sua caminhada de iniciação no candomblé. E muitas vezes, os diferentes *pedaços* são narrados a diferentes pessoas. Nos *pedaços* dos relatos, também são abordados aspectos da comunidade mais ampla, com referências a fatos, datas, lugares e pessoas outras. Se alguém se der ao trabalho de recolher a maioria das histórias de vida das pessoas que compõem um determinado terreiro, certamente chegará a outra história da região onde aquele terreiro está encravado. A história resultante, provavelmente, não está registrada em livro algum da história oficial, pois se trata da narrativa dos excluídos.

Quanto aos *itan*, trata-se de histórias remanescentes do sistema oracular jeje-nagô. Encerram um ensinamento ético ou moral e são narrados, oportunamente, para quem precisa compreender a si mesmo, o mundo e a vida. A narrativa exige que o narrador saiba dar vida aos diálogos, às personagens, e seja enfático na arte de ensinar princípios éticos ou morais. Há incontáveis *itan* preservados nos terreiros, e são de domínio dos mais velhos, daqueles que aprenderam com a vida, mas precisam ensinar a quem ainda não sabe. O texto de *A viagem de Orixalá* se constitui um feliz exemplo para o que se quer aqui alcançar. Destacando de seu contexto o fragmento que serve de epígrafe à produção deste escrito, nele, três passagens se avultam: "o clamor do povo", "Xangô resolveu consultar Orunmilá" e "um prisioneiro padecia inocente na prisão".

Eis um bom exemplo do ideário nagô, que até hoje persiste no terreiro: o povo faz subir seu clamor sempre que se sente oprimido,

ou desamparado, ou vitimado por necessidades extremas; o governante trata de responder ao clamor com medidas efetivas; para isso, torna-se necessário ouvir o Divino e, finalmente, a descoberta da causa dos padecimentos do povo, que imediatamente será corrigida. Interessante é que, no fragmento abordado, o foco se desloca de Orixalá para as consequências de sua prisão injusta. A injustiça contra um termina gerando uma maldição que recai sobre todos.

Nos mais diversos poemas cantados ou rezados, os *Orixás* costumam ser tratados por *Xalarê* (*Orixá Alarê*), isto é, *Orixá da Justiça*, independentemente de seus atributos particulares, de seus domínios na Natureza. No caso de Orixalá, esse aspecto é evidente e se constitui, no candomblé, a última estância a que os mortais recorrem. Tanto é assim que, até na roda do *xirê*, é a Orixalá a quem a confraria dedica os últimos cânticos e louvações. E após louvá-lo, nada mais deve ser celebrado naquela ocasião. Sua velhice, sabedoria e justeza de julgamentos é uma das unanimidades entre os praticantes de religiões de matriz africana. Nada ofende tanto a Orixalá quanto a injustiça. Daí, todas as práticas que promovem a injustiça, a exemplo da calúnia, do falso testemunho, do rancor, do roubo, são ofensas a Orixalá. Seus filhos e devotos são terminantemente proibidos de comportamento reprovável, embriaguês, elocução de palavras consideradas pesadas ou indecentes. Tais atitudes impedem o contato com Orixalá. O curioso é que os revides de Orixalá têm efeito retardado, quando o agressor já nem se lembra de suas transgressões. Assim é no *itan*; também é assim no terreiro. No *itan*, o grande agressor não é Exu; é o povo de Oyó. Exu é apenas instrumento do universo, para que a justiça seja feita.

No fragmento em estudo, o assunto se reveste de tal gravidade, a ponto de Xangô, rei de Oyó, consultar o próprio Orunmilá, aquele que sabe de tudo sobre os humanos. Ele é *Testemunha do Destino* e preside o ato da escolha do *ori* de quem queira ou necessite encarnar-se na existência. Foi Orunmilá quem revelou a verdadeira causa das infelicidades que se abatiam sobre Oyó: "um prisioneiro padecia inocente na prisão". Apenas um prisioneiro estava sendo injustiçado e isso era suficiente para todo o reino cair na *disciplina*, imposta pela lei do universo.

Não se pode esquecer que o assunto é tratado no *itan* sob a ótica da interpretação nagô do universo e da vida. E o fazer e o viver do terreiro perpassam por essa ótica. Assim, esse mesmo tipo de interpretação é patente na literatura oral ali preservada, pois se

trata de um valor fundante que preside o imaginário desse tipo de comunidade. Dada a minha aproximação com o pessoal do terreiro e a simpatia que nutro por aquelas pessoas, creio que já estou um tanto impregnado daquela ótica de interpretação. De certo modo, nem sempre podemos nos livrar daquilo que nos é simpático. Assim, os aspectos da consciência de mim mesmo (*signo*, *Orixá* e *Odu*); a minha relação com o grupo; o meu contato pessoal com o mito e em que isso resulta serão apreciados por tal viés. Tendenciosidade? Falta de neutralidade diante do objeto de estudo? Texto *chapa-branca*, um conceito jornalístico aplicado a narrativas que bajulam o seu objeto de análise? Ou uma simples opção entre vários ângulos de observação e análise? O leitor tem plena liberdade para julgar por si próprio. E torno a repetir: "Assim é se lhe parece."

No terreiro, há um dizer assim: Escreva quem puder e leia quem souber. Como agora eu estou podendo, vou escrever o que sei de mim a partir de uma interpretação astrológica da mandala de meu mapa astral. Não me darei ao trabalho de traduzir os símbolos, apenas vou citá-los. E quem, de fato, souber ler terá um retrato fiel de mim. Até mesmo porque, na primeira parte deste volume, eu já informei muita coisa sobre tal assunto.

Tenho Plutão e Quíron em Leão: Fogo; a minha Casa V, também: Fogo. Tenho Sol e Vênus em Sagitário: Fogo; a minha Casa IX, também: Fogo. Tenho Ascendente em Áries: Fogo. É fogo... Tenho Marte domiciliado na Casa VIII e não recebe aspecto de planeta algum. Plutão, uma bomba atômica armada no meu Fundo de Céu, onde Júpiter também está nas águas de Câncer, mas graças a Deus, eles se distanciam em mais de treze graus. Tenho uma bela conjunção entre Urano e Saturno, em Gêmeos, na minha Casa da Comunicação. Tenho Casa do Trabalho em Virgem, com Netuno lá dentro. Minha Meta de Vida está em Capricórnio, que é regido por Saturno, aquele da disciplina, da segurança e da repetição. Nada melhor do que lembrar, então, o mito de Sísifo. Ele foi condenado, por toda a eternidade, a rolar uma grande pedra de mármore com suas mãos, até o cume de uma montanha. Por causa de uma força irresistível, toda vez que ele estava quase alcançando o topo, a pedra rolava novamente montanha abaixo até o ponto de partida.[39]

39 Disponível em: <http://eventosmitologiagrega.blogspot.com.br/2010/07/sisifo.html>. Acesso em 23 março 2013.

Agora que o leitor (e a leitora também) já sabe tanta coisa sobre mim, deixe-me acrescentar mais detalhes. Desta vez, porém, o fundamento é outro. Trata-se de *Orixá*. Já está bem sabido que eu sou cabeça de Oxóssi, o caçador de uma única flecha. Ele tem esse título, porque nunca precisa de uma segunda flecha para atingir o alvo mirado. Pertence ao grupo dos *odé*, isto é, dos caçadores. Dono da carne, senhor da caça, provedor do que a casa necessita, irmão de Ogum, o grande guerreiro. Ele sabe ler os vestígios do caçado. Dizem que ele escolheu nossa terra, seu novo *habitat*, e tornou-se nosso patrício. Ligeiro e agoniado, veste-se numa mistura de príncipe, caçador e guerreiro, três aspectos de sua identidade. É considerado o grande matador da *Serpente*. Quem o conhece mais de perto costuma afirmar que a teimosia é própria dele. Só se convence depois de experimentar. Vibra nas cores do azul-turqueza ou do verde e desconfia de sua própria *Sombra*. Seus atributos se manifestam nas pessoas cuja cabeça pertence a ele. Então? Que acham de mim?

Mas deixe-me ir mais longe. Para tanto, vou fazer outra leitura. Desta vez, vou abordar a questão do meu *Odu*. Existem babalaôs, isto é, sacerdotes que são iniciados no culto de *Ifá*, que afirmam ser o *Odu* energia que vem de Orunmilá[40] .Como se sabe desde o início deste livro, carrego *Iká* comigo. Ele é o décimo quarto *Odu* no jogo de búzios, e o décimo primeiro da ordem de chegada, pelo sistema *Ifá*, onde é conhecido pelo mesmo nome[41]. É portador do poder da palavra e da sua habilidade de transformar a realidade física. É fonte de poder pessoal, usada para proteção, cura, transformação e criação de abundância. Mas há um cuidado a ser tomado pelas pessoas que o carregam, pois elas poderão pender para a autoilusão, a fofoca e a depreciação do próximo.

Iká tem aparência juvenil e forte poder de sedução. Possibilita paixões arrebatadoras, mas passageiras, se a pessoa estiver sempre em busca de novos amores. Traz talento para a magia e enorme força espiritual, que se manifesta através do olhar. Facilita o enriquecimento e a promoção na vida profissional e social. Quem estiver ligado a *Iká* tem propensão à desconfiança e a conflitos psíquicos, com ponto vulnerável nas articulações, o que pode causar problemas de locomoção.

40 Disponível em: <http://blog.orunmila-ifa.com.br/2011/07/odu-energia-de-olodumare-o-que-e-odu.html>. Acesso em 23 março 2013.

41 Disponível em: <http://www.juntosnocandomble.com.br/2008/11/ik-meji.html>. Acesso em 23 março 2013.

É um *Odu* que confere longevidade e se caracteriza pela sabedoria e pela versatilidade. Ele propicia reencontrar o caminho para a felicidade, por parte de quem esteja passando por provações. Também é conhecido como o gigante em forma de serpente que faz estremecer. Deve ser saudado respeitosamene, e para descortinar os mistérios, deve-se pedir sua permisão. Oxumarê, dono do arco-íris; Ewá, dona da neblina, e Omolu, dono da terra, ligam-se intimamente a *Iká*.

Governa todos – os répteis, os quelônios, os lagartos, os – macacos, os sapos, as rãs, os *igbin*, todos os peixes e todos animais de sangue frio, aquáticos e terrestres. Maior do que a amplitude dessa governança é a atribuição a ele de ter criado a piedade e o amor filial. No corpo humano, *Iká* governa a caixa torácica, com exceção do externo e da coluna vertebral. Proíbe, a quem tenha ligação com ele, consumir peixe defumado, carne de jacaré e de macaco, batata doce e bebidas destiladas. A proibição também se estende a beber qualquer líquido em cabaças. Também inclui o uso de tecidos multicoloridos.

Gente que carrega *Iká* corre o risco de estar sempre reiniciando suas tarefas. Por isso mesmo, pode cair na revolta contra si própria e contra o mundo, que passa a ser considerado injusto e mal feito. As pessoas regidas por *Iká* são persistentes e facilmente conseguem alcançar seus objetivos. São de fácil convívio, apegadas à família, mesmo estando longe de casa. *Iká* é o *Odu* da saúde: mente sã, alma limpa e corpo são[42].

Quando *positivo*[43], *Iká* pode apontar vitória sobre os inimigos, controle de uma situação tumultuada, coragem para enfrentar um problema, sorte com o sexo oposto, conquista amorosa. Quando *negativo*, indica envolvimento com polícia, inimigos declarados e perigosos, crimes sexuais, violências, agressões impostas ou sofridas, revolta, filho adulterino. Quando *igbin*, este *Odu*, quase sempre fala de impotência, frigidez, atrofias e inflamações musculares, problemas do fígado e da vesícula, interrupção do fluxo sanguíneo ou menstrual, doenças de pele, rubéola, sarampo, viroses, inflamações externas, desarranjos intestinais, hemorragias seguidas de aborto.

42 Disponível em: <http://ibualama.blogspot.com.br/2009/12/14-odu-ika_19.html>. Acesso em: 2 abril 2013.

43 Disponível em: <http://eweorisa.wordpress.com/2012/03/04/odu-ika-meji/>. Acesso em: 2 abril 2013.

Quem me leu até aqui, na certa já deve ter tirado suas conclusões sobre minha parte nesse latifúndio de *Iká*. E se é verdade que "assim é, se lhe parece", eis-me aqui, de corpo inteiro. Não é de bom tom a pessoa se exibir, falando de si mesma. Melhor mostrar a matriz que a gerou. Conforme se diz no terreiro, o cavaco não cai longe do pau. É isso, eu já disse: escreva quem puder e leia quem souber.

Por falar nisso, ainda falta escrever sobre dois itens do acordo para elaboração das seções deste livro: aspectos de minha relação com o grupo, meu contato pessoal com o mito e em que isso resulta.

Sobre o primeiro aspecto, entendo que, na verdade, o grupo deve sua agregação muito mais a Dina do que a mim. A coesão entre os participantes sempre foi reforçada por nossas filhas, Creusa e Neusa, pessoas altamente sociáveis. Essas três mulheres da minha vida, com estratégias de doçura, sempre demonstraram uma profunda alegria em receber os parentes e amigos em nossa residência. Elas têm um gosto profundo em juntar pessoas diferentes para celebrar, nem que seja apenas o encontro. O respeito, a consideração e a amizade que elas sempre me devotaram contaminaram os demais que se aproximaram de nós. Creio, mesmo, que elas foram as responsáveis pela criação dessa aura em torno de mim, a ponto de todos me considerarem líder do grupo. Se alguém, no entanto, é merecedor de reconhecimento, isso cabe a elas três.

Quanto a meu contato pessoal com o mito, isto é, o *itan* narrado por Mãe Dara Mujina, eis aqui o resultado: este livro. Se o meu sonho com o Sagitário veio das profundezas de meu inconsciente, trazendo de volta minhas raízes ocidentais com um mito greco-romano, o *itan* sobre *A viagem de Orixalá* me devolveu a interpretação do universo e da vida sob a ótica dos *nagô*, dos quais carrego comigo grande dose de ancestralidade. Se a mitologia greco-romana está devidamente registrada pela escrita, cabe a mim e aos meus patrícios batalhar por tirar da invisibilidade essa outra mitologia, que também, agora, já é nossa por direito de herança. Ela está lá, nos terreiros, devidamente preservada pelo vigor da oralidade, passando de geração em geração, desde os tempos das senzalas.





DÉCIMO QUINTO CAMINHO: *Òtúrá* (Otura)

Xangô ficou horrorizado e mandou seus ordenanças vasculharem todas as prisões de Oyó. Era preciso saber de cada preso. Foi aí que descobriram que um dos presos era Orixalá, que padecia inocente. Quando ficou sabendo disso, Xangô mandou que todo mundo no reino lavasse suas casas e o palácio. E todos deviam se trajar de branco. Além disso, todos deviam ir em procissão buscar Orixalá. Era preciso trazer ele num andor e levar ele para o palácio. Ia ser servido um banquete de desagravo, em sua homenagem.

A organização do terreiro: além do capitalismo selvagem

Ariadne Mota

Sou licenciada em História, mas não exerço o magistério, nem me enveredei pelos caminhos da pesquisa formal, embora tenha muita facilidade para isso. Meus amigos e conhecidos ora me chamam de ativista, ora dizem que sou militante política. Isso se deve às minhas escolhas de vida. Sempre me senti atraída pelo mundo das atividades políticas. Com o tempo, fui me convencendo de que, nos partidos políticos, estariam excelentes possibilidades de se atinar em como resolver problemas da sociedade como um todo, seja qual for a estância em que ocorram. Mas também me convenci de que os partidos não fazem as pessoas; é justamente o contrário. Nisso, abrem-se três frentes de abismos. A primeira diz do código de ética e de moral, visão de mundo e compreensão do que seja servir à sociedade, que norteiam um partido desde sua organização primeira. A segunda está ligada ao número de pessoas esclarecidas que cerram as fileiras do partido. A terceira, muito mais complexa, prevê, nos sistemas democráticos, que a população saiba escolher

seus representantes, normalmente filiados a esse ou àquele partido. Quando esses abismos forem superados, se é que algum dia isso vai acontecer, teremos o reino do céu na terra. Sabemos, porém, com Freud, que o objeto de desejo está perdido para sempre. Também sabemos que o reino do céu não é deste mundo... A esse respeito, existe uma espécie de cântico nos terreiros de candomblé, denominados *cantiga de sotaque*, muito utilizada, quando se quer criticar, indiretamente, a arrogância ou a ingenuidade de alguém, essas duas irmãs gêmeas. Uma delas diz assim:

> Quem no céu quiser subir
> e nas nuvens quiser chegar
> os anjos já estão sorrindo
> da queda que vai levar

Há uma variação desse mesmo *sotaque*, que diz assim:

> Quem no céu quiser subir
> e nas nuvens quiser chegar
> o diabo ri de baixo
> da queda que vai levar

Sejam os anjos (lá em cima), seja o diabo (cá embaixo), ambos sabem o lugar dos humanos que, num ato de violência divina, foram expulsos do Paraíso e condenados a conhecer o Mal. Mesmo me dando conta de tais níveis de dificuldades, continuo na escolha da esperança. E o caminho para isso, no meu modo de sentir o universo e a vida, é fazendo parte da luta política. Por isso mesmo, tenho ido além de ser apenas uma ativista. Não apenas tenho me dedicado a lutar por uma causa, uma opinião. Além de ser engajada, atuante no cenário político, participando de eventos sobre o tema, propondo mudanças, fazendo manifestações, também sou filiada a um partido político. Por isso mesmo, sou uma militante. Luto por uma causa na qual acredito, fazendo parte de uma organização política. Junto com os colegas e companheiros partidários, defendo nossas bandeiras, tento conscientizar as pessoas e conseguir mais adeptos para a nossa causa.

Entre as pilastras de nossa causa está não só a compreensão do sistema capitalista com suas consequências, mas também, e sobretudo, a busca de uma compreensão cada vez mais profunda do que seja, na verdade, o Capitalismo. Não há como combater ou

defender uma causa, se não se tem uma visão aprofundada do que se deseja combater ou defender. Nesse sentido, não cabem sentimentalismos, preferências pessoais ou o engrossamento de fileiras comandadas por um líder, apenas pela simples admiração pessoal a ele. Muitas vezes, a causa nos obriga a fazer aliança até mesmo com pessoas das quais nem gostamos tanto assim.

No que diz respeito a muitas das mazelas que se abatem sobre nosso povo, não resta dúvida que se deve ao sistema vigente, em que os meios de produção e distribuição são de propriedade privada e com fins lucrativos. Nele, decisões sobre ofertas, demanda, preço, distribuição e investimentos não são feitos pelo governo, os lucros são distribuídos para os proprietários que investem em empresas e os salários são pagos aos trabalhadores pelas empresas. Em tese, por definição, as coisas funcionriam assim. Sabe-se, no entanto, que entre a teoria e a prática medeiam as aberrações. E a mais cruel delas se constrói no denominado *capitalismo selvagem*. A expressão é empregada hoje para indicar um capitalismo de grande concorrência entre as multinacionais que dominam vários mercados ou países, com o apoio dos governos. Este conceito também é ligado à ausência de sustentabilidade no modelo de capitalismo dos dias de hoje.[44]

Segundo Emerson Santiago, [45] hoje,

> a locução *capitalismo selvagem* é utilizada para indicar um sistema capitalista de dimensões globais, onde ocorre concorrência ferrenha entre as multinacionais dominadoras de vários mercados ou até mesmo países, com o apoio de seus governos lenientes e corruptos, fruto da ausência de sustentabilidade do modelo capitalista dos dias de hoje. Este segundo significado também é ligado a vários outros conceitos onde o ganho financeiro suplanta o desenvolvimento humano e do planeta como um todo. Assim, o conceito de capitalismo selvagem estará ligado a vários outros temas, como por exemplo a política dos países ricos, que exploram as riquezas da terra, sem consideração a qualquer noção preservacionista, ou autossustentável, ou a banalização da morte a favor do capital, ou da guerra

44 Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismo_selvagem>. Acesso em: 10 abril 2013.

45 Disponível em: <http://www.infoescola.com/economia/capitalismo-selvagem/>. Acesso em 10 abril 2013.

> pelo petróleo, pela venda de armas, pela manutenção de um estilo de vida luxuriante nos países desenvolvidos, a venda de alimentos industrializados com produtos cancerígenos, a utilização dos pesticidas, o superaquecimento do planeta, o desmatamento, a morte pela fome e pela AIDS, a impunidade dos criminosos detentores de poder econômico, ou político, e até mesmo a infância desvalida que acaba atraída para o tráfico de drogas e a criminalidade.

Meu ativismo político se liga diretamente à não aceitação das injustiças sociais. Isso termina se tornando um grande guarda-chuva, sob o qual se abrigam inúmeras causas que reclamam a inconformidade. E as fronteiras se alargam até a parceria com os ambientalistas, que argumentam que o capitalismo exige crescimento econômico contínuo, e, inevitavelmente, esgota os recursos naturais finitos da Terra e outros recursos amplamente utilizados. A parceria se forma no âmbito da compreensão de que os modelos de desenvolvimento, de um modo geral, tiram do humano aquilo que ele tem de mais sagrado: o envolvimento com sua terra, sua história, sua memória, sua ancestralidade.

E eis que, de repente, as minhas relações pessoais também me puseram em contato com terreiros de candomblé, principalmente com o *Ilê Axé Turi Efan Olorokê*, dirigido pela ialorixá Dara Mujina. A princípio, fui acometida por um grande choque. Na primeira vez que assisti a uma atividade religiosa daquela casa, tive a certeza de tratar-se de uma festa folclórica. Caro me custou superar tal (pre) conceito, uma vez que ele estava calcado no sistema que me formou, me educou e me ensinou a interpretar o universo e a vida pelo viés da razão ocidental. Nem mesmo meu partido se livrou dessa maldição. Nesse sentido específico, para a compreensão do que era um terreiro, salvaram-me as relações com pessoas do porte de Mãe Dara Mujina, Doutor Leo, Dina e Neusa Navarro.

Quando fui me familiarizando com aquela espécie de comunidade, também ela foi me revelando a sua verdadeira face. E foi, justamente, não só observando, mas também participando de seu cotidiano, que pude compreender a organização do terreiro. Não apenas daquele terreiro, especificamente, mas das comunidades de tal natureza que faziam parte do subterrâneo ao qual foram relegadas pela sociedade hegemônica. De repente, estava tudo ali, de

maneira factual, concreta: havia uma luta renhida pela preservação de um viver para além, para muito além, do capitalismo selvagem.

A princípio, comecei a imaginar estar vendo um amontoado de incoerências. O sistema do terreiro abarcava uma propriedade privada, que não era privada e não tinha fins lucrativos. A propriedade era privada porque pertencia ao grupo. Mas o seu governo cabia aos *Orixás*. Era um espaço do qual ninguém era dono de nada, mas todos eram donos de tudo. Nele, as decisões sobre tudo eram tomadas pelos *Orixás*. O trabalho era comunal e ninguém recebia pagamento por isso. Então, onde ficava o sentido de lucro? Como aquela espécie de comunidade se mantinha? O que faziam as pessoas para viver uma espécie de duplicidade de regime? Na condição de pessoas integradas no sisema nacional, viviam nas malhas do capitalismo; na condição de membros do terreiro, viviam uma sociedade comunal. Havia um viver esquisofrênico? Havia contaminação entre esses dois sistemas? Em que nível isso ocorreria?

Foi necessário entender primeiro que, para aquela comuniade, o ganho financeiro não suplantava o desenvolvimento humano, nem o respeito e a consideração à Natureza. Comecei a perceber que ali se cultuavam valores preservacionistas e que nem a morte, nem a vida eram tratadas como fenômenos banais. E terminei por concluir que estava cometendo um terrível engano. Simplesmente eu estava querendo tirar conclusões através de uma metodologia de comparações. Não haveria porque comparar as duas escalas de valores, a da sociedade mais ampla com a das comunidades de terreiro. Era necessário apenas descobrir a nova escala, pois aquela outra, que eu tinha aprendido em minha trajetória, me impediria de estabelecer confrontos justos.

Na verdade, o grande marco se fez numa ocasião em que Neusa me levou para fazer um jogo de búzios com Mãe Dara Mujina. Eu vivia um período de muitos atritos, inclusive com velhos parceiros de luta e isso estava me deixando muito mal. No momento da consulta, eu nem sabia o que dizer, nem o que perguntar. Pela minha cabeça, meio confusa naquela fase, só passavam conceitos e categorias próprias do mundo da luta política. Mãe Dara foi de uma paciência sem limites, enunciando frases que me relaxavam, à medida que eu ia me dando conta de conteúdos a serem conversados. Vale a pena rememorar a conversa – se é que poso chamar de conversa – que tivemos no quarto de consulta.

– Você, minha iaiá, é uma pessoa muito agoniada. Não aprendeu ainda a labutar com sua cabeça, seu *ori*. Você é do Fogo, guerreira, e traz uma espada de fogo na mão.

– Eu, Mãe Dara? Como assim?

– Ah, vou lhe dizer! Já ouviu falar em Obá?

– Não, senhora. Nunca...

– Pois vai ficar sabendo hoje. Obá é o seu *Orixá*. Por isso mesmo, você carrega consigo as características dela. Ela é você; você é ela. Obá é uma das esposas de Xangô, o *Orixá* da Justiça. Ela é guerreira, se veste de vermelho e branco, usa escudo e arco e flecha. Obá é a senhora de uma sociedade chamada *elekô*. Já ouviu falar em pororoca?

– Claro. Ocorre muito lá para as bandas do norte, quando as águas do mar invadem as águas do rio...

– Isso. Pois Obá representa as águas revoltas dos rios, as pororocas, as águas fortes, as enchentes. E o mais importante: ela também representa o lado *masculino* das mulheres. Ela sabe os segredos da transformação dos alimentos de crus em cozidos. Obá inventou a roda. Embora ela seja feminina, é muito temida. Por isso mesmo, é considerada mais forte que muitos *Orixás* masculinos.

Uma de suas histórias conta que ela se transformou em um rio. Na África, tem um rio ligado a essa história: o rio Obá. Mas ela também é *Orixá* do Fogo, a ponto de muitos dizerem que ela é o lado feminino de Xangô. É considerada como o *Orixá* do ciúme. Ela sabe labutar com as brigas entre casais. Obá é *Orixá* da guerra e do poder. Quando ela fica furiosa, se agita e transborda. Tudo dela é muito misterioso e, ao contrário e Oxum, não gosta da vaidade. Aliás, existe um quiprocó entre ela e Oxum, que não se resolve nunca. Elas duas sempre estão às turras. Ela não é jovem; é uma senhora bem madura. É considerada protetora do poder feminino.

Vou lhe contar uma das histórias de Obá, que tem tudo a ver com você, iaiá: é *A estatégia de Obá*:

> Uma noite, Xangô estava se divertindo, passeando, quando escutou sons de atabaques vindos da floresta. Quis saber o que era aquilo e lhe informaram que era noite de *elekô*, culto secreto das mulheres comandadas por Obá, e que homem nenhum podia assistir, sob pena de morte. Mas Xangô é o pai da curiosidade e resolveu dar uma espiadinha às escondidas. As ramagens não

deixavam ele ser visto, mas ele podia ver tudo. Acontece que só Ossáin sabe fazer isso, e Xangô terminou sendo pego em flagrante. As mulheres cercaram ele, armadas de lanças, e ele foi levado à presença de Obá, para que fosse aplicada a pena de morte.

Quando ambos se viram, os dois tiveram a certeza: da beleza de um, o outro não escapava. Obá sabia que a lei era dura e ela não podia passar por cima da lei. Então, Obá disse a Xangô:

– Todo homem que for flagrado espiando o culto será condenado à morte.

Enquanto as mulheres se preparavam para aplicar a pena, Obá cruzou várias vezes o seu olhar com o olhar de Xangô. E ela se convenceu de que não podia deixar que as coisas fossem assim. Mas havia a lei e tinha que ser obedecida. Então, ela se lembrou de *Iya Mi Oxorongá*, a grande mãe feiticeira, e saiu às pressas, para fazer uma consulta. Bateu um acaçá com água e mel numa cuia e depositou ao pé da grande *Apaoká*, a jaqueira sagrada. Aliás, *Apaoká* é a mãe de Oxóssi. Fez a pergunta:

– Minha grande mãe, *Iyá mi Oxorongá*, estou perdida. Que faço eu agora?

Iya mi, satisfeita com o que Obá tinha lhe oferecido, respondeu:

– Obedeça a lei. Mas se lembre de que toda lei é assim: com o tempo, vai ser alterada, porque nada é para sempre...

Obá agradeceu, tomou a bênção e se retirou, na certeza de que ela também, agora, era uma condenada. Ela se deu conta de que estava amando Xangô. E já sabendo o que ia fazer, convocou as mulheres e disse:

– Vamos ser justas: vamos dar uma oportunidade ao condenado.

Subiu um burburinho entre as mulheres, até que Obá pediu silêncio a todas, e explicou:

– A lei diz: Todo homem que for flagrado espiando o culto será condenado à morte. A lei podia ser completada: ...mas se for do agrado da Senhora do Culto, poderá se unir a ela em casamento, ou aceitar a morte.

Todas as mulheres concordaram prontamente, achando justo. Afinal, todo mundo tem o direito de escolher, seja lá o que seja, desde que assuma as consequências. Agora, era ouvir o condenado. Xangô não pensou duas vezes, ia ser poupado da sentença de morte e ainda se casar com Obá, por quem tinha se apaixonado. Obá acabava de descobrir um sentimento novo que ia além

do ódio trazido pela guerra: ela aprendeu a amar e ser amada. Assim, ela se tornou a justiceira e, por isso, pune os homens que maltratam mulheres. Pois é: a lei não é uma armadura de ferro, para meter os humanos lá dentro. Mesmo, o amor é a lei maior que passa por cima de tudo.

– Viu você? Então? Você vive de espada na mão, querendo colocar a nação nos trilhos. A grande justiceira... Cuidado com os exageros do Fogo. Aprenda também a olhar para si própria, a construir oportunidades para si mesma. Cuidado com o ódio que a guerra traz. A nação é maior do que você, iaiá. Não queira botar todo mundo numa armadura de ferro. É essa a causa de sua agonia. Muitas vezes, iaiá, é preciso que um *espião* apareça, para a gente mudar de vida...

– Mãe Dara... estou abismada...

– Não se abisme não, iaiá. Confome diziam meus mais velhos, quem do pouco se abisma corra o mundo que vê mais. Tem mais, tem mais... Vamos ver o seu *Odu*.

Mãe Dara se concentrou de novo no manejo dos búzios, sempre balbuciando frases que eu não podia compreender. Creio que ela rezava em nagô. Fiquei calada, esperando, até que ela falou:

– Seu *Odu* é *Otura*. É o décimo quinto axé, vindo de Orunmilá para os humanos. Ele é fonte de grande fervor religioso, acreditando nos preceitos divinos. *Otura* concede o senso de destino individual e propósito no mundo. Sobretudo, ele traz experiência de ligação com a raiz. Sei que você, iaiá, vai me dizer que isso não tem nada a ver com sua pessoa. Engano seu. Você age como se a política fosse sua religião; o partido, sua igreja. Sua prática demonstra que os preceitos do partido são, vamos dizer assim, divinos, salvadores. Aí, você vive com eterna sensação inchada de sua própria importância para a vitória na política. Cuidado com o preconceito, iaiá. Esse sentimento de que as regras e as crenças de seu partido para melhoria de todos é o caminho da salvação, a única verdade, pode lhe jogar no abismo. E por isso eu digo que você tem uma visão religiosa da política. É preciso separar essas coisas. Os caminhos da religião são outros. Hoje é que estou vendo essa mistura de tudo: padres artistas, cantores; pastores fazendo *show* de fé; pátios de milagres a torto e a direito; uma cobiça desenfreada pelo que se supõe conforto, vitória e sucesso. Quer ser atuante na religião? Entre para

uma congregação religiosa. Mas na política, sem abrir mão de suas crenças, aja como uma verdadeira pessoa política. Essa coisa de Deus pra mim, Diabo pra ti é coisa de quem não compreende que Deus também é pai de seu inimigo.

Olhe, uma das coisas mais bonitas que aprendi nesta vida está em dois versos de uma das falas de *Otura*:

> Fale comigo para que eu possa falar com você.
> Pelas nossas vozes, nós reconhecemos um ao outro na escuridão.

Depois, iaiá, ainda tem mais. Nossos caminhos estão na vontade de Deus. Aí, me lembro de outros dois versos de outra fala de *Otura*:

> Olodumare é quem nos envia,
> quando vamos à existência.
> É Ele quem nos chama para voltar.

Viu só como o seu *Odu* é rico em sabedoria? Aprenda a beber nessa fonte. E sua sede de justiça vai se amenizar. Mas tem gente que desconhece por completo que é criatura de Deus, ignorando que Ele é o princípio e o fim de tudo. Olhe, tem pessoas que não metem a bomba em Deus porque têm medo. Aí, ficam felizes quando os bêbados e os revoltados fazem isso por elas.

– Os poetas também, mãe...

– Ah, é?

– Tem uns versos de Castro Alves[46], onde ele diz assim:

> Não basta inda de dor, ó Deus terrível?!
> É pois teu peito eterno inexaurível
> de vingança e rancor?

– É? Ele disse isso?

– Escreveu, sim, num poema chamado *Vozes d'África*.

– Ah, sim... Aquele que diz "Deus! Ó Deus! Onde estás que não respondes?"

– Isso mesmo.

– Veja só a sabedoria daquele moço: em vez de fazer seus versos acusando as pessoas por causa das injustiças de seu tem-

46 ALVES, Antônio de Castro. **Poesias completas**. Pref. Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, [s. d.]. p. 240.

po, apenas suspendeu o manto que cobria as mazelas e revelou as consequências das injustiças praticadas. Por isso mesmo, até hoje é lembrado. Deu no que deu... Você precisa se cuidar: cuidar do seu *ori*; cuidar do seu *Orixá*; cuidar do seu *Odu*. Você sabe, iaiá: eu não sou médica, não sou psicóloga, nem formada eu sou. O que eu sou mesmo é ialorixá, mãe de santo, conforme vocês dizem. Então, é na condição de mãe de santo que eu sei como cuidar de você. Vamos marcar uma data para você voltar aqui. Aí, vamos fazer uma obrigação para fortalecer seu *ori*, isto é, sua cabeça; oferecer uma obrigação para Obá, o seu *Orixá*; e fazer um *ebó* para *Otura*, o seu *Odu*. Acertamos o dia e o que é necessário providenciar para isso.

Nesse ponto, nossa conversa, isto é, a consulta, foi encerrada e eu voltei para casa com uma montanha de coisas para digerir. No caminho de volta, eu disse a Neusa que não estava em condições de conversar sobre a consulta, naquele momento. Eu precisava de um tempo para as coisas se assentarem em mim. Pedi a ela que nos encontrássemos no dia seguinte e ela concordou prontamente.

À noite, custei a dormir, atinando no excesso de teoria no qual eu vivia mergulhada, sonhando com um país cujo povo fosse alvo de medidas justas por parte de um governo que fosse tão justo quanto as medidas que tomasse. De repente, estava ali, diante de mim, o povo de Mãe Dara Mujina, um agrupamento alijado do acesso ao bolo de riquezas da nação que ele mesmo ajudava a construir e, nem por isso, deixava de praticar um viver comunal, fundado em outros valores: respeito à tradição e aos bens naturais; o uso do espaço para a reprodução social, cultural e espiritual da comunidade; e a aplicação de saberes tradicionais, transmitidos através da oralidade. Uma espécie de comunidade que valorizava a memória, o respeito à Natureza, à mãe Terra, aos antepassados, aos ancestrais. Ali, a vida era considerada o dom maior e, por isso mesmo, deveria ser festejado. Um conjunto de pessoas convivendo em harmonia com plantas, animais e minerais, numa relação com o divino que fazia daquele pedaço de chão, simultaneamente, um reino real e encantado de verdade. Ninguém discutia teorias, mas elas, as teorias, eram vivenciadas na prática cotidiana, sem necessidade de discursos inflamados, sem análises das categorias, sem discussões conceituais sobre modelos políticos ou econômicos. E pensando nisso tudo, terminei adormecendo.

No dia seguinte, fui em busca de Neusa. No trajeto, fui pen-

sando o quanto sou devedora do grupo do Doutor Leo. Apesar de se constituir de pessoas não muito afeitas a discussões políticas, nem muito menos a atividades partidárias, são pessoas com quem se pode conversar sem receber críticas ácidas, ou atitudes preconceituosas. Muitos do meu partido consideram aquele grupo como um conjunto de burgueses, completamente divorciados dos padecimentos e da situação da maioria, que passa por todas as espécies de privações. Sempre saio em defesa, afirmando que, quem os julga assim, é porque, de fato, não conhece aquelas pessoas. Creio que meu acesso àquele grupo contribuiu de uma maneira ou de outra, para que meu grupo político pudesse construir outra visão sobre o grupo de Doutor Leo. Mesmo, não posso e não devo esquecer os dizeres de Ivan Martins: nossa cultura "exclui por classe, por cor, por geografia [...]". Também é compulsório lembrar que preconceito não é exclusivo de uma única classe. Ele se manifesta até mesmo entre pessoas quem têm a mesma cor da pele, ou a mesma religião, ou a mesma opção sexual.

Encontrei Neusa ainda tomando café. Sentei-me com ela e também comi qualquer coisa. Enquanto isso, eu fui narrando a consulta do dia anterior, as falas de Mãe Dara Mujina e as minhas reflexões sobre tal assunto. Conversamos bastante também não só sobre meus assuntos pessoais, mas também sobre minhas conclusões a respeito da organização daquele terreiro e o modo daquelas pessoas praticarem o fazer e o viver. Eu considerava realmente tudo aquilo muito desafiador, a ponto de mexer no que eu entendia como prática socialista para enfrentar o capitalismo. De repente, eu me dava conta do real motivo do rompimento entre Freud e Jung. Para esse último, não se podia descartar a dimensão espiritual na compreensão da estrutura da mente humana.

Findo o café, Neusa me chamou para vermos a mandala de meu mapa astral. Ligou o computador, abriu o programa e pôs meu mapa na tela. Ela foi falando e eu fiquei ouvindo:

– É, amiga... Conforme você já sabe, você é uma ariana, porque tem Sol em Áries. E a sua Lua está em Sagitário. Esses dados já seriam suficientes para a gente conversar por um bom tempo. Então, você é do Fogo. Isso diz de assertividade, espírito guerreiro. A frase que melhor lhe define é "Eu sou". Competitiva e impulsiva, você é o próprio Marte, de espada na mão. Por conta disso, o seu ânimo para a batalha tem muito da compulsividade. Isso tem muito

a ver com a ira que a domina, quando o opositor se expande. Daí, é preciso também se dar conta de um traço muito forte de sua Lua sagitariana e buscar compreender que o seu desejo pessoal não é a mesma coisa que desejo divino. Mas veja só que coisa interessante: segundo você, Mãe Dara Mujina informou que um dos traços de seu *Odu*, *Otura*, traz... Como é mesmo?

– Experiência de ligação com a raiz.

– Esse é justamente um traço característico de Sagitário. E aí, vamos ter o quê? A sua Lua sagitariana. Lua é o modo como a gente sente. Então, você carrega consigo essa água, isto é, Lua, sentimento, emoção, numa casa de Fogo: Sagitário. É preciso aprender harmonizar isso, saber lidar com esse componente seu. Não se pode tirar isso de você, pois se trata de um componente estrutural. Mas tem que aprender a lidar com tal componente. É como quem dirige um carro: se souber dirigir bem, o carro facilita sua vida; se não souber, o carro poderá lhe matar. Uma terapia do Fogo lhe faria muito bem. Conhece *A mandala do amor*, de Júlio César Parreira Lima?[47]

– Não; não li, nem nunca ouvi falar...

– Esse título *água com açúcar* pode até afastar leitores, mas é um livro sério. Eu tenho; vou lhe emprestar. Depois que você ler, a gente discute sobre a terapia do Fogo. Você pode muito bem complementar com isso o que vai ser feito por Mãe Dara Mujina. Não há contradição, pois se trata de lidar com os mesmos princípios. Amiga, neste exato momento, Plutão está no Capricórnio, passando por cima de seu Marte natal. Sabe o que significa isso? Quando Plutão passa, acontece a queima de todos os ninhos, a explosão das muralhas que protegem nossos castelos invioláveis, ou escondidos. Então, você não poderia estar vivendo outra coisa, senão a grande crise da aflição de seu Marte. A ordem é operar mudanças no nível das concepções da relação eu/os outros. Quebrar estruturas, no entanto, exige mesmo muito mais cuidado, do que construí-las, para não se jogar a criança fora com a água em que ela foi banhada. Está me entendendo, Ariadne?

– Estou, sim. Mas nunca imaginei que, abordando o tema que eu sorteei, sobre a organização do terreiro, viesse meter a mão neste pote de marimbondos, que sou eu...

47 LIMA, Júlio Cesar Parreira. **A mandala do amor**. Astrologia, meditação e cura. São Paulo: Ground, 1998.

– E olhe que você vai ter mais um enfrentamento...

– Qual?

– Escrever, conforme o grupo combinou, sobre um aspecto de Orixalá, com base num fragmento sorteado, do *itan*, e seu contato pessoal com o mito e em que isso resulta.

– Nem me fale, amiga... Até fico me perguntando: de onde me vem essa necessidade de ter de passar por este moedor? Eu vejo aí meus colegas, os parceiros de luta política, a maioria tranquila, tranquila, sem essas crises disso, daquilo. Todos lutam, brigam, é certo. Mas sem essa coisa que me ataca, para ver a vitória daquilo pelo qual a gente briga tanto.

– Não podemos abordar tudo de vez. É muita coisa a analisar e a compreender. Se você quiser, vamos combinar alguns encontros, e vamos estudar isso, juntas.

– Ah, eu quero, sim. Claro! Estou me sentindo uma granada a ponto de explodir...

– Então, vamos adotar algumas medidas imediatas: fazer natação e seções de ioga, para respirar melhor. Vou lhe passar uma série de Florais de Bach, mas precisamos também conversar sobre isso, para que você faça o uso com consciência. Vou lhe emprestar também um livro bom sobre esse assunto: *Manual ilustrado dos florais do Dr. Bach*, organizado por Philip Chancellor,[48] traduzido por Júlio Fischer. Vamos esquematizar: você vai voltar ao terreiro e fazer o que Mãe Dara Mujina recomendou; vai fazer natação, ioga e tomar uma série de florais. Também vamos desenvolver algumas seções de acompanhamento, para continuarmos analisando seu mapa. Além disso, a leitura de dois textos: o de Júlio César, sobre terapia do Fogo e o de Philip Chancellor, sobre florais de Bach. Se você é guerreira e vive num campo de batalha, vamos batalhar em várias frentes. Está bom assim?

Saí da casa de Neusa reconfortada. Embora estivesse me sentindo, como já disse, uma granada prestes a explodir, a confiança em Mãe Dara Mujina e em Neusa era mais do que reconfortante. Mesmo, eu queria superar aquela grave crise, mas entendendo de onde vinha tudo aquilo que eu estava passando. Havia também outra emergência: dar conta do texto combinado. No dia seguinte, comecei

48 CHANCELLOR, Philip M. **Manual ilustrado dos remédios florais do Dr. Bach**. Tradução de Júlio Fischer. São Paulo: Pensamento, [1971].

a trabalhar os dois itens que ainda faltavam para completar este texto, que, aliás, já está ultrapassando os limites do que planejei escrever.

Revendo as possibilidades de meus dizeres, me dei conta de uma grande questão que o *itan A viagem de Orixalá* parece tangenciar, mas na verdade é um de seus pilares: a questão individual *versus* coletivo. É justamente isso que revelam as duas passagens: "Era preciso saber de cada preso" e "todos deviam ir em procissão buscar Orixalá". O conflito é resolvido com a comunhão: "Ia ser servido um banquete de desagravo". A técnica de abordagem é cinematográfica, focalizando Orixalá caminhando; depois, ele desaparece e o foco é dirigido para a coletividade de Oyó. É necessário que o individual faça o contraponto com o coletivo. Mas tal construção não se resume a um simples ato de soma. É justamente isso que preside o imaginário do *itan*: Orixalá, o indivíduo, promove a tomada de consciência por parte do coletivo. É possível que isso tenha provocado, na diáspora, uma espécie de veneração especial a Orixalá no Novo Mundo. Afinal, o colonizador também aprisionou índios e africanos injustamente. A grande diferença reside no fato de os estratos sociais dominantes ainda não terem servido *o banquete de desagravo*, isto é, a socialização dos bens e serviços desta nação. E de tal sociedade, Orixalá *espera* até hoje que a justiça seja feita e o coletivo seja reequilibrado.

Naquela noite da *Festa do Pilão*, o *itan* narrado por Mãe Dara Mujina me deu a dimensão desse senso de justiça vivenciado pelas comunidades de terreiro. A sua organização social, política e religiosa as faz executar concretamente uma experiência que supera os limites do capitalismo, e onde a selvageria não tem espaço para acontecer. Nesse caso, o que se constitui foco da diferença é o interesse. Conforme diz Renato Santos de Souza, "Os interesses são a razão de ser das operações de poder; que por sua vez, são a matéria-prima de toda a atividade política." No terreiro, o interesse traz, acima de tudo, a marca indelével da fé. Por isso mesmo, tudo o que se faz assim se faz fundado na esperança e na confiança de que, com a ajuda e o consentimento dos *Orixás*, tudo vai funcionar. Tal forma de viver e fazer exige disciplina. Por isso mesmo, o terreiro não vive sem a hierarquia. Tal visão tem seus alicerces no entendimento das pessoas, de que na Natureza, tudo está hierarquizado e o humano é apenas mais um item na engrenagem deste nosso universo que funciona à nossa revelia.





DÉCIMO SEXTO CAMINHO: *Ìrẹ̀tẹ̀* (Ireté)

E na festa foi oferecido o Pilão. Foi um banquete preparado com muito inhame e várias espécies de alimentos brancos. Tudo sem sal e sem dendê, porque Orixalá não suporta essas coisas. Pombo branco, então, nem se fala, teve com fartura. Todos comeram juntos, rezaram, cantaram e dançaram, celebrando a vida. Era a garantia de que tudo ia voltar ao normal no reino de Oyó. Dito e feito.

A corte de Orixalá e o luxo do candomblé

Paolo di Lucca

Orixalá é um *Orixá*, portanto está circunscrito à cultura iorubá, cujo povo ficou conhecido, aqui, como os nagôs. Ele faz parte de um conjunto denominado *Orixás funfun*, isto é, *Orixás* do *branco*. Aquilo a que ele tem ojeriza é proibido às pessoas cuja cabeça lhe pertença. É considerado o pai da criação, rei da paz e da simplicidade levado-se em conta que a simplicidade é o último degrau da sabedoria.

Na mitologia nagô, os *Orixás* mantêm relacionamentos recíprocos e todos eles terminam por formar a corte de Orixalá. E nas suas festas anuais, Orixalá se manifesta, normalmente acompanhado de vários outros *Orixás*. Os terreiros de candomblé o homenageiam com solenidades rituais pomposas, com todo luxo, circunstância, suntuosidade e abundância.

As diferenças entre a cultura da sociedade mais ampla e as comunidades que se consideram de origem nagô promovem conflitos no uso de certas palavras. No nosso idioma, *luxo* é algo até mesmo combatido pela maioria dos fiéis de outras religiões.

Supõe-se que o luxo não passa de desperdício, ostentação e arrogância. É necessária outra compreensão, quando nos referimos

ao povo de terreiro de origem nagô. Por isso mesmo, existem palavras que precisam ser olhadas de perto. Um bom exemplo será o caso do *banquete*.

Nos rituais festivos de um terreiro, as iguarias, os alimentos, tudo é servido em folha de bananeira ou de mamona, a depender do *Orixá* que estiver sendo homenageado. É puro luxo comer na folha. Mais luxuoso ainda é abdicar dos talheres e comer com a mão. E se a pessoa, após o repasto, lamber os dedos, será considerada conhecedora de um dos gestos mais singulares da etiqueta dos terreiros. A bebida considerada mais luxuosa para ser servida nos banquetes rituais é o *aluá*. É uma espécie de bebida fermentada, à base de milho, fabricada no próprio terreiro. A sua elaboração exige especificidades do conhecimento culinário e da ritualística.

Homens e mulheres de todas as idades, e também as crianças, vestem-se com trajes típicos, nos rituais de terreiro. Todos usam colares multicoloridos. É comum o uso de anéis, pulseiras e braceletes. O bom gosto com que a maioria se traja transmite um ar de luxo e até de riqueza. Porém tal aparência se deve muito mais à combinação harmoniosa daquilo que é usado.

No terreiro, as pessoas de corpos volumosos não têm motivo para se sentir discriminadas. Durante os rituais festivos, o estilo de vestes utilizadas dá a essas pessoas uma silhueta harmoniosa. Aliás, é preciso reconhecer uma peculiaridade: o terreiro não adota o padrão apolíneo de beleza corporal.

No que diz respeito à sociedade mais ampla, nestes tempos da dita Pós-modernidade, as pessoas querem alcançar a perfeição do corpo pelas dietas, pelas cirurgias, pela negação do corpo e suas sensações. O corpo agora, porém, se expande para suas laterais. Isso pode significar que o padrão biológico dos humanos está em franca mutação, quanto ao volume. Por causa disso, não são poucas as pessoas que se metem em camisas de força para enformar o corpo nas medidas e pesos desejáveis, sob uma ótica que combate o apetite e nega a vontade de comer. Um novo decálogo se impõe com os chamados indicadores desejáveis informados pelos exames médicos. Máquinas tiranas ditam índices a serem alcançados para quem quiser continuar a ser considerado humano. Os famosos regimes, a renúncia aos prazeres da mesa e a excomunhão às gorduras e aos hidratos de carbono constituem temas indispensáveis em qualquer nível de conversa. Vivemos o primado dos nutricionistas.

No caso do candomblé, existem até *Orixás* volumosos, a exemplo de Iemanjá. Aquela pintura, tão conhecida popularmente, apresentando uma mulher jovem, morena, de corpo torneado, cabelos lisos e muito longos, portando uma tiara com uma estrela brilhante na testa, nada tem a ver com a cultura afrodescendente. No imaginário nagô, Iemanjá é negra, tem seios abundantes e corpo volumoso igual ao seu domínio, o oceano.

Assim também o luxo do candomblé nada tem a ver com o que se entende como *luxo* por parte do público em geral. Exemplo disso é o cardápio servido no banquete que Xangô ofereceu a Orixalá em ato de desagravo. Vale lembrar que o banquete foi servido no palácio. Tratava-se, portanto, de um evento promovido pelo rei. Nele, foram servidos pratos à base inhame e pombo, conforme é narrado no *itan A viagem*: "um banquete preparado com muito inhame e várias espécies de alimentos brancos. Tudo sem sal e sem dendê, porque Orixalá não suporta essas coisas. Pombo branco, então, nem se fala, teve com fartura." Não era suficiente que fosse pombo; era necessário que fosse branco. Tal nível de exigência configura detalhes no luxo do candomblé.

A *Festa do Pilão*, oferecida por Xangô, tinha como objetivo agradar Orixalá. No terreiro, ainda é assim: os filhos e filhas de santo sempre querem agradar o seu *Orixá*. E quando se trata do *Orixá* patrono do terreiro, o agrado a ele é por parte de todos. *Agradar* é diferente daquilo que comumente se chama *dar um presente*. Esse último, quase sempre, se realiza a título de obrigação social. O agrado, ao contrário, brota de uma vontade de ver o outro contente, na certeza de que é amado por parte de quem o ofereceu.

No *itan* em consideração, o banquete se faz agrado a Orixalá. Por isso mesmo, no cardápio, tudo foi preparado "sem sal e sem dendê, porque Orixalá não suporta essas coisas." Conhecer o que agradava a Orixalá foi fundamental para a elaboração do banquete. Os elementos constitutivos do agrado vão alem dos alimentos. Incorporam também o ato de comer juntos, rezar, cantar e dançar, pois o banquete era uma celebração à vida.

A *Festa do Pilão* nos terreiros, ainda nos dias atuais, não se constitui um simples momento de ritual religioso, nem muito menos diversão. Ela é necessária porque promove a garantia da permanência em um estado dito de normalidade, ou do retorno a ele. Supera de longe, mas de muito longe mesmo, a política do *panem et*

circenses, isto é, *pão e circo* para acalmar o povo. Isso foi uma invenção dos romanos e até hoje é adotada pelos governos demagógicos.

No fragmento do *itan* em apreciação, "voltar ao normal" não se limitava apenas ao equilíbrio do clima, à fertilidade das mulheres, à produção agrícola. O senso de justiça também foi restaurado. Nas sociedades compostas por milhares de pessoas, chegar a tal estágio não se constitui tarefa fácil.

Quando se trata do embate entre gerações, fazer justiça aos antecessores nem sempre faz parte da proposta dos sucessores. No nosso caso, por exemplo. É notória a oposição entre a geração que já se despede e a outra que se insinua, para ocupar o lugar da anterior. A primeira priorizou o patrimônio e o *status*. A última quer apenas dividir experiências. Justamento por isso, namorar, noivar e casar estão se resumindo apenas a *ficar*. A primeira acreditou em diagramas arbóreos, raízes fincadas no chão. Sejam dos costumes, da genealogia, do vínculo com a terra natal. A de agora acredita em antenas, nas ligações em rede. Daí, o grande sucesso das redes sociais.

Num exemplo bem pessoal, essa tem sido a causa dos conflitos entre mim e minha família, principalmente com o meu irmão Heitor. Ele ainda não conseguiu se libertar da tutela do passado, simbolizada no patrimônio e no *status*. Para ele, eu sou um derrotado por causa das escolhas que fiz. Aos trinta e três anos, não adquiri a casa própria e nem penso nisso. Gosto de me mudar constantemente, fazer novas amizades em novos condomínios e morar de aluguel me propicia isso.

Gosto de *glamour*, ambientes bem decorados, mulheres que trajam a alta costura, enfeitadas de joias caras. Vernissages, exposições, noites de ópera, peças teatrais, banquetes com famosos, festas de gala. Prefiro isso, a que muitos chamam de frivolidade, à sepultura para sempre, ainda em vida.

Frivolidade é saber-se condenado à morte, desde antes de ter nascido, sem saber quando isso acontecerá. Além de frivolidade, é masoquismo puro. Então, que venham todas as nuances da festa da vida. Afinal, por ela, só passamos uma vez. Mesmo os reencarnacionistas, que têm certeza de voltar, voltarão; mas sendo outras pessoas. Até nessa crença, basta vir em outro corpo para ser outra pessoa. Então, pela vida, só passamos uma vez.

O deslumbramento dos brilhos em noite de festa me arrebata. Por isso, não considero pecado preferir o presunto de Parma,

o vinho *Brunello de Montalcino* e fazer compras nas lojas típicas da cidade de Lucca, na Itália, cujas visitas turísticas a ela se constituem uma festa para meu espírito. Lucca é uma comuna italiana da região da Toscana. É a terra natal de Puccini. O seu centro histórico conserva ainda o plano de ruas romano e a *Piazza San Michele* ocupa o local de um antigo fórum. Desde 1966, a cidade é sede do maior festival de quadrinhos e de jogos da Itália, o *Lucca Comics & Games*, realizado todos os anos no mês de novembro.

Desde jovem, me senti atraído pela cultura italiana, mas cresci num lar em que as pessoas detestavam música clássica. Enquanto isso, eu detestava música brega e tinha ojeriza ao nome que escolheram para mim: Heraldo. Quando cresci, terminei descobrindo que é de origem germânica e significa *comandante do exército*. Ora, eu nunca quis comandar exército nenhum.

E como resolvi adotar outro nome para mim? A história é longa, mas vale a pena relembrar. Comecei a trabalhar aos 14 anos de idade, como jornaleiro. À medida que o dono do jornal foi percebendo que eu era um adolescente muito interessado, rápido e desenvolto, foi me dando tarefas dentro da própria oficina do jornal. Também me meti a fotógrafo, providenciando imagens avulsas para o jornal. As fotos realmente aproveitáveis me rendiam um adicional ao salário. Depois, também fui incumbido de catar notícias para o cronista social da época. Eu achava as festas, os eventos e os encontros simplesmente um deslumbramento. Enquanto isso, detestava o estilo do cronista para qem eu providenciava notícias e imagens.

Por mais que eu trabalhasse, meus ganhos não estavam dando para me suprir de uma boa música, viajar para o sul, a fim de assistir a bons filmes e espetáculos de arte. Um belo dia, Joaquim Palácio, o dono do jornal, me incumbiu de procurar um advogado de nome Leonam Navarro, para uma entrevista. Seu Joaquim preparou um questionário que o advogado deveria preencher. Já estava tudo agendado e eu, um tanto nervoso, mas tentando disfarçar, fui ao encontro com o advogado.

A residência me deixou fascinado. Ao entrar no apartamento, dei de cara com um Portinari legítimo. Muitos quadros de outros pintores famosos, esculturas em estilo grego. Um som vinha do interiror. Era a *Sonata ao Luar* de Beethowen. Arrepios me dominaram, o coração acelerou. Doutor Leo quis saber:

– Está se sentindo bem, moço?

– Muito bem, senhor. É a emoção provocada pela música de Beethoween.

– O quê?! Você tão jovem, vivendo neste fim de mundo, conhece música clássica?

– Além de conhecer, entro no nirvana, quando ouço esse tipo de música. Chopin, Strauss, Vivaldi... E Puccini, o meu preferido... Ah, *La bohème*, *Tosca*, *Madama Butterfly* e *Turandot*... Morro..

Doutor Leo me olhava meio espantado.

– Então, meu filho, você é a exceção das exceções. Onde Palácio descobriu você? Você é daqui mesmo?

Saí de lá, após uma entrevista duradoura e entrecortada de casos e histórias que Doutor Leo me contou. Dois dias depois, Seu Joaquim mandou me chamar, para que eu fosse ao pardieiro que ele chamava de escritório, na sede do jornal. O que ele me participou me deixou até um tanto perplexo. Doutor Leo foi vê-lo pessoalmente e rasgou elogios a minha pessoa. Por fim, acrescentou:

– Olha, você acaba de penetrar numa das maiores fortalezas da região. E tem mais: Doutor Leo quer vê-lo outra vez. Disse para você procurá-lo, que ele tem uma proposta para você...

Agradeci, me despedindo. Claro que fiquei meio zonzo, sem atinar em que espécie de proposta haveria de me ser feita. Achei melhor esperar um pouco, para não demonstrar puxassaquismo. Três dias depois, retornei à casa de Doutor Leo. Ele estava de saída, mas mesmo assim me recebeu. Disse à queima-roupa:

– Tenho duas propostas para você, meu jovem. Só posso falar da segunda, dependendo dos resultados da primeira. E a primeira é para já, justamente neste exato momento. É uma surpresa: você me acompanharia a uma visita que vou fazer agora mesmo, a uma pessoa amiga. Eu quis saber do que se tratava, mas Doutor Leo foi impositivo. Tratava-se de um surpresa, portanto nenhuma informação seria adiantada. Respirei fundo e aceitei. *Alea jacta erat*[49].

Após atravessar a cidade, Doutor Leo tomou a direção de um bairro meio afastado, penetrou numa rua enladeirada, sem calçamento, até que a rua terminou. E de repente, estávamos na sentada de um morro, em frente a uma propriedade toda murada, cuja entrada era um largo portão com uma placa enorme de madeira, ostentando uma frase em outro idioma. *Ilê Axé Turi Efan Olorokê*. Aí,

49 A sorte estava lançada.

eu me dei conta de onde estávamos. Inúmeras vezes, eu tinha ouvido falar daquele terreiro, mas nunca tive curiosiade de conhecê-lo.

Eu, um tanto desconfiado, me sentindo um peixe fora dágua. Doutor Leo, todo radiante de contentamento. Quando saltamos do carro, várias pessoas nos receberam. Uma delas se destacou, a quem Doutor Leo tomou a bênção, beijando-lhe ambas as mãos. Era Mãe Dara Mujina, a mãe de santo daquele terreiro. O seu porte de rainha me deixou abismado. Trajando uma riquíssima saia bordada em *rechilieu*, um arrumadíssimo turbante na cabeça, braceletes, pulseiras, anéis e um grosso colar de missangas leitosas davam o arremate. Mãe Dara só recebia seus visitantes trajada a rigor, em figurino obedecendo ao luxo do candomblé. Fina no trato, comedida nas palavras, riso profundamente acolhedor. Não tinha o queixo empinado, mas não baixava a cabeça. A mesma imponência reinava naquele ambiente, exalando um ar de magia e bem estar. Posso dizer que o verde das árvores e do gramado que cobria o chão envolvia as pessoas de oxigênio e acolhimento.

Doutor Leo me apresentou a várias pessoas da cumunidade, cujos nomes eram em outra língua. As demais pessoas se afastaram um pouco e Mãe Dara Mujina nos convidou para sentarmos a uma mesa, embaixo de uma enorme mangueira. Trouxeram suco de mangaba para nós. Eu fui relaxando aos poucos, me dando conta de que, de fato, eu estava em outro planeta. Descrever o que vi e narrar os detalhes da conversa mantida demandariam muitas páginas. Para resumir, eu estava diante do luxo do verde da vegetação, em perfeita harmonia com as construções, que obedeciam a um padrão que não era ocidental. O cheiro de flores e ervas aromáticas dominava os ares.

A conversa entre Mãe Dara e Doutor Leo não me deixou marginalizado. Ao contrário, os dois faziam questão de sempre estar se dirigindo a mim, embora eu ficasse boiando diante de alguns assuntos abordados. Houve um momento em que Doutor Leo se dirigiu a mim especificamente:

– Heraldo, lembra que, na primeira vez que nos vimos, você se referiu à questão de seu nome, ao qual você não é muito afeito? Pois, meu jovem, estamos aqui, numa comunidade que esbanja bom gosto e fartura. Até os personativos, as pessoas daqui têm mais de um. Mãe Dara Mujina, por exemplo, além de chamar-se Maria Cristina Silva dos Santos, ela é Dara Mujina, seu nome nagô. Viu

só, quanto luxo? Quem sabe se Mãe Dara não descobre um nome luxuoso para você também...

Mãe Dara achou aquilo muito engraçado e comentou:

– O senhor sabe muito bem, Doutor Leo, que não é assim que as coisas funcionam no terreiro. Sei que o senhor está fazendo uma brincadeira. Mas quem sabe se no jogo de búzios algumas coisas deste moço poderão ser esclarecidas...

– A senhora faria um jogo para ele, Mãe Dara?

– O senhor bem sabe que um pedido seu é uma ordem. E o moço quer saber dessas coisas? Sempre o senhor inventando coisas...

Fiquei meio atarantado, num misto de curiosidade e, até mesmo, receio. Dado o inusitado da situação, terminei aceitando. Doutor Leo conduziu a situação:

– Vá, rapaz, eu lhe garanto que você vai gostar. Vai ser bom para você. Eu vou ficar aqui, esperando, me deliciando com esse verde luxuriante.

Mãe Dara se levantou e disse que eu a acompanhasse. Entramos num quarto reservado e ela disse que eu me sentasse. Deu meia volta em torno de uma mesa em forma de meia lua, onde alguns objetos que não me eram familiares estavam dispostos. Foi um tanto difícil para mim prestar atenção na maioria dos detalhes. Era muita informação para aquele dia. Notei bem uma espécie de bandeja de madeira, redonda, circundada por vários colares, na qual estava um conjunto de uma espécie de conchas. Mãe Dara se acomodou na cadeira, perguntou meu nome completo, meu endereço, minha data de nascimento, com local e horário precisos. Depois, apanhou os búzios, sacudiu entre as mãos repetidas vezes, enquanto recitava um texto em outro idioma completamente desconhecido para mim. Por fim, me perguntou?

– Então, já está se preparando para a viagem?

– Viagem? Olhe, que eu saiba, não tenho viagem marcada nenhuma. Nem sequer recursos para uma pequena viagem agora eu tenho...

– Pois... Se prepare. A partir de amanhã, comece a tirar seus papéis para viajar para o estrangeiro.

– Papéis?! Estrangeiro?! Eu?! Em breve?!

– É isso que eu estou lhe dizendo, seu moço. Você é filho da Oxum e ela está dizendo que vai lhe levar numa grande viagem para o estrangeiro, em muito breve, mas muito breve mesmo. No máximo, um mês ou um pouquinho mais.

– Então, vai ser um milagre...

– Nada de milagre, moço. Já lhe disse: você é filho da Oxum, a mãe da riqueza, dos caprichos, do luxo.

– Ah, meu Deus... Me explique isso direito, Mãe Dara.

– Pois é. Oxum é a mãe das águas doces, dos rios, cachoeiras e fontes. Mãe do ouro. Enfeitada da cabeça aos pés, recamada de joias. É a mãe do sentimento, toda melindrosa, exigente e refinada. Seus filhos e filhas têm encontro marcado com o sucesso, com a vitória, com o brilho. Basta saber agarrar a oportunidade na hora certa, sem medo de ousar. Mas se não souber fazer isso, vai ficar marcando passo...

– Ah, meu Deus...

– Ah, tem mais: seus conflitos familiares serão resolvidos com essa viagem que você vai fazer. Quando você voltar de lá, já será outra pessoa. Até o seu nome vai ser outro. Você vai ser um nome reconhecido, e vai ter dinheiro suficiente para viver bem. Mas tem uma condição: nunca seja ingrato. Oxum não suporta ingratidão. Sua cor é o amarelo em todos os seus tons. O dourado também. Você é uma pessoa da boa música, do jantar à luz de velas, das obras de arte, das roupas caras, dos perfumes caríssimos. Também não é uma questão de preço: é, antes de tudo, de bom gosto, mesmo que seja a coisa mais simples do mundo. Tudo isso é Oxum: as coisas tudo bem arrumadas, tudo limpo, tudo cheiroso. A casa eternamente arrumada como se esperasse um visita importante para aquele momento. Mas tem uma oisa: Oxum dá, mas também tira. E se ela fechar a mão, adeus!, não tem quem abra... Oxum detesta grosseria, falta de educação, rispidez. Ah, e o choro? Até mesmo de alegria, a cachoeira desce dos olhos. Oxum chora porque está sorrindo, e ri porque está chorando. Os filhos e filhas de Oxum são assim: iguais a ela. Portanto, se você é um filho de Oxum, o que devemos concluir?

– Mãe Dara... Estou pasmo... A senhora acaba de fazer minha radiografia... A senhora não imagina o quanto sou criticado por causa de tudo isso que a senhora me disse agora. Da minha própria família, recebo as piores críticas: meu pai, meu irmão mais velho. Esse, então, vive a me massacrar, me ofendendo, me detratando, dizendo que eu sou a *ovelha negra* da família.

– Meu filho, você conhece aquele dizer, "Quem deixa passar passa também"? Pois então, seja bom consigo mesmo. Ponha-se

acima dos comentários dos preconceituosos. Diga para si mesmo: "Quando a carruagem passa, os cahorros ficam latindo porque são cachorros. Se fossem gente, iam me aplaudir, em vez de latir." E você vai ver como o latido fica insignificante. Se prepare: sua viagem para o estrageiro vai despertar inveja e ciúme. Vai ser um disse me disse. Aí, sabe o que você faz? Aprenda com Oxum: ponha as duas mãos nas cadeiras, atravesse os olhos e dê uma olhadela de desdém por cima dos ombros. Arremate com um muxoxo. Pronto: reduz tudo a munturo... Olhe aqui, como você deve fazer... Aliás, você não é gente, sabe fazer isso muito bem, não é verdade? É da sua natureza...

Aí, ela se levantou e reproduziu em si mesma o que tinha descrito, com riqueza da gestualidade. Não teve jeito: dei uma gostosa gargalhada. Ela sorriu também, mas imediatamente retomou o ritmo sério do ato da consulta.

– Não descuide de sua garganta. Ela é o ponto fraco do seu corpo. Depois, eu vou lhe ensinar como fazer isso. Tem mais uma coisa, meu flho: o seu *Odu*. Todo mundo tem um *Odu*. Ele é a manifestação de Orunmilá, o Senhor do Destino, sobre os humanos. O seu *Odu* é o décimo sexto, conhecido como *Irete*. Sabe, moço? Tudo no mundo tem dois lados. Então, *Irete* é a energia que cria a abundância. Podemos até falar de *determinação*. Por isso mesmo, podem acontecer os exageros. Mas muita determinação já é teimosia. Cuidado com a teimosia. Muitas vezes, é preciso dar a volta pelo pé do morro, para não se matar, tentando cavar um túnel sem as ferramentas e os recursos para isso. Cuidado, mas muito cuidado mesmo, com a resistência em mudar. É fácil para você mudar de casa, mas lhe é muito difícil mudar de domicílio. Tanto é assim que, até hoje, você muda de casa todos os anos. Mas você já reparou que tudo na casa nova é arrumado do mesmo jeito que era na casa anterior? É um faz de conta de mudança. Então, aproveite essa energia do seu *Odu*, a determinação, e aprenda a mudar. Não é mudar por mudar; é mudar quando for necessário e conveniente. Mas tendo a clareza disso.

Terminada a consulta, saímos do quarto. E quando Doutor Leo nos viu, bradou:

– Já sei que a coisa foi boa. Ele está vermelho como lacre...

Nós todos rimos e ainda passamos alguns instantes conversando. Interessante: Doutor Leo não fez pergunta alguma sobre a

consulta. Hoje, eu entendo por que. Apenas perguntou o que eu achei do terreiro, da comunidade, de Mãe Dara Mujina. Lembro-me bem que fiz vários comentários. Mas eu disse algo que o fez me interromper e me causar profunda surpresa:

– Sabe, Doutor Leo, se há uma diferença de estilo, não há uma diferença de essência entre aquele terreiro e a antiguidade clássica. Ele não é um *Château de Versailles*, estagnado no tempo e no espaço. Ao contrário: ele é uma miniatura da África que traz o passado, a memória e a ancestralidade para o presente, de uma maneira viva e palpitante. Esse tipo de coisa me encanta e me seduz.

– Então, vamos levar isso adiante. No próximo sábado, meu grupo vai se reunir mais uma vez, lá em casa, para um jantar. Você é meu convidado. Mas seja reservado; não espalhe a notícia.

Eu ainda quis saber quem fazia parte do grupo, mas ele não adiantou informações. Apenas disse que eu ia saber na hora. Não é necessário dizer que vivi uma semana de ansiedade. Os dizeres de Mãe Dara Mujina e o convite de Doutor Leo pareciam estrondo de cachoeira na minha mente. Mal sabia eu o que me aguardava ainda. Fui tomado por uma enorme preocupação quanto ao que eu deveria vestir e calçar para participar de um jantar em casa de gente tão granfina. Eu tinha uma calça de linho HJ, branca, de pouquíssimo uso, guardada em invólucro isolante; uma camisa de seda da Índia que ganhei de presente e um sapato *Samello* clássico, cromo alemão preto. Tudo isso muito bem guardado para evitar poeira, mofo e amassos. Afinal, eu só tinha essa opção, quando se tratava de frequentar um ambiente requintado. Eu mesmo lavei as peças e passei com o maior cuidado.

O *Dia D* chegou. Precisei tomar um copo de água com açúcar, antes de sair de casa, para me acalmar um pouco. Quando toquei a campainha da porta, alguém veio me receber. Todas as outras pessoas já tinham chegado e estavam espalhadas pela sala e pela varanda. Fiz uma saudação coletiva, enquanto duas surpresas avassaladoras me derrubavam: todos estava vestidos com simplicidade; Mãe Dara Mujina fazia parte do grupo. Até que eu conhecia algumas pessoas presentes, a exemplo do professor Arnaldo, do padre Germano e, surpresa das surpresas, Heitor, meu irmão, e Renato, auxiliar de enfermagem. Quase tive uma síncope. Eles faziam parte do grupo de Doutor Leo?! Isso não fazia sentido... Mesmo sem fôlego, ainda tive condições de reconhecer Mãe Dara Mujina, pois ela

estava usando vestes sociais. Um belíssimo vestido branco, confecção da baladíssima Tânia Belmondo, com apliques em prata. Braceletes, aneis, colar e argolas em prata legítima. Usava um turbante prateado, em estilo africano, recriado. Era uma verdadeira rainha. Dirigi-me a ela e beijei-lhe as mãos. Padre Germano comentou em voz bem alta:

– Pelo que vejo, ele já foi cooptado...

Muitos riram, mas os risos foram interrompidos pelo toque da campainha. Simplesmente era Doutor Leo que estava chegando da rua. Ainda bem que eu não cheguei a saber que ele estava ausente, quando cheguei. Caso contrário, eu teria me sentido mais vunerável ainda, pois a presença de Heitor me tirou do sério. Mal Doutor Leo chegou, foi tomando as rédeas da situação.

– Ah, que bom, todos já estão aqui, inclusive o futuro caçula.

Claro que aquilo não poderia ser comigo, pensei. Futuro caçula?!... Doutor Leo me apresentou a todos que estavam ali, à exceção de Heitor. Quando se dirigiu à Mãe Dara Mujina, fez referências à visita que fizemos juntos ao terreiro. Ao me apresentar Neusa, uma das duas de suas filhas, foi incisivo em afrmar que eu precisava ter uma conversa mais particular com ela, para completar minhas referências. Mais uma vez, fiquei à deriva. Fui, no entanto, fazendo o jogo de quem estivesse entendo tudo e achando tudo muito familiar. Eu sabia que, até então, ninguém daquele grupo era candidato político. Não deviam estar cooptando meu voto. Também não precisavam de mim para nada nesta vida. Tive até pensamentos não muito bondosos... O que será que queriam de mim? O que haveria por trás de tudo aquilo, de tanta recepção a mim, um desconhecido? Pobre quando vê muita esmola desconfia. Outros dizem: laranja madura, na beira da estrada, tem marimbondo ou espinho. Fiquei encantado com Dona Dina, a esposa de Doutor Leo. Senhora de sorriso amigável, de um bom tratamento, cortês e educado. Foi ela que apregoou o momento do jantar. Ela também distribuiu as pessoas ao redor da longa mesa de estilo colonial e toalha de um branco impecável, de renda portuguesa. Doutor Leo anunciou um brinde. Fiquei esperando que os demais pegassem seus copos, pois havia, no mínimo, três para cada um de nós. Doutor Leo fez questão de servir o vinho. Primeiro, pôs um pouco do vinho em sua taça, rodopiou o líquido, pôs na boca, movimentou as bochechas pra lá e pra cá, deglutiu e estalou a língua. Anunciou que o vinho

estava em perfeito estado e era de boa safra. E aí, veio o inesperado, o abismal, o inusitado, o surreal. Doutor Leo anunciou:

– Quero me dirigir primeiro a Heraldo, meu convidado especial de hoje. Talvez, Heraldo, você inda não esteja compreendendo quem somos, o que fazemos neste grupo, e por que você foi convidado. Nosso lema é impulsionar pessoas de talento para que elas possam conquistar espaços onde possam se realizar. Quando isso acontece, a sociedade ganha como um todo. É necessário que os talentosos, porém, não sejam pessoas hipnotizadas pelo lucro fácil, nem pelo apego ao consumismo. Que amem o lado bom da vida, apreciem a arte, a boa mesa, o bom vinho, a boa música. Salvo melhor juízo, Heraldo, você se encaixa nesse perfil. Então, estou lhe fazendo dois convites: que você passe a frequentar a nossa casa, nosso grupo, e que aceite viajar conosco para a Itália, dentro em breve, quando faremos uma turnê pela região da Toscana. Três semanas com tudo pago. Todos os que estão aqui participarão da viagem. Antes que você nos responda, no entanto, o maior objetivo para que você esteja à nossa mesa, agora, é promover a reaproximação entre Heitor, seu irmão, e você. No nosso grupo não pode haver inimizades. Quem ferir qualquer dos nossos princípios será excluido, conforme aconteceu com Gilberto Silveira, meu genro, irmão de nossa querida amiga, Geralda, que mesmo casado com minha adorada filha, Neusa, foi excluido de nosso grupo. Sei que isso tem custado sofrimento para Neusa, mas ela mesma concorda que temos um pacto em torno de princípios éticos que não podem ser desrespeitados. Por isso, Heitor, o grupo pede que você se esforce para superar as divergências com o seu irmão. Por isso, Heraldo, é necessário que você se esforce também, para superar as divergências com Heitor. Vocês têm exatamente um dia para nos dar a resposta.

Nisso Heitor pediu a palavra, nem me deixou falar:

– Não; eu não preciso de um dia para lhes dar a minha resposta. No que depender de mim, a resposta é sim.

Dona Dina adiantou-se:

– Então, Heraldo? Qual é a sua resposta?

Precisei beber água. Além de atordoado, nervoso, eu estava sem chão. Tudo aquilo parecia um sonho provocado por algum agente químico que tivesse me deixado em estado alterado de consciência. Num grande esforço, gaguejando, me segurando na mesa, fui tentando me expressar, enquanto todos me ouviam em silêncio.

– Olha, pessoal, eu não sei o que dizer... É tudo muito volumoso para mim... Nem *O crepúsculo dos deuses*, de Wagner, me derrubou tanto, quando ouvi pela primeira vez. Não sei o que fiz para merecer tanta distinção. Meus méritos, sinceramente... bem... Sou um rapaz pobre. Mesmo, todos aqui devem saber da minha sexualidade alternativa, e eu não pretendo ser um falso, um fingido. Se vocês dizem alguma coisa de mim... é... é porque é verdade... porque gente do tipo de vocês não mente... Seria estupidez de minha parte, selvageria, arrogância, prepotência não aceitar oferta tão generosa. É isso... Aceito, sim. Quanto ao meu irmão, Heitor... é... que posso eu dizer? Melhor não dizer nada... Melhor estender a mão por cima dos abismos de nossas diferenças. Só me cabe agradecer a todos... Não sei dizer mais nada...

Todos aplaudiram com veemência. Heitor estava cabisbaixo, muito vermelho. Creio que estava com vergonha de mim. Novos brindes foram feitos com champanhe e salgados. Depois, foram servidos vinho e queijo. Em breve, todos estavam muito alegres, e eu muito relaxado e conversador. Aí, deu-se uma sucessão de pratos: a entrada, as saladas, o primeiro, o segundo e o terceiro pratos. Por último, a sobremesa, o café e o licor legítimo, *Cointreau*, servido em cálices pequenos, conforme manda o *figurino*.

É preciso parar por aqui, pois uma sucessão de fatos me apanhou num redemoinho, durante muitos dias. O certo é que cinco semanas depois, todos nós estávamos na Toscana, passeando pelas ruas da cidade de Lucca. Ainda bem que eu não sofro do coração. Ainda escreverei um livro, *Crônicas di Lucca*, para contar o que vivenciei na minha primeira viagem àquela cidade. Há algo, no entanto, que não posso deixar de narrar, pois se trata de um acontecimento que me marcou para sempre. Na segunda semana que estávamos em Lucca, Doutor Leo aconselhou um lanche na *Via Fillungo*, mais precisamente no *Di Simo Caffe*. O garçon juntou algumas mesas, para que nos acomodássemos. O Universo começou a conspirar. Padre Germano procurou qualquer coisa na sua bolsa e de dentro dela caiu um livro de Frederico Dattler, *Eu, Paulo*: vida e doutrina do apóstolo São Paulo. Abaixei-me e apanhei o livro[50] para ele, que quis saber:

50 DATTLER, Frederico (SVD). **Eu, Paulo**: vida e doutrina do apóstolo São Paulo. Petrópolis: Vozes, 1978.

– Já leu?

Dizendo isso, me entregou o volume. Olhei o índice com atenção. Quando os que estavam mais próximos de mim me viram atento ao livro, ficaram curiosos também. Nisso, Doutor Leo comentou:

– Está aí, Heraldo. Eis alguém que mudou de nome e o novo nome deu certo. Conhece a história do *Apóstolo dos Gentios*? Você, que sempre quis mudar de nome, tem aí um belo exemplo de como fazer isso: receber uma bofetada da Luz, cair do cavalo, ficar cego e ir procurar Ananias...

Todo mundo riu muito, mas eu fiquei sério. Eu tinha descoberto uma coisa em referência a Doutor Leo: ele costumava falar de coisas sérias através de metáforas que provocavam o riso farto. Enquanto eu folheava o livro, Mãe Dara Mujina comentou:

– E a maioria das pessoas ainda acha estranho que nós, gente de terreiro, também mudamos de nome...

Perguntei a Padre Germano como se escrevia a palavra "Paulo" em italiano. Ele me explicou que bastava trocar o "u" por "o": "Paolo". Nada escapava aos sentidos de Doutor Leo e ele exclamou:

– Paolo di Lucca. Que tal?

Todo mundo aplaudiu e, por brincadeira, passou a me chamar pelo novo nome, à exceção de Heitor, que até hoje só me chama de Heraldo. Mas sei que ainda é uma maneira de espezinhar. Com Arnaldo, foi diferente, anunciou com voz solene:

– Gente, isto é uma cerimônia de batismo: *Introibo ad altare Dei. Ad Deum, qui laetificat juventutem meam*.

Neusa acrescentou:

– Isso merece uma sinastria, cruzar seu mapa natal com o mapa deste exato momento daqui, de Lucca. Vamo conversar sobre isso, Paolo?

O rei das invencionices foi mais longe:

– Este acontecimento merece mesmo uma visita à *Casa Natale di Puccini*. *La Bohème* nos espera. Vamos à *Via Calderia*? É o meu presente para você, Paolo, neste dia de sua troca de antropônimo.

Todos concordaram com Doutor Leo. Me reservo ao direito de não narrar o meu encontro com Pucini. Seria rever a maior emoção de minha vida, e certamente eu não suportaria expor os acontecimentos. Saí de lá, nos braços. Precisei de um dia para me recuperar. Melhor parar por aqui.

Duas coisas muito interessantes me aconteceram após voltarmos de Toscana. Eu trouxe muitas fotos e anotações de viagem. Escrevi vários textos, abordando Toscana e Lucca. Aconteceu que o cronista social tinha rompido com Seu Joaquim e a coluna dele estava desativada. Aproveitei a situação e mostrei alguns de meus textos-reportagem a Seu Joaquim. Não deu outra: ele me entregou a coluna. Fiz, no entanto, uma imposição: assinar com meu novo nome, Paolo di Lucca. Daí em diante, minha vida social e econômica mudou completamente.

Semanas após meu retorno, resolvi voltar ao *Ilê Axé Turi Efan Olorokê*. Desta vez fui sozinho mesmo. Era preciso homenagear Oxum. E ainda faço isso uma vez por ano. Eu não estava mais sozinho no mundo. Tinha as Águas de Oxum, a bênção de Mãe Dara Mujina e um nome novo que deveria brilhar, como brilha o ouro de Oxum. *Irete* me propiciava mudanças e eu estava disposto a fazê-las. Depois, resolvi conversar com Neusa, sobre aquela proposta do mapa astral que ela me fez em Lucca. Combinamos e marcamos o momento. Preferi ir ao consultório dela, na clínica. Era um sábado. Apesar da clínica estar fechada, Neusa estava à minha espera.

Que criatura devotada! Amiga, mesmo, está ali. De uma compreensão enorme para com as mumunhas do outro. Parece que Neusa tem uma navalha afiada com a qual nos ajuda a cortar os pólipos e quistos que possam surgir no nosso sentimento. Entramos, sentamos e conversamos por duas horas seguidas. Não há como esquecer aquela conversa. Começamos pela minha narrativa da consulta feita com Mãe Dara Mujina, entremeada com acontecimentos em Lucca. Neusa ouviu tudo com redobrada atenção. Por fim, tomou a mandala de meu mapa e ficou olhando o desenho para lá e para cá. Ouvia-se apenas a respiração de nós dois. E de vez em quando, tomava um pequeno gole de água. Inspirou algumas vezes num ritmo mais profundo e disse.

– Temos aqui um belíssimo Touro. Papai vai adorar: Ascendente em Sagitário. Virgem no Meio do Céu, com Plutão e Roda da Fortuna lá dentro. Peixes no Fundo do Céu, com Lua passeando em Áquario...

– Isso quer dizer o que, Neusa?

– Coisas... Muitas coisas... Mas vamos com calma. No fim, tudo fará sentido. Na condição de bom taurino, a frase, vamos dizer, que lhe define é "eu tenho". E a palavra definidora é "estabili-

dade". É isso: sentir os pés firmados no chão. E não basta ser chão; tem de ser chão firme também... No entanto, no seu caso, a estabilidade faz contraponto com Urano, em Escorpião, que é o signo oposto ao seu. E o que temos lá? O que Escorpião sabe dizer: morte, ressurreição e sexualidade. Tudo em Escorpião é para dentro. Em você, temos um Urano morando lá. Então? Para que as coisas de lá de dentro sejam liberadas, é necessário parceria uraniana. É o coletivo, a mudança, o amanhã. Reinventar a vida. Seu signo solar é regido por Vênus. A boa música, o luxo, as artes. Jantar à luz de vela, o bom prato, o bom vinho. Touro traz consigo lealdade e confiança. Mas toda moeda tem duas faces. No avesso, Touro traz autoindulgência, teimosia, lentidão, raiva, possessividade, gula, materialismo. Por outra, seu Ascendente, Sagitário, traz o desenho seguinte: sentir prazer com o processo; ter a liberdade em alta estima; gostar de distrair-se; não suportar sentir-se preso; ter o celibato em alta conta. Papai, por exemplo, é sagitariano da gema. Sempre quis ser solteiro. O problema é que ele não resistiu aos encantos de mamãe. Brigam, discutem, mas não conseguem se separar nunca, porque se gostam, gostam de estar juntos, no que pese toda a diferença entre os dois. Eles aprenderam a lidar com isso. Eles terminaram aprendendo a usar, em seu próprio favor, aquilo que poderia ser profundamente destruidor. Tem mais... Touro rege a garganta. Cuide bem dessa região de seu corpo. Ainda: Touro se deita e fica remoendo. Quando se levanta, leva a cerca de arame farpado no peito... A ira de Touro é completamente irracional. A teimosia dele, também. Entendeu, Paolo?

– Você é de uma precisão cirúrgica. Pinceladas rápidas, porém profundas e demarcadoras. Eu sou tudo isso que você acaba de enumerar. Se bem que, às vezes, eu esteja mais para vaca do que para touro... Mas... esse é o diagnóstico; eu entendo assim. E dai? Fazer o quê com aquilo que eu entendo que deve ser melhorado, superado? Para mim, não basta que eu diga "eu sou assim". Mas há coisas para as quais eu devo dizer: "Eu sou assim, mas quero ser melhor, quero superar."

– Pronto! É isso. Essa é a chave; é o "abre-te, sésamo". Quando a gente quer saber, o Universo providencia caminhos, recursos e pessoas adequadas e necessárias, para a gente obter a resposta. Basta confiar. Deus proverá. A própria Oxum, em quem você aprendeu a depositar tanta confiança... Tenha certeza: ela proverá também.

Agora, quanto às atitudes e providências no plano humano, vamos lá. Sugiro o seguinte...

Não vem ao caso discorrer sobre as providências. Mesmo porque preciso retomar o décimo sexto parágrafo desta exposição, onde interrompi o relato que vinha fazendo, por força da necessidade de contextualização. A retomada se deve à imposição do que foi convencionado pelo grupo. Ainda faltam, portanto, os itens 1, um aspecto de Orixalá, com base num fragmento sorteado, do *itan*, e o 4, meu contato pessoal com o mito e em que isso resultou.

Tomemos uma das passagens do fragmento: "Orixalá não suporta essas coisas". Enquanto o próprio Orixalá é aquele que não seguiu as recomendações do oráculo, quando quis viajar para Oyó, mas também foi alvo da mais profunda observância às suas ojerizas alimentares, na *Festa do Pilão*. Sua teimosia não revoga sua divindade, que lhe é garantia de estar acima do julgamento dos homens. Se nos lembrarmos de que, nos mitos bíblicos, o Deus da Criação negligenciou a guarda de suas duas primeiras criaturas, permitindo que o *Outro* causasse a decadência do gênero criado; se Ele se indignou, tempos mais tarde, contra as criaturas, matando quase todo mundo por afogamento; se Ele também mandou Josué invadir Canaã e passar a população derrotada a fio da espada, nada disso ofuscou sua divindade. Ao contrário, mais adorado se tornou. Então, Orixalá pertence ao panteão das divindades. Seus atos, mesmo aqueles considerados mais humanos que divinos, reforçam a obediência por parte das criaturas. Isso derrotou Satã, quando ele imaginou que a sua arrogância seria assimilada até pelo próprio Deus: "Serei mais alto do que Vós e porei meu trono acima das estrelas." Ele tinha se esquecido de que Deus não era sua criatura.

Quando ouvi a narrativa de Mãe Dara Mujina na *Festa do Pilão*, o abandono de Orixalá na prisão, ignorado pelos seus, me fez atinar no meu drama pessoal de não ser bem aceito em minhas escolhas pessoais por minha própria família. Embora a fala de Doutor Leo, naquele jantar, tenha amenizado as coisas, Heitor, meu irmão, nunca apresentou um sentimento de aceitação total de minha pessoa. Nossa relação é apenas social, e a sua rejeição por mim, irmão dele por parte de pai e mãe, às vezes, ainda dói. Paciência, não se pode ter tudo. De outra forma, ambos os banquetes, o do mito e aquele outro, no mundo real, que se seguiu ao ritual do *Xirê* na casa de Mãe Dara Mujina, me fizeram entender e aceitar que o poder

do divino sobre a humana gente é garantia para quem nisso creia. E eu acredito nisso. Portanto, na sociedade mais ampla, tal garantia me propiciou bons relacionamentos com pessoas que valem a pena; morar, comer, beber, vestir e dormir com um conforto acima da média e, principalmente, ser alvo do afeto e da consideração de tana gente boa. No grupo de Doutor Leo, sou elogiado pela minha sensibilidade. Na comunidade de Mãe Dara Mujina, me sinto abençoado, protegido e partícipe da Corte de Orixalá, onde o luxo da simplicidade transcende toda e qualquer falta que a minha família de sangue venha a me fazer.



UM CAMINHO DIFERENTE: *Opìrà* (Opira)

E no meio da festa, perguntaram a Orixalá o que ele achava de tudo aquilo. Ele respondeu, na maior tranquilidade do mundo:
Pois é: ***A glória cabe apenas a quem se dispõe enfrentar a si mesmo****.*

Conversa com Mãe Justina

Leonam Navarro

Ai dos revisores: eles não podem deixar o dito por não dito. Isso tem suscitado até célebres inimizades por parte daqueles que não toleram que o revisor de seu escrito tenha apontado falhas. Eu quero ir pelo caminho inverso, e por isso mesmo, me dei ao trabalho de me debruçar sobre todos os nossos escritos que se destinam a compor o livro. Terminei por descobrir uma grande injustiça que todos nós, os participantes do grupo, cometemos. O alvo da injustiça foi Mãe Justina Oyá-lemi. Cheguei a essa conclusão a partir de passagens de três dos textos: meu próprio texto, o de Maura Oliveira e o de Renato da Costa. Para que fique bem evidente o que quero, faço citações dos referidos textos. Na parte II – a estrada, na terceira seção, *O holograma encalacrado*, ao dirigir-se ao grupo, Mãe Dara Mujina afirmou:

> Eu gostei muito que vocês chamaram Justina também. Sabem por que? Aqui está um grupo de dezesseis pessoas, o número dos *Odu-meji de Ifá*. Mas para meus mais velhos, o universo fechado não vai pra frente. Ele tem que ser aberto. Por isso, a gente diz que sempre tem mais um. A presença de Justina abre o que estava fechado em si mesmo. Em casa fechada, o vento não circula. E em

> água destilada, nem peixe sobrevive. Mesmo, Justina tem com ela algumas coisas muito especiais. Mas sobre isso, só ela mesma pra falar, isto é, se ela achar conveniente. São coisas muito pessoais a respeito do *Odu* que ela traz. Isso, além dela ser cabeça de Oyá.

Maura Oliveira, no décimo primeiro caminho, foi enfática:

> [...] se é que eu conheço Doutor Leo, ele deve estar preparando uma surpresa em relação a Justina, que também é sagitariana. Não sei se, de fato, ele fará alguma coisa e, se o fizer, como será, uma vez que o grupo se fechou em dezesseis componentes, o número dos *Odu-meji de Ifá*.

Renato da Costa, no décimo terceiro caminho, além de questionar a ausência de Justina, ainda sugere pensar sobre o assunto: "Por que Mãe Justina não foi chamada para fazer parte do livro? Se é porque ela não escreve, bem que poderiam bolar uma saída, conforme fizeram comigo."

Isso me deixou desassossegado. Ser injusto não faz parte do elenco dos meus defeitos, pelo menos que eu tenha consciência disso. Então, saí buscando as verdadeiras causas de a maioria do grupo nem sequer ter pensado nela. E terminei por atinar na razão maior: preconceito. Primeiro, por se tratar de uma empregada doméstica; segundo, de uma concepção de que os não letrados nada têm a dizer a quem recebeu o verniz das letras. Isso me desinstalou e me levou a convocar todo o grupo mais uma vez, para a devida correção de nossa postura. Chegamos às conclusões seguintes: incluir Justina no nosso livro, além dos dezesseis caminhos, conforme intitulamos as seções da parte III; lançar mão de uma estratégia diferente daquela usada com Renato; gravar e transcrever uma conversa com ela, sem um assunto previamente combinado; e, por último, eu seria responsável por isso. Fui buscar lã e voltei tosquiado... Fizeram de mim gato e puseram um guizo no meu pescoço.

Não entreguei os pontos. Imaginei a conversa com Justina. Uma conversa que a deixasse bem à vontade, para ela abordar o assunto que quisesse, do jeito que preferisse. O negócio era convencer Justina a manter uma conversa comigo. Seria necessário adivinhar o dia e a hora. Pensando nisso, lembrei-me de Mãe Dara Mujina.

Se ela entrasse no circuito, seria meio caminho andado. Consegui. Justina, além de consentir em conversar comigo, ainda marcou o dia mais indicado para isso. E lá fui eu, cheio de dedos, sabendo que as labaredas de fogo iam me bafejar. Eu ia tocar no Sagitário aninhado no fogaréu de Oyá. O resultado da conversa aparece a seguir, sem nenhum retoque meu. Também não ousei acrescentar comentário algum sobre a fala de Justina. Para melhor destacar os interlocutores, os meus dizeres aparecem em itálico.

– A sua bênção, Mãe Justina Oyá-lemi. Peço licença à senhora, por ser uma das mais velhas, para gravar esta nossa conversa...

– Começou a papagaiada... Velha é a vovozinha; eu sou apenas usada... Em todo caso, Oyá lhe abençoe e lhe guarde. Quer dizer que o que eu disser vai ficar nessa caixinha que o senhor tem na mão?

– É, Mãe Justina... O que a senhora disser vai ser passado para a escrita e vai fazer parte de nosso livro...

– Senhor, me poupe. Onde já se viu gente que mal assina o nome fazer parte de livro? Em samba de pombo, urubu não se mete.

– Não, Mãe Justina... Não é bem assim... Todo mundo tem o que dizer. Uns, sobre isso; outros, sobre aquilo...

– Me engana que eu gosto... E é pra eu dizer o quê? Sei, não... Não gosto dessas coisas. Sou mesmo é uma empregada doméstica. O que eu sei é dizer como se cozinha e se cuida de casa. Principalmente na casa de um certo patrão enjoado, exigente, que não dá valor às pessoas...

– Ah, mas eu já mudei muito. Não tem notado?

– Sei... Mas cesteiro que faz um cesto faz um cento. E se tiver cipó e tempo, faz duzentos. Mesmo, quando a gente quer pegar passarinho, não diz "xô!" Mas diga lá o que o senhor quer conversar. Se eu gostar do tipo da conversa... Quem sabe?

– A gente queria saber um pouco sobre sua vida, sua história, sobre a sua caminhada no candomblé...

– Sei: bisbilhotice da vida alheia. Saber dos pontos fracos da gente, pra depois pegar pelo pé. Quem tem o seu bom não diz a ninguém; quem quiser saber que adivinhe...

– Nada disso, Mãe Justina; não é bisbilhotando sua vida. A gente quer apenas, através do nosso livro, contribuir para que as pessoas entendam melhor esse lado africano que faz parte da alma do nosso povo.

– Mas o senhor é mesmo um... um..., desculpe as expressão, um abestalhado. O senhor acha que tem gente interessada nisso?

– Claro que tem, Mãe Justina.

– Sei: político enganador e professor enganado. Senhor, o que se crê hoje em dia, mesmo, é no dinheiro, roubar, enganar...

– Claro que tem isso, mas também tem gente direita, gente honesta, que sonha com um mundo melhor, mais justo.

– Sei... Gente direita, justa, até virar patrão. Aí, tome ferro em quem for empregado. Salário de fome, cobrança, exigência. Justina, a comida está insossa; Justina, essa camisa está mal passada; Justina, amanhã é domingo, mas vou precisar de você... Tudo isso a troco de "muito obrigado"...

– Epa, começou a metralhadora.

– Metralhadora, uma ova. Pimenta naquilo dos outros é refresco no da gente. Mas diga lá, sobre a conversa que o senhor quer. Eu não tenho o dia todo, como o senhor, que vive aí de perna pra cima, coçando os bagos...

– A gente podia começar conversando sobre seus mais velhos. A senhora sabe dizer a respeito disso? Quem foi que veio da África para aqui e que deu origem a filhos, até chegar à senhora?

– Claro que sei. Ai de mim, se não soubesse. Como era que eu ia saber de mim, sem saber de minha raiz? Eu e Mãe Dara Mujina somos gente de Efan. Somos parentas. Existia um babalaô, do povo de Efan, chamado Awonifá. Ele teve dois filhos *mabaço*: Faluabi e Falubaluwá. Esses filhos foram trazidos pra aqui, como escravos, mas cada um foi levado pra um lugar diferente. O pai era babalaô e ensinou tudo aos dois filhos, até onde pôde.

– E o que aconteceu com eles aqui?

– O que aconteceu com eles, aqui? Aconteceu que Deus escreve direito por linhas tortas. Eles terminaram se encontrando aqui, tempos depois, e passaram a viver no mesmo lugar. Aí, eles foram percebendo que um sabia coisas que o outro não sabia muito bem. Nas conversas, tinha coisa que eles até não concordavam muito bem entre si. Eram essas coisas de segredo dos babalaô.

– Sim, Mãe Justina, mas eles tiveram filhos?

– Oxente?! Se não tivessem, como é que eu estava aqui, viva e bulindo? Faluabi foi meu bisavô. Falubaluwá era bisavô de Mãe Dara Mujina. Cada um deles teve vários filhos. Eu não conheci Faluabi, mas Mãe Dara Mujina conheceu muito Falubaluwá. Esses

mais velhos passaram muito conhecimento pros filhos.

– Esses descendentes exerciam a atividade de* babalaô*?

– Olhe, naqueles tempos, as coisas eram muito difíceis. A perseguição dos brancos era um terror. Mas o senhor sabe como é o Destino: pouco importa quem seja do contra, o que tiver de ser será.

– Sim, mas o que aconteceu, apesar da perseguição?

– O que aconteceu? Aconteceu que tudo era feito escondido, secreto mesmo. É por isso que até hoje o candomblé tem tanto segredo. Agora é que eu estou vendo tanto babalaô modernoso, tudo muito estiloso, gente que vai passar uns diasinhos na África e volta trazendo Orunmilá na barriga, atacando o candomblé, dizendo que a gente é tudo fechado e, por causa disso, a ignorância mora dentro do candomblé...

– Dizem isso, Mãe Justina?

– Se dizem?! Dizem mais: coisas muito piores. E sabe onde mais dizem? Nessas coisas da *entranete*, sei lá como é o nome? Só ouço as notícias. Outro dia, Dona Dina me chamou pra perto, e leu uns troços lá, no computador. Coisa de arrepiar cabelo em garrafa. Ah, gente! Ah, gente. Já se esqueceram do que a escravidão fez. E em vez de compreender as consequências, ficam dando tiro pra todo lado, numa acusação sem fim. São muitos a falar e poucos a compreender.

– Tem toda razão, Mãe Justina. Concordo. Mas sobre seus mais velhos?

– Ah, sim. Onde foi mesmo que parei? Esse negócio de futucar a memória dá e deixa... Sim... Meu bisavô Faluabi. Na minha geração e na de Mãe Dara Mujina, só nasceu mulher. E mulher não pode ser preparada nos segredos de Ifá. Ifá é o mesmo Orunmilá. Isso são coisas só pros homens.

– E vocês, as mulheres, nunca ficaram revoltadas com isso?

– Oxente! Revoltadas como? Ficar revoltada ia dar que jeito? Essas coisas assim, a gente faz como bicho de goiaba, igual à minhoca: come por dentro, sem ninguém perceber... Mulher cabeça de Oxum podia ser *apetebi*, isto é, ajudante de babalaô, mas não podia consultar o *opelé*. Mas podia consultar o *merindilogum*, que é o jogo de búzios. Essa foi a nossa saída, né. Não pode uma coisa? Pode outra. Mas não é de se estranhar muito. O senhor veja, na Igreja Católica, mulher também não pode celebrar missa. Então? Não é a mesma coisa? Onde vocês homens estão, sempre estão proibindo

nós, mulheres, disso e daquilo. Todo mundo sabe que isso é apenas medo das mulheres, um dia, governar o mundo. Mas esse dia ainda vai chegar. É apenas uma questão de tempo...

– E na sua geração, por vocês serem mulheres, o que aconteceu?

– O que aconteceu? Aconteceu o seguinte... A convivência faz tudo. Na convivência, até perna quebrada pega... Mesmo, a gente tem ouvido. E ouvido foi feito pra escutar. Aquele povo, naquele tempo, era muito unido. Os babalaôs se uniam muito com as ialorixás e com o povo de terreiro. Existia muito respeito pelo saber de ambas as partes. Existia muito aconselhamento entre os mais velhos, fosse das coisas de Orunmilá, fosse das coisas de candomblé.

– São duas coisas diferentes, não é, Mãe Justina?

– Se são duas coisas diferentes? Claro que são. Babalaô faz *ebó* de *Odu*; Ialorixá faz *ebó* de *Orixá*. Babalaô consulta Orunmilá; Ialorixá consulta os *Orixás*. Orunmilá não se manifesta nas pessoas.

– Sim... Mas a senhora estava falando sobre a convivência respeitosa entre babalaôs e ialorixás...

– Ah, sim. Hoje em dia é que se vê a desunião, todo mundo falando mal de todo mundo. Olhe, a união era tanta, que uma ialorixá só recolhia iaô pra fazer o santo, consultando um babalaô. E o babalaô, quando queria um *ebó de Orixá*, pedia ajuda a uma ialorixá que fosse sabida naquilo. Entre as ialorixás, se uma delas recolhesse uma iaô de um *Orixá* que a mãe de santo não tivesse muito conhecimento sobre aquele *Orixá* daquela pessoa, a mãe de santo ia pedir ajuda a outra que tivesse aquele saber. Hoje, se uma mãe de santo fizer isso, no outro dia, o nome dela está espalhado pelo mundo como uma incompetente.

– A senhora é bisneta de Faluabi. E dele, até a senhora, como foi o parentesco?

– Como foi o parentesco? Parentesco de sangue. Meu pai foi Adejumó, que era filho de vovô Benedito, conhecido por Babá Sanibó, que era filho de vovô Faluabi. O senhor está me entendendo?

– Estou, sim. E estou prestando atenção a tudo.

– Já sei: este povo, assim, sabido que nem o senhor, tem juízo de anjo. Então... Mãe Dara Mujina fez muita parceria com meu pai Adejumó. Mas ela também fez outras parcerias com outros parentes que vinham da parte de Falubaluwá, que era irmão de Faluabi. Então, tanto ela quanto eu, a gente foi nascida e criada no meio desses babalaôs sabidos nas coisas de Orunmilá. A gente, meni-

na ainda, não podia se meter no meio deles. Olhe, a coisa era tão severa, que a gente não podia fazer uma pergunta sequer. Isso era tomado como ousadia. Mas sabe como é: Mãe Dara, cabeça de Orixalá, aquele que não se cansa de ouvir. De minha parte, eu, cabeça de Oyá, a Mãe dos Nove Espaços. Então, a oitiva funcionava muito bem. Mas era preciso fingir que não se estava ouvindo nada, com cara de quem não estava prestando atenção. A gente brincava de boneca. Aí, a gente ficava na sala, que era enorme, cuidando dos bregueços das bonecas, mas o ouvido estava na conversa dos homens. Assim, a gente pôde guardar muita coisa.

– E o que vocês puderam guardar na memória ajudou em alguma coisa?

– Se ajudou em alguma coisa? Continua ajudando até hoje, meu senhor... Mesmo, o nosso principal conhecimento não vem do povo de Orunmilá. Vem de *lessé Orixá*. Com o tempo, aqueles babalaôs se foram. Apesar deles terem deixado muitos descendentes homens, a modernagem que veio depois não estava mais ligada nessas coisas. Achava os preceitos muito pesados. O saber passou a ser considerado um fardo difícil de carregar. E a África foi morrendo no coração da maioria dos mais moços.

– E quanto a vocês, as mulheres? Aconteceu a mesma coisa?

– Se aconteceu a mesma coisa com as mulheres? Não; com a gente foi diferente. Tanto Mãe Dara quanto eu, a gente seguiu os caminhos de *Orixá*. Mãe Dara trouxe *Odu* de ser ialorixá; eu, não. A gente não deve pôr o chapéu onde o braço não alcança. Mãe Dara trouxe o destino, o caminho, o *Orixá*, o *Odu*, tudo muito claro. Eu, não. Comigo foi tudo muito diferente. Coisa do Destino...

– Como assim?

– Como assim? É uma história muito comprida. Não creio que vá ser considerada uma coisa interessante. É muito interessante pra mim, que vivi minha própria história. Quem vai se interessar em saber dessas coisas, neste tempo de hoje? Pra que contar isso?

– Não, Mãe Justina. Não é bem assim que as coisas são. É claro que tem gente que não vai se interessar por sua história, nem pela minha, e por aí vai. Mas também tem gente que vai alcançar como essas histórias da gente também são histórias de nosso povo, de nossa terra. E até mesmo da humanidade.

– É... Talvez seja. Mas duvido muito que a maioria dos brancos vá se interessar por historia da negralhada... Em todo caso... O

senhor, hoje, me pegou em boa maré. Mas agradeça a Mãe Dara Mujina. Ela que é a responsável por esse *conversê* que nunca mais tem fim... Lá vai. Aguente os ouvidos. Na hora em que eu vim ao mundo, a família se reuniu pra saber de minhas coisas. Vovô Benedito Sanibó consultou Orunmilá. Aí, sabe o que aconteceu? O jogo se fechou. Era *Opira*. Isso tanto pode acontecer no *opelé*, na consulta do babalaô, como também acontece no jogo de búzios, na consulta da ialorixá ou do babalorixá. Nem todo mundo de terreiro sabe disso, mas existe essa jogada, *Opira*, que significa *não tem resposta*. É a não resposta que aparece com todos os búzios fechados. Quem não conhece imagina que seja uma jogada nula. Mas é *Ese kan ola*, que quer dizer *O pé que toca na riqueza*. É por isso que eu tenho tanta sorte em qualquer tipo de jogo. Isso, além de eu ser cabeça de Oyá.

– E aí, Mãe Justina, o que seus parentes fizeram? Eles ficaram sabendo disso? Sua mãe soube? Creio que tivesse sido uma notícia preocupante.

– Bota preocupante nisso. A bem dizer, era quase uma sentença de morte. *Opira* não é um *Odu*. É uma caída com todos os búzios fechados. Não existe mensagem. É um aviso de acontecimento agourento, que não tem jeito. Significa que qualquer tipo de acontecimento ruim pode estar sendo anunciado. Tanto os babalaôs quanto as pessoas de terreiro que entendem disso sabem que não existe *ebó* pra modificar esse mau aviso. Quando cair *Opira*, pode ser um anúncio de morte. Isso diz que o jogo deve ser fechado. Aí, quem está fazendo a consulta fica sem nenhum recurso pra ir adiante. Tem de ser tomadas providências urgentes pra afastar ou aliviar a perturbação que aparece no jogo. Aí, o que fizeram, com esse negócio do *Opira*? Vó Sebastiana Omiladê, cabeça de Oxum, mulher de Vovô Sanibó, jogou os búzios em cima da bucha. O senhor sabe? Tem gente que condena o jogo de búzios pra se saber *Odu*. O que tem de gente mal informada, dizendo que isto não existe na África, que isso é invenção daqui. Mas o jogo de búzios pra se saber do *Odu* existe na África, sim. Quem sabe jogar são os babalorixás e as ialorixás. Mas o uso do *opelé* é coisa somente dos babalaôs. Ouvi dizer que, na África, já existe também *ianifá*, mulher que sabe consultar o Ifá. Meus antigos nunca falaram sobre isso. Mas a África é um mundo sem fim. Lá, o que não existe num lugar existe em outro.

– Mãe Justina, estou pasmo...

– Está pasmo? De quê?

– Deste seu saber... Nunca imaginei...

– Sei... Empregada doméstica, gente burrinha, coitadinha...

– Não é isso. A senhora bem sabe.

– Sei... É pior do que isso. Me engana, que eu gosto.

– Já vi que não tem jeito.

– Que não tem jeito? Tem sim, senhor. Basta enfrentar a verdade, sem botar panos quentes.

– Sim, mas a gente estava conversando sobre sua avó... Como era mesmo o nome dela?

– Sebastiana Omiladê.

– Isso. Ela jogou os búzios. E aí?

– E aí? E aí, sabe qual foi a resposta? Nenhuma! Os dezesseis búzios caíram fechados também. *Opira*, de novo. Agora, pelas mãos de uma segunda pessoa. Então, eles chegaram à seguinte conclusão: "Esta menina não vai se criar. Não tem resposta pra ela." Mamãe se chamava Bernarda Obá Sarewá, cabeça de Xangô Baru. O Xangô dela, quando se manifestava, comia fogo... Olhe, preparavam dezesseis pavios melados de dendê, acendiam e entregavam o *anjerê* a Xangô. Os *alabê* tocavam o *alujá*, e Xangô ia dançando e comendo os pavios acesos. Naquele tempo, a manifestação de *Orixá* era coisa que abalava quem assistia. Hoje em dia, gato e cachorro se manifestam. Aí, mamãe não disse nada. Não ia desdizer os mais velhos. Mas lá dentro, com ela mesma, apelou pra Xangô, o pai da Justiça.

– Aí, Xangô resolveu?

– Xangô resolveu? Tenha calma, senhor. Inda tem muita água pra rolar debaixo da ponte. Sabe o que aconteceu? Minha mãe cansou de me contar: meus primeiros anos foram de doença. Só vim andar e falar com cinco anos de idade. Raquítica, ingarrida, uma manga de vidro. Olhe, me lembro bem da Veia Jove. Ela olhava pra mim e dizia: "Isto? Isto vai pro bico da formiga. Criança de veia azul na barriga? Pode escrever: não vai se criar." Eu não podia falar, mas entendia tudo que as pessoas falavam. Então todo mundo dizia que eu era muda. Mamãe buscou ajuda de Dona Celestina, Iá Boloju, cunhada de Sanibó, cabeça de Ewá. O senhor conhece Ewá? Já ouviu falar?

– Já, sim... O Orixá da neblina... Esposa do temível Jagun.

– Hum! Como está isso sabido... Daqui a pouco, está querendo até fazer santo também... Deus me apareça rodeado de anjos. Ewá enganou Iku, a morte. Conhece o *itan*?

– Já ouvi contar. Mas não me lembro do* itan *todo...

– Então, se prepare. Vou te contar. Se chama *A esperteza de Ewá*.

Um homem estava bem de seu, assim, sentado na porta de sua casa. Aí, Iku, que é a Morte, apareceu de repente. O homem viu logo de quem se tratava... Iku foi logo chegando e avisando:

– Chegou o seu tempo e eu vim lhe buscar.

O homem não queria morrer, é claro. Deu um pinote no meio da rua, saiu correndo enlouquecido, pra escapar de Iku. Entra aqui e sai ali, e Iku atrás dele. Pediu socorro na casa do governador, na igreja, na escola, no hospital. Todos ficaram com pena, mas disseram que não tinham como socorrer ele. O jeito era ele ir com Iku.

O homem não desanimou e continuou fugindo, desesperado, enlouquecido, numa carreira igual ao vento. Adiante, entrou num rio raso e foi correndo por dentro dágua. Iku ia atrás, pega aqui, pega ali, pega acolá.

Depois de uma curva do rio, o homem se esbarrou com um bando de mulheres lavando roupa. Numa pedra, assim, de lado, estava uma senhora formosa, muito bem vestida. Estava sendo penteada por suas damas de companhia. Era Ewá, a mulher de Obaluaiyê, o Dono do Mundo, um guerreiro que todo mundo tinha medo. O homem falou pra Ewá, com a alma saindo pela boca. Pediu a ela que lhe socorresse pelo amor de Deus. Que lhe livrasse de Iku. Ewá levantou as anáguas e mandou que o homem se escondesse debaixo delas. Ele obedeceu e ficou ali, quietinho, bem escondidinho.

Ewá continuou o que estava fazendo, como se nada estivesse acontecendo. Nisso chega Iku, enrolado no manto preto, porrete na mão, procurando pelo homem. Aí, se dirigiu a Ewá e saudou ela, perguntando:

– Salve, Senhora, Esposa do Grande Senhor da Terra! Acaso vistes um homem em desabalada carreira rio abaixo?

Ewá sabia que a força de Iku devia ser respeitada também. Mesmo, a ignorância é atrevida, e quem deixa passar passa também. E então, respondeu, com voz firme, cheia de educação e cortesia:

– Salve, Nobre Senhor das Sombras! O homem passou por aqui, sim. Até entendeu de se esconder nas anáguas.

Então, Iku quis saber:
– E o que é anágua, Senhora?
Ewá explicou:
– Intimidade feminina...
Iku é um grande ignorante das coisas da vida. Entendeu que o homem tinha tomado ousadia com as mulheres.
Uma das damas de companhia de Ewá disse assim:
– Não se sabe que rumo ele tomou. Passou em desabalada carreira e sumiu.
Iku é muito atrevido, mas não ia ter a ousadia de perturbar a esposa do Dono do Mundo. Correu os olhos pelo ambiente, mirou o rio se sumindo muito lá adiante. Resmungou, resmungou, resmungou sozinho. Depois, deu meia volta e desapareceu na curva do rio. Quando Iku sumiu, Ewá suspendeu as anáguas e o homem saiu debaixo. Amarelo, coitado, não tinha uma gota de sangue. Nem sabia como agradecer. Mas Ewá apenas confortou o homem com um conselho:
– Nesse mundo, tem tempo pra tudo, até mesmo pra escapar da morte. Mas nem sempre Ewá está no caminho.

– Mãe Justina... É demais para o meu coração de setenta anos. Preciso parar pra beber água. Nunca imaginei...

– Eu lhe avisei: "Se prepare..." Ah, sim: pulei um pedaço. Quando eu fiz nove dias de nascida, como eu ainda continuava viva, precisava fazer uma *obrigação* pra receber um nome. Sanibó jogou o *opelé*. Não deu outra: *Opira* de novo. Aconteceu de novo a mesma coisa nos búzios de Omiladê. Aí, todo mundo se desiludiu de uma vez. Mesmo assim, apelaram pra *Iya Mi Oxorongá* e me botaram o nome de Justa, porque eu ia morrer sem culpa. Todo mundo tinha certeza: a qualquer momento, aquela criança ia se embora. A Veia Jove teve até uma visão com um caixão de anjo saindo lá de casa. Por isso, quando ela morreu, eu já estava mocinha, pulei a cerca do cemitério e mijei bem em cima da cova dela. Até hoje, nunca contei isso a ninguém... Olhe que modernagem faz é coisa...

– E como conseguiu recuperar sua saúde?

– Como consegui? Mamãe ia fazendo uma coisinha hoje, outra amanhã. Encomendou umas cabaças de baobá a um compadre, que viajava sempre pra África. Quando a encomenda chegou, mamãe passou a me alimentar com uma espécie de mingau feito com

o pó que tem dentro da fruta do baobá. A água que me davam pra eu beber era a água da umbaúba, aquela árvore de Obaluaiyê.

– E quanto tempo durou esse tratamento?

– Quanto tempo durou? Olhe... Eu nem sei direito... Eu era muito criança ainda. Durou um bocado de tempo. Parou quando eu fiz santo.

– Sei... Teve mais alguém que participasse da orientação do modo com que a senhora devesse ser tratada? Chegaram a consultar um médico?

– Consultar um médico? Se vê bem que vocês não conhecem a história de nosso povo. Nem se falava nesse negócio de médico. Não existia nem pros brancos, quanto mais pra negralhada... Todo mundo era tratado com folha, raiz, purgante, *ebó*, essas coisas assim. Um dia, a gente ainda vai poder conversar sobre as curas, os tratamentos, a parição, essas coisas assim. Tenho é coisa pra contar ao senhor...

– Agora, a senhora me deixou muito feliz. Isso, Mãe Justina, é de uma importância enorme, para a história de nossa gente.

– Nossa gente? Qual? A de vocês? Senhor, me deixe... Mas vamos deixar isso pra lá. O que era mesmo que a gente estava conversando? Ah, sim: pessoas que fizeram parte do meu tratamento... Nos meus cinco anos, Iku ainda não tinha vindo me buscar. Creio que ele estava com preguiça. Parece até que ele estava tão seguro de minha próxima ida, que não teve pressa. Aí, ele lascou a boca no arame... Por enquanto... Aí, entra Vó Celestina na minha história. Conforme eu já lhe disse, ela era cunhada de Sanibó, conhecida como Iá Boloju, cabeça de Ewá. Ela disse a mamãe: "Olhe, minha filha, por trás de um pau grosso, tem outro superior. E enquanto Deus estiver no céu, urubu não come capim." Vamos apelar pra Xangô e Ewá, pra ver até onde eles permitem que a gente vá. O que elas duas fizeram, nunca me disseram. Me avisaram que era segredo de *Orixá*, e até elas mesmas iam levar pra sepultura. Apenas me proibiram, pro resto da vida, de fazer certas coisas, e que nunca mais eu comesse determinada coisa. Aliás, eu nem deveria pronunciar o nome daquelas coisas. Isso me trouxe um bando de complicação, pra conviver com as pessoas. Mas lá vou eu fazendo arrodeio na história. Detesto isso...

– Mas a senhora não imagina como esses arrodeios são esclarecedores.

– Vôte! Aí, Ewá fez certas exigências. Eu devia ser recolhida até os sete anos, pra fazer o santo. Se passasse dessa data, a garantia de Ewá e Xangô ia perder o efeito. E outra coisa: Sanibó tinha de estar presente, que Oyá ia aparecer pra ele. E quando ele visse ela, jogasse o *opelé*. Tinha de ficar todo mundo de prontidão. Todo mundo dizia: "Gente, Sanibó não vai aceitar isso. Sabe esses homens de Orunmilá como eles são. Ele vai pensar que estamos desacreditando do saber dele. Isso vai dar panos pra manga." Tinha uma coisa: Sanibó adorava Vó Celestina e acreditava em Ewá de olhos fechados. Mas mamãe era turuna, igual a Xangô e disse: "Se vocês não têm coragem de falar com ele, eu tenho. Abaixo de Olodumare, Obatalá, Orunmilá, Orixalá, Xangô e Ewá, a vida de minha filha em primeiro lugar.

– E ela foi conversar com ele?

– Se ela foi conversar com ele? Ora, se foi... O velho Sanibó ouviu tudo calado. Depois, disse assim: "O que Ewá disser no *Orun*, eu obedeço no *Aiyê*. Pode preparar tudo, minha filha. No dia marcado, eu tô lá. É só me avisar antes, pra eu me preparar." Mas por causa de minha idade, muito criança ainda, eu não prestei atenção em tudo que Ewá disse. Além de entender muito pouco, eu era retardada mesmo...

– E demorou muito para se fazer o que Ewá determinou? E a senhora entendia o significado do que ela mandou fazer?

– Demorou muito? Demorou sim... Dois anos. Só vim entender mais tarde, já dentro dos meus sete anos. Até porque eu via tudo aquilo nas outras pessoas. Vi muita gente sendo feita no santo. Isto é, o que era feito no salão. Lá pra dentro do *ilê-axé*, não. Mesmo, o que era visto não era bem entendido por mim. E por aí vai... Quando chegou o tempo de eu fazer o santo, providenciaram tudo. No dia, já amanheceu chovendo muito, o vento acabando com tudo. Ficaram esperando, até que Ewá se manifestou. As mais velhas entraram no *ilê-axé* e avisaram a Sanibó que estava na hora.

– Quer dizer que foi um acontecimento do qual participou gente e Orixá...

– Gente e *Orixá*? Sim... Hoje eu entendo que era uma coisa forte, um segredo muito profundo: o *Orixá* ia mudar o destino de uma criança...

– Eu não sabia que isso seria possível...

– Que seria possível? Doutor Leo, quando Deus quer, água

fria é remédio. Tem um *trabalho* chamado *troca de cabeça*. Um bicho é *enviado* no lugar da pessoa que está pra morrer. Mas o que era mesmo que eu estava dizendo? Ah, sim... Ewá se sentou na esteira e forraram o colo dela com uma toalha branca toda bordada. Me deitaram no colo de Ewá e Mãe Omiladê pegou a navalha pra raspar o meu *ori*. Quando ela deu a primeira navalhada, um raio iluminou tanto, que de dentro do quarto se via a claridade pelos vãos das telhas. No mesmo instante, o trovão deu um pipoco que estremeceu tudo. Mãe Omiladê fez um sinal pra Sanibó e ele saiu depressa, pro meio do tempo. O que aconteceu, eu só fiquei sabendo, quando completei meus catorze anos.

– Imagino, a senhora, criança, deve ter sentido muito medo...

– Sentido medo? Tive foi pavor. Me agarrei com Ewá, que me acalentou, sem soltar um pio. Me contaram que todos ficaram muito preocupados dentro do *ilê-axé*. Pelo ronco do trovão e um barulho enorme que sucedeu, imaginaram que alguma coisa muita séria devia ter acontecido lá fora. Conforme eu já disse, Sanibó saiu do *ilê-axé*, pra ver o que tinha acontecido. Um raio tinha caído em cima de uma aroeira enorme e partiu o arvoredo em duas bandas, até a raiz. Sanibó era um velho corajoso e confiava nos *Orixás*. Quando ele chegou perto, a aroeira ainda estava saindo fumaça, as duas bandas arreganhadas, e os galhos esparramados pra tudo quanto era canto. Até a raiz mestra estava lascada no meio. Olhe, até um ninho de passarinho estava virado em cinza. Sanibó era muito cuidadoso e prestava atenção em tudo. Aí, ele viu uma pedra vermelha, em formato de um acarajé, assim, do lado de uma das bandas da raiz lascada. Estava tudo ainda muito quente por causa da descarga do raio. Sanibó não se apartava de um lenço, porque ele tomava rapé. Por causa disso, os lenços de Sanibó pareciam uma toalha. Aí, ele pegou o *otá* com o lenço e voltou depressa pro *roncó*. E quando encostaram o *otá* ainda quente na minha cabeça, eu perdi os sentidos: Oyá se manifestou em mim, pela primeira vez. Sanibó pegou o *opelé* e jogou.

– E aí? Ele disse o quê?

– O que foi que ele disse? Eu não ouvi, porque estava manifestada. Só fiquei sabendo, depois de grande. Mas eu não posso, nem devo revelar o que ele viu e leu no *opelé*. Candomblé é poço fundo, meu senhor... No candomblé, quem tem a língua grande tem a vida curta. O falador passa mal. Segredo de *ilê-axé*, a gente leva pra sepultura...

Ai, ai! Mas posso lhe informar quem apareceu no jogo de Sanibó: foi *Ogbé Yeku*. Foi ele: o primeiro que vem depois dos dezesseis. Quem souber ir apenas até os dezesseis nunca vai enxergar ele. Sabe, Doutor Leo, *Ogbé Yeku* aconselha a usar a inteligência, nunca o confronto. E pra quem traz esse caminho, não importa quanto a pessoa seja importante, ela vai precisar sempre seguir os conselhos de um babalaô. É preciso ter crença firme em Ifá. Olhe, o senhor não vê? Orunmilá Babá Ifá é tudo pra mim, na vida...

– Aí, sua saúde se restabeleceu...

– Foi isso aí. Daí em diante, os mais velhos foram me ensinando um bocado de coisas e fui me recuperando, até que fiquei sarada de tudo. Hoje em dia, nem gripe eu tenho. Não sei o que é uma dor de cabeça, dor de coluna, reumatismo, nada... Me desenvolvi tanto, que hoje sou esse pedaço de negona, forte e disposta.

– É verdade: nunca vi a senhora se queixando.

– Só erisipela. Se eu facilitar um tantinho assim, com qualquer preceito meu, a maldita risca na hora. Mas isso depende de eu ter vergonha na cara, me compreender.

– Mas sobre* Opira*? Ainda é assim, até hoje?

– Se ainda é assim? Olhe, meu senhor, bananeira não dá caju. Isso faz parte de mim, de minha natureza. Sanibó me ensinou: Orunmilá não falou, porque meu *ori* queria que eu mesma buscasse minha palavra. Eu vim pra isso, pra essa busca. Eu devia descobrir, por mim mesma, em que setor da vida eu ia achar a palavra. Só havia um, mas este um não podia me ser revelado. Cabia somente a mim mesma descobrir. E se eu não procurasse, jamais ia ficar sabendo. Só Orixalá, o *Orixá* maior, podia me ajudar.

– Nunca ouvi falar desse tipo de acontecimento.

– Desse tipo de acontecimento? Se o senhor não é de terreiro, como é que ia viver uma coisa dessa? Isso não é pra *papagaio de janela*. Mas como eu ia dizendo, Sanibó me ensinou muita coisa. Ele mandou que eu, todos os anos, até o final de meus dias, oferecesse um *ebô* a Orixalá com vinte e um quilos de milho branco, muito *igbin*, bastante búzios da costa e mel de abelha com fartura, tudo isso coberto com algodão. Mas tinha uma coisa: o mel tinha que ser presenteado a mim por pessoas cabeça de Oxóssi. Deve ser por causa daquele *itan*, que conta como Oxóssi desobedeceu a Orunmilá e foi caçar num dia proibido. Terminou paralisado no meio da mata... Mas deixemos isso de lado, se não essa conversa não acaba nunca mais.

– E a senhora seguiu o que ele disse?

– Se eu segui o que ele disse? Ao pé da letra, todos os anos, na data certa. Enquanto Iá Boloju viveu, ela fazia isso por mim, mas eu participando de tudo. Depois que ela se foi, assumi a responsabilidade. Até hoje, *Opira* ronda tudo meu. O senhor veja: nos estudos, por exemplo, a leitura nunca entrou na minha cabeça. Também *Opira* continuou no caminho do casamento, de filhos, de viagem pra longe, de me formar em escola de branco... Mal assino meu nome. Como a minha natureza não dá pra eu ser parasita de terreiro, nem muito menos de parente, aprendi cozinhar, cuidar de casa. Vim me parar na sua casa. Ganho pouco, mas o pouco com Deus é muito. Mesmo, aqui, na sua casa, como do bom e do melhor, tenho segurança. Tudo muito limpo, asseado e bonito. Eu dou muito valor a essas coisas. Vocês são uma gente rica, mas são uma gente diferente. Os *Orixás* abençoaram esta casa...

– Oh, Mãe Justina, a senhora me comove... E já achou a palavra que a senhora procurava?

– Quem? Eu? A palavra que eu procurava? Ah, sim: achar minha palavra que *Opira* escondia... Sabe, Doutor Leo? Olodumare tem misericórdia dos ignorantes. Quando a gente é incapaz de perceber ou entender o que é da gente, se não for por orgulho, Deus se fantasia de acaso, dá um tapa no meio de nossas costas. Aí, a gente sai, catando cavaco, cai aqui, cai ali, cai acolá e termina se esparramando por cima daquilo que Ele reservou pra gente. Tem aquele dizer certo: o que é do homem, o bicho não come; o que é da mulher, o bicho não quer. Mesmo, eu entrei no *ilê-axé* sendo Justa, uma menina morre não morre. Mas saí de lá sendo Justina Oyá-lemi: outra pessoa.

– Como foi que a senhora achou sua palavra? Ou não achou ainda? Estou tentando entender essa coisa da palavra, conforme a senhora mesma diz...

– Como foi que eu achei? Não achei; encontrei. O achado é obra do acaso; o encontro é obra da procura. Fácil de entender. A palavra é o seguinte: *Opira* é "não tem resposta", isto é, não tem palavra. A palavra é a resposta pra aquilo que a gente quer saber. Então, fiquei eu, na vida, sem poder perguntar mais nada. Nem os babalaôs quiseram renovar a pergunta a Orunmilá. Não se pode fazer isso. Me lembro bem como aconteceu... Uma ocasião, quando eu já estava uma moça, fui fazer a *obrigação* de todo ano pra Orixalá. Eu nada pedia, apenas oferecia. Acredite o senhor: quando eu

estava espalhando o mel por cima do *ebô*, nos pés de Orixalá, aquilo falou no meu ouvido: "Você deve fazer aliança com Dara Mujina. Vou lhe dar um *oiyê*. Você vai trabalhar pra mim. Você não vive procurando sua palavra? Pois sua palavra é pra ser cantada."

– Qual foi a pessoa que lhe falou isso no seu ouvido?

– Qual foi a pessoa? Eta, homem rude, da inteligência curta, difícil de entender as coisas... Pessoa coisa nenhuma, senhor; foi Orixalá. Tomei um baita susto. O chão me fugiu dos pés, o fôlego me faltou. Tive que me sentar no chão, pra não cair. Passei dias zonza, até que decidi ir falar com Mãe Dara Mujina. Meu receio era que as pessoas entendessem que era uma invenção minha, e que eu estava sendo uma enxerida.

– É... Pensando bem, as pessoas poderiam julgar assim.

– Julgar assim? Poderiam até pensar coisa pior: "A retardada agora quer ter cargo no terreiro dos outros." Gente não é gente. Se gente fosse gente, não fazia mal a gente... Mas com Mãe Dara foi muito diferente. Aquela é uma criatura iluminada. Ela decidiu que a gente esperasse até que Orixalá viesse e resolvesse sobre aquele assunto. Sabe o que aconteceu? Quando Orixalá veio, me deu o cargo de *Iá tebexi*. Ele me disse assim: "Sua palavra vai ser cantada neste *ilê*. Faça as minhas vezes." E nesse cargo estou até morrer. Aqui pra nós, eu não canto bem? Canto tão bem, que o senhor nem me reconheceu naquela noite da *Festa do Pilão*. Lembra?

– Impossível esquecer aquela noite, por tudo que me aconteceu. E como foi que sua palavra aconteceu como uma palavra cantada?

– Como foi que aconteceu? Orixalá me deu o *oiyê*, isto é o cargo: *Iá tebexi*. Significa a mãe que puxa as cantigas. Sei cantar e canto todos os *aderosan*, *oriki*, *orin*, *adura* pra tudo quanto é *Orixá*, *obrigação*, *ebó*, *ipadê*... Sei puxar o *xirê* todinho, completinho da silva, de nossa *nação*. Finalmente, encontrei minha palavra. E hoje em dia, nada mais, além disso, me *bate a passarinha*.

– E sobre o* itan *que Mãe Dara Mujina contou na* Festa do Pilão*? O que a senhora tem a dizer?

– O que eu tenho a dizer? Lá vem o interrogatório. Sei lá... É tanta coisa, Doutor Leo. É uma coisa que é pra ser sentida. Esse negócio de ficar futucando o juízo não é pra essas coisas. De novo, a questão da palavra. Orixalá disse: "A glória cabe apenas a quem se dispõe enfrentar a si mesmo." É possível que eu tenha seguido isso na minha vida. Nasci com a palavra negada. Mas tudo tem dois lados.

Devo a minha mãe, que acreditou na misericórdia do Divino e insistiu em buscar uma resposta pra filha, que sou eu. Ela ainda teve a glória, antes de ir embora deste mundo, de ver a filha encontrar a palavra.

– Quer dizer que ela ainda alcançou o tempo em que a senhora superou os obstáculos...

– Se alcançou? Alcançou sim. E como!... E sabe, Doutor Leo, palavra depois de pronunciada é pedra depois de atirada, não tem mais jeito, seja pro bem, seja pro mal. Mas saiba que Orixalá é dono de todas as palavras. E se ele diz isso, cabe a cada um de nós, seus filhos, enfrentar a si próprios.

– E tem mais alguma coisa de Orixalá que mais lhe chama a atenção?

– Que mais me chama a atenção? O silêncio dele. Só fala por último. Cada palavra dele é uma sentença. Ele não volta atrás.

– Sobre o* itan *contado por Mãe Dara Mujina, tem alguma coisa que bateu forte na senhora?

– Que bateu forte em mim? Como assim?

– Mexeu com a senhora, com seus sentimentos?

– Mexeu comigo? Olhe, mexe com qualquer um, desde que não tenha coração de pedra, nem a orelha passando a cabeça. No meu caso, foi aquilo que Orixalá se calou, aguardando Orunmilá falar. No começo do *itan*, Orixalá não deu ouvidos às palavras do Senhor do Destino. Aí, depois, ele teve de consertar tudo. Ficou esperando até a palavra ser dita. Mas tinha de ser dita por outro. Olhe, o senhor sabe? Até hoje, eu choro, quando eu ouço aquele *itan*, me lembrando de que, a mim, também foi negada a palavra. E tive de esperar, até que outro dissesse pra mim. Sanibó e Omiladê viram *Opira*, mas Oyá desceu do *Orun* e lascou a aroeira, mostrando *Obé Yeku* a Sanibó. Ewá fez a minha cabeça e Xangô cuidou de mim. Por último, Orixalá desmanchou o nó. Ai, ai, Doutor Leo...

– E sobre a senhora com o nosso grupo? Como a senhora se sente?

– Como eu me sinto? Lá vem coisa... Olhe, vocês são lá seus brancos, sabidos, cheios de leitura, de comes e bebes, luxos, essas coisas assim. Não tenho o que dizer de ninguém.

– Mas Mãe Justina, vocês de terreiro também vivem uma vida de luxo e de privilégios.

– Privilégios? Como assim, Doutor Leo? Oxente, gente. Isso tem cabimento?

– Tem cabimento sim, senhora. Quer mais grandeza e luxo do que se vê numa festa de Oxum? E essa coisa de ter intimidade com o divino,

com os Orixás, com o sagrado? Conversar pessoalmente com eles... Quer luxo e privilégio maiores?

– Danou-se. Tá doida, Lídia? Bom, nesse sentido, até que o senhor tem razão. A maioria vive aí, esperando a morte, mas tendo horror a ela, esperando ver Deus no céu. Já nós, gente de santo, sabemos como é o céu, estando ainda em vida.

– E sobre a grandeza das festas? A* Festa do Pilão*, por exemplo...

– A grandeza das festas? Tudo aquilo é feito com a ajuda de todos. No candomblé não se vive cada um por si. Tudo é de todos: a terra, o ar, o sol, a lua, as estrelas, as nuvens... Os rios, o mar, as folhas, as pedras... O axé, o *Orixá*. Todo mundo sabe: a união faz a força. É outro modo de viver, Doutor Leo.

– Ah, sim, Mãe Justina. A senhora é uma pessoa de Sagitário...

– Tava custando... Lá vem o senhor inventando moda. Aquele bicho do seu sonho?

– Não é um bicho, Mãe Justina.

– Sim, sei. É o modo de dizer. Olhe, eu respeito o saber de cada um, mas nunca gostei de mistura. Ou é do banco, ou é de quem se senta. Esse negócio de juntar um bocado de sabedoria, fazendo colcha de retalho não é comigo. Olhe, o senhor sabe de uma coisa? Candomblé é poço fundo: quem estiver fora não entre; quem estiver dentro não saia. São dizeres dos mais velhos. Dediquei minha vida aos *Orixás* e quanto mais vejo coisa, mais compreendo que nada sei. Então, se eu for me dedicar a aprender coisas de outros caminhos, não vou ter tempo pra ver aquilo que é mais profundo no caminho meu, quanto mais pra viver. Quem muito abraça pouco aperta. E quem não dá pra fubá desocupa o lugar...

– E como a senhora faz para saber de si própria?

– Como eu faço? Vivendo, Doutor Leo. Ouvindo os mais velhos, consultando os *Orixás*, me mirando no espelho dos outros, pondo minha barba de molho, quando vejo a barba do meu vizinho arder. Então, o que sei de mim é que sou cabeça de Oyá, e isso me diz tudo, por enquanto, do que eu preciso saber. Oyá vai do *Orun apadi* ao *Orun orerê* na velocidade do pensamento. O senhor já imaginou o tanto de tempo que é preciso pra se entender isso? Pois é, vamos deixar o Sagitário lá, no canto dele, quieto. Flecha por flecha, Oxóssi tem. Se ele tem dois lados, um de gente e outro de bicho, Logum-edé também tem dois lados, um lado macho, outro lado feme. Se ele é Casa Nove, Xangô também responde nos nove

búzios. Se ele é o que pensa, Orixalá também. Portanto... Olhe, Doutor Leo, sabido é Deus.

– E sobre terreiro, Mãe Justina, de um modo geral, o que a senhora me diz?

– O que eu lhe digo? Lhe digo o seguinte... Tudo que eu lhe contei, sobre mim, sobre minha vida, só é possível acontecer com gente de terreiro. Fora disso, não faz sentido. Terreiro é tudo isso que nós estamos conversando aqui. Não dá pra cortar em pedacinhos, pra se ver como é. Terreiro é um todo inteiro, embora tenha dois lados, como tudo, na vida.

– Quero lhe agradecer por sua boa vontade, por essa conversa de tantos ensinamentos.

– Tudo bem. Obrigada também. Justina, sua criada, continua aqui, ao dispor. Mas não vai sair nenhum dinheirinho pelo que eu ensinei? Aranha vive do que tece...

– Essa Mãe Justina não tem jeito. Sempre brincalhona.

– Brincalhona uma ova. Tô falando sério. Macaco sobe e guariba desce, Cantulina é quem padece. Mas meu nome não é Cantulina; é Justina. Eu só gosto do que é justo. Jesus Cristo disse: "Dai de graça o que de graça recebeste." Mas ele não disse: "Dai de graça o que te custou muito esforço." Tá boa, santa?

– Vamos acertar, então. Mas para a gente encerrar de uma vez, qual é a palavra?

– Qual é a palavra? Eu quero ver essa nossa conversa no livro, hein... Quando estiver pronto, vou pedir a uma pessoa que leia essa parte pra mim. As outras partes, eu já sei: da missa, a metade; o resto é bolodório do padre. Mas pra gente encerrar, a palavra é aquela mesma palavra de Orixalá: **A glória cabe apenas a quem se dispõe enfrentar a si mesmo**.

– Mãe Justina, a senhora quer dizer alguma coisa para encerrar esta nossa conversa?

– Claro que quero. Sem vontade ninguém me acha. O senhor se lembra daquele papelzinho que eu lhe dei, dizendo que eu queria que aquilo constasse do livro? O senhor sabe os dizeres de cor?

– Sei, sim: "Quando você se permite julgar os outros, está autorizando que o universo lhe julgue também. E o universo, como sem falta, um dia vai fazer isso, porque *Orixá* não esquece e porque tudo fica escrito na memória de Orixalá."



PARTE IV

A CHEGADA

Sempre é possível
imaginar uma **vida diferente**,
mas por enquanto
a **sociedade** na qual vivemos
é a **única** disponível e nela
a validade do sonho
não é a **utopia social**.

Marcia Tiburi



Com Tagore, no poema XXXVII de sua *Oferenda Lírica*, posso concluir: "Já no limite das minhas forças, pensei que a minha viagem chegara ao fim." Chego finalmente a um ponto de minha jornada, onde o término se confunde com o início. Por que esmorecer? Num relance do olhar, constato que entrei em alguns nichos ecológicos e naveguei no mar de suas intimidades. Tal qual um nadador profissional, agora, preciso alcançar a praia. Não mergulhei neles para profaná-los. É claro que, dessa espécie de mergulho, não se pode sair ileso. O afogamento é sempre um risco a quem se dá ao trabalho de mergulhar nos oceanos da fantasia e do sonho. Confesso que saí completamente encharcado. Não sou mais aquele que era antes de mergulhar...

É percorrendo a estrada do sonho, no entanto, que se pode entender a diferença entre ele e a dureza da realidade. Viajando pela *Estrada de Sagitário*, Orunmilá me trouxe até aqui, pelos *Caminhos* da Luz de seus *Odu*, e Orixalá me recebeu na sua *Festa do Pilão*. Quanto sonho, apesar da realidade! Quanta realidade necessitando do sonho! Muitos são os caminhos, eterno convite para a compreensão mais larga.

Chego, no entanto, a um momento em que a realidade impõe um freio à fantasia. Tal imposição, contudo, não tem forças suficientes para o extermínio do sonho, pois ele é necessário, para que se suporte a existência. E não há sonho mais profundo do que aquele gestado pela intuição artística. Conforme Ferreira Gullar,[51] "a arte existe porque a vida não basta", pois nos humanos, a vida está involucrada numa das formas mais *complexas* da matéria.

É possível que seja até mesmo muita pretensão do nosso grupo almejar que este livro se configure como uma obra de arte, um texto literário. Nem mesmo a legítima expressão, em qualquer ramo da arte, conseguirá a unanimidade, nem muito menos agradar a todos. Justamente por isso, este livro não foi organizado ou escrito com o intuito de agradar ao maior número possível de leitores, no pedaço de aldeia em que o Universo plantou os seus participantes. Então, não há porque manter expectativas quanto à aldeia global. Essa aldeia, se é que ela de fato existe, está preocupada com as quatro operações: multiplicar dinheiro; dividir consumições, somar angústias

51 Rápido depoimento em entrevista sumária, na TV Globo. Entrevista de Ferreira Gullar concedida a Roberto D'Ávila, em 13 de setembro de 2014. Disponível em: http://globotv.globo.com/globonews/globonews/v/roberto-davila-entrevista-ferreira-gullar/3621952/

e subtrair oportunidades de ser feliz. É assim, porém, que a procissão segue, pelo menos até o toque final da derradeira trombeta, soprada pelo último anjo. O que nos anima, porém, é entender que o nosso livro propõe ideias e argumentos. Haverá até quem concorde, afirmando que é verdade, mas apenas no plano da fantasia. O que dizer, então? "Assim é, se lhe parece."

Assim sendo, não se justifica, por parte de quem escreve, tirar conclusões. Esse papel cabe exclusivamente ao leitor. Também, não há porque explicar o que já foi dito. Quem dá muita explicação para tudo é porque imagina que as outras pessoas têm pouca inteligência. A limitação, na verdade, é de quem precisa se explicar.

Não é preciso explicar a necessidade que tem a humana gente do diálogo entre a diversidade de pensamentos. Na maioria das vezes, as discussões se resumem apenas à busca da imposição de uma teoria única. Nisso, a dialética fica sacrificada, pois a convivência entre pensamentos divergentes, no plano do debate civilizado, não terá oportunidade para acontecer, nem as contradições poderão ser questionadas. É justamente no diálogo que o conhecimento se expande e se torna possível de ser socializado. Nisso, cabe à Ciência maior quinhão, pois o seu papel, ao longo das gerações, é transformar o conhecimento em senso comum. Se assim não for, o seu saber será inútil e, ao ser vislumbrado, o conhecimento será confundido com magia. Aproveitando-se de tal entendimento, Anhanguera, tocando fogo numa cuia que apenas continha aguardente, assombrou uma tribo de índios, prometendo incendiar os rios, se eles não lhe revelassem onde havia ouro.

Para que se evite a ação dos magos palacianos, que utilizam truques travestidos de conhecimento não dominado ainda pela maioria, é necessário, sempre, respeito ao diferente. Na ausência de receptividade ao diferente, ao diverso, funda-se a necessidade de mudanças. E a mudança só será abraçada, quando aquele que tem ojeriza a ela entender seus fundamentos. Nisso, arte, ciência, política e religião, ou andam de mãos dadas, ou se tornam promotoras de conflitos e, não raro, de extermínios e holocaustos.

Esses foram os sentimentos e pensamentos condutores de nosso grupo por meandros que, aos olhos de muitos, poderão se configurar exóticos, excêntricos, quando não, um amontoado de dizeres sem sentido. Não é verdade que se acusa de superstição o conhecimento erigido em bases totalmente diferentes daquelas dominadas

pelo acusador? Então, que fizemos nós? Demo-nos ao direito de aproximarmo-nos de outros dizeres, fazeres e viveres. Aqui está, então, o resultado de nossa aventura: este livro. Ele expressa um retalho mínimo de um patrimônio riquíssimo, preservado nos terreiros e que a sociedade hegemônica, por preconceito, varreu para as profundezas dos escondidos da cultura oficial. É a prevalência de um imaginário de um povo que nega a si mesmo.

Tomamos do povo nagô um grande Arquétipo, configurado na imagem arquetípica de Orixalá, e dele destacamos, conforme o ângulo de observação de cada um de nós, aspectos que entendemos como fundamentais. Contextualizamos em nossas próprias trajetórias os dizeres escondidos por trás da história de *A viagem de Orixalá*. E tentamos ir mais além, quando combinamos também lançar mão do conhecimento nagô, preservado nos terreiros tradicionais. Por isso mesmo, ultrapassamos as fronteiras e fomos em busca de um entendimento mais assentado sobre os *Odu-meji de Ifá* e *Orixá*, quando abordamos tais categorias globalizadoras que configuram os seres humanos. O impulso de conhecer nos levou mais adiante ainda. Fomos visitar as fronteiras de outro conhecimento, tão discriminado e atacado quanto o conhecimento nagô: a Astrologia. Sobre essa, então, nem é preciso explicação alguma. Os ataques a ela dirigidos são públicos, notórios e arrasadores.

O que foi isso realmente? Uma mistura de informações clicadas aqui e ali? Uma tentativa esdrúxula de juntar retalhos de superstição para construir uma colcha disfarçada em criação literária mal ajambrada? Os terreiros ensinam: "A feiura e a boniteza estão nos olhos de quem vê." As crenças dão conforto àqueles que as abraçam. Então, o conforto dos dizeres dos terreiros nos alcançou em cheio. E os saberes vertidos foram tão eficazes que neles vimos seriedade e fundamento. Então, por que não os trazer à tona? Por que não tirá-los dos escondidos, da invisibilidade a que foram condenados? Eles podem expandir as fronteiras de estudos consagrados, sem conflitos com o que está estabelecido pela tradição científica. Constituem uma outra espécie de mapa para a viagem tão necessária em busca de si mesmo. Isso não prescinde da mão sábia de quem sabe, pode e deve dizer: "Vem por aqui." E quem desdenha de tal convite certamente ignora a diferença entre uma estrada de chão e aquela outra, pavimentada e devidamente sinalizada.

Evidentemente, entre as inúmeras barreiras em voga, uma delas está com suas baterias de fogo pesado apontadas, no objetivo de exterminar tudo aquilo que ultrapassar as fronteiras do fundamentalismo. Generaliza-se a acusação de que o Diabo está por trás de conhecimentos, saberes e práticas que vieram da África. Luís da Câmara Cascudo, em 1965, no seu livro *Made in Africa*[52], já afirmava: "Não há um Diabo legítimo, verdadeiro, típico, nas crenças da África Negra, pátria dos escravos vindos para o Brasil." Na verdade, mesmo à época em que Câmara Cascudo publicou o referido livro, tal afirmação já não correspondia à verdade dos fatos. Religiosos de crenças ocidentais já tinham introduzido o Diabo por lá. Se um dia, no passado, foi do interesse político dos religiosos de crenças ocidentais apresentar o Diabo aos povos africanos, nos dias de agora o mesmo interesse engendra novas táticas para espalhá-lo pelo mundo todo, sob o disfarce de apregoar a salvação. Enquanto isso, não se enxerga o maior legado dos africanos: tentar reparar a noção de sociedade íntegra.

Nosso grupo tem outro interesse. Ele surgiu de um sonho. Aliás, de uma ordem dada por Sagitário. Lembram-se? Eu narrei isso detalhadamente, na segunda seção *A visão do Sagitário*, da PARTE I – A VIAGEM: "Está na hora de retornar. Tome estas quatro flechas. No momento exato, vai descobrir porque e como fazer uso delas. Escreva, escreva, escreva, escreva. E não se esqueça dos *Odu de Ifá*. Vá!"

Empreendi a viagem, enquanto construía a estrada para desenvolvê-la. Que o nosso escrito seja tomado como uma declaração de fé no ser humano, o único que é capaz de criar o divino. É claro que se vive hoje, aqui, uma *sociedade pavão*, que idolatra o exibicionismo e a ostentação. Os poucos que podem assim o fazem porque *podem*. Os que não podem desejam freneticamente também alcançar suposta glória. Para percorrer caminhos que possam realizar seus desejos, na maioria das vezes, os que desejam transformam seu sonho em pesadelo, cujas sequelas terminam atingindo a todos. Ainda assim, meu grupo continua apostando no ser humano. Caso contrário, não restará pedra sobre pedra. E saibam: nós, os seres da esfera dos sonhos, acreditamos em vocês, os seres da realidade. Mas

52 CASCUDO, Luís da Câmara. **Made in Africa**: pesquisas e notas. 4. ed. São Paulo: Global, 202. p. 106.

me respondam uma coisa: o que é a realidade?

Depois que escrevi a PARTE IV, gastei três semanas numa cuidadosa revisão de todos os originais. Em seguida, gastei outro tanto coordenando a elaboração de um GLOSSÁRIO[53]. Julguei pertinente também chegar a essa fronteira. A caminhada foi longa e este é o termo da jornada. Caso seja da sua necessidade ou do seu agrado, faça a sua viagem também.

Então? Vamos viajar?

53 Na elaboração deste GLOSSÁRIO, foi providencial a ajuda de Nivaldo Madureira, Heitor Guarany e Geralda Santiago, numa tarefa que envolveu vários níveis de discussão. Primeiro, porque a lista de vocábulos se tornou muito extensa, embora fosse necessária para uma maior compreensão semântica por parte do leitor, tendo em vista a especificidade dos assuntos tratados nos diversos textos. Segundo, porque muitos itens lexicais cobravam uma abordagem mais extensa, dada a complexidade semântica que os envolvia, bem como as várias áreas do conhecimento e da informação que precisavam ser alcançadas. Terceiro, porque o próprio GLOSSÁRIO terminou se configurando um alentado adendo, pelo volume necessário de páginas. Outro enfrentamento que nos desafiou foi a seleção de conceitos e significados para cada um dos verbetes. Lançamos mão de dicionários, inclusive dos virtuais, bem como de visitas a inúmeros *sites*, *links*, *blogs*, a exemplo do *Google* e da *Wikipédia, a enciclopédia livre*. Constatamos que as várias definições e conceituações se repetiam *ips litteris* nos diversos *sites*, e isso nos dificultou identificar a fonte original. Por isso, concluímos tratar-se de domínio público, o que nos libertou da necessária citação de fontes, quando também copiamos informações contidas nos diversos *sites* que julgamos muito bem elaboradas na explicação de muitos verbetes, ou elaboramos bricolagem. Mesmo, a repetida citação faria deste GLOSSÁRIO objeto de leitura massacrante. Terminamos por concluir que ele deveria ser mantido tal qual ele se configura a seguir, objetivando facilitar a leitura dos textos e uma compreensão mais ampla dos vários assuntos abordados.



CERRAÇÃO

Foi assim, sem nenhum aviso, igual a um enfarto do miocárdio e está acontecendo neste exato momento.

Dando a obra por definitivamente acabada, imaginamos um encontro no *Ilê Axé Turi Efan Olorokê*, a fim de comemorarmos. As pessoas foram chegando, chegando, chegando. Como sempre, o terreiro vibrando em organização. O cheiro da comida africana hipnotizando a todos.

Embaixo da mangueira, Arnaldo Santiago filosofando, para Padre Germano ouvir e, às vezes, contestar. Na varanda do leste, um grupinho soltando constantes gargalhadas: Ariadne, Celeste, Creusa e Maura. Jean Claude passeando entre os canteiros de rosas. E Neusa... Vai aqui uma surpresa: já fiz as pazes com Gilberto, meu genro. O dito cujo está aqui também, passeando com minha filha. Dina e Geralda, muito animadas, coversando com Mãe Dara Mujina. Heitor sempre fazendo anotações. Nivaldo, Paolo e Renato, eternamente aos cochichos, tirando fotografias e filmando tudo que seja permitido. E eu apenas me limitando a escrever este texto no meu *tablet*.

De repente, uma interrupção por Mãe Justina, pedindo para trazê-la até nossa morada. Ela precisava pegar uns *salgados*. Cochichou que saíssemos em surdina, para não causar alvoroço. Displicentemente, eu trouxe meu *tablet* comigo e, enquanto Justina acomodava os *salgados* numa caixa, continuei digitando.

Mal vejo Justina fechando a porta larga de nossa varanda, soltando um grito de espanto e me chamando às pressas. Sabe o que vimos? Lá, ao longe, a névoa densa no lugar onde deveria estar o *Ilê Axé Turi Efan Olorokê*, no alto do morro. Em forma de redemoinho, o espesso nevoeiro arrebatando o terreiro para aquele *terceiro mundo*, do qual viemos. Lembram-se?

E a mesma névoa vem invadindo, agora mesmo, nossa residência, arrebatando a mim e a Mãe Justina também. De repente,

me dou conta: em tudo que fazemos ou vivemos, no início já estão postas as marcas do fim. O provedor cessou de oferecer condições para continuarmos no mundo da realidade. E em todo sonho, num determinado momento, a gente acorda. Mal tenho tempo de me despedir. *Non cade foglia che Dio non voglia*. Até um dia, se o provedor permitir. Ou outro qualquer, quem sabe... A estrada se abrindo e nós todos sendo tragados por ela. Então? Vamos viajar?

e a névoa
vem vindo
invasora
reduzindo
os segundos
fumacentos
deste fim
engolindo
o tempo-espaço
arrancando
os pedaços
estilhaços
e fiapos
dissolvendo a pulsão
terminando a coesão
da existência virtual
liberando as amarras
separando o eu de mim
assim
assi
ass
as
a
...





GLOSSÁRIO

A

Aberém. s. m. Iguaria da culinária africana, feita com massa de fubá, camarão seco pilado, cebola ralada e azeite de dendê, enrolado em folha de bananeira seca e cozida no vapor.

Abre-te, sésamo. Frase mágica usada por Ali Babá, em *As mil e uma noites*, que servia de senha de acesso ao esconderijo dos quarenta ladrões. Quando a frase era pronunciada, a porta do esconderijo se abria, liberando o acesso. Atualmente, essa frase é utilizada como metáfora, significando acesso seguro a qualquer informação.

Acaçá. s. m. Iguaria da culinária africana, feita com amido de milho, leite de coco, açúcar, formando uma espécie de mingau bem grosso, cujas porções são enroladas em folha de bananeira, ainda bem quente.

Aderosan. s. m. Texto laudatório, sob forma de oração, que é declamado em momentos propícios, em louvor ao *Orixá*, à *nação* do terreiro ou mesmo a um ancestral.

Adura. s. m. Reza, oração.

Adarrun. s. m. Toque de ritmo apressado, percutido com varetas nos atabaques, que serve como chamado aos *Orixás*, quando deles se necessita, ou nas solenidades do *xirê*. O chamado não garante a resposta ou atendimento por parte do *Orixá*, porque isso depende de uma série de exigências prévias feitas por ele.

Agenor Miranda da Rocha. Conhecido como Pai Agenor, nascido em Luanda, Angola, em 8 de setembro de 1907, e falecido no Rio de Janeiro, em 17 de julho de 2004. Famoso *oluô*, isto é, *expert* no jogo de búzios, profundamente considerado e respeitado pelo seu saber.

Agnelo Rodrigues de Melo. (1901-1979). Poeta e jornalista brasileiro, que adotou o pseudônimo de *Judas Isgorogota*. Estreou nas letras em 1922, com *Caretas de Maceió*. Transferiu-se para São Paulo,

publicou *Divina Mentira* e *Recompensa*, que recebeu menção honrosa da Academia Brasileira de Letras. Outras obras: *Desecanto*, *Fascinação*, *Pela Mão das Estrelas*, *Os que vêm de Longe*, *Abkar* e *João Camacho*. Publicou 15 livros de poesias, 1 novela e 5 livros de poesias infantis. Ganhou projeção internacional, e diversas de suas poesias foram traduzidas para o francês, inglês, alemão, espanhol, italiano, húngaro, árabe, checo e lituano.

Agô. s. m. Licença; pedido de licença.

Agradar o santo. Oferenda que se faz ao *Orixá*, com o único objetivo de reverenciá-lo, reafirmando compromissos e laços entre o ofertante e o *Orixá*.

Aiyê. s. m. (Do nagô, *Àiyê*). O planeta Terra. O mundo real terráqueo de três dimensões, imagem retroflexa do *Orun*, que é o universo paralelo, onde habitam os seres divinos, divinizados e ancestrais.

Ajalá. ant. m. Uma variação do arquétipo Oxalá. Oleiro do *Orun*, aquele que faz as cabeças que serão escolhidas por quem desejar se encarnar no *Aiyê*.

Akokô. s. m. Árvore sempre presente nos terreiros cuja área permita o cultivo de plantas. Pertence ao gênero *Newbouldia laevis*, da família *Bignoniaceae*.

Alabaxé. s. m. Um dos títulos do *Olodumare*, aquele que põe e dispõe de tudo, dono de todos os destinos.

Alabê. s. m. Cargo na hierarquia do terreiro, atribuído por confirmação a pessoas do sexo masculino, cuja função é percutir os atabaques sagrados.

Alá de Orixalá. s. m. Espécie de toalha grade, totalmente branca, símbolo da paz e da proteção de Orixalá. É utilizada nas obrigações solenes do terreiro, ou durante as manifestações de Orixalá. É alvo de grande reverência por parte do fieis, que tocam em suas pontas e, em seguida, levam os dedos à cabeça.

Alea jacta erat. Frase latina, tomada em paródia à frase *Alea jacta est*, supostamente proferida por Júlio César ao tomar a decisão de cruzar com suas legiões o rio Rubicão. Significa "A sorte está lançada". Na linguagem popular, é uma expressão utilizada quando os fatores determinantes de um resultado já foram realizados, restando apenas revelá-los ou descobri-los.

Alice no país das maravilhas. É a obra mais conhecida de Charles Lutwidge Dodgson, publicada sob o pseudônimo de Lewis Carrol. Conta a história de uma menina chamada Alice, que cai na toca de

um coelho e vai chegar a um lugar fantástico. A narrativa é pautada na lógica absurda que caracteriza os sonhos.

Alujá. s. m. Toque de ritmo apressado, percutindo os atabaques com varetas, destinado aos chamados ao *Orixá* Xangô, sendo também o toque destinado às danças sagradas daquele *Orixá*.

Ambrozô. s. m. Bolinho de origem africana, feito com fubá ou farinha de mandioca. É fartamente temperado com pimenta, azeite de dendê, entre outros condimentos, e frito no dendê. Var. ambrazô.

Ana Maria Gonçalves. Escritora mineira (1970). Residiu por algum tempo em Nova Orleans, retornando ao Brasil em 2013. Seu segundo livro, *Um defeito de cor* (2006) é um romance, com o qual conquistou o *Prêmio Casa de las Americas*.

Ananias. Discípulo de Jesus e companheiro de Paulo de Tarso, enviado por Cristo para curar a cegueira de Paulo.

Anjerê. s. m. Espécie de panela de barro, na qual são dispostos pavios acesos, cuja chama é alimentada com azeite de dendê. Oyá e Xangô costumam dançar, com o *anjerê* solto na cabeça, sob fortes ovações das pessoas presentes ao ritual. Var. *ojerê*

Anhanguera. s. m. Apelido dado pelos indígenas a Bartolomeu Bueno, um bandeirante. Narra a história que ele teria colocado aguardente em uma cuia e ateado fogo. Ameaçou os índios, com isso, que tocaria fogo nos rios, se eles não lhe mostrassem onde havia ouro.

Antônio Olinto. (Antonio Olyntho Marques da Rocha, 1919-2009). Escritor brasileiro, cuja obra abrange poesia, romance, ensaio, crítica literária, análise política, literatura infantil e dicionários. Traduzido em mais de 35 idiomas, Olinto contribuiu para divulgar a cultura, a literatura e a gente do Brail em todos os cantos do mundo. Foi professor durante dez anos, tendo ensinado latim, português, história da literatura, francês, inglês e história da civilização, em colégios do Rio de Janeiro. Suas grandes paixões foram a música e a cultura africanas. Pertenceu à Academia Brasileira de Letras. Nomeado Adido Cultural em Lagos, Nigéria, pelo governo parlamentarista de 1962, em quase três anos de atividade fez cerca de 120 conferências na África Ocidental, promoveu uma grande exposição de pintura sobre motivos afro-brasileiros, colaborou em revistas nigerianas, enfronhou-se nos assuntos da nova África independente, e como resultado, escreveu uma trilogia de romances – *A casa da água*, *O Rei de Keto* e *Trono de vidro* – hoje traduzidos para dezenove idiomas. Quando viveu na África, descobriu a cultura negra

no Brasil e a presença brasileira na África. Na Bahia, foi escolhido, juntamente com Jorge Amado, Dorival Caimi, Caribé, Pierre Verger e Muniz Sodré, para ser Obá de Xangô, no candomblé do Ilê Axé Opô Afonjá. Em 1968 foi nomeado Adido Cultural em Londres, onde desenvolveu uma atividade incessante, através de conferências, e um mínimo de cem exposições ao longo de cinco anos.

Apaoká. s. f. Árvore, cujo nome científico é *Artocarpus heterophyllus*. Seu fruto, denominado de jaca, é muito apreciado, chegando a ser básico na alimentação de certas populações interioranas, principalmente no Nordeste. Também é o designativo de um *Orixá* que, segundo alguns, é mãe de Oxóssi. A jaqueira é o local onde esse *Orixá* recebe culto.

Apóstolo dos Gentios. Epíteto para o apóstolo Paulo. Deve-se ao fato de ele ter sido evangelizador das populações fora de Israel, dos pagãos, dos gregos e dos romanos, dos não-judeus.

Ara. s. m. Corpo. Ser.

Arco celeste. s. m. O arco-íris.

Armagedon. s. m. Local considerado como "monte de Magedo", localizado ao Sul do monte Carmelo. É descrito no livro do Apocalipse (16,16), onde se reunirão os reis do mundo, no final dos tempos. Metaforicamente, é empregado no significado de fim do mundo.

Arquétipo. s. m. Do grego *arché*, principal ou princípio, e tipós, impressão, marca. Imagem ou modelo primordial de alguma coisa. Trata-se de um conceito explorado em diversos campos de estudo. Na Psicologia Analítica, refere-se à forma imaterial à qual os fenômenos psíquicos tendem a se moldar. Para Jung, o termo se refere a estruturas inatas que servem de matriz para a expressão e o desenvolvimento da psique. Para ele, as imagens primiodiais fazem parte do inconsciente coletivo, a exemplo da Morte, do Herói, do Grande Pai, da Grande Mãe, do Sábio etc.

Ascendente. s. m. Termo usado em Astrologia para designar a constelação posicionada na linha do horizonte no momento do nascimento da pessoa.

Asiwajú. s. m. Um dos títulos do *Orixá* Ogum. Significa aquele veio à frente, abrindo o caminho para os demais *Orixás*.

Assim é, se lhe parece. Do italiano *Così è (se vi pare)*. Título de uma peça de teatro de Luigi Pirandello, de 1917. Trata o tema da verdade, o contraste entre realidade e aparência, entre verdadeiro e falso,

pondo em xeque a ideia de uma realidade objetiva que possa ser interpretada de modo unívoco através dos instrumentos da racionalidade.

As viagens de Gulliver. Romance (1726), de autoria de Jonathan Swift, escritor irlandês (1667-1745). É um clássico da literatura inglesa.

Avatar. s. m. Ser divino descido à terra, em forma materializada

Axé. s. m. Energia propulsora de todo o sistema cósmico, imanente a tudo que existe, responsável pelo ser e pelo devir. Sem o axé, as coisas não seriam coisas.

B

Babalaô. s. m. (Em *yoruba*: *bàbáláwo*; *pronúncia*: *babalauô*). Nome dado aos sacerdotes exclusivos de Orunmilá, no culto de Ifá, na religião *yoruba*, das culturas jeje e nagô. Esses sacerdotes não entram em transe, sua função principal é a iniciação de outros babalaôs, a preservação do segredo e transmissão do conhecimento do culto de Ifá, para os iniciados. O babalaô é considerado pai ou senhor dos segredos, ou pai, no conhecimento das coisas materiais e espirituais, o porta-voz de Orunmilá. A iniciação de um babalaô não comporta a perda de consciência que acompanha a dos *Orixás*. Não se trata de ressuscitar no inconsciente do babalaô o *eu perdido*, correspondente à personalidade do ancestral divinizado. É uma iniciação totalmente intelectual. O babalaô tem de passar por um longo período de aprendizagem de conhecimentos precisos em que a memória, principalmente, entra em jogo. Precisa aprender uma quantidade enorme de histórias e de lendas antigas, classificadas nos duzentos e cinquenta e seis *Odu* ou signos de Ifá, cujo conjunto forma uma espécie de enciclopédia oral dos conhecimentos tradicionais do povo de língua *yoruba*. Com a vinda para o Brasil dos negros que foram escravisados, entre eles vieram alguns babalaôs, mas não deixaram seguidores e a história de como o culto se perpetuou no país ainda não foi estudada em profundidade. Martiniano Eliseu do Bonfim (1859-1943), também conhecido como *Ojé L'adê*, foi o grande precursor do retorno às raízes africanas e da busca de elementos capazes de fortificar as práticas religiosas dos negros ex-escravos. É considerado o último babalaô do Brasil dos que vieram inicialmente.

Babalorixá. s. m. Sacerdote do culto aos *Orixás*. Pai de santo.
Baba Igboná. s. m. Pai da quentura, um dos títulos do *Orixá* Omolu.
Babá Okê. s. m. Pai da montanha, um dos títulos de Orixalá, também aplicado a Olorokê.
Bachelard. (Gaston Bachelard, 1884-1962). Filósofo e poeta francês. Seu pensamento está focado principalmente em questões referentes à filosofia da ciência.
Baobá. s. m. Árvore africana de grande porte. Quando alta, são necessários vários homens de braços abertos para abarcá-la. De nome científico *Adansonia digitata*, é a árvore nacional de Madagascar e o emblema nacional do Senegal. é também conhecida por embondeiro, imbondeiro ou calabaceira.
Bara. s. m. O *Orixá* Exu.
Bater a passarinha. Expressão popular que significa, literalmente, bater o baço, na acepção de incomodar-se, sentir-se atraído por.
Baratinado. adj. Perturbado; agoniado.
Batetê. s. m. Termo da culinária afro-baiana. Espécie de salada feita com inhame cru, temperado com cebola ralada, camarão seco, gengibre, sal e pimenta. Alguns preferem que esta massa preparada seja frita no azeite de dendê, sob forma de bolinhos.
Beethowen. Ludwig van Beethoven, compositor alemão (1770-1827). Por suas qualidades inigualáveis, é considerado um dos pilares da música ocidental. Sua *Nona sinfonia* é considerada a mais alta expressão de sua genialidade.
Bokê boki. Expressão híbrida que significa *fique calado*, *cale a boca*, ou ainda *bico calado*.
Bori. s. m. Um dos rituais mais conhecidos entre os povos de religião de matriz africana. Consiste em *dar comida à cabeça*, uma vez que para as pessoas desses segmentos sociorreligiosos, a cabeça precisa comer anualmente.
Brega. a. m. Vulgar, chulo, de qualidade desprezível.
Brevê. s. m. Termo usado na Aeronáutica, e significa título que atesta a capacidade de uma pessoa pilotar aviões.

C

Caboclo. s. m. Entidade considerada espírito de indígena brasileiro, que recebe culto em terreiros de algumas *nações*, a exemplo do chamado *Candomblé de Caboclo*.

Caipora. s. 2 gen. Termo de origem indígena, designativo de uma entidade espiritual que governa as matas e protege os animais, confundido e desorientando os invasores de seus domínios. Foi associado ao *Orixá* Ossáin, também considerado dono do mato pelos adeptos do candomblé. Variação do tupi *Caapora*.
Caixa de Pandora. s. f. Objeto da mitologia grega tirado do mito da criação de Pandora, a primeira mulher criada por Zeus. A *caixa*, na verdade, era um grande jarro dado a Pandora, que continha todos os males do mundo. Foi recomendado que Padora nunca abrisse o jarro, mas ela não resistiu à tentação para saber qual era o conteúdo. Quando ela abriu o jarro, deixou escapar todos os males do mundo, menos a *esperança*. A esperança pode ser vista como um mal da humanidade, pois traz uma ideia superficial acerca do futuro.
Candomblé. s. m. Termo de origem banto que, com o tempo alargou sua significação e abarcou várias designações, a exemplo de: casa de culto religioso de matriz africana; conjunto das pessoas que celebram o culto ao *Orixá*, ou *inkice*, ou *vodun*; território onde se localiza um terreiro; festa religiosa de caráter público celebrada nos terreiros.
Cantiga de sotaque. s. f. Espécie de cântico, normalmente em português, para dar a entender que se sabe de algo feito por alguém às escondidas, ou traços reprováveis do caráter ou do comportamento escuso de uma ou mais pessoas.
Capitu. Personagem literária do romance *Dom Casmurro* (1889), do escritor Machado de Assis. No decorrer da trama, Capitu é acusada de traição por Bentinho, seu marido. O leitor, no entanto, não consegue dados concretos, conforme a narrativa é desenrolada, para acusar ou defender a personagem. A dúvida se instala no leitor e isso fez de Capitu uma das personagens mais conhecidas e discutidas da Literatura.
Caruru de Ibeji. Expressão própria dos terreiros, que designa a festa que se desenvolve no culto aos Ibeji, os *Orixás* gêmeos, considerados titulares da fartura, da alegria, a bênção em dobro. Prato da culinária afro-baiana, à base de quibos cortados em miúdo, temperado generosamente com cebola ralada, camarão seco pilado, gengibre, pimenta da costa, bejericum, lilicum, sal e tempero verde, com azeite de dendê. Prato que se serve na festa em comemoração aos Ibeji, sempre avantajado, composto pelo caruru de quiabos, arroz, farofa de dendê, xinxim de galinha, milho branco, pipocas, banana da terra

frita, lascas de cana, moqueca de peixe, fritadas, amendoim cozido ou torrado, feijão fradinho, acarajé, abará, acaçá. Deu origem a uma espécie de celebração típica do Nordeste, intitulada *Caruru de Cosme e Damião*.

Casa. s. f. O terreiro; o conjunto das pessoas, juntamente com o território onde está localizado um candomblé.

Casa da Família. Expressão usada pelos astrólogos para designar a quarta casa na roda do zodíaco, ou mandala do mapa astral. Também é conhcida como *Fundo do Céu*.

Casa da Meta de Vida. Expressão usada pelos astrólogos para designar a décima casa na roda do zodíaco, ou mandala do mapa astral. Também é conhcida como *meio do céu*.

Casa das Posses. Expressão usada pelos astrólogos para designar a segunda casa na roda do zodíaco, ou mandala do mapa astral.

Castro Alves. Antônio Frederico de Castro Alves, poeta baiano (1847-1871), conhecido como *Poeta dos Escravos*. Sua poesia é profundamente marcada pelo combate à escravidão, daí a alcunha que recebeu. A sua produção foi inspirada pela chamada Escola Condoreira.

Celso Cunha. Celso Ferreira da Cunha (1917-1989). Filólogo, gramático e ensaísta, professor de Língua Portuguesa. Entre outras obras suas, destaca-se *Gramática da Língua Portuguesa* e, em colaboração com Lindley Cintra, a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*.

Charles Carver. Ilustre professor do Departamento de Psicologia da *Universytate of Miami*. Tem inúmeros trabalhos publicados na área de sua especialidade. Seu trabalho mais recente é *Processos de controle, gerenciamento de prioridade e dinâmica afetiva*.

Chopin. Frédéric François Chopin (1810-1849). Radicado na França, Chopin era de origem polaca. Célebre compositor para piano, um dos mais importantes da história. Sua influência até hoje se faz sentir na música clássica, comparado a outros gênios, a exemplo de Mozart e Beethoven.

Cloniza Amadeu. Cloniza Loureiro Amadeu, da cidade de Itabuna, BA, trabalhou durante muitos anos com Psicologia Analítica, atendendo a uma vasta clientela. Era pós-graduada em Psicologia, na França.

Cobra Encantada. Ser mitológico que aparece no *itan*, que narra a insistência de Odé, antes de ele se transformar em Oxóssi. Designa também uma das duas personalidades de Oxumarê, quando ele passa a temporada sob forma de uma cobra gigantesca, arrastando-se pelo chão. Diz-se também que ela é o arco-íris, quando passa a brilhar no céu.

Compulsória. s/a. f. Modalidade de aposentadoria imposta pela lei, em geral em decorrência do limite de idade.
Comte. Isidore Auguste Marie François Xavier Comte (1798-1857). Filósofo francês, que fundou a Sociologia e o Positivismo, filosofia que nega que a explicação dos fenômenos naturais, assim como sociais, provenha de um só princípio. Advoga o princípio de que as leis que regem os fenômenos devem ser vistas como relações abstratas e constantes entre fenômenos observáveis, sem interferência alguma de seres divinos.
Comuna. s. f. No sentido amplo, significa uma comunidade local, urbana ou rural, com relativa autonomia administrativa. Na Itália, o termo é usado no sentido de uma unidade básica de organização territorial, o equivalente a um município.
Conflito. s. m. Em Sociologia, conflito designa especificamente conflito social. Enquanto tal, o conflito oferece a possibilidade empírica de abordar as contradições sociais. É a manifestação dos antagonismos de grupos e classes e por meio dele se evidencia a experiência concreta de construção de sujeitos sociais, onde se configuram a construção de identidades coletivas, de motivações e interesses compartilhados, estratégias de luta, assim como formas de organização e manifestação.
Confúcio. (551 a.C. - 479 a. C.). Pensador e filósofo chinês. Sua filosofia enfatiza uma moralidade pessoal e governamental, bem como os procedimentos correctos nas relações sociais, a justiça e a sinceridade.
Confucionismo. s. m. Sistema filosófico chinês criado por Confúcio, conhecido pelos chineses como *ensinamentos dos sábios*. A moral, a política, a religião e a pedagogia estão entre as preocupações do confucionismo.
Contaminação. s. f. Em Ciências Sociais, diz-se do resultado da ação, de valor cultural de um elemento, fator ou característica, sobre outros.

D

Dança do Fogo. s. f. No candomblé, designa o ritual em que Oyá ou Xangô, manifestados no adepto, dançam com o *anjerê* (ver) solto sobre a cabeça.

Dane Rudhyar. Nascido Daniel Chennevière (1895-1985), foi um autor francês, compositor modernista e astrólogo, pioneiro da *astrologia transpessoal* moderna. Por causa de uma doença grave, aos doze anos, voltou-se para a música e para o desenvolvimento intelectual, numa compensação de sua falta de agilidade física. Aprendeu astrologia durante o período em que ele também estava estudando os escritos psicológicos de Jung. A partir de então, juntou a astrologia com a psicologia junguiana. Seu grande feito consiste em postular que as estrelas não causam os efeitos observados na vida humana, mas eram fatos sincronicamente alinhadas aos seres humanos. Elas simplesmente detalhariam forças psicológicas que agiriam nos indivíduos, mas não substituiriam a liberdade humana na resposta a essas forças. De início, ele chamou a sua nova interpretação de *astrologia harmônica*, rebatizando mais tarde de *astrologia humanista*, que é o tema de seu livro monumental, *The Astrology of Personality,* publicado em 1936. Alice A. Bailey, sua amiga e criadora do termo *new age,* incentivou o desenvolvimento do pensamento de Rudhyar e publicou seu livro pela sua editora, *Lucis Publishing*. Também escreveu vários dos volumes mais sofisticados sobre a consciência planetária e a filosofia *new age*.

Dondoca. s. f. Mulher arrumada e enfeitada demais; mulher bem situada socialmente, que não precisa fazer esforço na vida e cujas preocupações primam pela futilidade. Var. *dandoca*.

Descartes. René Descartes (1596-1650). Filósofo, físico e matemático francês. foi também uma das figuras-chave na Revolução Cieftífica, considerado o fundador da filosofia moderna. É um dos pensadores mais importantes e influentes da História do Pensamento Ocidental. Com ele, inaugurou-se o racionalismo da Idade Moderna.

Dia D. s. m. Termo usado frequentemente, no vocabulário militar, para denotar o dia em que um ataque ou uma operação de combate devem ser iniciados. De um modo particular, designa o dia em que a Batalha da Normandia começou, marcando o iníco da libertação do continente europeu da ocupação nazista, durante a Segunda Guerra Mundial. Metaforicamente é empregado para designar o dia em que uma ação estratégica planejada irá acontecer.

Domingos Pellegrini Júnior. (1949). Escritor e poeta brasileiro. Lançou, em 1977, *O homem vermelho*, com o qual recebeu o Prêmio Jabuti, um dos mais importantes prêmios literários do país. Além de livros de literatura, escreve para jornais e revistas e faz trabalhos publicitários.

Dormientibus non siccurrit jus. Frase latina, que se traduz por "A lei não socorre aos que dormem", muito utilizada nos meios jurídicos.
Durkheim. Émile Durkheim (1858-1917). Primeiro sociólogo a criar métodos na Sociologia. Foi um dos fundadores da escola francesa, inaugurando a combinação da pesquisa empírica com a teoria socilógica.

E

Ebó. s. m. Espécie de ritual para qualquer *Orixá*, no entendimento de que a ação desenvolvida será propiciatória. Conjunto de objetos utilizados para resolver situações embaraçosas. Oferenda a qualquer *Orixá*. Trabalho. Obrigação. Há qualidades de *ebó* que devem ser entregues na natureza: rio, mar, mata, cemitério, encruzilhada, caminho, pedreira etc.
Ebô. s. m. Oferenda a qualquer *Orixá do branco*, preferida por Orixalá, preparada à base de milho branco (canjica) cozido, recoberto com coco ralado e regado a mel de abelhas.
Edeildes Sena Nunes. Professora, ensaísta e escritora. Seu livro, *Pelas trilhas de ficção*: a memória invencível e a invenção do nacional no romance "Viva o povo brasileiro", de João Ubaldo Ribeiro, teve grande aceitação nos meios acadêmicos baianos, focalizando a ficção literária no papel de reconfigurar a formação identitária do Brasil, do ponto de vista social, político e histórico.
Édouard Glissant. (1928-2011). Escritor, poeta, romancista, teatrólogo e ensaísta francês. Elaborou os conceitos de *antilhanidade*, referente à valorização da sua própria cultura, das Antilhas, considerando o povo das ilhas "autônomo" culturalmente em relação à África, e de *crioulização*, que alude à valorização da cultura e língua crioulas.
Efan. s. m. Uma das *nações* do candomblé que tem suas origens em Ekiti-Efon, na África. Os negros de Efan introduziram, no Brasil, o culto ao *Orixá* Olorokê, o Rei da Montanha, conforme é conhecido. Afirma-se que Olorokê é o pai do *Orixá* Oxum, o *Orixá* dos rios, cachoeiras e fontes, rainha do povo ijexá. O candomblé de *nação* efan tem poucos terreiros no Brasil, sendo o culto a Olorokê não se alastrou pelo país.
Èjìọgbè (Ejiobê). *Odu de Ifá*, que aparece em oitavo lugar, na ordem do *merindilogum* (ver).

Ekedi. s. f. Cargo exclusivamente feminino na hierarquia do candomblé, cuja função consiste em assessorar determinado *Orixá* nas suas manifestações, bem como cuidar dos recintos, paramentos, insígnias e símbolos do *Orixá* do qual ela é servidora.
Elekô. Sociedade secreta das mulheres, em cujos rituais era proibida a presença dos homens. *Obá* era a dirigente maior de tal sociedade, que não conseguiu sobreviver no Novo Mundo.
Emanoel Araujo. Emanoel Alves de Araújo, natural de Santo Amaro da Purificação, BA (1940). Escultor, desenhista, ilustrador, figurinista, gravador, cenógrafo, pintor, curador e museólogo. Interessado na reestruturação do universo da arte africana, Emanoel Araújo enfatiza, em suas gravuras, relevos e esculturas, as formas geométricas aliadas a contrastes e cores fortes. Em 2007 foi homenageado pelo Instituto Tomie Ohtake com a exposição *Autobiografia do gesto*, que reuniu obras de 45 anos de carreira. É o atual curador do Museu Afro-Brasil, São Paulo.
Emi. s. m. O sopro da vida, dádiva de Olorun, o Deus supremo.
Encantado. s. m. Entidade espiritual que se manifesta nos centros de umbanda, candomblés de caboclo e assemelhados.
Eparrei Oyá. int. Saudação a Oyá, que é a mesma Iansã, *Orixá* dos ventos, da tempestade, dos raios e que comanda o espírito dos mortos.
Eran. s. m. Carne; qualquer tipo de carne.
Érico Veríssimo. (Érico Lopes Veríssimo, 1905-1975). Escritor brasileiro cuja popularidade o fez um dos mais conhecido no século XX. Sua extensa produção é digna de nota, destacando-se *O tempo e o vento* (1.ª parte, *O continente*, 1949; 2.ª parte, *O retrato*, 1951e 3.ª parte, *O arquipélago*, 1962).
Escolástica. s. f. Método de pensamento crítico, que predominou no ensino nas universidades europeias, durante a Idade Média, nas escolas monásticas cristãs. Seu objetivo era conciliar a fé cristã com um sistema de pensamento racional, especialmente o da filosofia grega. Enfatizava a dialética A *Summa theologica*, de Tomás de Aquino, é considerada expressão máxima da escolástica.
Ese kan ola. (*yoruba*). Expressão frasal que significa *o pé que toca na riqueza*.
Estrada de Damasco. Segundo a Bíblia, Saulo era um perseguidor dos seguidores de Jesus. Entrava numa casa após outra, arrastando -os para fora e encarcerando-os. Muitos dos discípulos fugiram para outras cidades, e passaram a proclamar, ali, as "boas novas". Mas,

Saulo foi a outras cidades para procurar os seguidores de Jesus. Foi a Damasco. Em caminho, porém, aconteceu algo diferente. Uma luz do céu brilhou sobre Saulo. Ele caiu ao chão e uma voz disse: "Saulo, Saulo! Por que me persegue?" Os homens com Saulo viram a luz e ouviram o som duma voz, mas não a entenderam. "Quem é, senhor?" perguntou Saulo. "Sou Jesus, a quem você persegue", disse a voz. Saulo disse então: "O que devo fazer, senhor?" "Levante-se e vá a Damasco", disse Jesus. "Lá será informado sobre o que deve fazer." Quando Saulo se levantou e abriu os olhos, não conseguiu enxergar. Estava cego. Os homens levaram-no, então, pela mão a Damasco. Jesus falou, então, a um de seus discípulos em Damasco, dizendo: "Levante-se, Ananias. Vá à rua chamada Direita. Na casa de Judas, pergunte por um homem chamado Saulo. Eu o escolhi como meu servo especial." Ananias obedeceu. Encontrando Saulo, pôs as mãos sobre ele e disse: "O Senhor mandou-me para que você veja outra vez, e fique cheio de espírito santo." Logo caíram dos olhos de Saulo como que escamas, e ele conseguiu enxergar de novo. Saulo foi usado de modo poderoso para pregar a pessoas de muitas nações. Ficou conhecido como apóstolo Paulo, cognominado o *Apóstolo dos Gentios*. Metaforicamente, a expressão é usada, para situações em que as pessoas são tomadas de grande surpresa, proporcinando-lhes grandes descobertea ou arrenpendimentos.

Estranho. s. m. Gênero literário em que narrativas ficcionais realizam somente uma condição do fantástico, ao descrever reações – geralmente de medo – que provêm exclusivamente dos sentimentos das personagens e esse pensamento não desafia a razão. De um modo geral, em tal gênero, o inexplicável termina destrinchado por uma explicação racional.

Eta vida besta, meu Deus. Verso consagrado, de domínio popular, da autoria de Carlos Drummond de Andrade, poeta brasileiro.

Euclides Neto. (Euclides José Teixeira Neto, 1925-2000). Advogado, criador de cabras, político e escritor brasileiro, notabilizou-se na luta pela reforma agrária e pela oposição ao regime militar de 1964. Autor de ensaios, crônicas e romances, Euclides Neto iniciou-se nas artes da escrita com a geração emblemática de 1945, marcada pela fusão do veio telúrico dos anos 30, com os tumultos de um mundo novo que se refazia. Ao longo dos vários livros publicados em vida, o escritor desenha a cartografia de um percurso e as perdas e ganhos de um percalço, para deixar como herança da sua obra de

escritor multiface epolígrafo. Dono de peculiar estilo regionalista, sua literatura vem sendo objeto de estudos acadêmicos. Apesar de sua erudição, o estilo faz-se simples e, por vezes, coloquial. É imortal da Academia de Letras de Jequié, ocupando a Cadeira 11, que tem por Patrono José Antônio Ribeiro Jr., da qual foi fundador.

Ewá. *Orixá* feminino, considerada a senhora da neblina. Afirma-se que ela é a esposa do temível Jagun, uma das manifestações de Obaluaiyê, que é o *Orixá* dono do mundo, da terra e controlador das doenças.

Exu. *Orixá* em torno do qual se levanta uma polêmica sem fim, dada a sua natureza. Reina nas encruzilhadas, conduz os recados dos humanos até à Corte de Olodumare, no *Orun*. É o mensageiro, o guardião e se presta a toda espécie de serviço. Por causa de seu gênio que o faz excelente pregador de peças e beberrão, todos o tratam com o pé atrás. Os cristãos interpretaram, e ainda continuam interpretando Exu como o Diabo e isso tem rendido toda espécie de preconceito contra o candomblé.

F

Fantástico. s. m. Gênero literário em que narrativas ficcionais estão centradas em elementos não existentes, ou não reconhecidos na realidade, pela ciência dos tempos em que a obra foi escrita. Em tese, tal gênero se divide em três subgêneros: ficção científica, fantasia e horror. É aplicável a um objeto como a literatura, cujo universo, por mais que se aproxime do real, está limitado ao fantasioso e ao ficcional. Todo texto fantástico tem elementos inverossímeis, imaginários, distantes da realidade dos homens. É um gênero que abarca uma causalidade de caráter mágico, ligando os acontecimentos ao decorrer de uma narrativa desse tipo.

Ferreira Gullar. (1930). Poeta e prosador reconhecido, cujo nome oficial é José Ribamar Ferreira. Muitos o consideram o maior poeta vivo. Participou do movimento da *poesia concreta*, demonstrando-se um poeta extremamente inovador. Foi militante do Partido Comunista Brasileiro e exilado pela ditadura militar. Ganhou o Prêmio Jabuti 2011, com o livro de poesia *Em alguma parte alguma*. Pertence à Academia Brasileira de Letras.

Festa do Pilão. A última das três seguidas festas anuais em homenagem a Orixalá, marca o início do calendário litúrgico, para os terreiros da tradição nagô.

Ficar. v. Manter relacionamento sexual de modo fortuito. O ato de *ficar* não envolve compromisso algum e, não raro, as pessoas nem sequer sabem o nome uma da outra.
Floral de Bach. Preparado natural, geralmente elaborado a partir de flores maduras, a que se agrega *brandy* ou álcool como conservante. Foi criado pelo Dr. Edward Bach (1886-1936), médico inglês, homeopata, bacteriologista e imunologista. Destina-se a uma espécie de terapia que pretende contribuir para o equilíbrio das emoções do paciente, na busca de diminuir ou eliminar ansiedades, cansaço físico ou mental, ciúmes, depressão, desespero, indecisão, mágoas, ódio, pânico, preocupações, sensibilidade excessiva, sentimentos de culpa, solidão, *stress*, tristeza e todos os tipos de medo que uma pessoa esteja sofrendo.
Frank Yerby. Frank Garvin Yerby (1916-1991). Escritor afro-americano que se dedicou ao romance histórico, o primeiro a se tornar um milionário através de sua produção literária. Também foi o primeiro a ter um livro comprado por um estúdio de Hollywood para uma adaptação cinematográfica. É mais conhecido por sua obra -prima, *Dahomean* (1971), aqui traduzido como *São negros os deuses da África.* Yerby deixou os Estados Unidos (1955) num protesto contra a discriminação racial e foi viver na Espanha, onde permaneceu pelo resto de sua vida.
Freud. (Sigsmund Freud, 1856-1939). Médico neurologista e criador da Psicanálise. Suas teorias e seu tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam a ser muito debatidos ainda hoje. Suas ideias são frequentemente discutidas e analisadas como obras de literatura e cultura geral, em adição ao contínuo debate ao redor delas no uso como tratamento científico e médico. Sua teoria, no entanto, é de grande influência para Psicologia atual. No entender de Freud, os pensamentos humanos são desenvolvidos, obtendo acesso à consciência, por processos diferenciados, relacionando tal ideia à de que a sistemática do nosso cérebro trabalha, essencialmente, com o campo da semântica, isto é, a mente desenvolve os pensamentos num sistema intrincado de linguagem baseados, em imagens que são meras representações de significados latentes.
Frisson. s. m. Calafrio ou tremor; emoção; excitação intensa; sensação de prazer intenso, gozo na alma, felicidade em demasia.
Fundo do Céu. Expressão usada pelos astrólogos para designar a quarta casa na roda do zodíaco, ou mandala do mapa astral.

Gabiru. s. m. Termo muito usado no Nordeste para designar pessoa de baixa estatura, cujo tamanho está abaixo da média dos *baixinhos*, mas que não pode ser considerado anão em sentido estrito, porque biologicamente não apresenta as características morfológicas do nanismo verdadeiro.

Glamour. s. m. Qualidade excitante e extraordinária que faz com que certas pessoas ou coisas pareçam atraentes, charmosas e na moda; capacidade de atração.

Giordano Bruno. (1548-1600). Teólgo, filósofo, escritor e frade dominicano italiano, condenado à morte na fogueira pela Inquisição romana, por heresia ao defender *erros* teológicos, mas não pela defesa do heliocentrismo de Copérnico. É também referido como *Bruno de Nola* ou *Nolano*. O desfecho do processo contra ele foi trágico, e terminou sendo acusado de panteísmo, e queimado vivo por defender, com exaltação poética, a doutrina da infinitude do Universo, e por concebê-lo não como um sistema rígido de seres, articulados em uma ordem dada desde a eternidade, mas como um conjunto que se transforma continuamente. Um dos pontos chaves de sua cosmologia é a tese do universo infinito e povoado por uma infinidade de estrelas, semelhantes ao Sol, e por outros planetas, nos quais, assim como na Terra, existiria vida inteligente. Suas ideias sobre a relatividade anteciparam as de Galileu, ao entender que, num universo infinito, qualquer perspectiva de qualquer objeto seria sempre relativa à posição do observador, e que haveria infinitos referenciais possíveis e não existiria nenhum privilegiado em relação aos demais.

Google. Empresa multinacional de serviços *online* e *software* dos Estados Unidos, fundada por Larry Page Sergey Brin, em 1998. O Google hospeda e desenvolve uma série de serviços e produtos baseados na *internet* e gera lucro principalmente através da publicidade pelo *AdWords*. Desde seu início, a empresa declarou sua missão de "organizar a informação mundial e torná-la universalmente acessível e útil". É executado através de mais de um milhão de servidores em *data centers* ao redor do mundo e processa mais de um bilhão de solicitações de pesquisa e vinte *petabytes* de dados gerados por usuários todos os dias.

Guerra dos aquidavi. Espécie de ritual em que se celebra uma legendária guerra que aconteceu em tempos imemoriais da África,

entre dois reinos, um dos quais era regido por Orixalá. Em alguns terreiros de tradição nagô esse ritual é desenvolvido no decorrer da *Festa do Pilão*.

H

Hermes Trismegisto. Nome dado pelos neoplatônicos, místicos e alquimistas a Thoth, deus dos egípcios, identificado com Hermes, deus grego. Ambos eram deuses da escrita e da magia. A expressão significa *Hermes, o três vezes grande*. Hermes era considerado o autor de um conjunto de textos sagrados, ditos *herméticos*, contendo ensinamentos sobre artes, ciências, religião e filosofia. Acredita-se ser de sua autoria o mais famoso texto da Alquimia, a *Tábua de esmeralda*, bem como *O Livro dos mortos*.

Hobby. s. m. (Etm. do inglês: *hobby*). Algo interessante que se goste muito de fazer nas horas vagas e para passar o tempo. Exercício e/ou atividade realizados como forma de prazer, contentamento ou lazer; atividade feita sem obrigação; passatempo favorito.

Holograma. s. m. Representação visual do que existe ou pode vir a existir; imagem virtual ativa, exposta em lugar diferente de onde está o objeto real. Registros de objetos que, quando iluminados de forma conveniente, permitem a observação dos objetos que lhe deram origem. Ao contrário da fotografia, que apenas permite registrar as diferentes intensidades de luz proveniente da cena fotografada, o holograma registra também a fase da radiação luminosa proveniente do objeto. Nesta fase está contida a informação sobre a posição relativa de cada ponto do objeto iluminado, permitindo reconstruir uma imagem com informação tridimensional.

Houward S. Becker. (Howard Saul Becker, 1928). Sociólogo americano que deu grandes contribuições para a Sociologia do Desvio, Sociologia da Arte e Sociologia da Música. A crítica o considera um *interacionista simbólico* ou um *construcionista social*. De grande aceitação é o seu livro *Falando de sociedade*: ensaios sobre as diferentes maneira de representar o social.

Huberto Rohden. Natural de Santa Catarina (1993-1981). Filósofo, educador e teólogo, viveu em São Paulo. Produziu mais de cem obras voltadas para temáticas espirituais e abordagem espiritualista de questões pertinentes à pedagogia, ciência e filosofia. Sua proposta era da *filosofia univérsica*, por meio da qual defendia a harmonia cósmica e a *cosmocracia*. *De alma para alma* é a sua obra mais comentada.

Iabassé. s. f. Cargo exclusivamente feminino na hierarquia do terreiro. A função da *iabassé* consiste em cozinhar para os *Orixás*, comandando uma equipe de auxiliares no preparo de todo cozimento necessário aos rituais.
Iaiá. s. f. Trtamento reverente dispensado originalmente a mulheres brancas, especialmente à senhora, ou proprietária, pelos escravos e seus descendentes, extensivo às patroas; nhá. O emprego alargou-se como tratamento de uso geral, dirigido às senhoras de respeito, ou mais velhas. Masculino: ioiô.
Ialorixá. s. f. O mais alto cargo ocupado por uma mulher na hierarquia do terreiro. Sacerdotisa suprema que dirige uma casa de candomblé. A tradição popular costuma usar a forma vernacular *mãe de santo*.
Ianifá. s. f. Supostamente, a mulher que saberia manejar os instrumentos necessários para a consulta ao oráculo e, por isso mesmo, competente para consultar Orunmilá.
Iá tebexi. s. f. Cargo exclusivamente feminino na hierarquia do terreiro. A *iá tebexi* tem como função cantar para os *Orixás*, nos momentos de obrigações e rituais. Seu papel se destaca durante a execução do *xirê* (ver).
Ìbejì ou Ìgbejì. A palavra *Ígbejì* quer dizer gêmeos. Forma-se a partir de duas entidades distintas que coexistem, respeitando o princípio básico da dualidade. Ibeji é divindade gêmea da vida, que protege os gêmeos. Dá-se o nome de Taiwo ao primeiro gêmeo gerado e o de Kehinde ao último. Os *yorùbá* acreditam que é Kehinde quem manda Taiwo supervisionar o mundo. Por isso, acredita-se ser aquele o irmão mais velho. Na África, as crianças representam a certeza da continuidade, por isso os pais consideram seus filhos sua maior riqueza. Daí os gêmeos serem considerados uma bênção em dobro. Entre as divindades africanas, Ibeji é o que indica a contradição, os opostos que caminham juntos, a dualidade. Ibeji mostra que todas as coisas, em todas as circunstâncias, têm dois lados e que a justiça só pode ser feita se as duas medidas forem pesadas, se os dois lados forem ouvidos. Na África, Ibeji é indispensável em todos os cultos. Merece o mesmo respeito dispensado a qualquer *Orixá*, sendo cultuado no dia a dia. Ibeji não exige grandes coisas, seus pedidos são sempre modestos, e o que espera é ser lembrado e cultuado. O poder de Ibeji jamais pode ser negligenciado, pois o

que um Orixá faz Ibeji pode desfazer, mas o que Ibeji faz nenhum outro orixá desfaz. E mais: eles se consideram os donos da verdade.
Ibiri. s. m. Espécie de cetro, ou cajado ritual, que Nanã carrega durante suas exibições em público. Atribui-se ao *ibiri* o formato de um útero. Durante sua dança, Nanã executa passos e gestos como se estivesse limpando as mazelas do mundo com o seu *ibiri*.
Iemanjá. *Orixá* feminino, considerada *Rainha do mar*, *Dona das águas*. Seu nome em nagô é *Yeomonjá*, que significa *mãe cujos filhos são peixes*. Seu culto garante-lhe lugar de destaque no Novo Mundo e as festas a ela dedicadas, no Brasil, são de domínio público, com grande participação popular. Jorge Amado, em seu romance *Mar morto*, aborda o culto a Iemanjá na cidade de Salvador, capital da Bahia, com largueza de detalhes.
Iemanjá Ogunté. Uma das *qualidades* de Iemanjá, considerada um *Orixá metá* (ver), porque reúne em si as imagens arquetípicas da Mãe e do Pai, da rainha vaidosa e do guerreiro.
Ifá. s. m. Oráculo africano considerado, pela ONU, patrimônio oral e imaterial da humanidade. Sistema de adivinhação, originário dos *yoruba*, na Nigéria. O sacerdote do culto de Ifá é chamado de babalaô, pai que possui o segredo, que é o responsável pela consulta a Orunmilá. Todo o culto a Orunmilá depende da orientação do babalaô, e nada pode escapar de seu controle. Os principais métodos de consultar o Oráculo são o *òpelè-Ifá* e o *jogo de ikin*. Por intermédio deles, o sacerdote de Ifá interpreta os desejos e as determinações dos *Orixás* e são de uso exclusivo dos homens. Um dos nomes de Orunmilá, o *Orixá* da adivinhação, considerado *Testemunha do Destino* e *Aquele que Esculpe no Escuro*.
Igbin. s. m. (ibin). Molusco gastrópode terrestre, com concha, corpo prolongado e tentáculos na cabeça, e possui sangue branco, que é considerado *a água que apazigua*. Simboliza a fecundidade e, nos candomblés, é conhecido como *boi de Oxalá*, que é a sua oferenda favorita, juntamente com o *ebô* (ver). Nome do toque dedicado à Oxalá. Tambor de Obatalá (*Igbin Oosa*). Cadência rítmica lenta em louvor a Oxalá.
Ijexá. s. 2 gên. Patronímico designativo de quem nasce na cidade de Ilexá, na Nigéria. *Nação* de candomblé que tem Oxum como a sua principal divindade, sendo um dos vários povos *yoruba*, trazidos como escravos para o Novo Mundo. Toque de cadência específica para a dança sagrada de Oxum, Logum-edé e Oxalá. Na Bahia, a influência musical desse povo deu origem ao *carnaval ijexá*.

Ìká (Icá). *Odu de Ifá*, que aparece em décimo quarto lugar, na ordem do *merindilogum* (ver).
Ikin. s. m. A semente do dendezeiro; coco de dendê. Serrado ao meio, no sentido longitudinal, constitui-se instrumento de consulta a Exu, quando se substitui o búzio da costa, pela meia-noz do caroço de dendê.
Iku. s. m. A morte. Na tradição nagô, trata-se de uma entidade masculina, que se traja totalmente de preto, levando consigo um porrete pata abater as pessoas, cujo momento para morrer tenha chegado.
Ilê-idana. s. f. Casa do fogo, local do terreiro onde se cozinha as oferendas para os *Orixás*, e os alimentos necessários para as *obrigações* e os *ebós*.
Ilê-axé. s. m. Quarto situado no interior do templo principal do terreiro, onde são recolhidas as pessoas durante o período de iniciação no candomblé, constituindo-se local de acesso muito restrito. *Camarinha*, *roncó*.
Ilê Axé Turi Efan Olorokê. Terreiro de candomblé, de *nação efan* (ver), consagrado a Olorokê, cuja ialorixá seria Mãe Dara Mujina.
Ilê ibi omokokó. s. m. Olaria. Espaço coniderado sagrado em certos terreiros consagrados a Orixalá, no qual estão os assentamentos de *Ajalá*, *o oleiro do Orun*, *Orixá* fazedor de cabeças.
Ilexá. s. p. Cidade histórica, situada no estado de *Osun* (Oxum), localizada no sudoeste da Nigéria, cujo povo ficou conhecido como *nação* Ijexá. Localiza-se na interseção de Ilê-Ifé, Oshogbo e Akure. A cidade é uma das mais tradicionais da história do povo iorubá. Já chegou a ser a capital do reino de Oyó, nos tempos do império. E no século XIX, com a queda de Oyó, Ilexá se tornou sujeita a Ibadan. Das cidades e aldeias desta região da Nigéria, Ilexá é a maior, com uma população de mais de cem mil habitantes. É um centro agrícola e comercial, cujos principais produtos são o cacau, a noz de cola, o óleo de palma e o inhame. Possui 18 escolas secundárias e também uma academia de educação do estado e tem um grau de unidade cultural e linguística que se distingue dos outros povos. A cidade tem rede de estradas que contribui para o sistema de esferas comerciais, e ativa a distribuição de produtos dentro e fora da região. O mercado, localizado perto do palácio do Obá (rei), tem mais de mil comerciantes, que vendem por atacado e a varejo e ainda exportam seus produtos. Muitas pessoas de Ilexá são fazendeiras que praticam a horticultura, onde a terra é cultivada pelos

homens, enquanto as mulheres se empenham no comércio[54].
Iluaiyê. s. m. *Ilu aiyê*, terra da vida. Expressão usada, antigamente, com a qual os escravos designavam a África.
Ingarrimento. s. m. Brasileirismo [in+garri(r)+mento], que significa ato ou efeito de ingarrir; falta de desenvolvimento, de desenvoltura, de viçosidade.
Inkice. s. m. Entidade do panteão dos povos de língua quimbunda, originários do norte de Angola. Corresponde ao conceito de *Orixá* do panteão nagô. Divindade da mitologia banta.
Ioiô. s. m. Tratamento reverente dispensado originalmente aos brancos, especialmente ao senhor, ou proprietário, pelos escravos e seus descendentes, extensivo aos patrões; nhonhô, nhô, inhô. O emprego alargou-se como tratamento de uso geral, dirigido às pessoas de respeito, ou mais velhas. Feminino: iaiá
Ioruba. s. m. 2 gen. (Iorubá). Povo africano do sudoeste da República Federal da Nigéria, com grupos espalhados também pela República do Benim e pelo norte da República do Togo Esse povo foi trazido em grandes levas para o Brasil, onde recebeu a denominação de *nagô* (ver), e exerceu, na Bahia, forte domínio social e religioso sobre outros grupos também escravizados, exceto sobre os grupos islamizados. Indivíduo dos iorubás. Língua nigero-congolesa do grupo Kwa, falada por esse povo. *Língua da costa*, *língua do santo*. Relativo ao iorubá, ou próprio desse povo e sua cultura. *Yoruba*.
Ipadê. s. m. Reunião, encontro. Ritual do candomblé que consiste em louvar ou homenagear o *Orixá* Exu, que antecede a outros grandes rituais para os demais *Orixás*.
Ìrẹtẹ (Ireté). *Odu de Ifá*, que aparece em décimo sexto lugar, na ordem do *merindilogum* (ver).
Iroko. *Orixá* que se confunde com a árvore do mesmo nome, titular da clorofila, do sangue e dos fluidos vitais dos organismos vivos. Rege o tempo e a paciência. Seu culto exige conhecimentos específicos, que vão se perdendo com o tempo. No Brasil, a árvore africana foi substituída pela gameleira-branca (*Ficus doliaria)*. Na África, *iroko* é uma árvore cujo nome científico é *Chlorophora excelsa*, da família das *urticáceas*.
Ìrọsùn (Irossun). *Odu de Ifá*, que aparece em quarto lugar, na ordem do *merindilogum* (ver).

54 Disponível em: *Sangosol.* <http://www.sangosol.com/diversos,htm>. Acesso em: 30 novembro 2012.

Irumalé. s. m. Entidade cuja existência remonta aos primórdios do universo. Seu axé e os domínios foram transmitidos diretamente por Olorun. Os *Irumalé* se subdividem em *Orixás*, Eboras e Babá Egun, e são também denominados de *ará orun*, isto é, *seres do orun*. Seu número é simbolicamente entendido com sendo 400, sendo 200 da direita e mais 200 da esquerda, e que significa um número incontável.
Isabela Boscov. Jornalista brasileira, especializada em crítica cinematográfica. Formada em jornalismo pela ECA/USP, começou a carreira no *Jornal da Tarde*. Trabalhou também na *Folha de São Paulo* e na *revista SET*, onde permaneceu até 1999, ano em que chegou à *Veja*, onde atualmente é editora e responsável pela sua área de cinema.
Itan. s. m. História, qualquer história. Especificamente, história do sistema oracular jeje-nagô. Um conjunto de *itan* recobre cada um dos *Odu de Ifá*, a título de história-exemplo, que explica como situação similar à do consulente ocorreu em passado remoto, com uma explicação de saída para o nó dramático, recomendação e aconselhamento.
Ivan Martins. Editor-executivo da *Revista Época*. Autor do livro *Alguém especial*, escreve em <epoca.com.br>, às quartas-feiras.
Ìwòrí (Iuori). *Odu de Ifá*, que aparece em décimo segundo lugar, na ordem do *merindilogum* (ver).
Iya mi Oxorongá. s. f. Trata-se, na verdade, de uma entidade coletiva e sempre são tratadas por *Iyá mi ajé*, isto é, *minhas mães feiticeiras*. Sacralização da figura materna, por isso seu culto é envolvido por uma infinidade de tabus. Seu grande poder se deve ao fato de guardar o segredo da criação. Tudo o que é redondo remete ao ventre e, por consequência, às *Iyá mi*. O poder das grandes mães é expresso entre os *Orixás* por Oxum, Iemanjá e Nanã, mas o poder de *Iyá mi* seria manifesto em toda mulher. As *Iyá ami ajé* costumam aparecer na forma de um pássaro e pousam nas árvores favoritas, durante a noite. São muito temidas e poucas pessoas sabem lidar com elas. Consideradas *as senhoras da noite*, estão sempre irritadas, sejam ou não maltratadas, estejam em companhia numerosa ou solitária, quer se fale bem ou mal delas, ou até mesmo que não se fale, deixando-as assim num esquecimento desprovido de glória. Tudo é pretexto para que as *Iyá mi* se sintam ofendidas. Por isso mesmo, estão sempre sempre prontas para desencadear sua ira contra os seres humanos. A elas foi dado o poder exclusivo de manter vigia sempre que Olodumare estivesse tomando seu banho, pouco antes do galo cantar. Era proibido ver Olodumare despido. As feiticeiras

divinas eram as únicas a quem foi dada autoridade para isso. Frequentemente, elas davam sinal, ao galo, de que Olodumare já tinha tomado seu banho e, depois disso, o galo cantava pela primeira vez na manhã.

J

Jacques Le Goff. (1924-2014). Historiador francês, especialista em Idade Média. Membro da Escola dos Annales, dedicou-se à *Antropologia Histórica do Ocidente Medieval*. Publicou estudos que renovaram a pesquisa histórica, sobre mentalidade e sobre antropologia da Idade Média, explorando caminhos então novos da Antropologia Histórica. Publicou artigos sobre as universidades medievais, o trabalho, o tempo, as maneiras, as imagens, as lendas. Seu livro *História e memória* (1988) constitui-se excelente trabalho, muito conhecido e divulgado.

Jagun. Orixá guerreiro dos exércitos de Obatalá, que foi enviado às terras de Omolu para lutar pela paz em nome de Oxalá. É cultuado em algumas nações como *qualidade* de Omolu, por ter passado vários anos em terras daquele Orixá. É um Orixá Funfun, isto é, Orixá do Branco, pois o culto a Jagun nasceu no Ekiti Efon. Antes de ele ter ido para as terras de Omolu, já existia seu culto no Ekiti, sua terra natal. Seus *itan* contam que ele também teve passagem nas terras de Ogum e de Ossáin. Carrega uma lança prateada na mão e um facão ou adaga. O seu culto, em alguns terreiros, é assimilado ao de Obaluaiyê. Em ambas as interpretações, ele é o esposo de Ewá, o Orixá da Neblina.

Jeje. s. 2 gên. Indivíduo pertencente ao povo jeje. Língua ainda viva no Togo e em Gana, derivada do extinto *tado*, língua falada no reino de Adjá, que ficava no sul dos atuais Togo e Benim (século XIV), considerada como origem do grupo linguístico Kwa. *Nação* de candomblé que utiliza o ritual e o panteão de divindades trazidos ao Brasil por esse povo. Sinonímia: *ewe* (ing.)

Jeje-nagô. adj. 2 gên. Próprio dos jejes e dos nagôs (iorubas); que tem elementos tanto jejes como nagôs, refere-se tanto à cerimônia, liturgia, panteão de divindades, povo ou *nação*.

Jens Asendorpf (1950). Psicólogo alemão. Desde 1994, Asendorpf é professor de Psicologia da Personalidade na *Humboldt-Universität zu Berlin*. De 2010 a 2012 foi presidente da Associação Europeia de Psicologia da Personalidade.

João Ubaldo Ribeiro (1941-2014). Escritor, jornalista, roteirista e professor, membro da Academia Brasileira de Letras. Foi ganhador do *Prêmio Camões* (2008), maior premiação para autores de língua portuguesa. Teve algumas obras adaptadas para a televisão e para o cinema. É autor de romances como *Sargento Getúlio*, *O sorriso do lagarto*, *Viva o povo brasileiro* transformado em samba-enredo pela escola de samba *Império da Tijuca* (1987), *A casa dos budas ditosos*, que causou polêmica e ficou proibido em alguns estabelecimentos.

Jogo do bicho. s. m. Bolsa ilegal de apostas em números que representam animais. Foi inventado em 1892, pelo barão João Batista Viana Drummond, fundador do Jardim Zoológico do Rio de Janeiro, em Vila Isabel, no Rio de Janeiro. Atualmente, o jogo do bicho continua a ser praticado em larga escala nas ruas de muitas cidades do Brasil, não obstante ser considerado uma contravenção, pela legislação em vigor.

Jogo de búzios. s. m. Arte divinatória utilizada nas religiões tradicionais de matiz africana. Consiste no arremesso de um conjunto de 16 búzios africanos sobre uma mesa previamente preparada, e na análise da configuração que os búzios adotam ao cair sobre ela. O babalorixá ou a ialorixá, únicos aptos a fazer esse jogo, antes de realizá-lo, reza e saúda todos os *Orixás* e durante os arremessos, conversa com as divindades e faz-lhes perguntas. Considera-se que as divindades afetam o modo como os búzios se espalham pela mesa, dando assim as respostas às dúvidas que lhes são colocadas. Consulta aos *Orixás* através de objetos específicos, cujo componente principal são dezesseis búzios africanos. É muito adotado pelas mulheres, pelo fato de que o *òpelé-Ifá*, outro jogo divinatório africano, é destinado somente aos homens, os babalaô. Entrou na vida e na cultura *yoruba* e enraizou-se tão profundamente que hoje o merindilogun, jogo de buzios, é mais conhecido que o oráculo dos babalaôs. Acredita-se que nem todas as pessoas podem realizar e ler o jogo de búzios, prática que estaria destinada apenas a pessoas com uma forte espiritualidade. *Merindilogun* (ver).

Julieta. Personagem da peça *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare.

Júlio César Parreira Lima. Médico homeopata que, em suas pesquisas sobre o ciclo hormonal masculino, com base nos conhecimentos da astrologia, concluiu que, diferente das mulheres, cujas variações hormonais são mensais, os homens possuem ciclos diários e sazonais. De acordo com ele, as variações hormonais masculinas resultam em

um estado de tensão parecido com o da síndrome pré-menstrual, que inclui oscilação de humor, irritabilidade, apatia, sensação de fracasso, perda de interesse em atividades sociais e profissionais, e diminuição do desejo sexual. É autor de *A mandala do amor*.

Jung. (Carl Gustav Jung, 1875-1961). Psiquiatra e psicoterapeuta suíço que fundou a Psicologia Analítica. Propôs e desenvolveu os conceitos da personalidade extrovertida e introvertida, arquétipos, e inconsciente coletivo. Seu trabalho tem sido influente na Psiquiatria e no estudo da Religião, Literatura e áreas afins. O conceito central da Psicologia Analítica é a individuação, processo psicológico de integração dos opostos, incluindo o consciente com o inconsciente, mantendo a sua autonomia relativa. Jung considerou a individuação como o processo central do desenvolvimento humano. Criou alguns dos melhores conceitos psicológicos conhecidos, incluindo o arquétipo, o inconsciente coletivo, o complexo, e a sincronicidade. Considera psique humana como de *natureza religiosa*, e fez desta religiosidade o foco de suas explorações. Ele é um dos maiores colaboradores contemporâneos conhecidos para análise de sonhos e simbolização. Muito do trabalho de sua vida foi realizado, explorando em áreas tangenciais, incluindo a Filosofia oriental e ocidental, Alquimia, Astrologia, Sociologia, Literatura e Artes. Jamais conseguiu aceitar a insistência de Freud de que as causas dos conflitos psíquicos sempre envolveriam algum trauma de natureza sexual, e Freud não admitia o interesse de Jung pelos fenômenos espirituais como fontes válidas de estudo em si. O rompimento entre eles foi inevitável. Seu livro, *O homem e seus símbolos*, é uma obra para leigos, organizada e escrita por ele e seus colaboradores, com artigos de Aniella Jaffé, Marie-Louise von Franz e outros.

K

Kathleen Burt. Astróloga, com consultório particular há 30 anos, renomada autora do livro *Arquétipos do Zodíaco*, sobre Signos, a partir das perspectivas da mitologia, da psicologia e da astrologia esotérica. Pós-graduada em história do sul da Ásia, pela Universidade de Chicago. Lecionou tanto na Universidade Roosevelt, em Chicago, e no Mira Costa College, na Califórnia. Na década de 1980, participou de *Padrões em Saúde*, um programa de dois anos sobre os arquétipos, sonhos, rituais e imaginação ativa, liderada por analistas junguianos

em Del Mar, na Califórnia. No final da década de 1990, concluiu a formação de professor em *Viniyoga*. Seu livro, *Beyond the mask:* o signo ascendente e a segunda metade da vida, surgiu de oficinas de fim de semana. Inclui histórias arquetípicas e exemplos tirados da vida de escritores, artistas, psicólogos e algumas histórias de trabalho de seus clientes.

Kawri. s. m. Espécie de molusco e concha africanos, de praia, de vários tamanhos, utilizado como objeto ritual em *ebós*, *obrigações* e *assentamentos* de *Orixás*. Também de adorno nas roupas dos *Orixás*, onde são aplicados formando desenhos, e ainda em colares, pulseiras, argolas e braceletes. Principalemte utilizado como objeto de comunicação com os *Orixás*, nas consultas ao jogo de búzios, o merindilogun. Tem uma abertura natural e uma parte ovalada. A maioria dos adornos e jogos de búzios são feitos com os búzios cortados, onde é tirada suaa parte ovalada. No jogo de búzios, a leitura de sua configuração se baseia na caída dos *kawri* e existe muita discussão sobre qual seria o lado aberto e o lado fechado. Uns consideram que a abertura natural do búzio seja o aberto e a outra, que é quebrada e ralada, seja o fechado. Outros julgam o contrário. É uma concha que, durante muito tempo, na antiguidade, foi utilizada como moeda de troca, ou seja, possuía um valor monetário. Depois passou a ter papel de destaque nas artes, principalmente na África, onde era utilizado como ornamento corporal, adorno, amuleto etc. Nesse contexto, apresenta um simbolismo de despertar paixões. A representatividade de sua forma, mais que as demais formas de concha, assemelha-se ao sexo feminino, originando-se daí toda uma simbologia ligada à fecundidade, riqueza e felicidade.

Ketê fun keleké. Expressão frasal, utilizada no sentido de *boca calada*, *cale a boca*.

Ketu. (Queto). Povo e reino do sudeste da República do Benim, na fronteira com a Nigéria. Relativo a *ketu*, ou próprio do povo desse nome. Divisão do grupo nagô, cuja ortodoxia religiosa e litúrgica no candomblé serviu de ponto de irradiação, no Brasil, para o estabelecimento da estrutura e panteão de outras ramificações das religiões de matriz africana. Na tradição do candomblé, Oxóssi foi o rei mitológico de Ketu.

Lelê. s. m. Bolo de tabuleiro, feito com xerém e leite de coco. Normalmente é temperado com açúcar, cravo, canela, erva doce e, às vezes, também baunilha.
Lembá. *Inkice* dos candomblés de angola, que corresponderia a Orixalá no culto nagô.
Lembarenganga. Senhor Lembá; o mesmo que Lembá.
Lessé Orixá. Expressão que significa, literalmente, *aos pés do Orixá*, isto é, que pertence ao culto de *Orixá*.
Lewis Carrol. Pseudônimo de Charles Lutwidge Dodgson (1832-1898). Romancista, contista, fabulista, poeta, desenhista, fotógrafo, matemático e reverendo anglicano britânico. Autor do clássico livro *Alice no país das maravilhas*.
Link. s. m. Algo que serve para ligar uma coisa a outra. Elemento de hipermídia formado por um trecho de texto em destaque ou por um elemento gráfico que, mediante um clique de *mouse*, ao ser acionado, provoca a exibição de novo hiperdocumento.
Liz Greene (1946). Astróloga e psicóloga norte-americana, muito considerada pelos astrólogos de todo o mundo, profissionais e não profissionais. Prolífica autora de livros e diversas publicações, tem desempenhado um papel importante na construção da Astrologia Psicológica moderna. Fundou o *Centre for Psychological Astrology (CPA)* em Londres, em 1983, junto com Howard Sasportas.
Lissa. *Vodun* da *nação* jeje, que corresponderia a Orixalá no culto nagô.
Logum-édé. *Orixá metá* (ver), filho de Oxóssi Ibulama com Oxum Ipondá. Vive seis meses na mata, quando é caçador, e os seis seguintes, no rio, quando é pescador. É descrito como *todo ouro sobre azul*. Adolescente, cheio de vontades, o povo do candomblé afirma sobre ele: "Logum-edé é santo menino que santo velho respeita."
Lucca. Comuna (ver) italiana da região da Toscana, província de Lucca. É a terra natal de Puccini, famoso compositor de ópera. Indícios arqueológicos apontam que a cidade de Luca se originou a partir de uma colônia lígure, nos limites do território etrusco, do qual mais tarde passou a fazer parte. Ao longo dos primeiros séculos, Lucca foi dominada por ostrogodos e bizantinos, até ser finalmente conquistada pelos lombardos, provavelmente em 570.
Luiz Carlos Teixeira de Freitas (1952). Jornalista brasileiro, psicólogo, escritor, intérprete de Astrologia Arquetípica e professor.

Escreve sobre Ciências do comportamento, Astrologia e Religiões comparadas. São de sua lavra: *Por que fazer terapia?*; *O simbolismo astrológico e a psique humana*; *Astrologia clínica, um método de autoconhecimento*; *Astrologia arquetípica, autoconhecimento e espiritualidade*; *Terapia, um caminho para o divino*; *Violeta* (romance) e, mais recentemente, *Por uma filosofia da astrologia.* Desde 1985, já interpretou diagnosticamente mais de mil e quinhentas cartas natais astrológicas, sempre estabelecendo pontes conceituais entre Astrologia e Psicologia. Atualmente, dedica-se com afinco ao desenvolvimento da Filosofia da Astrologia, à formação de novos astrólogos e ao aperfeiçoamento daqueles que já são.

Luiz da Câmara Cascucudo. (1898-1986). Hisoriador, antropólogo, advogado e jornalista brasileiro. Passou toda a sua vida em Natal, RN, e dedicou-se ao estudo da cultura brasileira. Pesquisador das manifestações culturais brasileiras, deixou uma extensa obra, inclusive o *Dicionário do folclore brasileiro* (1952). Entre seus muitos títulos destacam-se: *Alma patrícia* (1921), obra de estreia, e *Contos tradicionais do Brasil* (1946). Estudioso do período das invasões holandesas, publicou *Geografia do Brasil holandês* (1956). Suas memórias, *O tempo e eu* (1971), foram editadas postumamente. O conjunto da obra de Luís da Câmara Cascudo é considerável em quantidade e qualidade. O autor escreveu 31 livros e 9 plaquetas sobre o folclore brasileiro, em um total de 8.533 páginas, o que o coloca entre os intelectuais brasileiros mais profícuos.

M

Mabaço. s. m. irmão gêmeo; iconho; *ibeji*.

Machado. (Joaquim Maria Machado de Assis, 1839-1908). Escritor brasileiro, amplamente considerado como o maior nome da literatura nacional. Escreveu em praticamente todos os gêneros literários, sendo poeta, romancista, cronista, dramaturgo, contista, folhetinista, jornalista e crítico literário. Testemunhou a mudança política no país, quando a República substituiu o Império, e foi um grande comentador e relator dos eventos político-sociais de sua época. Sua obra foi de fundamental importância para as escolas literárias brasileiras dos séculos XIX e XX. Por sua inovação e audácia em temas inexplorados, é frequentemente visto como o escritor brasileiro de produção

sem precedentes, de modo que, recentemente, seu nome e sua obra têm alcançado diversos críticos, estudiosos e admiradores do mundo inteiro. É considerado um dos grandes gênios da história da literatura, ao lado de autores como Dante, Shakespeare e Camões.

Machu Piuchu. Expressão em quíchua, idioma dos incas, que significa *velha montanha*, também chamada *cidade perdida dos incas*. É uma cidade pré-colombiana bem conservada, localizada no topo de uma montanha, a 2.400 metros de altitude, no vale do rio Urubamba, no Peru. Foi construída no século XV, sob as ordens de Pachacuti. O local é, provavelmente, o símbolo mais típico do império inca, seja por causa da sua original localização e características geológicas, seja por causa da sua descoberta tardia, em 1911.

Maculelê. s. m. Espécie de dança folclórica brasileira, de origem africana. Simula uma luta tribal em que os contendores usam como arma dois bastões, chamados de *grimas*, com os quais desferem e aparam golpes no ritmo da música. Num grau maior de dificuldade e ousadia, pode-se dançar com facões em lugar de bastões, o que dá um bonito efeito visual pelas faíscas que saem dos facões, a cada golpe desferido.

Madame Bovary. Romance da autoria de Gustave Flaubert, escritor francês, que resultou num escândalo, ao ser publicado em 1857. Quando o livro foi lançado, houve na França um grande interesse pelo romance, pois levou seu autor a julgamento. Acusado de ofensa à moral e à religião, num processo contra o autor e também contra Laurent Pichat, diretor da revista *Revue de Paris*, em que a história foi publicada pela primeira vez, em episódios e com alguns pequenos cortes. É considerado a primeira obra-prima da ficção realista.

Mãe Dara Mujina. Ialorixá do *Ilê Axé Turi Efan Olorokê*, terreiro de candomblé, de *nação efan* (ver).

Mãe de santo. s. f. O mesmo que ialorixá (ver).

Malembe. s. m. Cântico para pedir misericórdia, socorro ou perdão a qualquer *inkice*, que é realizado pelos fiéis deitados no chão, com a testa apoiada sobre as mãos cerradas uma sobre a outra. É próprio dos terreiros de *nação* angola e congo.

Mapa astral. s. m. Espécie de desenho, numa representação bidimensional do céu na hora do nascimento de uma pessoa. Expõe a posição correta dos astros, planetas, até mesmo estrelas e dos signos do zodíaco em relação à Terra, no momento de nascimento de uma determinada pessoa. De acordo com a astrologia cabalística, a posição dos astros no

momento em que a pessoa nasce revela sua maneira de ser. As configurações de um *mapa astral* se repetem apenas a cada 26.000 anos. Daí ele ser considerado como uma impressão digital, pois não existe um igual ao outro. Para interpretação correta do posicionamento dos planetas e seus aspectos, é necessário consultar um astrólogo ou alguém que entenda do assunto. Os termos mapa astral, mapa astrológico, mapa natal, mapa de nascimento, horóscopo, horóscopo personalizado possuem basicamente o mesmo significado e registram sempre o posicionamento dos planetas no céu no momento do nascimento de uma pessoa, da ocorrência de um evento, fundação de instituições, cidades etc. A palavra *mapa* também está relacionada a trajeto, caminho, trajetória. O *mapa astral* é considerado como apontador de fortes indicações esotéricas e proporciona informações importantes como: temperamento, personalidade, características físicas, predisposições de vida, indicações sobre saúde, vida profissional, vida afetiva e tendências de destino. Na verdade, os astrólogos consideram que o *mapa* apenas aponta predisposições e, de modo algum, uma imposição, pois em se tratando de personalidade e destino, a própria Astrologia reconhece que tudo depende do desenvolvimento particular de cada um, e principalmente da própria vontade pessoal para dirigir o seu destino. O mapa astral também se aplica à ocorrência de um evento, a viagens, à fundação de uma cidade, de instituições etc.,

Maravilhoso. s. m. Gênero literário em que narrativas ficcionais abordam o sobrenatural unido de forma harmoniosa à realidade para encantar o leitor, num conjunto das manifestações que contradizem as leis da natureza. O maravilhoso permanece, antes de mais nada, uma figura simbólica da real ordem da evidência e do cotidiano. É o leitor quem se admira, que "se maravilha" no sentido original do termo, e é isso o que institui a magia da narrativa maravilhosa. Na verdade, o termo *maravilhoso*, tomado em seu sentido etimológico, aplica-se, então, à reação do público leitor, referindo-se mais à postura particular das pessoas do que à escrita em si.

Márcia Tiburi (Márcia Angelita Tiburi, 1970). Doutora em Filosofia, seus principais temas são ética, estética, filosofia do cnhecimento e feminismo. Publicou livros de filosofia, entre eles a antologia *As mulheres e a Filosofia* e *O corpo torturado*, além de *Uma outra história da razão, Filosofia cinza – a melancolia e o corpo nas dobras da escrita, Metamorfoses do conceito*. Pela editora Escritos, publicou, em co-autoria, *Diálogo sobre o corpo*, *Trilogia íntima*, *Magnólia*, *a mulher de costas, Di-*

álogo/Dança e Diálogo/Fotografia, *Era meu esse rosto* (romance). Em parceria com Andréa Costa Dias, publicou *Sociedade fissurada*: para pensar as drogas e a banalidade do vício. É professora do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Mario Vargas Llosa (1936). Escritor, jornalista, ensaísta e político peruano, laureado com o Nobel de Literatura em 2010. Sua obra critica a hierarquia de castas sociais e raciais, vigente ainda hoje, segundo o escritor, no Peru e na América Latina. Seu principal tema é a luta pela liberdade individual na realidade opressiva do Peru. A princípio, assim como vários outros intelectuais de sua geração, Vargas Llosa sofreu a influência do existencialismo de Jean Paul Sartre. Muitos dos seus escritos são autobiográficos. Seu terceiro romance, *Conversa na catedral*, publicado em quatro volumes, e que o próprio Vargas Llosa caracterizou como obra completa, narra fases da sociedade peruana sob a ditadura de Odria em 1950.

Marx. (Karl Heinrich Marx, 1818-1883). Intelectual e revolucionário alemão. Fundou a doutrina comunista moderna. Atuou como economista, fisósofo, historiador, teórico político e jornalista. Seu pensamento influenciou praticamente todas as áres do conhecimento. As teorias de Marx sobre a sociedade, a economia e a política são conhecidas coletivamente como *marxismo*. Elas afirmam que as sociedades humanas progridem através da *luta de classes*: um conflito entre a classe burguesa, que controla a produção, e um *proletariado* que fornece a mão de obra para a produção. Ele chamou o capitalismo de *a ditadura da burguesia*, acreditando que seja executada pelas classes ricas, para seu próprio benefício, Marx previu que, assim como os sistemas socioeconômicos anteriores, o capitalismo produziria tensões internas que conduziriam à sua autodestruição e substituição por um novo sistema, *o socialismo*. Ele argumentou que uma sociedade socialista seria governada pela classe trabalhadora, a qual ele chamou de *ditadura do proletariado*, *estado dos trabalhadores* ou *democracia dos trabalhadores*. Marx acreditava que o socialismo viria a dar origem a uma *sociedade sem classes*, chamada de *comunismo*. Junto com a crença na inevitabilidade do socialismo e do comunismo, Marx lutou ativamente para a implementação do primeiro, argumentando que os teóricos sociais e as pessoas economicamente carentes devem realizar uma ação revolucionária organizada para derrubar o capitalismo e trazer a mudança socioeconômica.

Max Weber. (Karl Emil Maximilian Weber, 1864-1920). Intelectual alemão, jurista, economista e considerado um dos fundadores da Sociologia. Sua influência também pode ser sentida na Economia, na Filosofia, no Direito, na Ciência Política e na Administração. Grande parte de seu trabalho como pensador e estudioso foi reservado para o estudo do capitalismo e do chamado processo de racionaliozação e desencantamento do mundo. Seus estudos também deram contribuição importante para a economia. Sua obra mais famosa sãos os dois artigos que compõem *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, com o qual começou suas reflexões sobre a sociologia da religião.

Meio do Céu. s. m. Expressão usada pelos astrólogos para designar a décima casa na roda do zodíaco, ou mandala do mapa astral.

Melville Herskovits. (Melville Jean Herskovits, 1895-1963). Antropólogo norte-americano que se dedicou aos estudos africanos e afro-americanos. PhD em Antropoligia, foi discípulo de Franz Boas. A partir de suas experiências na África, ele estudou as teorias de poder e autoridade, daí constatando como alguns aspectos da cultura africana e das tradições eram evidentes em afro-americanos, nos anos 1900. Fez pesquisas na aldeia haitiana de Mirebalais, publicando os resultados em seu livro *Life in a Haitian Valley* (1937). À sua época, esse livro era considerado como uma das representações mais precisas da prática do vodu haitiano, detalhando meticulosamente a vida e as práticas de vodu dos habitantes de Mirebalais.

Memórias póstumas de Brás Cubas. Romance escrito por Machado de Assis, que inaugura um tom cáustico e novo estilo na obra desse autor. Tem sido considerado também um livro marcante pela audácia e inovação temática no cenário literário nacional. Machado, neste livro, rompe com a narração linear e objetivista de autores consagrados de seu tempo, para retratar o Rio de Janeiro e sua época, em geral, com pessimismo, ironia e indiferença, fatores que fizeram com que fosse amplamente considerada a obra que iniciou o Realismo no Brasil. *Memórias Póstumas de Brás Cubas* retrata a escravidão, as classes sociais, o cientificismo e o positivismo da época, chegando a criar, inclusive, uma nova filosofia, mais bem desenvolvida, posteriormente, em *Quincas Borba* (1891), o Humanitismo, sátira à lei do mais forte. Mesmo depois de mais de um século de sua publicação original, ainda tem recebido inúmeros estudos e interpretações, adaptações para diversas mídias e traduções para outras línguas.

Mércio Pereira Gomes (1950). Antropólogo brasileiro, o primeiro a conceber e escrever sobre a sobrevivência dos povos indígenas no Brasil. Seu primeiro livro, *Os índios e o Brasil* (1991), demonstrou que os povos indígenas que sobreviveram até a década de 1950, mesmo em pequenas sociedades, estavam revertendo a curva demográfica decrescente e começavam a experimentar um verdadeiro e sustentável crescimento populacional. Em funções de administrador público, trabalhou como antropólogo, político e educador. Foi presidente da Funai (2003-2007), período em que ajudou a realizar a homologação de 66 novas terras indígenas, inclusive a controvertida e problemática terra indígena *Raposa Terra do Sol*. Entre suas principais publicações, destacam-se: *O índio na História*, *Os Tenetehara em busca da liberdade*, *A vision from the South*.

Merindilogun. s. m. Sistema divinatório, praticado nos terreiros, através do babalorixá ou da ialorixá, únicos qualificados para isso. O mesmo que jogo de búzios (ver).

Metá. adj. 2 gên. Gênero de alguns *Orixás*, que incluem em si características do Masculino e do Feminino, simultaneamente. Encaixam-se nesse gênero os *Orixás* Oxumarê, Logum-edé e Iemanjá Ogunté.

Mircea Eliade (1907-1986). Professor, historiador das religiões, mitólogo, filósofo e romancista romeno, que se naturalizou como cidadão norte-americano. Falava e escrevia fluentemente oito línguas e é um dos mais influentes historiadores e filósofos das religiões da contemporaneidade. Nos seus escritos, é, frequentemente, destacado o conceito de hierofania, através do qual Eliade definiu a manifestação do transcendente em um objeto ou um fenômeno do cosmo.

Mito. s. m. Relato fantástico de tradição oral, geralmente protagonizado por seres que encarnam, sob forma simbólica, as forças da natureza e os aspectos gerais da condição humana; lenda, fábula, mitologia. Narrativa acerca dos tempos heroicos, que geralmente guarda um fundo de verdade. Representação de fatos e/ou personagens históricos, frequentemente deformados, amplificados através do imaginário coletivo e de longas tradições literárias, orais ou escritas. Exposição alegórica de uma ideia qualquer, de uma doutrina ou teoria filosófica; alegoria. Representação idealizada do estado da humanidade, no passado ou no futuro.

Modernidade. s. f. Período influenciado pelo Iluminismo, em que o homem passa a se reconhecer como um ser autônomo, autossuficiente e universal, e a se mover pela crença de que, por meio da razão, pode-se atuar sobre a natureza e a sociedade

Monte da Caveira. *Monte Calvário* (em aramaico *Gólgota*) é o nome dado à colina que, na época de Cristo, ficava fora da cidade de Jerusalém, onde Jesus foi crucificado. O termo "calvário" significa "caveira", referindo-se a uma colina ou platô que contém uma pilha de crânios ou a um acidente geográfico que se assemelha a um crânio. O Calvário é mencionado em todos os quatro evangelhos, quando relatam a crucificação de Jesus

Mungunzá. s. m. Espécie de mingau feito de milho branco (canjica) com leite e leite de coco, temperado com açúcar, cravo e canela. No ritual do candomblé, constitui-se também oferenda para Nanã.

Muquiço. s. m. Termo de uso pejorativo para designar local sujo e em que falta ordem, quarto muito pequeno, ou local de habitação muito modesto.

Mussuru daké. Expressão que significa *cale a boca*, *guarde segredo*, *não fale sobre isso*.

N

Nação. s. f. Conjunto de valores, práticas e modos de fazer, dizer e viver, definidor de um terreiro, que se relaciona com um quadro de herança da cultura e da religião de um povo africano. Há uma variedade de *nações*: ketu, jeje, ijexá, angola, congo etc. As *nações* se caracterizam pelo dialeto utilizado pelos fiéis, por cânticos, danças, toques, ritmos, divindades cultuadas, cores simbólicas, uma variedade de símbolos, configuração espacial do terreiro, *obrigações*, calendário litúrgico etc.

Nagô. s. e ad. 2 gên. Designação dada aos *yoruba* que vieram escravizados para o Brasil. Iorubá ou ioruba (ver)

Nanã. A mais velha dos *Orixás* femininos, considerada *Dona da Chuva*, *Dona da Lama* (barro primordial com o qual foi feito o primeiro casal de humanos). Avó dos *Orixás*, mãe e intérprete de Obaluaiyê, o *Dono da Terra*.

Nativo. s. m. Designação popular, entre os participantes de terreiro, das mais diversas nações, para a *Dracaena* (dracena), que é um gênero botânico pertencente à família das *Ruscaeae*, da ordem *Asparagales*. Também é conhecida em algumas regiões pelo nome de *peregum*. É muito utilizada nos chamados *banhos de folha*, no *amaci*, no *kijawá* e *abô*. Seu uso se estende aos *sacudimentos*(ver), limpeza de ambientes e de pessoas. É folha que pertence ao *Orixá* Ogum.

Negociação. s. f. Em Sociologia, é um conceito atribuído a uma realidade do cotidiano, que envolve tensão, concessões, exigências, mediações, jogo de *faz de conta* e até mesmo cooperação, nem sempre por vias da ética, entre duas partes que são obrigadas, pelas circunstâncias, a dividir os mesmos espaços de convivência na sociedade. É um tipo de relacionamento social em que uma parte, de certo modo, necessita da outra. A negociação se verifica, de um modo geral, quando segmentos sociais diferentes quanto ao poder de mando ocupam o mesmo espaço de convivência. Em tais situações, é comum o grupo que tem o poder de mando impor leis, regras e normas que devem ser obedecidas pelos subjugados, mesmo que essas leis, regras e normas não façam sentido, ou sejam contrárias às crenças, valores e modos de viver dos subalternos. Em tais situações, a ação dos primeiros, muitas vezes se resume em um *faz de conta*, quando finge oferecer condições para a sobrevivência dos segundos que, muitas vezes, fingem que obedecem ou se fazem de parceiros e colaboradores. Exemplo concreto a é convivência dos descendentes dos negros africanos, escravizados no Novo Mundo, em relação à sociedade hegemônica, constituída pelos brancos dominadores.

Normandia. Região histórica do noroeste da França, colonizada pelos normandos. Durante a *Segunda Guerra Mundial* (1939-1945), a região foi palco da Batalha da Normandia, em que diversas tropas aliadas desembarcaram em solo francês, a fim de combater a dominação da Alemanha nazista.

Novo Mundo. Geo. Um dos vários nomes dados ao hemisfério ocidental, mais especificamente ao continente americano. O termo tem as suas origens nos finais do século XV, em função da descoberta da América por Cristóvão Colombo. A descoberta do *Novo Mundo* expandiu o horizonte geográfico dos europeus que, até então, consideravam a Europa, a África e a Ásia como os únicos constituintes do Mundo. Em contraste com o Novo Mundo, os continentes europeu, africano e asiático formavam o *Velho Mundo*.

O

Obá. *Orixá* africano do Rio Obá (Rio Niger), uma das três esposas de Xangô. Guerreira, veste vermelho e branco, usa escudo, arco e flecha (*ofá*). É a senhora da sociedade *elekô* (exclusivamente para

mulheres). Representa as águas revoltas dos rios. As pororocas, as águas fortes, o lugar das quedas dágua são considerados domínios de Obá. Ela também controla o barro, a água parada, as enchentes. Representa também a transformação dos alimentos de crus em cozidos. É também a dona da roda. É enérgica, temida, e por isso mesmo, considerada mais forte que muitos *Orixás* masculinos.

Obaluaiyê (*Obaluaiê*). *Orixá*, filho de Nanã, manifestação nova do mesmo *Omolu*. Em ambas as manifestações, esse *Orixá* veste-se com um saiote e um capuz bem longo, confeccionados com a ráfia da *palha da costa*. Considerado *Orixá do contrário*, entende a fala humana às avessas. Por isso mesmo, nada deve ser pedido diretamente a ele; ao contrário, deve-se pedir a Nanã, para que ela peça ao filho. É o *Dono da Terra*, *Rei dos Espíritos do Mundo* (*Obá+olu+àiyé*). Não se pronuncia seu nome a toa. E ao fazê-lo, leva-se a ponta dos dedos ao chão e, em seguida, toca-se a testa, enquanto se pronuncia a frase *Atotô ajiberô*!

Ọ**bàrà** (Obará). *Odu de Ifá*, que aparece em sexto lugar, na ordem do *merindilogum* (ver).

Obatalá. Também conhecido na África como Orixalá, *o grande Orixá* ou *o rei do pano branco*. Na mitologia *yoruba*, é o criador do mundo, dos homens, animais e plantas. Foi o primeiro *Orixá* criado por Olodumare e é considerado o maior e o mais velho de todos os *Orixás*. Representa a massa de ar, as águas frias e imóveis do começo do mundo. Controla a formação de novos seres, é o senhor dos vivos e dos mortos, preside o nascimento, a iniciação e a morte. Não come sal nem dendê, de forma alguma. Também não aceita vestes pretas, sendo considerado um dos *Orixás do branco*. Ele deu a palavra ao homem e, por isso, durante suas festas e obrigações, não se fala, pois a palavra é dele

Obé Ieku. Décimo sétimo *Odu de Ifá*, na ordem do jogo do opelé de Ifá.

Obi. s. m. Fruto do obizeiro, *Cola acuminata*, árvore que produz a noz-de-cola. Semente indispensável em rituais do candomblé, usado principalmente nos rituais de *bori* e *feitura de santo*. A depender da variedade, possui de dois a cinco cotilédones. Considera-se o mais apropriado o que possui quatro, denominado *obi abatá*, cujo uso dispensa faca, sendo aberto apenas com as mãos. Em ocasiões apropriedadas, o *obi abatá* também pode servir para consulta ao oráculo. Em tal situação, ele pode fornecer apenas quatro respostas: sim, não, talvez e excelente.

Obrigação. s. f. Trabalho de candomblé. Oferenda necessária que se faz ao *Orixá* em tempos aprazados, ou não.
Odé. s. m. Caçador. Um dos nomes de Oxóssi.
Òdí (Odi). *Odu de Ifá*, que aparece em sétimo lugar, na ordem do *merindilogum* (ver).
Odu. s. m. Conceito que envolve muita discussão e controvérsia, quanto ao seu real sentido, no culto a Orunmilá: cada um dos signos de Ifá; caminho; axé enviado por Orunmilá, sobre o mundo; destino testemunhado por Orunmilá, na *olaria de Ajalá*, situada no *Orun*, quando e onde o espírito que desejava se encarnar no *Aiyê* ajoelhou-se e escolheu a cabeça com a qual desejava nascer. Há dezesseis *Odu* originais, chamados de *Odu-meji*, que se combinam entre si, derivando 256 *Odu* secundários, que multiplicados por 16, resultam num conjunto de 4.096 *Odu*. Cada um deles é recoberto por vários poemas e por um conjunto de *itan*, espécie de histórias -exemplo, sendo que uma delas fornecerá uma saída para a situação-problema que seja alvo da consulta. É um conhecimento exclusivo do universo masculino, dominado apenas pelos sacerdotes de Orunmilá, denominados babalaô.
Odu-meji. s. m. Cada um dos dezesseis primeiros *Odu de Ifá*, considerados derivadores dos demais.
Oduduya. (Odùduwà, Odudwa, Oduduá Odudua, Oòdua, Odua). Uma das divindades primordiais do povo yoruba. Representa a divinização da terra, o *Aiyê*, e é considerada, ao lado de Obatalá (a representação divinizada do céu), como o casal primordial e propulsor da criação. Cada um foi incumbido de determinadas funções no papel da criação do *Aiyê*, incluindo o mundo em que vivemos. O universo é visto dentro do culto aos *Orixás* como uma grande cabaça, que é representada por Oduduá e Obatalá. Oduduá é considerada como a parte de baixo da cabaça e Obatalá é considerado como a parte de cima da cabaça. O nome Oduduá pode ser traduzido como "a cabaça de onde jorrou a vida". Muitos costumam se enganar e afirmar que Oduduá seria um orixá masculino ao invés de feminino, mas o que ocorre é uma confusão entre a divindade feminina Oduduá com o ancestral iorubano divinizado, Oduduá que, na verdade, é considerado, em território africano, como sendo uma forma humana da deusa Oduduá, ou seja, o guerreiro legendário e a deusa Oduduá seriam as mesmas pessoas. Esta é uma visão muito ampla no que concerne à essência divina, mas isso é algo que

vai muito além da capacidade de aceitação de algumas pessoas e sacerdotes. Há quem explique, também, que uma mesma palavra, *Odúduwà*, designa dois seres totalmnte diferentes: a deusa Oduduya e o ancestral divinizado, fundador do povo iorubano. O surgimento de Oduduá, bem como o de Obatalá, é muito interessante. Diz-se que, involuntariamente nos primórdios da criação, quando a única coisa existente nos mundos era Olorun, a grande energia primordial, Oduduyá, a deusa, surgiu do corpo de Olorun, a grande energia primordial, assim como Obatalá e outra tantas divindades. Foi Oduduyá quem criou a terra e todo o universo como o conhecemos e, ao lado de Obatalá, possibilitou o surgimento da vida.

Oferecer um agrado. v. Presentear o *Orixá* com uma oferenda (*etutu*) não obrigatória.

Ọfun (Ofun). *Odu de Ifá*, que aparece em décimo lugar, na ordem do *merindilogum* (ver).

Ogã. s. m. Cargo exclusivamente masculino, na alta hierarquia do candomblé. Há uma variedade de *ogã*, todos no mesmo nível hierárquico. Os demais participantes do terreiro e até mesmo de outros terreiros pedem-lhes a bênção em qualquer lugar que se encontrem. São considerados *padrinhos* do terreiro a que são filiados, e de *obrigações* realizadas pelo afilhado.

Ogum. *Orixá* da guerra, da demanda, da peleja, do ferro e da agricultura. É considerado aquele que ensinou a humanidade a lavrar a terra, plantar e colher. Tem gênio forte, personalidade decidida. Nas suas manifestações, carrega uma espada com a qual ataca e se defende de um suposto inimigo e a sala se transforma simbolicamente num campo de batalha, da qual ele sai sempre vitorioso. Seu *ilá*, espécie de grito cósmico que o *Orixá* emite em suas manifestações, é ouvido em todo o terreiro. A cada *ilá*, toda a comunidade responde bem alto *Ogum iê*!

Ògúndá (Ogundá). *Odu de Ifá*, que aparece em terceiro lugar na ordem do *merindilogum* (ver).

O inferno são os outros. Frase atribuída a Jean Paul Sartre, que caiu no gosto popular. No dizeres de Sartre, as *outras pessoas* são fontes permanentes de contingências. Todas as escolhas de uma pessoa levam à transformação do mundo para que ele se adapte ao seu projeto. Mas cada pessoa tem um projeto diferente, e isso faz com que as pessoas entrem em conflito sempre que os projetos se sobrepõem. Mas Sartre não defende, como muitos pensam, o

solipsismo. O homem por si só não pode conhecer-se em sua totalidade. Só através dos olhos de outras pessoas é que alguém consegue se ver como parte do mundo. Sem a convivência, uma pessoa não pode perceber-se por inteiro. "O ser Para-si só é Para-si através do outro", ideia que Sartre herdou de Hegel. Cada pessoa, embora não tenha acesso às consciências das outras pessoas, pode reconhecer nelas o que têm de igual. E cada um precisa desse reconhecimento. Por si mesma, a pessoa não tem acesso a sua essência. A pessoa é um eterno "tornar-se", um "vir-a-ser" que nunca se completa. Só através dos olhos dos outros é possível ter acesso à própria essência, ainda que temporária. Só a convivência é capaz de dar a certeza de que a pessoa esteja fazendo as escolhas que deseja. Daí vem a ideia de que "o inferno são os outros", ou seja, embora sejam os outros que impossibilitem a concretização de projetos da pessoa, não se pode evitar sua convivência. Sem os outros, o próprio projeto fundamental não faria sentido.

Ọkànràn (Ocaran). *Odu de Ifá* que aparece em primeiro lugar, na ordem do *merindilogum* (ver).

Okê arolê Odé. int. Saudação a Oxóssi.

Okolofé. Uma das formas para se pedir a bênção, em terreiros de origem nagô.

Olaria de Ajalá. s. f. Olaria situada no *Orun*, onde *Ajalá* confecciona, em barro primordial, uma variedade infinita de cabeças, entre as quais quem vai nascer na existência, no *Aiyê,* escolhe a que bem quiser ou necessitar. Muitas cabeças são defeituosas, o que não exime de serem escolhidas também.

Olodumare. Uma das designações da Divindade suprema do panteão nagô, quando é reconhecido como *Senhor de todos os destinos*.

Olorokê. *Orixá* da *nação Efan*, considerado o *Pai* ou *Rei da Montanha*. Foi ele quem criou a primeira montanha sobre a Terra. Pai de Oxum, a rainha da *nação Ijexá*, *Orixá* dos rios, cachoeiras e fontes. No Brasil, seu culto é muito restrito, uma vez que são raros os terreiros da *nação* Efan.

Olorun. Uma das designações da Divindade suprema do panteão nagô, quando é reconhecido como *Senhor do Orun*, isto é, *Senhor do Céu*.

Opá. s. m. Mastro, poste; cajado longo.

Opaxorô. s. m. Espécie de cajado ritual, longo, no qual Orixalá se apoia, quando de suas manifestações. É o principal símbolo de

Oxalufan, o Orixalá mais idoso. Contam os *itan* que Orixalá utilizou-se dele para separar o *Orun* do *Aiyê*, terminando, assim, com o fluxo livre dos humanos entre aqueles dois mundos, por causa da desobediência de um deles, que ultrapassou os limites num momento proibido. O *opaxorô* é também chamado *opá do mistério*. Nos tempos antigos, era confeccionado em prata. Atualmente, nos terreiros, sua confecção é artesanal, em material prateado, medindo cerca de um metro e sessenta centímetros, cuja haste é atravessada, em espaços regulares, por três pratos, em cujas extremidades são presas várias miniaturas: animais, plantas, búzios, estrelas, conchas e símbolos esotéricos. No topo do *opaxorô*, sobre a metade de uma esfera, há uma pomba branca em atitude de voo.

Opelé. s. m. Espécie de rosário aberto, cujo manejo é exclusivo dos homens. É utilizado pelo babalaô, para consulta ao oráculo *Orunmilá Babá Ifá*.

Opìrà (Opira). Caída do *jogo de búzios* (ver) que se configura pelos dezesseis búzios *fechados*. Essa caída interrompe a consulta aos *Orixás*, não restando nada mais a dizer por parte do babalorixá ou da ialorixá a quem, naquele momento, esteja se consultando. É uma não resposta.

Oráculo. s. m. Resposta dada por uma divindade a uma questão pessoal através de artes divinatórias. Por extensão, o termo também designa o intermediário humano consultado, que transmite a resposta. Atualmente, porém, também se refere ao objeto ou meio pelo qual alguém possa obter respostas para um esclarecimento maior. Há quem entenda, ainda, como sendo a busca por uma compreensão inspirada inicialmente pelo *self*, ou *si mesmo*, no seu próprio inconsciente, por meio de arquétipos, de acordo com a teoria junguiana de individuação. Essa teoria tabém pode ser aplicada em diversos tipos de oráculos, a exemplo do tarô, das runas, do opelé de Ifá, do I-ching.

Oralitura. s. f. Segundo alguns estudiosos, o termo *oralitura* foi criado por Ernst Mirville, em 1971. A *oralitura* teria como figura central o contador crioulo, aquele que transmite os contos, os provérbios, as adivinhações, que se constituíram, ao longo do tempo, no imaginário da população. Na época da escravidão, durante a noite, o contador relatava essas histórias feitas dos vestígios do passado. Eram narrativas, geralmente contadas à noite, que relatavam os sofrimentos dos escravos e iam conformando uma contracultura oposta ao

sistema de escravidão. A *oralitura* foi se constituindo, assim, a representação da forma estética da resistência, da *cimarronagem* implantada, isto é, dos meios de libertação social das comunidades negras. A *cimarronagem* se configura como um dos máximos expoentes da resistência à escravidão e sua continuidade no presente, por meio de grupos e comunidades, no processo mais amplo de autoafirmação étnica dos movimentos negros. A *oralitura* é também o meio onde se misturaram elementos diversos, da África, da Europa, divindades e ainda elementos vindos da cultura indígena.

Ori. s. m. A cabeça, parte superior do corpo humano. Designa também a sede do espírito, do destino dos humanos. Em tal sentido, o *ori* é obra de Ajalá, o *Oleiro do Orun*, o *Fazedor de Cabeças*. Esta sede permanece no *Orun*, enquanto o seu duplo se encarna na existência, na Terra, isto é, no *Aiyê*. Na tradição da religião *yoruba*, também significa um *Orixá* que impõe sua vontade ao encarnado, que deve tornar-se aquilo que veio para ser. É em tal sentido, que se costuma dizer: "Ninguém foge do destino."

Oriki. s. m. Texto poético para louvação ou saudação a um *Orixá*, a alguém ou algo. O *oriki* pode ser destinado a um *Orixá*, ancestral, antepassado ou ente querido. Também pode ser direcionado a um episódio de bênçãos, a animais ou plantas. Quando referido a um *Orixá*, enfatiza suas qualidades e realizações. Constitui-se de frases ou versos laudatórios que também podem ser direcionados para pessoas que foram grandes lideres, caçadores, governantes, sacerdotes, reis, rainhas, príncipes e todas as pessoas, que em um passado distante ou recente fizeram algo de importante para uma comunidade ou para o povo. Para se entender um *oriki*, exige-se bom conhecimento.

Orin. s. m. Cântico; qualquer espécie de cântico. No candomblé, significa cada um dos cânticos consagrados a cada um dos *Orixás*, no desenvolvimento da roda do *xirê* (ver).

Orixá. s. m. Designação genérica das divindades cultuadas pelos *yoruba* do sudoeste da atual Nigéria, e também do Benim e do norte do Togo, trazidas para o Brasil pelos negros escravizados dessas áreas e aqui incorporadas por outras denominações religiosas de matriz africana. Ancestral divinizado africano que corresponde à determinada força da Natureza, a exemplo do fogo, da água, do ar, e os seus arquétipos estão relacionados às manifestações dessas forças. Por causa de suas características, o *Orixá* manifesta emoções típicas dos humanos. Sente raiva, ciúme, demonstra vaidade,

orgulho etc. Cada *Orixá* tem ainda o seu sistema simbólico particular, composto de insígnias, *ferramentas*, assentamentos, vazilhames, trajes, cores, comidas, cantigas, rezas, ambientes, espaços físicos e até horários. Cada *Orixá* foi também associado a um santo católico, devido à imposição do catolicismo aos negros. Para manterem os seus *Orixás* vivos, viram-se obrigados a disfarçá-los na roupagem dos santos católicos, aos quais cultuavam apenas aparentemente.

Orixá Alarê. s. m. (Xalarê). *Orixá* da Justiça. Xangô é o *Orixá* titular da Justiça. Dado o caráter justiceiro de todos os *Orixás*, eles todos são considerados *xalarê*.

Orixá da montanha. s. m**.** Título dado ao *Orixá* Olorokê, da *nação efan*, que criou a primeira montanha na face da Terra.

Orixá do contrário. s. m. Reconhecimento que se dá ao *Orixá* Obaluaiyê e também à sua manifestação velha, Omolu, por causa de um traço inerente a ele, que o faz entender a fala dos mortais ao contrário. Nesse sentido, ele precisa de uma intérprete, papel exercido por Nanã, sua mãe.

Orixá funfun. s. m. *Orixá* do branco; categoria de *Orixás* que não aceitam no seu culto outra cor que não seja o branco. Pertencem a esse grupo todas as divindades mais próximas de Olorun, e que foram partícipes da criação por delegação de poderes, a exemplo de Obatalá, Orunmilá, Odua e todos os Orixalás.

Orixalá. O mesmo que Oxalá, sendo essa designação muito comum no Brasil, enquanto Orixalá é como os *yoruba* o reconhecem na África, ainda hoje. Considerado o maior dos *Orixás*, pai de todos eles e, nesse aspecto, se confunde com Obatalá.

Orixá Maior. Um dos títulos de Orixalá ou Oxalá, que é o mesmo.

Orixá Nlá. (*Orixá+nlá*). *Orixá* maior (ver); grande *Orixá*. Dessa expressão, deriva o termo Orixanlá > Orixalá.

Orobô. s. m. Fruto considerado sagrado, de origem africana, muito utilizado nos rituais do candomblé. Semente da árvore cujo nome científico é *Garcinia kola Heckel*. É utilizado pela medicina tradicional africana, tendo indícios de ação antiinflamatória e antiviral, e algum efeito no tratamento do Ebola. É utilizado nos ritos de Orunmilá, Xangô, Ayrá e Ossáin. Também é indispensável em certos jogos divinatórios, na feitura e assentamento de santo, no preparo do *abô* e da comida riual de certos *Orixás*.

Orun. s. m. Conceito de tradução complexa, tendo em vista que a cultura *yoruba* concebeu o mundo espiritual de forma muito dife-

rente da europeia. Assim, para os *nagô*, o Universo seria dividido em espaços, o da matéria *densa* e o da matéria *leve*. O *Orun* seria um espaço paralelo, onde habitariam os seres espirituais. Por sua vez, esse espaço seria subdividido, indo em gradações, desde o *orun apadi* (céu dos maus), até o *orun orerê* (céu dos bons). No ciclo das reencarnações, quem chegar ao *orun orerê* entrará no seio de Olorun (o Deus supremo) e, portanto, não tem mais condições ou necessidade de reencarnar na Terra.

Orun apadi. s. m. O primeiro dos nove espaços do *Orun*, considerado o céu dos bons.

Orunmilá. (do iorubá *Ọrúnmìlà*). *Orixá* da adivinhação, da profecia, considerado *Aquele que esculpe no escuro*. Esse título lhe é atribuído, porque se acredita que Orunmilá esculpe o feto no útero da mãe. Também é conhecido por *Ifá*, que é de fato a incorporação do conhecimento e da sabedoria e a forma tida por mais alta da prática de adivinhação entre os *yoruba*. Embora *Orunmilá* não seja de fato *Ifá*, a associação íntima existe, porque é ele quem conduz o sacerdócio de Ifá, exercido apenas por homens, os chamados babalaô.

Orun orerê. s. m. O último dos nove espaços do *Orun*, considerado o céu dos bons.

Ọsá (Ossá). *Odu de Ifá*, que aparece em nono lugar, na ordem do *merindilogum* (ver).

Ossáin (Ossãe). s. m. *Orixá* das folhas, titular da Medicina, da arte de curar. Esconde-se no fundo da mata e espia o mundo escondido atrás da trama das folhas e ramagens. Vê sem ser visto. Quando se deixa ver, aparece como possuindo apenas uma banda do corpo. Conhece o segredo das fórmulas de encantamento. Arisco, arredio, não suporta o burburinho e ajuntamento de muitas pessoas. É também considerado guardião e protetor dos segredos das matas e dos animais que nelas habitam. É arquétipo dos desconfiados.

Òṣé (Oxê). *Odu de Ifá*, que aparece em quinto lugar, na ordem do *merindilogun* (ver)

Oxalá. s. m. Nome pelo qual Orixalá (ver) é mais conhecido no Brasil.

Otá. s. m. Pedra, mais especificamente, *pedra* que serve para assentamento de *Orixá*, após passar por rituais de consagração. É recolhida na natureza, cuja conformação seja sem defeitos naturais.

Òtúrá (Otura). *Odu de Ifá*, que aparece em décimo quinto lugar, na ordem do *merindilogun* (ver).

Ọ̀túrúpọ̀n (Oturopon). *Odu de Ifá*, que aparece em décimo terceiro lugar, na ordem do *merindilogun* (ver).
O velho, o menino e o burrinho. Fábula muito conhecida, da autoria de Esopo, que traduz bem como nunca conseguimos satisfazer todo mundo nas nossas ações. Sempre haverá alguém que discordará. Título também de uma telenovela brasileira, levada ao ar pela extinta TV Tupi. Foi escrita por Carmem Lídia e dirigida por Antônio Moura Mattos, tendo sua exibição entre 14 de abril de 1975 a janeiro de 1976, contando 184 capítulos.
Ovo de indez. (ovo de endez). s. m. Pessoa de extrema suscetibilidade ou delicadeza; criança manhosa; aquilo que prejudica ou aborrece; empecilho; ovo que se deixa no ninho descoberto, como chamariz para outras galinhas virem fazer postura no local
Ọ̀wọ̀nrín (Ouorin). *Odu de Ifá*, que aparece em décimo primeiro lugar, na ordem do *merindilogun* (ver)
Oxoguiã (Oxaguiã, Oxalá Oguiã). Orixalá em sua manifestação jovem. É *Orixá*, guerreiro, que carrega consigo espada, escudo e mão de pilão, as suas armas preferidas.
Oxóssi. s. m. *Orixá* das matas, caçador, considerado como aquele que lê as pistas do caçado. É tido como o grande provedor, dono da carne, matador da Serpente. Sua imagem arquetípica é um misto de príncipe, caçador e guerreiro. Diz-se sobre ele que é o *Orixá* de uma flecha só, porque nunca necessita atirar uma segunda vez, pois suas flechas são certeiras.
Oxóssi Ibulama. Variedade do *Orixá Oxóssi*, também conhecido por *Odé Ibô*. Esposo de *Oxum Ipondá* e pai de *Logum-edé*. Como os demais *Oxóssi*, é caçador e usa *ofá*, isto é, arco e flecha, mas se veste de couro, com chapéu e um chicote de couro (*bilala*), com o qual dispara cibatadas contra si mesmo.
Oxum. *Orixá* feminino, titular de todas as águas doces: rios, cachoeiras e fontes. Conforme a tradição, existiriam dezesseis variedades desse mesmo *Orixá*, todas elas imagens arquetípicas que trazem consigo os atributos da rainha das águas doces, dona do ouro, senhora da riqueza, vaidosa, recamada de joias e adereços, eternamente a banhar-se numa cachoeira e a mirar sua beleza num espelho. Titular da gestação e da maternidade. Diz-se de Oxum que, em primeiro lugar, ela cuida de suas joias, para depois atender aos filhos.
Oxum Ipondá (Oxum Ipondá). Uma das variedades do *Orixá* Oxum, considerada esposa de Oxóssi Ibulama e mãe de Logum-edé.

Oxumarê. *Orixá* do arco-íris, pai do bom tempo, da ligação entre o *Orun* e o *Aiyê*. *Orixá metá* (ver), que vive um tempo nos *Astros* e outro na *Terra*. Enquanto no *Orun*, é o arco celeste, masculino; enquanto no *Aiyê* é a *cobra encantada*, basilisco de ouro (feminino). *Orixá* responsável pelo equilíbrio do planeta Terra, que a circula sob forma de uma serpente engolindo a própria cauda. A dança sagrada de Oxumarê, quando ele se manifesta no terreiro, durante o xirê, constitui-se um verdadeiro espetáculo. No bailado que se desenvolve, a *cobra* tenta, a todo custo, morder a pessoa que dança com ela.
Oiyê. s. m. Cargo, qualquer cargo ocupado por uma pessoa (iniciada), num terreiro de origem nagô. Um cargo é criado a partir da necessidade que tem o terreiro, para que determinada função seja desempenhada. O mais alto *oiyê* é o de babalorixá ou ialorixá.
Oyá. É a mesma *Iansã*. Na Nigéria, o rio Oyá tem esse nome porque se acredita que ela se transformou naquele rio, onde seu culto é realizado. Atualmente, é chamado de rio Níger. *Oyá* controla os ventos, as tempestades, as ventanias, os aguaceiros violentos, o relâmpago. Também está relacionada ao culto dos mortos, tendo recebido de Xangô a incumbência de guiá-los a um dos *nove céus,* de acordo com suas ações. Para assumir tal cargo, recebeu de Oxóssi um *erukerê* (espécie de espanador feito de rabo de boi) especial, chamado de *eruexim*, com o qual ela comanda os *egun* (espírito dos mortos). É uma das esposas de Xangô, de temperamento um tanto irriquieto, agitado e agressivo. O nome Iansã é um título seu, que significa *Iyá mesó orun*, isto é, a mãe dos nove espaços. Diz-se que ela percorre do primeiro ao nono céu, na velocidade do pensamento. O povo de terreiro costuma saudá-la durante as tempestades, num misto de temor, reverência e alegria.
Ọyẹkú (Oiecu). *Odu de Ifá*, que aparece em segundo lugar, na ordem do merindilogun (ver)
Oyo (Oió). s. p. Império africano (1400-1835), que se localizou onde é hoje a Nigéria ocidental. Criado pelos *yoruba*, no século XV, cresceu consideravelmente, até se tornar um dos maiores estados do oeste africano, encontrado pelos exploradores coloniais. Através do comércio e do desenvolvimento de uma poderosa cavalaria, sua riqueza adquirida e conquistada foi se multiplicando com o tempo. O *império de Oyo* foi o estado mais importante politicamente, na região, de meados do século XVII ao final do século XVIII, cujo território abrange atualmente países como Nigéria, República do

Benim, Togo. *Oyo* atravessou um interregno de oitenta anos como uma dinastia exilada depois da sua derrota pelos nupes. Reemergiu, então, mais centralizador e expansivo do que nunca, com o restabelecimento do seu poder ao longo de um vasto império. *Oyo* nunca abrangeu todos os povos de língua *yoruba*, mas foi, de longe, o mais populoso reino na história *yoruba*. Nas batalhas perdidas, muitos membros de sua realeza foram aprisionados e vendidos como escravos para o Novo Mundo. Entre os que aportaram à Bahia, vários deles terminaram por fundar, na cidade de Salvador, terreiros de candomblé. Alguns, com tempo, adquiriram nome e fama, até mesmo no cenário internacional, a exemplo do *Ilê Axé Opô Afonjá* e do *Gantois*.

P

Pai de santo. s. m. O mesmo que *babalorixá* (ver)
Panem et circenses. Expressão latina, que significa *pão e jogos circenses*. Popularmente, é conhecia como *pão e circo*. Remete à política criada pelos antigos romanos, que consistia em prover o povo de comida e diversão, com o objetivo de diminuir a insatisfação popular contra os governantes.
Papagaio de janela. s. m. Pessoa que memoriza e repete o que ouve aleatoriamente, aqui e ali, sem compreender o que diz.
Parição. s. f. Parto, ato ou efeito de parir.
Parma. s. p. Comuna (ver) italiana e cidade medieval da região da Emília-Romanha na provícia do mesmo nome.
Partícula de Deus. s. f. O mesmo que *bóson* ou *bosão de Higgs*. Partícula que representa a chave para explicar a origem da massa das outras partículas elementares.
Patrick Chamoiseau. Escritor francês nascido na Martinica (1953). Autor de romances, contos e ensaios. Também já escreveu para teatro e cinema. Inspirado pelas ideias do poeta Édouard Glissant, passou a se interessar por etnografia, principalmente pela cultura *crioula* e por grupos étnicos em desaparecimento na Martinica. Em 1992, recebeu o Prêmio Goncourt, com o seu romance *Texaco*, que o consagrou na Literatura. Sua obra destaca os principais traços da cultura da Martinica, sobretudo do povo e de seus combates diários. Buscando restituir as formas de expressão crioula, Chamoiseau resgata, em suas obras, a oralidade dos velhos contadores de história da Martinica.

Paulo Freire. (Paulo Reglus Neves Freire, 1921-1997). Para caracterizar esse educador brasileiro, diga-se, de antemão, que: pela Lei Federal 12.612/12, foi declarado Patrono da Educação Brasileira; foi o brasileiro mais homenageado da história: ganhou 41 títulos de Doutor *Honoris Causa* de universidades como Havard, Cambridge e Oxford; é considerado um dos pensadores mais notáveis na história da Pedagogia mundial, tendo influenciado o movimento chamado *pedagogia crítica*. A sua prática didática fundamentava-se na crença de que o educando assimilaria o objeto de estudo fazendo uso de uma prática dialética com a realidade, em contraposição àquela outra prática, por ele denominada educação bancária, tecnicista e alienante. É o autor de *Pedagogia do oprimido*, livro que propõe um método de alfabetização dialético, se diferenciando do "vanguardismo" dos intelectuais de esquerda tradicionais. Defendeu o diálogo com as pessoas simples, não só como método, mas como um modo de ser realmente democrático.

Philip M. Chancellor. Seguidor do pensamento de Edward Bach, médico inglês que dedicou toda a sua vida ao cuidado do sofrimento, conjugado com dedicação e amor profundo para como a natureza. É organizador do comentado livro *Manual ilustrado dos remédios florais do Dr. Bach*.

Pinote. s. m. Cabriola, pulo, salto.

Pitágoras. (Pitágoras de Samos, 571 a.C-496 a.C). Filósofo e matemático grego, cuja biografia é envolta em lendas. Fundador de uma escola de pensamento grega, denominada de pitagórica, em sua homenagem.

Portinari. (Cândido Portinari, 1903-1962). Artista plástico brasileiro, que pintou quase cinco mil obras de pequenos esboços e pinturas de proporções padrão, até murais gigantescos, entre os quais o famoso *Guerra e paz*. É considerado um dos artistas mais prestigiados do Brasil e foi o pintor brasileiro a alcançar maior projeção internacional.

Pós-moderniade. s. f. O professor Arnaldo Santiago[55], participante de nosso grupo, assim se pronuncia: "Afirmam certos pensadores que há, atualmente, uma exarcebação de certas características das sociedades modernas, tais como o individualismo, o consumismo,

55 Cf. Neste volume: PARTE III: A CAMINHADA – PRIMEIRO CAMINHO, *O rito e o terreiro na Pós-modernidade*. p. 139.

a ética hedonista, a fragmentação do tempo e do espaço. A essa tal exarcebação, há quem a denomine Pós-modernidade. Outros rejeitam com veemência tal designação. Seja como for, continuam em andamento as rupturas, os esvaziamentos, a banalização."

Preto velho. s. m. Entidade que representa espírito de antigo escravo africano trazido ao Brasil, cultuada em terreiros, tendas e centros de umbanda. É considerado espírito da humildade, da sabedoria, da caridade e da paciência. Sua forma idosa representa, o conhecimento, a fé. A sua característica de ex-escravo passa simplicidade, benevolência e crença no "poder maior", no Divino.

Puccini. (Giacomo Antonio Domenico Michele Secondo Maria Puccini, ou apenas Giacomo Puccini, 1858-1924). Compositor de óperas, italiano. Suas óperas estão entre as mais interpretadas atualmente, e entre elas estão *La bohème*, *Tosca*, *Madama Butterfly* e *Turandot*. Algumas das árias das suas óperas, como *O mio babbino caro*, de Gianni Schicchi; *Che gelida manina*, de La bohème e *Nessun dorma*, de Turandot, tornaram-se parte da cultura popular. É considerado um dos últimos maiores compositores operísticos italianos. Seu repertório é essencialmente feito pelo verismo, ou pela tradição operística pós-romântica e estilo literário. Os temas mais comuns em suas óperas incluem um fim trágico, heroínas e o amor.

Pule. Comprovante do valor, apostado em um jogo, que será dado ao vencedor.

Q

Querubim. s. m. Anjo em segundo lugar na hierarquia celeste, logo abaixo dos Serafins.

Quíron. mit. Na mitologia grega, era um centauro. Ao contrário dos demais, Quíron era considerado superior. Inteligente, civilizado, bondoso e célebre por seu conhecimento e habilidade com a Medicina, altamente reverenciado como professor e tutor. Entre seus pupilos estavam diversos heróis, como Asclépio, Teseu, Aquiles e Jasão.

R

Raphaël Confiant. (1951). Escritor francês, nascido na Martinica, militante da causa crioula. O avô é um preto e uma das avós era chinesa. Participou, com Jean Bernabé e Patrick Chamoiseau, da

criação do Movimento da Crioulidade. É reconhecido por escrever tanto em crioulo quanto em francês. Atualmente trabalha na Universidade das Antilhas e da Guiana.

Reginaldo Prandi. **(**José Reginaldo Prandi, 1946). Profesor brasileiro, sociólogo, doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo. Dedica-se principalmente à Sociologia da Religião com ênfase nas religiões afro-brasileiras, evangélicas e católica. É autor de mais de 30 livros.

Renato Santos de Souza. Graduado em Engenharia Agronômica pela Universidade Federal de Pelotas (1992), com mestrado em Economia Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1996) e doutorado em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2004). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal de Santa Maria. Tem experiência nas áreas de Administração e Economia, com ênfase em estratégias organizacionais, organizações rurais e de desenvolvimento rural. Seu polêmico artigo, *Desvendando a espuma: o enigma da classe média brasileira*, que circulou na *internet*, datado de 30 de outubro de 2013, no blog <http://jornalggn.com.br/fora-pauta/desvendando-a-espuma-o-enigma-da-classe-media-brasileira>, rendeu-lhe comentários contrários à sua abordagem sobre meritocracia, o que o levou a publicar também *Desvendando a espuma: o enigma da classe média brasileira II*.

Retorno de Saturno. (Ast.) Volta completa que o planeta Saturno percorre em seu movimento em torno do Sol e que dura aproximadamente 28 a 29 anos. Para a Astrologia, Saturno simboliza o limite, justamente por ser o último planeta que pode ser visto a olho nu. Os astrólogos compreendem o *retorno de Saturno* como sendo o momento propício para que se tome consciência das próprias limitações, daquilo que se pode ou não fazer.

Rito. s. m. Conjunto de atos, gestos e palavras que, repetidos, compõem uma cerimônia. Segue um padrão, embora não mecanizado. Através do rito, é possível atualizar um mito e seus ensinamentos, sejam ancestrais ou sagrados. As pessoas expressam conjuntos de atividades organizadas, através do rito. Compreende gestos, símbolos, linguagem e comportamento, transmitindo um sentido coerente ao ritual. Quando, ao realizar um ato, não se pergunta "por que estou fazendo isto?", o que está sendo feito se constitui um rito. Fazendo sempre aquilo, o fazer dispensa reflexão das pessoas.

Ritual. s. m. Conjunto de palavras, gestos e formalidades a que se imputa valor simbólico. O conjunto obedece a uma prescrição e, por isso mesmo, nunca é alterado, sob pena de aquele que o oficializa sofrer duras críticas e o ato não ser aceito como legítimo ou apropriado. A codificação de um ritual é elaborada por uma religião ou pelas tradições da comunidade.
Romeu. Personagem da peça de teatro *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare.

S

Sacudimento. s. m. Espécie de limpeza espiritual, também designado como *descarrego*, que também funciona como uma reorganização energética. Pode ser feito em pessoas, ambientes, propriedades, instituições, famílias. São usados neste ritual inúmeros materiais específicos, a depender da situação em foco, *ebós* diversos, axés de procedência animal e outros. *Ebó* que visa corrigir várias deficiências na vida de um ser humano, a exemplo de saúde, amor, prosperidade, trabalho profissional, equilíbrio, harmonia familiar etc.
Santiago (Lit.). Personagem do romance *O velho e o mar,* de Ernest Hemingway, escrito em Cuba, em 1951, e publicado em 1952. Foi a última grande obra de ficção de Hemingway a ser publicada ainda durante a sua vida, sendo uma das suas obras mais famosas. Conta a história de Santiago, um velho pescador, que luta com um gigante espadarte, em alto mar.
Santiago de Compostela. Cidade e município no noroeste da Espanha. É capital da comunidade autônoma da Galiza e faz parte da província da Corunha e da comarca de Santiago. É uma cidade internacionalmente famosa, como um dos destinos de peregrinação cristã mais importantes do mundo cuja popularidade possivelmente só é superada por Roma e Jerusalém. Ligada a esta tradição, que remonta à fundação da cidade no século IX, destaca-se a catedral de Santiago de fachada barroca, que alberga o túmulo de Santigo Maior, um dos apóstolos de Jesus Cristo. A visita ao túmulo marca o fim da peregrinação cujos percursos, os chamados Caminhos de Santiago ou Via Láctea, se estendem por toda a Europa Ocidental ao longo de milhares de quilômetros.
Senhor do Bonfim. Figuração de Jesus Cristo em que é venerado, na visão católica de sua crucifixação. Na Bahia, na cidade de Salvador, a

devoção ao Senhor do Bonfim é muito difundida. A Igreja do Senhor do Bonfim é um dos mais importantes monumentos arquitetônicos de Salvador, além de palco para uma das principais festas religiosas do lugar, a *Lavagem do Bonfim*, que ocorre sempre no mês de janeiro. O culto ao Senhor do Bonfim é sincretizado com o de Orixalá, conhecido no Brasil como Oxalá. A festa da lavagem das escadarias da igreja é uma aculturação do ritual do candomblé denominado *águas de Oxalá* ou *procissão das águas*, a primeira das três grandes obrigações do candomblé em louvor a Oxalá.

Serpente. s. f. Réptil pecilotérmico sem patas, pertencente à subordem *Serpentes*, ou *Ophidia serpentes*, também chamada ofídio ou cobra. A *serpente* é um réptil que, muitas vezes, está associado ao mal, à morte e à escuridão, por ser considerado um animal misterioso, traiçoeiro e venenoso. É, contudo, um símbolo muito rico em diversas culturas e, por outro lado, pode representar o rejuvenescimento, a renovação, a vida, a eternidade**.** Para o candomblé, com a designação específica de *cobra*, é o símbolo de Oxumarê, considerada o seu lado feminino.

Silvany Euclênio (Silvany Euclênio Silva). Secretária Nacional de Políticas para Comunidades Tradicionais da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República - SEPPIR/PR. Historiadora, professora, integrante do Movimento Negro há muitos anos. Adquiriu experiências dirigindo e orientando ações e políticas públicas voltadas para os afrodescendentes. Em Ribeirão Preto foi a responsável pela implantação do *Projeto Baobá*, conjunto de ações que visavam à implantação da Lei 10.639, que obriga o Estado a instituir o ensino da História da África e da cultura negra nas escolas públicas.

Simmel. (Georg Simmel, 1858-1918). Sociólogo alemão e professor universitário admirado pelos seus alunos, que sempre teve dificuldade em encontrar um lugar no seio da rígida academia do seu tempo. Georg Simmel apresentou sua *Soziologie* em 10 capítulos, no ano de 1908, e contribuiu decisivamente para a consolidação da Sociologia na Alemanha. Nessa obra, ele trata especificamente da Sociologia e aprofunda a análise das formas de associação (objeto da Sociologia), como a dominação, o conflito, o segredo, os círculos sociais e a pobreza. Ao mesmo tempo, reflete sobre os determinantes quantitativos da vida social, bem como sobre a relação entre a vida grupal e a individualidade. Simmel desenvolveu a Sociologia foral, ou das formas sociais, influenciado pela Filosofia kantiana.

Sísifo. (mit.). Na itologia grega, *Sísifo*, era considerado o mais astuto de todos os mortais. Foi fundador e primeiro rei de Éfira, depois chamada Corinto, onde governou por diversos anos. Após a morte, *Sísifo* foi considerado um grande rebelde e teve um castigo: foi condenado, por toda a eternidade, a rolar uma grande pedra com suas mãos, até o cume de uma montanha, sendo que toda vez que ele estava quase alcançando o topo, a pedra rolava novamente montanha abaixo até o ponto de partida, por meio de uma força irresistível, invalidando completamente o duro esforço despendido. Por esse motivo, a expressão *trabalho de Sísifo*, em contextos modernos, é empregada para denotar qualquer tarefa que envolva esforços longos, repetitivos e inevitavelmente fadados ao fracasso. Simboliza algo como um infinito ciclo de esforços que, além de nunca levar a nada útil ou proveitoso, também é totalmente desprovido de quaisquer opções de desistência ou recusa em fazê-lo.

Site. s. m. (ing.) Local na *internet* identificado por um *nome de domínio*, constituído por uma ou mais páginas de hipertexto, que podem conter textos, gráficos e informações em multimídia.

Sônia Coutinho (1939-2013). Escritora, jornalista e tradutora, natural de Itabuna, BA. Em 1968, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde iniciou a carreira jornalística. Publicou onze livros e traduziu outros 30. Entre suas obras mais conhecidas, estão *O último verão de Copacabana*, *Atire em Sofia*, *Os seios de Pandora*, *Uma certa felicidade* e *O Jogo de Ifá*. Conquistou duas vezes o Prêmio Jabuti de Literatura, em 1979 e 1999.

Stonehenge. Alinhamento megalítco da Idade do Bronze, localizado na planície de Salisbury, próximo a Amesbury, no condado de Wilshire, no sul da Inglaterra. Constituí-se no mais visitado e conhecido círculo de pedras britânico, e até hoje é incerta a origem da sua construção, bem como da sua função, mas acredita-se que era usado para estudos astronômicos, mágicos ou religiosos.

Strauss. (Johann Baptist Strauss, 1825-1899). Compositor austríaco da era Romântica. Famoso por ter escrito mais de quinhentas valsas, polcas, marchas e quadrilhas. Conhecido como *O rei da valsa*, foi responsável pela popularidade da valsa em Viena, durante o século XIX. Entre suas mais famosas obras inclui-se *O Danúbio Azul* e a opereta *O Morcego*.

Sumo Pontífice. s. p. (Lat., principal construtor de pontes). Na Antiguidade romana, era um membro do principal colégio de sacerdotes, o *Colégio de Pontífices*. Inicialmente era um posto religioso;

posteriormente incorporado pelo imperador romano. Uma vez que originalmente o termo *Pontífice* refere-se a qualquer sumo sacerdote, como pode ser observado em sua tradução em outras línguas, como o grego, desde o século V, o título foi usado para descrever bispos notáveis, e após o século XI, o termo teria passado a ser utilizado apenas para os papas.

T

Tagore. **(**Rabindranath Tagore, 1861-1941). Foi um polímata bengali, poeta, romancista, músico e dramaturgo, que reformulou a literatura e a música bengali no final do século XIX e início do século XX. É o autor de *Gitânjali*, que em português se chamou *Oferenda lírica*, sendo o primeiro não-europeu a conquistar, em 1913, o Nobel de Literatura. Tagore foi a figura literária mais importante da literatura bengali, um destacado representante da cultura hindu, cuja influência e popularidade internacional só poderia ser comparada com a de Gandhi, a quem Tagore chamou Mahatma, devido a sua profunda admiração por ele. Condenava a Índia britânica e apoiou sua independência. Seus esforços resistiram em seu vasto conjunto de regras e na instituição que ele fundou, Universidade Visva-Bharati. Ele modernizou a arte bengali, desprezando as rígidas formas clássicas. Seus romances, histórias, canções, danças dramáticas e ensaios falavam sobre temas políticos e pessoais. *Gitanjali* (*Ofertas de música*), *Gora* (*Enfrentamento justo*) e *Ghare-Baire* (*A casa e o mundo*) são suas obras mais conhecidas. Seus versos, contos e romances foram aclamados pelo lirismo, coloquialismo, naturalismo e contemplação.

Terreiro. s. p. Local onde se pratica os cultos e rituais do candomblé e também de outras religiões de matriz africana. Atualmente, há um alargamento do emprego do vocábulo, a ponto de também designar a própria casa onde se realiza o culto, o conjunto dos fieis, adeptos e frequentadores, a *nação* a que pertence o terreiro. Tem sido causa de surpresa a constatação do número de terreiros espalhados por todo o Brasil. Esse conhecimento resulta dos trabalhos de estudiosos e pesquisadores por parte de instituições governamentais, a exemplo do CAO e da SEPPIR.

Testemunha do Destino. Um dos títulos de Orunmilá, um dos seres criados por Olorun, antes da criação do homem. O título advém do fato de Orunmilá ser aquele que testemunha, no *Orun*, o ato da

escolha do *ori* por parte de quem deseja se encarnar na existência, no *Aiyê*. O ato acontece na *Olaria de Ajalá*, o oleiro do *Orun*, *fazedor de cabeças*. Daí o costume de se consultar o Ifá, para se saber de Orunmilá o enredo do destino de quem o consulta, possibilidade única através de um babalaô, sacerdote de Orunmilá.

Trabalho. s. m. No candomblé, é sinônimo de *ebó* (ver), *obrigação* (ver).

Troca de cabeça. s. m. Ritual complexo e secreto, cuja execução, acredita-se, torna possível substituir a vida de alguém que esteja às portas da morte, pela vida de um outro ser vivo. Faz parte do sistema de trocas com *Iku*, a Morte.

Toscana. Uma das maiores regiões da Itália central, com dez províncias.

Tzevan Todorov. (1939). Búlgaro radicado em Paris. Pensador múltiplo, ensaísta, autor de mais de vinte livros, que estão hoje traduzidos em vinte e cinco idiomas. Suas reflexões passam pela Filosofia, Linguística, História, Literatura e Artes Plásticas. O pensamento de Todorov direciona-se, após seus primeiros trabalhos de crítica literária, sobre poesia eslava, para a filosofia da linguagem, numa visão estruturalista que a concebe como parte da semiótica (saussuriana), fato que se deve aos seus estudos dirigidos por Roland Barthes. Com a publicação de *A conquista da América*, Todorov expõe suas pesquisas a respeito do conceito de alteridade, existente na relação de indivíduos pertencentes a grupos sociais distintos, cujo tema central encontra justificativa na situação do próprio autor, que é imigrante na França, um país onde, supostamente, a relação entre nacionais e estrangeiros é historicamente marcada por um xenofobismo não declarado. Também escreveu a respeito do fantástico na Literatura, fazendo a diferenciação entre a tríade: fantástico, estranho e maravilhoso. O seu conceito sobre o *fantástico* tem recebido muitas críticas atualmente.

U

Uado. s. m. Iguaria da culinária do candomblé, preparada com milho torrado e moído, temperado com azeite de dendê e mel de abelha, prato votivo do *Orixá* Oxum; *adum*, *ado*.

Umami. s. m. Qualidade gustativa, característica das proteínas e de alimentos, como o molho de soja, o tomate e o queijo parmesão, devido à presença do aminoácido glutamato.

Umbaúba. (embaúba) s. f. Designação comum às árvores do gênero *Cecropia*, da família das *cecropiáceas*, com troncos fistulosos, grandes folhas peltadas, geralmente palmatífidas, ásperas e discolores, flores em espigas e pequenos frutos nuciformes. Ocorrem nas regiões tropicais americanas, várias no Brasil; as folhas são usadas como lixas, os brotos e frutos são especialmente procurados por preguiças, e dos troncos, extraem-se polpa para papel e fibras e fazem-se calhas e pequenos objetos. No candomblé, suas folhas são usadas para as obrigações de Obaluaiyê. De seus gomos extrai-se um líquido, considerado curativo para vários males, principalmente a fraqueza de axé.
Urbi et orbi. A bênção dada pelo papa aos fiéis, à cidade de Roma e ao mundo, por ocasião da Páscoa e do Natal, quando ele se dirige ao público em geral na Praça de São Pedro.

V

Vaidade das vaidades. Expressão cunhada a partir do segundo versículo do *Eclesiastes 1*: "Vaidade das vaidades, diz o pregador, vaidade das vaidades, tudo é vaidade!" O termo vaidade é traduzido de uma palavra hebraica que significa *vapor que se dissipa no ar*.
Viktor Frankl. (Viktor Emil Frankl, 1905-1997). Médico psiquiatra austríaco, fundador da *Escola da Logoterapia*, que explora o sentido existencial do indivíduo e a dimensão espiritual da existência. Toda a sua família foi aprisionada e recolhida em campo de concentração pelos nazistas. Ao ser libertado pelas tropas norte-americans, descobre que sua mãe, sua esposa e seu irmão tinham sido assassinados pelos nazistas. Esta indelével experiência pessoal será marcante em sua obra terapêutica e em seus escritos, tendo sido capaz de manter, em tal situação desumanizadora, a capacidade de manter a liberdade do espírito. Reconhecido pelo mundo, seus livros são traduzidos em mais de trinta idiomas.
Vivaldi. (Antonio Lucio Vivaldi, 1678-1741). Grande compositor e músico italiano do estilo barroco tardio. Tinha a alcunha de *il prete rosso* (o padre ruivo) por ser um sacerdote católico de cabelos ruivos. Compôs 770 obras, entre as quais 477 concertos e 46 óperas. É sobretudo conhecido popularmente como autor da série de concertos para violino e orquestra, *As quatro estações*.
Vodun. s. m. *Vodu, vodum* e *vudu* são termos que se referem aos ramos de uma tradição religiosa teísta-animista, baseada nos ancestrais, que têm as suas raízes primárias entre os povos *ewe-fon*, do

Benim, onde é, hoje, a religião nacional, com mais de 7 milhões de adeptos. Além da tradição *fon*, ou do Daomé, que permaneceu na África, existem tradições relacionadas, que lançaram raízes no Novo Mundo, durante a época do tráfico transatlântico de escravos, do século XVI ao século XIX, e que persistem, até hoje, no candomblé brasileiro, no vodu haitiano, a santeria cubana, o vudu da Luisiana etc. *Vodun* pode designar tanto a religião quanto as entidades espirituais nessa religião.

Vulgata. No sentido corrente, *Vulgata* é a tradução, para o latim, da Bíblia, escrita entre o fim do século IV e início do século V, por São Jerônimo, a pedido do bispo Dâmaso I, que foi usada pela Igreja Cristã, e ainda é muito respeitada. A *Vulgata* foi produzida para ser mais exata e mais fácil de compreender do que suas predecessoras. Foi a primeira, e por séculos a única, versão da Bíblia que verteu o Velho Testamento diretamente do hebraico e não da tradução grega, conhecida como *Septuaginta*. No Novo Testamento, São Jerônimo selecionou e revisou os textos. O nome vem da expressão *vulgata versio*, isto é *versão de divulgação para o povo*, e foi escrita em um latim cotidiano, usado na distinção consciente ao latim elegante de Cícero, o qual Jerônimo considerava seu mestre.

W

Wagner. (Wilhelm Richard Wagner, 1813-1883). Maestro, compositor, diretor de teatro e ensaista alemão, primeiramente conhecido por suas óperas (ou *dramas musicais*, como ele posteriormente chamou). As composições de Wagner são notáveis por suas texturas complexas, harmonias ricas e orquestração, e o elaborado uso de *leitmotiv*: temas musicais associados com caráter individual, lugares, ideias ou outros elementos. Por não gostar da maioria das outras óperas de compositores, Wagner escreveu simultaneamente a música e o libreto, para todos os seus trabalhos. Viveu, nas suas últimas décadas, em exílio político, com amores turbulentos, pobreza e fuga de seus credores. O impacto de suas ideias pode ser sentido, em muitas artes, ao longo de todo o século XX e até agora. *Parsifal* é, talvez, a sua obra mais famosa.

Wagner D'Eloi Borges. Nascido no Rio de Janeiro (1961), é pesquisador espiritualista, projetor extrafísico, conferencista, consultor da *Revista UFO* e colaborador de várias outras revistas como, *Sex-*

to Sentido, *Espiritismo e Ciência*, *Revista Cristã de Espiritismo*, *Caminho Espiritual*, e também do *Jornal o Legado*. É autor de onze livros dentro da temática projetiva e espiritual, dentre eles a série *Viagem Espiritual*, sobre as experiências fora do corpo. Colunista de vários *sites* na *Internet*: *Somos todos um* <www.somostodosum.com.br>; *Revista Sexto Sentido* <www.revistasextosentido.net/wagner-borges/>; *IPPB* <www.ippb.org.br>, dentre outros. É radialista, apresentador do programa *Viagem Espiritual*, na Rádio Mundial de São Paulo – 95.7 FM e Fundador do Instituto de Pesquisas Projeciológicas e Bioenergéticas (IPPB), São Paulo, 1988. O *Instituto*, além da programação de cursos e palestras, desenvolve trabalhos de assistência espiritual extrafísica com exteriorização de energia; grupo de estudos sob sua coordenação, com técnicas e práticas de experiências fora do corpo, aura, *chacras* e temas espirituais e, ainda, ministra palestras públicas para convidados de diversas áreas distintas.

William Bascom. (William Russel Bascom, 1912-1981). Folclorista, antropólogo, e diretor de museu dos Estados Unidos. Especialista na arte e na cultura da África Ocidental e da diáspora africana, especialmente o *yoruba* da Nigéria. Sua obra mais conhecida é *Ifá adivinhação: comunicação entre deuses e homens na África Ocidental* (1969), com a qual ganhou o Prêmio Internacional de Folclore.

X

Xalarê. s. m. O mesmo que *Orixá alarê* (ver).

Xangô. *Orixá* cujo culto ultrapassa até os limites dos terreiros. Considerado o *Orixá* do raio, do trovão e da pedreira. Seus domínios se estendem até à Justiça, daí derivando seu título de *Rei da Justiça*. Na mitologia *yoruba*, ele seria o terceiro Alafin de Oyo.

Xirê. s. m. Desenvolvimento de conjunto de cânticos e danças que é executado no terreiro, ao redor do mastro do axé, espécie de pilastra colocada no ponto central do barracão das solenidades rituais, com acompanhamento da orquestra sagrada. Festa de candomblé.

Y

Yoruba. s. m. (ioruba, iorubá, iorubano). Povo africano do sudoeste da República Federal da Nigéria, com grupos espalhados também pela República do Benim e pelo norte da República do Togo. Etnia

trazida em grandes levas para o Brasil, onde recebeu a denominação de *nagô* (ver). Na Bahia, exerceu forte domínio social e religioso sobre outros grupos também escravizados, exceto sobre os grupos islamizados. Língua nigero-congolesa do grupo Kwa, falada pelo povo ioruba. Nos terreiros, também é conhecida por *língua da costa ou língua do santo*.

Z

Zezé Calvo. Florista carioca que se estabeleceu em Nova Iorque, onde é proprietário de uma floricultura a *Zeze Flowers*, considerado o florista número um por diversas publicações especializadas. Seu trabalho já apareceu nas páginas de publicações importantes, em muitas cenografias, anúncios nacionais, sedes corporativas, varejistas de moda, *designers* de moda e os melhores restaurantes.

Zodíaco. s. m. Conjunto de constelações ao longo da eclíptica, que é o caminho aparente percorrido pelo Sol durante o ano. O conceito de *zodíaco* tem interpretações diferenciadas nas astrologias ocidental, chinesa e védica. Na astrologia ocidental, o *zodíaco* é representado como uma circunferência, onde estão colocados os planetas da forma como se apresentavam no céu, no momento do nascimento do assunto estudado, que pode ser uma pessoa, cidade, país etc., configurando-se como mapa astrológco da pessoa ou evento. Os 360 graus da circunferência estão divididos em doze signos zodiacais, e cada um é regido por um planeta/astro. Ao mesmo tempo, este espaço também está dividido em doze casas zodiacais, cada uma relacionada a assuntos específicos da vida analisada, e cada uma dessas casas também é relacionada a um dos signos. No mapa astrológico de uma pessoa ou evento, o signo que ocupa a cúspide de cada casa, isto é, que está "passando" sobre cada casa, depende do horário e local do nascimento de quem ou do que está sendo analisado.